

JOÃO PEDRO MARQUES

Uma
Fazenda
em
Africa

Uma história de amor e aventura
nos primórdios da colonização de Moçâmedes.



VISIT...

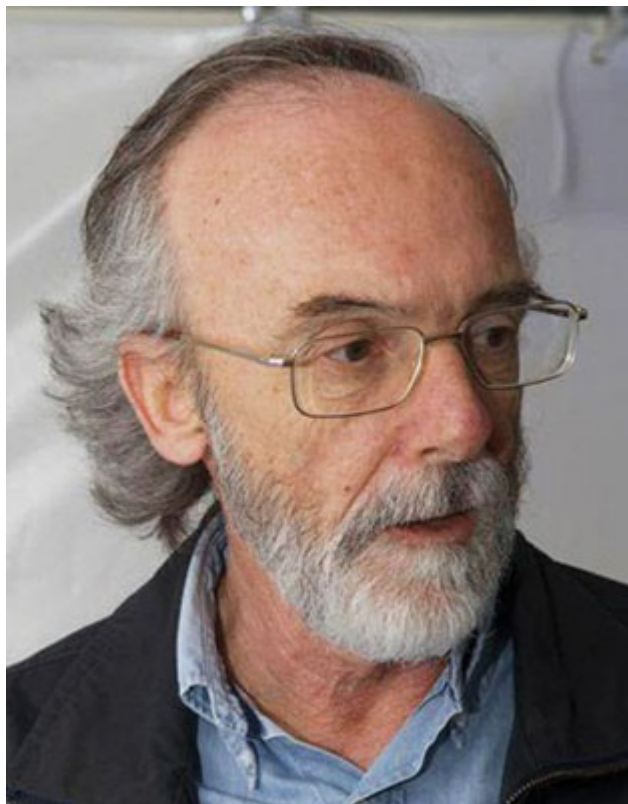
LANZAROTE
Caliente.com

JOÃO PEDRO MARQUES

Uma Fazenda em África

Uma história de amor e aventura
nos primórdios da colonização de Moçâmedes.





João Pedro Marques nasceu em Lisboa, em 1949. Foi professor do ensino secundário e, depois, durante mais de duas décadas, investigador do Instituto de Investigação Científica Tropical e Presidente do Conselho Científico desse Instituto, em 2007–2008.

Doutorado em História pela Universidade Nova de Lisboa, onde leccionou durante a década de 1990, é autor de dezenas de artigos sobre temas de história colonial, e de vários livros, dois dos quais publicados em Nova Iorque e Oxford (*The Sounds of Silence*, 2006; e, em co-autoria, *Who Abolished Slavery? A Debate with João Pedro Marques*, 2010).

Em 2010 lançou o seu primeiro romance histórico, *Os Dias da Febre*, publicado pela Porto Editora.

Uma Fazenda em África

João Pedro Marques

Publicado em Portugal por:

Porto Editora, Lda.

Divisão Editorial Literária – Lisboa

E-mail: dellisboa@portoeditora.pt

© 2012, João Pedro Marques e Porto Editora, Lda.

Imagem da capa: St. Thomas, SW Coast Africa, de T. H. Walker © Biblioteca Nacional de Portugal.

Gravura: © AHU/ILCT

Design da capa: José Manuel Reis

Nota do autor: O debate parlamentar no início do capítulo 2, «A Terra Prometida», foi parcialmente extraído do Diário da Câmara dos Deputados, sessões de 12 e 14 de junho de 1849, pp. 153-158 e 167-172, respectivamente.

1.^a edição em papel: janeiro de 2012

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação, sistema de armazenamento e disponibilização de informação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

Por vontade expressa do autor, a presente obra não segue as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



Rua da Restauração, 565
4099-025 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-68754-1



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Índice

1. Pernambuco
 2. A Terra Prometida
 3. Peter von Sternberg
 4. Pioneiros
 5. Daomé
 6. Provações
 7. Lisboa
 8. Sonhos e pesadelos
 9. Desgraças
 10. Ajuste de contas
 11. Convulsão
 12. A viagem
- Epílogo



© 1888, Guadalupe, N.M.

VILLA DE GUADALUPE,
N.M.

1888

Pernambuco

Benedita acordou em sobressalto e com a camisa de noite empapada em suor. Um medo ofegante oprimia-lhe o peito e apertava-lhe a garganta. Tentou gritar mas a boca estava paralisada num esgar e não foi capaz de emitir mais do que um pálido gemido. De início não percebeu nada a não ser o seu próprio pavor. Sentia-o intensamente sem poder situá-lo, como acontecia quando acordava de pesadelos que já não conseguia recordar. Depois, deu-se conta de que lá fora, na rua, havia um tumulto de vozes exaltadas. Um clarão de archotes entrava pela janela do seu quarto, no primeiro andar, e trazia-lhe a agitação das pessoas que se acumulavam lá em baixo, junto às paredes da sua casa, rondando-lhe a porta como um animal enfurecido e esfaimado.

- Aqui mora um português, gente – garantiu uma voz rouca.
- Vamos dar surra nele – propôs outra voz. – Esse aí vai sangrar!
- Morte aos Portugueses – gritou a voz rouca.
- Ma-ta! Ma-ta! Ma-ta!

E o grito ecoou, cadenciado, no vociferar selvagem da multidão. Era um grito que se multiplicava na noite e se apossava da rua com uma força tenebrosa e uma exigência sanguinária.

- Rebenta essa porta – ordenou alguém.
- Vai à machadada!

Pouco depois começaram as pancadas na porta. Quem manejava o machado arrancava das entranhas um aaaaaannnnnnn prolongado e raivoso para dar ímpeto a si mesmo, e logo de seguida a lâmina esfacelava a madeira num estalar seco e aterrador. A casa parecia vibrar com os impactos, como se um tremor de terra lhe abalasse fundações e paredes. Apavorada, com o corpo a tremer convulsivamente e sem conseguir controlar o bater dos dentes, Benedita viu o pai correr para a escada, de lanterna na mão esquerda e uma pistola na mão direita. Segundos depois a mãe entrou disparada pelo quarto dentro, com a

aflição estampada no rosto.

– Vai já p’ra debaixo da cama e não saias de lá... Depressa, depressa!
– ordenou, em alvoroço.

A menina rastejou rapidamente no soalho e encolheu-se sob a cama, apertando os joelhos contra o queixo. Logo de seguida ouviu o estampido de um tiro lá em baixo, no piso térreo, e um rugido de vozes e passos cresceu pela casa fora e galgou a escada. Com a cara colada ao chão viu, à luz amarelada dos archotes, que dezenas de pés, muitos deles descalços, irrompiam pelo seu quarto num tropel desordenado e violento. Fechou os olhos com força para não encarar o horror que a esperava. Mas a sua cegueira voluntária não a impedia de ouvir a agitação dos passos em redor da cama, nem de distinguir algumas frases:

– Aqui não tem nada, mesmo.

– Debaixo da cama! – lembrou alguém.

– Espera! Tem uma puta portuguesa atrás desta cadeira.

Arrastaram um móvel.

– Vamos comer ela, gente!

Benedita ouviu as gargalhadas e sentiu os estremecções na cama, como se acima de si se desenrolasse uma luta convulsiva. Quis sair para defender a mãe mas o corpo não lhe obedecia. Tapou os ouvidos para não ouvir, mas sem sucesso pois os gritos e os urros atravessavam a débil barreira das suas mãos e continuavam a invadi-la e a aterrá-la. De repente houve umas ordens curtas, ríspidas, e tudo se aquietou como que por milagre. Depois o ruído foi-se encolhendo e escoando pela escada abaixo, dissipando-se no exterior.

Quando acumulou a coragem suficiente para destapar os ouvidos e abrir os olhos, Benedita viu que o quarto regressara à escuridão, apenas amenizada pela luminosidade mortiça dos archotes que, na rua, se iam afastando. Mal ousando respirar, saiu muito cautelosamente de baixo da cama para a estranha imobilidade do quarto devassado. Passado algum tempo arriscou-se a ir até à porta e a descer a escada. À medida que ia descendo, pé ante pé, percebia, na vaga luz que provinha de duas lanternas acesas, que o piso térreo do sobrado tinha sido pilhado. Havia móveis tombados, cortinados arrancados, cacos no chão e as portas estavam escancaradas como se um vendaval tivesse varrido a casa de lés a lés. Pegou na lanterna que estava no soalho, ao lado da escada, e acercou-se lentamente do quarto das criadas, sussurrando os seus nomes:

– Eunice... Euniiice... Júuulia...

A divisão estava mergulhada num silêncio escuro e arrepiante, e ela

não se atreveu a entrar. Tal como não se atreveu a entrar na sala de jantar nem na cozinha, que também jaziam numa penumbra carregada de ameaças. Viu apenas que as portas dos armários estavam abertas e a despensa vazia. As caixas e os frascos, as sacas e os barris, tinham pura e simplesmente desaparecido. Benedita recuou, devagar, e foi rente à parede até ao consultório, de onde provinha um leve silvo. No seu pavor alucinado, imaginou o chão da divisão cheio de serpentes, e ficou petrificada, à entrada, até perceber a proveniência do ruído: os frascos que se habituara a ver nas prateleiras estavam em estilhaços, no chão, e os sais reagiam com os líquidos, num fervilhar fumegante e sibilante. Dentro do consultório só a secretária ficara de pé. O armário com portas de vidro, onde o pai guardava os instrumentos médicos e cirúrgicos, fora derrubado e partido e tudo o que continha fora levado, com excepção das ligaduras e das toalhas, que se espalhavam pela divisão numa confusão de saque e de derrota. Por trás da secretária havia um vulto no chão que ela soube, mesmo na semiobscuridade, ser o corpo do pai.

A tremer intensamente, com uma mão na boca a amordaçar o assombro e o pânico, avançou pelo estreito corredor em direcção à porta da rua, parcialmente desfeita, que batia de forma rítmica contra os umbrais, impulsionada pelo vento. De repente estacou, apontando a lanterna para o chão, onde lhe parecera ver a mancha negra de um volume. Junto ao que restava da porta, atravancando o corredor, estava um homem caído e imóvel, atingido por um tiro a meio do peito. Benedita conseguiu controlar a ânsia de fugir, espavorida, no sentido oposto, mas foi incapaz de se forçar a passar sobre aquele corpo morto. Virou-se para regressar ao consultório, mas fê-lo com tal precipitação que os pés lhe fugiram no tapete solto e caiu no chão, apagando a lanterna. No preciso momento em que o corredor se afundou na escuridão, a menina pressentiu a mão do morto quase a agarrar-lhe um tornozelo e gatinhou numa velocidade alucinante e desesperada, gritando descontroladamente. Só à entrada do consultório – onde estava uma outra lanterna acesa – conseguiu pôr-se de pé, precipitando-se para uma das janelas, que abriu com mãos trémulas e atabalhoadas. Depois, sentindo-se salva e mais em controlo de si própria, saltou silenciosamente para o ar morno da noite.

Chamou pela mãe, primeiro em voz baixa, suplicante, depois mais afoitamente. Como não obtivesse resposta, aventurou-se até ao meio da rua, que estava deserta e escura, para gritar a sua aflição:

– Acudam, acudam! Ai meu Deus, ai meu Deus do Céu... acudam!

Acudam ao meu pai!

O vento que soprava das casas empurrava-lhe a voz para dentro da garganta, impedindo que o seu apelo chegasse longe. Ainda assim continuou no centro da rua, de olhos semicerrados para se defender da poeira, presa ao seu grito como um naufrago agarrado a um madeiro, repetindo o pedido de ajuda e gemendo a sua dor. De tempos a tempos parava de gritar para escutar a noite, à espera de uma resposta. Assim esteve longos minutos, mas ninguém aparecia e da mãe não havia rasto. Foi só quando se convenceu da inutilidade dos seus apelos e de que a mãe fora arrastada pela turba que voltou para dentro de casa e chorou convulsivamente abraçada ao cadáver do pai.

O cônsul Joaquim Baptista Moreira dobrou o *Diário de Pernambuco* e suspirou, desanimado. Ergueu-se do cadeirão e foi em passo lento buscar o escadote que estava no canto da biblioteca, junto à porta. Depois, encostando-o às prateleiras do lado oposto, subiu cuidadosamente, bamboleando o seu corpo gordo nos degraus estreitos e incertos, à procura de equilíbrio. Os clássicos estavam lá no topo e ele precisava urgentemente de ler umas páginas de Horácio para tranquilizar o espírito e revestir o coração de uma tripla armadura, como dizia o poeta. Se não encontrasse Horácio traria Ovídio.

Não era propriamente revolta o que sentia – não era homem de sentimentos extremos e nunca iria tão longe na manifestação dos seus desgostos. Era mais uma irritação da alma, um enervamento do humor, pela forma como os Portugueses eram tratados pela gente das cidades. Ali no Recife de Pernambuco quase todos os habitantes andavam virados contra eles. Às vezes havia chusmas inteiras atrás de um pobre desgraçado, para o insultar, sovar e roubar só por ser português, e era sempre o cabo dos trabalhos para acalmar as demasias daquela gente enfurecida.

O que movia os agressores era o despeito e a inveja. No fundo, dissessem o que dissessem, os Brasileiros execravam os Portugueses porque não conseguiam competir com eles na actividade comercial, ou porque se sentiam preteridos, pois os Portugueses preferiam contratar contrerrâneos, vindos direitinhos das aldeias minhotas e de outras regiões de Portugal. Alimentados por essas razões mesquinhas, os incidentes nasciam como cogumelos e eram tão frequentes que a cidade se habituara a viver com eles, como se já fizessem parte da rotina diária. Ainda assim, naquele fim de Junho de 1848, a violência passara todas as

marcas e tinha atingido níveis verdadeiramente intoleráveis.

Tudo começara, ao que se dizia, com uma rixa entre um estudante brasileiro do Liceu de Humanidades e um caixeiro português que trabalhava num armazém de carne seca situado na Rua da Praia. O estudante insultou o caixeiro – chamou-lhe «burro galego», ou qualquer coisa assim – e, como se isso não bastasse, ferrou-lhe uma valente bengalada no meio das costas. O português, doendo-se e reagindo, atirou com um peso de ferro à cabeça do agressor, prostrando-o por terra, sem sentidos. Juntou-se gente e as palavras aqueceram. O ferimento não parecia grave, mas os colegas do desmaiado e outros energúmenos foram-se encarregando de incendiar os ânimos da turba contra os Portugueses e a breve trecho uma gentilha ululante começou a varejar as ruas, ávida de vingança. A tropa só interveio no fim do dia seguinte, quando a manifestação antiportuguesa – à qual se tinham juntado muitos escravos –, começou a descambar em revolta popular.

Até à intervenção militar, que pôs fim ao tumulto, a cidade esteve praticamente entregue a facínoras que, perante a complacência da polícia, saquearam quase todas as lojas e vendas de comércio. Em certos bairros foram mais longe: arrombaram as portas das habitações, arrancaram os portugueses do seu interior e assassinaram-nos à paulada ou à facada, arrastando os seus cadáveres ensanguentados pelas ruas. O morticínio só não foi maior porque centenas de pessoas se refugiaram a bordo de vários navios surtos no porto. Mesmo assim, por informações que tinha conseguido recolher e que constavam do ofício que acabara de enviar para o Rio de Janeiro, o cônsul calculava que tivessem morrido uns vinte portugueses. Tinha até havido um caso, na residência de um honrado médico, à Rua do Rangel, onde a turba entrara, matara o pai, violara as criadas e a mãe – que, de seguida, assassinara, deixando os seus cadáveres no Pátio do Terço –, e só não fizera o mesmo à filha da casa, uma menina de dezassete ou dezoito anos, porque a mesma se escondera debaixo da cama. De outro modo teria ido pelo mesmo caminho.

Era nessa horrível barbaridade que Moreira pensava quando bateram à porta da biblioteca.

– Entre! – disse alto, sem se virar.

No preciso momento em que os seus olhos descobriram a lombada azul-escura com letras douradas de Horácio, ouviu a tímida voz de Alzira, a criada mulata, anunciar qualquer coisa acerca de alguém. Joaquim Moreira retirou calmamente o livro da prateleira e olhou pelo

canto do olho e por cima do ombro para a criada que aguardava, respeitosa e ainda com a mão direita no puxador da porta, que ele lhe desse as suas instruções. Mas que queria ela? Concentrado na procura do livro, preocupado em não perder o equilíbrio naquele desengonçado escadote, o cônsul português em Pernambuco não ouvira quase nada do que a mulata dissera. A verdade, tinha de reconhecê-lo, é que estava a ouvir cada vez pior e aquela estúpida falava sempre num humilde fiozinho de voz – quantas vezes seria preciso dizer-lhe que falasse mais alto? Por isso, perguntou, franzindo a cara e pondo a mão em concha atrás da orelha, para captar melhor o som:

– Quem?

– O Sr. Bernardino – esclareceu a criada, esticando o pescoço para a frente e esgançando a voz.

– Ilustríssimo professor Bernardino de Figueiredo... – declamou bem alto o cônsul, com a lenta solenidade de um orador no púlpito recitando uma fórmula litúrgica. – Manda-o entrar aqui para a biblioteca e depois traz-nos pão, presunto e uma garrafa de sidra.

Moreira desceu vagarosamente, com a mão esquerda agarrada ao escadote e a direita apertando o seu Horácio contra o peito, com o amoroso zelo de quem protege uma relíquia. Depositou o livro na pequena escrivaninha de cerejeira, à espera de melhor ocasião para o saborear, e abriu os braços para acolher Bernardino, que acabava de entrar.

– Ora seja muito bem-vindo a esta casa, Sr. Figueiredo – saudou o cônsul, com fingida cerimónia. – A que devo tão subida honra?

Bernardino de Figueiredo era um homem dos seus quarenta anos, de estatura mediana e feições rústicas de camponês teimoso e resoluto. Havia na sua testa ampla e no queixo altivo qualquer coisa da dureza granítica da aldeia beirã onde nascera, lá para os lados de Oliveira do Hospital. Antigo miguelista, interrompera o curso de Leis, em Coimbra, para combater os liberais. Terminada a guerra, em 1834, já não tivera paciência para voltar à Universidade e, depois de uma passagem por Lisboa e pelo ofício de jornalista, exilara-se em Pernambuco, onde vivia há vários anos escrevendo compêndios escolares e dando aulas de História e Latim.

Teria sido o gosto pelo Latim e pelos clássicos que primeiro os aproximara? O cônsul já não se lembrava bem. O que sabia é que simpatizara de imediato com o olhar ágil e curioso de Bernardino, com os seus modos frontais, o seu entusiasmo sonhador, e que a breve trecho

se tornara seu amigo chegado.

– Boa tarde, Joaquim. Venho pedir a tua ajuda – anunciou Bernardino, indo, como sempre, directo ao assunto.

O cônsul indicou os cadeirões vermelhos.

– No que eu puder ajudar-te... – garantiu.

Bernardino acomodou-se prontamente no cadeirão da esquerda, de costas para a porta, e começou de imediato a desabafar:

– Isto foi outra São Bartolomeu², Joaquim!

O cônsul sentou-se igualmente e fez um compasso de espera enquanto ia cofiando seraficamente a pêra aguçada, como se estivesse a reflectir. Depois declarou com ar empático mas céptico:

– Bem... Não exageres, Bernardino.

Mas o amigo insistiu com veemência:

– Outra São Bartolomeu, garanto-te... Depois do que vi, tomei a resolução de sair deste país – anunciou, com solenidade.

– De verdade? – estranhou o cônsul, a quem as grandes resoluções e mudanças causavam sempre perplexidade. – E abandonas o teu lugar no Colégio Pernambucano?

– Abandono! Cansei-me disto aqui, Joaquim...

E, depois, esclarecendo melhor aquele protesto amargurado:

– Esta gente é muito ingrata, meu amigo... Demos-lhes o ser e a civilização e como é que nos pagam? Com a ponta de uma faca! – indignou-se. – Não... Para mim, basta!

– Vais regressar a Portugal?

– Bem... vou e não vou. Portugal não é só aquela courela de quarenta léguas de largo. Portugal é grande no *mappa mundi* – esclareceu, com o tom professoral que raramente o largava. – A minha ideia é ir para uma das nossas possessões, talvez para Angola.

– De verdade? – perguntou o cônsul, que ia de espanto em espanto. – Mas aquilo é uma ruína! O que vais tu fazer para lá?

Bernardino encrespou-se, ofendido:

– Ruína? Não digas isso, Joaquim. As nossas colónias são mananciais de riqueza, cem vezes mais ricas do que o Brasil – garantiu, com uma vibração entusiasmada na voz.

– Achas? – duvidou o outro.

– Tenho a certeza, Joaquim! As terras lá são de graça, homem, e os escravos pretos são dez vezes mais baratos do que aqui no Brasil – asseverou, taxativo. – Já pensaste bem? O açúcar, o algodão..., enfim, tudo há-de sair por um preço tão baixo que não terá rival nos mercados

da Europa.

Bernardino animava-se. O entusiasmo puxava mais entusiasmo e fê-lo erguer-se do cadeirão para expor a sua ideia em gestos largos, convictos, como se estivesse a dar uma aula. Os seus olhos brilhavam, as palavras fluíam, rápidas, e ele, seguindo atrás delas, ia-se empolgando com as imagens que construía. Já se via num novo teatro tropical, lutando com ambas as mãos para fazer com que os terrenos que só produziam pedras passassem a dar pão. Já se imaginava condecorado, comendador, e louvado nos jornais da mãe-pátria por ter aditado aqueles baldios à riqueza nacional.

Aproximou-se da janela e da luz da tarde, que lhe moldava o perfil e lhe emprestava a aura de um Graco. A pequena biblioteca, forrada de livros, amortecia-lhe um pouco a voz grave, mas o porte e o calor oratório eram os de um tribuno romano falando à plebe. Bernardino explicou, gesticulou, exaltou-se, movimentou-se, aproximou-se da porta, apoiou-se no escadote. Depois voltou à mesinha, tomando um pedaço de pão que partiu em dois para demonstrar qualquer coisa, e prosseguiu:

– E não é só a agricultura, meu amigo... Obrigado... – agradeceu, pegando no copo de sidra que Moreira lhe estendia, mas sem perder o fio à meada. – Toda a gente sabe que temos em África ricas minas de ouro... Aquilo é outra Califórnia, digo-te eu!

– Minas de ouro? Achas? – duvidou de novo o cônsul, de olhos fixos na mesa, enchendo lentamente o seu próprio copo. – Quem nos dera a nós uma boa mina de carvão...

Bernardino ignorou o comentário céptico do amigo, cujo sarcasmo era proverbial, e continuou a sua apologia da riqueza africana. O cônsul simulou interesse e recostou-se melhor no cadeirão. Traçou a perna e apoiou a testa na mão esquerda, semicerrando os olhos, como se estivesse a escutar atentamente e a meditar. Não estava. Conhecia muitíssimo bem a conversa dos que julgavam que as Áfricas eram terras de pasmosa fertilidade e já percebera que o amigo, dado a ardentes entusiasmos, entrara sem retorno nesse reino de fantasia.

Por isso Joaquim Moreira sorveu lentamente a fresca sidra e deixou-se distrair por momentos pelos sons da rua. O tilintar baço de escravos acorrentados que passavam sob a sua janela, o pregão da quitandeira³ vendendo ananases e mangas, as risadas dos moleques que jogavam pião, chegavam até si como emanções da vida que fervilhava lá fora. Mas por onde andaria o batucar do sapateiro da porta ao lado? Estava a ouvir pior, não havia dúvida, pois já não apanhava o som debicado dos

martelos dos aprendizes batendo sola, como sempre acontecia àquela hora do dia. Reabriu os olhos como se isso o ajudasse a ouvir melhor e viu o professor ainda de pé, tomado na vertigem do seu próprio discurso.

– E não achas melhor ter uma boa fazenda em Angola do que andar por aqui sempre de credo na boca e calças na mão? – perguntou Bernardino enquanto cortava uma nova fatia de presunto.

O cônsul olhou de soslaio para o livro que deixara na secretária, perguntando a si próprio o que teria Horácio respondido numa situação daquelas. Talvez evitasse, diplomaticamente, qualquer resposta directa. Era provável que o velho romano não tivesse paciência nem ânimo para grandes argumentações – exactamente como acontecia consigo. Sempre tivera dificuldade em acompanhar o pensamento do ilustre Bernardino nas suas locomoções demasiado rápidas.

Aliás, que poderia contrapor ao entusiasmo pueril e mal dirigido do amigo? Há muito que o cônsul adoptara uma visão pragmática da vida. Aquela agitação de andar a correr de um lado para o outro em busca da liberdade ou da riqueza não era para si, que sempre preferira ficar quieto, seguindo as práticas do mundo sem levantar ondas, certo de que os bens materiais e as honrarias viriam infalivelmente ter consigo. Mas Bernardino era talhado noutra madeira e nunca aceitaria essa plácida filosofia de vida. Para ele o mundo abarrotava de desigualdades e de injustiças contra as quais era forçoso lutar com o denodo e a crença de um Quixote. Moreira conhecia bem os desejos secretos do seu amigo e se bem que ele falasse em lucro e riqueza sabia que o que realmente lhe importava era elevar-se acima das agruras da vida para ficar na memória dos homens – e para isso tanto lhe fazia estar ali em Pernambuco como na Moscóvia. Bernardino era um voluntarioso, um estóico que bebera em Séneca e se obstinava como um burro, quando contrariado. Por isso, o cônsul decidiu poupar a si próprio longos minutos de discussão estéril e preferiu contornar e estancar as perguntas do professor.

– Bom, já vi que estás decidido e que tenho de me resignar a dizer-te adeus – concluiu, com um sorriso triste. – Mas ainda não percebi em que queres tu que eu te ajude.

Bernardino mordeu com força o pão com presunto que estivera a preparar e sentou-se de novo. Durante largos segundos ficou em silêncio, a mastigar energicamente, e apenas os olhos falavam, brilhando de impaciência como carvões em brasa, querendo continuar a

argumentação que a mastigação interrompera. Fez um gesto com a mão, pedindo ao amigo alguma paciência enquanto engolia, e, depois de ter limpo a garganta com uns goles de sidra, prosseguiu:

– Eu já tinha resolvido sair do Recife quando dei por mim a pensar que faria um bom serviço à pátria se levasse comigo os portugueses daqui. Quero fundar uma colónia, Joaquim, e convencer os nossos compatriotas a virem também – esclareceu, antecipando a pergunta do cônsul.

Bernardino gostava de comandar. Uma experiência como tenente de Caçadores, durante as guerras liberais, fizera-o provar o exaltante travo da chefia e aquela electrização do espírito que decorria de ter gente sob a sua direcção e autoridade. Nessa altura sentira prazer em ter muitos olhos cravados em si e nos seus movimentos; inebriara-se com a sensação de que várias vidas dependiam das suas decisões e ordens; sentira-se dilatar de orgulho com o respeito reverente e temeroso que suscitava junto dos seus soldados.

Mas a aventura militar fora uma experiência breve, de alcance limitado. Como limitada – ainda mais limitada – tinha sido a daqueles oito ou nove anos à frente de sucessivas classes de alunos desatentos ou mandriões. Ora, ele via-se a si próprio como um chefe natural. Sabia que lá no fundo de si tinha o estofo de um Moisés capaz de conduzir o seu povo através do mar até à Terra Prometida, deixando para trás um Egipto hostil, ingrato, faraónico, que não soubera merecê-lo. A única coisa que destoava nessa imagética itinerante e redentora é que aquele povo hebraico de Pernambuco receava segui-lo, temendo perder-se nas areias ardentes de um Sinai africano.

– O problema, Joaquim, é que eu já falei com muitos dos nossos compatriotas e eles não há meio... – informou, abrindo os braços de desalento e franzindo a cara. – Torcem o nariz à ideia. Achem que o clima africano é insalubre...

– E têm razão, Bernardino. Quem é que no seu perfeito juízo quer ir para África? Tu sabes muito bem que aquilo é a morada das febres – definiu o cônsul, seguro do seu diagnóstico. – Lembra-te que já foi gente daqui para se estabelecer em Angola e quase todos morreram das moléstias de lá. Aquilo é uma terra de água benta e caldeirinha...

– Sim, sim, mas há zonas boas. É preciso é saber escolhê-las... E nada de abusar. Se cortarmos nas comezainas e fugirmos dos excessos acaba-se logo o mau clima – profetizou, fazendo o gesto enérgico, com a mão em cutelo, de quem corta um mal pela raiz.

– Achas? – duvidou o cônsul num tom de resignada desistência.

– Tenho a certeza. Estou a par dos avanços da medicina, meu amigo... Pode residir-se em Angola sem qualquer receio.

Ergueu-se de novo para louvar as virtudes do sulfato de quinino e para garantir que as doenças africanas iam ser prontamente aniquiladas. Quanto maior era o entusiasmo com que falava, maior era o seu apetite e, esgotado o pão, ia devorando o presunto com uma velocidade estonteante, como se aquela carne fumada fosse uma espécie de salvo-conduto para a projectada viagem.

– Em suma – concluiu, lambendo nos dedos o sal do presunto. – Eu conto contigo, Joaquim, para me ajudares a convencer esta gente.

– Bom, não alambiques mais a questão... Eu ajudo no que puder – anuiu o cônsul, desejoso de encerrar o assunto para ir, enfim, ao seu Horácio. – Mas diz-me cá uma coisa que me intriga: aonde pensas tu arranjar os meios para semelhante viagem?

Bernardino voltou a sentar-se, contente com o resultado da sua prelecção. Depois, esticou o indicador e fez o ar arguto e levemente sobranceiro de quem já tinha pensado em todas as eventualidades.

– Vou escrever hoje mesmo ao nosso Governo em Lisboa. Exponho a situação e peço auxílio para estabelecer uma colónia – anunciou. – Não tenho medo de estender a minha mão para bater à porta do santuário das Finanças.

– Hum – duvidou o cônsul, pousando o copo vazio e abanando a cabeça. – Não há dinheiro em Lisboa, Bernardino.

– Talvez haja, talvez haja... – teimou o professor, enigmático.

– Deus te oiça – respondeu mecanicamente o cônsul.

– Vai ouvir! Eu tenho fé! – professou, novamente de pé e preparando-se para se despedir. – E digo-te mais, Joaquim: se esta tragédia em Pernambuco for pretexto para criarmos uma colónia que levante Portugal do abatimento em que está, então poderemos dizer que há males que vêm por bem.

Benedita não foi capaz de ver os pais a sumirem-se na terra. Os coveiros tinham pegado nas grossas cordas que passavam por baixo dos caixões e preparavam-se para começar a descê-los. No silêncio sepulcral que cobria o cemitério, os seus movimentos ouviam-se à distância como se estivessem dilatados e as indicações cíciadas que iam dando um ao outro ganhavam relevo e volume, parecendo insensíveis e desrespeitosos berros:

– Levanta! Isso, isso... Vai agora.

Benedita virou a cara e pela primeira vez fechou os olhos. Até então tinha aguentado estoicamente a cerimônia. Fizera a curta distância entre a igreja e o cemitério como uma sonâmbula, com o dobre de finados a retinir-lhe nos ouvidos e seguindo, em passo lento e composto, atrás da carreta funerária. Sentiu um arrepio de horror quando o cavalo parou junto à cova aberta. A cauda do bicho chicoteava resignadamente as moscas que lhe pousavam na garupa e, do outro lado da cova, dois mulatos em mangas de camisa aguardavam, indiferentes e rotineiros, com os troncos encurvados para diante e as mãos debaixo do queixo, apoiados nos cabos das pás. Nessa altura tentou desesperadamente não pensar nem sentir, e fixou os olhos nas plumas brancas que encimavam a cabeça do cavalo. Ainda conseguiu olhar quando os homens tiraram os dois caixões de dentro da carreta e os colocaram no chão pardacento, sobre as cordas, mas agora que esses caixões se despediam do mundo, estava-lhe a ser insuportável manter os olhos abertos.

Nunca vivera a morte de alguém próximo. Soube que os avós e alguns tios tinham morrido, mas tudo isso se passara em Portugal, longe da sua vista e do seu mundo de criança. A essa distância, os mortos não eram senão nomes de gente desconhecida que desapareciam da sua referência ou que mudavam de uma prateleira para outra na sua memória. Mas os caixões dos pais a baixarem à cova tornavam a morte real e palpável, e tinham o insuportável fel da despedida definitiva. Por isso não foi capaz de lhes dizer um último adeus, não teve força nem coragem para os manter presos no seu olhar até ao derradeiro momento. Também não queria enfrentar a multidão grave e pesadosa que a rodeava, e que se dispusera em círculos concêntricos de acordo com o grau de conhecimento ou de proximidade do epicentro da sua dor. Os comerciantes da sua rua, as suas amigas, os seus professores, as criadas conhecidas das suas criadas estavam nas primeiras linhas. Atrás deles havia uma massa indistinta e aparentemente infundável de caras mais ou menos desconhecidas. A comunidade portuguesa tinha acorrido em peso ao cemitério. Estava ainda mais gente do que nos enterros do dia anterior, e havia muitos brasileiros, como se a cidade inteira quisesse expressar-lhe o seu pesar e a sua contrição – talvez mesmo a sua vergonha. Mas para Benedita aquela soturna solidariedade era opressiva. Não queria ser obrigada a ver aquelas caras compadecidas nem a ter de escutar os seus pêsames murmurados; não queria ser beijada, nem confortada, nem que a curiosidade mórbida daquelas pessoas

desconhecidas lhe devassasse a alma.

Virou costas à cova larga e, num impulso, escondeu a cara no peito farto, maternal, de Adelaide, abraçando-a pela cintura.

– Pronto, minha filha... – disse Adelaide, embalando-a e cobrindo-a de beijos. – Não vejas, não vejas, meu amorzinho...

Adelaide e Augusto eram os seus vizinhos da frente e conheciam os seus pais. Possuíam uma chácara nas imediações do Recife onde passavam longas temporadas e era aí que se encontravam quando rebentaram os tumultos. Adelaide voltou à cidade assim que soube o que se tinha passado naquela terrível noite e acolheu-a de imediato em sua casa, socorrendo-a no seu desamparo. Benedita estava certa de que os vizinhos não a abandonariam e de que lhe dariam guarida e comida até que chegasse algum parente do distante Portugal.

Com aquela quente sensação de acolhimento a amparar-lhe a dor, a menina resistiu às lágrimas e deixou-se ficar por segundos no colo macio de Adelaide, como se tivesse sido transportada para um limbo. Uma viração trouxe da distância uma música alegre e o cacarejar de risos, e ela imaginou, por momentos, que estava num sonho mau do qual iria em breve acordar para o crepitar alegre da sua casa e da sua vida quotidiana. Mas o padre já começara a falar, com uma voz sonora e declamativa:

– Mais dois predestinados baixam às trevas do sepulcro, deixando este mundo de enganos e subindo aos Céus para rogar a Deus por nós. O ilustríssimo Sr. Dr. José Sepúlveda era um homem bom, um homem que com o seu saber médico espalhava o bem pela nossa cidade. A excelentíssima Sr.^a D. Maria, sua amantíssima e fiel esposa, era a mais querida e carinhosa das mães.

Fez uma pausa para que os circundantes se compenetrassem bem das qualidades dos falecidos e depois prosseguiu:

– Deus que os enviara à Terra para edificação de todos marcou a hora do prémio para estas duas almas e elas foram recebê-lo ao Céu, deixando entre nós uma terna filha, que aqui está, consternada e inconsolável. Na sua curta idade ei-la já vítima da maior das provas.

O padre fez uma nova pausa, para procurar Benedita com os olhos e para a indicar com a sua mão compassiva – ou, melhor, para a oferecer com um gesto lento e solene à pesarosa piedade da multidão. Mas logo continuou:

– É esta a vontade do Senhor e devemos acatá-la. Assim o ensina e ordena a nossa Santa Religião que neste momento de atribulação vem,

como um bálsamo, consolar o nosso sofrimento moral. Para lenitivo de uma saudade, oremos pelo eterno descanso dos dois finados.

A multidão acompanhou o padre, ecoando a sua oração. Benedita apertou-se mais fortemente contra Adelaide, lutando desesperadamente contra a comoção que comprimia dentro de si. Não devia ser permitido dizer coisas daquelas, rezar coisas daquelas, tão insensíveis, tão cruéis, como se houvesse um gosto em remexer com um ferro em brasa na sua carne viva. Mas quando, com as últimas palavras do padre ainda a pairarem num silêncio denso, opressivo, se ouviu a primeira pazada de terra a cair sobre a tampa dos caixões, fazendo um som cavo, medonho, a menina parou de resistir, deixando-se arrastar num choro convulsivo e descontrolado que encharcou a camisa de algodão de Adelaide.

Esteve assim uns bons minutos, imóvel e desmoronada, com o peito sacudido por longos soluços, sentindo que só não caía no chão porque dois braços meigos e maternais a seguravam e mantinham de pé. E ainda que, adiante, o choro tivesse amainado, permaneceu agarrada ao calor de Adelaide e foi semiescondida, semiamparada, que caminhou até ao portão do cemitério. Ouvia as pessoas que se despediam, dizendo-lhe palavras doces ou fazendo-lhe festas nas costas ou nos braços, mas não distinguia ninguém, como se houvesse uma névoa a toldar-lhe o entendimento. Por isso não percebeu de imediato as palavras de Adelaide, que teve de as repetir várias vezes:

– Minha filha. Está aqui o senhor cônsul que quer falar contigo.

Benedita despegou-se lentamente e, por entre as lágrimas, viu um homem gordo, de barriga espaçosa e gestos demorados, que lhe fez um leve cumprimento com a cabeça. Pediu desculpa por estar a incomodá-la naquele local e naquele momento tão triste, explicou-lhe qualquer coisa acerca de cartas escritas para Lisboa e do que o consulado iria fazer para proteger a sua casa ou qualquer outra propriedade que os pais tivessem. Mencionou algo a propósito de um cofre de órfãos e defuntos, mas era tudo demasiado inesperado e confuso para ela compreender ou reter.

Adelaide percebeu a sua perplexidade e atalhou:

– Muito obrigada, senhor cônsul. Eu depois explico à menina, com mais vagar. Ela agora está muito cansada e confundida com toda esta tragédia. Vem, minha querida.

Benedita quis objectar, hesitou:

– Ainda tenho de passar por casa...

– Não é preciso, meu amor. Deixámos lá três escravos para carregarem tudo o que pudesse ser transportado. Não te preocupes.

Augusto ajudou-as a subir para a carroça de caixa aberta e disse ao cocheiro preto que seguisse em direitura para a chácara – ele iria depois. Enquanto o veículo abria lentamente caminho por entre a multidão compacta que saía do cemitério num gotejar lento e fúnebre, Bernardino, que se aproximara do cônsul, comentou:

– Que tragédia esta, Joaquim... Isto foi outra São Bartolomeu, meu amigo.

– Achas?

– Outra São Bartolomeu... – garantiu. – Bom, a cartinha para Lisboa seguiu hoje de manhã – confidenciou, com ar cúmplice. – Veremos no que dá.

Simão da Luz Soriano tirou o lenço do bolso e parou no átrio de entrada para limpar a transpiração que lhe molhava a testa. Apetecia-lhe ficar ali a descansar um pouco naquela sombra acolhedora, antes de se abalançar a subir a escada do Ministério. Pusera-se um Verão quentíssimo, pesadíssimo, ou então eram os seus quarenta e seis anos que já se ressentiam mais do que deviam dos abusos do clima. Às vezes custava-lhe a crer que já tivesse aquela idade. Não se sentia velho e no entanto pareciam tão longínquos e arredados de si os entusiasmos da mocidade e os exaltantes tempos em que se batera, no Porto, contra as tropas miguelistas em prol da liberdade.

Virando-se para trás, olhou, através da porta que acabara de franquear, para o brilho intenso do Tejo, que ia mudando de um trémulo prateado para um azul fixo e esmaltado à medida que se chegava ao oceano. Soriano percebia muito bem a variação do rio. Também ele flutuava e hesitava quando se tratava do Atlântico, que tão depressa lhe parecia odioso e cruel como límpido e esperançoso.

E havia boas razões para a sua ambiguidade. Tinha apenas dois anos quando o pai embarcou para o Brasil em busca de fortuna e dele não lhe ficou qualquer memória. Do Domingos Soriano que lhe diziam ser seu progenitor sabia apenas que era um homem pobre que um dia partira Atlântico fora e não mais voltara nem dera notícias. Ainda estaria vivo? Não fazia ideia. O que sabia é que fora por aquelas águas que se forjara a sua orfandade, ou, pior do que isso, a sua dúvida essencial e o seu perpétuo sentimento de abandono. Paradoxalmente, o mesmo mar que no passado lhe trouxera lágrimas e desprotecção constituía, no presente, por assim dizer, o seu modo de vida. Trabalhava ali no Ministério da Marinha e Ultramar, onde, graças ao seu esforço e mérito, chegara a

chefe da repartição de Angola, e, para que o paradoxo fosse ainda maior, o mar convertera-se no grande tema da sua vida. Acreditava cada vez mais firmemente que a tábua de salvação de um Portugal arruinado estava nas distantes colónias de África e da Ásia. Aquele Atlântico de um azul fixo e esmaltado que um dia lhe levava o pai era o passaporte para que o país regressasse rapidamente ao antigo esplendor dos tempos heróicos.

Há anos e anos que se dedicava à causa ultramarina e que propagava a sua mensagem colonial nos jornais e nos cafés. Repetidamente pedira mais dinheiro para a Marinha – o nervo de toda a prosperidade futura – e exigira a nomeação de homens capazes para o governo das colónias. Queria homens probos e não os que era costume para lá enviar e que, sendo honrados cá, logo degeneravam assim que passavam o cabo Bojador. Mas falava em vão porque os Portugueses, agarrados à sua inveterada preguiça, obstinavam-se em não o ouvir e em não ver a evidência. Quase todos faziam grandes declamações de amor ultramarino mas ninguém queria saber das malfadadas colónias para coisíssima nenhuma.

– Boa tarde, Sr. Simão da Luz – disse o vulto vindo da porta.

Soriano deixou que um breve lampejo de simpatia lhe iluminasse a cara macilenta e cronicamente triste, e respondeu em voz baixa:

– Boa tarde, Júlio.

Gostava de Júlio, órfão de pai como ele, e seu antigo colega na Casa Pia. Tinham corrido nos mesmos pátios e corredores, tinham adormecido nos mesmos dormitórios e usado o mesmo azeite para untar as mãos que ferviam das reguadas. Tinham feito toda a instrução primária juntos. Júlio não passou daí e foi-se deixando ficar por Lisboa e por um modesto lugar de contínuo do ministério, enquanto ele cursou a Academia de Marinha e daí saltou para a Universidade de Coimbra. Depois, andou emigrado e esteve nas fileiras do Batalhão Académico na tomada do Porto e na heróica defesa da serra do Pilar. Voltou a Coimbra para concluir um bacharelato em Medicina, porque quis mostrar a si próprio que era capaz de o fazer. Mas não exercia. Nos dias que corriam, a chefia daquela repartição ministerial e os estudos históricos – acabara de escrever um livro sobre as guerras liberais⁴ – eram as maiores aventuras da sua existência.

Apreciava a apagada vida de historiador. Sentia-se bem no silêncio austero e no recolhimento das letras e entretinha-se a reunir dados, com a paciência e a persistência de uma formiga diligente. Mas não morria

de amores pela repartição do ministério ou, melhor dizendo, não morria de amores por aquela gente que diariamente o cumprimentava, servil, dobrando respeitosamente a cerviz, e que ele sabia corrupta e venal. Era uma gente acomodada, com as molas da alma bambas e sem vontade para os grandes feitos de que a nação urgentemente carecia. Com gente daquela nunca iriam a lado nenhum.

Soriano desviou os olhos da porta e da luz do rio. A que propósito viriam todas estas recordações e considerações? Não sabia ao certo. A propósito da solidão, talvez. Por vezes sentia a nostalgia do que não tinha, sonhava com mulher e filhos que lhe enchessem os dias de risos e de carinhos, mas rapidamente acordava do sonho. Ter família também significava ter preocupações, aflições e desordem, o que para si era intolerável. Mulher e filhos para quê? Para o abandonarem? Para lhe crivarem os dias de dissabores? Estava muito bem assim, rodeado da sua austera penumbra e dos seus sorumbáticos livros. Suspirou, voltou a limpar a transpiração da testa e subiu lentamente as escadas que levavam ao seu gabinete.

Ainda não tinha acabado de se instalar quando lhe vieram comunicar que o ministro solicitava a sua comparência. Simão ajeitou a casaca, bateu com os pés no chão para sacudir o pó dos sapatos e apressou-se a obedecer. O ministro estava, como de costume, sentado no seu posto de comando, envolto numa gigantesca nuvem de fumo de charuto e tamborilando nervosamente com a ponta dos dedos no tampo da secretária. Às vezes Simão achava que o fumo e o batuque eram as únicas produções daquele homem em prol da Marinha e do Ultramar. De todos os ministros que conhecera à frente da pasta, aquele era o que se agitava mais e fazia menos.

– V. Ex.^a chamou?

– Entre, Simão, por favor. Queria que lesse esta carta – disse o ministro, esticando o braço para lhe entregar duas ou três folhas de papel amarelado. – É de um português de Pernambuco. Veja o que podemos fazer por este homem.

– Com certeza, senhor ministro – disse Soriano, pegando na carta. – Vou estudar o assunto atentamente e logo que possível direi o que penso a V. Ex.^a.

O ministro sacudiu a cinza do charuto para dentro de um grande cinzeiro de louça e fez um gesto de anuência e satisfação.

– Isso mesmo. E, por favor, Simão, lembre-se que não basta haver boas razões para se aceitar uma coisa. Precisamos de ver se não haverá

outras ainda melhores para se recusar. Já sabe como são os deputados nas Cortes... Cuidadinho, portanto.

Simão fechou a porta atrás de si, deixando o ministro entregue às suas baforadas e à sua obsessão rítmica. Ao passar pelo corredor viu, na primeira sala da esquerda, dois escreventes que dormitavam, cabeceando atrás das suas secretárias, de dedos entrelaçados sobre as panças, como saciados abades em rica abadia. Tinham certamente embarcado numa refeição tardia e bem regada, que agora iam digerindo, devagar e à conta do Estado, entupidos de ócio e de vinho. E que poderia ele fazer contra tudo aquilo? Era gente inamovível que estava ligada àquela secretaria como a lapa ao rochedo em que nascera. O estado de abuso e de desleixo em que estavam todas as repartições deprimia-o.

Enquanto se dirigia novamente para o gabinete, imaginou o conteúdo da carta que levava na mão. Vinha ali pedinchice, pela certa. Assim que soubera dos trágicos acontecimentos de Pernambuco, o Governo de Lisboa despachara uma corveta e dois brigues para o local, com instruções para aí permanecerem enquanto fosse preciso proteger a comunidade portuguesa. Que mais queria aquela gente? Já conhecia a ladainha e não tinha paciência para as lamúrias e exigências desses ambiciosos que corriam para o Brasil em busca da fortuna, deixando ao desamparo a mãe-pátria que deles tanto precisava.

Sentou-se novamente à secretária, desdobrou o papel e foi lendo distraidamente. Era uma missiva de um professor que descrevia os acontecimentos do Recife. Simão da Luz ia tão distraído e mecanizado na sua leitura preconcebida que só a meio da carta percebeu que o intuito do requerente era fundar uma colónia em África e...

... atrair para lá a emigração que nos desfalca e escorre para o Brasil. Julgo de grande utilidade aproveitar esta ocasião, pois, sendo estes colonos bem-sucedidos, não só irão outros daqui mas também se mudará a mania de os Portugueses só procurarem fortuna no Brasil. De futuro, passarão a acorrer às nossas possessões tornando-as proveitosas à metrópole e contribuindo para elevar a nossa Marinha, hoje tão decaída.

As nossas desgraças hão-de acabar desde que o Governo de Sua Majestade acarinhe este impulso que agora nasce na cidade do Recife. Foram impulsos semelhantes que levaram os nossos maiores a trocar as amenidades de Portugal pelo clima abrasador dos trópicos, a desenrolar o pendão das quinas portuguesas desde o cabo de Santa Maria até ao de Liampó, nos mares da China, e a hasteá-lo triunfante nas praias da América, da África e da Ásia.

Eu, que livre de orgulho afirmo que poderia seguir desde já para onde me conviesse, sacrifico-me a esperar e a ir compartilhar dos trabalhos e

reveses que acompanham o estabelecimento de uma colónia, só porque vejo que muitas pessoas estão dispostas a seguir-me. Esperarei aqui, mesmo com risco de vida, até saber o que o Governo português tenciona fazer a este respeito.

Sou com a mais alta consideração e respeito, de V. Ex.^a

Bernardino de Figueiredo Abreu e Castro

Releu a carta e depois dobrou-a, devagar, enquanto ia digerindo a perplexidade e saboreando a imprevista satisfação. Pusera-se um silêncio quase religioso na tarde quente que abençoava o momento e Luz Soriano sentiu-se estranhamente geminado com aquele homem que, lá longe, pensava e sentia exactamente como ele.

Ficou por momentos a olhar os pombos que poisavam no parapeito da janela e permitiu-se sorrir de gratidão. A luz da tarde entrava-lhe pelo gabinete e pintava-lhe o horizonte de uma esperança nova. Os tons da madeira pareciam-lhe agora mais quentes e claros, as paredes mais luminosas, o ar mais desimpedido e desempoeirado. Que estranhas eram as rodas da Fortuna! Portugal andara anos a tentar estimular a emigração para África. Ele mesmo se afadigara a ajudar o visconde de Sá da Bandeira e outros ministros nessa inglória tarefa. Nada ou quase nada se conseguira. E agora, quando menos se esperava, aparecia como que por encanto um imprevisto promotor do mais que improvável Brasil, que vinha corresponder a todas as esperanças. Era preciso acalentar o desejo e a iniciativa daquele homem. Era preciso arranjar dinheiro para dar corpo à sua projectada colónia e para finalmente espetar, bem fundo, aquela inesperada lança em África. E era precisamente isso que ele iria transmitir ao ocioso ministro, assim que se documentasse adequadamente.

Nessa mesma tarde Luz Soriano deu ordem para que lhe trouxessem as notícias e memórias sobre África que existiam no ministério. Em três dias coligiu um importante maço de documentos, aos quais juntou uma memória sobre os sertões e a costa ao sul de Benguela que ele próprio escrevera e que fora recentemente publicada nos *Annaes Marítimos e Coloniais*. Na posse desses documentos, os futuros colonos poderiam escolher com perfeito conhecimento de causa a zona de África em que queriam fixar-se.

A caminho de casa reviu razões, architectou teorias, escolheu palavras que pudessem convencer o ministro e insuflar-lhe algum calor pelas coisas coloniais. Jantou apressadamente, sem reparar sequer no que comia. Sentia-se no limiar de um grande passo e com o nervosismo juvenil de quem se preparava para terçar armas pela sua dama. À noite,

e contra o que era seu costume, teve dificuldade em adormecer. Virava-se de um lado para o outro na cama, mas o cérebro não havia meio de desligar. Continuava a debitar ideias e imagens, e ele via milhares de braços portugueses que se estendiam para África, dizendo à Pátria que lhe iam abrir uma fonte de riquezas que nunca mais se extinguiria.

Adormeceu, por fim, com uma expressão visionária. Na manhã seguinte entrou cedo na repartição e esteve a ensaiar o que queria dizer. Quando a hora chegou, dirigiu-se para o gabinete do ministro com a resma de documentos numa pasta debaixo do braço. Ia preparado para dar explicações e desdobrar argumentos. Não foi necessário pois a conversa não demorou mais de um minuto. Assim que Luz Soriano começou a explanar a sua ideia, o ministro atalhou de imediato:

– Avance com este assunto, Simão. Ponho a colonização a seu cargo. Providencie o que bem lhe parecer, na certeza de que eu assinarei tudo o que for preciso.

Quando ia a sair, escoltado por uma nuvem de fumo, Soriano ainda ouviu o ministro acrescentar:

– Remeta isso tudo para Pernambuco, Simão. E prometa-lhes todo o nosso apoio... Depois se verá!

Luz Soriano fechou a porta atrás de si e percorreu o corredor sem olhar para as salas dos escreventes ociosos. Ia em passo jovial, acelerado, e com um grande sorriso a bailar-lhe nos lábios.

Os primeiros dias de estadia na chácara tinham sido retemperadores. Adelaide procurava arranjar-lhe afazeres e ocupações que lhe quebrassem o isolamento e a tirassem da melancolia em que caíra, e Benedita deixava-se levar, mansamente.

Todas as manhãs acompanhava Adelaide nas voltas pela propriedade, ouvia-a a falar com os escravos e criados, ajudava-a a colher os frutos e a fazer marmelada e goiabada. Às vezes a sua protectora ia à cidade, em visita a um parente ou a uma amiga, e levava-a consigo para que ela visse outros sítios e outras pessoas.

– Tens de preencher o tempo... Tens de ocupar o espírito – dizia.

E Benedita ocupava-o o melhor que podia, tentando enganar as ideias obsessivas e os pensamentos mórbidos – tentando não pensar.

Mas as suas noites eram angustiantes e terríveis. Tinha quase sempre pesadelos aterradores que a faziam acordar a meio do sono, na escuridão silenciosa, em paroxismos de pavor. Parecia-lhe ver luzes fugazes nos vidros da janela e ficava petrificada, a transpirar

intensamente e à espera de ouvir, lá fora, os sons prenunciadores da desgraça.

Não gostava de Augusto. Pressentia nele a mesma violência que sofrera nessa trágica noite e sentia-se desconfortável com a maneira como ele a olhava. Aliás, na última noite, Augusto entrara de mansinho no seu quarto e julgando-a adormecida ficara a mirá-la com um sorriso indefinível. Saíra apressadamente quando, do quarto ao lado, a mulher o chamou. Assim que ele saiu, Benedita saltou da cama numa aflição e trancou-se por dentro, encostando as costas de uma cadeira ao puxador da porta. Mas levou mais de duas horas a adormecer, tal a perturbação.

Na manhã seguinte, Adelaide chamou-a ao seu quarto para lhe comunicar que decidira enviá-la para casa de uns primos idosos, pois aí teria melhores ares para o seu total restabelecimento. Benedita estranhou aquela mudança de planos – estava apenas há três semanas na chácara –, mas nada perguntou, ainda que tivesse muitas perguntas a fazer. Pareceu-lhe que Adelaide queria protegê-la e proteger-se a si própria, matando no ovo os evidentes apetites do marido. Mas, por melhor que fosse a intenção, ela sentiu-se escorraçada. Poucos dias depois do vendaval que lhe destruíra a casa e a família, a sua vida levava novo sacão e via-se forçada a partir outra vez, com as suas pobres malas de couro meio perdidas na grande carroça de caixa aberta e com as lágrimas a escorrerem-lhe pela cara abaixo.

Teodoro e Alda – os primos de Adelaide – eram um casal idoso que vivia num pequeno sobrado de dois andares, perto do mar, na parte norte do Recife. Receberam Benedita com transbordante alegria, como se a sua chegada tivesse iluminado a solidão daquele lar sem crianças. Reservaram para ela um quartinho no andar de cima, com uma janela ampla e bem arejada, virada para a baía. Tinha só uma cama e um pequeno guarda-vestidos mas Benedita achou-o acolhedor. De manhã, quando acordava, gostava de passar longos períodos a contemplar o azul do mar, como costumava fazer nas janelas do quarto dos pais. Esses momentos de contemplação traziam-lhe uma tranquilidade meiga que se reforçava quando saía do quarto para o corredor, pois as divisões do sobrado, a disposição do espaço interior e até alguns elementos da decoração faziam-lhe vagamente lembrar a sua própria casa.

Aquela memória doce era simultaneamente amarga e todos os dias ela se deixava invadir por ondas de revolta. Não era justo o que lhe acontecera. Como podia Deus ter-se esquecido tão completamente de si? Sabia bem que esse era um pensamento ímpio e tentava afastá-lo,

repreendendo-se, culpabilizando-se, mas o pensamento voltava sempre, num ciclo ininterrupto de raiva e de indignação. Outras vezes, a revolta contra Deus atenuava-se e os sentimentos dominantes eram de desânimo e de medo. Que iria ser de si? Num mundo que lhe parecia cada vez mais ameaçador, absurdo e aleatório ela sentia-se como uma palha soprada pelo vento, sem um braço que a amparasse.

Foi logo nos primeiros dias de permanência em casa de Teodoro e Alda que travou conhecimento com José Leite de Albuquerque, o português que possuía uma loja de tecidos no outro lado da rua. A sua fora uma das lojas pilhadas nos dias dos tumultos, mas José Leite tinha algumas mercadorias armazenadas e cedo conseguiu repor os *stocks*, reabrindo o estabelecimento. Benedita gostava de passar por lá para espreitar os padrões e sonhar com elegantes vestidos. De princípio, parava à porta, com a criada, e ficava a admirar as chitas expostas em grandes rolos, junto à ombreira. Depois, passou a entrar, correspondendo às insistências do caixeiro – um homem gorducho, muito mais simpático do que o patrão e que a cumprimentava em arqueamentos tão pronunciados que parecia dobrado em dois.

– Bom dia, gentil menina. Entre, venha ver. Esteja à sua vontade... Hoje há riscados e cambraias de linho acabadinhos de chegar.

E ela via e tocava os tecidos que se arrumavam uns sobre os outros nas prateleiras. Num dos cantos da loja, encoberta pela penumbra, havia uma boa colecção de mantilhas com franjas e de chapéus de seda com rendas e plumas de diferentes cores. Benedita fascinava-se com a suavidade do toque, com a profusão de cores e com aqueles brilhos acetinados que pareciam mágicos. Quando o patrão não estava, o caixeiro deixava-a provar tudo aquilo, apenas para se ver ao espelho. E ela rejubilava. Aqueles objectos eram, tal como o mar azul, manchas de cor na sua tristeza, e a ida à loja do português tornou-se um dos poucos divertimentos da sua vida.

Durante meses acalentou a esperança de que chegasse um parente de Portugal, mas ninguém veio buscá-la, ninguém a contactou. Escreveu-lhe apenas o cônsul Moreira para lhe comunicar, sem mais detalhes, que o pai deixara grandes dívidas que tinham sido saldadas com o produto da venda do sobrado. Benedita ficou atordoadada com a carta do cônsul. Conservou-a na manga do vestido durante dias, numa teimosa incredulidade. Por vezes era acometida de ataques de choro e relia aquela prosa seca e descorada em busca de uma vaga esperança, uma entrelinha que fosse que lhe fizesse crer que nem tudo estaria perdido.

Custava-lhe a acreditar que o pai tivesse dívidas, mas não sabia o que poderia fazer para tirar tal coisa a limpo.

A sensação de desamparo era tal que com os dias a passar foi consentindo os avanços de José Leite. O lojista era homem de poucas falas e raros sorrisos, mas parecia respeitador e ela permitiu-lhe um vago namoro à distância, com cartas e olhares comedidos, ocasionalmente um diálogo breve no adro da igreja. Por fim aceitou casar-se com ele assim que terminasse o seu período de luto. Nisso seguia o seu instinto de conservação ou o seu desnorte – não saberia dizer ao certo –, bem como os conselhos de Adelaide, que a visitava com regularidade e tudo fazia para fomentar e apressar o seu casamento com o comerciante português.

Casou-se no dia em que fez dezanove anos, sabendo já de antemão que dois meses depois partiria com o marido para Angola. Era um dia quente de fins de Março e José esperava-a à porta da igreja, com o corpanzil apertado numa sobrecasaca castanha e com o andar tolhido, martirizado, pelos sapatos de verniz. As mãos grandes e vermelhas escapavam-se, agitadas e evidentes, das mangas um pouco curtas da vestimenta. Ao vê-lo assim, achou-o ridículo e primitivo, pouco digno de si, mas logo afastou essas considerações do pensamento para fruir o prazer único da ocasião.

Entrou na nave central pelo braço do velho Teodoro, que a conduzia pausadamente e muito compenetrado do seu papel. A igreja estava cheia de gente e quanto mais avançava no seu interior mais se sentia envolvida pelos olhares de admiração dos circunstantes e por um rumorejar de apreciações elogiosas. Deslizou orgulhosa até ao altar, onde o padre a esperava para dar início à cerimónia. Repetiu as palavras que tinha de repetir sem pensar muito nelas. Duas crianças que não conhecia destacaram-se da primeira fila de cadeiras e entregaram aos noivos as alianças. Foi apenas nesse momento, ao olhar para aqueles pequenos aros de metal, que ela tomou verdadeiramente consciência do seu novo estado e sentiu uma estranha e inoportuna inquietação, que logo afastou do pensamento, decidida a aproveitar a festa.

Saíram da igreja. Benedita sentia-se muito elegante no seu vestido de noiva. Gostaria de ter levado um vestido novo mas não tinha posses para isso. Adelaide, honra lhe fosse feita, oferecera-se para lhe pagar o vestido, mas não quis abusar da sua generosidade. Usou o vestido da mãe, que lhe estava ligeiramente acanhado. Sempre fora uma rapariga de altura mediana mas no ano que passara tinha crescido à vontade uma

mão travessa – quase um palmo, dizia-lhe Adelaide para a animar –, como se quisesse dar um pulo para além de si própria e das penosas limitações da sua vida. Os seus cabelos escuros, apanhados atrás, rebrilhavam de flores de laranjeira e, combinando com as suas longas pestanas espessas e pretas, vinham pôr um clarão de vida na sua expressão. Nos seus anos de vivacidade estouvada adquirira uma postura graciosa, com as costas muito direitas e a cabeça erguida, com o queixo projectado para a frente, num ar decidido e levemente altivo. Essa postura perdera-se um pouco no último ano ou tornara-se intermitente, enterrada nos seus desgostos, mas nesse dia especial tinha conseguido recuperá-la.

E não fora só isso que recuperara. O seu rosto retomara sem esforço a antiga forma de rir, rasgada e franca, que cativava tudo e todos. Não conhecia a maior parte das pessoas presentes, na sua maioria amigas do marido, mas a todas cumprimentava num halo de contagiante simpatia. Benedita irradiava calor, espalhava felicidade em seu redor e suscitava uma compreensível admiração e adoração. Com o vestido da mãe, demasiado luxuoso no meio daquelas pessoas humildes, parecia uma princesa entre campónios.

Mas, à medida que a boda decorria e caminhava para o fim, foi sentindo a sua alegria a contrair-se e a escapar-lhe por todos os poros da pele. Para disfarçar, falava ininterruptamente com os últimos convidados, prendendo-lhes a atenção, como que a exigir-lhes que ficassem um pouco mais e que não a abandonassem tão precocemente à sua incerteza e apreensão. Sabia que não estava pronta para o terrível momento em que iria ficar a sós com José Leite e em que se deitariam. A ideia de que aquele homem iria estar em breve dentro de si secava-lhe a garganta e deixava-lhe o coração a bater pancadas inquietas e angustiadas. Não queria ser penetrada, não queria intimidades desse género com o marido. Queria apenas que ele a protegesse, que tomasse conta de si e que a envolvesse numa nuvem almofadada de afecto.

Quando se despediram de todos e subiram ao quarto, Benedita percebeu que ele tinha bebido muito e por momentos teve a ingénua esperança de que o vinho lhe houvesse toldado os sentidos, embotado os desejos, e que ele tivesse, sobretudo, vontade de dormir. Mas ainda antes de chegarem ao quarto José Leite abraçou-a, roçou-se nela, tentando levantar-lhe a saia e pressionando-a contra a parede.

Benedita conseguiu escapar àquele amplexo e afastou-se dele. Sentou-se na borda da cama e ficou a olhá-lo com os olhos alagados,

numa ansiedade suplicante, na esperança de que ele percebesse.

– José, eu ainda não estou preparada. Dá-me tempo, por favor.

Ele fitou-a em silêncio e com os olhos parados, como se não tivesse ouvido o que ela lhe pedia. O vinho entorpecia-lhe a voz e empastelava-lhe o entendimento. Depois riu-se com umas risadas excessivamente altas, quase forçadas.

– Não tenhas medo, eu vou ser bom para ti.

Sentou-se a seu lado na cama e abraçou-a como se quisesse afagá-la. Mas os seus olhos pequenos pareciam dois estiletos aguçados, fixos no colo dela, e não havia ternura naquela aproximação. Apenas um abraço desajeitado e sem imaginação do qual rapidamente desistiu já que as suas mãos suadas, nervosas e urgentes estavam preocupadas apenas em despi-la e em galgar etapas.

– Diz-me qualquer coisa, José – pediu Benedita, esquivando a sua boca da dele. – Qualquer coisa bonita.

Mas naquelas circunstâncias José Leite parecia incapaz de dizer o que quer que fosse. O seu cérebro estava mole e vazio. Benedita podia ver a sua expressão desorientada e o esforço que ele fazia para tentar organizar uma simples frase que fosse. Não era homem de muitas falas, nunca dissera galanteios e naquele momento todo o seu espírito estava focado no desejo do corpo dela. Era como se lhe pedissem que falasse uma língua estrangeira ou que desempenhasse um papel que não estudara. Por fim, por entre gemidos e sons vagamente balbuciados, conseguiu soltar uma frase:

– Deixa-me ver os teus lindos peitos.

Depois outra frase equivalente e outra e outra. Quanto mais falava mais boçalidades dizia e ela ia ficando cada vez mais hirta e retraída, numa recusa de ouvir as palavras abomináveis que se lhe vertiam dos lábios.

– José, por favor, assim não.

Ele ergueu-se então num repente, sentindo-se rejeitado, e num fervilhar exaltado saiu do quarto, batendo com a porta.

Ela ficou perdida, desorientada, insegura, culpando-se a si mesma pela sua falta de tacto. Ouvia os passos do marido no andar de baixo triturando a cólera e hesitava quanto ao que deveria fazer. Devia ir ter com ele? Devia esperar que se acalmasse e reconsiderasse? Ainda se debatia com as suas indecisões quando José voltou. Agarrou-lhe os pulsos, derrubou-a sobre a cama e deitou-se sobre ela.

– Mas que mulher tu és! – exclamou numa voz grossa e lenta, o bafo

a tresandar a vinho.

Havia qualquer coisa de hediondo e réptil, qualquer coisa de obsceno, na sua expressão, com a ponta da língua a emergir dos lábios, presa entre os dentes, e os olhos semicerrados, lúbricos. A sua mão subiu por debaixo das saias dela e despiu-a com brutalidade. Depois tudo se precipitou. Benedita abandonou-se às suas carícias, mas não as sentiu. Quando tudo acabou e ele lhe saiu de cima, adormecendo quase de imediato, ainda vestido, ela rolou sobre si própria e deixou-se ficar estirada de bruços, com os cabelos soltos a cobrir-lhe a vergonha e a imensa tristeza. Ficou assim por muito tempo, imóvel e calada, como que caída num poço muito fundo e muito amargo. Por entre os cabelos via as paredes do quarto que oscilavam à luz tremeluzente da vela e pareceu-lhe que aquela brancura fria e erma representava a sua vida.

Não sabia dizer o que sentia com o comportamento do marido. Indignação, repulsa, raiva, abatimento, surpresa, eram palavras que lhe cruzavam ininterruptamente o pensamento. Deu-se, então, dolorosamente conta de que não conhecia aquele homem. A convivência entre ambos havia sido breve e espartilhada por vigilâncias, regras e cerimónias. Havia muita coisa em José Leite que ela não vira porque não tivera tempo nem ocasião. Ou, então, porque não tinha querido ver. Uma tarde entrara na loja de tecidos e encontrou-a abandonada. Preparava-se para sair quando ouviu gritos e pancadas num quarto dos fundos e reconheceu a voz de José Leite, que gritava e batia num caixeiro novito chegado há pouco de Portugal para substituir o homem gordo e educado que lhe deixava provar as últimas modas. Percebeu, depois, pela frequência com que o caixeiro apresentava olhos vermelhos que os ralhos e pancadas deviam ser comuns. Corriam, aliás, rumores de que José Leite de Albuquerque era um homem violento, que tratava mal o escravo que possuía, infligindo-lhe castigos cruéis. Dizia-se também que punha as suas escravas a render, entregando-as à prostituição. Mas ela desvalorizara esses episódios e esses rumores, e percebia agora que fizera mal.

Os dias seguintes trouxeram novas boçalidades e insensibilidades que confirmaram o pendor agreste do marido. Benedita sofreu tudo isso com estoicismo, tentando compreender e perdoar. José Leite tivera a caridade evangélica de tomar conta de si quando tudo em seu redor se desmoronara, e ela sentia-se profundamente reconhecida por isso. E, porque lhe estava grata, dizia a si própria que com o tempo esqueceria aquelas brutalidades e aprenderia a gostar daquele homem rude.

Precisava desesperadamente de gostar dele e acreditava que com paciência talvez conseguisse, até, plantar-lhe na alma alguma doçura e alguns sentimentos.

Num certo sentido, a ida para Angola poderia ser uma boa oportunidade para o conseguir. Seria um novo espaço, um novo desafio e uma nova vida que talvez ajudassem a limpar os erros e desacertos do passado. As viagens eram ocasiões importantes para criar proximidade e espírito de união e ela confiava que aquela viagem iria mudar a sua vida.

Bernardino semicerrou os olhos para os proteger do sol e do olhar implorante do rapaz. Sabia que não devia aceder àquele pedido e, no entanto, sentia dificuldade em recusá-lo, como se uma estranha força dentro de si lhe embotasse o bom senso e o empurrasse para generosidades insensatas e mal medidas.

– Por favor, senhor professor... ajude-me – insistiu o rapaz, tomando-lhe a mão direita nas suas. – Se fico aqui, vou direito para a prisão.

– E era o que tu merecias, Pascoal – ralhou Bernardino, com gravidade zangada mas paternal. – Era o que tu merecias...

Pascoal Pluma fora o aluno mais difícil que alguma vez lhe passara pelas mãos. Nem tinha sido propriamente um aluno, fora antes uma espécie de praga do Egipto que lhe tinha ido parar à aula, e da qual nunca conseguira fazer coisa que se visse. O rapaz agitava-se permanentemente, falava pelos cotovelos, virado para trás e para os lados, e não se coibia de lutar com os colegas, engalfinhado sobre as mesas ou espojado no pó do chão. Apesar das muitas palmatoadas e puxões de orelhas, o miúdo não conseguiu fixar uma só linha da História do país; e quanto ao Latim podia bem dizer-se que nunca chegou sequer a perceber do que se tratava.

Para além de ser indisciplinado e incorrigível, e de ignorar teimosamente o saber escolar, o jovem Pascoal era violento e imoral. Tão imoral que várias vezes familiares seus tinham ido instar o professor a que castigasse o rapaz com a maior severidade possível, pois ninguém conseguia controlá-lo. Corriam, aliás, diversos rumores acerca das suas actividades extra-escolares. Dizia-se que roubava a caixa das esmolas, nas igrejas, que tinha especial gosto em bater nos mais fracos quando ninguém estava a ver e, até, que fazia coisas vergonhosas e interditas, como copular com animais. Era raro o dia que em casa não levasse tarefas com cordas, paus e com o que quer que fosse que o pai achasse

mais à mão, resultando andar sempre com o corpo cheio de nódoas negras. O próprio Bernardino lhe aplicara várias vezes boas vergastadas por razões disciplinares, mas cada castigo parecia espicaçar ainda mais a sua indisciplina. Pascoal não estudava nem deixava os outros em paz, e acabou por sair do colégio, para ir trabalhar como caixeiro para o merceiro da Rua do Tenente.

Durante três ou quatro anos calcorreou a cidade de cabaz às costas, travando conhecimento mais assíduo e mais próximo com a parte feminina da sociedade local. As escravas, as criadas e até mesmo as senhoras pareciam enternecer-se com aquela ave ferida e desprotegida, aquele rebelde carente de afecto, e tinham sempre uma palavra ou um prato de comida para o acalantar. Com os anos a passarem, e à medida que se ia fazendo um rapaz bonito, de pele tisonada e espessos cabelos pretos, Pascoal tornou-se mestre no galanteio – um insondável mistério, vindo de quem mal sabia ler – e as mulheres caíam facilmente na sua conversa enleante. Com os seus olhos vivos e sorriso rasgado, com as suas falas mansas e mãos hábeis e ousadas, o jovem caixeiro já acumulara no seu currículo vários corações destroçados e movimentadas histórias de amor. A última acontecera precisamente naquela manhã e todo o Recife falava nela, pois o assunto era escandaloso e público: Pascoal fora apanhado em cima do telhado da casa do comendador Frutuoso Pereira, porque – dizia-se – aí fora fazer uma surpresa amorosa à jovem mulher do já idoso Frutuoso.

As ruas, barbearias e tabernas ressoavam de comentários jocosos e invejosos pois nenhum homem ficava indiferente ao à-vontade e à ousadia do caixeiro.

– Este é que a leva na boa...

– Come-as todas, o maganão.

Bernardino ouvira dizer que havia já uma ordem de prisão emitida em nome de Pascoal e que o rapaz era activamente procurado pela polícia e por homens de mão do desonrado comendador.

Condoeu-se. Mas faria sentido levar um veneno daqueles para África? Não iria ele propor comércio lúbrico a todas as mulheres da colónia? Não iria maculá-las e lançar a discórdia entre os colonos? No seu perfeito juízo o professor teria negado liminarmente a ajuda que o seu ex-aluno lhe suplicava. Se não servira na sua aula, muito menos serviria na sua colónia. Mas a dimensão do empreendimento que estava prestes a iniciar em Moçâmedes fazia-o sentir-se compreensivo, magnânimo, investido de uma força criadora e de poderes sobre-

humanos. A imagem de Moisés entrara-lhe no espírito naquela tarde de presunto e conversa na biblioteca do cônsul Moreira e nunca mais o abandonara. Pelo contrário, ao longo daqueles dez meses de trabalhoso planeamento fora-lhe juntando outras imagens equivalentes, saídas directamente das páginas da sua cultura clássica. Às vezes sentia-se um Agamémnon, levando os bravos Aqueus à conquista de Tróia; outras vezes era Eneias, guiando os sobreviventes de Tróia para irem fundar Roma. Teriam esses chefes míticos recusado um lugar nos seus barcos às almas agrestes e indisciplinadas, só porque o eram? Certamente que não. Agamémnon e Eneias eram – como Moisés – verdadeiros Pais dos Povos e saberiam usar o amor e a ira, em doses proporcionadas e racionais, para meter na ordem os mais incorrigíveis. Não seria ele da mesma ténpera que esses condutores de homens?

Com um suspiro entre o resignado e o condescendente, e com o peito insuflado pela importância que lhe vinha do supremo poder de conceder ou de recusar com um simples gesto de mão, Bernardino olhou para a sua bagagem amontoada no cais a escassos metros de si, pronta para ser carregada na jangada. Junto à grande arca chapeada de ferro, misturada com os fardos e volumes cobertos de papel amarelado e cuidadosamente atados, estava a caixa com salsaparrilha de Bristol que à última da hora decidira levar consigo para África. O médico que consultara no Recife garantira-lhe que a salsaparrilha era um excelente purificador do sangue e, apesar de saber que já não se morria como dantes das febres perniciosas dos trópicos, achou que também não perdia nada em tomar certas precauções. Indicou a caixa ao rapaz e disse-lhe em voz baixa:

– Bem... Eu não devia fazer isto... Pegas naquela caixa, entras para o bote e, assim que chegares ao navio, acartas com ela para o meu camarote. Pergunta aos marinheiros onde é. E já não saís do navio, ouviste? – advertiu, arqueando as sobrancelhas. – Levantamos ferro dentro em pouco.

Pascoal beijou-lhe repetidamente as mãos e, pondo a caixa aos ombros, como se fosse o cabaz com que ganhara a vida e os afectos femininos, apressou-se a descer a escada e a entrar no bote que fazia o transbordo entre o pontão e o navio. Bernardino ficou a vê-lo afastar-se, um pouco dobrado para a frente, como se quisesse passar despercebido no meio dos remadores e dos outros passageiros. Aproveusse a Deus que o rapaz, confrontado com as dificuldades de África, se redimisse pelo trabalho nos duros torrões de Moçâmedes.

Pondo as inquietações para trás das costas, dedicou-se a orientar o

carregamento de um bom piano inglês, de seis oitavas, que também decidira levar. Não que ele próprio tocasse o instrumento, mas arranjaría alguém que soubesse fazê-lo para o entreter nas cálidas noites de África.

– Cuidado com isso... – gritou aos três escravos pretos que o desciam, com grandes cordas de cânhamo, para dentro de uma das jangadas que faziam o vaivém. – Ouviste, jangadeiro?

O homem levou a mão ao barrete desbotado e respondeu, humildemente:

– Sim, siô.

– Diz ao capitão para estivar bem esse piano. É de muita estimação e não o quero partido – avisou Bernardino.

As recomendações nunca eram de mais. Os escravos podiam ser de um descuido criminoso. Costumavam acartar as bagagens em carros – se se podia chamar assim àquela espécie de padiolas com quatro ruidosas rodas de madeira –, mas raramente tinham o cuidado de equilibrar devidamente as cargas. Nessa mesma manhã, devido às sucessivas guinadas que fora preciso dar a um desses carros para contornar as mercadorias e as pessoas que se amontoavam no cais, aguardando o embarque, dois grandes caixotes de madeira mal equilibrados tinham caído da padiola, perdendo-se nas águas do porto. Bernardino ainda tinha nos ouvidos o choro e os gritos desesperados dos pobres colonos que assim perdiam todos os seus haveres.

Mal a jangada com os escravos e o piano se afastou, deslizando, ronceira, rumo ao navio, Bernardino virou as costas ao mar e percorreu o cais de embarque em direcção às casas e aos barracões que serviam de armazéns. Ainda havia uma pequena multidão esperando a vez de ser embarcada. As mulheres traziam trouxas de roupa à cabeça, apertadas com grandes nós, e cestos com comida cobertos com panos, sob os quais emergiam pontas de chouriços, nacos de toucinho e côdeas de broa de milho. Algumas vinham com os filhos, crianças paradas que adormeciam no embalo do colo das mães, ou que se agarravam às suas saias com mãos amedrontadas e caras pasmadas. Os homens carregavam arcas e caixas e muitos deles traziam a tiracolo sacos de estopa e odres, possivelmente com vinho. Aos sacos e odres juntavam, por vezes, uma arma de caça ou um instrumento musical, consoante as inclinações e as posses de cada um. Subia do cais, naquele ar quente das três da tarde, um rumorejar de conversas que se misturava com um cheiro a corpos apinhados e à gordura adocicada dos alimentos, numa excitação de

arraial de aldeia. Ainda assim, perpassava um ar de artificialidade por aquele ambiente rural, demasiado vincado e estudado para ser autêntico. Havia, entre os humildes que partiam para Moçâmedes, alguns camponeses. A maior parte, porém, eram carpinteiros, ferreiros, caixeiros e até alguns comerciantes que se tinham desfeito de lojas, casas e outros bens que não podiam transportar, vendendo tudo abaixo do valor, na precipitação de abalar.

O professor abriu caminho por entre as pessoas que se abraçavam e despediam, e dirigiu-se a José Leite, que o coadjuvava naqueles trabalhos:

– Vigias-me o embarque, José? – perguntou. – Eu vou à alfândega desembaraçar o navio.

– Não demores porque daqui a pouco temos tudo embarcado – advertiu o outro.

Bernardino entrou no edifício da alfândega e entregou os papéis do navio a um rapaz novo, muito magro, que conhecia bem por ter sido seu aluno. Enquanto esperava que lhe despachassem o assunto, sentou-se numa das cadeiras que estavam ao canto da divisão. Havia um pó azulado no ar que envolvia o vaivém indolente dos funcionários numa névoa de dormência e irreabilidade. Pela porta da direita, entreaberta, via-se o guarda-mor da alfândega a passar vagamente os olhos pelos papéis, que espalhara no tampo da secretária. De tempos a tempos o homem bocejava e lançava longos suspiros enfastiados. Bernardino esteve a observá-lo durante um ou dois minutos e depois desviou o olhar, esvaziou o espírito e entreteve-se a observar certos detalhes na frieza lívida da parede à sua frente: duas rachas sinuosas que eram como o curso de rios sem destino; mais acima, um prego perdido do respectivo quadro, numa inutilidade espetada e solitária.

Sorriu reconfortado. A sua vida era o contrário do que essas imagens sugeriam: tinha um destino e uma utilidade evidente, o seu único problema naquele momento era o cansaço. Estava há vários dias a colaborar com o capitão da barca *Tentativa Feliz* na carga do navio e mais preparativos de embarque, e já tinha em cima das costas dez longos meses em que se dedicara de alma e coração ao seu projecto colonizador.

Fora um processo lento e trabalhoso que agora se concluía. Começara por escrever para Lisboa. As primeiras coisas que de lá enviaram tinham sido três navios de guerra, que permaneceram longamente no porto porque a desordem na cidade se prolongou no

tempo e os residentes portugueses imploravam aos comandantes navais que não os abandonassem à sua sorte. Só depois, num segundo momento, tinham vindo maços de documentos e informações sobre a costa de África remetidos por um tal Simão da Luz Soriano. Foi com base nesses documentos e no seu instinto que escolheu Moçâmedes para erigir a futura colónia. Comunicou essa escolha a Luz Soriano e, de caminho, pediu meios de transporte gratuitos para os futuros colonos; solicitou provisões para os primeiros meses; utensílios agrícolas e ferramentas para a construção de casas e maquinarias; alguns engenhos e alambiques para produzir açúcar e aguardente, e várias outras facilidades ou regalias.

Em suma, pediu, pediu e voltou a pedir. E Lisboa acedeu aos seus pedidos: abriu um crédito de 18 contos a sacar sobre o ministério e a ser autorizado posteriormente em sede de Cortes, e concedeu a uma comissão que devia funcionar no Recife e integrar, entre outros, o próprio Bernardino e o cônsul Moreira, carta-branca para tratar da organização da expedição.

Fora ele a alma daquela comissão e nela trabalhara porfiadamente. De início tinha apontado o mês de Abril para levantar ferro, com a ideia de chegar a Moçâmedes em plena seca, pois era voz corrente que essa seria a altura perfeita para a distribuição de terrenos, dando tempo para que se preparassem os campos enquanto não chegavam as primeiras chuvas. Contratemplos vários tinham feito adiar a viagem cerca de um mês e só agora, no fim de Maio, a *Tentativa Feliz* iria partir com cento e quarenta e três colonos no seu bojo. Outros vinte e três fariam a travessia a bordo do brigue *Douro*, da Armada, que fora destacado para escoltar os viajantes.

Bernardino respirou fundo quando o rapaz muito magro lhe devolveu os papéis já lacrados – como combinado, o guarda-mor prescindira da inspecção ao navio – e levantou-se, preparando-se para sair. Despedia-se do funcionário da alfândega quando ouviu os tiros de canhão e calculou que fosse o brigue a anunciar a sua partida, disparando uma salva de cortesia. O cônsul Moreira vinha a entrar no edifício da alfândega no momento dos disparos e parou por momentos à porta a observar as saudações navais da praxe.

- Lá vai o brigue – informou, quando Bernardino chegou a seu lado.
- Não era sem tempo, Joaquim. Já vamos com um mês de atraso.
- Sim, mas tu sabes que a culpa não foi nossa. As coisas atrasaram-se lá em Portugal... O ministro da Marinha teve pouco tempo para nós.

Bernardino concordou.

– Pois foi! Teve muito trabalho... Parece que 48 foi ano de mocada nas Cortes e bexigas em São Tomé...

O cônsul riu-se e de seguida tomou o braço do amigo, caminhando com ele em direcção ao porto.

– Bom, isso agora não importa. Adiante se lidará com esse percalço. Está tudo preparado?

– Está. A barca vai atravancada de carga e comedorias, com toda a gente muito apertada. Vai ser uma viagem difícil mas, quando há ânimo, tudo se faz – afiançou Bernardino vendo que, por trás do cônsul, a jangada se despegava do cais, levando os últimos caixotes.

– Pois, talvez se faça, sim... – admitiu o cônsul, sempre céptico. – Mas vai ser difícil lá em África, Bernardino. Olhos abertos porque aquilo é terra de selvagens.

– Lá estás tu... Selvagens também eram os gentios brasileiros e o nosso grande Vieira, praticamente só, plantou no meio deles o estandarte da civilização – ensinou Bernardino, a quem os excessos de cuidado do cônsul irritavam um pouco. – Eu tenho confiança – garantiu, encaminhando-se para o cais.

– Sim, mas tu és um herói – afirmou o cônsul, seguindo-o.

Ainda que admirasse sinceramente a coragem de Bernardino, Joaquim Moreira não conseguira evitar que a sua voz ganhasse um ligeiríssimo sarcasmo. Vendo bem, não apreciava por aí além os heróis. Num certo sentido eram excepções monstruosas da natureza humana. Os heróis eram uns filhos pródigos da sociedade, que dispunham, em proveito das suas paixões, do ouro, do sangue e da honra do mundo. Para ele, quanto menos heróis, melhor.

O herói abraçou-o, lançando-lhe pancadas robustas nos costados.

– Dá-me um abraço, Joaquim, que a última jangada já lá vai e eu não posso perder o bote. Depois escrevo, meu amigo.

Assim que se soltou dos braços do cônsul, Bernardino correu para o bote que faria o derradeiro transbordo. À sua frente estava um casal de idade, imóvel, hirtos, à beira do cais. Pediu licença e eles desviaram-se humildemente, apoiados nas toscas bengalas, mas sem se virarem nem despegarem os olhos do barquito e de um passageiro que esfregava as lágrimas com um lenço amarfanhado como uma rodilha na sua mão direita. Bernardino percebeu que era um filho que se despedia dos pais, demasiado velhos para enfrentarem a viagem, e sentiu uma pena infinita daquela gente. Imaginou os dois velhos, cortados de rugas e roídos de

saudades, a viverem o que restava das suas vidas sem um amparo. Por instantes a sua brilhante colonização tingiu-se do tom sombrio das lágrimas e do sofrimento das pessoas. Mas logo varreu esses sentimentalismos da ideia com um assomo de energia e uma frase seca e dita entre dentes:

– Nada se faz sem sacrifício.

Ainda assim, entrou respeitosamente no bote, como se estivesse a profanar solo sagrado, e sentou-se no banco traseiro, ao lado do passageiro que chorava. Quando os remos começaram a puxar o barquinho em direcção ao navio, o velho imóvel na ponta do cais levantou a sua bengala numa derradeira saudação e o filho, virado para trás, só despegou os olhos dele quando o bote acostou à barca. Foi nessa altura que Bernardino, sem dizer uma palavra, lhe passou um braço comovido sobre os ombros, estreitando-o contra si para lhe dar alento. Depois, ergueu-se num repente, subiu pela escada lateral e deu consigo num convés repleto de gente. Eram dezenas de homens rudes e algumas mulheres caladas, que abriram uma clareira em seu redor, olhando-o com um respeito silencioso, como se aguardassem ordens. Alguns tinham vestido as suas melhores roupas, por cima do encardido dos corpos; outros estavam em mangas de camisa e tamancos, e continuavam agarrados às suas pás ou enxadas, no medo de que lhas roubassem. Para muitos pernambucanos, aquilo era um cortiço de labregos que para ali estava, compacto e boçal, desconfiado e receoso, oscilando sem jeito no suave balanço da embarcação. Mas para Bernardino eram os seus colonos. Percebia-lhes na cara a esperança mas também a imensa apreensão, e sentiu-se na obrigação de lhes incutir ânimo. Com licença do capitão, subiu para o castelo de popa e dirigiu-se à multidão comprimida no convés:

– Estamos a 23 de Maio de 1849. Gravem esta data a fogo nas vossas memórias e nos vossos corações, porque é a data de um recomeço – disse, quase como se fizesse uma proclamação de independência. – Todos nós gostaríamos de ter saído antes, mas os Brasileiros gostam tanto de nós que não nos queriam deixar partir.

Os circundantes riram, descomprimindo as várias ansiedades. Quando os risos se esbateram, Bernardino prosseguiu:

– Não temam, meus concidadãos. Vamos para uma terra imensa, cheia de frondosos bosques, banhada por grandes rios e coberta por um sol criador – prometeu, erguendo os braços ao céu para sublinhar a promessa. – Sim, já sei que há quem receie doenças, mas aquilo não é

nenhuma bicha-de-sete-cabeças. O país não é tão doentio como por aí se diz, o que ele precisa é de ser habitado. E nós vamos habitá-lo – proclamou.

Depois, tirou o chapéu da cabeça e agitando-o bem ao alto, na mão direita, gritou a plenos pulmões:

– Viva a colónia de Moçâmedes e viva a rainha de Portugal.

A multidão desprendeuse numa aclamação unânime e os rostos inquietos abriram-se em largos sorrisos. O brigue já partira, e agora a barca manobrava para se lhe juntar, fazendo uma longa curva que a levou a cruzar em frente do cais. O pontão de madeira estava cheio de portugueses que tinham ido despedir-se e desejar boa viagem e boa sorte. Os homens descobriam-se e acenavam com os chapéus na mão e as mulheres agitavam lenços brancos; algumas crianças pulavam de excitação, outras estavam paradas, atónitas com o acontecimento. O cônsul também lá estava, abanando o seu corpo gordo num desajeitado adeus.

Olhando aquela mole humana, Bernardino não resistiu a um último encorajamento – ou seria antes uma provocação? – e, pondo as mãos em concha em redor da boca, gritou para terra:

– Adeus, patrícios! Fiquem bem por cá. Mas se quiserem viver livres sacudam as correias dos sapatos, tomem o bastão de peregrino e emigrem como nós – recomendou, rindo e agitando os braços.

– Tanta gente a ver-nos partir – admirou-se Benedita, que se encontrava ao seu lado esquerdo, observando tudo pelo braço de José Leite.

Bernardino concordou.

– Uma multidão! Velhos e moços, donas e donzelas, como dizia o nosso Camões.

Nesse momento, uma grande águia-pescadora cortou o céu, inesperada, e lançou-se num voo picado, afugentando as gaivotas que seguiam no encalço do navio. A águia deu duas voltas em torno do mastro grande e depois bateu as suas poderosas asas subindo em direcção ao sol e desaparecendo na sua luz intensa.

– Isto é um bom presságio – assegurou Bernardino, vibrando de satisfação. – Se eu fosse um áugure na Roma Antiga, diria que Júpiter nos ajudará a realizar os nossos sonhos.

Benedita ficou extasiada com os conhecimentos daquele professor. Depois desprendeuse do braço do marido e ficou a olhar as águas, imersa nos seus pensamentos.

-
- 1 Construção típica de dois ou mais pisos em que, por norma, o comércio se localizava no piso térreo e a moradia nos andares superiores.
 - 2 Por analogia com o assassinato de milhares de protestantes ocorrido em Paris e noutras cidades francesas, em 1572, e que ficou conhecido como a matança de São Bartolomeu.
 - 3 Vendedora ambulante.
 - 4 Simão da Luz Soriano, *História do Cerco do Porto*, 2 vols., Lisboa, 1846-49.

A Terra Prometida

Chovia torrencialmente em Lisboa naquele dia 12 de Junho de 1849 e as bátegas inesperadas tinham alagado as ruas, tornando o trajecto mais demorado do que era costume. O barão de Vila Nova de Ourém, o novo ministro da Marinha, foi um dos que chegaram atrasados à Câmara dos Deputados e, ao entrar na assembleia, ainda a sacudir a água da sobrecasaca, percebeu que a questão já se debatia. Enquanto o seu colega dos Negócios Estrangeiros – que, na sua ausência, tomara a defesa da proposta –, ia falando nas vantagens que podiam extrair-se da colonização em Moçâmedes, o barão tomou assento ao lado do ministro do Reino e segredou-lhe, compungido:

– Um contratempo familiar e esta inesperada chuva... Quase Verão e levamos com isto em cima! A Calçada do Combro estava atravancada de seges – justificou-se, protestando com um gesto de mãos. – Já começou há muito?

– Dez minutos – sussurrou o outro, com ar seco e reprovador.

O barão suspirou e ajeitou-se na cadeira a tempo de ouvir o seu colega dos Estrangeiros terminar apressadamente o seu discurso para lhe endossar a defesa daquela dama.

– Entretanto, já vejo na sala o senhor ministro da Marinha, meu nobre e honrado amigo, que bem melhor do que eu poderá responder às perguntas desta Câmara.

Vila Nova de Ourém viu que o deputado Rebelo da Silva tomava a palavra e começou a preparar o espírito para as objecções que teria de desmontar se quisesse levar por diante aquela medida para as colónias. Rebelo da Silva era um jovem que chegara recentemente às cadeiras parlamentares, mas já se fizera notar pela sua oratória veloz e verbosa. Assumia-se como um homem favorável à Marinha e às possessões africanas, mas isso não dava qualquer garantia de que não atacasse a proposta. Portugal era um estranho país, em que quem hoje propunha

uma coisa, estando no Governo, amanhã se opunha a essa mesma coisa, ao passar para a oposição. Sempre fora assim e se calhar assim continuaria a ser pelo tempo fora, e o país lá ia chiando neste vaivém de antagonismos e irresoluções.

– Senhor presidente, não vou tomar muito tempo à Câmara – advertiu Rebelo da Silva. – Ninguém mais do que eu deseja ajudar as nossas possessões ultramarinas, mas perguntarei se é neste momento em que a agricultura em todo o continente se ressentida da falta de braços, se é neste momento, repito, que se deve votar um crédito suplementar ao Governo para ir fundar uma colónia em Moçâmedes? – perguntou, retórico, lançando o seu coruscante olhar em redor. – Eu sou amigo das colónias mas não quero povoar climas distantes, deixando aqui desertos os campos. Sei a máxima do Evangelho que manda amar o próximo como a nós mesmos; porém, mais nunca ele mandou.

Sentado na galeria pública das Cortes, Luz Soriano alheou-se por momentos da sessão que decorria lá em baixo e releu a carta que, ia agora fazer um ano, o professor do Recife escrevera ao ministro. Soriano ainda se lembrava da perplexidade e da esperança que sentira ao ler pela primeira vez aquela carta. Bernardino de Figueiredo era um patriota e um homem de ideias generosas e largas. Ele e o cônsul de Pernambuco tinham estudado os documentos que lhes havia enviado e tinham escolhido muitíssimo bem. O porto de Moçâmedes era na verdade o mais sadio dos portos de Angola, tinha bons ares e já possuía alguma organização, que o Governo se esforçava por melhorar. Deus permitisse que as Cortes não obstruíssem o caminho daquele grande passo. E Deus permitisse também que o barão de Vila Nova de Ourém, que agora falava respondendo a Rebelo da Silva, fosse suficientemente esclarecedor e convincente.

– Na altura em que veio o pedido de auxílio dos nossos compatriotas, as Cortes não estavam abertas, houve Conselho de Ministros e resolveu-se dar-lhes todo o apoio – informou o barão, na sua voz cheia e pausada. – Compraram-se três engenhos de açúcar e alguns instrumentos agrícolas e fretou-se um navio para os transportar. A expedição deve estar no mar há duas ou três semanas – previu. – Senhor presidente, ilustres deputados – continuou, rodando sobre si próprio num movimento de leque para encarar toda a Câmara –, tem-se dito nesta casa que o Governo não procurava fomentar o progresso nas nossas possessões ultramarinas e, agora que se apresenta uma medida para o estabelecimento de uma colónia, há quem se recuse a apoiá-la com o

argumento de que a despesa vai embaraçar o Tesouro. Ora, isto é o espírito de oposição velha e relha, que não é desta época...

– Se é velha, é sua – disse, lá do fundo, Correia Caldeira.

A Câmara ressoou de risos que se prolongaram apesar dos pedidos de ordem do presidente. Assim que a diminuição do ruído da sala lho permitiu, Vila Nova de Ourém contra-atacou:

– O ilustre deputado mostra bem como aqui se têm consumido sessões inteiras em puro prejuízo do país, querendo unicamente fazer-se espírito e não se tratando de discutir os assuntos. Eu não admito chocarrices em questões graves.

Um coro de apoiados atabafou por completo os risos que ainda sobreviviam. O barão mal se sentara e ainda não fruía completamente o apoio recebido e já o deputado Lopes de Lima pedia a palavra.

Na galeria, Soriano inquietou-se. Conhecia bem aquele oficial da Armada, um pouco mais velho do que ele, e sabia que era um orador temível, desassombrado e um defensor das colónias, que conhecia bem pois visitara-as em diversas missões navais. Mas o velho marinheiro era um original, um homem a quem os nervos se crispavam por tudo e por nada e cujas ideias eram um pouco erráticas, e Soriano temia sempre os seus discursos radicais e inflamados que, mesmo com as melhores intenções, costumavam prejudicar as causas que queria ajudar.

Mas Lopes de Lima já se lançava no seu voo:

– Senhor presidente, o Governo pede-nos 18 contos de réis. Mas p'ra quê? – interrogou, abrindo os braços. – Se é para as despesas já feitas é muito; se é para as despesas a fazer é uma ridicularia. O Governo imagina que é só chegar com aqueles homens a Moçâmedes e pô-los na praia com os engenhos ao pé de si? Isto não é uma tribo gentílica que vai estanciar em Moçâmedes. É gente civilizada e cristã. Tem de se lhes dar mantimentos, gados e escravos para trabalhar a terra, porque os brancos não podem suportar o sol da África. Ora, pode fazer-se isto tudo com 18 contos? Decerto que não – concluiu, por entre apoiados. – Queremos levantar uma colónia em África ou um abarracamento de cubatas?

A Câmara riu e Lopes de Lima fez um compasso de espera. Mas logo retomou o discurso, arrancando mais risos:

– O Governo manda fazer uma colónia em Moçâmedes como o meu amigo Lopes Branco mandou fazer uma barca para o rio Sado.

A intervenção de Lopes de Lima desagradou a gregos e troianos e, como era de esperar, acirrou os ânimos e desenferrujou as línguas da

oposição. Pois com tanto aperto orçamental no país ainda havia quem não se contentasse com 18 contos e quisesse mais para fundar uma colónia? O ruído de fundo cresceu, apesar das intervenções do presidente para manter a ordem, e o número de braços levantados a pedir a palavra multiplicou-se. Uns censuravam a Câmara, acusando-a de mesquinhez. Um país que não tinha 18 contos para fundar uma colónia era melhor deixar de ser nação, decretava Trigueiros. Não era mesquinhez mas sim razoabilidade, replicava Antunes Pinto, que não queria acreditar que a mesma Câmara que rejeitara uma proposta para se darem alimentos a algumas freiras infelizes e desgraçadas fosse agora votar 18 contos para o estabelecimento de uma colónia. E atrás dele vinham vozes indignadas a garantirem que a África era um sorvedouro de dinheiro público e que era necessário pôr cobro às exigências descabidas.

– Mas quem é este Bernardino Figueiredo que pede sem resguardo nem comedimento tudo quanto lhe vem à fantasia? – perguntava Rebelo da Silva, abespinhado. – Quer dinheiro, madeiras, petrechos, e tudo o Sr. Bernardino nos exige com a arrogância de um paxá de três caudas.

A opinião estava muito dividida e, na galeria, Luz Soriano inquietava-se cada vez mais. Lá fora trovejava e o dia pusera-se tão feio, tão negro, que os funcionários vieram acender os candeeiros, como se fazia nas sessões nocturnas. O barão de Vila Nova de Ourém amaldiçoou aquele tempo, a roupa ainda húmida que lhe arrefecia os ossos e os sapatos novos, de Verão, que tinham metido água. Que porcaria de solas! Teria ele metido muita água nos seus discursos? Mantendo o mais diplomático dos sorrisos, rogou pragas à oposição, que em tudo criava um problema, e preparou-se mentalmente para nova intervenção. Soriano, que o conhecia, podia ver que ele estava cada vez mais enfasiado e que ia perdendo a força e a paciência para repetir o que já fora dito de mil maneiras. Não parecia crível que a Câmara reprovasse o pedido do Governo, mas com os políticos portugueses nunca se sabia. Às vezes faziam as maiores parvoíces por romantismo, ou patriotismo, ou lá o que fosse. A discussão eternizava-se, complicava-se, andava por assim dizer a pairar fora do assunto e ele temia pela pobre colónia de Moçâmedes, morta antes de nascer.

Com o tempo a passar, aquele assunto foi-se embrulhando, para inquietação crescente de Soriano e visível cansaço do ministro, até que Fontes Pereira de Melo puxou da sua experiência colonial e, no fim, arrancou os argumentos que acabaram por convencer os hesitantes.

– Ir para o Ultramar é um enorme sacrifício. Não são delícias, como disse aqui um ilustre deputado. O primeiro inconveniente é o de atravessar algumas mil léguas por esse oceano, o que é um grande incómodo. Em segundo lugar, as províncias ultramarinas são quase todas doentias. Benguela, por exemplo, será saudável? – perguntou, com os dois polegares enfiados nos bolsos do colete e o corpo levemente arqueado para trás, como se desafiasse um touro. – Ainda há bem pouco tempo encontrei eu um cavalheiro meu condiscípulo que chegou recentemente de Angola e vem completamente estragado. Sejam generosos com aqueles que vão para lá expor a sua saúde.

Fontes prosseguiu nessa onda de louvor a quem se arriscava nas terras africanas e quanto mais falava mais entusiasmava a audiência. Quando terminou parecia ter-se levantado a sessão porque quase todos, amigos e adversários, foram à porfia felicitá-lo. O presidente esforçava-se por fazer cessar a comoção da Câmara, tocando a campainha para que os deputados reocupassem os seus lugares. No clamor de vivíssimos e prolongados apoiados, misturados com o trovejar e a chuva que prosseguiram lá fora, Cabral Mesquita teve de gritar para se fazer ouvir:

– Rogo a V. Ex.^a que consulte a Câmara para saber se a matéria está suficientemente discutida – pediu, dirigindo-se ao presidente.

Julgou-se discutida e seguidamente foi aprovada a proposta por uma confortável maioria. O barão de Vila Nova de Ourém respirou de alívio, distendendo os pés molhados dentro do desconforto dos sapatos. Lá em cima, Luz Soriano levantou-se. Os seus olhos tristes e baços acenderam-se num lampejo fugidio e os lábios geralmente cerrados encurvaram-se num levíssimo sorriso. Depois, inclinou levemente a cabeça para cumprimentar os circundantes, muitos deles redactores de jornais, e abandonou a galeria.

*

Benedita apertou o xaile de algodão em redor dos ombros e debruçou-se na amurada de bombordo para ver melhor os peixes-voadores que passavam ao lado do navio. Eram dezenas ou centenas que esvoaçavam em confusão, saltando alto ou roçando-se pelas ondas para escapar à voracidade de algum tubarão. Havia uns que vinham cair no convés do navio, onde os marinheiros e os passageiros se precipitavam a apanhá-los.

– Isto aproveita-se para o jantar.

A barca parara a pouca distância do brigue *Douro*. Bernardino fora

chamado pelo comandante do brigue para conferenciarem, o que obrigava os dois navios a estanciarem no meio do Atlântico enquanto a conversa decorresse. Alguns passageiros inquietavam-se com aquela paragem imprevista e inexplicada. Um homem pequeno andava nervosamente de um lado para o outro no convés, de mãos atrás das costas, lançando olhares apreensivos a perscrutar os céus. Outros agrupavam-se em magote junto ao mastro grande, falando alto, gesticulando e saturando o ar com mil conjecturas sobre o que estaria a passar-se no brigue.

– Aqui anda coisa... Aqui há novidade – dizia o homem pequeno.

– E não há-de ser boa – agoirava outro, coçando a calva luzidia.

Benedita alheara-se da inquietação geral e parecia tranquila. Deixara-se ficar na amurada a estudar a imagem do navio desenhada nas águas paradas, como num espelho que agora se enrugava e distorcia com a agitação dos peixes. Navegavam havia mais de dois meses e eram tão poucos os divertimentos a bordo que tudo o que escapasse à rotina do dia-a-dia lhe espicava a curiosidade e lhe prendia a atenção.

Os primeiros tempos de viagem tinham sido marcados pelos enjoos e as cantorias, que ao fim de algum tempo se tornaram elas próprias insuportáveis enjoos pois os colonos entoavam constantemente os mesmos hinos, numa lengalenga monótona da qual inexplicavelmente não se cansavam. E, para lá do enjoo, havia o incómodo da viagem. Tudo era estranho e desconsolado naquele abafado xaveco, e nas primeiras noites teve dificuldade em adormecer, apesar do enorme cansaço que sentia. Eram pelo menos três horas deitada, muito quieta na semiobscuridade da coberta, antes de conseguir vencer o desconforto da falta de privacidade e os ruídos que vinham das entranhas do navio. Detestava aquelas lúgubres cavernas onde uma multidão se empilhava, dormindo quase corpo com corpo numa atmosfera de respirações misturadas.

Com o decorrer dos dias foi-se habituando àquele madeiro flutuante e passou a encontrar algum aconchego doméstico nas suas difíceis condições. Os sons do navio a adormecer já não lhe pareciam assustadores, bem pelo contrário. O chiar da lamparina suspensa, que oscilava em consonância com o marulhar líquido do mar a bater nos costados da barca, embalava-a num berço tépido e puxava-lhe o sono. Por vezes conseguia distinguir, à distância, o toque do sino para a mudança de quarto no brigue e aquele tinir puro, acetinado, transportava-a para a memória reconfortante do campanário da igreja

que existia perto da sua casa, no Recife, e ajudava-a a adormecer.

Assim, aos poucos, as noites tornaram-se fáceis e até desejadas, em contraste com os dias, que continuaram a ser longos desertos de ociosidade e enfado, reproduzidos com a exactidão de um relógio. Eram muitas as vezes em que se deixava ficar tempos perdidos debruçada na amurada do navio, de espírito vazio, hipnotizada pelo azul profundo do Atlântico e pelo infindável enrugado da ondulação. Vinha-lhe então um olhar tão absorto que um dia Bernardino de Figueiredo, ao vê-la inclinada para as águas e supondo-a sonhadora, se demorou um pouco ao seu lado, para partilhar do seu encantamento. E, alisando o bigode, filosofou:

– Ai, o mar, o mar... Que imensidão e que mistério, não é?

– É... – concordou ela, sem despegar os olhos das águas. – Se olharmos com atenção vemos sereias e serpentes marinhas.

Bernardino riu com simpatia daquela inesperada imaginação mitológica e por deformação profissional quis puxá-la para a história.

– E vemos portugueses, também... Quantos milhares de portugueses não estarão sepultados neste mar, Benedita... Já pensou nisso?

– Sim – respondeu ela mecanicamente.

– E já pensou que esta viagem também faz parte da história heróica de Portugal?

Ela concordou com a cabeça mas na verdade não pensava nisso. Eram pensamentos demasiadamente longínquos e profundos para si. O seu espírito continuava envolto num nevoeiro de ideias e de sentimentos dolorosos, que procurava dissolver em raciocínios leves e várias distrações. O que mais gostava era de ajudar as outras mulheres a tratarem dos filhos. Às vezes pegava-lhes ao colo, embalava-os e tinha um doce prazer em sentir aqueles corpinhos junto ao seu peito. Punha-se-lhe na expressão um sorriso embevecido e dava suspiros fundos e reparadores. De tempos a tempos, avistavam-se outras embarcações, à distância, e Benedita prolongava-se em devaneios, imaginando que ia nessas embarcações para destinos muito mais risonhos e acolhedores do que o que a esperava na costa de África. Outras vezes, a vida marinha vinha quebrar a melancólica uniformidade do Atlântico e ela entretinha-se a ver as baleias que vinham à superfície resfolegar, espadeirando as águas com as grandes barbatanas da cauda e expelindo muito alto uma coluna de espuma branca, por vezes tão próximo do navio que lhe molhavam as velas e o convés. E assim ia distraíndo os seus dias e o seu espírito o melhor que podia.

Uma tarde formou-se uma nuvem espessa e escura no horizonte e ela alarmou-se com a perspectiva de uma tempestade.

– Vem aí vento rijo, menina – avisou-a um marinheiro. – É melhor ir para baixo.

De facto, à medida que o céu escurecia, o vento soprava com mais intensidade e a tripulação movia-se aceleradamente, impulsionada pelas ordens do contramestre:

– Arria! Arria o velacho... Arria a bujarrona!

Puxavam-se cabos, tomavam-se as velas e o céu ia-se abrindo numa chuvada intensa. Num instante a trovoada caiu, dura. O clarão de um raio ofuscou-a e rasgou a atmosfera com um estrondo de pascar. Empurrada pela ventania e pelas vagas, a barca oscilava de um lado para o outro, mergulhando os costados na cava das ondas. Agarrada a um cabo para não se desequilibrar na escada da escotilha que levava ao convés, Benedita viu os mastros a vergarem sob o uivo zangado das nuvens, sentiu o sacudir desesperado das velas lutando contra as rajadas e ouviu os gritos da maruja. Teve o vislumbre do que era uma tempestade em mar alto, e tomou-se de um misto de pavor e de deslumbramento que a impediu de arredar pé da escotilha.

Mas, tal como chegou, a tempestade foi-se. Com o horizonte a limpar-se e a brisa a voltar, o capitão deu ordem para largar novamente as velas, que a ventania obrigara a arriar, e Benedita voltou ao convés alagado para assistir ao lento deslizar do navio naquela imensidão azul. Soube, depois, que na fugaz borrasca se tinham despregado as tábuas do forro do porão e que o navio, de má construção, começara a fazer alguma água. Mas nada que as bombas de bordo não resolvessem – disseram-lhe – e por isso não se inquietou.

O único verdadeiro perigo por que tinham passado fora a epidemia de bexigas. No princípio de Julho várias das pessoas que viajavam na segunda coberta caíram à cama com febre, dores de cabeça e vômitos violentos. Dias depois apareceram com manchas na pele. Comunicaram por sinais ao brigue *Douro* o que se passava e o médico da Armada foi a bordo da barca para acudir aos enfermos. Benedita, que ficara junto do marido e de Bernardino, na popa da barca, pôde ouvir o seu diagnóstico:

– Isto é varíola, Sr. Bernardino Figueiredo.

– Não me diga, Dr. Franco... Mas como é possível?

– As condições de higiene, talvez... – alvitrou o médico, pensando que a barca, a abarrotar, devia ter ajudado à propagação da epidemia. – Seja como for, temos de isolar esta parte do navio.

O rumor de que havia uma epidemia a bordo correu veloz entre passageiros e tripulantes, gerando um estremecimento de alarme em gente que se sentia encurralada naquela enxovia e envolta num ar contaminado. Chegou a haver mais de cinquenta doentes, que muito trabalho deram ao barbeiro sangrador. O terror era palpável e as pessoas rezavam com mais frequência e fervor. Ouvia-se, a cada passo, entoar o *Bemdito* e todo o navio ressoava num murmúrio de orações, como o interior de uma igreja. Alguns, vendo a morte a adejar em volta da barca, faziam promessas a Nossa Senhora dos Remédios. E talvez esses votos piedosos tivessem resultado pois a doença ficou contida, apesar de ter custado a vida a três adultos e cinco crianças.

Bernardino sofreu pelos seus colonos mortos e em especial por um deles, um homem solitário e calado que a bem dizer ninguém conhecia. Ao ver a sua comoção, José Leite perguntou-lhe se acaso era seu parente ou amigo, mas o professor negou abanando tristemente a cabeça.

– Nem sequer lhe sei o nome – confessou. – Mas nunca mais me esqueci da forma comovida como este homem se despediu dos velhos pais, no cais do Recife.

Benedita gostava de Bernardino de Figueiredo porque, ao contrário dos outros homens que conhecia, este não escondia os seus sentimentos nem os seus sofrimentos. Havia um lado humano em Bernardino que estava ali à flor da pele, tão próximo e evidente que era quase possível tocá-lo com a ponta dos dedos. Às vezes ela imaginava-se a pedir-lhe que a abraçasse com força, que a estreitasse contra o seu peito, apenas para transmitir algum calor à insuportável frieza da sua vida.

Como era de calcular, o professor não escondeu o seu pesar durante a cerimónia de enterro no mar, chorando ao proferir a oração fúnebre:

– *Fugaces, Posthume, Posthume. Labuntur anni; nec pietas moram...* Este nosso companheiro percorreu demasiado depressa o trilho da vida. O seu desaparecimento é mais um aviso da Eternidade contra as vaidades do mundo, onde nada é duradouro – concluiu, com a voz embargada.

Benedita deixou-se comover pela cerimónia e pela comoção daquele homem que podia ser seu pai e chorou com ele, ignorando as palavras do marido, que a seu lado lhe sussurrava reprovações:

– Cala-te, parva. Não te eram nada!

Sofreu com o sofrimento de Bernardino e sofreu ainda mais com o som dos corpos a resvalarem nas padiolas e a caírem desamparados, com um baque surdo, na água. Impressionou-se sobretudo com aqueles cinco corpinhos hirtos, envoltos em lençóis, que os marinheiros

confiavam às ondas. Ela, que tanto ansiava por uma criança, podia imaginar a dor e o desespero das mães que assim as perdiam, ceifadas pela varíola.

– Que lástima... – lamentou, num soluço, regressando das suas recordações e tocando disfarçadamente no seu ventre, ainda vazio. – Que desgosto!

A varíola fora o único verdadeiro perigo e o único momento de luto. De resto, nenhuma novidade houvera e a viagem ia-se arrastando dia após dia, com os dois navios a moerem lentamente a imensidão do mar sem que quase nada perturbasse a sua marcha monótona.

Olhou para um novo cardume de peixes-voadores que galopava nas águas e deixou-se ficar perdida numa névoa de mágoas e emoções. Ao fim de algum tempo desprende-se da amurada e regressou à cobertura. Fê-lo por irritação nervosa e porque não podia continuar indefinidamente no mesmo sítio, a olhar aquelas águas escuras.

Estranhava sempre que passava do ar lavado do convés, varrido pelo vento e pela espuma do mar, para a atmosfera densa e carregada da cobertura, onde o cheiro acre dos corpos que ali se apinhavam havia mais de dois meses ficava eternamente a pairar. De tempos a tempos a tripulação fumigava aquele espaço e lavava-o com vinagre, mas o cheiro a sujidade regressava logo de imediato, como se se tivesse emboscado em parte incerta para assim sobreviver à desinfecção. Apesar de tudo, não obstante o cheiro e o calor abafado, havia naquela cobertura uma luz coada e um aconchego que a recebiam como um colo materno ao qual gostava de regressar sempre que o ar livre se tornava demasiado frio e desolado para o seu coração.

Enquanto descia, absorta, para a cobertura deu por si a pensar na sua vida. Os pais tinham morrido havia pouco mais de um ano e desde essa altura tudo mudara a uma velocidade estonteante e em tantas e tão estranhas direcções que era como se pura e simplesmente não houvesse qualquer direcção no seu caminho. E isso punha-lhe uma angústia insuportável nos dias. Se as coisas se tivessem passado como seria de esperar, ela estaria agora em Portugal, a conhecer a família, ou, então, numa chácara em Pernambuco e não a meio do Atlântico, casada com José Leite de Albuquerque. Que estranha mão guiara o seu destino até àquele homem, àquele barco e àquele mar, e que iria ser de si? Sentiu-se ainda mais perdida do que o costume, como se fosse um ponto no meio do nada, e um medo indizível fez-lhe estugar o passo.

Ao entrar no compartimento reservado às mulheres surpreendeu uma

mãe que, julgando-se sozinha, ria com o seu pequeno bebê, e naquele enquadramento aquilo pareceu-lhe o mais terno som de contentamento que havia à face da Terra. Veio-lhe então uma inveja e o desejo de trocar de vida com aquela pessoa. Quanto não daria para ter alguém que amasse, alguém a quem se dedicar? Quanto não daria para ter uns braços que a acolhessem? Recuou pé ante pé para não perturbar a cena e, depois, encostada a um dos barrotes que sustentavam o tombadilho, teve pena de si e chorou baixinho.

– Está a voltar – gritou alguém, no convés.

José Leite de Albuquerque ouviu o aviso e subiu as escadas da escotilha, acercando-se da amurada a tempo de ver o bote acostar a bombordo da barca.

– Sabes o que se passa, José? – perguntou-lhe o homem que gritara.

Ele negou com a cabeça e resmungou qualquer coisa incompreensível. Nos últimos meses tinha trabalhado de perto com Bernardino na preparação da viagem e algumas pessoas viam-no como uma espécie de subchefe da expedição, o que o envaidecia. Mas não estava por dentro de tudo pois o professor era cioso do seu estatuto e tomava muitas decisões sem o consultar. Aliás, nos últimos tempos, a relação entre os dois tinha esfriado bastante. Bernardino de Figueiredo metia-se demasiado na sua vida, dava-lhe conselhos que ele não lhe pedira, e José Leite não era homem de muitas conversas nem para ir às boas.

Voltou a olhar para baixo e viu o escaler ainda a balançar no embalo das ondas, enquanto os remadores o prendiam nas roldanas e se preparavam para o içar. A cerca de 50 braças, o brigue que desfraldara as velas e içara a âncora começava a mover-se. Os vinte e tal colonos que nele viajavam tinham-se agrupado na popa e acenavam tristemente, como se a separação fosse definitiva.

Bernardino subiu lesto e, chegado ao convés, conferenciou em primeiro lugar com o capitão da barca.

– Vamos separar-nos. Eles vão à nossa frente – informou.

– Ora até que enfim – bramou o capitão. – Já estava farto de ter esta aventesma sempre à nossa roda... Barco do Inferno!

O capitão era um homem de maus modos. Grunhiu mais duas ou três coisas e afastou-se de imediato, abrindo caminho através da roda compacta de colonos que, inquietos, tinham enxameado em seu redor para escutar a conversa.

– Vão afastar-se? – perguntou José Leite. – Porquê, Bernardino?

– Já estamos perto, José. Como este mar é manso achámos que era melhor o brigue seguir a todo o pano, para ir avisar as autoridades de Moçâmedes de que estamos quase a chegar.

– E não é perigoso ficarmos sozinhos? – quis saber Benedita, que também subira da coberta e ouvira a parte final do diálogo.

Bernardino ia a responder-lhe mas José Leite atalhou logo, com dureza:

– Desce para a coberta. Isto não são conversas para ti.

Ela obedeceu de imediato, virando costas e afastando-se. E ao vê-la retirar-se assim, humilhada, Bernardino sentiu uma onda de indignação e o impulso de intervir. Aquela ordem bruta de José Leite surpreendia-o e incomodava-o. O José Leite que se lhe vinha revelando nos últimos tempos diferia bastante do que ele conhecera, ou julgara conhecer, em Pernambuco. Tinham trabalhado juntos, com afinco, na Comissão. José Leite era um homem mais expedito e enérgico do que o cônsul Moreira e foi o seu principal ajudante na organização da expedição a Moçâmedes. Trabalhou tão enérgica e eficazmente que ele lhe propôs sociedade em todos os empreendimentos que viessem a ter em África – o que o outro prontamente aceitou. Teria sido uma proposta arriscada e precoce? Na altura não lhe pareceu. Era verdade que o futuro sócio era um homem abrutalhado mas Bernardino, que se achava bom fisionomista, acreditava que por trás da sua má catadura, por trás daquela ríspida bocarra de lobo, havia a bondade e a lisura de um cordeiro.

Em Pernambuco sentia-se unido a José Leite por grande amizade, irmanados no combate como Castor e Pólux, e estava pronto a pôr as mãos no lume por ele. Não tinha dúvidas de que aquele homem era o tipo mesmo da lisura e do escrúpulo: um Egas Moniz de barão ao pescoço! Mas nessa altura José Leite era sozinho e solteiro – ou pelo menos ele via-o assim. Agora via-o casado, e o aparecimento daquela mulher a seu lado tinha mudado substancialmente a luz e a perspectiva das coisas. No decorrer da viagem de barco para África, Bernardino começara a interessar-se por Benedita. Conhecia, naturalmente, a sua história, a tragédia que tinha vivido, e admirava a sua tenacidade, a sua capacidade para sorrir no meio de tanta desgraça. Era sem dúvida a pessoa mais educada que seguia naquele navio e com ela podia falar de coisas interessantes, ou que, na voz dela, se tornavam interessantes, ganhando outra luz e cor. As coisas que ela dizia tinham encanto, mesmo quando eram banais, e a sua curiosidade por tudo o que a

rodeava tinha uma frescura e um entusiasmo que o extasiavam e enterneciam.

Cedo reparou na sua beleza. Uma manhã tocou-lhe sem querer no corpo. Descia a escada da escotilha, em ligeiro desequilíbrio, quando ela estacou de repente à sua frente, não lhe deixando outro remédio senão apoiar-se nas suas costas. Sentiu-lhe os músculos dorsais fortes e saudáveis e os ombros generosos e receptivos, adivinhou-lhe o peito firme e as coxas duras. Desfez-se em desculpas, abençoando secretamente o desequilíbrio, e ela sorriu, sem malícia.

Benedita recordava-lhe Henriqueta, o amor da sua juventude. Tinha as mesmas mãos, o mesmo riso, os mesmos suspiros, o mesmo olhar vivo. E, tal como Henriqueta, Benedita punha-lhe no peito uma estranha vibração. Através dela recuperava calores de mocidade e percebia coisas que antes não vira. Uma dessas coisas era José Leite. O sócio parecia-lhe agora irremediavelmente embrutecido: não guardava os melhores bocados para ela, desconsiderava-a, tratava-a com indiferença ou violência.

A bem dizer nada disso era novo ou inesperado. Sempre soubera que José Leite era um bruto. Mas, para além de grosseiro ou rude, percebia-o agora como falso ou, até, malévolo. Descobria-lhe uma perversidade argelina na forma como ele lidava com a mulher e dir-se-ia que fazia de propósito para a humilhar em público e para ela sofrer e chorar. Gostaria de poder intervir para a proteger, mas ninguém o tinha constituído boticário de remédios conjugais, nem a sua relação com José Leite era íntima a ponto de o pôr em posição de fulminar censuras.

Por isso continha-se. O facto, porém, é que aquela conduta malvada e negra perturbava-o, contundia-lhe com os nervos. Ainda não percebia bem se começara a antipatizar com José Leite porque simpatizava cada vez mais com a mulher dele, ou se havia razões mais fundas para a antipatia e a desconfiança. A verdade é que já não sabia se podia fiar-se naquele homem. Iam longe os dias em que teria posto as mãos no lume por ele.

Avistaram terra uma semana depois. Estava uma manhã enevoad e foi aos poucos que a baía se destacou da bruma e que a povoação de Moçâmedes se definiu perante os olhos dos colonos.

As pessoas acumulavam-se na proa da barca, acotovelando-se na ânsia de ver melhor, de ver primeiro do que o vizinho, e Benedita, que não gostava de apertos nem de ajuntamentos, deixou-se ficar mais atrás,

a meio da amurada de estibordo. Dali sempre via alguma coisa e estava suficientemente perto da proa para, com o vento a favor, ouvir o que Bernardino de Figueiredo ia dizendo.

O professor falava do local como se o conhecesse de outras viagens. Percorrera-o nas gravuras e mapas que estudara minuciosamente e esse conhecimento, aliado à sua prática lectiva, permitia-lhe desempenhar na perfeição o papel de cicerone. Num arrebatamento, deixando-se levar pela emoção da iminente arribada e pela concretização do seu sonho, empoleirou-se na amurada, agarrado ao cordame. Inclinado sobre as águas que a quilha rasgava velozmente, ia apontando e identificando o que se aproximava dos olhos de todos e pareceu a Benedita uma espécie de audaz corsário revelando à sua gente o plano de ataque a uma Maracaíbo repleta de fortunas a saquear.

– A ponta rasa e escura que está lá ao fundo, à vossa esquerda, é a ponta do Giraúl – disse ele, esticando o braço em direcção ao Norte. – E aquele monte alto e pedregoso, à vossa direita, deve ser a ponta do Noronha... A grande construção é o Forte de S. Fernando, claro... Conseguem ver a nossa bandeira? Vêem? – Fez uma pausa como se esperasse uma resposta e logo continuou, apontando para uma mancha de vegetação à esquerda das casas. – Ali naquele oásis deve ser a foz do rio Bero.

Atrás de Bernardino, em silêncio, as cabeças dos colonos rodavam de um lado para o outro, seguindo as suas indicações. Algumas mulheres e crianças punham-se em bicos dos pés para espreitar melhor. Os olhos percorriam ansiosos e vorazes os vários locais que iam sendo indicados, como se quisessem ver mais para além do que havia para mostrar. Durante a longa viagem tinham-se construído fantasias e amontoado apreensões e todos queriam apressar a hora de as confirmar ou desfazer. Só Bernardino, que estudara as características das províncias ultramarinas portuguesas e escolhera aquele local para fundar a colónia, parecia não ter qualquer dúvida do que iria encontrar. Por isso, virou-se para os colonos e fazendo um gesto largo, teatral, citou Camões:

– Já sois chegados, já tendes diante a terra de riquezas abundante!

Benedita abanou a cabeça e sorriu, incrédula. A povoação que emergia da névoa não regurgitava de riquezas, nem as prometia. No Brasil, antes de partirem, tinha constado entre os colonos que Moçâmedes possuía matas e isso fora tido como bom sinal, pois no mundo tropical riqueza costumava ser sinónimo de vegetação luxuriante. Mas a única coisa vagamente digna desse nome era aquele

pequeno oásis que Bernardino identificara. Aquilo que, vista de longe, Moçâmedes tinha para oferecer era a aspereza desolada de um tapete de pedra e de areia, sobre o qual se erguiam algumas modestas casas de madeira.

Ainda assim ela não sabia o que pensar daquilo que via. Havia no seu peito um emaranhado de ansiedades e curiosidades, de esperanças e de receios, que não a deixava perceber com clareza. Tantos dias esperara pelo fim da viagem e, agora que esse momento chegara, a única coisa de que tinha a certeza é que sentia um peso a sair-lhe de cima. E ao olhar para os rostos em seu redor percebeu que os outros partilhavam as suas dúvidas e o seu alívio pela conclusão da interminável viagem e pela constatação de que o local, não sendo o paraíso verdejante que os mais optimistas tinham almejado, também não era o intolerável deserto que alguns temiam e profetizavam. Ainda que Moçâmedes não parecesse grande coisa, pelo menos havia naquela aconchegante baía em forma de ferradura telhados e paredes para lhes proteger o sono das feras, da humidade e do vento. O que, para quem andara dois meses e meio no mar, já não era mau.

Estava tão absorta nos seus pensamentos confusos que estremeceu, sobressaltada, com a primeira detonação. O brigue *Douro* – que, soube-o depois, chegara três dias antes –, disparava. Espessas nuvens de fumo branco escapavam-se das suas peças de bombordo, salvando a barca que tinha acabado de fundear na baía. Uma salva de 21 tiros, contou ela, que agredia os ares com estrondo e pólvora. E, logo depois, como se fosse um perfeito eco, a Fortaleza de S. Fernando começou igualmente a cuspir nuvens de fumo branco, respondendo com outros tantos tiros de salva.

O pessoal do brigue já preparava embarcações para transporte dos passageiros e uma cábrea para descarregar os volumes pesados. Junto às casas, os moradores saudavam o próximo desembarque dos colonos com os inevitáveis foguetes. Quatro ou cinco estalaram no ar. Mais abaixo, no princípio da praia, começava a juntar-se gente, que acenava alegremente. Mas na amurada da barca os homens permaneciam estáticos, esfíngicos, numa postura de desconfiada reserva, e só as mulheres retribuíam, agitando os braços em acenos optimistas de quem conta ser bem recebido.

Da fortaleza descia uma pequena fila de pessoas que ia serpenteando em direcção ao mar. Na vanguarda vinha uma comissão de recepção dirigida pelos majores Horta e Garcia, que iam conferenciando

animadamente entre si. O seco e descarnado Garcia desdobrava-se em movimentos, com a veemência gestual dos magros, inclinando-se em persuasões e sorrisos para o major Horta.

– O camarada bem vê... Eu sou o comandante da fortaleza e já cá estou há mais tempo.

O outro retorquiu de pronto:

– Pois, Garcia, mas eu fui nomeado pelo Governo de Sua Majestade para tratar da recepção aos colonos. Devo ser eu a recebê-los, não lhe parece?

– Sim, bem sei, claro, claro... mas na ausência do governador sou eu a autoridade – ripostou o major Garcia num tom queixoso e levemente irritado.

O homem gordo fez um sorriso e cortou o diferendo pela raiz.

– Então, decide-se isto pela antiguidade, à boa maneira militar. Sou eu o mais antigo, não é verdade?

E, indiferente ao abatimento ressentido de Garcia, o major Horta tomou a dianteira num assomo de garbo, com o peito gordo insuflado de ar a avantajar-se momentaneamente à generosa barriga.

Quando os primeiros escaleres com colonos chegaram à praia foi ele quem lhes deu as boas-vindas. Informou-os de que sob sua orientação tinham sido construídos os dois barracões ainda por pintar que se erguiam à direita do forte e onde os desembarcados podiam descansar, hospedar-se e comer, pois havia comida em quantidade para lhes acudir nos primeiros tempos.

– Temos o almoxarifado repleto de víveres, tantos e tão variados que mais parece um maná enviado dos Céus – garantiu.

Depois, virando-se para trás, fez um rápido sinal e uma jovem vestida de branco adiantou-se da pequena fila e veio postar-se frente a Bernardino. E, com os grandes olhos muito abertos e fixos nele, começou a declamar em voz vibrante e agradecida o soneto que o próprio Horta compusera em honra do chefe da colônia:

Vem a nossos braços e recebe
Demonstrações de amor sincero e puro,
Respeito e gratidão que se te deve
Recebe nossos votos... sê seguro.
Que teu heróico nome se conserve
Em nossos corações para o futuro.

A jovem prosseguiu a declamação, pondo ambas as mãos sobre o peito para depois as soltar em gestos alusivos. Bernardino ouviu em

silêncio e com lágrimas felizes a dançarem-lhe nos olhos. No fim, inclinou-se para a frente e beijou emocionadamente a gentil menina. O seu peito encheu-se de um cáldo agradecimento e a sua estatura mediana ganhou a altura que dava o orgulho. Aquele desembarque em Moçâmedes com a sua gente não poderia ter sido mais auspicioso e estava certo de que grandes dias se iriam seguir. Por isso sorria, cumprimentava, gesticulava, providenciava, acorria a toda a parte. E o seu sentimento de satisfação transmitia aos outros uma espécie de exalação benévola e contagiante. A boa recepção caíra fundo no coração dos recém-chegados, que transbordavam de alegria e de energia, e viam quase tudo carregado de prenúncios favoráveis.

De acordo com o major Horta, estabeleceu-se que cada colono cabeça de casal teria direito a uma porção de terreno para edificar a sua habitação no perímetro da povoação, e impulsionados pelo entusiasmo dos primeiros dias muitos empenharam-se em tarefas de construção. Moçâmedes revolveu-se, então, numa azáfama de formigueiro. Os carros de bois iam e vinham, com o rodado a chiar, carregados com junco e tábuas. Havia um bulício constante, um rumor de estaleiro que enchia a baía, subindo o declive do terreno para se ir esbater nas terras do interior. Com a ajuda dos carpinteiros de machado, ferreiros, calafates e mais artífices que vinham nos navios, levantaram-se barracões e oficinas – uma olaria aqui, uma carpintaria acolá – e edificações a que os colonos pomposamente chamavam casas. Não eram mais do que barracas de pau-a-pique, cobertas de palha ou de ramos de palmeira, e amarradas com mateba ou cordas de cascas de árvores. Mas eram o bastante para acolher o fogo sagrado de cada lar e para abrigar os ocupantes das injúrias do tempo.

Houve muitos que, estimulados por ideias de fertilidade e abundância, começaram logo a cultivar as suas hortas. Num labor frenético, de sol a sol, plantaram feijão, batata, hortaliças, como se quisessem reproduzir ali, instantaneamente, as courelas do Minho ou da Beira. Outros entremeavam os cultivos europeus com mandioca, bananeiras e mangueiras, na esperança de trazer um pouco do Brasil para novas paragens. Todos sonhavam com pomares luxuriantes e viçosos, com longas alamedas de árvores frondosas que cobrissem aquela terra de sombras e frescura.

E foi envolto nesse esperançoso sonho colectivo que Bernardino partiu para Luanda, onde iria escolher boas sementes e conferenciar com o governador-geral.

Bernardino voltou dois meses depois, sempre a transbordar de entusiasmo. A viagem ao Norte correrá bem e a sua vontade de partilhar os sucessos que aí conseguira era tanta que reuniu de imediato os colonos no grande terreiro à saída da povoação para lhes dar a conhecer o resultado das suas diligências. Quando achou que o ajuntamento já o justificava, subiu para cima do caixote que encostara à parede do barracão e ficou imóvel, como uma estátua sobre um pedestal. A atenção dos outros concentrada em si dava-lhe calor, envaidecia-o e impulsionava-o para grandes acções. Era assim desde pequeno e às vezes pensava que podia ter sido um grande actor.

Alongando o olhar por cima daquela pequena multidão que aguardava, silenciosa, as suas palavras, Bernardino reparou que a casa de tabiques azuis que servia de escola primária já sorvera pela porta todos os alunos que ainda há pouco saltavam e corriam de um lado para o outro. Que estranho era olhar para uma escola a partir do avesso. O facto é que não tinha qualquer nostalgia do seu tempo de professor. Sentia distância e, até, estranheza, como se esse tempo se tivesse esvaído sem deixar sinal ou como se nunca tivesse sequer existido. A vida de professor ficara irremediavelmente para trás, absorvida num propósito maior. Ali não era um mestre-escola anónimo mas um Moisés disposto a guiar aquela gente e a insuflar-lhe uma alma.

O terreiro que servia de recreio estava agora vazio e silencioso e uma preta lavadeira atravessava-o devagar, no seu andar requebrado, equilibrando uma trouxa de roupa na cabeça. À direita do terreiro, junto a uma pequena barraca de tábuas, via-se um moleque barbeiro a cortar o cabelo a um homem gordo, obedientemente sentado de lençol ao pescoço, e, no silêncio grave que entretanto se pusera, Bernardino quase conseguia ouvir o debicar nervoso da tesoura a desbastar aquelas guedelhas.

Enquanto não lhe chegavam as palavras certas para começar o discurso, olhou de novo a multidão expectante. Sabia o que queria dizer mas precisava que uma bela frase viesse desprender-lhe a língua. O seu olhar resvalou em Etelvino Lúcio, em Francisco Carmelino, depois fixou-se em José Barbosa – que, sentindo-se visado, ergueu de leve o seu chapéu num cumprimento tímido. Viajara com aqueles homens durante dois meses e meio, cruzando o Atlântico de Pernambuco às praias de África, identificava-os pelo nome próprio, conhecia-lhes as famílias, as inclinações e os desejos. Podia dizer que a quatro ou cinco deles até lhes

conhecia os sonhos, o que em gente rude e de poucas falas não era tarefa fácil. E, todavia, naquela manhã morna de Outubro, com uma brisa muito suave que aveludava o ar, os seus companheiros de viagem pareciam-lhe estranhos. Conseguia descortinar nalguns rostos um leve sorriso. A maior parte deles, porém, olhava-o com caras fechadas, secas e desconfiadas, e aqui e além borbulhava um confuso rumor de gente agravada e taciturna.

Seria cansaço? Tinham desembarcado havia mais de dois meses e não seria de estranhar que os primeiros embates com a realidade africana estivessem a cobrar dividendos. Ia começar a falar quando Etelvino Lúcio o interpelou directamente:

– É isto Moçâmedes, Sr. Figueiredo? É esta a Terra Prometida? – perguntou, abarcando com um gesto largo o terreno à sua direita.

Bernardino foi sacudido pela pergunta e ainda mais pelo tom agreste em que surgia. Se bem que mantivesse uma impassibilidade de faquir, sentia-se como um Júlio César cercado de punhais. Era evidente que se dera uma reviravolta durante a sua ausência e José Leite, que não era bom entendedor nem bom conversador, não o percebera e nada lhe dissera a esse respeito.

– É esta a Terra Prometida? – perguntou outra voz amarga e desafiante, no meio da multidão.

Bernardino firmou bem os pés no caixote e olhou para o homem que falara e, por cima dele, para o terreiro. A preta lavadeira tinha parado de andar e ficara especada, como se também ela tivesse interesse em ouvir a sua resposta. Seria aquela a Terra Prometida?

– É claro que sim, meus amigos. Esta terra ainda está por construir e exige esforço – respondeu Bernardino, abrindo os braços como se quisesse envolver a terra toda e desculpá-la. – Mas olhem em vosso redor. Olhem... Vejam... Não pensem no que existe mas no que pode vir a existir. Reparem que aqui os brancos andam corados e robustos. Isso vem da acção benéfica do país. A temperatura não é muito quente, o frio nunca é excessivo. Ou não será assim? – desafiou. – Moçâmedes é a Sintra de África, meus amigos.

– Não é, não – contestou alguém.

– Há por aí muita gente doente... – informou, a medo, José Barbosa.

– Sim, eu sei... – reconheceu Bernardino, contempORIZADOR, alisando os bigodes com a mão esquerda. – Mas oiço dizer que até agora só duas pessoas morreram, uma de garrotilho e a outra da barriga.

Mas logo um homem protestou:

– Morreram dois, mas há trinta doentes. Disseram que esta África era saudável mas é uma porcária tão doentia como as outras.

Bernardino indignou-se e ripostou de imediato:

– Nada disso! Se calhar são os meus amigos que abusam do bom clima de Moçâmedes... Será? – perguntou, olhando em redor. – Se calhar metem-se em lagoas a caçar patos e não evitam o sol à hora mais quente... – admoestou, fazendo uma breve pausa.

Enquanto falava e gesticulava ia medindo o pulso à audiência. Alguns homens agitavam-se, impacientes com aquelas longas e palavrosas explicações. Outros pareciam ser sensíveis aos argumentos e começavam a desarmar e a vir às boas, ouvindo-o com crescente atenção – e ele dirigiu-se sobretudo a esses.

– Meus amigos, acabo de chegar de Luanda, onde fui tratar dos nossos assuntos, como sabem. Falei com o governador-geral, que prometeu todo o apoio à nossa colónia. Aproveitei a viagem para trazer muitas sementes de cana do rio Bengo, para substituir as que trouxemos do Brasil e que apodreceram quase todas na viagem.

– Quando temos as sementes? – alguém perguntou, ao fundo.

– Hoje mesmo serão distribuídas por quem as quiser plantar – prometeu. – E digo-vos, amigos, lá no Norte vi terras onde tudo cresce: a ervilha, o guandu, o ananás, o milho. E sei que nós aqui podemos fazer o mesmo, ou mais, em roda destes rios que aqui temos. Só temos de plantar e trabalhar, confiar no nosso braço e em Deus.

A gente agitou-se.

– Mas como? Esta terra não produz, Sr. Figueiredo – ralhou alguém.

– Não há água e o gado dos pretos come-nos as plantações – queixou-se Etelvino Lúcio.

– Isto é uma miséria – gritou-se lá de trás.

– Vim ao engano. Mal possa volto a Pernambuco.

Levantava-se um burburinho que rolava, surdo, e que tornava difícil entender o que se dizia. Aqueles homens resmungavam, vociferavam, e Bernardino exasperou-se. Fora a Luanda e ao sertão, esgotara-se em trabalhos para trazer sementes e utensílios e agora aquela fraca gente quebrava como um galho seco aos primeiros apertos! Quem podia negar que sempre se lhe dissera que ia para uma colónia sem comodidades, onde iria ser preciso rotear terras para tirar o sustento? Quem não vira que se tinham tomado todas as providências para os receber? E mesmo assim havia sempre quem reclamasse e ele detestava gente pobre e mal-agraçada.

Era verdade que logo à chegada, no seu hábito grandiloquente de citar os clássicos, deixara escapar algumas frases imprudentes ou que podiam ter sido mal-entendidas. Mas seria possível que aqueles pacóvios julgassem que haviam de andar os leitões assados nas ruas, com a faca e o garfo espetados no lombo, já prontos para comer, ou que os rios fossem de leite e mel? Tanta ingenuidade, tanta reclamação, tanta ignorância irritavam-no. A sua voz perdeu as entoações de pedagogo e ganhou o calor furioso de um Moisés que acabava de quebrar violentamente as Tábuas da Lei:

– Eu gostava que me dissessem em que língua eu hei-de falar porque já vejo que não falo português – gritou, vermelho, enxofrado, de mãos na cintura. – Julgavam que vinham para África p’ra se deitarem em lençóis de rosas? Queriam vida alegre, barriga cheia e pé dormente, hein? – desafiou, chegando-se à frente no caixote. – Também eu queria, mas não pode ser.

Alguns homens emudeceram, acanhados, surpreendidos com aquela explosão. Outros reagiram, insurgiram-se, arrimaram-se a ele, ameaçaram fazer sangue. Mas Bernardino não se deixou atemorizar. Sobrepondo a sua voz ao rumorejar daquela gente, erguendo os dois braços no ar, prosseguiu a sua mensagem:

– Têm de ter paciência e espírito de sacrifício. Como diz o Evangelho de S. Mateus, só será salvo o que perseverar até ao fim. Nada se faz de um dia para o outro...

– Mas não temos água – reclamou alguém.

Bernardino respondeu de pronto, pleno de confiança:

– Não há água? Há-de haver! Os rios estão secos mas em breve inundarão estas várzeas. E, quando isso acontecer, já nós estaremos derramados pelo terreno e então teremos sete meses para plantar e outros cinco para colher e descansar.

– Era bom, era... – duvidou alguém. – Vossemecê não está no seu juízo.

Bernardino ignorou o comentário e prosseguiu:

– Depois de um tempo de vacas magras, virá o tempo das vacas gordas, como diz a Bíblia. Estes terrenos virgens hão-de recompensar o vosso trabalho, amigos.

– Mas como, valha-me Deus? – irritou-se Francisco Carmelino. – Se eu plantar a cana agora só daqui por dois anos tenho safra para os engenhos moerem.

– É verdade, e é pena – reconheceu Bernardino, que entretanto se

acalmara. – Mas podemos avançar com outros cultivos. Comer e coçar vai do começar!

Houve um restolhar de conversas, um terçar de argumentos contra e a favor, gente que se exaltava, de cabeça perdida e braços no ar, e gente quieta, que apaziguava, mas a intensidade das vozes e o tom de zangam iam progressivamente baixando como o rugido de uma trovoadas que se afastava na distância.

– O Sr. Bernardino tem razão, amigos, não é tempo de fraquejar. Lembrem-se que os olhos dos outros portugueses que andam lá pelo Brasil estão em cima de nós – advertiu José Barbosa.

– Isso mesmo – exclamou Bernardino, com ênfase.

Apontava para Barbosa, aliviado por ter, enfim, quem no meio da multidão o apoiasse, e abrindo muito os braços, como um profeta, prometia dias melhores:

– Em breve começaremos a distribuir a terra de sementeira por todos. E no primeiro domingo de Novembro teremos a primeira missa solene. Vem um padre de Benguela abençoar o nosso estabelecimento e com a ajuda de Deus vamos triunfar – disse, em voz vibrante.

A multidão hesitou. Alguns sorriam, com o semblante subitamente inundado de uma reencontrada confiança; as palavras de Bernardino tinham-lhes entrado no espírito, deixando atrás de si como que uma luz. Outros continuavam relutantes, como se receassem iludir-se de novo. E havia os que olhavam, atónitos, sem saber o que pensar de um estado de coisas que mudara demasiado depressa para a sua capacidade de compreensão e reacção.

– Viva a Rainha, viva a Família Real – lançou José Barbosa, erguendo o braço no ar.

Os vivas ecoaram primeiro de uma forma desencontrada e tímida, quase a contragosto, para depois crescerem em consonâncias de epopeia, sons potentes e heróicos que envolviam os mais relutantes, arrastando-os a uma adesão franca.

Quando a multidão dispersou, o orador desceu do caixote com a agilidade de um rapaz. A alma subira-lhe até aos píncaros, até aos éteres, levada numa exaltante sensação de vitória. Defendera-se como um leão e fora mais convincente do que nunca. Aproximou-se de Etelvino Lúcio, que ficara para trás a remoer qualquer coisa. Lúcio era daqueles que dificilmente acreditariam, por mais que ele se esgotasse em explicações e profecias. Ainda assim Bernardino avançou para ele, de sorriso aberto e braços escancarados.

– Desculpa se fui duro contigo, Etelvino...

Lúcio balbuciou algumas palavras a que ele não prestou atenção. No terreiro, a preta lavadeira retomou o seu caminho, balançando as ancas generosas num passo vagaroso.

Bernardino de Figueiredo limpou o suor da testa e suspirou, exasperado. Decididamente nunca se habituaria àquele meio de transporte. O boi-cavalo não era, como ele de início imaginara, um híbrido forte e ágil, criado para vencer os desafios de um território hostil. Nada disso. Era um boi vulgaríssimo, como os da sua Beira natal, ao qual se tinha furado a membrana divisória das fossas nasais para aí se introduzir um bridão preso a uma cabeçada quase igual à dos cavalos. Aplicava-se um selim sobre o dorso do animal e ele ficava pronto para ser montado e para se deixar pacificamente guiar por homens, mulheres e até mesmo crianças. Ou seja – pensou –, por toda a gente menos por si.

O boi de cor incerta que lhe calhara em sorte era um animal com teimas e um ritmo muito próprio que ele não conseguia entender nem corrigir. Tanto se atrasava em relação ao do governador Sérgio de Sousa, como disparava num trote gingão e despropositado, muitos passos à sua frente. Mas que poderia ele fazer? África não tinha outro meio de transporte. Os camelos que o Governo de Sua Majestade em tempos enviara para Angola tinham as patas demasiado sensíveis para a dureza daquele chão e já não sobrava nenhum. No passado também se ordenara que de Goa viessem alguns cornacas para domesticarem elefantes. Os homens vieram com os seus turbantes, os seus deuses e o seu saber ancestral, mas nada se conseguira dos malditos bichos. Assim, sem montadas adequadas e sem estradas, e uma vez que não podia andar o dia inteiro a pé por aquelas lonjuras, o único remédio era resignar-se aos caprichos do seu boi-cavalo. Que, para além do mais, o enjoava. Por muitas voltas que desse no selim, não conseguia mexer-se em consonância com o saltitar desengonçado da alimária, e esse desencontro nauseava-o.

O governador Sérgio de Sousa parecia imune aos enjoos. Era capitão-de-fragata, andava no mar há mais de vinte anos e estava habituado a aguentar calemas e ondas cavadas. Para ele, o oscilar do corpulento animal devia ser um embalo familiar. Sérgio de Sousa era um homem grande e forte de quarenta anos, ou muito perto disso. À primeira vista parecia um árabe caído por engano em terras de cristãos. O espesso bigode negro, sobre o qual se encavalitava o nariz abatado, dava um

ar carregado à sua cara larga e sólida, e a testa, que se prolongava numa calvície avançada, vinha toldar-lhe ainda mais a expressão. Parecia haver muita ferocidade açaimada naquele rosto mas Bernardino, que se considerava um fisionomista infalível, estava certo de que por trás daquele ar de marinheiro duro e seco existia um coração doce e compreensivo. Os dias que já levava de convivência com o governador tinham-lhe feito descobrir um homem de gestos pausados, que nunca elevava a voz. Não o via a recorrer ao chicote para manter a disciplina entre marinheiros esfarrapados e descalços, sem um real no bolso ou um cigarro para fumar. Imaginava-o antes como alguém que gostava de se impor pelo respeito e pela persuasão, usando meios brandos.

Simpatizara de imediato com Sérgio de Sousa e, como era usual em si relativamente às pessoas com quem simpatizava, sentira-se rapidamente próximo e, até, quase íntimo daquele homem. De início, temera que a vinda de um governador pudesse pôr em causa o seu papel como chefe natural da colónia. Por muito Moisés que se sentisse, um governador autoritário, um Zeus inflexível e soberbo descido do Olimpo para o confrontar ou desautorizar, poderia fazer empalidecer muitíssimo a sua estrela e o seu prestígio junto dos colonos. Mas à medida que os dias passavam – e já lá iam sete – mais se convencia de que esse receio não tinha fundamento.

Em lugar de o marginalizar, Sérgio de Sousa parecia achá-lo imprescindível e consultava-o constantemente, tanto a título privado como por motivos oficiais, pois Bernardino adquirira, entretanto, a nobre posição de conselheiro. De facto, em cumprimento das instruções que recebera, o governador criou um conselho colonial formado por quatro homens eleitos pelos colonos, a que ele presidiria. As eleições tinham-se realizado havia pouco e Bernardino fora de longe o mais votado, muito à frente de José Leite e dos outros dois membros, o que muito agradou a Sérgio de Sousa, que o cobriu publicamente de elogios.

E foi nessa ocasião, perante tais louvores, que Bernardino percebeu que tinha ali um aliado, ou pelo menos, um homem sobre o qual poderia exercer alguma benéfica influência e que, longe de o contestar, poderia contribuir para aumentar o seu poder em Moçâmedes. Quem saberia se nas suas mãos de hábil e arguto Arquimedes o governador não poderia ser a alavanca com a qual moveria ainda melhor aquele mundo?

Naquela manhã, andavam ambos desde os primeiros alvares do sol a proceder à divisão dos terrenos. Parte do trabalho já fora feita pois nos meses anteriores uma comissão de colonos dirigida pelo major Horta

tinha identificado as terras mais aptas para a agricultura. Tratava-se, agora, de as dividir na proporção da capacidade ou posses que cada indivíduo tivesse para o seu amanhã.

Era aquele o primeiro dia em que Bernardino vinha com Sérgio de Sousa e vários funcionários proceder à demarcação dos terrenos e, apesar das teimosias do seu boi-cavalo, não se podia dizer que o trabalho estivesse a correr mal. Uma parte da várzea do Bero, a uma légua da foz do rio, já estava retalhada para ser entregue aos colonos que se comprometessem a arroteá-la e a prepará-la para a cultura da cana sacarina e dos produtos hortícolas.

– Estes torrões prometem boa produção, não lhe parece, senhor governador? – prognosticou Bernardino, virando-se para trás na sua montada.

Sérgio de Sousa duvidava.

– Não sei... Eu vejo tudo isto muito seco. Nem uma árvore para amostra... Vai ser difícil arranjar madeira para construir as casas.

Mas a fé de Bernardino não flectia.

– Pense no Egipto, senhor governador. Veja só a fertilidade daqueles desertos, que alimentaram a antiga humanidade. E isto aqui vai ser outro Egipto... um oásis na imensidão deste deserto.

– Deus o oiça, Sr. Figueiredo. Mas antes de chegarmos ao Egipto vamos precisar de lenha. Vamos a ver se nos arranjam um iate para a trazer de Benguela.

O trabalho foi entrando pela tarde dentro numa repetição de anotações e demarcações. Iam seguindo o curso do Bero, que parecia contemplá-los do seu leito totalmente seco, envergonhado da sua nua aridez.

– Faz aqui falta o cantar do rio, Sr. Figueiredo – afirmou Sérgio de Sousa, nostálgico do sussurro das águas.

Os bois calcorreavam aquele chão pardacento, revestido de umas ervas alaranjadas, secas e rasteiras, que os bichos de tempos a tempos paravam para mastigar. Aqui e além umas pedras dispersas derramadas pelo terreno prometiam algum material de construção numa zona carente de madeiras. À distância viam-se pretos com os seus gados e ouvia-se um ou outro mugido, como se os bois locais quisessem demarcar o seu território e resistir àquela intrusão. Por cima deles o céu expandia-se num azul largo, forte e sem fim – um céu de novidade e de aventura.

Quando já estavam a duas ou três léguas da povoação, Bernardino

deteve-se, desceu do boi-cavalo e fitou contemplativamente a planície na margem esquerda do Bero. O sol ainda estava vigoroso e a ondulação do calor parecia levantar do chão a poeira fina, que se lhe infiltrava na boca e nas narinas, mas ele manteve-se mudo e quedo, sem tirar os olhos da planície e da encosta que lhe ficava no seguimento. Olhava para aquelas terras e em lugar de um chão árido, salpicado de arbustos ressequidos, via extensas campinas de algodão, belas alamedas de acácias e dilatadas plantações de cana-de-açúcar balançando levemente ao doce vento da prosperidade.

– Está V. S.^a andando pelas regiões aéreas, Sr. Figueiredo? – perguntou-lhe o governador.

Bernardino despertou do seu letargo e trepou de novo para o dorso da sua montada, fazendo ranger o coiro do selim.

– Tem V. Ex.^a toda a razão... desço já à realidade. Pensava no muito que se podia fazer destas terras – disse, indicando-as com um gesto. – Sonhava acordado.

– Sim, é um lugar bonito, Sr. Figueiredo – afirmou Sérgio de Sousa.

– Estas terras vão ficar para mim, senhor governador – assegurou com energia germânica. – Concorda?

– Concordo... – disse Sérgio de Sousa, confirmando com a cabeça. – Eu aqui estou, como é costume dizer-se, nas suas ideias. E digo-lhe mais, Sr. Figueiredo: com uma terra destas V. S.^a fica sendo o imperador da China.

Bernardino riu com gosto. Nunca fora agricultor mas podia ver que aquele terreno desfrutava de uma posição muito favorável. Não lhe custava a imaginar que quando o rio enchesse e galgasse as margens deixaria o terreno muito enriquecido de húmus. Soubera escolher para si a melhor terra que tinham visto. Mas que mal poderia haver nisso? Era ele o chefe da expedição, aquele que mais se empenhara nela, o que dispunha de mais capitais para fazer frutificar o chão. Apesar de tudo não queria que o governador pensasse que ele fora parcial na distribuição dos terrenos, ou que andava ali a defender os seus interesses. Por isso, apressou-se a esclarecer:

– De todos os colonos só eu e o meu sócio José Leite temos os meios para fazer prosperar uma terra como esta, senhor governador. Digo-o com toda a clareza e sem vaidade, porque eu não preciso de me cobrir com as penas do pavão.

– Não duvido, Sr. Figueiredo, não duvido.

Bernardino empertigou-se na montada e anunciou, com voz solene,

apontando a planície:

– Aqui será a futura Fazenda dos Cavaleiros.

Sérgio de Sousa aprovou:

– É um bom nome, sim senhor... Lembra Aljubarrota e os faustos da Pátria. Mas diga-me: que género de pessoa é esse José Leite, seu sócio? Posso fiar-me nele? – quis saber.

Bernardino hesitou e a voz escorreu-lhe para formulações evasivas.

– Sim, talvez... Quero dizer... Depende...

Gaguejava. Não queria denegrir o sócio mas também não podia avalizar-lhe a conduta incerta e brutal. De súbito o seu boi-cavalo deu uma inesperada volta de 180º e começou a trotar alegremente em direcção a casa.

– Parece que é tempo de voltarmos, senhor governador – disse Bernardino, aliviado.

O padre Rebelo acordou cedo mas só desembarcou por volta das dez da manhã, depois das salvas da fortaleza e da corveta que o trouxera de Benguela.

Era um homem magro e pequenino, quebrado pelos anos. Jejuava com frequência e fazia gala em demonstrar a sua frugalidade e o seu recato. Demonstrara ambas as coisas durante a viagem na corveta, pois enquanto em redor da mesa os demais comensais se tinham batido com três pratos, bem regados, ele limitara-se a uma sopinha e um ovo escalfado. Mais tarde, no final da refeição, quando a mesa se revolveu numa orgia de anedotas e gargalhadas, como era habitual nos navios de guerra, o padre pôs uma gravidade episcopal e num movimento lento, amortecido, uniu as mãos em frente do peito, como se rezasse, e deixou que o seu espírito voasse até às alturas ascéticas.

Prontificara-se a ir a Moçâmedes celebrar a missa no dia de Todos os Santos, apesar de não existir na povoação um templo onde os católicos pudessem reunir-se para dar graças a Deus. Havia três meses que se tinha lançado a primeira pedra da Igreja de Santo Adrião, mas o trabalho de construção decorria tão lentamente que ainda não existiam mais do que paredes incompletas. Em consequência, vira-se forçado a trazer no navio um altar improvisado e portátil para que a missa pudesse ser rezada num outro local. Mas isso não o incomodava pois a fé ultrapassava todas as dificuldades e o importante era levar àquela gente o amparo e a bênção da palavra de Deus. Rebelo estava certo de que os seus esforços seriam bem recebidos pelos fiéis.

E tinha razão. Assim que pôs pé na praia e envergou os paramentos, logo se formou um cortejo atrás dele. A banda da corveta seguia-o de perto, precedendo a tripulação do navio, em formatura. À medida que avançava ao som de um *Te Deum*, o cortejo ia incorporando mais gente: a guarnição militar veio juntar-se-lhe, num arremedo de ordem unida; depois, seguiam os moradores, os colonos e famílias, todos bem trajados e de cabeça coberta. Os que tinham escravaria trouxeram-na vestida à maneira europeia.

Respirava-se por toda a Moçâmedes uma atmosfera grave, respeitosa, muito diferente da azáfama habitual, como se a fé tivesse a capacidade milagrosa de mudar a configuração das coisas. Atraídos pela música e pela novidade da missa, o soba do Giraúl e mais alguns pretos que se encontravam na povoação vieram juntar-se ao cortejo, ocupando a retaguarda, e várias pessoas viraram-se para os observar.

– Os pretos gostam do grandioso. São muito religiosos à sua maneira – esclareceu o major Garcia com ar entendido. – Vão ficar pasmados com a majestade do nosso culto.

Benedita ia atrás do major, no meio da fila, junto das outras mulheres, e ouviu perfeitamente aquela observação, apesar do sopro cavo da tuba e de Garcia ter falado com a mão espalmada ao lado da boca, como se estivesse a contar um segredo. O seu espírito de menina seguia com curiosidade deslumbrada tudo o que fosse novo ou fonte de prazer. Também ela gostava do grandioso. Queria que aquela missa fosse um momento de pasmo e de encantamento, uma cerimónia majestosa, uma inesperada riqueza que lhe fizesse esquecer, ainda que por breves momentos, aquele mundo ermo e pobre onde viera cair. Tinha muitas vezes a sensação de não pertencer ali, àquele espaço e àquele gente. Era um penoso sentimento de estranheza e de alheamento que talvez a missa permitisse atenuar.

Enquanto andava meteu uma amêndoa na boca e agradeceu mentalmente a Bernardino de Figueiredo, que lhe trouxera aquela iguaria de Luanda, num vidro de libra.

– Amêndoas cobertas francesas, Benedita – anunciara ele, ao dar-lhe o frasco. – Comprei-as para si na melhor confeitaria de Luanda.

Ela tinha hesitado e corara um pouco. Gostava de Bernardino e sentia que ele também gostava de si. A relação entre os dois tinha-se estreitado durante a viagem de barco, em grande parte porque Bernardino e o seu marido eram sócios. Mas se algum contacto era natural em consequência da dita sociedade, ela não podia esquecer que

era uma mulher casada. Seria próprio aceitar um presente daqueles? Não estava certa de que o fosse. Ainda agora, quando saboreava a amêndoa, seguindo ao passo arrastado do cortejo, o sabor do açúcar lhe parecia pecaminoso. E, no entanto, a oferta não tinha sido clandestina, pois Bernardino pedira licença a José Leite para a fazer. E este acedera, sem denotar qualquer desconforto. Era ela quem sentia uma vaga incomodidade pois percebia perfeitamente que Bernardino tinha um interesse na sua pessoa. Talvez fosse a forma como se lhe dirigia, talvez fossem os seus olhos brilhantes que falavam por ele dizendo mil coisas. Algo havia que ela captava no ar e que a inquietava e encantava, numa mistura de sentimentos nova, doce e muito perturbadora.

Ainda pensava em Bernardino quando entrou na fortaleza onde iria decorrer a missa. Havia no edifício central uma sala então em obras e sem cobertura. Da corveta tinham trazido lonas e toldos com os quais cobriram aquela divisão, mergulhando-a numa tonalidade amarelada e quente. Forraram as paredes com bandeiras de cores vivas que cortavam a frieza da pedra, fazendo lembrar vitrais. E o altar, lá ao fundo, tinha sido armado com tanto cuidado que ninguém diria ser improvisado. Era tudo tão autêntico e tão completo que ela se sentiu regressar a Pernambuco.

A missa começou e Benedita viveu-a intensamente, como uma bem-aventurada, deixando-se levar pela envolvimento das palavras num turbilhão de sentimentos. Quando o padre lembrou que o dia seguinte era o dos Fieis Defuntos, ela chorou com a recordação dos pais. Adiante rezou fervorosamente para que Deus a abençoasse com a dádiva de uma criança. Por que terrível razão não conseguiria ela conceber um filho? As mulheres mais experientes diziam-lhe que ainda era cedo para se afligir mas ela sentia-se diferente das outras. Temia que a infertilidade fosse resultado das suas falhas, dos seus pecados, e enchia-se de remorsos e de receios. Lembrou-se das vezes em que sentindo-se injustiçada se virara contra Deus, duvidando da sua infinita bondade e revoltando-se contra o esquecimento a que a votara. Vieram-lhe à lembrança os momentos em que amaldiçoara José Leite e aquela vida bruta a que a sujeitava.

– A resignação e obediência são os principais deveres dos discípulos de Cristo – ensinava o padre, frente ao altar.

Olhou para o marido, ajoelhado no outro lado da sala, e prometeu a si própria que duplicaria os seus esforços para amá-lo. Por qualquer força invisível, pareceu aceitá-lo melhor ali, àquela luz coada e sacra,

naquele mundo de renúncia, sacrifício e perdão do que lá fora, à luz branca e brilhante do sol.

As promessas que fez a si própria e a firme decisão de ser melhor aliviaram-lhe o coração. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas quando a banda tocou à elevação da hóstia e os foguetes estralejaram no ar. Comungou numa exaltação mística e sentiu-se ungida. Do fundo do coração subiu-lhe um sentimento doce. Estava profundamente grata àquele padre que viera trazer-lhe um pouco de luz e pôr um pouco de normalidade civilizada naquela lonjura.

Finda a cerimónia as pessoas saíram trazendo nas caras e nos gestos uma suavidade mística e a doce comunhão com o transcendente. Benedita deixou a improvisada igreja com um largo sorriso. Entrara-lhe uma alma nova e trazia nos olhos a claridade de uma esperança renovada. A banda foi tocar pelas ruas e casas particulares e ela decidiu seguir atrás daquela música, como que hipnotizada, cheia de júbilo e de fervor.

À saída da fortaleza viu uma preta que a olhava fixamente. Era uma mulher estranha, alta, com um traje invulgar, a fazer lembrar uma túnica. Não saberia dizer ao certo que idade teria mas parecia ainda relativamente nova. Levava uma espingarda ao ombro, como se fosse um soldado na parada, e observava-a com tal insistência e despudor que ela se sentiu incomodada.

Peter von Sternberg

Peter acercava-se de Moçâmedes quando ouviu o rebentar dos foguetes e calculou que fossem os imigrantes vindos de Pernambuco. Ainda assistira à chegada do brigue *Douro* avisando que a barca viria na sua esteira. Depois, partiu para aquela longa caçada no sertão que o manteve ocupado durante meses e regressava agora, cansado mas curioso de ver o que se teria passado na sua ausência.

Enquanto a caravana com as peles e os dentes de elefante seguia em direcção à povoação, ele subiu uma pequena colina da qual se avistava a baía e, com o seu potente óculo de Marinha, descortinou a procissão que saía da fortaleza atrás do padre e da banda. Admirou-se: nunca tinha visto tanta gente junta em Moçâmedes.

Ao observar a movimentação das pessoas na rua, imaginou-se no lugar dos colonos que chegavam a África carregados de incertezas e de expectativas. Sabia por experiência própria que iriam ter muitas e dolorosas desilusões se vinham na esperança de espremer fácil e rapidamente rios de riqueza daqueles torrões. Nenhum deles iria ser um rei Midas e o mais provável era que a maioria ficasse tão pobre como Jó. Nos seus anos de África já vira muita ambição levada numa chuva torrencial, muito sonho desfeito por uma seca prolongada. Já soubera de muita vida perdida com um inclemente sopro de febres. Com sorte, talvez Moçâmedes viesse a ser para alguns dos que chegavam – para os menos apressados e gananciosos de entre eles – um deslumbramento que lhes restaurasse a alma, uma força que entrasse neles como arado em terra húmida e fizesse germinar dentro de cada um as plantas novas e autênticas que fizera germinar em si.

Peter von Sternberg nascera em Oyten, uma pequena vila perto de Bremen onde a mãe possuía uma grande propriedade rural. Guardava poucas memórias da sua vida aí: uma vaga reminiscência dos sons lentos

das vacas a pastar, o espantoso colorido das flores, no Verão, o cheiro do feno molhado, as mãos meigas de uma criada chamada Anette, e pouco mais. Quando tinha quatro anos as terras foram vendidas e a família mudou-se um pouco mais para norte, para Altona, onde ele se espalhou numa infância arejada e feliz, abençoada pelo toque dos sinos nos campanários das igrejas e vivida ao ritmo das correrias pelas ruas da cidade e dos banhos no rio que lhe corria aos pés.

Mas por volta dos quinze ou dezasseis anos a Altona que o ajudara a crescer e onde vivia com os pais e os irmãos começou a parecer-lhe insípida e aferrolhada, como que asfixiada sob um céu baixo e desbotado. Um mundo previsível e desprovido de qualquer aventura digna de ser vivida. E a vizinha Hamburgo, a menos de meia légua de distância subindo o rio Elba, sendo muito mais movimentada não era, no fundo, mais entusiasmante. Nem Bremen, onde vivia o seu tio Wolfgang, nem as outras cidades alemãs e dinamarquesas que conhecia. Todas eram feixes de velhas ruas com casas pardas e tristonhas, habitadas por gente opaca, sempre preocupada com o giro do comércio ou com o preço do cereal.

Seria esse o destino que as rodas da Fortuna haviam reservado para si? Com a chegada da idade adulta o jovem Peter passou a interrogar-se quase diariamente sobre o que lhe caberia em sorte na vida. Os caminhos que se abriam à sua frente eram todos tão equivalentes e insossos que ele se sentia incapaz de escolher um deles, e essa incapacidade inquietou-o tremendamente. Acordava todas as manhãs com uma eléctrica premência de se mexer sem saber para onde nem porquê. Sabia exactamente o que não queria, mas não conseguia apontar uma direcção ou abraçar uma causa. Os rumos seguidos por amigos e colegas diziam-lhe pouco ou nada. Não pretendia ser um circunspecto notário nem um acomodado comerciante e não se interessava particularmente pela ciência, nem, muito menos, pela política ou pela vida militar. Também não se imaginava a ficar anos a fio em ociosa mediocridade, agasalhado nos confortos caseiros, à espera de herdar, enquanto os seus irmãos mais velhos ajudavam o pai – o barão von Sternberg – a gerir as suas fábricas de têxteis e de ferragens diversas.

Sentira-se sempre (ou desde que se lembrava) um pouco exterior àquela família. Gostava dos pais e dos irmãos, claro estava, mas não partilhava os seus interesses nem os seus ritmos de vida. Até fisicamente diferia dos Sternberg, que eram altos e louros, ao passo que ele tinha estatura mediana e era invulgarmente moreno para alemão. Saía a uma

bisavó materna, ao que diziam. Eram dela os seus grandes olhos escuros, o tom tismado da pele, o cabelo ondulado e muito preto. E talvez também a índole. Herdara dessa bisavó espanhola ou de antepassados ainda mais antigos o humor e a inclinação exuberante de um meridional e, enquanto os irmãos se afadigavam com estoicismo luterano e espírito de renúncia em estudos e labores, Peter foi alongando a sua juventude em farras e noitadas com joviais companheiros de passagem, até ao momento – e esse momento chegou bruscamente – em que tudo aquilo o decepcionou e cansou. Aos vinte e quatro anos, sentindo-se desorientado e vazio, procurava ansiosamente uma meta que pudesse dar um sentido à sua existência e, na ocasião, a possibilidade de partir para África para testar a sua coragem num mundo selvagem pareceu-lhe a melhor opção.

Foi através de Thomas Grossbendner que a hipótese africana ganhou corpo e se tornou alcançável. Naquela tarde Thomas aportou como de costume à estalagem Zum Hirsch. Vinha encharcado pela chuva miúda da Primavera e demorou-se um pouco em frente da lareira, a sacudir o chapéu e o capote como sempre fazia. Mas desta vez havia algo de ansioso e teatral nos seus gestos e, quando o estalajadeiro lhe trouxe a cerveja e ele se sentou solenemente em frente de Peter, o ar sisudo que trazia afivelado soltou-se num esfuziante rol de novidades:

– É para Angola, Peter – anunciou, brandindo a caneca de cerveja à laia de troféu. – Vou finalmente pôr estas mãos nas plantas tropicais.

Thomas era um homem com uma conhecida paixão pela Botânica. A sua cara redonda e avermelhada resplandecia sempre que se abordava esse assunto e os olhinhos azuis ficavam ainda mais pequenos, repuxados pelo sorriso prazenteiro. Admirava os pioneiros do estudo da flora africana e, sentado à mesa, falou um pouco desses heróis e mártires da Ciência.

– Os Ingleses vão muito à nossa frente, Peter...

Depois desse preâmbulo – Thomas adorava preâmbulos... – explicou, entre grandes goles de uma segunda caneca de cerveja, que o cônsul português de Altona, um bem-sucedido comerciante chamado Ribeiro dos Santos, estava a atulhar cinco bons navios com mercadorias para negociar em Angola. Aqueles porões levavam quase tudo, desde pólvora e ferramentas a sapatos e chitas de todas as cores. Havia até castiçais e louça da China.

– Bom... – concluiu, enquanto apagava a espuma branca do bigode com as costas da mão –, o cônsul está a formar uma comissão de naturalistas para observar os três reinos da natureza, ofereci-lhe os meus

humildes serviços e, zás... aí vou eu!

Thomas descreveu a expedição com tanto e tão colorido detalhe, com tanto e tão exuberante entusiasmo, e parecia tudo tão bem organizado que Peter se sentiu tentado a trocar os plácidos bosques e planícies alemães pelas ferozes savanas de África. A origem daquela tentação era nebulosa. Seria a atracção por um exotismo que as leituras e sonhos juvenis tinham ajudado a colorir? Ou, antes, a vontade de escapar à palidez da Europa? Não sabia dizer ao certo. O que sabia é que o desejo de partir tinha surgido por entre o torpor das suas indefinições e tornara-se irresistível.

– Eu gostava de ir, Thomas, mas não tenho nenhuma aptidão especial, não sou naturalista como tu – afirmou, sabendo que naquele momento a sua maior vocação era a de escapar daquele mundo cinzento em que vivia.

Thomas elevou a voz para a sobrepor ao coro que, em redor do velho piano, se entusiasmava numa roufenha canção de marinheiros.

– Não tens aptidões? Tu tens uma pontaria infalível, toda a gente o sabe, e eu ouvi dizer que o cônsul quer caçadores por causa do marfim – confidenciou. – Proponho-lhe o teu nome?

E assim se fez. Dois dias volvidos, Ribeiro dos Santos chamou Peter ao seu gabinete. Era uma sala ampla, de tectos altos e parcamente mobilada, que o cônsul, um homem pequeno, percorria incessantemente de um lado para o outro como se o movimento o ajudasse a preencher aqueles grandes espaços vazios. Vendo a sua deambulação Peter lembrou-se dos rapazes que herdavam cedo de mais as roupas dos irmãos mais velhos e que se agitam sem cessar para disfarçar o desconforto. Mas enganava-se. A movimentação de Ribeiro dos Santos não provinha do desconforto mas apenas da energia transbordante de um homem de decisões rápidas, que, após uma brevíssima conversa, o aceitou como futuro caçador.

– Só sabe caçar? Óptimo! – decretou o cônsul, com um largo sorriso. – Não quero cá homens que não sabem fazer nada, nem homens que sabem fazer tudo.

Peter entrou, então, em euforia. A sua vida tinha adquirido subitamente uma direcção e tudo lhe parecia coerente e feliz. E foi num estado de grande entusiasmo que comunicou à família que partiria daí por dez dias, não se deixando dissuadir pelos lamentos da mãe nem pelas advertências do pai:

– Pensa no clima, meu filho. É uma loucura que tu vais fazer!

Mas Peter já tinha formado uma ideia e como era habitual em si não se desviou dela. Queria mudar de vida, queria internar-se no mato para caçar elefantes e, sobretudo, queria matar de vez o homem indeciso e ocioso que vivia dentro de si.

No tempo que faltava para o embarque, toda a sua atenção foi consumida a preparar-se rigorosamente para a viagem de modo a que nada lhe faltasse. Comprou livros de viajantes, escolheu roupa adequada, organizou uma bem apetrechada botica, arranjou armas e munições de caça grossa. Desde o encontro com Ribeiro dos Santos, a sua energia duplicou, como se se tivesse subitamente desprendido de um mecanismo enferrujado. A imaginação também parecia ter ganho asas e, nesses dias de hiperactividade, a antevisão de aventura em terras inexploradas e entre estranhas tribos projectava-se constantemente ante os seus olhos expectantes.

Partiram no Georgina, em Junho de 1841. Fizeram uma breve escala sob o céu luminoso de Lisboa, para Ribeiro dos Santos oferecer à rainha de Portugal um enorme bolo de maçapão alusivo ao cerco do Porto – presente que encantou Sua Majestade –, e depois rumaram às águas africanas. Iam envoltos numa atmosfera de optimismo e acompanhados por dezenas de andorinhas-do-mar, que durante dias esvoaçaram incansavelmente em redor do topo dos mastros, como se quisessem prolongar as despedidas.

Peter achou o trajecto de mar excessivamente longo e desconfortável, mas, com a determinação e paciência que o caracterizavam, conseguiu refrear a sua enorme pressa de chegar e aproveitou aqueles mais de dois meses de semiclausura para ler relatos de viagens em África e para aprender o mais que podia de português. O resto do tempo escoou-se em ócios e pequenos prazeres. Havia a bordo uma banda de seis músicos que ajudava a dissolver o enfado dos dias num remoinho saltitante de valsas e tarantelas. Por vezes, para variar, Thomas Grossbendner brindava-os com um concerto de copofone ou de berimbau, nos quais era exímio. Todos os navios tinham bandeiras e balões para comunicar de dia e lanternas para a noite, e graças a esse sistema Peter iludiu algumas horas mortas em alegres conversas de um navio para outro. O tempo que sobrava era passado em demorados e deliciosos jantares confeccionados por Luigi, um cozinheiro italiano que dava um tempero único aos seus pratos e variava constantemente a ementa. Adivinhar o que seria cada jantar tornou-se um dos jogos preferidos dos passageiros e Peter ganhou-o uma meia dúzia de vezes. Mas foi só no fim da viagem,

e por puro acaso, que descobriu o segredo do tempero de Luigi quando, ao espreitar por uma fresta, o viu a preparar a refeição dessa noite. O cozinheiro – que era um homem grande e gordo – estava de tronco nu, debruçado sobre o panelão, que ia mexendo numa luta enérgica com uma gigantesca colher de pau enquanto derramava grossas pingas de suor sobre o cozinhado.

Aquela estranha culinária, que incluía uma dança bárbara e descuidada em torno de um caldeirão, surgiu a Peter como uma espécie de prenúncio do que o esperava na costa de África e isso fê-lo sorrir. Ainda assim, nessa tarde esquivou-se ao guisado, se bem que nada tivesse adiantado sobre as verdadeiras razões da esquiva – pouco apetite, alegou. No dia seguinte desembarcou em Moçâmedes com mais dois caçadores, para fazerem uma avaliação das potencialidades daquele território, e nunca chegou a contar a sua descoberta gastronómica aos colegas de viagem, que seguiram para Benguela, onde o aguardariam.

O primeiro contacto de Peter com Angola ficou bem gravado na sua memória e nas suas emoções. Assim que pôs pé na praia o entusiasmo entrou-lhe em golfadas pelo peito dentro ainda que, vendo bem, não houvesse razão para tanto. A África que finalmente pisava, em Moçâmedes, era muito mais árida do que imaginara. O tom amarelado da terra nua estendia-se até onde a vista conseguia alcançar, quebrado apenas por umas vagas hortas, uns juncais perto da praia e as réstias de vegetação que corriam ao longo das margens de um rio seco. O pequeno posto da alfândega, com a bandeira hasteada, emprestava um insólito ar de solenidade administrativa àquele semideserto. Tirando isso havia apenas as silhuetas esfumadas de homens e animais nas cercanias de alguns casebres. Moçâmedes pouco mais era do que um lugarejo. O Forte de S. Fernando, que começara a construir-se no alto da falésia, ainda pouco passava dos alicerces, e a guarnição militar – um pelotão de vinte e tal homens comandado por um esquelético tenente de Artilharia – residia em barracas de campanha. Existiam também duas pequenas feitorias que procuravam agarrar-se com unhas e dentes a um movimento comercial incerto e escorregadio. O feitor de uma delas, um português atarracado e seboso conhecido por Gato das Botas, veio, numa avidez de rafeiro faminto, farejar oportunidades de negócio e prontificar-se a exportar todo o marfim que os caçadores lhe arranjassem.

Curiosamente, a desolada pobreza daquele lugar não desencantou Peter e serviu até para estimular uma espécie de primitivismo que

andara escondido dentro dele e que agora desabrochava como que por feitiço. Havia qualquer coisa de sobrenatural no seu fascínio por África e até o vento que insuflava um pouco as dunas da praia, esborratando-lhes o contorno, parecia querer empurrá-lo magicamente em direcção àquela terra. De um dos casebres vinha o choro de uma guitarra e uma voz modulada que falava, tanto quanto ele era capaz de perceber, em amores infelizes e amargas traições. Pareceu-lhe que essa voz marcava a linha limite da civilização e que para lá dessa linha se estendia um silêncio natural e espesso, ainda por perceber e civilizar. E isso agradou-lhe: respirava-se ali um ar de pioneirismo e de carência que era simultaneamente um desafio e, por estranho que parecesse, um acolhimento. Tanto mais que os naturais pareciam pacíficos.

– Os pretos? – disse o tenente esquelético, indicando alguns dos nativos com o queixo e ecoando a pergunta que Peter lhe fizera. – Estes aqui são mucubais... – respondeu de imediato e como se isso fosse óbvio. – Gente ruim, prezado senhor. É honra entre este gentio ser bêbado e ladrão e aquele que mais guerras faz e rouba maior quantidade de gados e pessoas é o maior e mais fidalgo. Fuja deles!

Mas o Gato das Botas tinha outra opinião, que lhe pareceu mais atendível.

– Não costumam dar problemas. Alguns vivem aqui mas a maior parte anda espalhada pelo interior, com os seus gados. Isto é uma África perdida, sabe?

– E a caça, como é? – quis saber Peter.

– Caça é o que não falta. Muita e boa – esclareceu, indicando o Leste com um vasto gesto circular. – Tem tudo, desde leões a perdizes. Mas leve dois pretos da terra para lhe mostrarem os caminhos e veja por si.

E Peter viu e extasiou-se, com o encantamento de quem achava um Novo Mundo após a travessia baptismal do Atlântico. Perto da lagoa descobriu pegadas dos elefantes que iam por ali beber e espantou-se com a dimensão e a profundidade das marcas – teria a coragem suficiente para enfrentar um bicho daqueles olhos nos olhos? Terras adentro, guiado pelos negros, avistou ao longe manadas de grandes herbívoros e, no seu encalço, trotando furtivamente entre as ervas, vultos de leões bem à frente de um respeitoso séquito de chacais. O sol do meio-dia fazia ressaltar, na sua luz intensa, a eterna dança da sobrevivência e ele sentiu-se parte dela. Ao começo da segunda tarde em África, matou o seu primeiro antílope. Na altura em que premiu o gatilho e viu cair o animal, percebeu com toda a nitidez que era aquele o rumo que queria

dar à sua vida. Já tinha abatido veados e javalis e gostara de o fazer, mas caçar ali, nas longínquas franjas do mundo, dava-lhe uma sensação diferente de tudo o que conhecera até então.

Naquela primeira semana de residência em África, palmilhando o terreno e dormindo, completamente exausto, na escuna Sultana – que ficara a aguardá-los na baía –, Peter teve a clara percepção de que viajar em África era como viajar num passado heróico, com as exigências e as dificuldades que a modernidade europeia já tinha esquecido. Essa percepção dilatou-lhe o orgulho e fê-lo sentir-se um personagem de sagas antigas. Foi nesse estado de espírito ousado e deslumbrado que, uma vez feita a estimativa do território de Moçâmedes, embarcou com os dois colegas na escuna, partindo rumo a Benguela, onde, devido à falta de vento, só chegaram ao começo da manhã seguinte.

Vista do mar, a baía era linda, com os telhados das casas a espreitarem por entre a vegetação, recortados na luz esbranquiçada do sol nascente. Debruçado na amurada enquanto a escuna ia arriando as velas e fundeando, pachorrenta, Peter foi-se entretenendo a imaginar lindas moradias rodeadas de laguinhos e jardins. Ao fundo, um cavaleiro molejava sobre o dorso do cavalo num elegante trote e, à beira-mar, saído de uma rua lateral, um grupo de pretos vinha dançando e cantando um refrão sempre igual, que chegava esbatido e fragmentado até ele:

– (...) guela, linda cidade (...) formosas mulheres.

À distância, tudo aquilo parecia a emanção de um universo equilibrado e acolhedor, talvez, até, próspero. A realidade era menos benevolente e risonha, como Peter descobriu assim que desembarcou. As ruas eram regulares e largas mas uma boa parte das casas, construídas em barro e ramos de palmeiras, estava em ruínas. E, quanto a cavalos, soube mais tarde que constituíam uma raridade naquelas paragens, um exotismo de ricos, pois os animais, vindos do Brasil, não resistiam mais do que um ou dois anos aos rigores do clima.

Ainda assim, a relativa pobreza do que presenciava não amainou os seus entusiasmos africanos, pelo contrário. Por isso, e apesar de lhe dizerem que era uma imprudência expor-se à força do calor, arrumou apressadamente os seus haveres na casa que lhe fora destinada, substituiu a camisa de flanela por roupa fina, de linho, pôs o grande chapéu de palha que comprara em Lisboa e, de espingarda a tiracolo, foi ver a cidade. O termómetro colocado à sombra, junto ao edifício da Alfândega, marcava 38° C e nem os pássaros cantavam, como se

tivessem sido sorvidos pelo sol. Chegou a pensar em desistir do passeio, mas a vontade de ver Benguela era tão grande que perseverou estoicamente, não descansando enquanto não calcorreou as ruas de lés a lés.

Ao fim da tarde jantou em casa de Ribeiro dos Santos. Havia uma dezena de homens em redor da mesa larga. Alguns discutiam acaloradamente a vida política portuguesa.

– Eu abundo nas ideias de S. Ex.^a – disse um corpulento oficial da Armada, indicando o governador.

– Pois eu não – retorquiu, indignado, o médico.

O governador, um homem alto com grandes suíças ruivas e uma arrogância transbordante, interveio com um sorriso paternal, vagamente superior, tentando acalmar os ânimos:

– V. Ex.^a estomagou-se muito quando eu disse que os setembristas eram irracionais, mas era uma ideia geral, sem pretender ofender ninguém.

O oficial da Armada acudiu prontamente para reforçar a ideia:

– Isto é como dizem os artilheiros: é preciso dar o desconto aos metais...

– Meus queridos amigos – intercedeu Ribeiro dos Santos, pondo água na fervura. – O amor dos partidos fere-se muito com pequenas ofensas e sem nenhuma razão. Esqueçamos as paixões da política e façamos um brinde à nossa bem-amada rainha.

Todos concordaram e ergueram os seus copos no meio de unânimes vivas a Sua Majestade. Mas logo de seguida as discordâncias retomaram a propósito da escravatura, da agricultura tropical e, novamente, da política.

– O Governo não se aguenta – previa o médico. – A caranguejola está a desabar, felizmente.

Peter não conseguia seguir a argumentação que crepitava no meio da ironia cortante, amenizada por sucessivos brindes à rainha, mas achou graça à chama meridional do debate e ao absurdo de alguns argumentos. Dois criados pretos, espartilhados em cerimoniais farpelas e luvas de uma alvura imaculada, circulavam em volta da mesa, apressados nos seus gestos lentos e um pouco perdidos nos rituais e etiquetas dos brancos. E, observando-os, ele sentiu-se algures num terreno indefinido, numa terra-de-ninguém, menos europeu e mais africano do que os comensais com quem partilhava o jantar.

– Garoupa, siô? – perguntou o criado preto, curvando-se enquanto

adiantava a travessa.

Luigi preparara peixe grelhado e um prato de carne de búfalo, que lhe soube magnificamente – ainda que não desconhecesse os peculiares temperos do cozinheiro. Que diferentes e estimulantes eram aqueles sabores quando comparados com a couve deslavada e o anémico porco cozido que comiam no Norte da Europa. Peter não parava de se encantar com as novas vistas, os novos cheiros, as novas maneiras de estar. O jantar decorria e a conversa resvalara imperceptivelmente da política para as mulheres, condimentada com histórias picantes e um friso de sorrisos cúmplices. Os escravos iam girando em roda da mesa com grandes abanos para refrescar o ar e para afugentar moscas e mosquitos, e aquilo pareceu-lhe uma coisa digna de sultões.

– Os sobas pretos têm escravas que os abanam durante a noite para afastar a bicharada – afirmou alguém.

– E fazem muito mal... – garantiu o governador. – Nós contentamo-nos com estes abanicos ao jantar e com os mosquiteiros de gaze para dormir. Reservamos as escravas para outras funções...

Todos riram do dito malicioso e Peter riu também, mais por cortesia do que por outra coisa. Não apreciava especialmente os homens que se gabavam publicamente das proezas de alcova. Ele próprio o fizera, no passado, mas depois essa bazófia soara-lhe a coisa de macho inseguro e deixara-se disso. Ainda assim, naquele terreno onde as mulheres eram raras e os calores intensos, essa pequena fraqueza de carácter pareceu-lhe desculpável e até achou natural que o governador prosseguisse o assunto, explicando que em Benguela cada senhor tinha em sua casa um harém com várias molecas – «as estimadas» que vendiam aos negreiros quando se fartavam delas, comprando outras.

– É a renovação... – concluiu o governador em tom espirituoso, cofiando as suíças ruivas, muito ufano dos seus conhecimentos nessa área.

Os jantares em Benguela terminavam cedo. Os animais ferozes andavam por perto e quando o sol se punha tornavam-se mais ousados, entrando pelas ruas da cidade. Por isso, após uma boa aguardente e um charuto apressado, os convidados foram partindo. Peter foi o último a despedir-se e a sair. Caminhou até casa sempre de sobreaviso, com um grande archote na mão esquerda e a espingarda na outra, mas não teve maus encontros pelo caminho.

Já estava deitado na cama quando ouviu os cães a uivar, apavorados, e percebeu que algum animal feroz se aproximava. Deixou-se ficar

imóvel, em absoluto silêncio, respirando lentamente, e ao cabo de algum tempo deu por si a conseguir ouvir a fera, do lado de fora. Era extraordinário como em África a fronteira da selva era uma linha imperceptível, frágil e tênue, que passava ali mesmo à sua porta. Tentou adivinhar pelo som e cadência do passo de que animal se trataria e quase lhe sentiu o cheiro.

– Uma hiena! – concluiu.

E sorriu, contente consigo mesmo e com a sua insuspeitada capacidade para captar as vibrações daquele mundo selvagem. Ainda poderia haver alguma dúvida de que nascera para ser caçador?

Dias depois partiu novamente para o sertão na companhia de Libango e foi então que aprendeu verdadeiramente a caçar. Libango era um negro grande, levemente inclinado para a frente como se estivesse sempre pronto a correr, e com um olhar tão penetrante e transparente que quase não precisava de falar. Era unanimemente reconhecido como o melhor caçador daquelas paragens e Peter andou duas semanas atrás dele, percorrendo os sítios mais agrestes e solitários e absorvendo integralmente o mais ínfimo dos seus movimentos. Às vezes aproximavam-se do rio e quando aquela água toda se espreguiçava numa larga curva, eles descansavam também, como se tivessem o mesmo ritmo e fizessem parte da mesma realidade líquida. Aprendeu a dormir em todas as condições, até mesmo nos ramos dos grandes embondeiros, com o sono sobressaltado pelo pavor de cair. A meio de cada dia, Libango sentava-se à sombra para comer, e Peter imitava-o: abria o saco das poucas provisões que levava, punha uma porção de farinha de mandioca na palma da mão esquerda, depois apanhava-a com os dedos da outra mão e comia-a lentamente, como se estivesse a saborear uma iguaria; no fim bebia um ou dois goles de água morna do seu cantil. Ao jantar comia frutos silvestres, plantas cruas e a carne de algum animal que tivessem caçado.

Uma tarde, junto a um charco, Peter matou o seu primeiro elefante. Assim que o macho grande se afastou da manada e correu em sua direcção, imponente, com as grandes orelhas afastadas e o seu bramido cavernoso a aproximar-se a uma velocidade vertiginosa, sentiu a premência de desfechar de imediato a espingarda, mas Libango, a seu lado, manteve-se calmo e silencioso e só quando a terra já lhe vibrava intensamente debaixo dos pés e o bicho estava alarmantemente perto, a quarenta ou cinquenta passos de distância, é que ouviu a sua voz de comando:

– Agora!

Premiu o gatilho com a força do desespero e a sua aflição descarregou-se no estampido do tiro. O animal dobrou as quatro patas e tombou sobre o lado esquerdo, mas com a embalagem que trazia veio cair com grande estrépito já muito perto deles. O coração de Peter saltava pela boca, de puro medo e de absoluta exaltação. Algures dentro de si essas sensações entrançavam-se uma na outra como se fossem indissociáveis. E, sob elas, em fundo, perdida no tumulto da sua mente, havia uma vaga misericórdia por aquele gigante abatido.

Assim passou quinze dias entre sustos e triunfos, aprendendo as manhas da savana e surpreendendo-se com a facilidade com que o seu corpo se ia ajustando a quase tudo. Por fim, separou-se do companheiro, para regressar sozinho a Benguela, fiado na sua bússola e no que já aprendera. Libango prosseguiria a caçada por mais duas ou três semanas, mas, como já tinham acumulado um número significativo de peles e de dentes de elefante, ficou plantado no poeirento trilho das caravanas, esperando que alguma delas passasse para transportar esses bens até à costa, aos ombros dos escravos.

Peter entrou em Benguela seis dias depois e ficou quase logo a par da desgraça que ocorrera. Muitos dos que tinham vindo na expedição haviam sido atingidos pela carneirada¹, e já se haviam perdido dez pessoas, entre as quais Thomas Grossbendner e o próprio Ribeiro dos Santos, morto na noite anterior.

– Como aconteceu isto, doutor? – perguntou Peter, ainda incrédulo.

O médico tentou explicar, em voz baixa e contristada, como convinha numa casa visitada pela morte:

– Calosidades febris debaixo das costelas inferiores, meu amigo! É o diabo, é o diabo... O doente já não resistiu ao segundo ataque da febre – concluiu, enrugando a fronte calva e fazendo um gesto de desolada impotência.

Ribeiro dos Santos foi enterrado na manhã seguinte. O governador quis dar a devida solenidade à cerimónia e providenciou uma guarda militar e uma banda de cornetas e tambores. O cortejo fúnebre percorreu a baía e a rua principal de Benguela, acompanhado por carpideiras que iam exaltando, em altos gritos, as imaginadas qualidades do finado.

– Jesus, recebe o homem lá no Céu, que ele era rei mago aqui na Terra!

Era a forma africana, ingénua e inócua, de homenagear o morto. Mas

nada havia de inócuo na doença que cortava cerce vidas promissoras e cheias de pujança, como a grande gadanha das pestes medievais. Pela primeira vez Peter percebeu que as febres tropicais e às vezes a própria vida eram o preço que aquele continente costumava cobrar a cada viajante. E, olhando para o vazio deixado pelos companheiros mortos, a insalubridade da África deixou de ser uma abstracção e ganhou um contorno preciso para si.

E, todavia, não sentia o mínimo medo. Por qualquer insondável razão, tinha-se convencido de que o destino iria isentá-lo desse pagamento. Temia, isso sim, o fim da sua aventura africana. Todos sabiam que com a morte de Ribeiro dos Santos a expedição tinha praticamente terminado. Que iria ser o dia de amanhã? Olhavam uns para os outros à espera de respostas que ninguém conseguia dar. Foi por isso em profundo desalento que a tripulação decapitada e debilitada seguiu nos veleiros até Luanda.

– Sabe, Sternberg, em África o diabo brinca connosco – disse o médico, à despedida. – Nesta terra nada é garantido.

Peter anuiu com a cabeça e apertou a mão ao médico, sem dizer uma palavra. Naquele momento sentia que os seus sonhos estavam a ir pelos ares, como um desgovernado balão aerostático.

*

Após uma breve estadia em Luanda os membros da expedição regressaram à Alemanha, mas Peter não os acompanhou. Foi despedir-se dos companheiros ao cais e por lá se deixou ficar longos minutos, muito direito e calado, vendo os navios esfumarem-se por trás da humidade rebelde que teimava em enevoar-lhe os olhos. Custara-lhe fechar tão precoce e ingloriamente as portas da sua vocação e do seu destino, e arriscara ficar mais uns tempos em Angola, tentando singrar por si só, mas era com mágoa que via aquela gente partir.

Num primeiro momento, para fazer face às dificuldades financeiras, pois o marfim era pago a muitos meses de vista, recorreu ao pai e aos irmãos. Mas esse recurso logo se esgotou porque em meados de 1842 deflagrou o grande incêndio de Hamburgo que destruiu um terço da cidade, deixando milhares de desalojados e matando mais de cinquenta pessoas. Karl, o seu irmão mais velho, foi um dos mortos e o pai perdeu uma parte das suas fábricas.

Sem auxílios de casa, optou por viver à moda africana, arranjando uma mulher local para pôr alguma ordem na sua vida e mantendo-se em

exclusivo com o que ganhava com a caça. No decurso das caçadas cruzou os sertões angolanos até à grande curva do Lucala e para lá dele, até Pungo Andongo, e deu por si a percorrer distâncias diárias que julgara pura e simplesmente impossíveis. E isso inebriava-o. Às vezes achava que a caça era um mero pretexto para a deambulação e que a sua verdadeira caçada era o espaço infinito e o risco.

A cada semana que passava sentia-se mais africanizado e mais em harmonia com aquele mundo. No final de 1842 foi contratado pelo governador-geral para caçar os jacarés que infestavam o Bengo – dizia-se que alguns tinham 25 pés de comprimento. Uma vez que o terreno estava enlameado e que as estradas eram sendas intransitáveis, como era usual nessa época do ano, Peter preferiu ir num bote com quatro remadores de Cabinda. Partiram de manhã cedo, com mar encrespado e sob uma chuvinha morna. Enquanto remavam, os quatro pretos iam desdobrando uma cantilena:

– Abu-bu-bu-bu... – dizia um deles.

E os outros respondiam:

– Abiáaaaaa!

– Quem vira êssi mundo? – perguntava o primeiro.

– Mária Sêgunda! – trovejava o coro de vozes graves, enquanto as remadelas certas, sincopadas, iam impelindo o barco para a frente.

A cantilena prosseguiu indefinidamente como se fosse uma fórmula mágica ou um incentivo muscular que os ajudasse a remar e Peter deixou-se embalar na musicalidade simples daquela repetição e permitiu-se, até, fechar os olhos. Só despertou do embalo quando chegaram à embocadura do Bengo e os remadores se calaram. E foi ao reabrir os olhos e os sentidos que deu por si num aconchegante ventre da Terra. De ambos os lados do rio as árvores tapavam o horizonte, imponentes e altivas, e estendiam uma sombra fresca e húmida sobre a água que ia passando, veloz, debaixo do bote. O sussurro do Bengo, correndo para a foz, era abafado pelo cantar desencontrado de centenas de pássaros e pelos guinchos agudos dos macacos que saltavam assustados de ramo em ramo. Por vezes a mata, desbastada a machado, abria-se para acolher algumas cabanas lacustres e o sol, aproveitando a abertura, vinha espalhar generosas manchas de luz nas cabanas e na vegetação circundante.

Ao contemplar aquele inesperado Jardim do Éden, Peter sentiu o estranho impulso de se internar mais e mais pelo rio acima, para ir cada vez mais longe e mais fundo, até se impregnar totalmente naquele

mundo que era verdadeiramente o seu. Ao mesmo tempo que descobria África ia fazendo uma descoberta de si próprio, dos seus gostos e inclinações, e apercebia-se com uma nitidez cada vez maior de que era no meio da mata, nos ermos do sertão, sem comodidades e com o perigo sempre à espreita que se sentia bem, não nos confortos de uma cidade.

Não poderia negar que Luanda tinha coisas que o deliciavam. Gostava de passear ao fim da tarde na frondosa avenida que ia do núcleo habitacional ao Forte do Penedo. O silêncio era tão profundo a essa hora do dia que se podia ouvir o canto das cigarras a meia légua de distância, e aquela atmosfera de quietude inebriava-o. Gostava ainda mais de passear no mercado, entre as bancas que se cobriam de inhames, bananas e de quase todos os vegetais europeus. Nenhuma visita ao mercado ficava completa sem parar junto da barraca de Elsa, uma linda negra que vendia algodões e que tinha sempre uma multidão masculina pegada a si, a pretexto de saber os preços dos tecidos. Peter nunca soube ao certo porque parava ali, naquela barraca de panos. Elsa era soberba mas, apesar de lhe reconhecer a beleza, sempre preferira Márcia, uma mulata muito suave que vendia sopa de tomate fria em cocos partidos ao meio. A sopa de Márcia era famosa em toda a Luanda e ela promovia-a com longos olhares lânguidos que aqueciam o sangue e estimulavam a sede dos passantes. Apesar de já não ser nova, Márcia era ainda muito desejável nas suas togas coloridas, ou nua, ao cair da noite, na casinha que habitava na Calçada do Possolo e onde muitas vezes lhe amparava o cansaço de europeu tresmalhado.

Peter gostava de ir até ela com presentes, como se viesse de longe fazer oferendas a uma deusa. Levava-lhe colares de coral, pulseiras, um corte de tecido, vidros de rebuçados de avenca que comprava na confeitaria da Rua de Salvador Correa e que ela adorava. Por vezes, quando a encontrava deitada sobre a cama, semiadormecida, ajoelhava-se a seu lado, pousava a cabeça nas suas coxas para que ela lhe agarrasse o cabelo com ambas as mãos e lhe conduzisse a obediente boca por onde muito bem decidisse, até se arrepiar e estremecer de prazer. Márcia era dez vezes mais doce do que as mulheronas desajeitadas e malcheirosas que ele conhecera na Europa, e a visão daquela mulher esguia, gemendo baixinho enquanto lhe beijava o corpo todo, insuflava-lhe a imaginação de desejos raros.

Quando faziam amor ela mostrava-lhe pacientemente onde deveria tocar-lhe e com que intensidade. Às vezes Márcia queria doçura, outras vezes força, e ele fora aprendendo a perceber-lhe os sinais e a

corresponder às suas vontades. E se, na sua inexperiência e excitação, se precipitava demasiado depressa para a conclusão, Márcia ensinava-o com infinita ternura a reter os ímpetos e a aguardar o momento certo.

– O caçador não deve disparar cedo de mais... – segredava-lhe.

Mas, ainda que lhe permitisse as doces caçadas em que percorria o corpo nu da sua mulata, Luanda era demasiado grande e sofisticada para o seu gosto. Havia naquela cidade qualquer coisa que o prendia numa teia e ele sentia uma inquietação interior que ia crescendo à medida que os dias se sucediam. O seu desejo íntimo era voltar para sul, para Moçâmedes, que revisitara por duas vezes em serviço do Governo. Dizia a si próprio que se tivesse quem lhe comprasse o marfim e o corno de rinoceronte poderia continuar a sua vida de caçador num ambiente mais simples e num clima mais suportável. Não pretendia enriquecer à custa das suas espingardas, apenas manter-se tão feliz quanto possível, e era em Moçâmedes ou no sertão que se sentia verdadeiramente livre. Por isso, quando o governador-geral lhe arranjou várias cartas de recomendação e transporte para Lisboa, onde tinha esperança de poder interessar alguns investidores em negócios africanos, Peter disse adeus a Márcia e partiu. A mulata chorou desconsoladamente – tinham sido quase dois anos de amor mas ele desligou-se sem grande sofrimento. Sempre tivera facilidade em virar as páginas, encerrar capítulos e orientar o coração para novas enseadas.

A estadia em Lisboa arrastou-se por quase toda a Primavera de 1844, em enfadonhas recepções e penosas conversas com potenciais empreendedores, e só deu frutos no mês de Junho, quando Peter travou conhecimento com José Ferreira Pinto Basto Júnior, um grande comerciante e industrial português. Pinto Basto pretendia fundar uma companhia para comerciar no território a sul de Moçâmedes, queria o monopólio de várias substâncias animais, incluindo o marfim, e estava obviamente interessado em arranjar quem lho fornecesse. Em Angola, eram sobretudo os negros que se encarregavam da caça de elefantes e do envio das presas até à costa. Um caçador branco que já conhecesse o local e que pudesse organizar tudo convenientemente seria ouro sobre azul.

– O projecto da companhia ainda não está autorizado, Sr. Sternberg – advertiu Pinto Basto. – Foi sujeito ao Governo, para apreciação, mas estou em crer que não levantarão problemas.

O empreendedor estava também interessado em colocar em Ajudá

vinhos, têxteis e até louça da sua fábrica de Ílhavo, para concorrer com a faiança inglesa. Peter prontificou-se a sondar *in loco* as reais possibilidades desse mercado africano onde, segundo se dizia, corria muito dinheiro ligado ao negócio de escravos.

Depois de ter selado o acordo com Pinto Basto com um simples aperto de mão, partiu para Altona, de visita à família. As primeiras semanas de estadia foram abençoadas. Apesar de ansiar por espaços sem fim e pelo constante embate do desconhecido, Peter gostava igualmente da sensação de voltar a casa para reencontrar as várias divisões e reintegrá-las palmo a palmo e dia após dia. Tirava prazer daquela redescoberta do lar nos seus detalhes íntimos, tão íntimos que talvez só ele os conhecesse: o último vidrinho da janela do seu quarto que era ondulado e distorcia a imagem da rua; o retrato do bisavô, que o olhava, austero, da parede do corredor, e que tinha o canto levemente ratado. E havia os cozinhados de Gertrude, a velha cozinheira, que lhe traziam à boca, um após outro, os mágicos sabores da infância. Coisas que lhe davam um sentimento de proximidade e de pertença.

Reviu vários amigos que se mantinham na cidade e narrou-lhes as aventuras daqueles dois anos de Angola em alegres tertúlias pela noite fora. Viajou nas cercanias aproveitando o tempo luminoso de Verão e conseguiu convencer o pai a tentar a exportação de ferragens e quinquilharias diversas para África. Mas, com a chegada do Outono, a estadia em Altona começou a pesar-lhe. As paisagens da Europa, sombrias e molhadas, a estreiteza dos dias e dos horizontes enevoados, as árvores descarnadas que se despediam do sol, entristeciam-no. E seria pior com a chegada dos primeiros nevões pois as cores esvaíam-se sob um manto triste e uniforme da neve. Decididamente a Europa não era para ele. Mesmo os lindos campos da quinta que Pinto Basto possuía junto a Montemor-o-Velho, e onde fora convidado durante quinze dias, o tinham deixado semi-indiferente e por vezes melancólico, quando a bruma subia do Mondego, entorpecendo as manhãs. Tinha urgência de regressar a África, não apenas porque as obrigações contraídas lho exigiam, mas porque precisava daquela cor, daquele sol, daqueles desafios e daqueles espaços imensos para respirar e viver.

Em Novembro Peter voltou a Lisboa para tratar das mercadorias e daí partiu pouco depois, a 1 de Dezembro, numa escuna inglesa que ia carregar óleo de palma ao golfo do Biafra e que, de caminho, passaria em Ajudá para entregar e recolher correio.

Nas primeiras semanas de viagem para África a escuna voou sobre as ondas mas depois quase parou, empurrada pelo harmatão, o vento seco que soprava de leste, das areias do deserto.

Maldita coisa! Temos para oito dias ou mais – previu o capitão, enquanto encolhia os ombros e se encaminhava para a roda do leme.

A nascente o céu pintara-se de uma faixa negra que se deslanchava e comprimia em espasmos irregulares, como se estivesse viva, e um embarcação cabo-verdiano, percebendo a perplexidade de Peter, esclareceu-o:

– Formigas voadoras. Olhe ali, senhor – disse, indicando com a mão ossuda a superfície do mar, que já se enchera de centenas delas. – Obra de Deus, senhor. Se a formiga ficasse na terra, ia fazer pestes. Deus manda o vento, que as varre para o mar... Limpa a terra, senhor.

Peter acenou com a cabeça e correspondeu com um leve sorriso ao esgar desdentado do marinheiro. Mas só pensou na vontade de Deus quinze dias depois, quando a escuna ancorou à vista das praias de Ajudá. Em Lisboa já lhe haviam falado nas particularidades daquela parte da costa. Não existiam portos e os navios fundeavam um pouco aquém da rebentação, fazendo-se o transporte das pessoas e bens em botes ou nas canoas dos pretos. Tinham-lhe explicado que todas as caixas de mercadorias transportadas deviam ser hermeticamente seladas, para ficarem impermeáveis, e que o desembarque nem sempre era possível. Por vezes o mar estava tão mau que a praia fechava. E, naquele dia de meados de Fevereiro, parecia ser esse o caso pois a ondulação, fortíssima, enrolava-se num rugir de abismos e não se via viva-vela no areal.

Teria sido mais sensato adiar o desembarque para o dia seguinte, ou para depois, mas o navio devia seguir viagem e não podia esperar que o mar amainasse. Peter conversava com o capitão sobre as várias alternativas – não queria ser obrigado a prosseguir até ao golfo do Biafra, para só voltar a Ajudá no regresso – quando ouviu o marinheiro cabo-verdiano exclamar:

– Temos visita!

Olhou para a praia a tempo de ver um negro entrar no mar. Espantado, viu-o passar por baixo de sucessivas ondas e nadar afoitamente em direcção à escuna.

– Quando não há canoas, vêm a nado – elucidou o cabo-verdiano, com um meio sorriso.

O nadador preto subiu a bordo, escorrendo água, e entregou o

correio que trazia num saco a tiracolo. Era um homem alto e robusto, com a pele muito escura e lúzida. Ao falar, fazia lembrar um lobo a arreganhar os dentes, como se ao longo da vida nunca tivesse rido e a sisudez prolongada lhe tivesse moldado irremediavelmente os músculos da cara. Preparava-se para partir com as cartas que recebera, quando Peter lhe pediu que o ajudasse a ir de bote até à praia. O africano hesitou. Sabia que era difícil passar a rebentação com aqueles botes pesados e pouco manobráveis que os brancos usavam, mas, com a promessa de um bom pagamento, rosnou qualquer coisa, acabando por aceitar. Após ter tomado emprestado um escalor do navio – que o capitão recuperaria na volta e de o ter carregado com a sua bagagem e mercadorias, o alemão sentou-se ao lado do preto, pegou no seu remo e preparou-se para enfrentar o desafio.

– É um preto de Acra, vai bem entregue. Mas cuidado com os tubarões... – gritou lá do alto o capitão, dando uma sonora gargalhada enquanto o bote se afastava a caminho da rebentação.

Peter não respondeu. A sua atenção estava focada no mar e remava energeticamente ao lado do Acra para aproveitar ao máximo o espaço entre a onda que rebentara à frente deles, com grande estrondo, e a onda que se aproximava, pelas costas. O pequeno barco movia-se velozmente, à força de músculo e de medo. Por entre a espuma e o vento que lhe faziam semicerrar os olhos viu o Acra espreguiçar por cima do ombro e olhou igualmente para trás. Uma vaga gigantesca, alta como a catedral de Ulm, encurvava-se já sobre as suas cabeças e ambos saltaram do bote, antes que aquela muralha de água se abatesse sobre ele. Empurrado para as profundezas, Peter entrou num torvelinho e lutou numa aflição infinita para voltar à superfície. Quando o conseguiu, mal teve tempo para respirar, pois já outra onda caía sobre a sua cabeça. Repetiu o movimento ascendente vezes sem fim, cada vez mais cansado e desesperado, até que o Acra e vários pretos aparecidos não sabia de onde o puxaram para a praia.

Com as mãos trémulas do frio e do medo, Peter pegou na concha de aguardente que um dos pretos lhe estendia e bebeu-a, ainda ofegante, por entre acessos de tosse. Pondo os olhos no céu deu graças ao Altíssimo por ter chegado a terra são e salvo. De seguida, despiu as roupas encharcadas, embrulhou-se num pano que o Acra lhe deu e pediu um pouco mais de aguardente para massajar o corpo.

Os pretos tinham arrastado para a areia a sua bagagem pessoal e o caixote com as suas armas, únicas coisas que fora possível salvar

daquele apocalipse de água. Perdera as mercadorias que tinha levado para comerciar em África e o bote ficara desfeito. Apesar disso, sorriu. Era bom estar de volta.

Olhando em redor para aqueles homens que o tinham arrancado aos abismos do mar, sentiu uma enorme gratidão. Quanto mais conhecia os africanos, mais os valorizava. A comiseração e o desdém que os civilizados tinham pelos selvagens – e que ele também tivera quando primeiro viera para África – ia-se gastando dia após dia, dando lugar à simpatia e à identificação. Abraçou os seus salvadores um a um, numa efusão calorosa. Depois, como o dia ia entardecendo e ainda faltava percorrer cerca de meia légua até à cidade, pediu-lhes que o conduzissem ao forte português, onde contava ter alojamento.

O forte era uma edificação delapidada e em ruínas que Portugal abandonara no início do século. Ficara, então, a cargo de Félix de Sousa, o único funcionário da Coroa que por lá permanecera, e se agora, anos passados, tinha um padre e um tenente de Infantaria a comandar era porque para ali haviam sido destacados pelo governador de S. Tomé e Príncipe, mais como castigo – perceberia Peter depois – do que como honraria ou promoção. Os dois infelizes roíam ossos naqueles paredões velhos onde nem os ratos se queriam albergar, e só não morriam de fome e de tédio porque Félix de Sousa, que simpatizava com ambos, os recebia regularmente em sua casa. Nessa noite só o padre ficara no forte e foi com ele que o alemão jantou, numa mesa desconjuntada e à parca luz de umas míseras velas de estearina.

– Hoje temos perdiz – informou o padre, após uma breve oração de agradecimento pela comida. – E o que o traz por estas partes?

– Razões comerciais... Depois sigo para Angola – respondeu Peter, enquanto se ia servindo da travessa que a cozinheira preta deixara no centro da mesa.

– Parta depressa, meu amigo. Não se demore por aqui – aconselhou o padre, abanando a cabeça.

E então desfiou um extenso rol de considerações sobre a vida em Ajudá. De palavra fácil e gesto teatral, o padre era um comunicador nato e Peter deixou-se fascinar pelas descrições vivas e coloridas daquele inesperado companheiro de repasto, passando boa parte do jantar a sorrir com as suas tiradas irónicas, os seus juízos escandalizados, ou com o esvoaçar eloquente das suas mãos curtas e gordas.

O padre contou-lhe que aquela gente adorava cobras, para as quais haviam construído uma espécie de templo, próximo do mercado.

– Se vir uma casa construída à volta de uma grande árvore, com um montão de jibóias nos ramos e uns pretos aparvalhados à porta, espojados no chão, a adorar tudo aquilo, não se admire – advertiu, servindo-se de vinho.

Das cobras passou para as mulheres e para o seu vergonhoso comércio carnal. E delas para os verdadeiros culpados, os marinheiros, cujos maus hábitos arrebanhados em todos os lupanares do mundo tinham ido desaguar ali, desmoralizando os pobres pretos.

– Sodoma e Gomorra, meu bom senhor! – exclamou, indignado. – Ande pelas ruas, atente no ar debochado dos homens e mulheres e depois me dirá se isto é ou não é um antro do Demónio – desafiou, benzendo-se e comendo uma garfada de perdiz.

Dos marinheiros escorregou para o arroz que fumegava na grande tigela que a cozinheira acabava de trazer.

– Prove, prove. É arroz da Gâmbia. É felpudo, vai gostar – assegurou, insistindo com os olhos, enquanto passava a tigela ao alemão.

Perorou depois sobre os mercadores de escravos, que viviam como sibaritas em seminudez, fumando incessantemente e passando a maior parte do tempo nos seus haréns. Peter tentava segui-lo com a máxima atenção, mas perdia partes da homilia porque de tempos a tempos era acometido por vagas de sonolência em que o cansaço quase o vencia e a voz do padre se tornava monocórdica e longínqua. Nessas alturas só não adormecia porque ainda estava a acabar de jantar, coisa de que o padre manifestamente se esquecera. Indiferente ao torpor do seu ouvinte, tinha-se fascinado com a sua própria voz, enquanto o que restava da perdiz esmorecia tristemente no seu prato.

Chegado, entretanto, a Félix de Sousa, o maior dos negreiros, as suas palavras incendiaram-se de um furor canibalino:

– Um depravado! – condenou, de braço erguido como um Deus fulminador. – Tem mais de cinquenta filhos reconhecidos, fora muitos outros que foi fazendo por aí. As mais belas mulheres da costa não resistiam ao seu ouro, ilustre senhor – disse, baixando o tom de voz e chegando-se um pouco para a frente, como se as paredes tivessem ouvidos.

Parou para beber água e arrotar de forma satisfeita e prolongada, posto o que continuou a escarpelizar a vida de Sousa. O homem viera pobre da Baía e agora tinha dezenas de navios e milhares de escravos em barracões, sempre prontos a embarcar. Talvez fosse a criatura mais rica da Terra. E porquê? Porque era o financeiro do rei do Daomé, se

assim se podia dizer. Fornecia-lhe armas – «belas espingardas dinamarquesas, meu bom senhor» – e mercadorias europeias. Em troca recebia escravos e mulheres.

– E com gente desta que posso eu fazer? Perco o meu tempo a falar, canso o pulmão e encho-me de calor sem proveito nenhum. Isto não é e nunca há-de ser terra de cristãos.

Peter anuiu com a cabeça, numa quase dormência. O sono tolhia-o e não conseguia fazer mais do que acenar ou balbuciar monossílabos. Indiferente a isso, o padre prosseguiu revelando que lá para o interior, no coração do reino do Daomé, as coisas ainda eram piores. Havia sacrifícios humanos e constava-lhe que aqueles bárbaros decoravam as ruas e os palácios com os crânios dos mortos.

– Se calhar falo de mais e estou a cansá-lo...

Peter negou com a cabeça e o padre continuou a deambular pelos infernos do Daomé até que o seu ouvinte perdeu o fio à meada: as pálpebras carregaram-se-lhe de toneladas de chumbo e caiu num brusco adormecimento. Despertou quando o padre bateu palmas para chamar a cozinheira preta, a quem pediu o cachimbo.

– Já ouviu falar das amazonas? – inquiriu, enquanto se entretinha a palitar os dentes com uma farpa. – Nós chamamos-lhes assim por parecenças com as guerreiras da Antiguidade – esclareceu, num aparte. – Mulheres terríveis...

E explicou que um terço do exército era formado por essas amazonas, que rivalizavam com os homens em ferocidade. Eram elas que constituíam a guarda do rei do Daomé e que o serviam com uma fidelidade sem par.

– Há quem diga que são virgens. Mas também já ouvi dizer que as mais belas servem para satisfazer o soberano e os seus cortesãos. Vá-se lá saber...

Prolongou-se nesse assunto que, por entre benzeduras, obviamente o interessava, e por lá teria continuado se o seu ouvinte, alegando um invencível cansaço, não se tivesse retirado.

Nessa noite Peter ficou alguns minutos deitado na cama a olhar o tecto escuro, à espera de que a próxima vaga de sono o mergulhasse num bem merecido descanso. Enquanto esperava ouvia, ao longe, os uivos dos chacais e ia digerindo a torrente de informação que o inundara. Pensou um bocadinho no padre, também. Não lhe invejava a sorte. Para quem não compreendia África e os seus costumes, a estadia num sítio daqueles devia ser um autêntico pesadelo. Adormeceu,

exausto, mas com um leve sorriso, como se o solilóquio a que assistira continuasse a embalar-lo e a diverti-lo.

Na manhã seguinte acordou cedo, às seis da manhã. Escreveu de imediato ao pai e a Pinto Basto, explicando as peripécias e perdas do desembarque e pedindo o reenvio das mercadorias. Depois, tomou chá com um pouco de pão duro e mel, e, de espingarda na mão, regressou à costa. Passou ao lado da lagoa e galgou a língua de areia que a separava do Atlântico. Chegado à beira-mar tirou os sapatos e as meias e pôs-se a percorrer a praia em direcção a poente, com as ondas alterosas à sua esquerda. À sua direita, dos lados da lagoa, divisou um crocodilo que ziguezagueava desajeitadamente sobre os atarracados membros em busca de algum calor e, por cima de si, viu passar um bando de patos-bravos retardatários grasnando em direcção ao Norte. À medida que ia caminhando na areia ia renovando um rito iniciador. Aquela praia era diferente da de Moçâmedes mas exercia sobre si um mesmo fascínio. Ao contrário do padre, Peter gostava dos perigos e desafios africanos. Ali ou em Angola, a magia era sempre a mesma e era irresistível: um magnete que se tornava mais forte a cada dia que passava e que o prendia àquele continente.

Com a alma revigorada por aquele passeio matinal, foi visitar a cidade. Junto ao bairro inglês, um som de tiros veio povoar-lhe a mente de uma curiosidade bárbara. Seguindo na direcção das detonações, desembocou numa grande praça onde duas ou três centenas de mulheres-soldado faziam um enorme alvoroço. No centro, uma vintena dessas mulheres dançava animadamente, enquanto as outras, alinhadas em redor, iam disparando de tempos a tempos as espingardas para o ar.

O espectáculo era digno de se ver e Peter deixou-se ficar a fruí-lo. O traje das Amazonas era uma túnica com riscas verticais azuis e brancas, um calção largo pelo joelho e um chapéu semicónico em forma de capacete. Os seus corpos ondulavam ao som de uma música dissonante que trovejava nos tambores e escorria dos instrumentos de sopro, e os seus pés descalços tão depressa se pregavam ao chão como se despegavam dele em saltos rápidos e elásticos. Havia qualquer coisa de muito poderoso e de hipnótico naquelas mulheres e Peter achou que elas eram perfeitamente coerentes naquele mundo. Eram, à sua maneira, jibóias dignas de ser adoradas e prontas a engolir a sua presa. Enquanto dançavam, fixavam o infinito, com os olhos esbugalhados, indiferentes aos incentivos e disparos para o ar das que assistiam. As suas mãos direitas faziam um movimento de serra e, no final, num gesto brusco,

simulavam a conclusão do trabalho, como se estivessem a decepar qualquer coisa.

– São exímias a cortar cabeças – disse, em português, uma voz atrás dele.

Era o padre, que seguia com dois acólitos em direcção à igreja. Peter levou a mão ao chapéu, num cumprimento instintivo, e ficou mais uns minutos a observar as amazonas e a imaginar as decapitações. Depois passou pelo mercado e serpenteou entre os cheiros intensos e os cestos a transbordar de bagas e frutos de um vermelho áspero e incandescente. Adiante regateou o preço de uma galinha-da-índia até conseguir levá-la por 4000 cauris, as conchas que serviam de moeda naquelas paragens. Comprou também vinho de palma, para experimentar, e deixou tudo no forte para que a cozinheira preta preparasse o jantar.

Com a noite a cair, voltou a passar na praça principal. Algumas amazonas ainda dançavam, como se não soubessem o que era o cansaço. Do lado oposto da praça, um homem assomara à varanda da maior casa de Ajudá e observava o que se passava a seus pés, ao mesmo tempo que ia consultando repetidamente o relógio de bolso, como se estivesse a conferir a incrível resistência física daquelas mulheres. Era um homem de sessenta e tal anos, talvez, não muito grande, de barba farta e cabelos compridos, que já começavam a embranquecer. Vestia um *robe de chambre* e, na cabeça, um *képi* em veludo verde, bordado a ouro, dava-lhe um ar de rico mercador da Insulíndia ou da Arménia. Sem que ninguém lho dissesse, Peter percebeu que aquele homem era Félix de Sousa.

Conhecê-lo-ia pessoalmente cerca de uma semana depois, quando tentou interessá-lo nas mercadorias que estavam para chegar de Altona e de Lisboa, e entre os dois nasceu uma simpatia recíproca. Sousa disponibilizou-se até a tentar que Guêzu, o rei do Daomé, o recebesse daí por uns meses.

– Agora não o apanha lá – avisou. – Durante a estação seca, anda em guerra.

Peter tornou-se uma visita assídua da casa de Sousa e, com o contacto quotidiano, aprendeu a conhecer-lhe os hábitos e os pensamentos. Félix de Sousa era uma pessoa de uma lucidez e inteligência raras, mas de comportamento sombrio e solitário, não obstante ter a casa sempre cheia de convidados. Apesar de ser negreiro era um homem caridoso, humano para os seus escravos. Os seus grandes olhos, que mantinham o brilho apesar da idade, abriam-se numa

expressão simultaneamente calma e penetrante de quem vê os outros à transparência. Tinha tudo para ser um homem feliz, a sua casa abarrotava dos confortos da época, resplandecia em baixelas de prata, e no entanto Sousa carregava em si a persistente tristeza de alguém encarcerado nos seus dilemas e no seu destino.

Um dia fez-lhe confidências.

– É verdade que sou rico, Sternberg, mas isso não me serve de muito porque nesta terra não posso aplicar o meu ouro a não ser em escravos ou para satisfazer o meu luxo – concluiu, com desalento. – Duvido, até, que possa deixar Ajudá.

– Mas porquê?

– O rei do Daomé acha-me imprescindível ao negócio, percebe? Além disso, para onde iria eu? Vivo aqui há mais de quarenta anos – informou, olhando para o relógio de bolso, como se precisasse regularmente de cronometrar o seu tempo. – Não tenho amigos nem contactos fora deste mundo.

Enquanto falava, a sua cara ia escurecendo de desânimo e ele ficou a olhá-lo com um misto de impotência e de pena. Compreendia perfeitamente o sentimento de clausura daquele velho e a sua correspondente necessidade de evasão. Já vira caras como a sua entre alguns negreiros de Luanda. Gente que entrara na engrenagem do negócio da escravatura e do qual, por muito que esbracejasse, não conseguia sair. Talvez fosse por essa razão que já na Alemanha ele preferisse, como na fábula do cão, ser antes magro com liberdade a ser gordo com grilhetas.

Conviveu com Sousa durante três longos meses. Aliás, foi graças à sua hospitalidade que pôde permanecer tanto tempo naquela cidade, aguardando a possibilidade de visitar o reino do Daomé. Em Maio de 1845, quando já estava cansado de tanta ociosidade e prestes a desistir e a regressar a Angola, chegou finalmente o muito esperado mensageiro. Era um africano de baixa estatura, com a metade direita da cabeça rapada e um colar cheio de dentes humanos – dentes dos inimigos mortos em combate, explicou Sousa. Sua Majestade Guêzu I informava que receberia o alemão e ordenava-lhe que seguisse para Abomé o mais rapidamente possível, de modo a que ainda pudesse assistir à grande festa em honra do comércio, que se realizaria daí por duas semanas.

Peter saiu na manhã seguinte. Sousa arranjava-lhe quinze escravos para o levarem na rede – o modo de transporte local – e para lhe carregarem a bagagem e os presentes para o rei. Perto do forte

português cruzou-se com o padre, que se benzeu repetidamente quando soube o seu destino. E assim partiu, num halo de bênçãos e expectativas, levando na mão o bastão real que lhe serviria de salvo-conduto até à capital do reino de Guêzu.

Logo no primeiro dia de viagem parou num abrigo que ficava perto de um palácio e percebeu a razão de ser das preocupações do padre. De um ramo de uma árvore junto ao portão do palácio pendia uma cabeça recém-decapitada que ainda babava um sangue negro e espesso, gota a gota, para o chão. O espectáculo era tétrico e piorou quando o crepúsculo desceu de súbito, como era habitual naquela terra, trazendo consigo bandos de morcegos de tamanho tal e em tal quantidade que quase tapavam o céu.

Todas as noites aquele quadro soturno se repetia, com algumas variações. Mas o Daomé tinha um reverso da medalha. Quando o sol se erguia no céu e a caravana se punha em marcha, o cenário mudava radicalmente. Os morcegos refluíam, como que expelidos pelo sol, e iam pendurar-se em cachos nas árvores altas. As caveiras expostas sobre portas e muros ficavam para trás e davam lugar a campos de cultivo bem tratados. De tempos a tempos a caravana era absorvida na cor e na vida das florestas que atravessava e Peter maravilhava-se com as grandes árvores polvilhadas de macacos ou com a mancha fluida de um leopardo que se escondia na folhagem. Depois vinham prados de uma beleza etérea, cobertos por milhares de flores e de borboletas, e ele deixava-se tombar para trás, com a alma cheia, e adormecia no calor do sol e no embalo da rede em que o transportavam. O Daomé tinha, como a lua, uma face sombria e outra iluminada.

Ao sexto dia de viagem avistou finalmente Abomé e, à medida que se aproximava da grande cidade, ia sendo tomado pelo rumor das vidas que enxameavam lá dentro e em seu redor. O portão por onde entrou em Abomé ia desembocar num largo com várias lojas de ferreiros, submersas no tilintar seco dos martelos a bater no metal em brasa. Depois, um grande baldio com dois ou três talhões de terra cultivada a intercalarem a tonalidade pardacenta das casas. Adiante, o burburinho de um grande mercado, junto ao qual se amontoavam crânios humanos e ossadas de animais – Peter viu duas de elefantes, que ali jaziam como navios encalhados, mostrando o cavername erguido para o ar. Não parecia haver ruas e era difícil para um europeu perceber que estava na capital de um grande reino pois as casas de piso térreo eram de barro e tinham por vezes árvores de certo porte dentro delas.

Após passar por muitas dessas casas, a caravana deteve-se no centro de um enorme terreiro, sob toldos, junto a um grande palácio. Peter vestiu a sua melhor roupa e ali ficou durante uma hora a ser admirado pela multidão que se agrupava no lado esquerdo do terreiro. Por fim surgiram três dignitários que o conduziram até ao palácio de Guêzu.

Ficou fascinado com o que viu. As praças no interior do palácio estavam literalmente atulhadas de soldados armados com espingardas. Frente a uma porta de entrada estava o rei, semideitado numa espécie de canapé coberto por um toldo; logo atrás dele sentava-se uma mulher sob um guarda-sol carmim e dourado, rodeada de outras mulheres que a olhavam com deferência ou, talvez, inveja. As mulheres faziam rebrilhar ao sol os seus muitos adornos de prata e pareciam todas esbeltas, ainda que os seus corpos estivessem parcialmente velados em sedas azuis e verdes. Centenas de estandartes e guarda-sóis alegravam a cena, espalhando manchas de cor sobre aquele formigueiro humano.

Assim que Peter saltou da sua rede, o rei, até então reclinado, ergueu-se e dirigiu-se-lhe em passo lento, majestoso, seguido por um escravo que transportava um enorme guarda-sol e precedido por um outro, dobrado em dois, pela cintura, que removia meticulosamente as pedras e paus do caminho do soberano. Dezenas de músicos encetaram então uma espécie de marcha heróica, os soldados nas praças dispararam as suas armas, fazendo um estrondo infernal, e os ministros e outros cortesãos prostraram-se no chão, despejando pó sobre as suas cabeças.

Guêzu teria uns quarenta e cinco anos e era um homem relativamente magro e bem-parecido. Estava vestido de forma simples, sem ornamentos, com uma túnica de seda amarela. Usava sandálias, enquanto todos os outros andavam descalços, e tinha um chapéu espanhol de abas largas com uma generosa e repolhuda pluma branca. À primeira vista parecia uma figura de comédia, mas a testa enrugada e o fino bigode davam-lhe um ar orgulhoso e cruel e Peter percebeu instintivamente que teria de ser muito cauteloso no seu relacionamento com aquele personagem.

Após os cumprimentos, entregou ao rei as cartas do seu pai e de Pinto Basto. Guêzu permaneceu por instantes parado, com os papéis na mão, mas depois quebrou os selos num gesto agreste, seco, e devolveu-lhas para que as lesse:

– Ao muito Alto e Poderoso rei Guêzu, do Daomé, senhor de grandes exércitos...

Ao seu lado um português ia traduzindo as suas palavras. Peter notou que a língua que falavam no Daomé era áspera e gutural – uma língua condizente com as caveiras e o lado sombrio do reino, pensou.

Depois de terminada a leitura e de o tradutor ter recolhido as cartas, o rei acompanhou-o à saída do palácio. Os soldados explodiram de novo em gritos e tiros. Indiferente ao ruído Guêzu apertou a mão do visitante branco, estalou os dedos por três vezes e assim se separaram.

O tradutor guiou Peter até à casa que lhe tinha sido destinada, perto do palácio. Era uma construção de média dimensão, com as paredes exteriores em barro e duas magras laranjeiras numa espécie de pátio interior. O mobiliário do seu quarto era espartano: uma cama em bambu, dois tapetes de cores garridas e uma vasilha ressequida pelo calor. O que não o incomodava pois estava habituado à simplicidade. Havia uma divisão para tomar as refeições, com uma pequena mesa, e uma outra onde se guardavam roupas e cereal. As restantes divisões estavam praticamente nuas e assim permaneceram pois ele apenas reteve dois escravos que falavam português, para o servirem, e despachou os outros de volta para Ajudá.

No fim da primeira semana de residência, o rei disse-lhe que para apreciar bem as suas festas seria conveniente que ficasse em Abomé pelo menos até à festa do milho – mais oito semanas, esclareceu, num aparte, o tradutor. Só depois disso se pronunciaria sobre as propostas de negócio com Lisboa e Altona. Peter recebeu aquela sugestão, que no fundo era uma ordem, com um gesto de assentimento, tentando esconder a negra preocupação que o invadia. Sentiu-se subitamente aferrolhado naquela cidade e o sentimento tornou-se ainda mais desconfortável quando, no fim da audiência, Guêzu o aconselhou a não sair de casa nessa noite pois iria decapitar seis homens em homenagem aos seus antepassados.

– Quando o tambor e o gongo passam pelas ruas anunciando o início dos sacrifícios, todos os que estão fora de casa são agarrados e acrescentados às vítimas – avisou. – De noite, o falcão é cego e esse destino pode tocar a todos, até ao homem branco.

O alemão não conseguiu evitar uma expressão de desagrado ou de repulsa, perante a qual o rei reagiu de imediato e com dureza:

– Impressiona-te a morte? Pois hás-de ver-me matar muitos homens durante as festas – advertiu, com um olhar glacial. – Algumas cabeças serão colocadas à minha porta e outras espalhadas junto ao mercado, de maneira que as pessoas tropecem nelas quando menos o esperarem –

acrescentou com um vago sorriso. – É isso que dá grandeza ao meu nome e que faz com que os meus inimigos me temam.

Peter não retorquiu, nem era certamente esperado que o fizesse. Pediu licença para se retirar e dirigiu-se para casa. Enquanto andava, o peito carregou-se-lhe de uma opressão densa que lhe dificultava a respiração. Pela primeira vez a África transmitia-lhe sensações muito negativas. Provinham de uma profunda aversão à barbárie e de se sentir encurralado num mundo de horror e arbítrio, do qual não iria ser fácil sair. Viu perante si a figura triste de Félix de Sousa, a sua expressão desanimada consultando o relógio, e, afligindo-se, acelerou o passo.

À noite, já deitado, ouviu o tambor e o gongo e sentiu o andar arrastado, lúgubre, de gente a passar perto da sua porta. Lembrou-se então de ter pressentido, pelos passos, a proximidade de uma hiena, em Benguela, e veio-lhe à memória a imagem da fronteira da selva a passar perto da sua porta, que então lhe parecera tão poética. Em Abomé a fronteira da selva era outra. Uma fronteira que o arrepiava, que lhe apertava o estômago num nó de medo e com a qual não sabia lidar.

As festas começaram na manhã seguinte, logo ao romper do dia. Havia música, dançarinos, cânticos e uma trovoada de tiros para o ar, enquanto uma pequena escuna sobre rodas oferecida por Félix de Sousa percorria Abomé puxada por pares de escravos, distribuindo presentes pela população. A meio da manhã, no terreiro principal, vieram grupos de trovadores cantar a história do reino e as proezas militares de Guêzu. Depois, regimentos de amazonas, que se alongavam em panegíricos ao rei. Ao seu lado, o tradutor ia vertendo tudo para português, para que nada da mensagem laudatória se perdesse, enquanto as amazonas cantavam de braço erguido e olhar duro:

Éramos mulheres e agora somos homens
Guêzu fez-nos renascer, somos as suas esposas e as suas filhas.
Somos os seus soldados e as suas sandálias.
A guerra é o nosso passatempo.

E a festa prosseguiu pela tarde fora no mesmo tom de divinização do déspota. À medida que as horas passavam iam crescendo em Peter os sentimentos de enfado e de inquietação. Não se imaginava a suportar aquelas festas entediadas e, antevia-o, sangrentas durante semanas a fio. Talvez, com muita diplomacia, o rei o autorizasse a fazer uma caçada, para se ausentar por alguns dias que fosse daquela masmorra festiva. O essencial era não desanimar nem perder a esperança.

Mas o dia seguinte foi cem vezes pior. O sol nascera baço e enevoados

e pairava um cheiro estranho e opressivo no ar. O tradutor conduziu-o ao Ájáí, o maior mercado da cidade, para assistir ao início da festa dos sacrifícios. Num dos cantos do terreiro tinha sido construída uma enorme plataforma em madeira com onze ou doze pés de altura e com um parapeito a toda a volta. Peter subiu a escada e acomodou-se no espaço reservado aos convidados. O lado oposto estava preenchido com as tendas das esposas reais e ao centro havia uma grande mesa com copos e bebidas, para os brindes e a confraternização. Junto ao parapeito tinha sido encostada uma quantidade impressionante de cauris, panos, barricas de aguardente e rolos de tabaco. O rei chegou, entretanto, sentado no cimo de um elefante de madeira com rodas, puxado por escravos e escoltado por amazonas.

Tudo estava engalanado com bandeiras, panos e guarda-sóis de muitas cores, e o ambiente era de grande excitação e alegria, excepto para doze homens vestidos de túnicas brancas e com um chapéu cónico vermelho na cabeça, que estavam junto à escada de acesso à plataforma, sentados em grandes cestos, de mãos e pés atados. Peter percebeu com horror que eram os condenados. Mantinham-se perfeitamente imóveis enquanto em seu redor a multidão se agitava e os olhava com uma insistência hipnótica e voraz.

A festa iniciou-se quando o rei começou a atirar os cauris, os panos e o tabaco para o terreiro. A gente praticamente nua que até então aguardara compacta e expectante, frente à plataforma, começou a ferver como a lava de um vulcão. Homens de todas as idades lutavam encarniçadamente para se apossarem dos bens que iam caindo no chão ou sobre as suas cabeças. Aquela massa humana, alagada em suor, oscilava de um lado para o outro com um ronco surdo e dela emanava um vapor semelhante aos miasmas de um pântano.

A multidão só se aquietou quando trouxeram os condenados para a plataforma. Ao ver aqueles desgraçados suportarem o olhar dos seus algozes sem um estremecimento e sem que dos seus lábios saísse um suspiro que fosse, Peter sentiu uma onda de admiração varrê-lo dos pés à cabeça. Nunca vira tanta frieza perante a morte e sentiu-se emocionado com aquela demonstração de coragem.

Assim que o rei se aproximou do parapeito, a multidão começou a entoar com intensidade crescente uma ladainha, que o português traduzia:

– Temos fome, precisamos de comer! Temos fome, precisamos de comer!

Os gritos aumentaram de volume, tornando-se infernais, quando os cestos onde as vítimas estavam sentadas, de mãos e pés atados, foram colocados sobre o parapeito. O rei fez, então, um breve discurso, declarando que ia oferecer aqueles prisioneiros ao seu povo, como o seu pai e o seu avô tinham feito antes dele. Seguidamente, aproximou-se em passos lentos do primeiro cesto e virou-o, fazendo com que o pobre condenado caísse de borco lá em baixo. As mulheres e os homens que estavam na plataforma precipitaram-se para o parapeito, acotovelando-se, na ânsia de ver o que acontecia no terreiro. O tradutor português, que também corraera, veio depois junto de Peter, que permanecera sentado, relatar-lhe os acontecimentos:

– O carrasco decapitou-o com um só golpe. Depois, pôs a cabeça noutro cesto e atirou o corpo à multidão, que o desfez em bocados.

O rei virou mais dois cestos e retirou-se, enfadado, para junto das suas mulheres, deixando o resto da execução a cargo dos ministros. Alguns dos prisioneiros foram decapitados, outros mortos à paulada, outros linchados pela multidão alucinada. O último, porém, foi entregue à favorita do harém, para que o executasse ali mesmo, no centro da plataforma, e Peter teve de assistir a um espectáculo arrepiante pois a mulher, hesitante e desajeitada, demorou cerca de dez insuportáveis minutos a decapitar o condenado. Fê-lo no meio de aflições e risinhos, com a leveza despreocupada de quem participa num jogo ou corta um bocado de lenha, e aquilo deu-lhe uma náusea tão grande que pensou não ser capaz de reter os vômitos. Não era a visão da morte nem o espectáculo do sofrimento humano que o horrorizavam. Já tinha assistido a enforcamentos, na Alemanha, e também não eram coisas bonitas de ver. Mas nunca na sua vida presenciara um horror como o que tinha diante dos olhos. Percebia o prazer bárbaro de matar, o gosto pela caçada, a exaltação da guerra, mas não entendia nem aceitava a necessidade de torturar. Sentiu um novo vômito e amaldiçoou a estúpida curiosidade que o tinha levado àquela maldita cidade.

Nessa altura, Guêzu levantou-se do seu sofá e veio junto a ele para o presentear:

– A partir de hoje tens o título de Amigo-del-Rei e podes pedir-me favores.

Peter inclinou a cabeça, num agradecimento que escondia a sua perturbação e náusea, mas nada disse.

– E vou dar-te uma esposa – acrescentou o rei, esboçando o que parecia ser um sorriso. – Logo, quando o sol se puser, haverá uma

mulher da família real na tua cama.

Vendo que Peter hesitava, o tradutor veio em seu socorro:

– Tem de aceitar – disse, na sequência do que traduzira. – Seria considerada uma grave ofensa recusar.

Nessa noite Peter esperou ansiosamente a chegada da sua esposa negra. Parte da sua retracção inicial esbatera-se quando o tradutor lhe explicou que aquele casamento seria uma relação transitória, típica das mulheres da família real que podiam ter os amantes que quisessem e que regressavam à família de origem assim que se fartassem dos maridos. Nesse estado de coisas, imaginou e desejou uma segunda Márcia que lhe amenizasse a permanência naquela cidade inquietante e cruel.

Já anoitecia quando ouviu bater. Abriu a porta e viu perante si uma mulher alta, ligeiramente mais alta do que ele, apesar de estar descalça. Tinha a pele muito escura e feições correctas. Seriam até belas, se não fossem tão duras. Por instantes fez-lhe lembrar Elsa, a linda negra que vendia panos em Luanda, e ficou pasmado a contemplá-la. Era uma amazona e ele percebeu, pelas três fitas de tinta branca à volta de cada perna, que pertencia aos regimentos que patrulhavam as selvas e caçavam elefantes.

– Chamo-me Kpengla – disse ela com segura, num muito razoável português.

Peter voltou a assestar o óculo, apontando-o à praia onde o padre procedia à bênção dos barcos. Havia muita gente ajoelhada na areia rezando e benzendo-se. O alemão fechou o óculo extensível, com o olhar na baía e o pensamento ainda a pairar no passado e noutro lugar, e repetiu lentamente, soletrando o nome:

– K-pen-gla, K-pen-gla...

Depois da primeira noite com Kpengla, quantas vezes pensara que teria sido bem melhor nunca ter aberto aquela porta e nunca a ter conhecido? Mas essa era uma longa história que não lhe apetecia recordar.

Muita coisa acontecera no Daomé e no entanto todos os sonhados negócios haviam falhado porque os artigos propostos não eram apropriados ao gosto e à procura locais e, sobretudo, porque Félix de Sousa, o homem que melhor poderia introduzir entre aquela gente o comércio das ferragens, dos vinhos portugueses e das louças de Ílhavo morrera em Ajudá pouco depois da sua passagem pela cidade. Como nenhum dos seus filhos parecera interessado na proposta comercial que

ali o tinha levado, Peter comunicara ao pai e a Pinto Basto que o negócio não era viável.

Aliás, em Lisboa, as coisas também não tinham corrido como esperado. No final de 1845, Pinto Basto escrevera-lhe uma carta a informar que o Governo português não concedera os monopólios pedidos para comerciar na área de Moçâmedes, pelo que a planeada companhia não iria por diante. A carta concluía, filosoficamente:

Estou nesta pacífica mansidão de espírito que tende a dizer as verdades, meu caro Sternberg. Infelizmente este Governo de Lisboa é como o cão do jardineiro: não come nem deixa comer!

Algum tempo depois Portugal envolvera-se em sérias complicações. Um problema com uns enterros lá pelas aldeias do Norte, uma tal Maria da Fonte... Enfim, tudo descambara numa guerra civil e Pinto Basto deixara de ter condições para continuar a insistir na formação da companhia. Mantivera a título individual o seu interesse na obtenção de marfim, única parte em que o acordo entre ambos deveria continuar válido, e isso fora o suficiente para garantir a Peter um meio de subsistência como caçador em Moçâmedes. Mas o Daomé fora um *non sequitur*, como diria o seu velho professor de Latim. Demasiado esdrúxulo, demasiado desencontrado, para que algo dali resultasse. Às vezes, tinha a sensação de que pouco ou nada sobrara daqueles oito ou nove meses ali passados. E, todavia, continuava a sentir que de um modo ou de outro aquela sua passagem pelas terras do rei Guêzu ainda iria ter uma grande importância na sua vida.

Voltou a assestar o óculo e deixou-se ficar mais um pouco no topo da colina para ver com mais pormenor que gente seria aquela que andava por Moçâmedes. A procissão já se desfizera e o padre lá ia num dos escaleres carregado de marinheiros que deslizavam em direcção a um navio de guerra ancorado na baía. Os soldados marchavam de regresso ao quartel e o resto das pessoas caminhava da beira-mar para a povoação. Observou-as com atenção, demoradamente, percorrendo um a um aqueles corpos que se moviam com pouco à-vontade, aperreados nos seus trajes de domingo. Pareciam camponeses como os que conhecera no Norte da Alemanha. Deviam ter chegado em massa com os seus sonhos, a sua avareza e os seus utensílios agrícolas. Torceu o nariz. Escapara da civilização e agora a civilização decidira vir ter com ele, de mangas arregaçadas e sequiosa de riquezas e de progresso.

¹ Termo pelo qual se designava a febre em Angola, e que corresponde à malária.

Pioneiros

O dia estava a nascer sobre a Fazenda dos Cavaleiros, ou sobre o seu esqueleto pois ainda não havia muito mais do que isso: ali, o barracão dos escravos; adiante, as primeiras paredes de um edifício que haveria de servir de depósito e armazém; à sua esquerda, o embrião da moradia de Bernardino – onde já ondulavam ao vento, orgulhosos, o azul e o branco da bandeira nacional – e um anexo reservado ao seu sócio José Leite; mais longe, as capoeiras e os currais dos animais.

Benedita ainda dormia mas o marido já se levantara e, junto da bacia, ia fazendo a barba com extremo cuidado porque a luz tímida que lhe chegava pela janela do quarto mal dava para distinguir os contornos do seu rosto no espelhinho rachado. Semidobrado para a frente, com a mão esquerda a repuxar a pele da cara, José Leite esforçava os olhos para identificar exactamente o sítio onde devia apoiar a lâmina. Já rapara a face quase toda – só lhe faltava metade do queixo – quando ouviu o tiro.

– Porra – gritou, de surpresa e de irritação por se ter cortado.

Pegou na toalha e, sem uma palavra à mulher, que acordara sobressaltada, foi limpando os restos de sabão da cara enquanto saía para o terreiro. Já havia dois escravos lá fora, junto ao edifício principal, e Bernardino apareceu pouco depois, esbaforido e ainda a apertar as calças. Apontando para nascente, perguntou:

– O leão?

– Sim, deve ser...

Bernardino correu em direcção ao curral e suspirou de alívio ao verificar que não tinha havido novidade. Se bem que as fazendas estivessem no seu início, muito incompletas de instalações e com as casas inacabadas ou nem sequer iniciadas, todos os colonos que possuíam gados tinham tido a precaução de construir currais. Poderiam não ter telheiros cobertos de palha para alojamento do gado durante o

dia, mas nenhum deles se esquecera de delimitar recintos com ripado de oito ou nove pés de altura para o gado se recolher durante a noite. Ali na Fazenda dos Cavaleiros fora-se mesmo mais longe e construíra-se um redil murado de pedra e cal. Ainda assim, isso não punha os animais ao abrigo das feras e, na semana anterior, um leão havia galgado o muro e fugido com uma boa vitela nos dentes.

Esse leão devia ser o mesmo que ultimamente vinha a espalhar o terror entre os fazendeiros do vale do Bero, entrando-lhes nos currais e matando-lhes os bois com uma frequência alarmante. Um dos colonos, um jovem minhoto cheio de expediente, decidiu procurar-lhe o rasto e, tendo-o descoberto, montou-lhe uma armadilha com um fio preso ao gatilho de uma espingarda bem fixa e bem carregada. Depois, preveniu todos da existência da armadilha, para que ninguém passasse inadvertidamente pelo local. A detonação que acabara de ouvir-se fora portanto o sinal de que algum animal havia tropeçado no fio e, na esperança de que fosse o leão matador, os homens convergiram rapidamente para a Fazenda dos Cavaleiros, armados e preparados para lhe dar caça, caso não tivesse morrido.

José Leite e Bernardino comeram rapidamente a refeição matinal que a escrava cozinheira lhes preparou e, à frente dos caçadores, dirigiram-se para o local da armadilha. Havia em todos uma electrização que lhes alargava a passada, convertendo-a repetidamente em corridinhas curtas, e que se transformou em desapontamento quando, chegados à clareira, não encontraram o corpo do leão, apenas a espingarda presa ao fio, caída no pó do caminho. Após um breve momento de perplexidade e indecisão, alguém exclamou, apontando para o chão:

– Vamos segui-lo! As pisadas vêem-se bem.

– Vamos! Não pode andar muito longe.

Mas nem todos eram dessa opinião, ou porque não quisessem abandonar as fazendas, ou porque duvidassem do sucesso da caçada. Bernardino era um desses.

– Nã... Isto é um espertalhão que nós temos aqui. Não vai ser nada fácil apanhá-lo – considerou, coçando desconsoladamente a cabeça.

– Pois eu cá não descanso enquanto não o matar – afiançou o homem que montara a armadilha.

Um outro esgarou para o chão e desafiou:

– Quereis vossemecês que ele continue a comer-vos os bois?

Após uma breve discussão acabou por se criar um grupo de quatro caçadores, no qual se incluía José Leite, e que era acompanhado por

dois escravos. O grupo ia firmemente apostado em caçar a fera e preparado para passar a noite no sertão se tal fosse absolutamente necessário. Dirigiram-se para leste, seguindo ao longo da margem esquerda do rio e guiando-se pelos sinais deixados no solo ou na erva seca. À medida que as horas passavam e que a perseguição se alongava, o espanto dos perseguidores ia aumentando e entre os escravos esse espanto ganhava dimensões de superstição.

– Senhor José, simba é espírito mau – garantiu um deles. – Não tem terra dele e nunca pára para comer.

Foi só a meio da tarde, quando José Leite já considerava a possibilidade de desistir, que avistaram um leão deitado a devorar uma girafa. Atrás dele, a um quarto de légua, se tanto, brilhava uma pequena lagoa onde um grupo de zebras bebia com surpreendente tranquilidade. O leão era um macho grande, de juba clara, e a presa devia ter sido morta há pouco tempo. Estava tombada de lado, com o grande pescoço agora flácido alongado como uma jibóia no pó do chão, e parecia adormecida. O leão rasgara-lhe a barriga por baixo e satisfazia a sua voracidade devorando-lhe as entranhas.

Quando avistou os caçadores, a fera levantou a cabeça majestosa, atirou um longo rugido para os céus e exibiu bem os poderosos dentes ensanguentados. De seguida, pôs uma das patas dianteiras sobre as espáduas da girafa, em sinal de posse, e assim permaneceu por momentos, imóvel, olhando o grupo que se aproximava. Depois ergueu-se de um salto e foi nessa altura que José Leite disparou, e após ele todos os outros, precipitadamente. O leão correu a uma velocidade estonteante em direcção à lagoa, pondo as zebras em debandada e desaparecendo numa mata próxima.

– Foda-se! – praguejou um dos colonos. – Falhámos!

Mas junto do corpo da girafa, para onde tinham convergido, a sua opinião mudou ao ver um pequeno rasto de sangue que seguia em direcção à lagoa.

– Olhem! Está ferido!

Recarregaram as espingardas e correram num afã ofegante e sanguinário, só parando nas proximidades da mata. Os arbustos espezinados e partidos mostravam à evidência o sítio onde o leão entrara na vegetação e o trajecto que seguira, mas seria loucura persegui-lo naquele emaranhado de plantas.

– É impossível apanhá-lo ali dentro. Não se vê nada – disse José Leite. – Larga-se fogo a isto...

Mas os outros colonos, surdos ao bom senso, já se tinham internado no matagal, avançando em fila na esteira do leão. José Leite encolheu os ombros e preparou-se, juntamente com os escravos, para abater o animal caso ele fugisse na sua direcção.

Dentro da mata a visibilidade era quase nula devido ao intrincado dos ramos e à densidade da folhagem. A luz do sol penetrando pelas copas permitia ver alguma coisa ao nível da cabeça, mas o que se passava junto ao solo estava embebido numa sombra escura e era completamente invisível. Os colonos avançavam em silêncio, pé ante pé e curvados para diante. Ao mínimo ruído desfechavam as armas. De repente, uma enorme mancha amarelada ergueu-se do solo com um salto prodigioso e um rugido capaz de fazer gelar o sangue. Com uma patada, atingiu o colono da frente e escapou-se tão depressa como tinha aparecido.

Ninguém foi capaz de reagir adequadamente. O colono atingido disparou ao acaso enquanto caía de joelhos, num espasmo de medo e dor, e os outros dois, que tinham as armas descarregadas, fizeram instantânea meia-volta e fugiram em pânico, tropeçando um no outro ou nos ramos das plantas, gritando para fora:

– Não disparem! Não disparem!

O homem que tinha sido atacado pelo leão gatinhou a custo até à orla do matagal. Os seus gemidos e a expressão de dor eram eloquentes. Tinha as costas rasgadas de alto a baixo e as costelas à mostra.

– Já está no moribundo – concluiu um dos escravos, abanando desconsoladamente a cabeça.

Levaram-no em braços e em marchas forçadas até à Fazenda dos Cavaleiros. Ia sangrando pelo caminho e de tempos a tempos perdia os sentidos com as dores. Morreu na manhã seguinte, após uma noite de enorme sofrimento.

O enterro realizou-se na sua fazenda. Uma bandeira nacional a meia haste vinha pôr um tom solene e quase oficial àquele luto. Todos os habitantes das redondezas acorreram e a consternação era enorme. Falava-se de infelicidade e de mau-olhado. Lançado o cadáver na sepultura, Bernardino de Figueiredo, que era o mais hábil com as palavras e que todos encaravam como chefe da colonização, arrancou do peito expressões de saudade pela memória do finado. Depois, apelou ao espírito de sacrifício:

– O Céu conforte os que choram esta perda tão imprevista e lhes lembre que cada homem tem a sua cruz.

Mas o irmão da vítima, e seu herdeiro, um ferreiro que vivia e trabalhava em Moçâmedes, um homem habituado a dobrar o ferro a golpes de martelo, não se resignou com aquela cruz e decidiu instituir um prêmio para quem desse conta da fera. Nesse mesmo dia, o rapazola pequeno e descalço que fazia de pregoeiro percorreu Moçâmedes anunciando em voz declamada o prêmio em vigor:

– Oiçam! Oiçam! Manuel Carmelino, muito sensibilizado com a perda do seu muito prezado mano e amigo, Francisco Carmelino, que faleceu atacado por um leão grande, de juba clara e já ferido, oferece cento e trinta mil réis a quem matar o animal.

Durante quinze dias vários homens o tentaram, sem qualquer sucesso, e houve até uma nova vítima mortal, um carpinteiro demasiado ousado e inexperiente que ficou com a cabeça despedaçada por uma patada do bicho. Com a sucessão de desaires cresceu o medo entre a população e espalhou-se a lenda do leão indestrutível. E, a par dela, a grande apreensão pela ruína económica dos ainda frágeis empreendimentos, pois aquele demónio continuava a atacar os currais, encontrando sempre forma de iludir a vigilância dos colonos.

Seguindo o parecer do conselho colonial, o governador Sérgio de Sousa decidiu então contratar Peter von Sternberg, o mais experiente caçador daquela região, para levar a cabo a tarefa. Peter compareceu na própria reunião do conselho e, inteirado da proposta, aceitou-a sem hesitação. O preço era bom e o desafio interessante.

– Quando pensa partir para o sertão, Sr. Sternberg? – perguntou o governador, oferecendo-lhe um charuto para celebrar o contrato.

O alemão fez um ligeiro compasso de espera como se estivesse a pensar e depois respondeu, enquanto acendia o charuto:

– Agora mesmo... – disse, entre baforadas –, mas não vou para o sertão. .. Vou para a Fazenda dos Cavaleiros, se o Sr. Figueiredo autorizar.

Um silêncio surpreendido envolveu a mesa do conselho. O governador fitou o tecto, um pouco perdido, como se tentasse reencontrar o fio do raciocínio. Bernardino anuiu ao pedido, ainda que lhe escapasse o seu alcance. Já ouvira dizer que o caçador era um homem estranho e agora confirmava-o. Então, Peter explicou-se:

– Este leão habituou-se a matar nas fazendas. São o seu território. Andei a informar-me e verifiquei que ele nunca ataca no mesmo sítio duas vezes seguidas. Vai mudando. Pelo que me dizem, a Fazenda dos Cavaleiros já não é atacada há muito. É provável que apareça por lá

num destes dias.

Anoitecia quando Peter chegou à Fazenda dos Cavaleiros. Trazia as suas armas habituais a tiracolo e uma pequena carabina de cavalaria na mão direita. Acompanhado por Bernardino e José Leite foi analisar o curral onde o gado se recolhia e escolheu para si o muro que ficava contra o vento. Pediu a Bernardino que mandasse encostar à parte de fora desse muro um estrado em madeira que devia ter pertencido, em tempos, a um carro de bois. Era uma sólida plataforma, muito rígida, que chegava, em altura, quase a meio do muro. Sobre essa plataforma colocou uma cadeira para se sentar e apoiar as armas. Instalou-se na cadeira como um santo num andor, pôs uma manta sobre os ombros e esperou pacientemente.

Quando todos se deitaram e a fazenda mergulhou na escuridão, Peter começou a habituar os ouvidos aos ruídos do curral e do espaço circundante. A leve claridade vinda de uma lua em quarto minguante permitia-lhe ver vultos mas não muito mais do que isso.

Seriam duas da manhã quando os bois começaram a mover-se num desassossego crescente. Do fundo do recinto subiam mugidos assustados. Peter ergueu-se lenta e silenciosamente com uma arma na mão e, quando os seus olhos afloraram o topo do curral, viu não um mas dois vultos a galgarem o muro fronteiro. O primeiro saltou, elástico, para o chão e o segundo directamente para o lombo de uma rês, que flectiu os quartos traseiros com o impacto. Foi sobre esse leão que Peter disparou. O clarão rasgou a noite com um grande estampido e o bicho deu um salto enorme, contorcendo-se no ar antes de tombar no chão. O outro leão tentou fugir, trepando o muro por onde viera, mas Peter, que pegara na segunda espingarda, atingiu-o numa pata dianteira. Caído no chão e ferido, o bicho procurou esconder-se atrás do gado. Os bois rodavam, alucinados, mugindo e levantando nuvens de pó. Peter já tinha empunhado a carabina de cavalaria e foi uma sorte tê-lo feito pois inesperadamente o leão emergiu de entre os bois e atirou-se a si. O tiro acertou-lhe em plena boca mas, mesmo em queda, o leão ainda desferiu uma patada que arrancou a carabina das mãos do caçador.

Com os dois animais mortos no chão o gado apaziguou-se e foi poisando um estranho silêncio sobre a fazenda. Passados alguns segundos acenderam-se luzes trémulas – velas certamente – dentro das casas e pouco depois, nos umbrais, surgiram Bernardino e alguns escravos com archotes nas mãos.

Chamaram:

– Sr. Peter... Sr. Peter...

Quando ele lhes disse que já podiam sair, o júbilo foi enorme. Correram para o curral, rindo e batendo palmas de contentamento, e arrastaram os leões para fora. Benedita, que também se levantara, ficou dentro de casa, olhando pela janela enquanto o marido se vestia. E à luz dos archotes, aquele caçador, muito direito no alto da plataforma e com um grande sorriso iluminado pela luz bruxuleante e amarelada, pareceu-lhe um belo deus pagão rodeado de adoradores.

– Volta para a cama – ordenou-lhe secamente o marido, quando saiu para o terreiro.

Ela obedeceu mas, com a excitação, demorou a retomar o sono. Chegavam-lhe, de fora, o ruído das vozes, o encadear das conversas, as exclamações de admiração e gostaria de lá estar para ver aquilo bem de perto. Sentia revolta, também, por tudo lhe ser negado, mesmo as coisas mais simples. Um dia haveria de viver à sua maneira, sem limites nem obediências. E assim ficou largos minutos em lamentos calados e aspirações de liberdade, ouvindo as conversas e os risos dos homens, até que o cansaço se impôs e acabou por adormecer.

Sonhou que estava no alto da ponta do Noronha, contemplando a baía de Moçâmedes com Peter a seu lado. Estava maré vazia e o penhasco corria de forma côncava e aconchegante, como a palma de uma grande mão encurvada até ao mar. Peter desceu e ela seguiu-o, sem dizer uma palavra. A superfície do solo era macia, semelhante a cinza ou aparas de madeira ou, talvez, terra mole, e ia-se bem até lá. Mas o declive, em curvatura, era muito acentuado e enquanto descia ela pensava que seria difícilimo subir se a maré enchesse e fosse preciso voltar para trás.

Peter partiu para a Huíla ao raiar do dia, depois de ter pedido a Bernardino que se encarregasse de levar os leões mortos para a povoação. Já não estava nos Cavaleiros quando Benedita se levantou. A fazenda começava a ferver de curiosos que vinham da vizinhança admirar as feras. Uma delas, a maior, tinha a juba clara e uma ferida antiga no dorso. Os animais mortos foram carregados numa carroça e o próprio Bernardino fez questão de acompanhar o escravo que os conduziria à fortaleza para os entregar ao governador. Pelo caminho ia sendo saudado e aplaudido. Alguns colonos corriam até perto da carroça para ver aqueles troféus de caça e atiravam-lhe vivas. Os escravos que conduziam carros carregados de saibros paravam o seu labor e vinham espriar o olhar admirado pelo corpo dos leões. Ele sorria e acenava às

peças, sentindo-se heróico e ufano como um general romano num desfile triunfal. Ali estava mais uma forma de alicerçar a sua reputação e de reforçar o seu poder na colónia. Curiosamente, não se sentia a aproveitar da glória alheia, nem se via a si mesmo como um usurpador. No fim de contas, tinha sido na sua propriedade que tudo se consumara.

Depois da notoriedade adquirida com o abate dos leões, Bernardino quis fazer da inauguração oficial da Fazenda dos Cavaleiros um outro momento inesquecível. Os tempos não estavam fáceis. As habitações dos escravos tinham pegado fogo devido ao descuido de um preto e ia ser preciso construir novas. Ficara igualmente destruída a tenda do fundidor, perdendo-se ferros e tornos que haviam de custar tempo e dinheiro a substituir. Ainda assim, Bernardino não abdicava da sua festa e apesar de ir frontalmente contra a opinião do seu sócio, que não parava de rosnar o seu descontentamento entre dentes, abriu os cordões à bolsa, não se poupando a despesas para abrilhantar a cerimónia.

Mandou montar grandes barracas provisórias para servir o almoço e o jantar. Comprou, a crédito, um dos três engenhos para produzir açúcar que tinham sido trazidos do Recife e iniciou a sua montagem, para que todos vissem o desenvolvimento que já imprimira à sua fazenda. E, com a ajuda de Benedita e das escravas, preparou e engalanou o terreiro para acolher o arraial.

Acorreu gente de todo o distrito. Desde logo os vizinhos que, como ele, se tinham estabelecido ali, no sítio dos Cavaleiros, com o intuito de plantarem cana-de-açúcar. As autoridades e os comerciantes de Moçâmedes, bem como os que se tinham fixado à saída da povoação, na cercania das hortas, vieram em carros de bois que se faziam anunciar ao longe, pela chiadeira do rodado. Em grupos dispersos e por entre cantigas ao desafio chegaram os que cultivavam a mandioca e viviam mais além, a légua e meia da povoação. Vieram ainda as gentes que amanhavam as terras na margem direita do Bero e se dedicavam ao cultivo de legumes.

Também não faltou o Dr. Vilela, médico-cirurgião do Hospital de Moçâmedes, especialmente conhecido por ser mais amigo da bebida do que do trabalho. Era ele o esculápio que por desgraça calhara em sorte a Moçâmedes. Ganhava 30 moedas pelas suas funções no hospital, mas passavam-se aos quinze e vinte dias em que não punha lá os pés. Para vir à festa, e como tantas vezes fazia, deixara o serviço a um tal Tibúrcio, aprendiz de farmácia a quem quase nada podia ser confiado.

Talvez o muito considerado Peter von Sternberg, recente herói da odisseia dos leões, aparecesse lá mais para a tarde, mas não dera a certeza de poder vir – dizia quem o conhecia que o alemão raramente se comprometia com essas coisas. Só faltariam os pescadores que andavam no mar, os soldados de piquete à fortaleza e os colonos que tinham marchado lá para o interior, para a distante Huíla, com o arrojado sonho de aí viverem da plantação de tabaco.

À chegada do governador, acompanhado pelos majores Garcia e Horta, içou-se a bandeira portuguesa, largando-se depois vários foguetes. O governador tinha oferecido alguns bois para consumo dos colonos e a sua carne já rodava em grandes espetos de madeira, impregnando o ar com um cheiro adocicado e convidativo. Numa mesa pequena, encostada à parede da arrecadação, havia cestas com frutas e doces. Debaixo de um toldo improvisado, alongava-se uma mesa maior, rectangular, cheia de refrescos, onde os pares, suados da dança, poderiam vir matar a sede.

E o baile começou cedo, com uma chula tocada numa rabeca, algumas violas e cavaquinhos, acompanhados pelo tinir dos ferrinhos e pela detonação do bombo que alguém trouxera e que marcava o ritmo com energia minhoto.

A gente apresentava-se como se fosse para uma romaria. As mulheres traziam os seus melhores vestidos e estavam esfuziantes de vida e de alegria. Algumas, mais ousadas, tinham saias de cores vistosas, pouco rodadas e curtas, a deixar ver o pé e um bocadinho do saiote. Sobre as camisas brancas usavam coletes com atilhos garridos. Quase todas tinham lenços brancos na cabeça, que as rejuvenesciam, e uma delas trazia arrecadas nas orelhas a evocar a terra onde nascera. Os homens vinham de calça escura e camisas de linho. Alguns traziam coletes com botões de vidro, outros vestiam jaquetas muito claras e finas. Os militares vinham de uniforme e o Dr. Vilela em traje de cerimónia, apertando o seu corpo gordo dentro de uma espécie de fraque, segundo a moda francesa.

Em torno dos pares que rodopiavam juntaram-se muitos mirones, animando os dançadores e dizendo graças brejeiras às dançadoras, que iam sapateando em roda, ora dando estalinhos com os dedos, ora requebrando-se de braços arqueados ou com as mãos na cintura. Elas dançavam, muito concentradas e compostas, de faces rosadas, ouvindo todos os elogios com prazer mas nunca respondendo. Saracoteavam-se seguindo o seu par ou guiando-o – esse era um mistério que o Dr. Vilela,

de copo na mão, ainda não conseguira deslindar.

– Que acha V. Ex.^a, Sr. Bernardino Figueiredo? – perguntava a propósito de tudo e de nada ao anfitrião, dando-lhe o braço e soterrando-o na sua verbosidade pastosa.

De tempos a tempos alguém lançava um foguete para espicaçar a festa e os pares redobravam de vigor, pulando e girando ao som das modas e da voz aguda das cantadeiras. Ao lado do terreiro, a pouca distância do arraial, um grupo de homens mais velhos ia conversando com animação, os corpos levemente inclinados sobre os cajados, numa postura doutras terras e doutras lides, que eles mantinham por costume. Outros gastavam o seu tempo a jogar à malha. Mais longe, alguns colonos sérios e estudiosos observavam e debatiam as qualidades das sementes de cana que Bernardino fora buscar ao Bengo, e que já se achavam plantadas e a medrar. E, nas cercanias, dois pastores pretos – mucubais, certamente – paravam os seus gados e ficavam a espiar, com um misto de curiosidade e desdém, a festa dos brancos.

A manhã correu jovial e pacífica e prolongou-se em risos e dizeres pelo almoço, mas de tarde, com o vinho que já corra a aquecer os ânimos, o caldo entornou-se e armou-se desordem no arraial.

Pascoal Pluma almoçara bem e repousava, deitado à sombra. As mulheres eram poucas e muito disputadas e ele andara toda a manhã a assediar e a desinquietar alguns corações femininos. Era justo que agora descansasse um pouco. E assim estava quando a grande sombra de José Leite se debruçou sobre ele e lhe deu uma sonora bofetada.

– Ah, malandro, põe-te de pé! Vou zurzir-te o lombo com este marmeleiro – ameaçou, exibindo o pau.

José Leite espumava de fúria. Tinham-lhe contado que o jovem Pluma andara a importunar Benedita. Ao que lhe diziam, piscara-lhe o olho, chegara-se perto e segredara-lhe coisas que a tinham feito rir e corar. Havia até quem jurasse que tivera o desplante de lhe apertar o braço.

Pascoal levantou-se de um salto, lívido como um lençol. Cuspiu nas mãos para melhor agarrar um cajado que alguém lhe atirou e correu para o adversário, pronto a abatê-lo. Mas, pouco experiente no jogo do pau, falhou o golpe e acertou em cheio na terra dura, ficando com os braços dormentes e frouxos da vibração. Com uma varapauzada forte José Leite arrancou-lhe o pau das mãos e, com uma segunda pancada, que lhe abriu um lanho na testa, prostrou-o sem apelo nem agravo. Depois, impelido pela fúria, desferiu-lhe outra paulada nas costas e tê-lo-

ia morto de pancadas se o soturno Etelvino Lúcio não se tivesse intrometido.

– Chega, José Leite! O homem caiu!

Mas Leite estava completamente fora de si. Tomara-se de um ciúme homicida e olhou o novo opositor, com a feição distorcida, berrando:

– Arreda! Deu-se no malandro e dá-se em vossemecê, seu cabrão.

Descarregou de imediato uma valente bordoadada no seu oponente, que conseguiu apará-la a custo, mas teve de recuar.

A intervenção de Lúcio permitiu que alguns outros, rápidos como raios, pegassem no inanimado Pascoal e o arrastassem para longe. José Leite não o perseguiu pois a sua ira focava-se agora no intrometido Lúcio. Com um golpe baixo deitou-o ao chão e com três ou quatro pauladas deixou-o numa poça de sangue. Alucinado, virou-se para os que tinham acorrido querendo acudir ao homem caído e fez rodopiar o pau em cima da cabeça, desafiando:

– Venham mais, venham mais! Há aqui homem para todos!

Logo vários paus se levantaram e várias vozes responderam ao desafio. As mulheres abraçavam-se aos seus homens, oferecendo os seus corpos à exaltação deles, contendo-lhes a agressividade e impedindo-os de entrar na refrega. Ainda assim, o incidente teria descambado em pancadaria generalizada se os militares não tivessem disparado vários tiros para o ar, pondo um freio naquele tumulto.

Bernardino acorreu e tentou erguer Pascoal, mas o jovem estava como morto, sem dar sinal de si.

– Chamem o médico – gritou, aflito.

O Dr. Vilela acudiu depressa mas vinha totalmente embriagado. A língua entaramelava-se-lhe e as mãos recusavam-se a fazer o que quer que fosse. Acabou por se sentar no chão, desolado e impotente, com um sorriso imbecil e indecifrável nos lábios.

– Não sei porque é que as autoridades não despedem este incapaz – indignou-se alguém.

Acartaram o rapaz, ainda inconsciente, para casa de Bernardino e depois de lhe terem lavado bem o sangue da cara deixaram que uma mulher prática nessas coisas lhe cosesse a ferida na testa. José Leite desapareceu de circulação mas era objecto de todas as conversas. Não havia um palmo de terreiro onde não se falasse do seu mau feitio:

– Isto é sempre assim. Este José Leite é ruim... Mau como as cobras!

– Quando há saias pelo meio, já se sabe!

– Ódios velhos que se calhar já vêm de Pernambuco... muito ano de

rixas.

A festa ficara suspensa numa perturbação irritada, nervosa. Bernardino estava consternado, desolado. Andava de um lado para o outro a tentar reanimar os espíritos. Alguns pares ainda dançavam mas sem ânimo, a alegria fora-se e a festa perdera-se.

Benedita, ao que diziam, tinha-se retirado para dentro de casa, humilhada com o escândalo que involuntariamente causara. Bernardino foi até lá e achou-a inconsolável, derramando torrentes de lágrimas, sem querer ver ninguém. Com muitos rogos e encorajamentos lá conseguiu arrancar-lhe a promessa de que reapareceria no arraial. E ela reapareceu efectivamente, ao fim da tarde, quando as pessoas já se iam retirando. Alguns ainda se arrastavam pelo terreiro ou pelas barracas, alongando-se em despedidas. Mas os que iam para Moçâmedes já se tinham posto a caminho. Esbatiam-se na distância, acenando de cima dos carros de bois e deixando no ar a chiadeira nostálgica dos rodados.

E, vendo-os partir, Benedita sentiu pena de tudo ter passado tão depressa e, sobretudo, de ter terminado daquela forma tão lamentável e tão triste. José Leite era um estúpido animal! Odiava-o e entre soluços reprimidos vinham-lhe ideias de vingança. Havia de chegar o dia em que o faria engolir todas as vergonhas que lhe fazia passar.

*

Pascoal Pluma mexeu o ombro para afugentar a moinha que lhe ficara desde a tarde em que José Leite o atacara à bordoadá. Disseram-lhe, depois, que ele o teria morto se não o tivessem tirado das suas mãos. Não o matara mas estragara-lhe o ombro esquerdo para sempre. E ainda assim podia dar-se por muito feliz. Tivera mais sorte do que Etelvino Lúcio que depois das pauladas que recebera do José Leite – maldito fosse – nunca mais ficara bom e acabara por sucumbir em casa de padecimentos de cabeça.

Esquecendo, por momentos, a dor no ombro, o rapaz olhou novamente para o mar e disse de si para si:

– Vêm para cá.

Pouco depois o caíque entrou na baía. Vinha a abarrotar de gente e aproximava-se depressa, de velas enfunadas, cortando as águas com as suas linhas finas e alongadas. Ao vê-lo rumar em direcção à praia, Pascoal virou-se para Bernardino de Figueiredo e garantiu:

– Mais algarvios!

– Talvez...

Era o terceiro barco daqueles que chegava no espaço de alguns meses e Pascoal estava pronto a apostar a cabeça em como eram mais pescadores de Olhão que vinham a fugir da miséria, em busca de uma vida melhor.

Em Moçâmedes, ao contrário do que acontecia com a terra, que era seca e ingrata, o mar costumava ser rico e generoso. Sob aquela superfície azul geralmente calma, o peixe nunca faltava e durante todo o ano as corvinas, as garoupas, os pargos, iam-se revezando na missão de caírem aos cardumes nas laboriosas mãos dos pescadores.

Tinha havido um tempo em que essas mãos eram poucas e mal apetrechadas – as mãos dos pretos que deambulavam pela costa sustentando-se do marisco e do peixe que, à falta de anzol, apanhavam com pregos ou bocados de ferro. Mas, com o estabelecimento das primeiras feitorias de brancos, o número de pescadores multiplicou-se à medida que os feitores iam adquirindo material e escravos para os porem a render na promissora pesca.

A quantidade de peixe era tal que, quando as primeiras dificuldades da agricultura se fizeram sentir, três ou quatro colonos montaram pescarias. Não era preciso muito para isso: um barracão de madeira, algumas redes e canas, meia dúzia de escaleres e escravos para os tripular. Bernardino tornou-se sócio de um desses empreendimentos de pequena dimensão mas quis levar as coisas um pouco mais longe, metendo-se também no negócio do transporte do peixe seco para o Norte. Comprou uma velha lancha, alguns escravos marinheiros e contratou Pascoal Pluma para tratar daquele assunto.

E o rapaz depressa se inteirou de tudo o que havia para saber. A preparação do pescado não tinha grandes segredos nem dificuldades e fazia-se na própria praia. Quando as canoas chegavam, o peixe era desembarcado em baldes e as escravas escalavam-no. Assim aberto e lavado era logo impregnado com sal e depositado sobre estrados de caniço, elevados do chão uns três ou quatro palmos, onde ficava a secar ao ar livre durante uma semana. Depois de seco o peixe era reunido em motetes¹.

O óleo também não exigia grande ciência. Era feito a partir dos fígados dos cações, que os escravos pescavam à linha a uma profundidade de 70 braças. Os fígados eram introduzidos em caldeiras e ficavam a derreter até que a parte oleosa se separasse dos torresmos. Quando o líquido arrefecia, coava-se e deitava-se em vasilhame próprio. Tudo isso se fazia em Moçâmedes, nas casas de habitação, pelo que nos

dias de cação e sem vento havia sempre um intenso cheiro a peixe a impregnar a povoação.

Pascoal Pluma corria as casas e as praias, verificando a qualidade do óleo e do peixe seco, que apreçava e comprava para revender nos portos do Norte, de Benguela até à foz do Zaire ou a S. Tomé. Na época boa, em Luanda, onde o peixe era muito procurado por ser a base da alimentação dos escravos, chegava a conseguir que lhe dessem 400 réis por cada motete. Não era um trabalho exigente, deixava-lhe algum tempo para namorar uma ou duas mulheres em cada porto e os dias corriam prazenteiros. Mas desde que começara a chegar gente de Olhão acabara-se-lhe o descanso e não tinha mãos a medir pois o trabalho duplicara.

Ninguém sabia ao certo como é que a fama da fartura pesqueira de Moçâmedes tinha sido ventilada até Olhão. Dizia-se que fora um tal Clarimundo Martins, um mulato de Cabo Verde que andara por Angola e se casara com uma algarvia, que levava a boa nova no bico, como as pombas ou as andorinhas. Tivesse sido assim ou não, o facto é que a partir de certa altura foi um despejar de pescadores olhanenses que vinham em caíques, palhabotes ou lanchas, com mulheres e filhos, redes, anzóis, os seus parques haveres e muita coragem. Alguns ficaram em Moçâmedes e nas imediações. Mas com a concorrência a acentuar-se e as capacidades locais da pesca a esgotarem-se, a maior parte teve de se espalhar, irradiando para sul e introduzindo-se em todas as pequenas baías e enseadas onde existisse uma praia.

– Para onde irá esta gente? – interrogou-se Bernardino, indicando o caíque que acabava de entrar.

Tinha admiração por aquelas pessoas que arrostavam mares temíveis em embarcações frágeis e em viagens que duravam mais de quarenta dias, dependendo dos ventos. Imaginava as agruras daquelas mulheres e crianças pequenas que partilhavam os sofrimentos e perigos dos seus maridos e pais. Estava ali resumida a força de um povo e a história épica dos descobrimentos portugueses. Estavam ali os anónimos sucessores de Gil Eanes e de Bartolomeu Dias e ele lamentava não ser um Camões ou um João de Barros para os poder cantar.

– Para onde irão? – interrogou, de novo.

Pascoal Pluma não respondeu e limitou-se a encolher os ombros. Mas não lhe custava imaginar que iriam para Porto Alexandre ou ainda mais para sul, para a baía dos Tigres, na foz do Cunene. E lá teria ele de alongar muitíssimo as suas rotas para lhes levar o essencial à

subsistência, e comprar o óleo e o peixe seco.

Bernardino estava na fortaleza no dia em que a comitiva de nativos do interior chegou a Moçâmedes. Vinham convidar o governador a ir visitar o soba do Bumbo. Traziam um boi para oferecer a Sérgio de Sousa, que retribuiu generosamente com uma capa vermelha, uma cadeira de espaldar e um casal de leitões. Depois, brindou a comitiva com um exercício de fogo de artilharia que muito impressionou os negros, e prometeu que visitaria o sobado em breve.

O governador cedo percebeu que haveria toda a vantagem em aproveitar o ensejo para percorrer o interior até aos Gambos, de modo a que pudesse firmar – e talvez, até, alargar – a soberania portuguesa, e que os colonos pudessem apalpar as potencialidades daquelas terras e as possibilidades de fixação de novas colónias de portugueses.

E, um mês volvido, partiu para leste. Com ele iam um pequeno destacamento armado, Peter von Sternberg – que iniciava uma caçada e faria parte do caminho com eles, até à Huíla –, Bernardino e outros dois colonos, e muitos carregadores com mantimentos e fazendas. Levavam, também, João Gregório, por alcunha o Imperador, um preto magricela que tinha fama de ser o melhor língua do distrito. Nas cercanias de Moçâmedes ainda se falava o português mas mais no interior talvez tivessem de usar intérpretes para as línguas africanas.

Já caminhavam havia três dias e a paisagem árida ia ficando para trás, dando lugar a uma vegetação abundante e verdejante, feita de arvoredos e matas muito semelhantes às que os colonos conheciam no Brasil. Bernardino pôs-se a conjecturar novas fazendas.

– Com madeira desta era fácil alimentar as fornalhas de um engenho e produzir aqui bom açúcar – previu.

– É longe da costa, Sr. Figueiredo – objectou um dos colonos.

Mas Bernardino não se deixava demover e continuava a matutar e a deitar o olho àquelas terras. Com o governador à frente, de barretina na cabeça e um grande lenço esvoaçante a proteger-lhe a nuca dos raios do sol, percorriam agora o vale do Bumbo, que se estendia a perder de vista. Umas cinco léguas de verdura emolduradas ao longe pela compacta mancha de uma serra alta.

– É a serra da Cheia, onde nascem os rios – explicou Peter, apontando-a.

Bernardino fez várias perguntas sobre a serra. Percorria aquele sertão com alma de explorador, aberto a todas as novidades que iam desfilando

perante os seus olhos, e quanto mais via mais queria ver e saber, mais queria abarcar, desde a flora ao gentio. Apanhou uma mão-cheia de terra e esboroou-a entre os dedos, com ar aprovador. Ali havia água com fartura e bons terrenos para agricultar. Se se fizessem sarjas e motas como no Ribatejo, pensou, só aquele vale daria cereais para vinte povoações de Moçâmedes.

Caminharam outras três horas até atingirem a povoação do Bumbo, um conjunto de algumas dezenas de palhotas circulares protegidas por uma paliçada. Numa das extremidades existia um grande cercado onde, quando a noite vinha, o gado se recolhia.

A gente que ocupava a aldeia era aparentemente pobre e frágil. Estavam há anos sob tutela portuguesa mas, distantes da costa e do fogo protector da fortaleza de Moçâmedes, constituíam presa fácil para os vizinhos mais aguerridos e mais poderosos. Foi por isso com enorme alegria que o povo do Bumbo viu chegar aquela comitiva prenunciadora de uma ajuda mais eficaz. Alguns ficavam sem fala devido à surpresa e punham a mão a amordaçar a boca, outros corriam às voltas, confundidos, agitando as lanças no ar. Uma mulher deixou-se ficar espescada a olhar para o governador, beliscando-se com tal força que fazia caretas de dor.

Escortada por crianças ruidosas, a coluna serpenteou em cortejo até à libata grande, situada como sempre no meio da aldeia. O soba – o Munibumbo – era um homem cego e muito velho. Diziam que andava pelos cento e vinte anos e talvez não fosse mentira pois tinha uma multidão de netos já com cabelos brancos. Apesar da idade e da cegueira o Munibumbo, informado da chegada do governador, viera sentar-se à porta da sua cubata. Envolvia-se na capa vermelha com que o governador o presenteara e agitava-se, ansioso por saber o que os brancos lhe trariam desta vez.

Sérgio de Sousa ofereceu-lhe tecidos, aguardente e um galo.

– Panos para te cobrir, bebida para te dar bons sonhos, Munibumbo, e um galo para anunciar a manhã e acordar o teu povo para os trabalhos do dia.

O soba, que falava português, sorriu e respondeu:

– Bons presentes, governador. Acredito que um dia este galo vai anunciar que tu me dás brancos com espingardas para fazerem fugir os nossos inimigos.

– Talvez em breve, Munibumbo. Trago comigo gente que quer plantar a terra e talvez fique a viver aqui.

– Sim, sim... – disse o cego, aspirando o ar como se essa eventualidade tivesse cheiro. – Vejo que trazes o grande caçador branco e um homem sábio que eu ainda não conheço. Deixa-me falar com ele.

A gente da comitiva entreolhou-se, perplexa, sem saber a quem o soba se referia mas Peter, que conhecia a sua maneira de se expressar, apontou imediatamente para Bernardino.

O colono estava siderado. Tudo aquilo ia muito para além do que podia imaginar. Mas, para lá da surpresa que lhe fazia abrir a boca de espanto, sentia o calor da própria importância a inchar-lhe o peito. Apesar da cegueira, o soba vira que era ele o chefe da colónia. E foi com um sorriso satisfeito que se adiantou e se apresentou:

– Munibumbo, o meu nome é Bernardino de Figueiredo. Planto a terra em Moçâmedes e talvez gostasse de a plantar aqui, junto à tua aldeia, se tu o autorizasses. Mas gostava de ver estes terrenos mais de perto.

A visita às terras durou duas horas e foi esclarecedora para os colonos. Era provável que o clima do Bumbo fosse insalubre, pelo grande número de pântanos que ali se deviam formar na estação das chuvas, mas o solo era fértil e Bernardino ficou decidido a construir uma fazenda naquele vale. Comunicou isso mesmo ao soba, pedindo-lhe autorização para plantar desde logo umas sementes de cana-de-açúcar que levava consigo, e o Munibumbo autorizou-o com visível prazer. Mas quis que, antes de deitar as sementes à terra, ele ouvisse as opiniões da sua irmã porque ela saberia indicar-lhe com precisão o sítio onde deveria plantá-las.

O colono anuiu por cortesia, mas arrependeu-se assim que viu chegar uma preta muito velha. A mulher andava com dificuldade, apoiada num cajado, e os lábios e a cabeça tremiam-lhe continuamente. Ora ria, ora chorava, o que para ele era um sinal evidente de demência. Mais se convenceu disso quando João Gregório começou a traduzir as palavras da velha, que não falava português:

– A mulher diz que sabe tudo sobre esta terra porque já cá vive há cem anos e conheceu muito bem o barão de Moçâmedes. Diz que teve um filho dele.

Bernardino sabia que o barão de Moçâmedes tinha governado Angola no século XVIII e achou toda aquela lengalenga muito improvável.

– Quando foi isso? – quis saber o colono.

– Não sabe ao certo – esclareceu João Gregório. – Mas por aquele tempo já era mulher completa.

A preta explicou-lhe, então, onde devia plantar as sementes e erigir a sua futura fazenda. E depois deu-lhe conselhos pessoais, sempre por intermédio de João Gregório, o Imperador.

– Tu és um branco pouco cuidadoso, precisas de mulher. Quando voltares a Moçâmedes vais arranjar uma boa mulher preta para governar a tua casa e não te deixar morrer à fome. A mulher preta vai ser boa para ti. Vais ter sempre grande desgosto com as mulheres brancas.

Bernardino encolheu os ombros. A vida corria-lhe bem e não queria toldá-la com as previsões negativas de uma velha tonta. Por descargo de consciência plantou as sementes na terra que ela lhe indicara, mas não voltou a pensar naquela profecia. Nessa noite, sentindo-se cansado, recolheu-se cedo à palhota que partilhava com Peter. Preparava-se para dormir quando ouviu grandes risadas da parte de fora.

Acendeu uma vela para ver quem perturbava o seu sono e deparou-se com duas pretinhas que espreitavam pela porta. Disse-lhes que entrassem mas, ao ouvirem a sua voz, elas fugiram, rindo muito. Voltaram pouco depois e, ganhando coragem, acabaram por entrar e sentaram-se na sua cama. Teriam cerca de dezoito anos e eram bonitas, com a pele fina, o rosto comprido e muita vivacidade no olhar. Falavam muito e mexiam-lhe sem qualquer acanhamento. Uma delas afagava-lhe o cabelo e o bigode, que a intrigava. A outra examinava-lhe os braços e admirava-se com os pêlos, que alisava suavemente com as mãos. Ele deixava-se manusear, mole e emparvecido, sem perceber nada do que ali se passava.

Peter entrou nesse momento e, após um breve instante, traduziu:

– Estas meninas gostaram muito de si, Sr. Figueiredo, e estão muito admiradas por verem que um homem tão bonito viaja sozinho. Vêm caridosamente preencher esse vazio e dar-lhe um conforto na cama.

Bernardino corou e tossiu, perturbado.

– Valha-me Deus – disse, a custo.

– Tem de ficar com elas, Sr. Figueiredo, senão deixa-nos ficar mal a todos. Não se preocupe, que eu vou dormir para outro lado.

E saiu. Bernardino hesitava. A sua vontade era sair também, mas depois encheu-se de brios e decidiu levar aquela missão por diante, em prol da civilização e do bom nome português. Só esperava que aquelas bárbaras não fizessem coisas antinaturais.

Na manhã seguinte Bernardino foi dos últimos a apresentar-se na coluna. Vinha eufórico, entusiasmado, irradiando felicidade e rindo-se a propósito de tudo e de nada. Quando passou por Peter, sussurrou-lhe:

– Que noite, amigo Sternberg, que noite!

– Ai sim? Dormiu bem?

Bernardino soprou forte, arregalou muito os olhos e sacudiu a mão direita como se se tivesse escaldado.

– Ui, valha-me Deus! Isto faz empalidecer os jardins de Messalina.

O alemão sorriu mas o colono já não viu o seu sorriso. Passara adiante, despedindo-se com grandes efusões da gente do Bumbo e tomando a dianteira a caminho da serra da Cheia.

A subida era difícil, muito íngreme e perigosa pois fazia-se por carreiros que não teriam mais de dois pés de largura, com precipícios profundos de um lado e de outro. Outras vezes os carreiros passavam por baixo de rochedos que estavam tão carcomidos na base que podiam desabar a qualquer momento. Indiferente a isso Bernardino desafiava os abismos, saltava por cima de ramos caídos, atravessava os rios e regatos de água puríssima e fria – quase nevada com a agilidade de um gamo. Adorava África.

Às vezes o governador Sérgio de Sousa tentava refreá-lo:

– Mais devagar, Sr. Figueiredo, que ainda nos mata a todos.

Mas o chefe dos colonos levava uma alma nova. Sentia-se um bandeirante, um descobridor, um rasgador de sertões, um viajante ousado, um Pêro da Covilhã, e só parou quando o governador lho impôs, num local denominado Chão da Cheia, uma planície paradisíaca, cheia de cachoeiras e pequenos lagos, que era assim como um degrau a meio da serra, antes de nova subida. Ali descansaram uma hora e depois continuaram a trepar até às cinco da tarde.

Enquanto os carregadores montavam o acampamento Bernardino consultou o seu barómetro. Estava a 1300 metros de altitude e sentia-se em plena harmonia com aquele mundo. Olhou para ocidente. Lá longe o sol descia sobre a terra, atraído pelas trevas, e aquele grande disco brilhante, cortado pelas nuvens, espalhava o que restava da sua luz pelo céu, dividindo-o em faixas que iam dos vermelhos carregados, sanguíneos, aos amarelos dourados e luminosos. Um bando de aves voava à distância e, em contraluz, pareciam elegantes borrões de tinta preta, sombras chinesas em suave movimento que se sobrepunham ao céu como num cenário de teatro antigo. Ao contrário do que acontecia na sua Beira natal, onde as tardes empalideciam a caminho da noite e as casas e as quintas iam perdendo a realidade, diluindo-se na sombra, ali em África o dia findava num esplendor de cores berrantes que faziam ressaltar os contrastes e as delícias da vida.

– Já viu maior beleza, Sr. Sternberg? – perguntou ele a Peter, que ia passando por ali. – Isto, sim, é uma terra que dá gosto!

O alemão ficou parado a seu lado, contemplando o ocaso, mas não respondeu. Aquele espectáculo fazia-o sentir a proximidade do deus das árvores e da chuva, um deus mais próximo e mais simples do que o deus cristão. Como compreendia o animismo dos africanos! Não se considerava um homem religioso, ainda que não soubesse ao certo o que era. Alguns dos seus amigos de Altona e de Hamburgo tinham desenvolvido um ateísmo ressentido e provocador, mas ele nunca fora tão longe. De certo modo desinteressara-se de Deus, ou talvez nem isso. A sua única certeza é de que se afastara daquele deus que os padres anunciavam e diziam representar. Se quisesse ser sincero consigo mesmo tinha de reconhecer que continuava a acreditar num ente supremo e à procura de o tocar algures, nas suas deambulações pelo sertão. Por qualquer razão que não sabia precisar sentia-se mais perto dele ali, em África, onde parecia impregnar tudo e ser tangível.

Emocionado, afastou-se sem dizer palavra e Bernardino ficou a vê-lo afastar-se, pensando que aquele alemão era um homem estranho.

No dia seguinte transpuseram o resto da serra e depois chegaram a uma planura imensa que, segundo Peter, já pertencia ao sobado de Humpata. Grandes extensões muito arborizadas e belas campinas cobertas de capim verde que pareciam searas de trigo, percorridas por manadas de zebras. E Bernardino extasiava-se, queria nova fazenda ali mas os outros colonos refreavam-lhe o entusiasmo:

– O país é frio e sujeito a geadas, Sr. Figueiredo. A cana e o algodão aqui não medram.

De repente um enxame de gafanhotos passou por cima deles, salpicando o chão em seu redor. O Imperador tirou um saco que trazia enrolado à cintura, começou a apanhar os bichos que pousavam, saltitantes, na vegetação e acumulou em poucos minutos uma quantidade de insectos que, assados – dizia ele –, garantiriam comida para uma semana. Aberto a todas as novidades e sabores daquela viagem, Bernardino quis provar. Nessa noite, após vencer a repugnância inicial, saboreou o pitéu e concluiu duas coisas: em primeiro lugar, que estava cada vez mais africanizado; e, em segundo lugar, que os bichos tinham um sabor agradável, como o das avelãs.

Os dias passaram de descoberta em descoberta, de fascínio em fascínio. Depois da Humpata passaram à Huíla, rica em terras de milho e de feijão, onde os Portugueses já tinham alguns colonos estabelecidos.

Peter seguiu para norte com os seus homens, em direcção a novos territórios de caça. O resto da coluna marchou para sul, para as terras áridas do Jaú, e daí para Mucuma. Em todos os sobados o governador Sérgio de Sousa ia conseguindo com mais ou menos dificuldade estabelecer um tratado de aliança que garantia boas relações de comércio e um bom acolhimento aos portugueses que lá quisessem fixar-se. Faltava propor uma coisa equivalente nos Gambos, o maior potentado das terras altas, habitado por gente aguerrida e demasiadamente da sua independência para aceitar de bom grado o domínio português.

Assim que acampou nas imediações da grande povoação do soba Caquituca, Sérgio de Sousa mandou um emissário com presentes comunicar-lhe que estava nas suas terras e que queria cumprimentá-lo. No dia seguinte, o chefe nativo enviou um dos seus mais conceituados macotas² com trinta guerreiros e um tambor, para acompanharem a comitiva dos brancos até à libata grande, onde seriam recebidos. O governador aperaltou-se com botas de montar, calça branca, uma sobrecasaca azul com dragonas bem defumadas, uma barretina de lanceiro com os amarelos rutilantes, cingindo a espada à cintura. Atrás de si o pelotão armado, em formatura. Mas o soba não se deixou impressionar com aquele aparato e fê-los esperar à chapa do sol, só os recebendo às quatro da tarde.

Caquituca Nambalo Quiquima era um homem de cinquenta anos, alto e magro. Estava sentado numa espécie de trono, com um pano de zuarte pelos ombros e outro servindo de tanga, e segurava uma forquilha na mão à laia de ceptro. Após um momento de observação da comitiva que tinha à sua frente, ergueu-se e, revirando muito os olhos, disse:

– Eu sou o primeiro dos bichos, capaz de engolir todos os outros bichos e todos os sobas; mas sou amigo dos brancos, que são meus filhos.

Sérgio de Sousa deu um leve puxão aos punhos, empertigou-se e depois replicou:

– Ser filho de Caquituca é uma honra demasiado grande que o rei dos brancos não pode aceitar. Mas aceita ser seu irmão, e como irmão de Caquituca pede que os comerciantes possam vir aqui em segurança e sem pagarem tributo quando passam por este chão.

O diálogo prolongou-se por meia hora. Por fim o soba autorizou a construção de uma fortaleza nas suas terras e obrigou-se a sustentar por

doze luas a guarnição que para ali se lhe mandasse. No dia seguinte, pela manhã, o soba Caquituca, acompanhado dos principais conselheiros e da tembo – primeira mulher –, reuniu-se na barraca do governador para se ultimar a convenção. Leu-se o texto e ratificou-se, dando o governador uma bandeira com o símbolo da cruz, que beijou antes de a entregar, e que o soba igualmente beijou e deu a beijar aos membros da sua comitiva. Depois, Caquituca ofereceu a Sérgio de Sousa uma azagaia de seu uso e o governador retribuiu com a sobrecasaca e a barretina, bem como com uma espada, em manifestação de agradecimento do Rei Grande dos brancos.

Bernardino sorriu, feliz. Desdobrava-se ali à sua frente a África profunda e insólita que há muito ele procurava observar e perceber, e dava graças a Deus por ter deixado a vida enfadonha de Pernambuco para vir participar de corpo e alma na submissão dos negros e por poder presenciar aquela página da história pátria. Assim se firmava, no sertão, o glorioso nome de Portugal, pensou, e teve orgulho em ser português.

O soba sorriu também. Desconfiava daquela gente. Diria que sim a tudo e não faria nada do que prometia.

Todos os homens disponíveis tinham vindo ajudar a puxar os barcos para a areia. O mar começava a ficar picado e era mais sensato tirar os escaleres da água. Ali, em Porto Alexandre, na falta de bois para esse serviço, era o braço humano que fazia todo o trabalho. Naquela tarde fazia-o com mais alegria porque a faina tinha sido boa e o fundo dos barcos vinha cheio de peixe.

Uma velha muito magra corria escaler a escaler e ia deitando olhares sôfregos lá para dentro, numa curiosidade esfomeada.

– Hoje há com fartura – gritou para outra que ficara mais atrás, na duna.

Riram-se ambas, abrindo muito as bocas desdentadas, dando palmadas de satisfação nas coxas e incitando os homens ao trabalho:

– Andem, catraios... Vá de ajudar!

Os barcos arrastaram-se na areia húmida até estacionarem, uns ao lado dos outros, como cachalotes que tivessem vindo concertadamente morrer na praia. Os rapazes começaram então a descarregar o peixe com pás para dentro de cestos, que outros rapazes, mais pequenos, levavam penosamente às costas, praia acima, até ao sítio onde as mulheres os amanhavam em bancas. Faziam-no rapidamente, manejando as facas com presteza, estripando os peixes e cortando-lhes a cabeça. As suas

mãos sujas de um sangue escuro, coalhado e gelatinoso moviam-se com precisão de executores em gestos decididos. Em redor zumbiam enxames de moscas que, de tempos a tempos, elas afastavam com sacudidelas dos ombros ou dos cotovelos.

– Tanto mosquedo, Virgem Santa!

Mais ao lado, os vendedores e os compradores de peixe discutiam os preços em altos gritos e gestos largos, com todos a falar ao mesmo tempo:

– Cem réis o motete – oferecia alguém.

– Ah, marafado...

– Não posso dar mais.

– Mas qual é ela?

– Cento e vinte, vá...

– Querem que a gente morra à fome?

– É pegar ou largar. Há mais quem venda.

Os compradores acabavam sempre por impor um preço, porque os pescadores tinham poucas alternativas. Pascoal Pluma já tinha feito o seu preço e a sua compra, e afastou-se dali. Andava naquilo há meses e já conhecia aqueles gestos e aquelas discussões de trás para diante. Caminhando um pouco pela praia enquanto esperava que lhe trouxessem o peixe seco que comprara, aproximou-se de um caíque assente sobre troncos e estacas na areia. Lá de dentro assomou uma cabeça que o fixou, rosnando. Era um cão-d'agua, daqueles que os pescadores usavam para procurar o peixe que se desferrava dos anzóis ou para guardar as embarcações.

Desviou-se do caíque. Não queria problemas com o cão nem com o dono do barco. Aqueles pescadores recém-chegados de Olhão eram gente imprevisível e habituada a puxar da navalha ao mínimo pretexto.

De repente, o vento levantou o topo das dunas e veio picar-lhe a pele como milhentos alfinetes. A areia entrou-lhe pelo colarinho aberto e obrigou-o a semicerrar os olhos e a virar-se de costas para conseguir respirar. Viria aí a garroa, o vento do deserto, que por vezes fustigava aquela costa dias a fio? Ele já vira o que a ventania podia fazer e era uma coisa terrível. Mesmo as melhores casas de madeira abriam frestas por onde as areias entravam e se depositavam nos móveis e nas camas. Muitas vezes não dava para sair para o mar e o espectro da fome caía sobre famílias inteiras como uma garra impiedosa e escura.

Tinha pena daquela gente que vivia para ali semiabandonada, num ermo. Eram umas sessenta pessoas, se tanto. Quase não tinham lenha e

viam-se forçadas a servir-se de cabeças de peixe seco como combustível e aquecimento na estação fria. Era de Moçâmedes, e de barco, que quase tudo lhes chegava, incluindo o pão fresco e a boa água para beber e cozinhar. Que vida desgraçada, aquela!

– O peixe seco está pronto – disse uma mulher, junto a ele. – Cem motetes, contei-os eu!

Pascoal virou-se e ao abrir os olhos viu uma rapariga nova, de cabelos loiros apanhados atrás num carrapito, que lhe fez sinal para que a seguisse. Ele chamou os seus escravos, que se encontravam junto à lancha, e seguiu a rapariga, andando contra o vento com a mão em frente dos olhos para os proteger da areia. Ainda assim conseguia apreciar-lhe as ancas redondas que se saracoteavam ao ritmo do seu andar despachado.

Entraram num barracão de madeira que funcionava como um armazém e foi ela própria quem lhe deu o peixe seco para os escravos carregarem na lancha. À medida que se habituava à relativa escuridão do local, Pascoal ia observando melhor a mulher que tinha em frente. Não devia ter mais de quinze ou dezasseis anos. Era relativamente pequena mas bem proporcionada, e fazia tudo com um sorriso que lhe iluminava a cara. Os dentes, muito brancos, resplandeciam e os seus gestos eram surpreendentemente graciosos. Pascoal reparou na forma como movia os pés descalços e como arqueava os braços para pegar nos cestos de peixe e veio-lhe à ideia a bailarina da caixa de música que vira no seu último dia em Pernambuco, no quarto da mulher do comendador Frutuoso Pereira.

Por momentos os olhos de ambos encontraram-se. A rapariga pareceu desconcentrada e um cesto de peixe seco escapou-lhe da mão. Dobraram-se os dois ao mesmo tempo para apanharem os peixes caídos no chão. Ela olhou-o sem receio, com um sorriso cândido, e Pascoal sentiu uma impressão dentro de si. Nunca nenhuma mulher o olhara assim e nunca vira olhos mais límpidos e mais bonitos. Pela primeira vez na sua vida ficou estupidamente perturbado em frente de uma mulher, e a ponto de não saber o que lhe dizer. Balbuciou uns agradecimentos, disse adeus com a mão e seguiu os escravos em direcção à lancha que já balançava na agitação das ondas.

Na viagem de regresso a Moçâmedes não parou de pensar na rapariga loura. Indagou junto de pescadores e comerciantes de peixe e soube que se chamava Eva e que era a filha mais nova do velho Rolão, um dos pescadores mais respeitados ali no Sul.

Foi por Eva que Pascoal passou a ir com mais frequência a Porto Alexandre. Aquilo que antes era uma viagem que muito o contrariava e à qual procurava esquivar-se tornou-se uma rota assídua e uma estadia prolongada e prazenteira. Ainda que o preço do peixe nem sempre fosse o melhor, era à família dela que ele mais comprava. Tudo era pretexto para aportar ali e todos os estratagemas eram válidos para prolongar a sua estadia, e tanto mais válidos quanto começou a perceber que o seu interesse era correspondido. Eva vinha despercebidamente vê-lo a discutir o preço e ele demorava a discussão, para poder admirá-la pelo canto do olho. Ela enganava-se cronicamente na contagem do peixe seco, e ele, compreensivo e paciente, ajudava-a em nova contagem.

Um dia, no barracão que servia de armazém, Pascoal declarou-lhe o seu amor:

– Só estou contente ao pé de ti, Eva.

Ela tentou desviar o assunto.

– Olha para o peixe... Fui eu que o arranjei.

– As tuas mãos fazem milagres. E os teus olhos também.

Ela corou e baixou o olhar. Mas ele insistiu:

– Olha para mim, Eva. Não tenhas medo. Gostas de mim?

Ela corou ainda mais e as suas mãos, perdidas, dispersas, remexeram nervosamente a saia.

– Não posso dizer – declarou com voz sumida.

– Porquê? Eu gosto de ti e não tenho vergonha de o dizer – garantiu ele, com meiguice e pegando-lhe na mão.

Ela fez menção de tirar a mão das dele.

– Podem ver...

– E que vejam... Não me dá caso! Eu quero casar-me contigo – afirmou Pascoal.

Ela olhou-o com os olhos fixos, muito compenetrada, como se estivesse a ouvir uma voz celestial.

– Queres casar comigo, Eva? – suplicou ele.

Ela assentiu com a cabeça. Tinha a certeza de que queria ser daquele homem. Era um sentir que lhe vinha de umas partes desconhecidas e que se lhe punha com uma clareza que nenhum raciocínio no mundo jamais teria. Havia coisas que ela sabia sem saber; sabia porque sentia e eram inequívocas para si.

– O meu pai tem de consentir...

O encontro com o pai ficou aprazado para o domingo seguinte, a meio da tarde, antes do jantar. Nessa semana Pascoal andou numa

permanente agitação. Foi ao barbeiro, escolheu cuidadosamente a sua melhor roupa, que escovou meticulosamente, aconselhou-se com Bernardino sobre o que dizer e, quando o grande dia chegou, desembarcou em Porto Alexandre impecavelmente limpo e tão bem penteado quanto o vento permitia. Os escravos levaram a lancha até à beira-mar e ele, tomando balanço, saltou para a areia sem se molhar.

Um velho pescador com pele tisonada e expressão opaca, que se sentara na areia a tocar concertina, parou a sua música para o aplaudir e Pascoal cumprimentou-o, de longe:

– Boas tardes, Ti Tóino.

O pescador respondeu com um aceno de cabeça e ficou a vê-lo subir a duna em direcção às casas. Meneava a cabeça como se apreciase a indumentária do recém-chegado. Provavelmente sabia o que o levava ali. Por fim virou-se de novo para o mar e retomou a sua música, o que agradou a Pascoal. Não sabia porquê mas aquela concertina dava-lhe mais confiança.

Dirigiu-se para a cabana onde o velho Rolão o aguardava. Cá fora, as mulheres, aproveitando a frescura que começava a correr do mar, conversavam sentadas no estrado de madeira que circundava a casa, balançando ritmicamente as pernas nuas. Entre elas Pascoal avistou Eva, que desenhava com os pés sulcos curvos na areia e que lhe sorriu discretamente, baixando os olhos. Quando ele se aproximou, uma mulher seca e enrugada ergueu-se e, fazendo-lhe sinal para que entrasse, empurrou a porta um pouco empenada para o deixar passar.

Pascoal obedeceu e entrou numa divisão sombria, iluminada apenas pela luz que vinha de uma estreita janela e por uma lamparina de óleo colocada sobre a mesa. Ao fundo da divisão, de costas para ele, um homem lavava a cara e o pescoço numa bacia com água. Pascoal reparou que estava descalço e que tinha as calças remendadas e achou-se ridículo por se ter aperaltado daquela forma para o encontro.

O homem virou-se para ele, limpando a cara com uma toalha de algodão. Não falou até Pascoal se aproximar e então estendeu-lhe a mão e, com uma voz rouca, perguntou-lhe:

– Vai um copo à nossa maneira?

– Sim senhor, aceito.

O velho Rolão pegou numa garrafa com um líquido amarelado e em dois copos e sentou-se à mesa, fazendo sinal a Pascoal para que se lhe juntasse. Levou o copo à boca e Pascoal imitou-o. Reconheceu o sabor amargo do vinho branco misturado com aguardente de cana. Percebeu

também que o pai de Eva era um homem de poucas palavras e que teria de ser ele a encetar a conversa.

– Ora bem, já sabe o que me traz aqui, não é verdade?

O homem assentiu com a cabeça e encheu outro copo, continuando à escuta.

– Eu quero casar com a Eva. Gosto dela e ela de mim... Venho pedir o seu consentimento.

Rolão permaneceu calado a contemplar o copo. Pôs-se um silêncio incómodo entre os dois que deixava ouvir, lá fora, a tagarelice das mulheres. Por fim, o pescador ergueu os olhos e, subitamente fluente, falou por enigmas:

– Os homens foram feitos para cair nas redes das raparigas, mas nem tudo o que vem à rede lhes serve... Isto é um modo de falar...

– Não percebo – disse Pascoal, percebendo perfeitamente.

– Sei que o amigo Pascoal nos compra o peixe, mas quero saber o que tem de seu – explicou o pescador. – A lancha é sua?

Pascoal sentiu-se gelar. Aquele rumo da conversa era inesperado. Contou que trabalhava para Bernardino de Figueiredo, o dono da lancha, e o que fazia, correndo a costa de Angola de alto a baixo.

– Eu compro e vendo o peixe seco...

– Isso é vida de pobre – disse Rolão, depreciativamente. – A minha Eva não é para qualquer um. Não há no mar uma sereia como ela!

Pascoal sentiu-se amesquinhado, ofendido, e sobretudo sentiu pena e vergonha de ser pobre. Despejou o copo de um trago, para estancar a revolta que lhe ia no peito e não deitar tudo a perder. Tentou argumentar:

– Comigo nunca lhe vai faltar nada. Tenho saúde e dois braços fortes para trabalhar, graças a Deus Nosso Senhor.

Mas Rolão abanou a cabeça, descrente. Tinha outras ideias para o futuro da filha. O assunto já andava a ser conversado com Manuel Eugénio, um pescador de Olhão que se fixara em Moçamedes e que tinha vários barcos que lhe rendiam bom dinheiro. Rolão vira muita miséria na vida e não queria que a sua Eva passasse pelo que ele e a mulher tinham passado, no Algarve: dias e dias em que apenas tinham um casqueiro e umas cascas de laranja para comer. Por isso decretou:

– Nã! A minha Eva há-de casar rica, que eu cá sei o que ela vale e o que custa a vida. O homem que a levar tem de ter pelo menos três contos de réis.

Pascoal cerrou os punhos e deu uma pancada na mesa.

– Pois seja! Eu hei-de ser rico e volto para a vir buscar – declarou, com determinação.

Levantou-se de seguida, apertou a mão ao pescador e repetiu:

– Juro que volto breve. Obrigado pelo vinho.

Virou as costas e dirigiu-se para a porta. Rolão pareceu surpreendido com o rumo abrupto das coisas e tentou ser conciliador:

– Jante com a gente, homem. Temos uma sopa de peixe como não há outra.

– Não posso – respondeu Pascoal, irritado. – Não quero fazer a viagem de noite.

O pescador ficou hirto, sentado à mesa, a vê-lo sair.

Quando Eva ouviu o ranger da porta e viu Pascoal aparecer à luz do sol, de dentes cerrados e expressão dura, teve a certeza de que o pai não consentira no casamento e correu atrás do seu amor com os olhos cheios de lágrimas.

– Ele não deixa, pois não? Diz-me o que aconteceu! – gritou-lhe.

Ele não respondeu nem parou imediatamente. Andou um bocado em passo rápido para se afastar daquela casa e para dissipar a irritação, ignorando-a de caminho, como se ela fosse culpada pelo pai empedernido que lhe coubera em sorte. Por fim, quando a raiva se esbateu, caiu em si e virando-se para Eva, que o seguira, agarrou-lhe as mãos e olhou-a bem nos olhos.

– Não fiques triste. Ouve o que te digo: o teu pai quer casar-te rica e assim será. Hei-de arranjar fortuna e venho buscar-te. Juro!

Eva pôs as duas mãos na cabeça, em desespero.

– Mas como? O que vais fazer?

Ele já tinha tomado a sua decisão. Dizia-se que as costas do Sul de Angola eram ricas em baleias, e deviam sê-lo pois havia uns quarenta baleeiros americanos que cruzavam regularmente entre Moçâmedes e a ilha de Santa Helena. Muitos deles reabasteciam na povoação portuguesa porque os géneros eram aí mais baratos do que na ilha inglesa. A pesca rendia bom dinheiro e os armadores e capitães pagavam bem às tripulações. Pascoal sabia tudo isso porque grande parte dos homens dos baleeiros eram portugueses dos Açores e de Cabo Verde, bons arpoadores e gente que falava pelos cotovelos quando vinha a terra diluir a solidão em copos de aguardente.

– Vou às baleias. E hei-de voltar para te levar comigo, ou não seja filho do meu pai – prometeu, espalmando a mão bem aberta sobre o coração. – Agora tenho de ir, que não tarda nada temos aí a noite.

Deu-lhe um abraço apertado e ela, em choros e pondo-se em bicos dos pés, beijou-o na boca. Depois ele tirou os sapatos e entrou mar adentro, sem se dar ao trabalho de arregaçar as calças. Já na lancha que partia, gritou para a praia:

- Espera por mim, Evazinha. Eu hei-de voltar rico para casar contigo.
- Espero – prometeu ela entre soluços, acenando. – Juro!

Foi por um vizinho que Bernardino teve notícia de que havia finalmente chegado a muito aguardada segunda leva de colonos de Pernambuco. Depositava grande esperança na vinda dessa gente. Não porque fosse muita – pouco mais de cem pessoas, ao que constava – mas porque eram sobretudo mulheres, que tanta falta ali faziam. Ele pensava as coisas como político, com vistas largas, com sistema. Via as necessidades e as implicações das coisas, sabia o que era bom para o colectivo. As mulheres equilibrariam os espíritos e puxariam mais genica dos rapazes novos. Trariam ânimo à colónia e dar-lhe-iam finalmente um rumo de normalidade. Fariam dela uma sociedade como as demais, com outro aprumo, outro arranjo, outra economia de esforços. E certamente com vistas mais belas e modos mais mansos do que os que tinham existido até ali. Não vinham crianças, mas haveria tempo de as gerar e de as ver crescer ali, onde o clima era bom e elas se criariam rosadas e felizes. Sangue novo só poderia ser bom para a colónia.

A sua condição de chefe dos colonos, um estatuto que não parava de consolidar, obrigava-o a estar presente nos grandes momentos de Moçâmedes e a chegada de tanta gente era um grande momento. Por isso iria até à povoação mostrar-se e inteirar-se das condições em que os novos colonos haviam chegado. De caminho, satisfaria a sua curiosidade quanto à qualidade do mulherio que por ali vinha.

Chamou o capataz e deu-lhe as suas ordens:

- Vicente, é preciso ver com atenção a rega da mandioca. Eu vou a Moçâmedes e ainda não sei se me demoro por lá.

Almoçou cedo e preparou-se para partir. Durante o caminho o seu pensamento voou para Benedita. Tanta mulher a chegar e ele continuava desirmanado e a suspirar pela mulher de um outro. Quando teria fim aquele calvário? Quando ganharia coragem para a ter ou para a tirar definitivamente da cabeça? Suspirou. Tinha medo de avançar de mais e de deitar tudo a perder.

Quando se aproximou da baía identificou o brigue *Douro*, que voltara a servir de escolta aos colonos e que agora descansava, placidamente pousado sobre as águas. Uns seis ou sete marinheiros tostados pelos

ardores do sol tropical descarregavam malas e caixotes de uma barca que ancorara perto dele. Era a *Bracarense*, que viera de Pernambuco. Na praia, as pessoas recém-chegadas aguardavam as suas bagagens e à medida que as recebiam iam-se encaminhando para o barracão que servia de albergue.

O governador viera assistir ao desembarque. Conversava animadamente com um homem magro e corcovado, todo vestido de preto, e quando viu Bernardino descer do boi-cavalo chamou-o insistentemente, com grandes gestos:

– Sr. Figueiredo. Venha, venha, que quero apresentar-lhe uma pessoa.

O homem de preto virou-se para encarar Bernardino, que se aproximava, e o governador fez as devidas apresentações, indicando quem era quem com a mão.

– O Sr. José Joaquim Costa, chefe dos colonos que acabam de chegar. .. O Sr. Bernardino de Figueiredo, chefe dos primeiros povoadores deste oásis e pessoa de grande e merecida reputação em toda a colônia, não desfazendo...

Costa atirou uma palmada ao coração, em sinal de amizade eterna, e depois fez uma vénia tão pronunciada que lhe despenteou a grande cabeleira e quase o dobrou em dois. Bernardino antipatizou de imediato com ele. Tinha cara de falso e de fuinha, e aqueles exageros cabiam melhor num teatro do que ali. Ainda assim perguntou, por cortesia:

– Como foi a viagem, Sr. Costa?

O homem de preto pôs um ar grave, de lente de Coimbra.

– Boa, boa... E rápida, sempre com vento de feição. Partimos há mês e meio, calcule V. S.^a, e viemos muito bem instalados na barca.

– Folgo muito – disse Bernardino, esboçando um sorriso.

Queria ser simpático e acolhedor e preparava-se para fazer um breve discurso de boas-vindas polvilhado de alguns conselhos – meia dúzia de ideias que afivelara enquanto saltitava no lombo do boi-cavalo a caminho da baía mas Costa antecipou-se e cortou-lhe a palavra:

– Estava aqui a dizer ao senhor governador que os colonos que vieram no brigue *Douro* têm muitas queixas. Não lhes deram aposentos e tiveram de dormir com a marinhagem... Até lhes roubaram os baús...

O governador pôs um ar céptico.

– Não será exagero, Sr. Costa?

– Não, não – garantiu o Costa, abanando firmemente a cabeça. – E a comida? Ouvi histórias de arrepiar... A carne, podre... O feijão, duro...

Duro? Duro é dizer pouco: chumbo para matar coelhos.

– Feijão do tempo da revolução do Minho, não? – ironizou Bernardino, cansado de tanta verborreia e irritado por não ter ocasião para falar.

Mas Costa não percebeu ou não acusou o toque. E prosseguiu:

– Feijão duro... Dizem que nem o preto da caldeira o comia. E as violências do comandante? Um bandido, um pulha... Desculpe V. Ex.^a a minha linguagem pouco limada – disse, virando-se para o governador. – Um dos colonos esteve a ferros. Até parece mentira que o Sr. Bernardino Figueiredo não tenha participado dele na primeira viagem.

Bernardino não gostou da crítica implícita. Endureceu a expressão.

– Na nossa viagem não houve qualquer queixa.

O governador afastou-se para tratar de assuntos urgentes na fortaleza e os dois homens ficaram frente a frente, na praia, prolongando a conversa, estudando-se mutuamente. Costa era um homem de sessenta anos, nariz adunco e olhar difuso, evasivo. Quando falava curvava-se um pouco mais para a frente, numa postura que era simultaneamente obsequiosa e persuasiva, e punha um sorrisinho cínico. Percebia-se que era calculista e que escolhia as palavras para parecer mais polido do que realmente era.

Agora ia gabando méritos próprios e lisonjeando o interlocutor:

– As mulheres vinham receosas, como é próprio delas, mas eu que já tenho muito ano sei aquietá-las. Disse-lhes que íamos ter com boa gente, como V. S.^a – exemplificou, indicando Bernardino.

– Muito obrigado. Talvez fosse útil eu dizer-lhes umas palavras...

Costa contornou a sugestão e coçou a cabeça.

– V. S.^a é o chefe aqui, não é verdade? – perguntou. – Escolhido pelo povo ou nomeado pelo senhor governador?

Bernardino voltou a não gostar das implicações da pergunta, mas ainda assim explicou, e viu que o seu interlocutor seguia atentamente a explicação, registando tudo. No fim, falou:

– A minha gente só me obedece a mim, mas é claro que vou colaborar com V. S.^a em tudo o que puder. Sabe... – disse, prolongando a palavra enquanto fazia estalar irritantemente as articulações dos dedos, como se quisesse deixar o outro em suspenso –, esta leva é diferente da vossa.

– Não o entendo.

Costa apontou para o navio.

– Tirando ali o brigue, o Governo não nos deu um real. Viemos a

expensas nossas, Sr. Figueiredo. Viemos para trabalhar e não para viver em patuscadas, como alguns que para aí andam, ao que se diz – acusou, veladamente. – Pelo menos era o que se ouvia lá em Pernambuco.

Bernardino ia ripostar mas o outro não lhe deu azo e prosseguiu:

– Ai, Pernambuco, Pernambuco, gente generosa... Tivemos uma despedida como o Recife nunca viu. Havia de os ver, Sr. Figueiredo. Centenas de botes e lanchas cheias de portugueses e brasileiros que vinham saudar o nosso heróico empreendimento. E quando o brigue partiu e nós, na barca, atrás dele, a banda pôs-se a tocar e aquele povo largou foguetes pelos ares... pum, pum, pum...

E fazia gestos enérgicos disparando o braço direito em direcção ao céu.

– Pois... nós não tivemos nada disso – reconheceu Bernardino cada vez mais irritado.

– Eu bem sei. Estive lá a ver a vossa partida.

– Ai, sim?... Muito bem!

Bernardino viu pelo canto do olho que a praia se esvaziava. Os marinheiros tinham interrompido o transporte das bagagens e as pessoas retiravam-se. Voltariam por certo no dia seguinte, quando ele já tivesse regressado à fazenda. Fora lá para se mostrar aos novos colonos e Costa impedira que o fizesse, retivera-o com conversas ocas, servindo de barreira asséptica entre ele e as pessoas, como se estivesse preocupado em preservar a sua influência e o seu monopólio sobre elas. E ele, Bernardino, deixara-se ir naquele torcicolo de palavras. Fora enrolado pelo Costa e pelas avantajadas opiniões que expendia – tinha ido buscar lá e fora tosquiado. Estava frustrado, vencido, enraivecido e sem vontade para gastar mais cera com tão ruim defunto. Por isso, pretextou ter de fazer na povoação e despediu-se.

Enquanto se dirigia para o boi-cavalo, a fim de regressar à fazenda, pensou que aquela viagem tinha sido quase em vão. Servira-lhe apenas para conhecer o velho Costa e para perceber que iria ter problemas com aquela criatura sentenciosa, cheia de si e ambiciosa.

Os seis colonos tinham-se agrupado no terreiro da Fazenda dos Cavaleiros. Um deles, mais consciencioso e metódico, conferia novamente o material a transportar – ferramentas, panos, trem de cozinha, comida, armas – e os restantes iam tagarelando animadamente enquanto não vinha o momento das despedidas. Junto aos fardos e caixas, os escravos que iriam na coluna esperavam pacientemente que

chegasse a altura de carregar o carro e atrelar os bois. Mais longe, José Leite andava de um lado para o outro, ansioso por partir.

Estava tudo a postos menos o carro de bois, porque o ferreiro preto ainda não acabara de trabalhar no eixo. Aquele ferreiro era um ótimo trabalhador, eficaz e diligente. No dia anterior, e por uma questão de precaução, tinha feito chapas, pregos, uma argola grande e uma cavilha para os colonos levarem para o Bumbo. Podia vir a ser preciso reparar qualquer coisa, dissera, e depois lá não teriam quem lhes fizesse esse trabalho. Mas à última da hora lembrara-se de que seria bom reforçar também o eixo do carro, não fosse ele quebrar pelo caminho. José Leite torcera o nariz. Aqueles carros levavam à vontade 50 arrobas de carga mas, como eles iam fazer parte da distância até ao Bumbo pelo leito seco do rio, para que as rodas não se enterrassem irremediavelmente no chão arenoso e mole, o carro levaria apenas metade desse peso, quando muito. Para quê, então, reforçar o eixo? Mas o ferreiro insistira, invocara o azar, prometera que seria rápido e ele acabara por autorizar. O homem deitara-se inteiramente sob o carro e ia martelando qualquer coisa com denodo. De tempos a tempos intervalava as marteladas com uma cantoria.

José Leite impacientava-se. Pôs a mão em pala sobre os olhos e observou a altura do sol. De seguida dobrou-se para a frente e perguntou para debaixo do carro:

– Ainda falta muito?

– Está quase – respondeu o invisível ferreiro –, já podem trazer os animais.

José Leite virou-se para trás e ordenou a um escravo que corresse ao curral buscar a parelha de bois. Não queria perder nem mais um minuto. Aquele final de Novembro estava quente e teriam de fazer o percurso inteiramente de dia pois os pretos carregadores, medrosos e supersticiosos, negavam-se a andar de noite. Sendo assim, quanto mais cedo partissem melhor.

Benedita observava os preparativos da viagem sentada à sombra do alpendre, com a sua bagagem ao lado. Ao contrário do marido, desejava que a conclusão daqueles trabalhos se eternizasse. Aquele ano e pouco passado nos Cavaleiros fora difícil e monótono. Ainda assim seria certamente pior lá no interior. Pelas perguntas que fizera, tinha ficado a saber que no Bumbo não iria encontrar muito mais do que paisagens paradisíacas e a insólita companhia de uma tribo africana.

Iria ter saudades da Fazenda dos Cavaleiros, saudades das escravas a

que já se afeiçoara e de tocar o piano, à noite, depois do jantar. Aquele piano e aquela casa grande, onde alguns confortos da civilização já iam existindo, eram evocativos dos dias felizes em Pernambuco, quando a mãe ficava a tocar na sala, com as janelas abertas, encantando os passantes e aliviando o cansaço vespertino do pai. E iria ter muitas saudades da doce atenção que Bernardino lhe dedicava. Às vezes, quando estava ao piano e enquanto o marido, totalmente desinteressado, dormia, de boca aberta, esparramado para trás no cadeirão de cretone vermelho, ela via pelo canto do olho o ar agradecido e embevecido de Bernardino. Outras vezes surpreendia-lhe o olhar enlevado, observando-a e adorando-a à distância. Estava apaixonado por si – sabia-o – e, ainda que não lhe retribuísse o sentimento, agradecia-lhe aquela lisonjeira inclinação. Agradecia-lhe, aliás, muito mais do que isso. Bernardino fora o seu grande apoio durante aquele tempo, sempre atento, carinhoso e prestável. Como iria ser a sua vida no Bumbo sem aquele homem bom e protector por perto a suavizar a rispidez intratável do marido?

Era sobre esse problemático futuro que se interrogava quando a voz gritada de José Leite a veio despertar daquelas cogitações.

– Vamos embora!

O momento chegara. Os bois estavam atrelados e o carro carregado de fardos, caixas e objectos avulsos. Benedita levantou-se do alpendre e atravessando o terreiro subiu para o banco do carro, ao lado do cocheiro. Os escravos carregaram a sua bagagem no tabuleiro, junto a uma das rodas, e a pequena coluna pôs-se finalmente em marcha em direcção ao rio.

Bernardino acompanhou-os durante algum tempo e depois ficou junto ao canavial a agitar o seu grande chapéu de abas num comovido adeus.

– Boa viagem! Daqui por umas semanas faço uma visita – prometeu.

Depositava grandes esperanças na plantação que iam estabelecer no Bumbo e fora uma sorte que José Leite se tivesse predisposto a ir lá para o interior. Mas doía-lhe cruelmente a separação de Benedita. Parecia estúpido ter uma dor tão intensa e tão sentida relativamente a uma mulher que nunca fora sua e à qual, a bem dizer, nada o ligava, mas ao vê-la partir apetecia-lhe chorar. As mulheres faziam coisas fantásticas aos homens, ou a certos homens. Faziam-nos ir ao fundo da alma buscar sentimentos que eles tinham andado uma vida inteira a ignorar ou a esconder.

Insistira com José Leite para que a deixasse ficar nos Cavaleiros ou

até em Moçâmedes enquanto o estabelecimento do Bumbo não se organizasse devidamente, mas o sócio teimara em levá-la. Quisesse Deus que ela suportasse bem aquelas terras doentias e aquele marido violento e brutal.

Para se consolar disse a si próprio que talvez a ida dela para o Bumbo fosse uma coisa boa. No fim de contas, a sua presença ali nos Cavaleiros era uma tentação, um suplício de Tântalo. Aquele contacto quotidiano, uma frase mais íntima ou vagamente cúmplice, os olhares carregados de incertas promessas traziam-lhe o vislumbre do que poderia ser uma vida plena com Benedita e a sua paixão arrastava-o para lá da fronteira do possível, para terras proibidas e sem solução. Era necessário reagir. Suspirou e ficou algum tempo a olhar para leste, para os vales e serras para onde se dirigia o seu platónico amor. Sacudiu energicamente as roupas para afastar o pó e a melancolia e voltou para a fazenda.

Lá à frente, fora da sua vista, a caravana já seguia pelo leito do rio, sob um sol inclemente. Por volta das três da tarde encontraram um pouco de água no solo e zonas empapadas e enlameadas. Eram, com certeza, restos de alguma cheia que morrera por ali, sem se dignar fazer um esforço para chegar aos Cavaleiros. Com medo de que o carro se atolasse, José Leite ordenou que abandonassem o leito do rio. A tarefa não era fácil porque naquela zona as margens eram muito altas e íngremes.

Quando desceu, para aligeirar o carro, Benedita voltou a ver a estranha preta de espingarda ao ombro, de cócoras, imóvel no cimo de um cabeça, e sentiu um calafrio. Outra vez aquela mulher! Na semana anterior tinha-a surpreendido a espreitá-la pela janela do seu quarto. Quando lhe viu a cara emoldurada no caixilho da vidraça deu um grito e a preta escapou-se, veloz como um raio. Agora ali estava ela de novo para a atormentar.

Incomodada e assustada, reclamou em voz alta:

– Isto é um fantasma, ou quê? Mas o que quer esta mulher?

– Não se assuste, minha senhora – disse uma voz atrás dela. – Não é fantasma nenhum.

Benedita virou-se e deparou-se com o colono que estivera metodicamente a conferir a carga, enquanto os outros tagarelavam. Tinha um sorriso jovial e, simultaneamente, tímido.

– Querubino Lagoa, um seu criado – apresentou-se, com uma pronunciada vénia. – Aquela mulher que nos observa chama-se Kpengla.

Surpreendida com aquela aparição e sem saber muito bem o que dizer limitou-se a repetir:

– Kpengla?

– Sim. Caçadora solitária. Vive sozinha a léguas de distância dos vizinhos mais próximos. Enfim... é o que se ouve dizer por aí.

Os bois estavam quase a vencer a ravina quando tudo aconteceu num ápice: um dos animais caiu e o outro não conseguiu sustentar o carro, que recuou vertiginosamente. Benedita ouviu os gritos, viu os escravos a fugir mas não percebeu o que se passava e teria sido esmagada se Querubino Lagoa não a tivesse empurrado violentamente, sendo ele colhido.

O carro parou por fim no leito do rio, envolto numa nuvem de pó e espalhando a carga pelo chão, e Benedita ergueu-se a custo, com o corpo dorido e as pernas a tremer. Estava grata por ter passado incólume por tamanho perigo e, ao mesmo tempo, horrorizada com a visão do pobre colono esmagado. E foi só quando os outros colonos e os escravos descarregavam o carro e tiravam o cadáver daquele infeliz de baixo do rodado que ela se deu conta de que o marido não fizera um só gesto para a ajudar.

Isso perturbou-a tanto que evitou olhar para ele. Olhou antes para a colina e verificou que Kpengla ainda lá continuava, acorada e imóvel.

¹ Molhos de dez peixes.

² Conselheiros.

Daomé

Kpengla fora atraída até às margens do rio seco pelos gritos do cocheiro, os estalidos do chicote e os ruídos da pequena caravana. Sem nada que a apressasse, deixara-se ficar por ali a observar aquela coluna de gente que caminhava para longe do mar. Que quereriam eles da terra dos homens pretos?

Viu a mulher branca a falar com alguém que à primeira vista lhe pareceu ser o alemão e agachou-se imediatamente quando eles olharam na sua direcção. Um gesto instintivo, sem dúvida, mas completamente despropositado pois, olhando melhor, verificou que se enganara. Não era o alemão. E que fosse... Que diferença faria?

Raramente pensava nele. Não lhe tinha raiva nem gratidão, era-lhe quase indiferente. Ainda assim deixou-se ficar de cócoras e continuou a olhar, sem mexer um músculo, como costumava fazer no Daomé, quando observava as aldeias e cidades que ia pilhar. A última cidade que atacara fora precisamente uns escassos dias antes de conhecer o caçador branco. Por momentos Kpengla deixou que o seu pensamento voltasse atrás, até ao topo das colinas que circundavam essa cidade, e viu-se a si própria quando ainda era orgulhosa como o falcão e olhava quase todos de cima para baixo.

Permaneceu muito tempo de cócoras, mastigando devagar e olhando para o vale. Detestava aqueles bolos redondos, feitos de milho e feijão, grudados com óleo de palma. Davam força aos soldados – disso não havia dúvida – mas eram difíceis de mastigar e de engolir. E aquele que tinha na boca parecia ainda mais duro, mais salgado e apimentado do que era costume.

Num esforço suplementar empurrou aquela massa seca pela garganta abaixo e endireitou-se lentamente, semicerrando os olhos para tentar ver melhor. O sol começava a aflorar por trás da montanha mas ainda não conseguira expulsar totalmente a noite. Sob o céu que adquirira um

estranho tom dourado-escuro, a terra ia emergindo lentamente das sombras. O vale era uma mancha negra e uniforme cortada pela longa fita esbranquiçada do rio que contornava a cidade de Okeadon. Àquela luz frouxa e incerta do amanhecer a cidade era apenas uma grande massa escura, silenciosa e quieta, que ainda dormia. Cairiam sobre ela como o astuto leopardo caía sobre a gazela desatenta.

– Soltem o agbadjigbeto – ordenou, virando-se para trás.

Duas amazonas dirigiram-se a um homem pequeno e magro que permanecia muito direito, de mãos amarradas atrás das costas, e cortaram as cordas que lhe prendiam os pulsos.

Como de costume, antes de iniciar a guerra tinham-se enviado agbadjigbetos para os países inimigos, como espiões ou batedores. Na verdade, a sua missão era mais completa e complicada pois consistia não apenas em espiar e desenhar mapas do território inimigo, mostrando as portas da cidade e as residências dos principais chefes, mas também em destruir o poder das suas divindades protectoras. Toda a gente sabia que até a mais pequena aldeia tinha espíritos protectores que teriam de ser enfraquecidos antes que fosse seguro a um exército avançar contra ela. Por isso os agbadjigbetos costumavam levar consigo óleo de palma ao qual os feiticeiros do Daomé tinham conferido poderes maléficos. Assim que, simulando uma oferenda, vertessem esse óleo sobre as divindades do inimigo, o seu poder mágico ficaria destruído e elas deixariam de conseguir proteger o país das forças invasoras. De volta ao Daomé, o agbadjigbeto fazia um relatório detalhado ao rei e a partir desse momento era considerado responsável pelo sucesso da campanha. Quando o exército partia, o homem era amarrado e colocado na linha da frente. Se houvesse emboscadas ou se as coisas não condissem com o que havia informado, seria imediatamente morto, mas se saíssem vitoriosos receberia honrarias, terras e escravos.

Já vira vários agbadjigbetos serem mortos e ela mesma se encarregara de decapitar um deles. Naquele caso, porém, era certo que não tinha havido traição e que os habitantes de Okeadon dormiam despreocupadamente, sem sonharem com o que os esperava. No dia anterior o exército tinha passado ao lado da cidade, dando a entender que iria atacar o território de Keutah, e aqueles estúpidos tinham caído no logro. Durante a noite, os soldados regressaram a Okeadon através da selva e contra o vento, para não serem sentidos, e com o dia a raiar estavam prontos a cair sobre a cidade adormecida. O colaborador a quem o agbadjigbeto pagara um bom preço já deixara entrar um pelotão

de amazonas que, silenciosamente, se tinham encarregado de eliminar as sentinelas e de assegurar a abertura do portão lateral.

Virou-se de novo para trás e olhou para o exército em formação de batalha. Era um exército pequeno, apenas um segmento do total das forças em campanha, mas mais do que suficiente para desempenhar aquela tarefa. As amazonas, de peito nu e espingarda ao ombro, estavam no centro. Na sua vanguarda, facilmente identificáveis pelas três riscas brancas nas suas pernas nuas, sobressaíam as mulheres do corpo de patrulha das florestas e de caça aos elefantes que ela usualmente comandava. Nas duas alas, à esquerda e à direita das amazonas, estavam os homens. Mais atrás, a multidão de escravos que transportava as bagagens, provisões e os troféus da guerra.

Gostou de ver as suas mulheres no centro das operações, suplantando os homens. Sempre gostara de suplantar os homens, como agora sucedia, uma vez que fora a ela e não a Trulo, ou a qualquer outro guerreiro, que o rei Guêzu dera a honra de conduzir aquele ataque. Uma honra merecida mas que não caíra do céu, longe disso. Ela fora muito persuasiva nos pedidos feitos ao rei e muito inclemente para com as falhas e fraquezas dos homens.

Com as tropas reunidas no terreiro para as derradeiras cerimónias antes da partida para a guerra, dirigira-se aos arautos que se preparavam para contar a história das últimas campanhas e dissera-lhes para não se esquecerem de que tinham sido as amazonas a salvar os exércitos do Daomé, pois os homens haviam fugido. E, de seguida, virara-se para o rei:

– Lembra-te, meu rei, que uma parte dos teus filhos fugiu em Atapam – acusara, apontando para os soldados em formatura do outro lado do terreiro.

Os homens assim incriminados tinham-se chegado à frente, prostrado no chão e beijado o pó, mas ela não se deixara impressionar com aquela prova de humildade e de arrependimento.

– Tudo o que está sujo deve ser limpo – dissera, com um gesto de desdém – e eu recomendo o castigo dos culpados.

Os outros soldados tinham tentado calá-la, gritando e assobiando de forma a que as suas denúncias se não ouvissem. Mas logo outras amazonas se tinham agrupado atrás de si, cantando em conjunto:

Se os soldados forem para a guerra devem conquistar ou morrer.

As amazonas não fogem.

As leas são mais destemidas do que os leões.

Sempre a cantar, tinham lançado um acalorado debate sobre a cobardia de uma parte do exército masculino. Quando um general saíra a terreiro, insinuando que as amazonas mentiam e que, no fundo, não passavam de simples mulheres, ela reagira instantaneamente e sem temor:

– Isso é um insulto, general. Nós não somos mulheres, somos homens – afirmara, categórica. – Estamos sempre preparadas para a guerra e para morrer. Não somos como os teus soldados.

– Que queres tu dizer? – perguntara, indignado, o general.

– Se vamos para a guerra não podemos voltar de mãos vazias. Se não conseguirmos caçar elefantes, caçaremos moscas, mas não viremos de mãos vazias – repetira, mostrando as suas mãos abertas à assembleia. – Quando as amazonas vão para a guerra, o rei pode dançar de alegria porque elas lhe trazem prisioneiros e cabeças.

Então o rei levantara-se, de braço bem esticado para a frente e dedo acusador, para admoestar fortemente os soldados ainda prostrados no chão:

– Os vossos generais servem para contar cauris mas sabem pouco da arte da guerra e não obtiveram muitos prisioneiros na última campanha.

O ataque a Okeadon será dirigido por Kpengla e pelas amazonas.

Venerava o rei, considerava-o seu pai e faria tudo por ele. Nascera no segundo ano do seu reinado¹, filha de Algési, uma das suas muitas mulheres. Não era absolutamente certo que o rei fosse seu pai, porque por vezes ele próprio fazia com que as mulheres do palácio abraçassem outros homens e os aquecessem de noite, mas não era impossível que descendesse dele. Sentia-se filha do leopardo e o leopardo era ele. Vivera sempre no palácio, entre os eunucos e os vários milhares de mulheres que o habitavam, e desde pequena que participava nas marchas e celebrações das amazonas. Aos oito anos falara pela primeira vez em público, e perante o rei, exigindo, com os seus pequenos punhos fechados, que os exércitos do Daomé partissem para a guerra para capturarem inimigos.

– Sou filha de Algési e pertenço ao rei. O meu nome é Kpengla e quando for grande quero matar um elefante para o meu rei, para lhe mostrar a minha valentia – dissera por entre um surdo rumor de aprovação. – Mas, antes disso, os Atakpamés devem ser exterminados.

Depois, quando começara a sangrar como as outras mulheres grandes, a sua mãe cumprira a obrigação de a apresentar na corte para que o rei pudesse decidir o seu futuro. Lembrava-se da tristeza de

algumas das suas amigas que tinham sido rejeitadas e devolvidas aos pais. Ela fora seleccionada para ser uma futura chefe das amazonas e recebera duas escravas, que daí em diante tratariam das suas necessidades. No grande terreiro do palácio de Dangelácordé, formada em frente das veteranas, esticara o braço esquerdo para que a feiticeira lhe fizesse um golpe. O seu sangue fora adicionado ao das outras novas recrutas, misturado com pólvora e aguardente e bebido por cada uma delas para que ficassem unidas para sempre e nunca se traíssem umas às outras. Recebera igualmente um uniforme e começara a ser instruída no manejo das armas, tendo combatido pela primeira vez na guerra contra os Asante. À medida que os sóis iam passando e que as vitórias se somavam, o orgulho ia crescendo dentro de si com a pujança do milho novo.

A sua bravura fora reconhecida e subira rapidamente na hierarquia militar pois, ao contrário do seu antecessor, Guêzu percebia a importância da guerra, valorizava o combate, e amava e protegia as amazonas. Fora ele que as reorganizara e que aumentara o seu número. Fora ele que fizera delas a elite do exército e uma guarda pessoal para o prestigiar e proteger.

Aos dezoito anos Guêzu ordenara-lhe que se desse a Trulo e, por dedicação e obediência ao seu rei, ela saíra do aquartelamento no interior do palácio real e fora até à casa onde esse soldado residia. Fora aí que se deitara debaixo dele, sujeitando-se às suas vontades. Não gostava de Trulo nem de que ele se metesse entre as suas pernas, mas faria tudo por Guêzu, como qualquer amazona.

Sabia o que arriscava. Os votos de castidade impostos pelas superiores não eram em vão. Nenhuma amazona podia ter filhos porque isso limitaria a sua capacidade militar. Eram conhecidas as histórias dos homens que escalavam os muros do palácio para seduzir as mulheres aquarteladas no seu interior, e ainda mais conhecidas as histórias de sedução que corriam mal. Presumia que todas as seduzidas bebessem a mesma poção de plantas que ela tomava, mas algumas ficavam prenhes e pariam filhos. Eram torturadas para confessarem tudo e depois eram colocadas em unidades suicidas, às quais se distribuíam as missões mais arriscadas. Noutros casos eram mortas, tal como os homens que se tinham inserido nelas. Entre os eunucos corria mesmo uma lenda – que muito os fazia rir –, segundo a qual tinham morrido mais homens a escalar os muros do palácio do que propriamente em batalha.

Passara noites com Trulo, sempre que o rei lho indicava e que a

natureza lho permitia. Passara-as também com Félix de Sousa, nos tempos em que servira no regimento de Ajudá. Às vezes sonhava que fazia aquilo com Guêzu e que lhe dava uma criança, como sucedera com a filha do rei de Ajda-Tado que, muitos, muitos sóis antes, encontrara um leopardo na floresta e ficara prenhe dele, dando origem à família real de Abomé. No sonho, Guêzu assumia a forma do leopardo, cobria-a por trás e cravava-lhe os dentes na nuca enquanto a penetrava com força e ela rosnava de dor e prazer. Uma vez o espírito da noite visitara-a durante o sono e levava-a a ver os aposentos de Guêzu. Havia uma ligeira brisa que fazia ondular as cortinas que, na sua ondulação, revelavam uma parte da cama e o corpo do rei deitado sobre o corpo de uma escrava. Ficara a observar da porta, estática, espreitando por entre as cortinas e sentindo um desejo quase incontrolável de tomar o lugar da escrava. Aquilo durara um tempo infundo – ou assim lhe parecera – e fora simultaneamente um tempo de êxtase e de suplício. Por fim Guêzu terminara, com um urro poderoso, e, soerguendo ligeiramente as ancas, deixara-se tombar para o lado, na cama. De seguida desaparecera, saíra do quarto, e ela precipitara-se sobre a escrava ainda deitada na cama, abria-lhe as pernas e esfregara a cara naquela vulva quente para melhor agarrar a força de Guêzu, para sentir o seu cheiro e lambe-la sua seiva, como se precisasse desesperadamente dela para respirar. Acordara em sobressalto ao sentir os passos do rei, que regressava.

A sua maior felicidade era ver e satisfazer o rei, e obedecer a todas as suas ordens. Recordava muito bem as palavras que Guêzu lhes dirigira, reunidas na sala grande do palácio, antes de partirem para a última guerra:

– Eu sou o abutre e não me agrada que outros pássaros cantem. Vão e levem a guerra ao território dos Oyo, dos Yoribhah e dos Okeadon. Chegou o tempo de voltar a encher o ventre de ferro e de prata.

E elas, juntamente com os homens, tinham combatido desde o fim das chuvas, levando as espadas e as balas até às montanhas de Kong e aos três cantos do mundo. Agora ali estava com um segmento do exército, nos dias finais da campanha, para cumprir e satisfazer plenamente a vontade do rei.

– Estamos prontas, Kpengla – ouviu Adadine dizer atrás de si.

Após uns momentos de hesitação, levantou os braços e deu ordem para atacar. Como se obedecesse a um impulso único, aquela massa humana até então quieta e silenciosa correu pela colina abaixo, rolando suavemente por aquele solo de barro duro e avermelhado como

óleo a escorrer por um funil. A meio da descida um cão começou a ladrar na cidade adormecida, e algum tempo depois uma voz desesperada bradou às armas:

– Elele m’ele! Elele m’ele!

Mas o brado de alerta vinha demasiado tarde. A vanguarda do exército atacante já entrava, correndo e gritando pavorosamente pelo grande portão aberto.

Sorriu de alívio e de satisfação e deixou-se ficar lá no alto do monte, assistindo à actuação das suas amazonas, que ocuparam o centro da cidade, enquanto os regimentos de homens, que actuavam nos flancos, se colavam à parte interior dos muros, avançando a partir daí, como uma garra que se fecha sobre a presa. Por trás da cidade, na única parte não protegida pelo muro, passava um rio de águas rápidas e ela viu muitas pessoas em pânico tentarem atravessá-lo. A maioria afogou-se e apenas algumas conseguiram passar para o outro lado.

Houve um grupo de soldados de Okeadon que lutou com o desespero de um búfalo cercado por leões esfaimadas. O resto da população ofereceu escassa resistência e ao fim de pouco tempo tudo estava terminado. Desceu então à cidade e contemplou os cativos. Deu ordem para que os velhos, que não tinham valor para os negreiros nem qualquer préstimo nas terras do rei, fossem imediatamente decapitados. As amazonas encarregaram-se da tarefa e a breve trecho centenas de cabeças juncavam o chão. Seriam espalhadas em Abomé, quando o exército regressasse à capital, ou atiradas para a floresta de Gu, em homenagem a Guzu, o deus da guerra.

O resto dos habitantes da cidade foi agrupado numa longa fila, pronta para seguir o exército vitorioso de regresso a Abomé. Olhou aquele amontoado de homens, mulheres e crianças, e não pôde deixar de reparar na beleza e altivez das mulheres mais jovens.

– Os haréns do rei e da nobreza serão bem abastecidos pelos frutos desta guerra – disse a Adadine que, a seu lado, limpava nas ervas a espada suja de sangue.

E na languidez e preguiça dos haréns se esvairia e dissiparia o que sobrara de Okeadon. O resto dos seus habitantes seria exterminado, vendido aos brancos, transportado para lá do mar, a sua memória seria esquecida e apagada, a própria palavra Okeadon não mais seria ouvida à face da Terra, a não ser durante a festa anual dos vencedores quando, para celebrar e exaltar as suas grandes vitórias, o rei enunciasse o nome das nações vencidas.

A extensa coluna pôs-se em marcha mas ela optou por não a seguir de imediato e dirigiu-se ao templo de Okeadon. Era uma casa redonda, de cor amarela, e, como habitualmente, coberta de colmo. A alguma distância, guardados por soldados e preparando-se para seguir a fila dos cativos, estavam dois feiticeiros e as mulheres que limpavam o interior e exterior do templo, aí depositando comida e bebida, sempre atentos aos chamamentos e desejos do espírito. Sobre a porta do templo, um galo cruxificado numa ripa de madeira oscilava tristemente ao vento. Abriu a porta e entrou na cabana. Lá dentro havia um intenso cheiro a sangue e percebeu que tinham sacrificado animais ou pessoas há relativamente pouco tempo. Um cheiro tão intenso devia corresponder a um grande animal, talvez um vitelo, abatido pelos feiticeiros com grandes cutelos, como vira fazer uma vez, em Ajudá. Calculou que tivessem apanhado o sangue do bicho sacrificado em bacias e que o tivessem espalhado sobre o altar de barro do fetiche, para ter mais efeito. Não lhes servira de nada.

Dias depois entrou em Abomé atrás do regimento das amazonas e pelo maior dos seus seis portões. Fez sinal a uma vendedeira de água que circulava por ali, com uma vasilha à cabeça, e ficou por momentos a saborear o líquido e a contemplar o monumento que celebrava a subjugação dos Anagus – participara nessa campanha. Os Anagus viviam num país pedregoso e acreditavam que quando retirassem as pedras do seu território o país cairia. Guêzu tinha ordenado aos soldados que cada um trouxesse uma pedra daquele país e que a depositasse num monte à entrada do portão grande. Depois disso tinha sido fácil vencer os Anagus. Aqueles miseráveis insectos tinham sido derrotados tanto pelos seus presságios como pela inteligência de Guêzu. O monumento que celebrava a vergonhosa queda dos Anagus era, ao mesmo tempo, um elogio à força e argúcia do Daomé, e enchia-a de orgulho.

Acelerou o passo e junto ao mercado apanhou de novo a retaguarda do regimento de amazonas. Já havia preparativos para a Siqueái, a festa da vinda das chuvas, e ela contava que as suas recentes vitórias fossem devidamente celebradas no decorrer desses festejos. Mais, esperava que o seu regimento fosse recompensado com bonitas bandeiras de combate, um guarda-sol colorido e muita aguardente e tabaco para distribuir entre as suas subordinadas.

Na praça principal, perto de um grupo de soldados que falavam animadamente, um albino atirava pedras a uma matilha de cães. Ordenou-lhe que parasse. Não gostava de albinos – davam má sorte mas

aceitava-os como parte da vida e da variedade de Abomé. Como aceitava, aliás, os anões e os corcundas e até mesmo a avestruz que desenhava os seus trotes elásticos e nervosos no terreiro do palácio. Quando reentrava na cidade vinda das guerras, precisava de rever tudo isso para se sentir acolhida, como o falcão de volta ao ninho.

Ao chegar ao aquartelamento cruzou-se com Tununu, o chefe dos eunucos, que alimentava dois magníficos pavões.

– Onde está Adadine? Viste-a entrar? – perguntou.

Mas Tununu era soberbo e limitou-se a apontar, com ar desdenhoso, para o quarto das lavagens. Para além de soberbo era evidente que não via com bons olhos a amizade que a ligava a Adadine. Havia eunucos que levavam demasiado a sério o seu papel de vigilantes das mulheres no interior do palácio e Tununu era um desses.

Às vezes perguntava a si própria se não se poderiam dispensar os eunucos. Tudo o que eles faziam podia perfeitamente ser feito por mulheres. Não seriam elas capazes de verificar o abastecimento de aguardente ou o estado do paiol? Não estariam aptas a assegurar o cerimonial, nos banquetes, dentro do palácio, ou a tratar dos copos e da baixela? Fariam tudo o que os eunucos faziam, e fá-lo-iam melhor, tinha a certeza. Talvez só não servissem para criadas pessoais do rei e para o ajudar na sua higiene. Era esse, no fundo, o valor dos eunucos. Com excepção do rei, apenas eles podiam andar livremente no espaço das mulheres e transitar desse espaço para o dos homens. Sim, era aí que estava a sua importância: intermediários entre os dois mundos e talvez por isso não pudessem dispensá-los.

Aliás, a maior parte dos eunucos era humilde, presa à sua voz aflautada e grata por ter sobrevivido à dramática operação que os convertera num meio caminho entre a fêmea e o macho. Eram geralmente capados no próprio palácio e ela vira muitos deles a arder em febres e a morrer ao fim de poucos dias, com os ventres inchados. Mas Tununu tinha sido capado fora, em Acra, e devia ser daí que lhe vinha toda aquela soberba.

Ou talvez não. Que importava? Virou-lhe as costas e dirigiu-se para a divisão das lavagens onde Adadine já se encontrava, limpando o corpo molhado com uma espátula de osso. Distraída, deixara o sabão de óleo de palma e potassa dentro da tina e ela apanhou-o, para que não continuasse a derreter.

Gostara de Adadine desde o primeiro dia em que a vira. Filha de uma amazona e de um mercador de escravos inglês, tinha uma cor mais clara

do que era habitual entre os habitantes do Daomé. Mas não era só na cor da pele que Adadine era diferente das outras, pois tinha muita coisa invulgar para uma amazona. Era muito aplicada nas tarefas rotineiras, na higiene, no cuidado com os objectos. Tinha muita atenção ao estado da sua arma, polia-lhe carinhosamente o cano e, quando não estava de serviço, protegia-a cuidadosamente com uma cobertura. Consumia parte do seu tempo livre a fazer cerâmica ou lindas cabaças. Às vezes era chamada a preparar a alimentação de Guêzu porque as suas mãos eram hábeis a confeccionar os alimentos e a dar-lhes sabor.

Mas tinha menos apetência para a guerra e o combate. Não era medrosa – nada disso –, mas sim pouco empreendedora e empenhada, e talvez por isso ainda não tivesse passado de comandante de 80 espingardas. Era como se não tirasse o legítimo prazer da guerra e como se decapitar os inimigos fosse um sacrifício que lhe pesasse no coração. Recordava-se bem da ocasião em que Adadine cortara a sua primeira cabeça. Estava a seu lado quando isso sucedera e lembrava-se de que ela não deixara transparecer qualquer incómodo. Chegara até a lamber a lâmina da espada, suja de sangue. Mas nessa noite vira-a chorar. Sabia que algumas mulheres rejeitavam a vida militar, indo ao ponto de se matarem, mas nunca tinha lidado directamente com nenhuma delas. Quando Adadine virara os olhos molhados para si, como se esperasse um consolo, ficara sem saber o que fazer, paralisada por sentimentos contraditórios. Incapaz de lhe bater, como merecia, incapaz de a acolher nos seus braços, como o peito lhe pedia.

Junto de Adadine sentia uma impressão estranha e perturbadora que não sentia junto de mais ninguém. Junto dela sentia vontades. Vontade de a tocar como vira as mães fazer aos filhos, vontade de a transportar às suas costas, ou de a abraçar e proteger com o seu corpo.

– Não te cansas da guerra, Kpengla? – perguntou Adadine, virando-se para trás, como se adivinhasse os seus sentimentos e as suas inquietações.

– Nunca – respondeu sem sequer pensar, pegando na espátula de osso e continuando a limpar-lhe as costas.

Depois encostou a cara ao ombro húmido da amiga e deixou-se embalar no doce calor que emanava dela.

Os músicos começaram a tocar o *Triunfo de Guêzu*, os soldados ergueram-se, disparando para o ar e gritando saudações, e todos os que assistiam se deitaram de bruços, como era seu dever, beijando o chão e

atirando terra sobre as suas cabeças.

Estava de pé, no terreiro, bem perfilada à frente da formatura das amazonas, e assim continuou, vendo o rei chegar para tomar lugar no palanque construído junto ao grande portão do palácio de Dangelácordé. Não estava a mais de 30 passos do palanque e podia ver tudo de muito perto e com todo o pormenor. Antes do rei já tinham vindo as principais kposi². Reparou que estavam todas magnificamente vestidas com sedas, cetins e chapéus de veludo e plumas, e que se iam sentando atrás e à direita do divã real.

Os soldados dispararam de novo quando Guêzu subiu os três degraus de madeira que davam acesso ao palanque e apertou a mão a um homem branco que se levantara da sua cadeira para o ir cumprimentar. Nunca tinha visto aquele homem. Não estava junto dos negreiros que se sentavam sob um telheiro, à direita do palanque. Devia ser o alemão que chegara na semana anterior e de que já lhe haviam falado. Não era muito diferente de outros brancos que já vira. Talvez não fosse tão feio como alguns que havia em Ajudá e que pareciam grandes demónios avermelhados, com os olhos de um azul frio e aguado e os cabelos sujos e espetados como o capim velho. Mas, tirando isso, era um branco, descolorido e desengraçado como os demais.

O rei pediu ao alemão que dançasse perante o povo e ele correspondeu ao pedido, pulando com a mão esquerda na cintura e a mão direita levemente arqueada, como a carapaça de uma tartaruga, uns dois palmos acima da cabeça. Ela achou que o alemão dançava mal, como acontecia com a maior parte dos brancos. Mexia-se de uma forma presa e flácida, dando pequenos saltinhos e voltas sobre si próprio como a figurinha da caixa de música que ela vira nos aposentos da maihaipá³.

Mas, fosse ou não fosse um bom dançador, o que não conseguia perceber era aquele tratamento de favor de que os brancos gozavam. Não era justo. Todos tinham de se prostrar no chão, excepto eles, que eram também os únicos que podiam fumar na presença do rei. Enfim, Guêzu saberia porque tolerava tal coisa e o assunto talvez nem justificasse muita raiva ou indignação da sua parte. Aquele branco chegara e haveria de partir sem deixar rasto, como o pardal perdido que vinha roubar milho e voava ao entardecer.

Desinteressou-se do alemão assim que Cacau Sauti, o embaixador do reino do Asante, se prostrou, humilde, aos pés de Guêzu. O embaixador era um homem gordo e jovial que há muito acorria a Abomé para oferecer a submissão do seu povo, e não era difícil adivinhar que viera,

como nos outros anos, pagar tributo e renovar os acordos de paz. Desta vez trouxera consigo uma mulher de Acra. Uma mulher alta e esguia, coberta com uma linda túnica verde. Usava dois grandes colares de diferentes espécies de corais que balançavam quando se mexia, e rapara a cabeça dos dois lados, deixando apenas uma risca central de cabelo, que penteara como se fosse a crista de um galo. Notou que ela polvilhara essa crista de cabelo com carvão, de modo a que ficasse de um negro mais brilhante e profundo que o da pele. De ambos os lados das ancas, trazia penduradas em correntes de prata várias moedas e chaves que tilintavam quando andava e, nos calcanhares, usava esporas de prata. Cacau Sauti pegou-lhe na mão e guiou-a ao longo do palanque, oferecendo-a ao rei. Guêzu mirou-a demoradamente, de alto a baixo. Depois, mandou-a sentar-se à sua esquerda, junto das concubinas, e ergueu-se para falar:

– Uma nova ocupante do harém real – anunciou, em voz alta, e o povo rejubilou.

Antes de voltar a sentar-se Guêzu virou-se para si e fez-lhe um sinal imperioso para que a festa comesçasse. Obedecendo à ordem do seu rei, desviou instantaneamente os olhos e o pensamento da fascinante mulher de Acra e avançou, à frente das suas amazonas, martelando o chão com os pés e fazendo levantar uma leve poeira da superfície seca e pálida do terreiro. O seu regimento tinha-se distinguido na última guerra e coubera-lhe a honra de abrir o desfile da vitória. A Uóinuiva era uma festa em honra do comércio com os brancos, e feita para os brancos, mas ainda assim havia sempre espaço para celebrar as vitórias e ela empenhava-se naquelas celebrações com todo o seu entusiasmo, como sempre fazia. Por isso batia os pés com força no chão, para marcar a cadência e vincar a sua energia, enquanto as suas amazonas exibiam, garbosas, a espingarda na mão direita e a espada na esquerda. Quando passaram junto ao rei saudaram-no com o conhecido grito de guerra do regimento:

– Com estas armas queremos vencer!

De seguida, sempre a marchar, cantaram uma canção de agradecimento aos negreiros por lhes terem dado espingardas e pólvora para lutarem por Guêzu. Aquele agradecimento justificava-se porque sem a guerra Abomé não existiria. O tráfico de escravos era a fonte de glória e de riqueza do seu povo e nada disso seria possível sem as armas que os negreiros lhes vendiam. Mas se os brancos pensavam que o Daomé lançava a guerra apenas para abastecer os navios com escravaria,

então estavam muito enganados. Nenhum soldado do Daomé pensava nisso quando ia para o combate. Pensava apenas em vencer e em matar.

Vencer e matar, era esse o atractivo da guerra. Enquanto as amazonas cantavam em frente ao telheiro onde se encontravam os negreiros, olhou pelo canto do olho e viu o seu regimento perfeitamente alinhado. Os canos polidos das armas reluziam ao sol como se fossem as árvores de uma floresta mágica e letal, e sentiu um enorme orgulho em comandar aquelas mulheres.

Por trás do seu regimento já se aproximavam os soldados de Trulo, seguidos pelos estandartes, os escudos de pele de búfalo e as insígnias vermelhas. O próprio Trulo vinha sob um guarda-sol amarelo e, no fim, atrás dele, a banda com os seus tambores de guerra ornamentados com crânios humanos. E depois viriam outros regimentos, e outros e ainda outros. Naquele dia toda a nação estava em trajes militares e até os anões se pavoneavam, de andar bamboeante e espada à cintura, como se fossem soldados a sério. Ela gostava de ver Abomé assim uniformizada e completamente tomada pelo fetiche da guerra, como se fosse um grande formigueiro unido por um só pensamento e um único objectivo. Era esse o espírito subterrâneo de todas as festas que, fosse qual fosse o pretexto invocado, deveriam continuar uma após outra até que chegasse de novo a época da guerra. O rei faria então um último festim em memória do seu pai, no qual a nação fervilharia numa enorme excitação, dançando, cantando, discursando, disparando para o ar e, depois, viria outra vez o exaltante tempo de cortar cabeças.

Subitamente lembrou-se de Adadine lhe ter perguntado se alguma vez se cansava da guerra, e essa lembrança perturbou-a. Nunca se cansava da guerra e, no entanto, havia qualquer coisa na pergunta que a inquietava e revolia por dentro, como uma grande serpente.

Nessa noite sonhou que estava no grande templo de Abomé dedicado ao culto a Legba, a deusa de fecundidade. Lá fora os tambores não cessavam de rufar, chamando os soldados para a batalha. Ela sabia que devia correr a apresentar-se ao seu regimento, mas hesitava em fazê-lo, como se uma força desconhecida lhe tolhesse a vontade e os movimentos. Entretanto, um feiticeiro acercou-se de si, atou-lhe um grande falo de madeira com cordas passadas à volta dos quadris e ordenou-lhe que dançasse. Quando começou a dançar, acariciando o falo e dizendo obscenidades, as outras amazonas aproximaram-se. Mas fugiram, rindo, assim que tentou tocar-lhes. A concubina de Acra também se aproximou e também tentou fugir, mas ela perseguiu-a e

alcançou-a pois a concubina corria mais devagar. Presa na sua túnica verde e atrapalhada pelas esporas de prata, deixou-se apanhar e derrubar no chão, e ela começou a penetrá-la com o falo de madeira, enquanto as outras mulheres assistiam, encantadas. Mas logo se desinteressaram dela e ficaram a ver o alemão, que dançava com uma mão na cintura e a outra ligeiramente arqueada sobre a cabeça como a carapaça de uma tartaruga. E todas começaram a dançar em seu redor, fazendo exactamente os mesmo gestos.

Esqueceu aquele sonho e só voltou a pensar no alemão quando, no primeiro dia da festa dos sacrifícios, o rei lhe ordenou que daí em diante pernoitasse em casa daquele branco e se desse a ele. Assentiu com a cabeça, incapaz de articular palavra. A sua surpresa fora tão grande como se tivesse sofrido uma emboscada à saída do aquartelamento ou no interior do próprio palácio.

Foi com a morte na alma que nesse fim de tarde deixou o mercado de Ájáí, onde a festa decorrera, e caminhou hesitante e lentamente, como alguém que vagueia sem destino. Havia muita gente deitada na rua. Como acontecia todos os anos, o povo de Abomé tirava a barriga de misérias por altura das festas, quando o rei mandava distribuir comida gratuitamente. Não tendo de pagar pelo seu jantar, as pessoas comiam até rebentarem e depois deitavam-se no chão, como jibóias, demasiado cheias para sequer se mexerem. Enquanto contornava ou transpunha aquela grande quantidade de corpos esticados, desejou estar assim, como uma jibóia, para não ter de dar aquele passo e de obedecer àquela ordem. Mas logo afastou de si esse desejo rebelde, contrário à vontade de Guêzu, e forçou-se a andar mais depressa. Ainda passou pelo palácio para tomar o preparado de ervas e se aprontar, e só depois se dirigiu à casa do branco para cumprir a sua missão.

– O meu nome é Kpengla – disse em português, quando a porta se abriu.

Ele ficou a olhá-la, surpreendido, como se não a esperasse, mas por trás da surpresa lia-se-lhe um agradecimento mudo no olhar. Sem dizer palavra, conduziu-a a uma mesa onde um escravo acabava de pôr uma tigela com papa de carne e vegetais e um bolo de milho que lhe pareceu ser kanki.

– Jantas comigo? – pediu lhe o alemão.

– Sim – respondeu sem entusiasmo. – Mas antes disso precisamos de aguardente.

Quando o escravo regressou com a garrafa, encheu um copo e

virando-se para o branco pediu-lhe que o bebesse de uma só vez.

– É assim que fazemos os casamentos no Daomé – explicou.

Nessa noite e nas seguintes ele abraçou-se a si com a sofreguidão dos náufragos que ela vira a lutar pela vida nas praias de Ajudá. Aquela sofreguidão confundia-a e demorou algum tempo até lhe perceber os movimentos e os ritmos, e se ajustar a ele. Mas, depois, a sofreguidão foi-se esbatendo para dar lugar a uma imprevista suavidade com a qual não sabia lidar. Sabia dar-se a um homem, mas aquele branco não a abraçava como Trulo fazia. Afagava-lhe demoradamente a pele, mordiscava-lhe as orelhas, entrava nela mas logo saía para lhe beijar o ventre e voltar a entrar, como se dançasse aquela dança mansa e branda que o vira dançar no palanque e para a qual ela não fora feita.

E enquanto dançava consigo ia falando e sorrindo, e jurando que a amava. Depois de sair dela continuava a falar, em vez de dormir. Falava de tudo e de nada, com uma estranha expressão nos olhos e com palavras inflamadas, inesperadas, que não compreendia inteiramente e que a desarmavam. Sentia-se perturbada com aquele olhar líquido que procurava qualquer coisa dentro de si e com aquela mão quente que lhe percorria o corpo, pousando-se sobre o seu peito e abandonando-se aí.

Uma noite em que o alemão, ávido de comunicar e de saber, lhe perguntou se as amazonas eram quase todas solteiras, ela respondeu com a prontidão de um tiro, como se a sua resposta servisse para abater maus espíritos e repor tudo no seu devido lugar.

– Sim. Uma paixão faz esquecer o resto e a paixão das amazonas é a guerra. Nunca o esqueças!

A palavra de Guêzu chegou a si por intermédio da apádunumé⁴. O alemão tinha pedido para ir caçar elefantes e fora autorizado a fazê-lo. Agora, o rei vinha ordenar-lhe que organizasse essa expedição de caça e que a dirigisse pessoalmente.

Sabia por experiência própria que, na estação seca – as chuvas continuavam atrasadas –, os elefantes nunca estavam muito distantes da água e das árvores. Iria encontrá-los certamente nos pântanos a dois dias de marcha de Abomé, na direcção do mar, ou, então, entre os rios Coufo e Mono, perto do território dos Asante. Acabou por optar por este último destino, por ser menos concorrido.

Seleccionou um pequeno grupo de quatro amazonas e vinte escravos. Para uma região tão periférica poderia talvez ter levado um caçador experiente, como Trulo, por exemplo, mas não gostava da sua companhia. Só se entregara a ele porque Guêzu lho impusera e não

porque o desejasse. Não desejava Trulo nem qualquer outro homem com exceção do rei, e estava dez vezes melhor sem homens por perto. Como era costume dizer-se, o leopardo e o cão não eram bons companheiros de viagem e já bastava ter de suportar a presença do alemão e dos seus estranhos e insistentes olhares.

Saíram de manhã cedo pelo portão pequeno e enveredaram logo pela estrada que conduzia à grande floresta de Gu. Àquela hora ainda não havia muita gente a percorrê-la, mas de vez em quando a caravana cruzava-se com mulheres de fardos à cabeça e crianças às costas, que sorriam e acenavam. Iam decerto para os mercados, enquanto os homens ainda dormiam nas cubatas.

Adadine e as outras amazonas marchavam à cabeça da coluna, longe de si. Como era hábito, optara por seguir na retaguarda, atrás de toda a gente, para impedir que algum escravo fugisse. O alemão caminhava a seu lado mas falavam pouco, ou porque ele não sentisse necessidade de comunicar ou porque já a conhecesse e respeitasse o seu gosto pelo mutismo. Ocasionalmente fazia-lhe perguntas sobre as regiões que atravessavam e recebia em troca frases secas e curtas, e assim se foi passando toda a manhã.

À saída da floresta de Gu ouviu um sino cujo límpido tinido aumentava progressivamente e deu ordem para parar. Os escravos, aliás, já o tinham feito espontaneamente, imobilizando-se na berma e virando costas à estrada.

– Porque parámos, Kpengla? – perguntou o alemão. – Que barulho é este?

– Esposas reais – explicou. – Tens de te virar para não as veres passar.

– Já vi muitas esposas reais no palácio em Abomé. Por que razão não posso vê-las aqui? – perguntou ele, com a sua insaciável curiosidade.

– É a lei. Os homens não podem vê-las. Tens de te virar – repetiu, rodando a mão para o exemplificar.

– Demasiado sagradas para serem vistas pelo homem comum – disse Peter, enquanto se virava, resignado.

Não lhe respondeu. Não percebia algumas das frases do alemão e também não alimentava conversas com ele para lá do absolutamente necessário. A sua missão ali era levá-lo e trazê-lo em segurança. E, precisamente porque desejava cumprir bem essa missão, em vez de retomar a marcha assim que as esposas reais passaram decidiu prolongar aquela paragem na orla da floresta. Estavam a meio do dia, o calor era

muito e receou que apesar do grande chapéu o branco sofresse excessivamente com isso. Ele ainda não se queixara, mas os homens eram vaidosos e frágeis como pavões e a segurança da expedição era sua responsabilidade. Talvez fosse sensato descansar. Por isso, quando o som do sino morreu tristemente na distância e todos regressaram à estrada, ordenou que procurassem uma sombra e que aproveitassem a ocasião para comer.

Enquanto engolia um dos intragáveis bolos de milho e feijão, observou o alemão. Comia junto de Adadine e ia conversando com ela por sinais. Adadine ria e era bom vê-la rir, com os olhos semicerrados e a mão a bater nas coxas. O alemão tirou o chapéu e abanou-se energicamente. Tinha o cabelo molhado e a cara mais afogueada do que era costume. Era óbvio que sofria com o calor. Pensou que os brancos deviam ter uma grande preferência por Mavu, a deusa da noite, e percebia-se que assim fosse. Mavu era apaziguadora e fresca, permitindo que as pessoas descansassem. Pelo contrário, Lisa, o seu irmão gêmeo, era tumultuoso e tórrido. Reinava sobre as fúrias e os trabalhos do dia, e iluminava a Terra com um sol envolto em vapores quentes como lume, que os homens brancos não suportavam.

Às vezes até os próprios pretos tinham dificuldade em aguentar a intensidade de Lisa. Mesmo ali, na sombra da floresta, o poder do deus da luz fazia-se sentir e os corpos amoleciam. O alemão tinha-se sentado com as costas apoiadas no tronco de uma árvore, fechara os olhos e abanava-se com o chapéu. Alguns escravos dormiam, outros olhavam, parados, para o capim que se estendia para lá da floresta, atapetando a lonjura como uma enorme esteira de palha seca. No grande silêncio que se pusera ouvia-se o estalido das vagens a abrir com o calor, deixando cair as sementes no chão.

De repente, o sol rubro e escaldante que Lisa colocara sobre as suas cabeças começou a minguar e a noite desceu inesperadamente sobre a Terra. Os escravos caíram de joelhos, de braços erguidos, em altos choros e clamores, e as amazonas, agitadas, procuraram-na com os olhos inquietos, à espera de uma ordem sua que pusesse ordem na desregulação do mundo. Olhou-as e hesitou. Também se sentia surpreendida e assustada com a súbita escuridão e com aquela estranha coincidência. Arrependeu-se imediatamente de ter pensado nos deuses. Teria o seu pensamento ofendido Mavu e desarranjado os céus? Instintivamente, a sua mão esquerda procurou o salvo-conduto que levava à cintura, como se lhe pudesse vir segurança e apoio daquele

simples bastão de madeira. Os dedos tactearam a efígie do rei, o búfalo que simbolizava a força e a bilha segurada por duas mãos que representava a unidade.

No seu espanto e aflição aproximou-se do branco e sentiu-o tão calmo como acontecia à noite, quando se deitava a seu lado e lhe passava a mão clara na sua pele escura, falando-lhe devagar e com imagens que não compreendia. Também agora não entendia o que ele lhe dizia nem a sua estranha tranquilidade, mas gostava de o ter ali, junto a si.

– É um eclipse, Kpengla, não há perigo – repetiu-lhe a sua voz pausada e já desligada do seu vulto, que desaparecera na escuridão. – A Lua tapou o Sol, mas daqui a pouco a luz já volta.

– Não sei do que falas, mas estás enganado – respondeu, alarmada. – É Mavu que se deita com Lisa, o seu irmão gêmeo, e está a abraçá-lo.

Gritou às amazonas para que se afastassem umas das outras, formassem um quadrado e se mantivessem vigilantes, de armas prontas. Não gostava de Mavu nem entendia as suas vontades. Para que queria ela juntar-se com aquele irmão? Porque não deixava ela que cada um permanecesse no seu local próprio e na sua cor do céu? Para quê misturar homens com mulheres?

Com o tempo a escorrer devagar, na escuridão, todos os ruídos lhe pareciam suspeitos. Gritou aos escravos para que se calassem, a fim de ouvir melhor o que os rodeava, mas eles não lhe obedeceram, continuando com gemidos e lamúrias surdas.

Depois, Mavu desprendeceu-se do irmão, deixou-o sair de dentro de si e a pouco e pouco a luz regressou. As coisas começaram a reganhar forma, e com algum esforço já conseguia ver as quatro amazonas vigilantes nos cantos do quadrado. Foi quando olhou para cima, com a mão em frente dos olhos enquanto a sua vista não se habituava de novo ao brilho do sol, que viu a cabeça pendurada nos ramos de uma árvore e percebeu que já por ali tinha andado uma patrulha de amazonas. Os assassinos e ladrões que infestavam as florestas eram decapitados no local e as suas cabeças iam ornamentar a árvore mais próxima, para aviso de todos, viajantes e meliantes. Fora certamente o que acontecera naquele caso. Nada de alarmante, pelo contrário.

Mas, com a luz a projectar um estranho brilho sobre as árvores e olhando melhor, foi tomada por uma súbita ansiedade. Estaria a ver bem?

Seria a cabeça de Adadine que pendia daquela árvore, encarando-a

de longe? Procurou a amiga numa inquietação nervosa e viu-a perfeitamente bem, de espingarda na mão, a regressar para junto do alemão. Aproximou-se da árvore, desconfiada, e observou de perto a cabeça do decapitado: era um homem feio e disforme como um morcego. E, no entanto, quase poderia jurar que por momentos a cabeça de Adadine estivera ali, pendurada naquela árvore, olhando para si. Uma brincadeira de Lisa que assim a assustava e iludia com os seus raios de sol?

Saíram da floresta com um calor espesso, um calor da trovoada que já se anunciava nas grandes nuvens que escureciam o horizonte. Ouviase o ribombar de um trovão que rolava lento e surdo, ao longe, e uma repentina lufada de vento fez estremecer as copas das árvores, logo atrás de si. Sabia que era perigoso estar na floresta quando o céu explodia em chamas e estrondos e deu ordem para acelerar o passo. À frente da coluna os relâmpagos já caíam em todas as direcções e, atrás, a floresta começava a ondular e a contorcer-se, soprada pelas fortes rajadas. Se tivessem sorte e andassem depressa chegariam ao próximo abrigo antes que a trovoada lhes caísse em cima.

Não tiveram sorte. Um raio surgiu à frente deles, recortando o espaço com um som acre e agreste, como se fosse um pano a rasgar-se em dois, incendiando o escravo que seguia à cabeça da coluna. Atingiu o cano da espingarda que levava a tiracolo e ele ardeu como se fosse um bocado de palha. Um pouco ao lado e atrás da coluna, um segundo raio caiu com um estampido ainda mais áspero e o capim ressequido tornou-se um mar de labaredas altas e cerradas. O incêndio alastrou rapidamente, soprado pelo vento forte, e correu em direcção à floresta. O sol escondeu-se por trás de uma atmosfera velada, avermelhada, carregada de fumo e fagulhas, e as primeiras árvores começaram a arder como archotes, consumindo-se lentamente, com uma tempestade de fogo redemoinhando em seu redor.

Atrás do incêndio – que, avançando, fugia deles –, ficara um solo coberto de cinza e o corpo do escravo rígido e negro como um tronco carbonizado. Passaram pelo abrigo sem se deterem. Era seu desejo afastar-se rapidamente da queimada e da trovoada. Não conseguia deixar de pensar na estranha visão da cabeça de Adadine pendurada na árvore. Sempre que Mavu se deitava com o irmão e lhe esgotava a força aconteciam grandes desgraças, e a morte do escravo atingido pelo raio fora o primeiro aviso. O incêndio fora o segundo. Que mais iria suceder? Caminhou o resto da tarde num silêncio supersticioso e foi com uma

inquietação expectante que deu ordem para parar quando percebeu que estavam todos a tal ponto exaustos que seria impossível continuar.

A grande clareira que escolheu para passar a noite era um local apropriado, fácil de defender, e isso tranquilizou-a um pouco. O acampamento montou-se rapidamente. Os escravos foram buscar galinhas às capoeiras de madeira que tinham levado e começaram a preparar o jantar. O único contratempo eram os abutres que se juntavam nas árvores próximas e que eram tão audazes e vorazes que se atiravam aos cozinheiros para lhes disputarem a comida. Pensava no que fazer a esse respeito quando ouviu um tiro. O alemão empunhara a pistola que trazia num coldre, à cintura, abatera um dos pássaros e abateria os outros se ela não o tivesse impedido.

– Não os mates – disse, com aspereza, colocando-se à sua frente. – É má sorte.

Ordenou que acendessem dois fogos porque a madeira era abundante e, com o crepitar da lenha e as chamas altas a iluminarem o lusco-fusco, os abutres acabaram por se desanimar. Comeram em sossego e em silêncio e pouco tempo depois todos se deitaram, com excepção da amazona que ficou de sentinela. Ela estendeu a sua esteira no chão, junto à do alemão, e verificou se os panos que as cobriam estavam bem fixados. Os escravos dormiam ao relento, deitados no chão e com os pés chegados às fogueiras, imóveis como estátuas derrubadas e imprestáveis.

Antes de fechar os olhos, sentiu a mão do alemão procurar-lhe as coxas e deixou-se afagar como se aquela mão tivesse o condão de afastar de si os prenúncios de desgraça. Depois ele retirou a mão, demasiado cansado para ir mais além, e deixou-a adormecer em sossego.

Na manhã seguinte partiram tarde, já o sol subira bem alto no céu. Caminharam boa parte do dia, fazendo uma interrupção apenas para comerem e descansarem, mas logo retomaram a marcha porque a inquietação não a abandonava. Durante o trajecto pedia constantemente que acelerassem o passo, como se fosse perseguida por demónios ou temesse a chuva, que finalmente chegara e desabava sobre a coluna. Andaram horas no terreno amolecido e com a roupa encharcada, e só se deu por satisfeita quando encontrou uma zona em que a folhagem era de um verde muito macio e muito escuro, sinal de que havia bastante água por perto.

– Devemos estar próximo do rio – disse, virando-se para Adadine. – Vamos andando à frente e tu vem depois com a coluna.

Adiantou-se ao grupo, acompanhada por uma das suas amazonas e

pelo alemão. A amazona procurava pistas no chão e na vegetação e ao ver as grandes marcas na terra húmida fez um sinal com os dedos, que ela traduziu para Peter:

– São novas. Os elefantes não devem estar longe.

E a amazona foi seguindo na esteira das largas marcas e dos montes amarelos de esterco que eram os mapas que conduziam à manada. A certa altura a pista encostou-se à margem do rio que se via através da folhagem. Apesar das chuvas recentes ainda não estava caudaloso e ia alongando o seu corpo barrento, amarelado, numa preguiça aquosa e ela recebeu que a manada tivesse passado para o outro lado.

– Temos de andar depressa, se queremos apanhá-los – disse, em voz baixa. – O elefante é como o rio. Nunca pára.

Mas o seu receio não se confirmou. Pouco depois começou a ouvir um barulho confuso de árvores estilhaçadas, ramos partidos e altos roncões, produzido pela marcha dos enormes bichos. Os caçadores tinham tido o cuidado de avançar contra o vento de forma a não serem pressentidos. Subitamente, por entre a vegetação, descortinaram o local onde o bando se alimentava. Seriam uns seis ou sete elefantes, que devoravam a floresta com a voracidade habitual. Um deles comia a casca de uma árvore, que despegara do tronco usando os seus poderosos dentes. Um outro, maior, queria chegar aos frutos de uma árvore alta e, como não conseguisse, tentava derrubá-la, atirando-se violentamente contra ela.

Então o alemão tocou-lhe no ombro, fazendo sinal de que ia avançar. Viu-o dobrar-se e caminhar silenciosamente sobre a folhagem que atapetava o chão, deslizando como um leopardo em direcção à presa. Aquele branco tinha coragem e caçava como um preto, pensou, enquanto seguia atrás dele. Viu-o endireitar-se devagar e sem ruído, ainda escondido pela folhagem mas já muito perto do elefante que comia a casca da árvore. Depois viu-o meter a arma à cara.

O tiro levantou bandos assustados de rolas e derrubou o elefante, que dobrou as patas dianteiras e tombou para o lado, fazendo tremer o chão. O elefante maior soltou um grito agudo, procurando o caçador com a tromba levantada a farejar o ar e, como não o encontrasse, deu sinal de fuga. Aquelas montanhas de carne partiram de repente, correndo com a cabeça baixa, a tromba encolhida, os dentes rente à terra e abrindo, no seu tropel, uma estrada real na vegetação despedaçada.

Quando o silêncio regressou, olhou o alemão nos olhos e perguntou-lhe:

– Nunca sentes medo?

– Sinto – respondeu ele, confirmando com a cabeça. – Mas um homem gosta de ser homem diante de si mesmo.

Não percebeu, o que ele queria dizer, mas raramente percebia os homens. Seria porque eles tinham quatro almas e as mulheres apenas três? Talvez fosse. A verdade é que não os entendia e o mais incompreensível de todos era, sem dúvida, aquele branco.

Ficou em silêncio ao seu lado, esperando a vinda de Adadine e da coluna. Pouco depois chegaram os escravos, guiados pelo som do tiro e prontos para esartejar o elefante. Apetrechados com facas e vasilhas, começaram a cortar a carne, que enviariam para Abomé, para ser consumida pelo rei e pela corte. Um deles, de machado em punho, arrancava os dentes ao gigante caído.

– Espero vendê-los bem vendidos aos mercadores de Ajudá – disse o alemão.

E foi na altura em que o elefante já estava meio desossado que uma mão-cheia de soldados Asante emergiu da mata, gritando intensamente. Tinham círculos brancos pintados em redor da boca e dos olhos, para simularem uma caveira e incutirem pavor nos inimigos.

Na primeira descarga abateram as três amazonas que estavam junto ao elefante e, num ápice, caíram sobre ela e sobre Adadine, enquanto os escravos fugiam apavorados. Os outros, que montavam o acampamento, estavam demasiado longe para ajudar. Tentou alcançar a espingarda mas já não chegou a tempo. Tirou a espada que trazia à cintura mas um soldado Asante derrubou-a com uma violenta pancada do escudo de pele em plena face e logo de seguida caiu sobre si, pronto a varar-lhe o peito com a lança.

Sentiu que ia morrer mas o estampido desfez a cabeça do Asante, ensopando-a em sangue quente. Pelo canto do olho percebeu que tinha sido o alemão a disparar, certamente com balas de elefante. Viu também que logo de seguida ele empunhou uma pistola e abateu um segundo assaltante que corria na sua direcção. Os restantes Asante escaparam, arrastando Adadine com eles.

Assim que conseguiu soltar-se dos braços do alemão, que tinha vindo ajudá-la a sair de baixo do cadáver do Asante sem cabeça, lançou-se pela selva dentro, louca de preocupação. Correu pelo meio da vegetação densa, indiferente aos golpes e arranhões, tentando perceber pelo rasto de plantas pisadas e partidas o caminho seguido pelos assaltantes. Mas os Asante tinham a protecção de Mavu, o dia escurecia depressa e cada

vez era mais difícil identificar os sinais. Foi avançando ao longo da margem do rio, com uma aflição crescente e com a garganta apertada. Só então se deu conta de que o alemão viera atrás de si. Pedia-lhe que parasse, mas ela seguia sempre e continuou a correr semilouca até ele a agarrar por um braço.

– Pára! Pára, Kpengla! É quase noite – gritou-lhe ele. – Temos de voltar para trás.

Virou-se enfurecida e atacou-o com a espada, só não o decapitando porque ele se esquivou no último instante. Mas fez-lhe um golpe extenso no lado esquerdo da cara. Ele reagiu instantaneamente, atingindo-a com a coronha na cabeça, e tudo se apagou.

Quando recuperou os sentidos o sol já tinha saído da terra. De início não conseguiu situar-se. Sentia apenas uma forte dor de cabeça e um sabor estranho na boca. Depois percebeu que ia às costas do alemão e que estavam a chegar ao acampamento. E foi então que viu Adadine, ou o que restava dela, deitada numa padiola, junto à fogueira onde os escravos se aqueciam. Fora um deles que a descobrira. O seu corpo decapitado tinha sido abandonado numa clareira e já estava a ser rondado por chacais, que o escravo conseguira afugentar. Tinham procurado a sua cabeça nas proximidades mas não se encontrara. Os Asante tinham-na levado como troféu.

Chovia intensamente em Abomé, o que não impedira que tivesse ocorrido muita gente ao funeral de Adadine. Ela gostou de ver aquela multidão honrar a amiga e sentiu-se reconfortada ao perceber que tudo ia ser feito de acordo com o costume e à maneira dos antepassados.

Os escravos cavaram um buraco largo e profundo na terra, no qual depositaram o corpo de Adadine com o seu melhor uniforme de amazona e uma cabaça pequena no lugar da cabeça. Depois de terem partido os braços e as pernas das seis escravas que Adadine possuía, lançaram-nas na cova para a acompanharem na grande viagem e a servirem no outro mundo. O migan⁵ ofereceu dois escravos como presente sacrificial e ela pediu ao rei que lhe fosse concedida a honra de os decapitar. Quando tirou a cimitarra das mãos do carrasco sentiu-se tomar por uma raiva e uma força sobre-humanas, como se aqueles pobres escravos fossem dois malditos soldados Asante. Depois de os ter executado, empurrou raivosamente os dois cadáveres com o pé, fazendo-os rolar para o fundo do buraco.

As muitas pessoas que assistiam à cerimónia deram três voltas à grande cova, cantando e dançando, enquanto as oitenta amazonas que

Adadine capitaneava em vida se mantinham em formatura, à chuva e com os canos das espingardas virados para o chão, em sinal de tristeza. Depois todos se afastaram, mas ela ficou ali, de pé e parada, a olhar para o vazio.

Já anoitecia quando o alemão a chamou:

– Vem, Kpengla, é altura de voltares.

Deixou-se levar por ele, como se não tivesse vontade própria. Reparou na ferida que ele tinha na cara e lembrou-se de o ter visto, ainda no acampamento, a tratá-la. Aquecera a agulha nas achas da fogueira e despejara um bom bocado de aguardente sobre o golpe. Depois, frente a um pedaço de espelho partido e com um escravo ao lado empunhando um archote, cosera-se a si próprio o melhor que pudera e, no final, barrara a cara com plantas esmagadas, para ajudar a cicatrizar. A ferida sarava bem e ela desejou ter mil feridas daquelas, cobertas de ervas medicinais, em lugar do vazio e da pena que sentia dentro de si.

Após a morte de Adadine perdera a capacidade de decidir e o desejo de viver. O regresso a Abomé tinha sido difícil porque ficara incapaz de comandar. A visão da cabeça de Adadine, pendurada na árvore da floresta, não lhe saía do pensamento e queimava-lhe as entranhas como um ferro em brasa. Sem saber exactamente como nem porquê a guerra deixou de fazer sentido para si, o amor a Guêzu dissipou-se como fumo ao vento e tudo o que constituíra e fundamentara a sua vida se desmoronou. A única coisa que desejava era voltar a ver a amiga, encostar de novo a cabeça no seu ombro, vê-la rir-se outra vez.

No dia seguinte regressou à cova e por lá ficou, chorando, bebendo, dançando. Em certos momentos, quando se aquietava, parecia-lhe ouvir um apelo e aguçava o ouvido, na convicção irracional de ter escutado a voz de Adadine chamar por si. Mas mais não eram do que os gemidos das escravas sacrificadas e atiradas para a cova, que ainda viviam. Às vezes demoravam dias a morrer.

Continuou a ir à cova mesmo depois de a terem tapado. O tempo ia passando, o seu desgosto não esmorecia e ela sentia-se cada vez mais estranha. Desleixou os seus deveres militares e deixou de cuidar das armas com a energia e o brio de antigamente. Faltou repetidamente à guarda real e não mais voltou a casa do alemão. Comia pouco ou nada e raramente saía do aquartelamento. O principal feiticeiro de Abomé foi chamado para a reanimar. Dançou em seu redor, espetou agulhas em amuletos, lançou os ossos de cabra ao solo, pôs-lhe a mão na testa para

expulsar os espíritos maléficos, mas sem resultado. No fim, desalentado, previu que ela iria morrer no prazo máximo de dois meses.

– Kpengla já não comerá o novo milho que agora cresce nos nossos campos – anunciou ele, em público.

Todos a consideraram, então, uma mulher praticamente morta e nunca mais quiseram contactos com ela. Para atenuar o desespero, enfrascou-se em aguardente e nisso foi gastando os seus cauris como se não houvesse amanhã. E talvez para si não houvesse efectivamente amanhã, tal o ritmo a que quebrava as regras da disciplina e bebia, infringindo a lei. Fora do âmbito das festas, o alcoolismo não era tolerado e não existia praticamente no Daomé, a não ser em Ajudá. Por isso, o seu estado de embriaguez permanente era muito óbvio e escandaloso. Todas as mulheres no palácio percebiam o que se passava, os eunucos cedo ficaram ao corrente e o assunto acabou por chegar aos ouvidos do rei.

A justiça real era exercida nos portões do palácio, à frente de todos, e estava meia Abomé a assistir à sessão no dia em que ela foi julgada. Tununu foi o seu maior acusador. A sua voz aguda esganiçou-se ainda mais do que era costume quando afirmou que o amor que ela tinha ao álcool constituía um perigo para a unidade e a disciplina no interior do palácio, e dois eunucos vieram secundar o seu chefe, repetindo as mesmas palavras, como os papagaios. Também houve quem tomasse a sua defesa. Trulo lembrou que ela tinha sido uma grande guerreira, heroína em muitas batalhas, que caíra na bebida por culpa dos Asante e por desgosto com a morte de Adadine. Caíra por afeição a Adadine, disse ele. A irmã mais velha do rei também interveio em seu favor, bem como várias amazonas.

Mas Guêzu não se deixou comover com esses argumentos e a sua sentença foi rápida e cruel. Depois de todos terem falado ergueu-se num pulo, arqueou as pernas como o leopardo pronto a saltar e falou, dirigindo-se à multidão:

– Kpengla foi uma grande guerreira mas não existe mais. É um espectro que se arrasta sobre a Terra. É vinho que Kpengla quer? Então vinho irá ter – garantiu, ameaçador.

Rodou sobre si próprio e depois ordenou, olhando para o chefe dos eunucos:

– A partir de hoje, Tununu vai obrigá-la a consumir uma garrafa de aguardente por dia. Será exposta regularmente aqui, neste portão, para que todos possam ver os maus efeitos da bebida.

Dáí em diante as suas recordações tornaram-se fluidas e enevoadas. Tununu cumpriu a ordem com zelo e talvez, até, com alguma satisfação, exibindo-a diariamente para que a sua aparência de animal escanzelado e repulsivo pudesse ser o exemplo vivo do que ninguém deveria fazer. Lembrava-se de andar cambaleante, arrastando os pés, lembrava-se de as pessoas se rirem dela e lhe atirarem pedras ou cuspirem, recordava-se de ser forçada a beber, de ter dores terríveis e de vomitar. E lembrava-se de uma viagem numa rede até Ajudá, da cara do homem branco muito perto da sua, dizendo qualquer coisa que não chegou a compreender ou de que logo se esqueceu. De seguida, entrara no mar e num grande barco, onde julgou morrer de enjoo e de loucura por falta de álcool.

Soube nessa altura que o branco a tinha comprado. Oferecera uma das suas espingardas ao rei, em troca da vida dela e da autorização para a levar consigo. Chegado a Ajudá, conseguira dois lugares num navio de guerra português que partia para Luanda, com passagem pela ilha de S. Tomé.

Não queria ir para Luanda nem para nenhum outro lugar. A única coisa que queria era morrer e por isso recusou-se obstinadamente a comer. O alemão tentava meter-lhe a comida na boca ou forçá-la a engolir uma espécie de acassar⁶, mas sem grande sucesso. Um branco do navio foi chamado para a ajudar com as suas poderosas medecinas e ela recebeu muito a sua intervenção pois sabia que esses médicos brancos eram feiticeiros capazes de fazer levantar gente morta. Mas depois de a observar o homem limitou-se a abanar a cabeça, descrente.

– Banzada... – disse, virando-se para Peter. – A sua preta sofre de banzo.

E como o alemão não percebesse do que ele falava, o homem explicou-lhe que o banzo era uma paixão de alma a que os pretos se entregavam por saudades ou por qualquer outra melancolia. Disse que vira isso em muitos escravos levados nos navios negreiros e contou a história de uma preta que tinha sido vendida pelo próprio marido, juntamente com uma filhinha pequena.

– Os seus olhos eram dois rios, meu bom amigo – concluiu, com ar pesaroso. – Tinha continuamente a cabeça sobre os joelhos e não comia. Morreu em três dias e é o que vai acontecer a esta pobre preta que aqui está – sentenciou, olhando para ela.

Aquele branco confirmava por outras palavras a previsão do grande feiticeiro de Abomé: não viveria o suficiente para comer o milho novo. Sentiu-se aliviada com aquela sentença e deixou-se adormecer na doce

certeza de ir morrer. Mas os dias foram passando e a morte não veio. Pelo contrário, foi a vida que se reacendeu. Já não dormia o dia quase todo, as memórias iam-se tornando mais nítidas e as forças regressavam a pouco e pouco, sem que soubesse como tal era possível pois não queria restabelecer-se e comia pouco ou nada. Só mais tarde percebeu que, quando a via adormecida, o alemão mastigava ele próprio a comida e lha metia na boca como os pássaros faziam aos recém-nascidos.

A dedicação e a persistência daquele branco surpreendiam-na. Todos os dias ele a forçava a apanhar ar e a desentorpecer os músculos, andando consigo de um lado para o outro na parte de cima do navio e explicando-lhe detalhadamente o que era cada coisa e para o que servia.

– Esta parte é o tombadilho – dizia, apontando para as tábuas que gemiam debaixo dos seus pés. – E ali é a roda do leme.

Numa tarde em que se sentia mais desperta desviou a atenção de Peter para um marinheiro que trepava a um dos mastros e atirou-se ao mar, pedindo ao fetiche das Grandes Águas que a levasse para a Terra dos Bons Espíritos. Mas o alemão saltou logo atrás de si, impedindo que se afundasse nas profundezas. Lutou com todas as suas forças para se livrar daquela mão que a retinha pela roupa, mas ele conseguiu puxá-la para a superfície e a partir dessa altura deixou de se debater. Estava demasiado fraca para lhe resistir e ali ficou, desolada e vencida, com o braço dele em volta do seu pescoço, até que os homens do barco vieram buscá-los.

Nunca lhe agradeceu o salvamento, pelo contrário. Assim que regressaram à cabine e ficaram sozinhos, face a face, olhou-o fixamente nos olhos e disse-lhe:

– Deixa de me ajudar. Desiste. O fogo não pode passar através da água.

Mas ele não desistiu. Nunca tinha percebido aquele homem branco e nunca iria percebê-lo. Supôs que se zangaria e que, como castigo, não mais a levasse para o tombadilho, mas ele limitou-se a prendê-la com uma corda pela cintura e assim continuaram a passear diariamente, por entre o olhar curioso ou reprovador dos marinheiros, mas sem se aproximarem da amurada. E fez mais do que isso. Para lhe preencher o tempo e o espírito, arranjou lápis e papel e começou a ensinar-lhe a escrever.

Ficaram em Luanda alguns dias enquanto esperavam transporte para Moçâmedes e ele mostrou-lhe a cidade, o mercado – que lhe lembrou os de Abomé –, a baía, os fortes, os soldados que vagueavam pelas ruas

fumando e dizendo graças às mulheres. Luanda era uma cidade grande, diferente de Ajudá e de tudo quanto vira até então, mas nada daquilo a interessava nem servia para dissolver a sua enorme amargura.

Na última noite que passaram em Luanda pediu ao alemão que a deixasse morrer. Ele recusou e pela primeira vez exasperou-se com ela:

– Muda o teu comportamento! Tu sofres com a falta de Adadine, mas convence-te de que a pouco e pouco essa mágoa vai passar.

Olhou-o em silêncio, demoradamente, e depois disse:

– Adadine faz-me muita falta, sim. Sem ela os meus dias são escuros, como se Mavu reinasse sobre eles. Mas não é apenas a falta de Adadine que me faz desejar a morte. É mais do que isso. Vou-te contar o que os Asante fizeram à cabeça dela. Eu sei muito bem o que lhe fizeram porque no Daomé nós fazemos o mesmo.

E explicou-lhe que os inimigos tinham certamente posto a cabeça da amiga numa panela com água a ferver até que toda a carne se desprendesse dos ossos e o crânio ficasse completamente limpo. Depois, numa cerimónia com muita gente a assistir, o rei e os guerreiros tinham insultado Adadine, limpando os pés no seu maxilar, batendo ou cuspidno no seu crânio. Como se isso não bastasse, deviam ter amarrado o crânio a um grande tambor que se tocava em todas as festas, porque sabiam que a alma daquela amazona sentiria dores terríveis por causa do som do batuque.

– Não lhes bastou tirarem-lhe a vida – concluiu, com um esgar de sofrimento. – Vão continuar a atormentá-la depois de morta.

O alemão arqueou as sobrancelhas como se tivesse entendido perfeitamente o que ouvira e partilhasse da sua preocupação. Mas depois tentou convencê-la de que os mortos não sofriam, fosse qual fosse a maneira como tratassem os seus crânios.

– Sei que não pensas como eu, mas acredita no que eu te digo, Kpengla: os mortos já não sentem. Adadine já não sente nada – garantiu.

– Se eu estivesse no teu lugar, Kpengla, não voltava a pensar nesse assunto.

– Sentem, sim. E têm uma dor no peito – garantiu, olhando-o com incredulidade. – E eu devia ter feito qualquer coisa para impedir que Adadine sofresse. Devia ter defendido a minha amiga, devia ter recuperado a sua cabeça, e não consegui. A culpa foi minha.

– Não, Kpengla. A culpa não foi tua.

Levantou-se exasperada e teimou:

– Foi minha, sim. Não me diziam nada, mas todos me acusavam,

todos perguntavam com o olhar: porque não procuras a cabeça da tua amiga? E eu sentia-me incapaz de o fazer. Era uma vergonha demasiado grande para suportar. Só conseguia suportá-la quando bebia muita aguardente.

Ele não insistiu. Ajudou-a a deitar-se no beliche e fez-lhe uma festa leve na cabeça.

– Eu não te acuso. Ninguém te acusa. Agora sossega e tenta dormir.

Quando desembarcaram em Moçâmedes, percebeu que o alemão era ali muito conhecido e estimado. A diminuta população daquela aldeia correu à costa dando-lhe em alta voz as boas-vindas e as crianças que tomavam banho saíam da água enroscando os seus corpinhos molhados nas suas pernas.

– Viva o Sr. Peter!

Viveu com o alemão durante muitos sóis, ajudando-o na caça e na venda das peles e do marfim. Não voltou a beber uma gota de álcool que fosse. Falavam pouco mas ela aprendeu o território com ele e com os guias que os acompanhavam. Tinham uma casa em Moçâmedes mas a maior parte do tempo dormiam ao ar livre, no sertão. Às vezes, quando a noite vinha, ele procurava-lhe a alma e o corpo, afastava-lhe as pernas e acariciava-lhe a pele. Não tinha prazer em deitar-se debaixo dele, se bem que não oferecesse resistência aos seus desejos. Tinha até aprendido a participar naquele jogo e a estimulá-lo com gestos e frases que lhe davam um brilho especial nos olhos.

Na época das chuvas soube que ia ter um filho. Quando o tempo chegou, saiu de casa com vários panos, uma faca e a sua espingarda e internou-se na mata, onde dormiu duas noites. Teve a criança sozinha, de cócoras, na posição que costumava assumir nos seus dias de amazona, quando observava as cidades e aldeias que ia atacar. Olhou para a criança que lhe saíra das entranhas. Era uma rapariga pequena que quase não chorara, e sabia que isso não era um bom sinal. Embrulhou-a num pano e voltou para casa, sangrando pelas pernas abaixo.

Mas a criança mal respirava e não conseguia mamar. Morreu ao cabo de dois sóis. Ela abriu uma cova pequena e enterrou-a na mata onde a parira. Depois regou a terra com o sangue de uma galinhola e voltou para casa com um passo hesitante, sem saber o que sentir, sem saber se aquela morte tinha sido uma bênção ou antes a continuação da sua maldição.

Não conseguiu perceber o que ia dentro de si, mas concluiu que queria partir. Um dia em que o alemão se ausentara para almoçar com o comandante do forte, arrebanhou uns parques haveres, uma tenda e as suas armas, e saiu de casa em direcção às montanhas onde o sol nascia. Deixou-lhe um papel sobre a mesa:

Dizes que Kpengla é livre como os brancos. Faço o que um homem livre faz e vou embora. Não venhas atrás. Kpengla vai viver só.

¹ 1820.

² Literalmente, esposas do leopardo. Havia talvez quarenta. Viviam nos aposentos reais e eram as únicas que podiam dar origem a um herdeiro do trono.

³ Irmã mais velha do rei.

⁴ Chefe das amazonas.

⁵ Dignitário, espécie de primeiro-ministro.

⁶ Papa de cereal.

Provações

Era o meio da manhã, o sol de Janeiro rompia, poderoso, através da janela e Bernardino deixara-se hipnotizar pela sua luminosidade e pelos ruídos feitos pela labuta diária dos escravos, lá fora. Sentado à secretária, de olhos fechados, ouvia as vozes das mulheres que levavam a mandioca em cestos, à cabeça, para a casa do fabrico e a despejavam no grande monte de troncos que se erguia no centro da casa.

– Tomem outro! – dizia uma delas.

E chegavam-lhe os ditos dos escravos, que lhes respondiam, sentados à roda do monte, com facas velhas na mão, a rasparem e cortarem a parte lenhosa que aderira ao tronco:

– Telvina, mulhé bonita...

– Mulhé trabalhadeira!

Estalavam gargalhadas e, à secretária, Bernardino sorria também pois percebia aqueles divertimentos simples que tornavam mais suportável a monotonia da tarefa. As gargalhadas cessaram e em seu lugar ficou o ruído monótono que vinha da casa ao lado. Era a zoadada da roda onde as mulheres ralavam a mandioca, depois de raspada e lavada. No dia em que fosse um lavrador rico e tivesse meios para produzir mais mandioca haveria de ter uma roda ainda maior, daquelas com rodetes dentados de ferro, movidas por mulas e que rodavam em velocidades estonteantes, ralando quatro cazunguéis por hora. Por enquanto teria de se satisfazer com aquela roda vertical, pesadona, impulsionada à manivela por duas pessoas e que fazia aquele som que lhe entrava pela janela, de mistura com a luz do sol e o palrar dos escravos.

Abriu os olhos e espreguiçou-se. Não podia ficar o resto da manhã a deleitar-se com os sons da agricultura tropical. O tempo urgia e ele tirou uma folha de papel da gaveta, preparando-se para escrever a carta que andava a protelar há vários dias. Metera-se sempre uma coisa ou outra pelo meio e fora adiando a tarefa, mas desta vez tinha de ser. Partiria

dentro em pouco para Moçâmedes e queria levá-la consigo para a despachar no primeiro navio a sair para o Norte.

Tinham passado três anos e meio desde que chegara àquela terra e durante todo esse tempo escrevera para Lisboa com a regularidade e o zelo devoto de quem acorria a um santuário. E de Lisboa recebera, com idêntica regularidade, os encorajamentos, as informações e as opiniões do sempre solícito Luz Soriano. O intercâmbio nunca tinha parado, mas ultimamente tinha a sensação de que o grande entusiasmo que colorira as primeiras cartas de Soriano tinha vindo a empalidecer à medida que as agruras de Moçâmedes se acumulavam. E isso obrigava-o a engendrar ideias mais mobilizadoras para não deixar apagar a chama, o que nem sempre era fácil. Às vezes, como era agora o caso, sentava-se à mesa para escrever e sentia que a vontade e a imaginação lhe falhavam. Tinham sido anos duros e ingratos. Ainda assim recusava-se a desanimar e a baixar os braços. A colônia tinha problemas, sem dúvida, mas estavam longe de ser irresolúveis. E era preciso que Lisboa se compenetrasse disso para que os entusiasmos se renovassem.

Enquanto a sua mão direita tacteava o interior da gaveta, em busca do tinteiro, a sua mente ia percorrendo aqueles primeiros anos de colonização à procura do que escrever.

A mortandade tinha sido maior do que esperara, mas ninguém lhe tirava da cabeça que fora causada pelas asneiras das pessoas. Muitos tinham sezões e constantes recaídas porque não se cuidavam como deviam. Alguns até atentavam contra a própria saúde. Ainda no mês anterior tinham morrido os irmãos Prudêncio, dois autênticos mártires das febres, mas tinham morrido porque o mano Eleutério quis medicar-se e matou-se – quando lhe acudiram já a medicina o não pôde salvar –, e porque o mano Venceslau, desesperado com uma quinta ou sexta recaída, apanhara uma fartadela de aguardente e tombara de um penhasco.

Tinham sido suicídios, de certa forma. O problema é que esses acontecimentos fúnebres alimentavam o desânimo, que depois passava de boca em boca, viajava, desencorajando a gente que poderia vir do Brasil ou de Portugal. Desde que o velho Costa chegara – já lá iam mais de dois anos –, não tinham vindo novas vagas de colonos e a colônia ressentia-se da falta de braços.

Claro que nem tudo era fruto de asneiras e suicídios. Tinha sabido de gente que fora mais de dez vezes ao hospital e que de lá saíra como entrara, por falta de tratamento. Mas estava certo de que nada disso

aconteceria se Moçâmedes tivesse um médico que se visse, um físico que em vez de cozer as bebedeiras estudasse os seus alfarrábios e estivesse no local de trabalho para acudir aos doentes. Infelizmente, o Dr. Vilela era o que se sabia...

Encontrou o tinteiro. Abriu-o com cuidado, afogou o bico da pena na tinta preta e iniciou a escrita:

Nas minhas cartas para V. Ex.^a corre, como sempre, a mais pura das verdades e por isso devo reconhecer que a saúde tem dado algum trabalho. Mas como Moçâmedes é a Sintra de África os doentes que fazem o que o médico manda têm-se facilmente curado.

Interrompeu a escrita para responder ao homem que aparecera à porta do quarto.

– Com sua licença, patrão. A mandioca...

– Já vou, Vicente. Passo por lá antes de sair para Moçâmedes – prometeu.

Tinha tido sorte em arranjar aquele capataz. Era um homem trabalhador e dedicado que impunha a disciplina entre os escravos sem violências desnecessárias e que zelava pela fazenda quando ele não estava. Um dos tais homens – e ele era bom fisionomista – que tinham estampada na cara a sua honradez.

Sorte no capataz, azar no rio. Durante a viagem de mar imaginara cursos de águas perenes, sonhara com Nilos angolanos capazes de fazer crescer farturas faraónicas nas terras de Moçâmedes. Mas, tal como o Giraúl e o Curoca, seus vizinhos a norte e a sul, o Bero – que lhe passava ali mesmo à porta – estava bem longe de ser a grande artéria líquida de pão e de civilização que imaginara. Dera-se uma fraca inundaçãõ do rio em 1850 e algumas margens tinham ficado em bom estado para fazer plantações de cereais, mas nos anos seguintes voltara a estiagem. Em 1852, a seca tinha sido tão grande que os elefantes se aproximaram perigosamente das fazendas e da própria Moçâmedes, sendo necessário usar a artilharia para os afugentar.

– Estes rios são uma praga pior que o Dr. Vilela – dissera-lhe José Leite num dia de especial desânimo.

Quase todos pensavam o mesmo e maldiziam aqueles rios enganadores que nasciam lá longe no planalto vizinho cheios de pujança e morriam de preguiça e desalento a meio do caminho. Na maior parte do ano, os leitos dos rios nada mais eram do que extensos areais secos e crestados como sapos ao sol. Com alguma sorte e amparo de Deus, o Dr. Vilela poderia um dia vir a ser substituído por um médico capaz. Mas

quem poderia substituir aqueles desgraçados cursos de água por rios a sério? Para muitos, estava ali o verdadeiro calcanhar de Aquiles da colónia de Moçâmedes, um cancro que já provocara um momento de grande aperto, com gente faminta a estender a mão à caridade. Alguns até tinham assentado praça só para poderem comer do rancho. Nessa crise de subsistências, a colónia só se aguentara graças à ajuda em roupas e comida que viera de Augusto Garrido e de outros comerciantes de Luanda.

Apesar de tudo Bernardino mantinha a sua fé inabalada e conservava-se fiel ao seu velho mote: venceria quem perseverasse até ao fim. Contra a opinião corrente, acreditava que a seca do Bero era um acontecimento infeliz mas transitório.

Aliás, para grandes males, grandes remédios. O rio deixava de levar água porque muita dela se infiltrava no fundo arenoso. Havia um lençol aquoso que corria em profundidade, ao qual se podia chegar abrindo poços escorados com barricas sem fundo, sobrepostas umas às outras. Assim, balde a balde, numa pertinaz paciência, lá ia regando como era possível as suas plantações. Trabalho árduo e pouco compensador, que lhe sobrecarregava os dias enquanto aguardava que a natureza se comportasse como devia.

Voltou à carta, atirando para o papel as ideias em que tenazmente insistia:

Não escondo a V. Ex.^a que tem havido alguns problemas de sementeira inicial, mas não acredite naqueles que maldizem esta terra. Na maior parte dos casos são os mandriões que se esqueceram de a incomodar com uma só enxadada. O que sucede é que estas terras brutas que se roteiam são muito poderosas e algumas sementes não produzem no primeiro e no segundo ano. Mata-as a muita nutrição, morrem indigestas. Mas outras há que se dão maravilhosamente, pelo que, sem receio de errar, direi que Moçâmedes há-de ser ponto bem interessante no ramo agrícola. Para já as coisas não estão fáceis mas o futuro é muito risonho.

Parou de escrever. As coisas não estavam, de facto, a ser fáceis mas em tempos de dificuldade quem não tinha cão caçava com gato. Como ele fizera, apostando na mandioca porque era uma cultura feita em qualquer estação e que não precisava de lugares muito húmidos. Seis meses depois de plantada podava-se uma ou duas vezes e depois era só colher.

– Senhor, o Libânio diz que a carroça está pronta – avisou a cozinheira preta, que assomou à porta com um pano de loiça na mão.

Ele não respondeu, limitando-se a levantar o braço direito em sinal

de que tinha compreendido. Voltou ao papel, fez mais umas considerações sobre a riqueza potencial da colónia e assinou a carta. Tapou o tinteiro e, enquanto o brilho das letras muito bem desenhadas ia secando e ficando baço, a sua mão direita percorreu de novo o interior da gaveta em busca do lacre.

Não lhe apetecia ir a Moçâmedes, mas o novo governador convocara uma reunião do Conselho Colonial e não havia outro remédio. Talvez quisesse inteirar-se das dificuldades por que estavam a passar e ele, como chefe histórico da colónia e voz escutada por todos, não podia faltar-lhe com a sua sabedoria e visão.

Lacrou a carta e levantou-se. Dirigiu-se apressadamente às traseiras da casa do fabrico para ver o andamento dos trabalhos. Vicente também lá estava, dando indicações aos homens que tinham começado a espremer a mandioca ralada. Um escravo ia enchendo um grande saco de pano fino com aquela massa esbranquiçada enquanto um outro a ia comprimindo para baixo, com um pau grosso. Em frente do saco, de joelhos, uma escrava com uma bacia na mão apanhava as primeiras águas que escorriam do fundo do saco e que ainda vinham leitosas, carregadas de fécula.

– Vicente, não te esqueças de o pendurar bem alto e de o deixar escorrer até ao fim – recomendou Bernardino, apontando para o saco.

– Pode ir descansado, patrão.

Bernardino deu meia-volta e foi até ao terreiro onde o cocheiro mulato esperava pacientemente por si. Subiu devagar para a carroça e ordenou:

– Vamos embora, Libânio.

A mula partiu num trotezinho alegre, seguindo ao longo das casas novas em direcção ao leito do rio. Custara-lhe bom dinheiro construir aquelas casinhas para os escravos, mas eram bem melhores do que as barracas que tinham ardido em 1850. E agora, perto do curral, também havia uma pequena oficina em madeira em vez da antiga tenda do fundidor. Começava a ficar composta e, até, bonita a sua fazenda. Dois pedreiros enchiam de pedra e rebocavam a última parede da casa de destilação da aguardente. Estava quase construída e não destoava dos outros edifícios rústicos, nomeadamente das casas de purgar e de encaixamento do açúcar. E, no centro, pegada ao edifício dos depósitos diversos, a sua casa de piso térreo, terminada e caiada havia pouco, resplandecia ao sol da manhã. Era uma casa onde se honrava de receber todas as raras notabilidades ou simples viajantes que passavam por

Moçâmedes e manifestavam interesse em visitar a sua fazenda. Faltava-lhe apenas Benedita para a iluminar ainda mais com a sua alegria. O tempo passava e ele não se conformava com a ausência daquela mulher que, não sendo sua, se apossara do seu coração. Seria possível que ela não soubesse que o tinha cativado com aquela sua maneira de estar e não estar, com a sua forma de dizer e de não dizer, que a envolvia numa aura única de encanto e de secretismo?

Ele bem tentara escapar a esse encantamento. Quando ela partiu com José Leite para o interior, andou à porfia, nervosamente, em busca de alguém que pudesse substituí-la. Ia assiduamente a Moçâmedes a pretexto disto ou daquilo. Por vezes parava às quatro da tarde no Largo do Bonfim, o ponto central onde toda a gente se cruzava, e ficava a observar as mulheres que por ali passavam. Chegou a cortejar uma tal Deolinda, uma mulher pequena que viera com o velho Costa em Novembro de 1850 e que enviuvara quase logo, mas o idílio nunca lhe despertou interesse suficiente e cedo o abandonou. A triste verdade é que nenhuma das mulheres solteiras ou viúvas que viviam em Moçâmedes lhe agradava. Eram todas tacanhas, de vistas curtas, incapazes de entender um quarto do que lhes dizia. As suas incursões pelo gineceu de Moçâmedes tinham sido, portanto, viagens improdutivas, inglórias e, ao cabo de algumas semanas, acabou por mudar de rumo fazendo um contrato de mancebia com Guilhermina, uma preta ainda não prostituída. A presença de Guilhermina nos Cavaleiros não evitava que continuasse a pensar em Benedita, mas pelo menos resolvia-lhe as precisões de homem na força da idade e isso já ajudava.

A carroça passava agora junto ao canavial e Bernardino gostou do que viu. A pouca semente crioula que plantara logo em Setembro do primeiro ano estava tão boa que não havia a desejar melhor. Tinha sido comida três vezes pelos gados dos pretos e, apesar de ter sido lançada à terra quando ela já tinha pouca humidade, ainda resistia, alguma dela com seis palmos ou mais. Mas quase nenhuma da outra sobrevivera ao intenso sol e aos meses de seca.

Soergueu-se no banco da carroça e, olhando para o leito escavado e poeirento do Bero, reclamou:

– Maldito rio!

Sentou-se melhor no assento. Havia que ser paciente. Quando a água viesse tudo entraria nos eixos. Os agricultores que já andavam por Moçâmedes antes de ele ter chegado asseveraram que todos os anos

havia cheia e, com base nessas informações, lançara-se a trabalhos e despesas para levantar um engenho de moer cana. Até então fizera destorcedores, umas maquinas nas quais, à força de braços, ia espremendo o caldo da cana e dele tinha feito algum açúcar de má qualidade que dava para acudir às suas necessidades e às da povoação, mas pouco mais. Com o engenho tudo isso mudaria e grandes horizontes se abriam à sua frente. O empreendimento estava quase pronto e havia de ser um sucesso. Era bem certo que não tinha madeira, o que era uma grande contrariedade. A indústria açucareira precisava de fogo contínuo nas enormes caldeiras dos fogões, e no seu terreno não havia senão quatro ou cinco árvores. Só se arranjavam boas madeiras a uma distância de cinco ou seis léguas por caminhos intransitáveis; ou, então, as que existiam nas matas municipais nas margens do Bero, mas essas não lhe pertenciam.

Foi então que se deixou invadir por uma pontinha de inquietação. E se as coisas não se passassem como imaginava? Naqueles três anos e meio a sua fazenda crescera, mas ele ainda não tinha parado de se endividar. Como seria se a seca fosse constante? E se não conseguisse madeiras? Um vago medo apertou-lhe o estômago mas logo afastou a inquietação como quem afasta uma pergunta impertinente. Tudo havia de correr bem. Dentro em breve, quando o seu engenho começasse a trabalhar, iria equilibrar as contas e em vez dos lucros raquíticos daqueles primeiros anos iria ter um maná que ultrapassaria as suas mais lisonjeiras esperanças.

Aliás, sendo um homem precavido, estava salvaguardado pela sociedade que fizera com José Leite. Era uma sociedade selada com um simples aperto de mão, mas entre homens de palavra as sociedades faziam-se assim e eram sólidas como rocha. Gostava cada vez menos de José Leite, mas sabia separar os afectos dos interesses. E o seu interesse – e também o do sócio, claro – tinha sido o de apostar em dois cavalos. Fazia exactamente três meses que José Leite partira de Moçâmedes com um segundo engenho para montar no Bumbo, onde, pelo que tinham visto, água e madeira nunca faltavam. Se por infelicidade a cana não rendesse ali nos Cavaleiros, estava certo de que, no interior, a sociedade com José Leite lhe havia de rechear a bolsa.

Os bois retesavam os músculos num esforço supremo para subirem a ladeira de terra esbranquiçada e solta. O chicote estalava por cima das suas cabeças, mas os animais não conseguiam avançar. Enterravam as

patas naquele chão mole e peganhento, que se colava ao rodado, e os dois carros não se mexiam.

José Leite pôs todos os escravos a empurrar o carro da frente e ele próprio ajudou. A suar em bica, com o ombro direito projectado contra a parte de trás do carro, as mãos a empurrarem e as pernas esticadas e tensas como uma vara de moliceiro, não se cansava de dar ordens e gritos de encorajamento a si mesmo e aos homens:

– Vai! Vai agora! Vai, vai...

De repente, o carro soltou-se, deslizou leve mente para a frente...

– Vai! Vai! Vai!

... e com todas as forças a impelirem-no galgou o topo da ladeira. Alguns escravos gritaram de alegria, levantando os braços ao céu; outros deixaram-se cair de joelhos no chão, completamente exaustos. José Leite passou a manga da camisa pelo rosto, para enxugar o suor, e sorriu de satisfação. Ninguém acreditava que ele conseguisse levar o pesadíssimo engenho açucareiro para as terras do interior porque, naquele terreno amolecido, os carros não podiam carregar mais de 20 arrobas e ainda assim atolavam-se, tal como os bois. No entanto, ele perseverara e ali estava, quase a chegar ao Bumbo e ao término daquela odisseia.

– Todos ao outro carro – ordenou.

A montagem de um segundo engenho no distrito, ali no Bumbo onde a água corria em abundância, teria por força de dar bons resultados. Era uma daquelas ideias que valiam a pena, estava certo disso. Na condução daquele engenho e na pressa de chegar já perdera mais de trinta bois de carro, mortos de cansaço. Aproveitara parte da sua carne e deixara o resto para trás, para alimento das hienas e aves de rapina. De certa forma as carcaças dos seus animais, espalhadas por aquele extenso caminho arenoso, sinuoso e desigual, assinalavam a rota do seu esforço e a dimensão do seu investimento. Tinham sido mais de trinta bois e perto de três meses para fazer uma viagem que em condições normais, sem aquela carga, teria feito em quatro ou cinco dias.

Quando partiu de Moçâmedes, Bernardino disse-lhe uma daquelas frases que constantemente dizia e ninguém percebia:

– Boa sorte, cartaginês. Isso vai ser uma viagem digna do grande Aníbal e dos seus elefantes.

Ele encolhera os ombros sem entender o alcance daquilo. Agora, porém, essa frase regressava-lhe à memória e por estranho que parecesse ganhara um significado e fazia todo o sentido. Perdera tempo, bois, perdera até um escravo que tivera de abater porque se virara a ele.

Ninguém podia imaginar o que tinham sido aqueles três meses, mas agora sentia-se como esse tal Aníbal – fosse ele quem fosse –, pronto a conquistar o mundo.

Antes de partir para Moçâmedes demarcara o terreno para a construção do engenho e dera ordens para que se iniciasse o corte de madeiras. Assim que chegasse começaria a montar o engenho e a construir as oficinas. E, quando viesse a estação certa, arranjaria dezenas de pretos para trabalharem de graça no canavial. A cana que Bernardino havia plantado estava com um desenvolvimento espantoso. Saía olho de cana com a grossura de uma polegada de circunferência. Nem no Brasil se desenvolvia com tanta força como ali no Bumbo.

A viagem estava a chegar ao fim e o futuro era prometedor. Talvez nos primeiros tempos não produzisse muito açúcar e se dedicasse sobretudo à aguardente de cana, que tinha mercado certo. A aguardente brasileira regulava a 80 ou 90 réis e ele podia produzi-la mais em conta. Ouvira dizer que em Angola o consumo de aguardente do Brasil andava por seis ou sete mil pipas e por aí calculava o quanto podia ganhar. Enfim... mais açúcar ou mais aguardente, logo veria pelo andar da carruagem. O que importava é que o seu engenho comesse a mover-se e a produzir.

O segundo carro galgou o cume por entre um coro de vivas. Daí para a frente o terreno era mais duro e plano. José Leite voltou a sorrir – o que nele era raro. Estava quase a chegar a casa e iria triunfar, custasse o que custasse.

A carroça parou à porta da fortaleza e Bernardino desceu cautelosamente, agarrado ao rebordo do banco. Depois, virou-se para trás e ordenou ao escravo que desse de beber à mula e que o esperasse ali.

Um soldado de farda ensebada e barba por fazer conduziu-o ao gabinete que o governador ocupava na fortaleza. Já vira aquele soldado. Era um tal Diogo Alves, mais conhecido por Pé de Dança, homicida e violador de mulheres, um dos muitos criminosos de direito comum que formavam a guarnição militar de Moçâmedes. A presença de gente daquela na colónia era uma das razões que afugentavam os potenciais povoadores – um assunto em que teria de insistir da próxima vez que escrevesse para Lisboa, pensou, enquanto seguia escada acima atrás do vagaroso Pé de Dança.

Quando entrou no gabinete do governador verificou, com surpresa e

desagrado, que a sessão do Conselho Colonial se iniciara na sua ausência. Sentiu-se desconsiderado. Viajara quase três léguas para poder estar presente e não se atrasara mais do que dez minutos... Mas o que lhe desagradou ainda mais foi a presença do velho Costa, sentado à direita do governador. A que título estaria aquele hipócrita ali?

Detestara o Costa desde o primeiro momento em que o vira, recém-chegado de Pernambuco, a dar-se ares de grande importância, a estostrar de bazófia, quando nada mais era do que um ignorante de Vila do Conde com uns olhinhos cúpidos de camponês invejoso. Dizia-se que Costa ganhara a vida como contrabandista, percorrendo os caminhos e as aldeias atrás de um macho, de porta em porta, e tinha toda a cara disso. Bernardino nunca se enganava nas caras das pessoas e soube, a primeira vez que o olhou de frente, que aquele homem era mal formado e que iria ser a sua alma negra.

E o tempo tinha vindo a dar-lhe razão. Costa tornara logo claro que ambicionava ser o líder da colónia e que pretendia destroná-lo. Para isso, insinuava-se como uma cortesã junto das autoridades, alimentava rumores, adubava os descontentamentos que entre as gentes sempre havia e tentava virar o povo contra ele. Era um trabalho lento e metódico, um trabalho de formiga laboriosa e calculista que ia amealhando para um Inverno de fartura. E o que amealhara entretanto já dava frutos. Nas últimas semanas Bernardino vinha sentindo que o contacto com certas pessoas de Moçâmedes se tornara difícil, trespassado por suspeitas que ninguém tinha coragem de formular cara a cara mas que pairavam por ali, indefinidas, envenenando a sua relação com os outros. E ele era capaz de jurar que a mão do Costa estava por trás de tudo aquilo, a alimentar o fogo da suspeição e da maledicência. Essa mesma mão que agora se içara até à fortaleza e ali estava, prestável, servil, à direita do governador, para intrigar e influenciar com mais eficácia e contundência.

Detestava o Costa. Também não gostava do capitão-tenente Botelho que viera substituir Sérgio de Sousa, governador dos primórdios e português de boa cepa. Este Botelho era um militar desconfiado e cerebral, um daqueles homens cheios de rigores, de cinismos e de moralidades, que julgavam que Deus lhes atribuíra a grandiosa missão de endireitar o mundo e pôr tudo nos eixos.

Controlou a irritação e tentou manter a expressão neutra quando se dirigiu a todos menos a Costa, querendo expressamente ignorá-lo:

– Peço desculpa pelo meu atraso.

– Começámos agora mesmo, Sr. Figueiredo – esclareceu o governador, esboçando um sorriso. – Estava justamente a explicar que nomeei o Sr. Costa para este conselho. A sua voz experiente e ponderada ser-nos-á muito útil na época difícil que atravessamos.

Para o conselho? Sem eleições, senhor governador? – atreveu-se Bernardino a perguntar, enquanto se sentava no lugar mais distante da mesa.

Fez-se um silêncio pesado, incómodo, que o governador Botelho cortou, com alguma rispidez:

– Está nas minhas competências, Sr. Figueiredo. Aliás, o Sr. Costa é apenas suplente. A sua presença neste gabinete vem compensar a ausência do Sr. José Leite, geralmente retido lá para o interior, ao que me dizem. Mas deixemos estas questões menores – decretou com sobranceira. – A colónia enfrenta tempos difíceis e eu gostava de ouvir a opinião de todos sobre a origem dessas dificuldades e as medidas que devemos tomar para as enfrentar. Quer o Sr. Figueiredo dar-nos a honra de dizer de sua justiça? – perguntou, em tom de quem ordena.

Bernardino dominou a sua irritação e o seu ressentimento. Com que então o governador decidira meter o odioso Costa no Conselho Colonial?

Sentara-o à sua direita, no lugar que até então ele ocupara por direito próprio. Percebia perfeitamente o que isso significava. Mas se julgavam que ele ia permitir que aquela ave de arribação viesse disputar-lhe o lugar de chefe da colónia e ensombrar tudo o que já fizera por ela estavam muito mal-enganados. Respirando fundo, inclinou-se um pouco para a frente na cadeira, apoiou ambas as mãos no tampo da mesa, como que para se firmar bem, e falou:

– Desânimo! Na origem disto tudo está o desânimo. É claro que também houve coisas mal feitas. Houve sementes que estiveram demasiado tempo expostas ao ar no pátio do almoxarifado e que depois não deram nada. Mas essas coisas acontecem numa colonização. Nem tudo se passa como a gente quer, não é verdade? – inquiriu, virando-se para o velho Costa. – Mas o maior problema é o desânimo. Estamos numa grande seca e os colonos desanimaram. E desanimaram tanto mais facilmente quanto há aqui gente a alimentar-lhes a má vontade e a descrença.

O velho Costa tossiu, incomodado, remexeu-se na cadeira e pediu de imediato a palavra.

– Não é desânimo, como diz o Sr. Figueiredo. É antes o errado sistema de espalhar os colonos por terras separadas umas das outras por

muitos dias de viagem.

– E que mal tem isso, Sr. Costa? – inquiriu logo Bernardino, com ironia.

Costa endireitou os ombros, fez um ar douto e explicou:

– A unidade de esforços, Sr. Bernardino Figueiredo. O sucesso depende da unidade dos esforços... Na Huíla está gente estabelecida há anos que nunca veio a Moçâmedes, porque foge de fazer uma viagem enfadonha. No Bumbo é quase o mesmo. Além disso as terras foram mal escolhidas: na Huíla as plantas nascem e crescem até esta altura... – indicou-a com a mão – e depois morrem.

Bernardino sentiu-se a ferver por dentro. Mas quem se julgava aquele tonante, que nada fizera, para o criticar? Susteve a custo a irritação crescente e respondeu o mais pausadamente que conseguiu:

– V. S.^a, Sr. Costa, ainda estava a descansar em Pernambuco quando outros faziam o esforço de organizar e colonizar este areal. Os primeiros povoadores, a cujo número me honro de pertencer, nunca pretenderam impor nada a ninguém. Cada um foi para onde muito bem lhe apeteceu. Em minha opinião, repito, a causa das dificuldades é o desânimo e a má-língua e é isso que devemos combater. Todos sabemos que há por aí alguns maldosos sempre prontos a envenenar e a desalentar os outros. Há que pôr essas maçãs podres noutro cesto. Correr com elas! E à chibatada!

Costa fez um gesto desdenhoso com a mão direita.

– É uma ideia...

– Uma ideia? – retorquiu de pronto Bernardino, ganhando calores. – Parece que V. S.^a acordou agora de um largo sono, como os sete irmãos dormentes do tempo de Diocleciano...

– V. S.^a não me encandeia com essa sua maneira de falar – reclamou o outro, interrompendo. – Queixa-se o Sr. Bernardino de que muitos desanimaram. Foi pena, de facto... Mas se calhar nem todos foram tão favorecidos como S. S.^a.

Bernardino empertigou-se na cadeira.

– Que quer V. S.^a dizer com isso?

Costa hesitou, tossiu de novo, tamborilou nervosamente com as pontas dos dedos na mesa e, por fim, explicou-se:

– Longe de mim lançar-lhe acusações, mas o povo fala que V. S.^a escolheu as melhores terras para si e para os seus preferidos. Eu sei que não é verdade – apressou-se a acrescentar –, mas esse rumor circula...

Os outros dois membros do conselho – José Barbosa e um tal Leivas –

apressaram-se a partilhar as opiniões de Costa.

– Assim é, Bernardino – confirmou Barbosa. – É o que por aí se diz.

– De facto – ecoou Leivas –, eu também já ouvi dizer isso...

Bernardino olhou-os nos olhos e depois sorriu com comiseração. Aqueles Judas de sertão, que antes nunca tinham ousado discordar de si, estavam agora opiniosos e bandeados com o adversário. A seu tempo os poria na ordem. De momento queria concentrar todo o seu fogo no odiado Costa que, sentindo-se amparado, se lançava a galope, prosseguindo a acusação:

– Parece que quando V. S.^a andou com o governador Sérgio de Sousa a distribuir os terrenos pelos colonos a coisa foi bem aceite pois todos acreditavam que as terras possuíam por igual boas condições para as culturas que desejavam. Mas, três anos volvidos, vê-se que uns foram bafejados pela sorte, enquanto outros, por mais esforços que façam, nada conseguem... não saem da cepa torta. E alguém pôs a correr que V. S.^a soube escolher...

Bernardino ficara calado e deixara que Costa se alongasse. Estava perplexo e furioso. Aquele hipócrita atrevia-se a fazer insinuações a seu respeito? De repente, a onda de indignação que o enchera e o percorria de alto a baixo explodiu. Ergueu-se de um pulo, fazendo com que a cadeira tombasse com estrondo, e cresceu para o velho Costa com o olhar fixo e os punhos cerrados. Tê-lo-ia esmurrado se os outros dois o não tivessem agarrado.

– Deixem-me! Larguem-me!

– Calma, homem, calma!

Bernardino agitava-se, debatia-se, torcia-se, tentava libertar-se dos braços que o impediam de avançar, mas os outros não o soltavam. Tinham-no agarrado, um de cada lado, manietando-o, enquanto lhe pediam repetidamente que se acalmasse.

– Mas larguem-me, porra! – gritou Bernardino entre dentes, espetando o queixo em direcção a Costa. – Quero retribuir as finezas que devo a este cavalheiro.

O velho ficara surpreendido e encolhia-se, chegando-se mais para a protecção do governador.

– V. Ex.^a não intervém? – perguntou, inquieto.

– Ainda não – respondeu Botelho, frio como o gelo e abanando a cabeça. – Veremos até onde vai o Sr. Bernardino Figueiredo faltar ao respeito à autoridade.

Nessa altura Bernardino percebeu que tudo aquilo tinha sido uma

provação, na qual caíra como um lorpa. O governador estava vendo os touros de palanque mas já tinha decidido há muito para que lado penderia o seu *Te Deum*. E nesse momento soube – se dúvidas ainda tivesse – que perdera a confiança de todos e que estava isolado naquele conselho. Só lhe restava sair.

Os seus músculos distenderam-se, a crisão foi-se aliviando à medida que a razão retomava o controlo. Deixou de se debater e ordenou, virando-se para os que o agarravam:

– Façam o favor de me largar!

Barbosa e Leivas corresponderam ao pedido e soltaram-lhe os braços. Ainda assim ficaram expectantes, de sobreaviso, como se esperassem um novo acesso de cólera. Mas Bernardino de Figueiredo compôs a roupa, endireitou-se, repuxou as mangas da camisa para baixo e, encarando o governador, declarou:

– Muito bem! Demito-me deste conselho para o qual fui eleito por maioria pelos colonos. O meu sangue não diz bem ao pé do do Sr. Costa. Não é da mesma cor...

De seguida rodou sobre os calcanhares, virou costas aos presentes e abandonou o gabinete, cerrando os maxilares e fechando rancorosamente a porta atrás de si. Desceu a escada galgando os degraus dois a dois, soprando uma torrente de insultos. Saiu pelo portão grande em passo acelerado e subiu para a carroça, ainda a ferver da raiva que sentia. Raiva daqueles quatro traidores e raiva de si próprio, que se deixara surpreender e encurralar como um ingénuo. Mas as coisas não iriam ficar assim...

– Para a fazenda – ordenou ao escravo.

Benedita sentou-se à mesa da cozinha e ficou absorta a olhar para o vazio. Só regressou do seu alheamento quando a cozinheira preta lhe colocou em frente uma espécie de pão de mandioca com queijo e uma fumegante chávena de chá, para acompanhar.

– Senhora, coma – disse a escrava com meiguice.

Ela pegou maquinalmente na chávena e deu um longo e fundo suspiro. Havia dois anos e pouco que vivia ali no Bumbo e parecia que o seu calvário não mais tinha fim.

A viagem inaugural até àquele buraco, feita a pé por caminhos quase intransitáveis e sem poder suportar o calor do sol e da areia ardente, fora o prenúncio dos dias muito duros que estavam para vir. Nos primeiros tempos no Bumbo faltou-lhes tudo. As noites foram passadas

debaixo de alguns ramos, com o corpo semiaquecido a uma fogueira. Ao cabo de duas sofridas semanas teve direito a uma barraca de madeira. Os míseros escravos, esses, continuaram a dormir no chão, ao relento, e só meses depois, quando chegou a estação húmida, se construiu um barracão para os proteger da chuva que caía a jorros.

Foi nesse período chuvoso que vieram as febres. Enquanto choveu houve sempre gente acamada e um dos brancos viria mesmo a morrer pois já não havia remédios na botica para lhe acudir. Também ela esteve sacudida por sezões e perto da morte mas, sem saber bem como, acabou por se salvar e restabelecer.

Nos primeiros tempos no Bumbo viveram da caça, dos mantimentos que tinham levado e do que conseguiam trocar com os negros. Com o andar dos dias, as condições foram melhorando. José Leite era um homem embrutecido e cruel mas trabalhava com afinco e, sob a sua direcção, a fazenda ia ganhando forma. A casa grande, as arrecadações, as habitações dos brancos e as dos escravos erguiam-se aos poucos do chão, à medida que os pregos, as cavilhas e outros materiais de construção iam chegando de Moçâmedes.

E aqueles campos virgens revolvidos ao corte da enxada cedo começaram a produzir. A fazenda tinha terras muito férteis que se estendiam por duas léguas e José Leite decidiu semeá-las de cana sacarina e de mandioca. Perto da casa preparou alguns terrenos onde começou quase logo a fazer ensaios agrícolas com o feijão, o milho e as hortaliças, e com essas experiências veio um certo desafogo. O espaço lavrado cresceu, aumentando a beleza do sítio. Ela extasiava-se com a visão do verde das hortas a reluzir à chuva ou na humidade das manhãs. Gostava de encher os pulmões com aquele cheiro de vegetação lavada e de terra cultivada que, de mistura com os cheiros de África, lhe trazia uma estranha sensação de conforto e acolhimento nas agruras daquele tugúrio.

Benedita poisou a chávena e começou a comer a mandioca com queijo enquanto ia pensando na amarga ironia das coisas. Ao mesmo tempo que as agruras físicas se atenuavam iam-se reforçando as agruras morais e emocionais, todas elas causadas por José Leite. De facto, a sua relação com o marido, que já era má, piorara muito com a ida para o Bumbo. José – estava agora certa disso – detestava-a sem remissão e não se coibia de o mostrar. De início, na inexperiência dos dezanove ou vinte anos, não percebeu de onde vinha o desprezo e o ódio que o marido lhe votava e culpou-se a si própria por algum erro ou

desatenção. Acreditou que se conseguisse alterar o seu comportamento, se fosse ainda mais dócil do que costumava ser e se tivesse paciência, tudo haveria de se arranjar. Mas o tempo ia passando e nada parecia resultar. Tentou alegrar-lhe os dias mas ele rejeitava as suas graças e, quando ela lhe perguntava o que sentia, fechava-se num impenetrável mutismo. Quis ajudar na lavoura, mas não tinha muito jeito e o marido, enfasiado, cedo a afastou, no meio de palavras desagradáveis ditas em frente de todos:

– Desastrada! É sempre a mesma coisa... Não serves p'ra nada!

Ficou por isso confinada ao governo da casa, mas por muito que fizesse ou que se aplicasse não era capaz de lhe agradar e ele via sempre qualquer coisa criticável no que ela decidia. Reclamava da comida, apontava-lhe desmazelos, censurava-lhe o pouco pulso e a escassa disciplina no trato com as escravas.

– Mas quantas vezes já te disse para usares a palmatória? – gritava-lhe ele, colérico. – Tu não vês que estas pretas só percebem à força?

O governo de uma casa sem filhos era uma actividade demasiado magra para lhe preencher os dias e ela via-se a braços com uma vida vazia. Mas como geralmente acontecia consigo, em lugar de se deixar abater, dedicou toda a sua energia e imaginação a tentar preenchê-la. De manhã, se sobrasse tempo, ia ver o andamento dos trabalhos rurais. Gostava da humildade dos escravos e sentia que eles gostavam de si. De tarde, deslocava-se até à aldeia próxima para falar com as mulheres da tribo local. Sentia-se bem naquele chão muito verde, com as montanhas ao fundo, e cortado por um ribeiro de águas cristalinas. Aprendeu rapidamente um mínimo de palavras e de expressões que lhe permitiam comunicar e veio-lhe, então, a ideia de começar uma escola, já que não podia fazer mais por aquela gente. O marido ridicularizou a sua iniciativa e depois, como ela insistisse, resolveu proibi-la.

Valeu-lhe Bernardino, que vinha vê-la de tempos a tempos a pretexto de conferenciar com José Leite e de verificar o andamento dos trabalhos. Ela gostava de ter a companhia daquele homem ilustrado, protector e generoso, que se interessava genuína e ternamente por si. Bernardino trazia-lhe infalivelmente lembranças, livros para ler, e já lhe valera em várias ocasiões. Quando quis abrir a escola na aldeia também foi ele que intercedeu junto do sócio, explicando-lhe as inexcusáveis vantagens do ensino. Após muitas insistências, José Leite acabou por autorizá-la a ir por diante com a ideia, convencido de que seria mais fácil governar os pretos se eles soubessem algum português.

De início iam as crianças à fazenda, mas como José as tratasse com rispidez passou a ser ela a deslocar-se à aldeia, o que na sua perspectiva era bem melhor: libertava-se daquele ambiente onde não tinha função e alargava o seu horizonte.

– Vai, vai, que ainda acabas no bucho de algum leão – disse-lhe um dia José Leite.

Ela nunca tinha visto animais perigosos no caminho até à aldeia, mas por precaução aprendeu a atirar e passou a levar uma arma a tiracolo. E, assim, dividindo o seu tempo entre o trabalho em casa e a pequena escola onde ensinava uns rudimentos de português, de religião e de higiene, ia resistindo à solidão.

E foi no decorrer dessa luta encarniçada contra o isolamento que Peter von Sternberg se cruzou novamente no seu caminho. Peter não era um desconhecido naquela aldeia. Visitava-a com regularidade e trazia presentes ao Munibumbo, o soba local, que trocava por acolhimento e comida. Limitado pela cegueira, o Munibumbo raras vezes saía de casa mas, quando Peter chegava, os seus familiares sentavam-no na cadeira de espaldar que fazia as vezes de trono e, assim sentado, protegido do sol, conferenciava com o caçador até o sono lhe fazer pender a cabeça — o que não costumava demorar muito. Nessa altura levavam-no de novo para dentro da cubata e Peter vinha até junto dela contar-lhe as mais entusiasmantes caçadas, os povos que visitara ou a recente conversa com o soba.

– Disse ao Munibumbo que tinha atravessado as terras dos seus antepassados e perguntei-lhe se não sentia vontade de as voltar a ter. Sabe o que ele me respondeu, Benedita?

– Que queria recuperá-las, imagino.

– Nada disso – respondeu Peter, sorrindo. – Olhou-me nos olhos como se fosse capaz de me ver e disse-me: «Se essas terras podem viver sem mim, eu também posso viver sem elas.» Dá que pensar, não dá?

E ela ficava fascinada a ouvi-lo discorrer sobre o desprendimento dos africanos ou sobre outro assunto que lhe ocorresse. Havia qualquer coisa naquele homem que a despertava de uma maneira absolutamente única e que a fazia esquecer-se das aulas, presa às suas palavras e ao timbre mágico da sua voz.

Os encontros repetiram-se. Fosse qual fosse o seu território de caça, o alemão arranjava sempre forma de incluir o Bumbo no itinerário de ida e de retorno. Contra o seu hábito alongava-se ali pela aldeia, ficava de uns dias para os outros e gastava horas a conversar com ela. Falava-lhe

dos tempos na Alemanha, da sua vida em África, dos projectos futuros. E a partir de certa altura ela sentiu-se suficientemente segura para lhe falar da sua infelicidade e da difícil relação com o marido.

Peter ouvia-a em silêncio. Não criticava nem aconselhava. Ouvia-a apenas, com um olhar atento e compreensivo, e isso era tudo quanto ela desejava.

Quando o caçador partia, as jovens africanas rodeavam-na, rebentando de curiosidade. Tocavam-lhe na face e no cabelo e batiam palmas, rindo muito. Atropelavam-se numa algazarra, querendo que ela lhes contasse como corriam as coisas com o seu novo esposo. Ela ria também e explicava-lhes que Peter não era seu esposo, apenas um amigo, mas as pretinhas ignoravam o conceito e olhavam-na com ar matreiro. E quando em desespero de causa ela lhes dizia que já era casada com José Leite, que estava na fazenda, riam-se ainda mais e garantiam que não fazia mal. Podia perfeitamente ter um marido lá e outro ali. Depois retiravam-se no meio de grande chacota, dando-lhe os parabéns por ter um novo esposo tão bonito e importante. Uma vez trouxeram-lhe um prato de papas de farinha e uma tigela com mel para abençoar aquela nova relação.

Ela entrava na brincadeira das pretas e sorria com a ingenuidade das suas concepções, mas o facto é que dava consigo a esperar ansiosamente que Peter voltasse das caçadas e passasse por ali. Quando ele partia, sentia um súbito vazio, um brilho que se apagava na sua vida, e uma saudade fininha cortava-lhe o peito e fazia-a suspirar constantemente. Um dia encheu-se de coragem e fez-lhe um pedido:

– Por favor, Peter. Escreva-me do mato, envie pombos-correio, mas faça-me chegar notícias suas para eu não ficar em cuidado.

E, para sua surpresa e encantamento, um dia um preto chegou com uma carta para si. Outras vezes era ele mesmo que lhe trazia em mão. Longas cartas que tirava do bolso da camisa e lhe entregava quando se reencontravam. Também lhe trazia amuletos feitos em dentes de hipopótamo, pulseiras de cobre, braceletes. Mas as cartas eram o presente que ela preferia. Nelas Peter falava-lhe do que via e do que sentia e ia abrindo as portas da alma de par em par. Aqueles escritos eram luzes na sua solidão, âncoras que a prendiam à vida, e que ela lia e relia, decorando cada uma daquelas letras de traço grosso, feitas com um lápis de bico rombo, algures no sertão.

Foi junto ao embondeiro grande, num dia em que José Leite fora de

viagem a Moçâmedes, que ele lhe pegou carinhosamente na mão e lhe confessou o seu amor. Ela ficou enternecida e receosa, mas conservou a sua mão entre as dele. Por momentos foi tomada pela sensação fantástica de ficar quente dentro do peito e deixou-se ir, como se fosse manteiga a derreter. Sabia que estava a fluir para um sítio incerto e inseguro, mas não conseguia parar.

– Peter... Eu estou confusa. Eu também gosto muito de si mas não sei o que devo fazer. Nem sei se devemos continuar os nossos encontros aqui na aldeia.

– Porque não, Benedita?

Ela não respondeu e para quebrar o embaraço e o silêncio ele beijou-lhe a mão.

– Parta comigo para Benguela ou para Luanda. Eu posso caçar em qualquer lado.

Ela ficou com o olhar perdido no horizonte.

– Peter... Eu sou casada – disse, acentuando as sílabas finais.

– Sim, eu sei. Mas não é amada. Deixe o seu marido, Benedita, e parta comigo.

E ao dizer isto aproximou-se lentamente da sua cara, num movimento encantatório, e ela deixou-se impregnar por aquele olhar e ofereceu-lhe candidamente a boca, admirada consigo própria. Depois assustou-se. Tudo aquilo era demasiado súbito, demasiado avassalador, e, perturbada, afastou-o suavemente.

– É melhor eu ir agora, Peter.

Sentia a enorme tensão entre a vontade de se entregar ali mesmo e a necessidade de resistir a essa vontade. Nunca imaginara que fosse tão doce e excitante ver o desejo reflectir-se no olhar dele e na forma como a sua expressão ia mudando à medida que ela se lhe entregava. Naquele momento, para poder ver o espectáculo do desejo nos olhos de Peter, estava tentada a dar tudo o que fosse preciso e sabia que tinha de resistir a essa vertigem.

Ele insistiu, procurando retê-la nos braços:

– Só mais um pouco...

– Não posso, meu querido... Tenho de ir.

Então Peter conformou-se com a separação.

– Vá. Eu fico aqui esta noite e espero-a amanhã às dez, junto ao embondeiro. Venha ter comigo, Benedita, e vire costas a esta tortura em que anda.

Ela partiu em passo rápido, num estado de embriaguez e de

exaltação. Ia encantada com a imagem da cara dele a aproximar-se da sua e a entrar docemente na sua intimidade. Tocou com a ponta dos dedos nos lábios como que a verificar se ainda conservavam o calor da boca dele. Mas ao mesmo tempo tremia de inquietação. Adorava aquele homem e até lhe doía o corpo por não o ter e, no entanto, não podia tê-lo assim. Não era uma preta do Bumbo mas uma mulher branca e católica. Que iriam as pessoas pensar de si? Que iria Bernardino dizer? Iria compreendê-la ou censurá-la? E, sobretudo, que iria ela pensar de si própria? Tinha consciência de que estava a ultrapassar uma fronteira e a abrir-se a terras desconhecidas e perigosas. Estava numa encruzilhada da sua vida e pura e simplesmente não sabia que caminho seguir.

Nessa noite não dormiu. Sentia-se dilacerada e amargurada pela culpa. No fundo de si mesma sentia-se imperfeita e falsa, e essa sensação era-lhe intolerável, pesava-lhe na consciência. Alimentara a paixão naquele homem e agora receava as consequências. Queria estar com Peter, mas não se via a fugir, a virar costas a tudo, num repente, e a partir. Devia lealdade ao marido, apesar de ele a tratar mal. Não podia esquecer que a amparara em Pernambuco, quando ela nada tinha. Peter era um homem culto e carinhoso que abrira uma janela de luz na sua vida e ela sentia uma atracção louca por ele. Mas seria justo ignorar o seu dever em relação aos outros para seguir os seus instintos e as suas paixões?

Passada a noite em claro, levantou-se ainda mais desconcertada do que quando se deitara. O tempo corria a uma velocidade louca e não sabia o que decidir. Num impulso, com um nó na garganta e o coração a bater desenfreadamente, pegou num lápis e num papel e escreveu de rajada. Depois chamou uma escrava e, antes que se arrependesse, entregou-lhe a carta e disse-lhe que a levasse ao caçador que estava na aldeia. Não queria ser ela a fazê-lo, não era capaz de o olhar nos olhos pois sabia que iria ceder. A escrava saiu e os minutos correram numa agonia entremeada com soluços e suspiros. Foi fazendo mentalmente o caminho até à aldeia, passo a passo. Mil vezes pensou correr atrás da escrava e rasgar aquela carta mas uma estranha força tolhia-lhe as pernas e impedia-a de se mover. Os minutos passavam e tornavam impossível reverter a decisão. Imaginou Peter junto ao embondeiro, já inquieto com o seu atraso. Viu-lhe a admiração estampada na cara quando a escrava lhe entregou a carta e a sombra da desilusão a carregar-lhe as feições à medida que a ia lendo:

Meu querido Peter,

Ia agora ter consigo para fugirmos os dois porque é isso que o meu coração deseja. Mas quando ia a sair de casa houve qualquer coisa que me paralisou. Não sei dizer exactamente o que foi, mas o desconforto que senti foi demasiado forte para poder ignorá-lo.

Desculpe-me, meu doce amor. Eu sei que escolho um caminho de sofrimento para nós os dois e que não teria de ser assim se eu fosse mais corajosa. A minha alma e o meu corpo pedem que deixe tudo por si mas a minha cabeça não o permite. O dever ganhou. Parta e esqueça que eu existo.

A sua eterna amiga, Benedita.

No dia seguinte voltou à aldeia e Peter já lá não estava. A sua ausência aliviou-a e desiludiu-a pois no fundo de si tinha uma leve esperança de que ele permanecesse por ali e que a assediase com pedidos. As pretinhas liam-lhe a tristeza no rosto e deixaram de brincar com o assunto do esposo.

Passaram-se meses. Peter não voltou a aparecer-lhe e a sua ausência tornou-se um enorme peso na sua vida. A falta da sombra do caçador junto àquela árvore era uma tortura quotidiana, muito pior do que os maus tratos a que José Leite a sujeitava. Gostava daquele alemão de uma maneira genuína, alegre, estimulante, e sentia náuseas quando pensava que por pruridos morais e inquietações interiores tinha desperdiçado o amor da sua vida. Porque aquele era o grande amor da sua vida, estava agora bem certa disso.

Num movimento de compensação e de preservação redobrou os esforços para se reconciliar com José Leite. Mas com o passar do tempo foi percebendo na ininterrupta sucessão de vexames, na sedimentação de um desgosto atrás de outro, que essa era uma estrada sem qualquer retorno. O marido detestava-a como pessoa e tinha aversão aos seus hábitos de mulher educada. Odiava o seu costume de ler, que considerava inútil e despropositado; ou as suas maneiras à mesa, que achava soberbas e até insultuosas para a sua condição de homem humilde; ou, então, o seu gosto por tomar banho. Ela sempre tivera um amor reverente pela água e, ao contrário do que acontecia nos Cavaleiros, onde o Bero raramente corria, ali o rio apanhava a água abundante que escorria da serra da Cheia e ela tomava banho diariamente, apesar dos ditos desdenhosos do marido: – Achas que és alguma marquesa? Tu nem tens onde cair morta...

Às vezes José reagia com acinte, outras vezes com violência. Uma ocasião, num acesso de fúria, rasgou-lhe um romance. Noutra ocasião proibiu as escravas de lhe trazerem água para o banho. Outra vez bateu-lhe porque ela não se submeteu de pronto às suas indicações e à sua

vontade. Era como se ali no interior, a quatro dias de marcha de Moçâmedes e longe de tudo e de todos, o marido se sentisse mais à vontade para dar rédea solta aos seus piores instintos. A vida a seu lado converteu-se num insuportável encadeado de abusos e torturas, cuja perversidade tinha vindo a acentuar-se com o passar do tempo.

Nunca mais esqueceria o dia em que José Leite regressara de Moçâmedes com Isaura. Fora apenas três semanas antes e parecia-lhe que já passara um ano, tal o peso esmagador que a recém-chegada pusera desde logo na sua vida.

Isaura era uma mulher forte, espadaúda, de olhar duro e poucas falas. Da primeira vez que a viu foi José Leite quem falou por ela, apresentando-a como alguém que vinha para a ajudar no governo da casa. Mas Benedita logo percebeu, pela forma como se olhavam e falavam, que eram amantes. O que não a surpreendeu. Não supunha que o marido lhe fosse fiel. Quase nunca se chegava a si e, como era lógico, arranjava-se por fora. Ela não ignorava que ele se deitava com as pretas escravas ou livres que andavam pela plantação. Já o fizera enquanto tinham estado nos Cavaleiros e repetia-o ali no Bumbo. Aliás, já havia por essa altura vários mulatinhos a correr sobre as perninhas bambas ou a mamar nos peitos das pretinhas e ela sabia que três ou quatro eram dele. Bastava ver a forma altiva e desdenhosa como as mães dos rebentos a olhavam quando passava por elas.

Ter filhos das pretas escravas era, por assim dizer, esperado. Já vira isso acontecer com muitos homens em Pernambuco e ali passava-se o mesmo ou pior. Mas meter uma mulher branca em sua casa era um atrevimento e um abuso que apesar de tudo nunca imaginara ser possível. Por isso debulhou-se em lágrimas, gritou, indignou-se e reclamou, exigindo que Isaura saísse. Mas José Leite limitou-se a encolher os ombros e a rebaixá-la ainda mais:

– Preciso de uma mulher. Tu não serves para nada. Nem sequer para ter filhos.

Ela olhou-o com olhos nus e desarmados e nada disse. Que poderia dizer? A sua persistente esterilidade amarfanhava-a, envergonhava-a, diminuía-a e... calou-se. E permaneceu calada quando Isaura, conluiada com José Leite, a desapossou do pouco mando de que ainda dispunha. No espaço de alguns dias operou-se uma transferência de papéis e passou a ser aquela mulher intrusiva a dar ordens às escravas domésticas e a determinar as refeições. Ela, sem papel, passou a vaguear pela casa e a obedecer.

Nos primeiros tempos de convivência com Isaura, Benedita chorou amargamente e arrependeu-se ainda mais de não ter cedido aos impulsos do seu coração e à paixão por Peter. No drama e na confusão em que a sua vida se tinha convertido nos últimos anos, o alemão fora um dos poucos raios de luz e ela não soubera aproveitá-lo. Tivera receio do amor porque vivia tolhida de medos. Mas aprendera a lição. No futuro nunca mais teria estúpidas hesitações nem pruridos morais, que só a fragilizavam e paralisavam. No futuro – jurou-o a si própria –, iria agarrar com unhas e dentes todas as oportunidades que lhe surgissem na frente.

Voltaria Peter a cruzar o seu caminho? Dentro de si mantinha a convicção de que o alemão não a esqueceria e não desistiria de a rever. Mantinha a esperança de que por um milagre qualquer, por uma sorte imerecida, ele voltasse por ali quando regressasse dos inóspitos sertões, quando voltasse da Huíla ou dos Gambos, onde certamente andava a caçar. Era essa fé que lhe dava alento no meio da cerração tenebrosa do presente. E quando ele voltasse ela atirar-se-ia ao seu pescoço, pedir-lhe-ia infinitos perdões e que a levasse para longe dali, para qualquer parte, fosse para onde fosse. Mas até que Peter regressasse teria de engolir o seu orgulho e esperar. Teria de endurecer a alma e revesti-la de uma couraça que não deixasse transparecer os seus sentimentos e as suas emoções. E era tão difícil fazê-lo...

Benedita bebeu mais um gole de chá para ajudar a engolir a mandioca e o seu sofrimento. A noite anterior tinha sido um verdadeiro pesadelo. José fora inesperadamente ao seu quarto – há semanas que não o fazia – e servira-se dela com a brutalidade de sempre, esmagando-a com o seu peso, colando-lhe ao ouvido uma respiração ofegante, um arfar que a repugnava e que só interrompeu para anunciar com voz roufenha o que ia fazer:

– Vou-te dar uma rega... É para ver se finalmente dás fruto!

Percebeu que ele tirava o sexo de dentro de si e sentiu o líquido morno a inundá-la, a molhar-lhe a camisa e a correr-lhe pela barriga. Sentiu nojo daquela parte dele, sentiu a estalada daquela nova e imensa humilhação, e estremeceu num enorme arrepio. Então, José riu com gosto, umas gargalhadas secas e trocistas, e virando-se para o lado pulou da cama, atravessou o quarto e saiu.

Ela ergueu-se igualmente. Tinha o corpo todo retesado e ansiava por um banho purificador que lhe lavasse a pele e a alma. Não o podendo ter àquela hora da noite, limpou-se com uma toalha molhada enquanto,

com a outra mão, ia enxugando as lágrimas que lhe escorriam pela cara abaixo. Chorou longamente, baixinho, deitada na cama e enrodilhada sobre si mesma como se isso a protegesse do pavor e do desespero. Depois, acabou por adormecer.

De manhã, ao passar pelo espelho, viu os seus olhos vermelhos e inchados e achou-se insuportavelmente feia. Quis ficar dentro de casa a remoer a sua vergonha mas uma força qualquer, uma voz interior, forçou-a a sair. Lavou-se, vestiu-se de forma simples como sempre fazia, com uma saia e uma blusa de algodão, e sentou-se ali à mesa da cozinha para tomar o pequeno-almoço e prosseguir a sua vida.

– Mais mandioca, senhora?

Benedita respirou fundo, acabou de beber o chá e ergueu-se.

– Não, Teresa. Eu depois volto para almoçar.

Saiu da cozinha, atravessou a pequena sala lançando um olhar desconsolado àquelas mobílias velhas e desencontradas que pareciam ter sido compradas pelos quatro cantos do mundo, e fechou a porta devagar atrás de si. Não gostava daquela casa a que nunca conseguira ligar-se e que não lhe parecia sua.

Sentindo o ar quente a bater-lhe na cara ao sair para a luz da manhã veio-lhe um conforto tão doce que a sua expressão se apaziguou e ela sorriu como quem sorri a um velho amigo. Talvez fosse esse o segredo que a mantinha viva e direita. Por muito trágicas e dolorosas que fossem as circunstâncias, conseguia sempre encontrar qualquer coisa no mundo exterior que lhe permitia erguer-se das cinzas, como uma fénix renascida. A vida para si era uma questão de sobrevivência.

Benedita dirigiu-se em passo lento para a casa de ralar. Era a época da mandioca e os moleques estavam a peneirá-la. Os miúdos riram-se, acenaram quando a viram chegar e continuaram numa mistura de trabalho e brincadeira de que não conseguiam abdicar. Na casa ao lado, as mulheres tinham começado a cozer a massa peneirada numa grande bacia de cobre, de boca muito larga, e crescia um cheiro enjoativo no ar. Benedita esteve ali um bom bocado, encantada a admirar e a invejar a arte das pretas. Quando a farinha esfriou, tocou-lhe com os dedos, provou-a com a ponta da língua e sentiu uma enorme alegria por estar viva.

Depois do almoço forçou-se a ir até à aldeia porque a escola a esperava. Atravessou a plantação onde, dois ou três dias antes, os escravos tinham estado a colher a mandioca. Reparou que tinham deixado um bocado de caule esquecido no chão. Toda aquela parte que

ficara encostada à terra já grelara e lançara raízes e, ao olhar para aquele tronco perdido que já se agarrava ao solo e já se renovava, o grande desgosto de não procriar abateu-se sobre si. No fim de contas, José Leite tinha razão. Ela não prestava para coisa nenhuma. Que pensaria Peter quando soubesse que não conseguia ter filhos? Continuar a desejá-la ou iria virar-lhe as costas, como o marido fizera?

Pensaria Peter em si? Todos os dias fazia a si mesma essa pergunta, uma, dez, cem vezes, enquanto caminhava por aqueles campos. Não havia geralmente ninguém e o silêncio dilatado pelo sol quente do meio-dia convidava ao sonho. E ela imaginava que ele estava ali consigo e que a beijava de forma funda e quente como da outra vez. Por vezes chegava mesmo a sentir o seu corpo e a ouvir a sua voz, e chorava, tal era o envolvimento que sentia com aquela memória. Outras vezes, pelo contrário, ria-se ao recordar as conversas ao fim da tarde, com o sol a cair, os pássaros a poisar nas margens do rio e eles a inventarem assunto para ficarem ali a falar um com o outro. Que prazer aquele, que belas e genuínas risadas tinham dado, que bem que tudo isso lhe fizera!

Suspirou e seguiu o caminho até à aldeia onde os seus pequenos alunos a aguardavam. Desviou os olhos do embondeiro solitário onde nunca mais se reproduzira o milagre da presença dele e durante três horas concentrou-se na vida da aldeia. Depois regressou à fazenda com a alma mais leve e a sensação de ter sido útil.

Ao entrar em casa ouviu Isaura dar ordens à cozinheira preta. Tentou ignorar o incómodo que tudo aquilo lhe causava e dirigiu-se à bacia para lavar as mãos,

– Podes sentar-te – ordenou Isaura.

Benedita sentou-se e só então reparou que José Leite, que entrara entretanto, se havia acomodado à mesa e já comia a malga, sorvendo-a em grandes e ruidosos goles como de costume. De tempos a tempos cortava um bocado de mandioca, que passava pelos beiços para rapar a gordura e em seguida comia.

A certa altura perguntou-lhe:

– Então, Benedita... Dormiste bem?

Ela não respondeu. Ele deu mais dois ou três goles e perguntou, virando-se para Isaura:

– Queres saber uma coisa, Isaura? Precisamos de gente aqui no Bumbo, de modos que ontem resolvi dar uma rega à Benedita. Desconfio que não vai servir de nada mas olha... dei-lhe uma rega.

Isaura riu-se como se tivesse achado graça à situação. Fingiu que o

assunto lhe era indiferente, mas não gostava que o seu homem – porque era o seu homem – andasse montado naquela mulher. Havia de lhe fazer pagar bem caro pela burricada. De momento, preferia vingar-se nela e limitou-se a dizer com desdém:

– Não te vai servir de nada. Quando a terra é ruim não há semente que pegue!

Foi então que Benedita agarrou na faca e, num repente, avançou para ela gritando palavras incompreensíveis.

Peter deitou-se naquele chão coberto de ervas, macio e ainda quente das ardências do dia, e sentiu um grande bem-estar: a terra-mãe africana acolhia-o de novo no seu regaço. Não havia luar, o que tomava ainda mais luminosas e feéricas as fogueiras que tinham acendido. Gostava daquelas primeiras horas da noite nas planícies africanas, em que o ar era leve e se respirava bem, e deixou-se estar ali embalado pelo escuro, de olhos pregados na vastidão do espaço, como se estudasse metodicamente as constelações do hemisfério sul. Os antigos imaginavam o firmamento a pouca distância, como o tecto côncavo e tranquilizador da grande casa divina – a abóboda celeste. Mas agora ele via-o como um inquietante vazio, infinito e negro, cuja imensidão o desamparava e lhe cortava a respiração. Era estranho como a sensibilidade dos tempos mudava as coisas... e como as pessoas eram minúsculas e irrelevantes à escala do universo.

Enquanto esperava que o sono viesse, foi ouvindo os sons do acampamento, que iam amainando em seu redor. Era gente a mais para o seu gosto. As caçadas longas forçavam-no sempre a optar entre viajar com pouca carga e poucos homens, e ficar vulnerável a ataques e extorsões, ou levar bastante equipamento e armamento que o defendesse de abusos, ainda que tornasse a caminhada mais lenta. Desta vez decidira levar uma grande comitiva e viajara com o já imprescindível João Gregório, o Imperador, e com mais de trinta carregadores, gente volátil e barulhenta, como de costume.

Alguns deles já haviam adormecido, gastos pela caminhada do dia e indiferentes às belezas da noite. Peter via-lhes as feições esfíngicas a dançarem num claro-escuro à luz oscilante do fogo. Outros ainda tagarelavam, e ele ouvia nitidamente as suas conversas e as instruções do Imperador a pôr ordem naquele caos:

– O Quipola fica na primeira vigia! Tu ficas na segunda e tu na terceira. E tu aí...sim, tu... põe mais lenha nessa fogueira!

Lá mais ao longe, por trás das vozes dos carregadores, conseguia distinguir os sons da savana, a agitação gregária dos grandes herbívoros. De tempos a tempos tudo se calava e ficava apenas o suspiro de uma brisa, o estalar da madeira no lume e o grito distante de um predador.

Aquele era o seu mundo, independente e feroz, sempre em movimento e sempre renovado, onde não costumava sobrar espaço para grandes dúvidas nem complicações. E era ali, na planície descoberta e arejada, longe das regras e das obrigações quotidianas que ele ficava geralmente em plena comunhão com a vida e se sentia verdadeiramente a existir. Assim tinha sido desde que viera para África. E no entanto esse mundo já não lhe bastava e em muitos momentos do dia aquela existência aborrecia-o. Os desafios da caça, o torvelinho da descoberta de novos territórios, tudo o que antes o entusiasmara e preencheria parecia-lhe agora insuficiente e doloroso sem Benedita.

Na manhã em que ela faltou ao encontro na aldeia do Bumbo ele deixou-se tomar pela desilusão e culpou-se a si próprio. Na sua avidez, medira mal o tempo e as distâncias, avançara cedo de mais e assustara-a. Um caçador tão experiente fizera um erro de principiante... Mas, num segundo momento, a auto-recriminação inicial deu lugar à zanga. Aquela mulher brincara com os seus sentimentos, seduzira-o, alimentara o seu amor e, à última hora, quando ele se expusera, rejeitara-o.

Magoado, afastou-se para bem longe e quis varrê-la rapidamente da cabeça e do coração. Mas entre o que queria e o que conseguia ia uma distância imensa. Os dias passavam e Benedita permanecia consigo. Por vezes uma frase que ela dissera acorria-lhe à memória e dava por si a sorrir como um tolo na aridez do caminho ou no meio do capim. Outras vezes, era a recordação do último encontro, o seu sorriso insinuante, aquela boca macia e doce, a mão dela nas suas e ele a sentir-lhe o coração a pulsar no dedos finos e longos. Outras ainda, era a sua ausência que lhe caía como uma tonelada sobre o peito, cortando-lhe a respiração. Tinha havido um tempo em que se sentira bem com as suas espingardas e os seus espaços ilimitados. Esse tempo fora-se, o equilíbrio rompera-se, e ele sabia que não voltaria a reequilibrar-se sem ela. Aquele era um amor diferente, mais intenso do que sentira por Kpengla. Quando a amazona lhe faltara, ele caíra num penoso vazio mas tinha sido capaz de se reerguer e de voltar a preencher a sua existência. Agora era como se tivesse atravessado uma fronteira para lá da qual não havia retorno possível.

Decidira, por isso, procurá-la assim que terminasse a caçada e

regressasse ao Bumbo. Engoliria o seu orgulho, domaria o seu ressentimento e não se deixaria demover pelas primeiras dificuldades e contrariedades. Insistiria e haveria de convencê-la a partir consigo.

Levantou-se do chão. Vasculhou a mochila em busca do lápis, do papel e de um coto de vela, que acendeu. Depois, deitou-se de barriga para baixo, apoiado nos cotovelos, e com o papel esticado sobre a coronha da espingarda iniciou uma nova carta. A partir do momento em que tinha decidido procurá-la, recomeçara a escrever-lhe. Era a sua forma de esticar a mão e sentir que ela ainda lá estava, junto ao embondeiro, à sua espera. Quando a reencontrasse de verdade – e já faltava pouco – entregar-lhe-ia as cartas todas juntas, como dantes.

O boi-cavalo avançava lentamente pelo caminho que conduzia a Moçâmedes e Benedita seguia em silêncio, sentada de lado na garupa ossuda, atrás do marido. Em seu redor, o terreno parecia mais seco do que nunca. Havia alguns matos rasteiros tão amarelados que se confundiam com a cor da terra. Era o primeiro dia de Fevereiro e a falta absoluta de água naquela época do ano era já muito evidente no rio que lhes corria ao lado e definhava, num esforço inglório para atingir a foz.

Ainda mais seco do que o terreno era o seu contacto com José Leite. A viagem durava há mais de oito horas e o marido não lhe dirigira uma palavra que fosse. Só lhe via as costas enormes e duras, retesadas pela insuportável tensão que se instalara entre os dois e que crescia à medida que se afastavam do Bumbo e do mundo habitado por pessoas. Desde a noite anterior que José Leite não lhe falava. Limitara-se a bater-lhe quando, ao jantar, ela crescera de faca em punho para Isaura. Tê-la-ia espetado bem fundo na barriga daquela víbora se o marido, rápido como um raio, não lhe tivesse tirado a faca da mão. Depois esbofeteou-a, atirou-a ao chão e fechou-a à chave no seu quarto, mas não lhe disse nada. Como também nada lhe disse na manhã seguinte. Limitou-se a abrir a porta do quarto, ao raiar do sol, e a arrastá-la até ao boi-cavalo. Ela subiu para a garupa e ali estava, agora, sem saber para onde ia nem para quê. Sentia-se encerrada naquele mutismo ressentido e hostil, naquele silêncio carregado de pesadas ameaças, que não sabia quebrar. Tinha medo.

Fez um esforço para esquecer a sua inquietação e deixou-se ir no balanço do boi-cavalo ao encontro da memória de Peter. Lembrou-se dos sobressaltos que a tomavam, na aldeia, quando via um vulto ao longe, e da esperança doida de que fosse ele – e era! Onde andaria o seu vulto

agora que tanto precisava dele?

Ela tão embrenhada nos seus pensamentos e nas inclinações do seu coração que nem percebeu que tinham parado. Só o constatou quando ouviu a voz seca de José Leite:

– Desce – ordenou ele, virado para trás no selim.

Ela obedeceu mecanicamente e deixou-se escorregar para o chão, sem compreender a razão de ser da paragem e daquela ordem.

– Despe-te.

Benedita recuou, aterrada, com os braços em cruz sobre o peito, abanando a cabeça da esquerda para a direita numa recusa obstinada.

Tomado de uma fúria ele desceu da montada, bateu-lhe com violência – ela sentiu o ardor na cara e o sabor do sangue na boca –, derrubou-a e rasgou-lhe o vestido.

– Gostas de te despir para aquele branco, minha puta? Então fica para aí e alimenta os pretos.

Deitou-lhe um olhar turvo e rancoroso. Depois virou-lhe as costas, subiu para o selim e chicoteou a montada, que partiu num quase galope. Benedita percebeu, em pânico, que ele a ia deixar sozinha no meio daquele deserto. Levantou-se e correu atrás do boi, com a mão esquerda a amparar o corpete rasgado e a mão direita bem aberta e estendida para diante a tentar apanhar a vida que lhe fugia.

– Pára! Espera, espera... Não me deixes aqui – suplicou.

Num último esforço, meio a tropeçar, pôs-se ao lado do boi e agarrou-se à perna do marido, implorando sempre:

– Eu faço o que tu quiseres. Não me deixes aqui!

– Larga-me – gritou José Leite, com raiva.

Num gesto brusco afastou-a asperamente com o braço. Como ela voltasse, chorosa, encolheu a perna esquerda e, apoiando o pé no peito da mulher, que chegava de novo implorante junto a si, escoiceou-a com força como quem expulsa um demónio. Ela foi projectada para trás e caiu violentamente no chão, rolando no pó. Ergueu-se a custo e procurou correr de novo atrás do marido, mas o boi-cavalo já ganhara bom avanço e percebeu que era inútil. A chorar convulsivamente de revolta, dor e pavor ficou a ver o animal afastar-se, envolto numa nuvem de poeira. José Leite nunca olhou para trás.

Quando conseguiu dominar o choro e as tremuras, Benedita olhou aflita em seu redor, tentando desesperadamente situar-se e raciocinar. Percebeu pelo aspecto do local que não devia estar longe da Pedra Grande, a enorme massa de granito que constituía uma espécie de

cisterna natural. Essa estranha lagoa – em boa verdade uma pedra com muitas cavidades na superfície e uma abertura maior, como a boca de um funil – guardava em depósito as águas das chuvas, que ali costumavam ser torrenciais, quando as havia. Se queria sobreviver, água era a primeira coisa de que precisava. Em seguida necessitava de ajuda. Enquanto caminhava, lembrou-se de que por vezes a Pedra Grande era guardada por um pequeno destacamento de quatro ou cinco praças e pediu protecção a Deus para a amparar se fosse esse o caso. Não queria imaginar o que poderia acontecer-lhe ali no meio daquele ermo se caísse na mão de um grupo de degredados a actuarem por conta própria, longe de qualquer controlo ou autoridade.

Caminhou durante vinte minutos em passo acelerado e com o credo na boca. Já perto da lagoa percebeu que não havia ninguém a guardá-la e sentiu um misto de alívio e de desânimo. Já tinha começado a andar sobre o granito quando viu um par de olhos a assomarem por trás do cume da rocha e sentiu-se gelar por dentro. Quando a cabeça emergiu por completo viu-se perante uma leoa que se aproximava num trote elástico e furtivo, mirando-a com intensa curiosidade. Benedita sentiu um aperto na barriga e um pavor tão intenso que a urina lhe escorreu pelas pernas. Correu desesperadamente, balbuciando e gemendo, em direcção à água, na esperança de que pudesse ser a sua salvação. Entrou de rompante na lagoa e avançou para o centro até quase perder pé. Só nessa altura viu que do lado oposto uma segunda leoa bebia placidamente, com a grande língua vermelha bem mergulhada na água e os olhos amarelos, parados e inexpressivos fixos em si.

Sentiu-se então apanhada numa armadilha, sem fuga possível, e, com a respiração tolhida por um intenso desespero, soube que ia morrer. A primeira leoa que parara à beira da lagoa lançou um rugido surdo para o ar, preparando-se para entrar na água. Foi nessa altura que tombou. Benedita viu-a cair e só depois ouviu o tiro – ou só depois percebeu que tinha havido um tiro. A leoa que bebia fugiu apressadamente. O estampido ficou a ressoar naquelas pedras e foi-se dissipando devagar, deixando ficar no ar um misterioso silêncio. Ela permaneceu cautelosamente no centro da lagoa, com a água pelo pescoço, olhando em todas as direcções em busca do seu abençoado salvador. Por fim, detrás do silêncio que se pusera, apareceu Kpengla, a caçadora preta. Dirigiu-se à leoa caída e certificou-se de que estava morta. Com a mão direita acenou a Benedita e fez-lhe sinal para que saísse da grande cisterna.

E ela veio lentamente, insegura, sem saber o que podia esperar. Assim que a viu sair da água, com o peito nu e a saia encharcada colada às coxas, Kpengla caiu de joelhos à sua frente e, abraçando-a pelos quadris, enterrou a cara no seu ventre molhado. De seguida beijou-o repetidamente, proferindo frases incompreensíveis:

– Adadine, etete, etete!²

Benedita ficou perplexa, siderada, grata. Estava tomada de um tal espanto e confusão que não conseguia mexer-se. No meio do seu embaraço, pareceu-lhe que Kpengla chorava, abraçada a si, e então, muito a medo, colocou-lhe as mãos molhadas na cabeça e afagou-lhe o cabelo crespo como se isso servisse para a acarinhar e tranquilizar.

De catana na mão, os escravos enfrentavam o canavial que escorria pela encosta abaixo e vinha cair sobre eles como uma densa e alterosa onda verde. Seriam talvez uns trinta homens e mulheres, numa fila esparsa que se estendia quase a perder de vista. Alguns cantavam a plenos pulmões e as suas cantorias abafavam o som da pancada das lâminas a ceifar as canas. Deitavam os troncos decepados para trás das costas à medida que iam avançando naquele mar de folhas e caules, e outros escravos – moleques, sobretudo – iam-nos juntando em feixes, que carregavam no carro de bois para levar ao engenho.

Vicente andava por ali supervisionando o trabalho. Trazia um chapéu de palha com abas largas, pistola à cinta e fumava um charuto afilado, como se fosse um capataz cubano. Bernardino admirava-lhe a sobriedade. Nunca usava chicote, como era prática corrente noutras plantações. Bastava-lhe elevar a voz e raras vezes o fazia. Homem experiente, o seu capataz sabia fazer-se respeitar e sabia organizar o trabalho. Como era habitual, dividira os escravos em dois turnos que, com o andar do tempo, se revezariam. Os que estavam no campo a cortar cana trabalhavam de sol a sol, com duas interrupções para as refeições. Os que estavam no engenho começavam a labuta a meio da tarde e continuavam-na pela noite fora até ao início da manhã seguinte, altura em que se parava o trabalho para limpeza dos mecanismos.

Vida dura, aquela! Uma vez cortada, a cana tinha de ser aproveitada num prazo máximo de dois dias, para que não secasse e o seu suco amargasse, e isso impunha que se trabalhasse em ritmo acelerado. Habitados a viver em África, aqueles pretos ainda não tinham noção das exigências da produção açucareira. Mas Bernardino, que vivera vários anos em Pernambuco, sabia que o trabalho nos engenhos requeria

habilidade e muitíssima atenção devido à velocidade de rotação dos cilindros de pedra que espremiam a cana. Conhecia vários casos de mãos e braços esmagados.

Mas para quê pensar nisso agora? Estava-se no início da safra do açúcar, havia alegria no ar e o trabalho corria bem. Mais tarde as coisas poderiam mudar, quando o cansaço e os acidentes comessem a cobrar o seu preço, mas por enquanto não queria pensar em desgraças. Por cima do canavial o céu muito azul e sem nuvens de princípios de Fevereiro prometia tempos de bonança e prosperidade, e ele sorriu de orgulho e satisfação. Virando-se para os dois oficiais da Marinha que tinha a seu lado, garantiu:

– *Dans deux mois nous aurons du bon sucre.*

Os oficiais pareceram concordar. O mais velho, um homem grande com o cabelo todo grisalho, fez uma leve mesura e retorquiu com típica elegância francesa:

– *C'est ce que je vous souhaite, Monsieur Figueiredo. Vous l'aurez sans doute bien mérité.*

Nessa altura lançou-se um grito de entre as canas e um preto saiu do canavial a correr, agarrado ao braço direito, com o pavor estampado no rosto. Depois atirou-se para o chão, estrebuchando. Gerou-se confusão, outros pretos acorreram e Vicente chegou para se inteirar da ocorrência. Bernardino viu-o de joelho em terra e costas dobradas, inclinado sobre o homem caído que continuava a contorcer-se, e quando por fim o capataz se endireitou atirou-lhe:

– O que há, Vicente?

– Uma cobra, Sr. Figueiredo. Este não deve escapar...

Bernardino condeou-se do pobre escravo. A sua expressão carregou-se quando explicou aos perplexos franceses que um dos seus homens fora mordido por uma cobra venenosa e que esse era um dos perigos do trabalho no meio das canas.

– *Pauvre nègre* – disse o mais novo dos oficiais.

Viraram costas ao canavial e Bernardino conduziu os seus acompanhantes ao longo do caminho traçado pelo sulco das rodas do carro de bois. Passaram pela correnteza de casas térreas que serviam de habitação dos escravos e de depósito das alfaias agrícolas. Os oficiais queriam saber tudo e o anfitrião apontava, gesticulava e desempoeirava o seu melhor francês para os satisfazer.

Podia dizer-se que corria por gosto e às ordens do seu coração sociável. Assim que soube da chegada do brigue *Le Mercure*, o primeiro

navio de guerra estrangeiro que aportava a Moçâmedes, tratou logo de convidar o seu comandante e quem ele quisesse trazer. O capitão Comminges de Marselly deu-lhe a honra de aceitar o seu convite e veio em pessoa, juntamente com o seu imediato, o tenente Gabet. Dois garbosos oficiais que davam um toque estrangeirado à sua fazenda e que fariam ressoar o seu nome nos ofícios e nos corredores das repartições do Ministério da Marinha, em Paris. E talvez isso transpirasse até Lisboa e o ajudasse a recuperar a posição cimeira que já fora sua.

Após um lauto almoço, Bernardino levou os seus dois convidados numa visita guiada pela sua propriedade, deixando propositadamente para o fim a jóia da sua coroa, o recém-inaugurado engenho que começara a moer a cana havia apenas dois dias.

Passaram a grande abertura que servia de porta principal do engenho e entraram na divisão maior. Quatro pares de bois giravam em círculo, fazendo rodar uma grossíssima barra vertical, situada a meio do recinto. A barra transmitia o movimento por meio de um sistema de rodas dentadas que se articulavam entre si uns bons sete ou oito palmos acima dos bois e faziam girar três grandes cilindros de pedra tangenciais e cujos eixos estavam dispostos como se fossem as arestas de um prisma triangular. Um escravo introduzia a cana por um dos lados do cilindro mais próximo e ela saía pelo lado oposto completamente espalhada, indo o suco cair num recipiente colocado por baixo do mecanismo.

– *Ça c'est le bagaço* – gritou Bernardino, exibindo um bocado da cana espalhada.

O barulho de todas aquelas engrenagens a rodarem sobre si mesmas ou a rasparem umas nas outras era ensurdecedor e grande parte das suas explicações perdia-se. Ficavam apenas os seus gestos demonstrativos, enérgicos, entusiasmados, e a anuência dos franceses, que acenavam com a cabeça à medida que iam entendendo o funcionamento do engenho.

Passaram à divisão seguinte, onde se achavam as caldeiras com as competentes fornalhas. O calor era intenso, abafava-se, e o escravo que trazia o suco da cana para purgação tinha o tronco e a cabeça alagados em suor. Fugindo daquele inferno, os visitantes transitaram quase de imediato para outra sala. Havia um cheiro húmido e enjoativo no ar e meia dúzia de escravos atarefavam-se num afã de formigas, deitando cautelosamente o líquido extraído das caldeiras numa espécie de funis feitos de barro. Era nesses vasos que o açúcar solidificava e cristalizava, enquanto o melaço e outras impurezas iam saindo pelos orifícios dos

funis e escorrendo em calhas até um tanque de pedra.

O capitão de Marselly tirou um pouco de mascavado ainda quente, que meteu na boca. Chupou-o com ar entendido durante uns segundos e logo o classificou:

– *Très bon!*

A visita desaguou e concluiu-se no recinto contíguo, onde se montara a destilaria com o alambique. E, aí, os franceses foram-se eternizando em prolongados sorrisos, sentados na beira das tinas onde fermentava o melaço, bebendo vários cálices da má aguardente do ano anterior e brindando longamente ao sucesso da fazenda. Bernardino acompanhou-os nas libações. Risonho, quase eufórico, com a mão apoiada na longa serpentina por onde escorria o precioso líquido, fez votos de eterna amizade luso-francesa, agora que os ossos de Napoleão apodreciam em Paris e que as invasões dos seus generais eram apenas uma distante memória.

– *Vive la France* – chegou ele a gritar, de braço bem esticado no ar e cálice vibrante na mão.

A tarde já terminava quando os dois estrangeiros se despediram. Ainda quiseram espreitar o armazém onde os carros de bois iam depositar a cana que outros lavradores enviavam para moer, mas depois lá partiram, muito joviais, para Moçâmedes. Bernardino deixou-se ficar junto da cerca nova para corresponder à amizade borracha dos franceses que, de minuto a minuto, se viravam para trás, para acenar energicamente.

E foi no momento em que regressava a casa, cansado mas contente consigo próprio, certo de que prestara um bom serviço à colónia e ao país, que a viu encostada a um dos muros do curral.

– Benedita? – estranhou, correndo para ela. – Que aconteceu? Onde está o seu marido?

Ela não respondeu logo. Estava muito pálida, desgrenhada e com as roupas rasgadas e arrançadas com cordas.

– Posso ficar aqui esta noite?

– Sim, claro que sim. Mas... que se passa? – insistiu ele, preocupado.

– Eu já conto.

Bernardino passou-lhe o braço, paternal, em redor dos ombros e guiou-a em direcção à casa, onde já começavam a acender-se algumas lanternas porque as noites em África caíam de repente.

Ela espalmou a mão contra o peito e depois ajeitou o cabelo para diminuir o desconforto por se sentir suja e desarranjada.

– Será possível tomar um banho?

– Sim, já se arranja água.

Ela fez um sorriso agradecido e, a medo, nova pergunta:

– E amanhã posso ir buscar as roupas que ainda tenho em Moçâmedes?

– Sim, digo ao Libânio e a uma das escravas que vão lá consigo e ajudam-na a trazer o que houver. Mas venha para dentro... Precisa de se lavar e de comer.

Ao passar a soleira da porta, sempre a ampará-la, gritou para a cozinha:

– Ponham mais um lugar à mesa. Temos outra visita.

Ao jantar ela contou-lhe tudo, omitindo apenas o que dizia respeito a Peter e os detalhes mais escabrosos. Narrou o inferno da sua vida com o marido, as constantes afrontas que sofria, a chegada de Isaura, o abandono no meio de um ermo, entregue aos bichos, e como a caçadora preta a salvara e a conservara junto a si até ter a certeza de que José Leite já regressara ao Bumbo e de que era seguro voltar. Às vezes os soluços e as lágrimas vinham interromper-lhe a narrativa. Ela tapava a cara com as mãos e justificava-se:

– Desculpe... Desculpe.

Outras vezes o seu olhar adquiria uma dureza estranha, uma insensibilidade de fera, que atemorizava.

Sentado à sua frente Bernardino ia bebendo aquelas palavras. De tempos a tempos acarinhava-a, incitando-a a continuar. Depois comovia-se, adiante indignava-se. Sabia agora sem margem para qualquer dúvida que José Leite era um facínora, um criminoso, um monstro da sociedade. E decretou:

– Não pode continuar a viver com esse homem.

Benedita pareceu não ter ouvido e pediu-lhe para tocar piano. Passaram à sala e ela sentou-se no banco, afagou as teclas e foi deambulando por Chopin. Ainda não se esquecera daquelas valsas. A sua expressão ficou progressivamente mais doce, e até feliz, como se aquele piano e aquela música assinalassem o seu reencontro com a vida e o conforto. E enquanto ela tocava Bernardino ia passando da preocupação ao contentamento. Em seu redor a casa enchia-se de cor e de alegrias cultas, reencontrando uma harmonia perdida. Ninguém tocara aquele piano desde que ela partira para o Bumbo. O longo luto terminava agora numa aurora de esperanças. Há muito que sentia por aquela mulher uma estranha mistura de sentimento paternal e de desejo febril. E de repente

ela estava ali, livre, sofrida, carente de protecção e ele tinha um amor transbordante e dois braços abertos para a acolher.

Subitamente, ela interrompeu uma valsa e virando-se no banco para o encarar de frente implorou:

– Ajude-me a sair daqui, Bernardino. Eu quero voltar para o Brasil.

Ele alarmou-se:

– Que vai fazer para o Brasil? Já não conhece lá ninguém. Sabe o que sucede a uma mulher jovem e bonita como a Benedita que vá sozinha para o Brasil?

Ela teve um estremecimento de horror.

– Eu sei. Escusa de mo dizer.

E sabia, de facto. Recordava-se perfeitamente de ter visto em Pernambuco dezenas e dezenas de raparigas portuguesas que ali desembarcavam cheias de entusiasmos e sonhos de rápida riqueza, e que em pouco tempo se perdiam, confinadas às ruas de mau nome, cobertas de andrajos e das doenças próprias das mulheres de costumes corrompidos. Ela não queria perder-se nem que a perdessem – queria encontrar-se. A sua vida estava envolta numa espessa neblina, num persistente sofrimento, e necessitava desesperadamente de encontrar um destino e uma luz que a guiasse.

– Venha comigo a Lisboa e logo veremos – sugeriu Bernardino.

Ela surpreendeu-se:

– A Lisboa?

Ele confirmou com a cabeça. Depois do conflito com o velho Costa e com o novo governador pensara demoradamente sobre o melhor rumo a seguir e decidira-se por uma viagem a Lisboa. Era um caminho trabalhoso, demorado e dispendioso, mas imprescindível naquelas circunstâncias. As cartas que escrevia a Luz Soriano, no ministério, seriam muito úteis em tempos normais, mas agora estava rodeado de inimigos que se tinham alcandorado a posições de poder e precisava de ir a Lisboa desmascará-los, fazer-lhes a cama e arranjar os apoios necessários para lhes resistir. E, se conseguisse obter mais dinheiros para a colónia, então seria verdadeiramente ouro sobre azul.

– Quer vir a Lisboa? – repetiu. – Mudava de ares... fazia-lhe bem.

Ela olhou-o demoradamente como se estivesse a medir palmo a palmo o alcance e as implicações daquela proposta. Precisava da ajuda de Bernardino, da sua protecção, da sua amizade, do seu conselho. Confiava nele, sabia que era uma pessoa sólida e boa, mas nunca mais queria ficar de mãos e pés atados sob o domínio de um homem, por

melhor que ele fosse. Gostava de Bernardino e sabia o que ele sentia por si, mas não o amava. O seu amor era Peter, a quem, se partisse para Lisboa, iria virar costas uma segunda vez, talvez para sempre. E, no entanto, que outra coisa poderia fazer naquela situação impossível? Poderia ficar ali, naquele meio pequeno, sozinha e desprotegida (e inteiramente vulnerável durante o período em que Bernardino estivesse em Portugal)? Era a mulher legítima de um homem que tentara matá-la, e que voltaria certamente a tentar.

Apeteceu-lhe chorar. Eram demasiadas fraquezas, demasiado cansaço e demasiados dilemas para que a sua pobre cabeça tentasse sequer começar a resolvê-los. Por isso, deixou-se ir, dizendo a si própria que era uma simples questão de sobrevivência. Fixou Bernardino nos olhos e acedeu em voz baixa:

– Está bem.

Ele sorriu, satisfeito, e fez-lhe uma festa na mão. Nessa noite Benedita deitou-se na sua antiga cama e dormiu um sono pesado de exaustão e desalento.

¹ O cazunguel era uma medida angolana de capacidade e equivalia ao alqueire, ou seja, a aproximadamente 14 litros.

² Adadine, perdoa-me, perdoa-me!

Lisboa

José Ferreira Pinto Basto tirou os óculos para limpar as lentes engorduradas. Os seus olhos mantinham a curiosidade diligente de sempre – eram olhos de rapaz na cara de um homem de cinquenta anos – e foram percorrendo o escritório, para se ocuparem ou distraírem, enquanto os dedos iam fazendo mecanicamente o seu trabalho de limpeza. Voltou a pôr os óculos, que lhe quebraram a vivacidade do olhar reforçando, em contrapartida, o seu ar bondoso e filosófico – ar de filantropo inglês e cofiou a barba em busca de inspiração.

Agitavam-no de novo ideias de formação de companhias para aproveitar as riquezas ultramarinas, e estava nesse momento a tratar com o seu irmão Anselmo e outros investidores da formação da Companhia Luso Africana Oriental. Continuava firmemente convencido de que uma companhia colonial privilegiada era a única forma de interessar os homens pecuniosos a investir em África, e estava certo de que desta vez o Governo iria conceder os privilégios que lhe pediam. O irmão Anselmo casara-se com a filha do Jervis de Atouguia, o ministro da Marinha, e essas coisas ajudavam sempre. Para além disso contariam com a boa vontade do Almeida Garrett no Conselho Ultramarino. É claro que muitos dos que não faziam nem deixavam fazer viriam opor-se aos privilégios em tiradas inflamadas, dizendo que os investidores iriam extrair avultadas riquezas das regalias concedidas – e decerto que sim. Mas quanto não cresceria, a par destas, o comércio e a indústria nacional? Quantos braços se não empregariam? Que novas riquezas não veria o Tejo? Quando pensava numa companhia africana, o seu peito dilatava-se e a sua imaginação perdia-se no infinito ao contemplar o movimento rápido de tão infalíveis progressos.

Esteve assim largos segundos a sonhar riquezas e a olhar para além da janela e da claridade que iluminava a tarde, lá fora. Depois, mergulhou o bico da pena no tinteiro e começou a escrever:

Meu caro Peter,

Continuo a tratar da companhia para a África Oriental, como lhe contei na minha última carta. Mas isso não invalida o meu antigo interesse pela região de Moçâmedes. Também para aí estou a tentar convencer os homens de dinheiro a empregá-lo proveitosamente nesses terrenos desaproveitados, e para isso conto com a sua preciosa ajuda.

O meu prezado amigo percorre os sertões de Moçâmedes há muitos anos, conhece a fauna, a flora, as populações e até a recente colónia que veio de Pernambuco. A sua presença em Lisboa seria, por isso, de muita utilidade para me ajudar com os mais cépticos e para definir metas razoáveis ao nosso empreendimento. Não queremos ideias cerebrinas, nem o sistema fantasmagórico de algum financeiro acrobata. Queremos uma coisa sólida, com os pés bem assentes no chão. Espero poder contar com o seu insubstituível auxílio. Aceite o meu convite e venha passar uns tempos em Lisboa. Cedo-lhe 4% de uma futura sociedade em troca da sua opinião e da sua participação activa nesta boa causa.

Deixou a pena no tinteiro para reler o que escrevera e achou-se suficientemente persuasivo. Foi até uma mesinha próxima e encheu um cálice de Porto, que beberricou para dar sorte e celebrar antecipadamente a vinda do alemão. Depois, regressou à escrivaninha, concluiu a carta com as fórmulas do costume, lacrou-a enquanto acabava o cálice de vinho e tocou a campainha para chamar o criado.

Passado pouco tempo um homem pequeno e roliço apareceu à porta.

– V. Ex.^a chamou?

– Chamei... Corres à embaixada inglesa e pedes ao Sr. Taylor (sabes quem é?) que me faça seguir isto até Luanda pelo pacote inglês, ao cuidado do cônsul Brandt, para ser mais rápido. Percebeste bem?

*

No dia em que partia para Lisboa, Bernardino levantou-se mais cedo do que era habitual e antes mesmo de tomar o pequeno-almoço escreveu uma carta ao sócio, dissolvendo para sempre a sociedade que os ligava.

Às dez da manhã despediu-se da sua preta Guilhermina, ajudou Benedita a subir para a carroça onde os escravos já tinham arrumado a volumosa bagagem – tencionava ficar pelo menos um mês em Lisboa – e, antes de ele próprio subir, entregou a carta a Vicente, com a indicação

de que a fizesse chegar ao destinatário no Bumbo. Depois, a carroça partiu para Moçâmedes.

Chegaram à povoação pela parte plana, vindos do Norte. A baía acolhia alguns barcos de pesca e a pouca gente que àquela hora ainda não abalara para a faina. Na areia dourada da praia dois militares apontavam para a água e davam passos largos e contados, como se medissem comprimentos. Estavam por certo a planear qualquer construção – talvez o pontão de madeira, de que tanto se falava e tão preciso era. O mar muito manso e de um azul luminoso lambia a areia num ir e vir ternurento e preguiçoso. Lá no topo, a Fortaleza de S. Fernando velava, altaneira.

O cocheiro levou a carroça até perto da beira-mar, travou-a e começou a descarregar as malas. Benedita já se sentara no escaler que a iria levar ao navio quando viu Kpengla junto às palmeiras à entrada da praia. Ao ver a preta, os seus olhos encheram-se de lágrimas e levou a ponta dos dedos aos lábios como se quisesse enviar-lhe um beijo. Depois emocionou-se, ergueu-se no escaler, fazendo-o balançar, e acenou energicamente para terra:

– Adeus, Kpengla. Eu hei-de voltar um dia.

A preta levantou o braço direito como se fizesse uma saudação, mas não respondeu nem saiu de onde estava. Ali ficou, junto às palmeiras, durante todo o tempo que durou a carga das bagagens e até o patacho *Jovem Venceslau* levantar ferro. Benedita permaneceu na amurada, a acenar com um lenço, enquanto o navio descrevia um arco e se afastava para o mar alto. Bernardino deixou-se estar pacientemente a seu lado sem dizer palavra.

– Devo a vida a esta mulher, Bernardino – justificou-se ela, sem desviar o olhar da praia. – Nunca o esquecerei.

Ele ficou a observá-la de perfil. Nos últimos dias tinha passado horas esquecidas a contemplá-la, a admirar o seu porte elegante a tocar piano, ou a maneira educada como comia. A extasiar-se com as suas formas e a desejar tocar-lhe. E, quando se surpreendia com a intensidade do seu desejo, dizia a si próprio que entre um homem e uma mulher amor era isso mesmo: uma vontade forte, persistente, de contacto físico. O resto era amizade, meiguice, companheirismo, que, sendo bons, não eram aquele jogo de estimulação de si mesmo e do outro que só o amor físico podia dar. Amava aquela mulher ainda que suspeitasse – ou soubesse – que o sentimento não era recíproco. Essa falta de reciprocidade era qualquer coisa que ela procurava geralmente disfarçar. Mas nem sempre

o conseguia e às vezes, numa frase ou num gesto, deixava-lhe entender, suave e indirectamente, que não estava apaixonada por ele. Quando isso sucedia Bernardino sentia uma leve amargura e uma nuvem cinzenta vinha toldar-lhe a alegria. Mas varria rapidamente essa nuvem do pensamento. Dizia a si próprio que preferia não saber e que o importante era não se deixar desencorajar. De momento queria apreciar a viagem e, sobretudo, a companhia dela. Essa era uma das coisas úteis que podia fazer. A outra era conquistá-la, cativá-la, na certeza de que com o tempo Benedita aprenderia a amá-lo. A pequena parte dela a que ele já acedia fazia-lhe antever as delícias que viriam de uma posse maior, mais plena, a concretizar num futuro próximo.

Durante a semana em que estiveram confinados no *Jovem Venceslau*, rumando a Luanda, Bernardino desdobrou-se em atenções. De dia davam demorados passeios na tolda e, para que Benedita não se maçasse, contava-lhe histórias e feitos, explicava-lhe os fenómenos naturais e ouvia-a atentamente quando ela queria desabafar. De noite ficava de vigília a vê-la dormir, como se Benedita requeresse protecção permanente. E, enquanto a via respirar suavemente, com a expressão doce e sossegada, ia-lhe dizendo baixinho frases de amor que não ousava dizer de dia:

– Dorme bem, morena do meu coração... Minha doçura, minha beleza...

Deixava-se ficar assim durante horas à sua frente, na penumbra, a olhar para o seu vulto adormecido, a dizer frases ternas e a desejá-la. A toda a hora lhe apetecia pegar-lhe nas mãos, para a sentir melhor, ou beijá-la na boca e no peito redondo que ia subindo e descendo no impulso da respiração. E, no entanto, continha-se para não a chocar nem assustar. Respeitava os seus alheamentos e os seus silêncios tristes. Era natural que ainda se sentisse muito ferida e que não quisesse proximidades com um homem. O tempo certo haveria de chegar pelo seu pé, naturalmente e sem precipitações.

Foi só à vista da baía de Luanda que o estado de espírito de Benedita, geralmente repassado de melancolia, começou a desanuviar. O navio foi costeando a ilha até chegar à embocadura do porto e com a cidade pela frente, em anfiteatro, Bernardino apontou-lhe os edifícios de que ainda se lembrava – «Ali no topo é o castelo de S. Miguel» – e ela foi-se deslumbrando.

– Que cidade bonita! Faz lembrar S. Salvador.

A recordação de S. Salvador da Baía, que visitara com os pais,

enterneceu-lhe a alma e predispo-la a gostar daquela terra que se alongava ali sob os seus olhos. O *Jovem Venceslau* foi dar fundo face à Fortaleza de S. Pedro e eles desembarcaram passado pouco tempo. Estava um dia quente. O céu parecia chumbo derretido e o ar pesava, denso e imóvel. Benedita sentou-se num dos pilares de amarração, com uma pequena sombrinha para se proteger do sol, e ficou a abanar-se com um leque e a observar o bulício do porto, a ida e vinda das lanchas e dos botes que faziam os transbordos. Bernardino tratava das bagagens e já tinha gente a carregá-las numa carroça quando ouviu chamar o seu nome:

– *Monsieur Figueiredo!*

O capitão Comminges de Marselly vinha acompanhado de um indivíduo de baixa estatura e cabelo encaracolado que, com algum esforço de memória, acabou por situar. Era Augusto Garrido, o homem que promovera a recolha de fundos para auxiliar os colonos de Moçâmedes e que ele tivera ocasião de conhecer aquando da sua primeira estadia em Luanda. Cumprimentou ambos calorosamente, como era seu hábito, e em especial o oficial francês, que tinha genuíno gosto em rever.

– *Vous ici, à Luanda? Mais quelle bonne surprise, capitaine!*

– *C'est ça la Royale¹, Monsieur! Le plaisir bourgeois de changer de maison tous les mois.*

Apresentou Benedita a ambos e o oficial francês beijou-lhe a mão e disse coisas galantes que a fizeram sorrir. Dando livre curso aos seus ímpetos cavalheirescos e à sua verve de marinheiro educado e viajado, Comminges comparou-a com as mais belas flores do Taiti, elogiou a sua insuperável frescura, a sua nunca vista simpatia. Benedita agradecia, embaraçada, escondendo um pouco a cara atrás do leque. Augusto Garrido ficara de lado, com um sorriso pregado de quem se sente sem papel a desempenhar. Indiferente à incomodidade dos outros o capitão ia falando ininterruptamente, com o corpo levemente inclinado para ela, numa posição de admiração e respeito, e teria prosseguido nessa via se Bernardino não lhe tivesse desviado a atenção, contando que iam a caminho de Lisboa para tratarem de assuntos de Moçâmedes.

– *Et vous, capitaine?*

Comminges explicou que parara no porto para reabastecer e carregar carvão no depósito do Sr. Garrido. Depois, recordou entre gargalhadas o dia bem passado na Fazenda dos Cavaleiros. E, desejando retribuir as atenções de que fora alvo, convidou-os para assistirem à peça teatral que

nessa mesma noite iria ser representada pela sua tripulação a bordo do Le Mercure.

Quando se despediram Benedita sorria, encantada. Bernardino sorria também, reconhecido. Afastara o ciúme que o espicava e sentia gratidão por aquele oficial francês que caíra das nuvens como uma inesperada bênção e viera limpar a preocupação do olhar dela. A partir do encontro fortuito com Comminges de Marselly o semblante de Benedita iluminou-se. Depois de se terem acomodado na pequena casa térrea da Rua de Salvador Correia, que Augusto Garrido pôs gentilmente à sua disposição enquanto permanecessem em Luanda, ele levou-a a visitar a cidade. De caminho passou por uma casa onde havia um bom sortimento de camisas e vestidos e ajudou-a a escolher uma toilette que não a envergonhasse e fosse apropriada para a ocasião.

À hora apazada dirigiram-se ao Penedo, onde o brigue francês ancorava. Havia bastante gente. Algumas senhoras apertadas em espampanantes vestidos de algodão abanavam-se com leques para afugentar o calor da noite e velar o encanto dos colos, demasiado expostos. O cônsul Brandt, uma inesperada presença inglesa em território francês, cumprimentava a torto e a direito, contorcendo a sua descolorida e escanzelada figura em esgares e medidas. Alguns oficiais da Armada conversavam com Comminges junto ao mastro grande. Espalhados pelo convés havia muitos representantes do corpo de comércio local – entre os quais Augusto Garrido –, militares em uniforme de gala e até estava um tal D. Nicolau de Água-Rosada, um jovem negro apático e triste que era filho do rei do Congo e que parecia não saber ao certo o que fazia ali.

Os espectadores sentaram-se em cadeiras, no tombadilho, em frente de um improvisado palco no castelo de popa. Os marinheiros representaram a peça *Le Tourlourou*, um *vaudeville* em 5 actos que a todos divertiu. Benedita riu com gosto, esquecida das suas mágoas, e bateu palmas animadamente. O tenente Gabet, que ficara ao seu lado, esmerou-se em delicadezas para lhe explicar os segundos sentidos de várias passagens do enredo. E ela retribuiu a gentileza elogiando o bom arranjo da cena. Às nove horas foi servido um chá e Comminges veio prestar-lhe as suas homenagens. Por volta das onze todos se retiraram.

Benedita ia felicíssima. Nessa noite permitiu que Bernardino a beijasse, a despiu e a acariciasse. Ele sentiu-se recompensado pela sua paciência, abençoado por ser finalmente acolhido nos braços daquela mulher que há tanto tempo desejava, por poder beijar-lhe os seios e

possuí-la como sua, ainda que o não fosse. Fizeram amor demasiado depressa porque ela assim o quis, como se tivesse urgência em passar uma fronteira, e porque, na sua avidez há muito retida, ele não soube demorar-se nem demorá-la. No final ela chorou e escondeu a cara na almofada e ele, confundido, embaraçado, não encontrou as palavras certas para lhe dizer. Fez-lhe festas até ela adormecer.

A casa era um pouco fria mas tinha boa luz e uma vista magnífica sobre o Tejo, e Joaquim Baptista Moreira deixou-se ficar parado à janela, absorvido pelo espectáculo dos barcos que deslizavam na superfície luminosa do rio. Um ronceiro vapor com as pás laterais numa afanosa rotação rumava à Vala da Azambuja esgueirando-se entre os veleiros que se espreguiçavam presos às âncoras. Espalhadas pelo céu as gaivotas esvoaçavam em volta dos barcos que voltavam da pesca e davam grandes gritos que o vento trazia até ali.

O sino da igreja tocou as quatro horas e ele despertou do seu encantamento fluvial, caindo de imediato na preocupação que lhe envenenava os dias. Tinha vindo a Lisboa por iniciativa própria, para limpar o nome que tão enxovalhado estava a ser. De princípio, quando o escândalo surgiu, deixou-se ficar quieto no Recife, na esperança de que o assunto morresse por si. Infelizmente as acusações foram-se acumulando e não tinha havido outro remédio senão vir a terreiro limpar a face. Todo aquele assunto era muitíssimo desagradável mas estava convencido de que as suas justificações fariam fé. Diria que a culpa não era sua e que os títulos e inventários já não existiam, roídos pelo salalé, o pequeno verme que tudo destruíra. No fim., a sua palavra haveria de prevalecer.

– Adélia!

Apetecia-lhe um chá para descontraír os nervos.

– Adélia – chamou de novo, só então lhe ocorrendo que a cozinheira saíra.

Olhou para a mesa onde tinha depositado o *De Claris Oratoribus*, de Cícero, para ler até à hora do jantar. Nunca como agora precisara tanto de apurar a capacidade oratória, e não havia, por certo, melhor professor do que aquele velho romano. De qualquer modo Cícero ainda teria de aguardar um pouco mais para que ele acabasse de guardar os papéis que trazia na mão.

Entrou no quarto de dormir e dirigiu-se para o grande cofre que atravancava um canto da divisão. O pequeno andar que o Ministério dos

Estrangeiros lhe arranjava estava razoavelmente mobilado mas não tinha onde guardar valores e ele exigira um cofre. Trouxera muito dinheiro – não sabia quanto tempo iria ficar em Lisboa bem como títulos e acções nominais, na esperança de as transaccionar com lucro. Tudo somado equivalia a uma quantia muito respeitável e fizera a viagem de Pernambuco até ali, no veleiro, sempre em aflições, com o pavor de ser roubado pelos outros passageiros ou pela marinhagem. Ora, para quê prolongar esses dias de estúpida inquietação? Não queria os seus bens à mão de semear – sempre ouvira dizer que aquela cidade era um cóio de ladrões – e por isso insistira com a gente do ministério, que lá acabara por lhe resolver o problema.

Destravou a porta do cofre e puxou-a para si, com força – para abrir era sempre precisa alguma força. A porta girou nos gonzos com um sussurro bem oleado, maciço, deixando a descoberto várias prateleiras com papéis e notas. Arrumou as acções da Companhia das Lezírias – que acabara de comprar – junto dos outros títulos, afagou amorosamente o seu dinheiro e fechou a porta com suavidade.

Benedita acordou tarde, com a cama só para si. Bernardino tivera de ir ao Ministério da Marinha e saíra cedo, ainda ela dormia. Lá fora chovia intensamente e ela gostou de ouvir o som martelado da chuva a cair no chão, como um rufar de tambores distantes, que lhe lembrava Pernambuco no tempo das batucadas e lhe apaziguava as angústias.

Sabia que os dias de descanso solto e perdido em Lisboa iriam terminar em breve e não tinha ideia do que fazer quando isso sucedesse. Não queria voltar para Moçâmedes, sepultar-se de novo naquele deserto, mas não parecia haver outra solução. Animava-se dizendo a si mesma que era lá que estavam Peter e Kpengla, a quem prometera que voltaria um dia. Mas regressar a Angola também equivalia a prolongar aquela ligação ambígua com Bernardino. Estava-lhe infinitamente grata por a ter socorrido num momento de tão grande aflição e por lhe ter proporcionado tudo o que tinha vivido nos últimos dois ou três meses, mas gratidão não era amor. Às vezes queria dizer-lhe preto no branco que não o amava o suficiente para ser sua mulher, mas as palavras não lhe saíam, a verdade fraquejava-lhe na garganta e ela ficava muda e desgostosa consigo própria por não conseguir ser totalmente sincera para com ele.

Bateram à porta.

– Entre!

Era a criada de quarto, que lhe trazia o pequeno-almoço à cama: torradas com manteiga, mel, chá e o jornal do dia. Mastigou uma torrada e, enquanto esperava que o chá arrefecesse, desdobrou o jornal. Desde que estava em Lisboa habituara-se a ler diariamente um dos vários periódicos que o hotel disponibilizava. Era uma forma de se manter a par do que acontecia e de saber quais os espectáculos que poderia ir ver.

Desta vez traziam-lhe o Diário do Governo, de que não gostava particularmente pois não tinha muito assunto. Porém, a palavra Pernambuco chamou-lhe a atenção. Logo na primeira página, por baixo do tradicional «Suas Majestades e Altezas passam sem novidade em Sua importante saúde», havia uma exposição de vários súbditos portugueses residentes em Pernambuco contra o cônsul Joaquim Baptista Moreira. Percebeu, ao cabo de poucas linhas, que a questão já chegara às Cortes.

Acusavam o cônsul de não zelar pelos bens dos portugueses mortos sem testamento e com os herdeiros ausentes. Arguiam-no de incúrias. Diziam que fechava os olhos a extravios nos inventários de bens e que não se opunha aos que se apresentavam falsamente como credores dos mortos. Mas essas eram, ainda assim, as faltas menos importantes. O mais grave é que o cônsul – alegava-se – se apropriava de muitos bens depositados no cofre de defuntos e ausentes.

A exposição trazia nomes e factos. Benedita pasmava e sentia o coração a bater cada vez mais depressa à medida que ia passando pelos vários exemplos do abuso consular. Tomada por uma estranha ansiedade, correu as linhas precipitadamente, lendo em diagonal a descrição das malfeitorias que eram assacadas a Joaquim Baptista Moreira, e deteve-se, com o peito a galopar, quando se deparou com o nome do pai:

O caso mais escandaloso ocorreu em 1848, na sequência dos tumultos que causaram a morte a vários portugueses. O Dr. José Sepúlveda foi assassinado pela turba, juntamente com sua mulher, deixando uma filha órfã. Os bens do malogrado médico foram rapidamente vendidos pelo consulado e é voz corrente na cidade do Recife que o produto dessa venda nunca chegou à legítima herdeira. Perdeu-se como muitos outros nos bolsos do próprio cônsul. Sabe-se, além disso, que Joaquim Baptista Moreira e os seus agentes varejaram os lugares interiores da casa e levaram consigo uma não pequena soma em cédulas prata e letras de câmbio de boas firmas, além de outros objectos. Calcula-se que a herança do Dr. Sepúlveda valesse perto de 100 contos

de réis.

Benedita parou de ler. As lágrimas de raiva corriam-lhe pela cara abaixo. De repente tudo se fazia claro na sua cabeça. Que horrível logro e que trágicas consequências no rumo dos seus dias... Vestiu o *robe de chambre* e abriu a janela. Sufocava e tremia intensamente. Pela primeira vez na sua vida sentiu-se verdadeiramente capaz de matar.

Luz Soriano espirrou de novo e olhou, irritado, para a caixa azul que ficara sobre a mesa do despacho. Alguém tinha convencido o Governo a comprar milhares de caixas de pó insecticida do Dr. Gravei para pulverizar as secretarias e demais repartições. Declarava-se, assim, a guerra às pulgas, moscas e mosquitos que, na ideia governamental, muito distraíam os empregados das suas obrigações. Constava à boca pequena que a Fazenda tinha dado quase 2 contos de réis por aquela mistela e quase outro tanto para erradicar os percevejos dos quartéis e dar cabo das traças que roíam metodicamente os livros na Biblioteca Nacional.

Ó pobre e desconjuntado Portugal, pensou, quantas turvas negociatas se não faziam à sombra do Estado... Aquele maldito pó fazia-lhe arder os olhos e pingar o nariz. Rogou pragas a Saldanha, Atouguia e toda a seita dos Regeneradores. A cruzada insecticida que começara poucas horas antes devia ser a ideia mais brilhante que aquela gente conseguira ter em três anos à frente dos destinos do Estado.

Soriano espirrou uma vez mais, estremecendo de alto a baixo. Depois, fazendo das tripas coração, lançou-se à resma de papel almaço que deixara para essa manhã. Já ia no terceiro parecer sobre os requerimentos quando o contínuo lhe anunciou a chegada do Sr. Bernardino de Figueiredo.

– Manda entrar! O senhor ministro já chegou?

– Ainda não – respondeu o contínuo.

– Avisa-me assim que chegar.

Levantou-se para cumprimentar respeitosamente o valente colono que se correspondia consigo há anos e nunca tivera ensejo de ver. E simpatizou logo com aquele homem que lhe entrava pelo gabinete dentro, com um largo sorriso e uma energia contagiante.

– Muito folgo em conhecê-lo, Sr. Figueiredo. O senhor ministro vai receber-nos daqui a pouco. Mas sente-se, por favor – disse, enquanto lhe indicava uma cadeira de braços. – Que novas me traz da nossa colónia?

Bernardino acomodou-se e falou entusiasticamente de triunfos, melhorias e esperanças. Havia igualmente dificuldades, que não

pretendia escamotear. Mas, por coincidência, quando começou a falar nelas principiou também a torcer o nariz, onde se lhe alojara uma teimosa e embaraçosa comichão. O esforço para não espirrar repuxava-lhe a expressão e a voz, e era um esforço condenado ao fracasso. Falava em mandioca quando um sonoro espirro, semelhante ao sopro de uma tuba, lhe cortou essa palavra em dois:

– Peço perdão...

Soriano fez um gesto de impotência.

– É do pó insecticida... Também eu não tenho feito outra coisa! Temos de ter paciência...

Bernardino tirou um grande lenço do bolso, com o qual limpou o nariz. Depois, alongou-se nas mágoas coloniais, entremeando-as com ditos alegres, horizontes esperançosos e novos espirros. Luz Soriano recostou-se na cadeira, encantado e surpreendido com a capacidade de exposição e de argumentação verdadeiramente notáveis do seu interlocutor. Ora, ali estava um homem convincente. Tinha sido uma bela ideia arranjar a audiência com o ministro. Talvez aquela eloquência e vivacidade conseguissem convencer S. Ex.^a a fazer as mudanças que se exigiam.

Quando o contínuo bateu à porta e informou que o ministro havia chegado, Soriano consultou o relógio que puxara do bolso do colete. Já passava da hora, mas deixou andar mais alguns minutos. Por fim ergueu-se.

– Peço desculpa de o interromper, Sr. Figueiredo, mas o senhor ministro vai receber-nos. Quer V. S.^a ter a bondade de me seguir?

Percorreram um longo corredor ao som dos espirros e do chorrilho de interjeições que provinham das várias divisões. A passadeira amarelada abafava-lhes os passos e conduzia-os ao outro extremo do edifício. Foi aí que Luz Soriano se deteve, frente a uma porta dupla com grandes puxadores dourados, à qual bateu, antes de abrir:

– V. Ex.^a dá licença?

Entraram num amplo e luminoso gabinete. Sobre a direita o encerado de uma grande mesa de reuniões refulgia à luz que entrava à farta pelas janelas próximas. Ao seu lado havia uma estante repleta de livros de lombadas escuras que se prolongavam para uma segunda estante situada na parede oposta. Entre ambas as estantes estendiam-se paredes apaineladas, em cerejeira, salpicadas de gravuras de navios de guerra. Três ou quatro apliques com globos foscos vinham dar um tom quente e confortável à divisão. À esquerda, quase encostado à estante,

um sofá de couro, à inglesa, e, a seu lado, um armário arquivador em madeira clara. Do outro lado, um pedestal com um busto de Afonso de Albuquerque parecia ter sido posto ali para recordar aos mais desatentos que a Marinha portuguesa tinha tradições guerreiras e imperiais. E, no centro do gabinete, o ministro Jervis de Atouguia aguardava imóvel e expectante, recortando-se em vestes negras sobre o tecido verde-claro dos cortinados que tinha atrás de si.

O ministro era um homem de cinquenta e tal anos, com cabelo grisalho, um bigode triste e uma pêra de espadachim castelhano. Estava sentado a uma secretária com tampo forrado de couro e olhava os dois recém-chegados com olhos plácidos, quase parados, emoldurados pela armação elíptica dos óculos. Tinha o nariz vermelho, um lenço na mão direita e a outra mão apoiada possessivamente na armação de madeira de um volumoso globo terrestre, que ia girando numa rotação fluida e azulada.

Bernardino pensou que aquela figura parada fazia empalidecer um pouco o aspecto luminoso do gabinete. À primeira vista simpatizava mais com a sala do que com o seu ocupante. Pelo contrário Luz Soriano, que nunca fora um homem dado a alegrias, preferia o gabinete sombrio, quase lúgubre e cheio de fumo de charuto do anterior detentor da pasta. Porque seria – perguntou a si próprio – que cada novo ministro tinha necessidade de despachar a mobília do seu antecessor e redecorar tudo a seu modo, de alto a baixo? Mais uma estúpida despesa para o desgraçado Portugal pagar com língua de palmo, ruminou.

Soriano apresentou Bernardino ao ministro e sentaram-se os três à mesa de reuniões. Os primeiros momentos foram hirtos, solenes, reservados, mas os espirros que continuavam a explodir aqui e ali vieram demolir o tom austero, e Bernardino, sentindo-se à vontade, atirou-se para a frente mal o ministro lhe deu ensejo para isso:

– Moçâmedes é o futuro, senhor ministro. É o único ponto da costa de África onde a raça branca progride com boas cores e belas figuras – afirmou com um gesto de mãos que esculpia estátuas. – O pior é o clima!

Atouguia surpreendeu-se:

– Ai, sim? Eu cuidava que o clima fosse melhor que o de Luanda ou Benguela.

– Sim, sim, sem dúvida. Mas sabe V. Ex.^a que os colonos não foram para ali para tomar ares, se posso expressar-me assim... Nesse caso vinham para Sintra, não é verdade? Precisam de água e não a têm

porque pouco chove e os rios vêm secos, já se vê.

Fez um esgar e espirrou. O ministro espirrou também, como se quisesse acompanhá-lo por cortesia, e disse, depois de esfregar o nariz cada vez mais vermelho:

– Pensa-se aqui no Reino que o problema de Moçâmedes não está tanto no clima mas nas pessoas. Diz-se que os homens que por lá andam são refinados mandriões. E esta é uma opinião que vem da própria Moçâmedes. Ainda há pouco recebi uma carta do governador, que me dizia exactamente isso.

Bernardino fingiu-se muito surpreendido:

– Sim? Estou admirado... Mas, vendo bem, era de esperar, não acha, V. Ex.^a?

– Como assim, Sr. Figueiredo?

– Gente que vinha do Brasil acostumada a medir côvados² de chita havia de custar a acostumar-se ao trabalho na terra. Aqueles que logo desde o início começaram a dedicar-se à lavoura estão hoje bons agricultores e vão tangendo a enxada menos mal. O problema, peço desculpa de insistir, é o clima, o desânimo e talvez também uma certa falta de apoio.

Jervis de Atouguia empertigou-se, cofiou a pêra castelhana e encheu-se de brios.

– O Governo tem apoiado o mais que pode.

– Sim, claro... Mas sabe V. Ex.^a que isso não impede que haja entre os colonos o sentimento de que a mãe-pátria não quer saber para nada da desgraçada Moçâmedes.

– Isso não é verdade... isso é muito injusto! – indignou-se o ministro.

Bernardino sorriu, contemporizador.

– É injusto, bem sei, mas é o que se vai dizendo porque as pessoas olham em seu redor e vêem descuido e indiferença. Não tem havido problemas com os pretos, mas no dia em que houver... temo uma desgraça. Não há ali uma arma que preste, uma baioneta que não esteja enferrujada. O fogo da fortaleza está todo virado para o mar. Para terra há apenas uma peça de bronze fundida em Luanda há quase um século e baptizada com o nome de Despertadora mas que, posso assegurar a V. Ex.^a, não desperta ninguém há muitos anos.

Luz Soriano esboçou um ligeiro sorriso. Aquele Bernardino era um espertalhão que lá ia levando a sua avante, a cavalo da ironia. Mas o ministro não era homem que apreciasse graçolas e permaneceu sério e moralizador.

– Não há dinheiro para luxos, Sr. Figueiredo. Eu não devia dizer-lhe isto mas... enfim, toda a gente sabe que o aperto é grande e que são constantes os cortes em todos os serviços, não é assim, Soriano?

– Sem dúvida, senhor ministro. Um grande aperto... Qualquer dia pede-se aos empregados de secretaria que façam as coisas de graça e que ainda em cima ponham da sua algibeira o pergaminho.

– Bom, isso talvez não... – corrigiu o ministro, já arrependido de ter chamado Soriano para a conversa. – Não exageremos! Mas o ponto é que temos falta de meios. E se nós não temos meios de acudir às necessidades da metrópole, como havemos de acudir às colónias?

Bernardino ficou calado por uns instantes, como se matutasse. Não queria converter a entrevista num tiroteio político nem perder de vista que o seu principal objectivo não era a obtenção de dinheiro mas sim o reforço dos seus poderes e a destituição do governador de Moçâmedes. Depois, à primeira oportunidade, trataria do velho Costa com as atenções que ele merecia. Por isso, procurou convergir.

– Percebo... Mas, como V. Ex.^a sabe, pode-se sempre acudir de outras maneiras. Com mais e melhor gente, por exemplo. Forçoso é reconhecer, senhor ministro, que as colónias servem de asilo às mais acanhadas inteligências.

O ministro ia responder mas teve um forte acesso de espirros e ali ficou aos arranques, muito vermelho, apoplético, com o lenço comprimido contra o nariz, os olhos fechados e a mão direita no ar, pedindo paciência ou clemência – ambas as coisas, talvez.

– V. S.^a está a pensar nos degredados, não é verdade? – perguntou, por fim. – Eu concordo que é um presente funesto com que todos os anos a metrópole refresca a população do ultramar.

Bernardino quis dar um tom moderado, apaziguador.

– Eu não diria que é funesto mas talvez fosse preferível que se mandassem para Moçâmedes alguns degredados de penas leves que, sabendo qualquer arte ou ofício, pudessem ir instruindo aquelas possessões sem as infeccionar, como acontece quando se mandam para lá degredados de crimes mais graves.

O ministro tinha os olhos a arder, lacrimejantes, e espirrava com mais frequência. Limpou as lentes embaciadas a uma ponta do lenço. Começava a sentir uma irreprimível urgência em terminar aquela audiência e sair daquele ar irrespirável.

– Soriano, escreva para Luanda a recomendar isso ao senhor governador-geral – ordenou.

Mas Bernardino, percebendo as dificuldades do ministro e vendo ali a aberta com que sonhara, não se dava por satisfeito.

– Bem... a verdade é que os próprios funcionários deviam ser mais escolhidos. Eu não sei se me estou a alongar por campos que não me pertencem...

– Não, não, prossiga por favor – encorajou o ministro, por uma questão de urbanidade.

– Ora então aqui vai... Como V. Ex.^a sabe meteu-se-me na cabeça levantar um engenho açucareiro que, não sendo obra que se admire, para o local sempre é alguma coisa... e disse ao senhor governador Botelho as madeiras de que precisava. E sabe V. Ex.^a qual foi o resultado? – fez uma pausa. – Mandaram-me um pedaço de um mastro velho, que não dava a grossura. Não presta para nada e preciso de arranjar outro...

O ministro consumia-se em novo ataque de espirros mas Bernardino prosseguia, inclemente:

– Há pouco tempo seguiram para o Bumbo as peças mais pesadas do segundo engenho. Ainda falta levantar um terceiro engenho e, apesar de cansado, eu me obrigaria a levantá-lo se o senhor governador me enviasse... – parou um pouco para tirar um papel do bolso – seis vigas de sessenta e cinco palmos de comprido, quatro traves de trinta e cinco palmos para almanjarras, um pau de dezoito palmos de comprido... Enfim, não vou cansar V. Ex.^a, que está incomodado, com esta enumeração. O ponto é que o senhor governador de Moçâmedes já me disse que não contasse com isso. Eu bem sei que não me compete a mim, e é bom dizer que nada tenho contra o capitão-tenente Botelho, mas... tínhamos a ganhar se tivéssemos um governador mais atento às coisas da agricultura.

Luz Soriano voltou a sorrir, discretamente. Nunca gostara daquele capitão-tenente, que fora metido no governo da colónia para fazer a boca doce aos Regeneradores.

– Bom, veremos o que poderá fazer-se – prometeu Atougua.

O ministro não aguentava mais. Doía-lhe a cabeça, tinha um peso no peito e custava-lhe a respirar. Levantou-se e puxou de uma cigarrilha anti-asmática Joy, que acendeu na esperança de que isso o ajudasse, enquanto Bernardino prosseguia:

– Precisamos também de um bom cirurgião e de um bom sacerdote. E precisamos de um cidadão que faça de juiz e que possa decidir *in loco* sem ter de ficar à espera de Benguela.

– Talvez V. Ex.^a pudesse desempenhar essas funções enquanto não se nomeia um juiz efectivo – sugeriu o ministro, ansioso por pôr fim àquela tortura.

Bernardino inclinou a cabeça, como quem acata uma ordem.

– Se assim se considerar útil para Moçâmedes, eu darei o meu melhor – prometeu.

O ministro Atouguia ergueu-se.

– Soriano, trate disto por favor e veja que rumo pode dar-se a estas pretensões do Sr. Figueiredo.

Bernardino ergueu-se também, sentindo que a audiência findara, mas continuou a falar:

– Era conveniente fazer uma colónia militar na Huíla para apoiar a nossa gente que lá anda. E trazer pedreiros, carpinteiros e bons ferreiros...

O ministro fez que sim com a cabeça mas isso não o interrompeu.

– ... Mandar também seis ou sete campinos do Ribatejo, entendidos na criação de cavalos, para ali se montar uma coudelaria de zebras. A falta de animais cavalares causa um grande transtorno ao comércio e às comodidades da vida, senhor ministro. Precisamos de zebras!

Atouguia apagou a inútil cigarrilha e alargou a gravata, que lhe dificultava a respiração.

– Acho que podemos acudir àquilo que não exija mais despesa, Soriano. Eu peço muita desculpa mas tenho de me ausentar. Sou esperado nas Cortes – informou o ministro, empurrando-o para a porta.

Cerca de meia hora depois Bernardino desceu as escadas do ministério e saiu para a morrinha daquele Abril. A tarde toldara-se e pusera-se feia, começara a choviscar, mas a vida corria bem. De princípio não soubera o que pensar daquele final abrupto da entrevista com o ministro Atouguia. Percebera que S. Ex.^a o mandara pela porta fora e ele não tivera outro remédio senão obedecer. Não havia de o ir agarrar pela aba da casaca, ainda que tivesse vontade de o fazer. Mas saiu do gabinete ressentido e levemente ofendido. O ministro fora, no mínimo, indelicado, talvez por ele ser um ultramarino, ou matuto, como se dizia no Brasil, e S. Ex.^a ser homem de Portugal e visconde e todas essas coisas. Mas depois, conversando com Luz Soriano, percebera que o encontro tinha sido, no fundo, muito positivo. A secretaria da Marinha ia indicar o seu nome para juiz extraordinário de Moçâmedes e o próprio Soriano se comprometeu a fazer todos os possíveis para substituir o governador Botelho por «alguém mais capaz».

Já passara uma meia hora desde que Bernardino saíra do hotel e Peter continuava postado naquela esquina, quase imóvel, esperando calmamente. A paciência era uma das virtudes do caçador e talvez houvesse similitude entre aquela espera no coração de Lisboa e as muitas que já tinha feito durante a sua vida em África. Por fim viu-a sair para a rua e sentiu uma estranha vibração agitar-lhe o peito. Benedita vinha muito elegante, num vestido creme e com uma pequena sombrinha para se proteger do sol. Era um daqueles dias de Maio com uma luz radiosa e uma atmosfera cálida prenunciando o Verão, e ele achou-a linda. Nunca a tinha visto com roupas daquelas e a forma como andava, pisando com segurança, irradiando sensualidade, fez crescer em si uma onda de desejo.

Ela tomou a direcção do Chiado e ele contornou rapidamente o quarteirão para a surpreender na esquina seguinte. E, quando ela entrou na Rua do Alecrim, surgiu-lhe subitamente à frente com uma saudação alegre:

– Bom dia, Benedita. Procurei-a no embondeiro e como não estava resolvi vir atrás de si.

Ela teve um estremecimento e abriu a boca num enorme espanto, que logo se converteu num sorriso de satisfação.

– Peter? Aqui? Mas... como?

Ele abriu os braços, desarmado, como se não soubesse explicar aquele mistério. Mas logo após explicou-lhe, sorrindo, que viera até Lisboa para se encontrar com Pinto Basto e que, tendo sabido que ela estava na cidade, andara à sua procura até a encontrar. Depois, meteu a mão no bolso da sobrecasaca e tirou um maço de cartas atadas com uma fita de nastro azul-turquesa.

– Escrevi-as para si, no mato e no navio – disse, entregando-lhas.

Ela corou e hesitou momentaneamente, mas depois pegou no maço de cartas com indisfarçável contentamento e deixou escapar um longo suspiro involuntário quando as comprimiu contra o peito. Ainda meio atordoada pela sucessão de surpresas, guardou-as apressadamente na bolsa e, baixando os olhos, confessou:

– Peter, eu vim a Lisboa com Bernardino Figueiredo.

– Sim, eu sei...

Então, pôs-se um silêncio embaraçado entre os dois, mitigado pelos ruídos que ecoavam em volta deles. Uma sege passava no trote esforçado de um cavalo velho, dois amigos conversavam e davam-se palmadas nas costas, junto ao passeio alguns galegos carregavam à lufa-

lufa mobílias várias numa carroça. Por fim Peter falou:

– Tive muitas saudades suas.

Ela permaneceu em silêncio, rodando nervosamente a sombrinha, e ele prosseguiu a confissão:

– Procurei-a no Bumbo e fiquei muito preocupado quando não a encontrei – disse, pegando-lhe na mão. – Gosto de si como no primeiro dia, Benedita. Não, é mentira! Gosto muito mais. Amo-a. Preciso de a ter ao meu lado.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas felizes.

– Por favor, Peter... Aqui não. Podem ver-nos.

– Então onde, meu amor? E quando?

– Amanhã...

– Amanhã onde? – insistiu ele.

Benedita olhou em redor como se procurasse aí uma resposta. Por fim, algo lhe ocorreu:

– Em que hotel está, Peter?

– No Progresso. Sabe onde é?

– Sei. Eu faço-lhe chegar ainda hoje uma carta – prometeu.

Peter sorriu satisfeito, sentindo que conseguira um avanço decisivo, uma importante vitória.

– Vou esperar ansiosamente. Quanto tempo ainda vão ficar em Lisboa?

– Uma semana mais. Agora é melhor eu ir.

Ele beijou-lhe a mão e ela afastou-se subindo em direcção ao Loreto. Ia devagar, seguindo o deslizar lento da sua sombra, ainda que lhe apetecesse correr alvoroçada de alegria e de preocupação. O seu amor estava ali, à sua frente, milagrosamente caído do céu para a acolher de braços abertos e lhe desarrumar de alto a baixo o coração e a vida. Era, simultaneamente, a resposta a uma prece e o princípio de uma enorme angústia. Aquela não tinha sido a primeira vez que falava de uma forma íntima com Peter, ou que ele lhe confessava o seu amor. Fizera-o na aldeia do Bumbo e já nessa altura ela o tinha deixado chegar muito perto de si porque o amava. Ainda se lembrava do beijo que tinham dado junto ao embondeiro e da perturbação que esse beijo lhe causara. Agora, aquele inesperado encontro numa rua de Lisboa perturbava-a dez vezes mais, mil vezes mais, por causa de Bernardino. Trair um mau marido num casamento que se desmoronava não era exactamente o mesmo que traír um homem bom e honrado que tanto a ajudara e tanto se empenhava em agradar-lhe.

Aquele era o último dia em Lisboa e Bernardino levantou-se cedo para dar um derradeiro passeio pelo Chiado antes do encontro com Luz Soriano, às dez da manhã.

Andou devagar pelo bulício das ruas, num langor de homem chique em viagem pela Europa. Gostava daquela cidade com as velhas colinas batidas pelo sol e o ar lavado e húmido que lhe trazia o cheiro a maresia. Às vezes esse cheiro atraía-o ao Terreiro do Paço e, com a luz coada e os veleiros ao fundo, deixava-se ficar a ver os pescadores algarvios que vinham ao Tejo nas suas lanchas, trazendo o contrabando e o peixe escalado – a sarda, o cachucho, a pescada e lembrava-se de Moçâmedes. Mas era um pensamento breve. Ainda que tivesse saudades da Fazenda dos Cavaleiros, sentia-se satisfeito em Lisboa. Tudo correria magnificamente naquela viagem. Obtivera uma parte do que pretendia do Ministério da Marinha e a sua vida amorosa florescia. Quando pensava nisso tinha pena de que o passeio estivesse a acabar.

Mas era inevitável. Não poderia manter aquela vida muito mais tempo, já não tinha dinheiro para custear nem mais um dia em Lisboa. Para agradar a Benedita desdobrara-se em iniciativas e não se poupava a despesas. Como o primeiro hotel não tivesse as características desejadas, logo mudaram para um outro, melhor e mais central. Alugara uma carruagem para percorrerem a cidade e nos fins das tardes espaírciam no Passeio Público. Quando o calor apertava, tomavam refrescos e bebidas nevadas e, para dar um toque refinado e bem informado, Bernardino exigia sempre gelo americano, daquele que os navios de Baltimore vinham vender a Lisboa, e que era mais caro.

Benedita reparava em tudo e absorvia tudo. Observava as outras senhoras, imitava-lhes os gestos e depressa aprendeu a mexer-se e a caminhar com a altivez cidadina de quem se sente importante. Para que o vestuário fosse condizente com a sua nova atitude, ele abriu-lhe conta numa boa modista que, zelosa e trepidante de imaginação, lhe arranjou rapidamente um guarda-roupa condigno. Numa chapeleira da moda comprou lindos chapéus, incluindo um de seda francesa sobre feltro, à prova de água, de que ele muito gostava.

Correram os teatros. Foram ao Ginásio ver o actor Taborda. No Condes riram a bom rir com *O Doutor Sovina*. Ambos gostavam de comédias, mas viram um pouco de tudo, desde dramas a espectáculos atléticos de cor e vigor. No Circo de Madrid, ele encantou-se com a *Árvore do Paraíso* e outros exercícios chineses, ao passo que ela se divertiu delirantemente com *O Pião* e tremeu de medo com a *Bala de*

Artilharia. Tornaram-se frequentadores do S. Carlos. Viram *A Favorita*, de Donizetti, pela divina Alboni, e deliciaram-se com *A Sonâmbula*, pela Castella. Tudo, no S. Carlos, encantava Benedita. Enquanto ele ficava disfarçadamente a apreciar as formas da Fleury, com a mão na testa para que ninguém percebesse para onde olhava, ela extasiava-se com o interior da sala, com os vestidos das senhoras e com o novo lustre que, dizia-se, custara 15 mil francos em Paris e que resplandecia como mil estrelas suspensas do tecto.

Benedita maravilhava-se com o que era belo e luxuoso. Bernardino nunca haveria de esquecer a alegria dela na noite do baile dado por Sérgio de Sousa, o antigo governador de Moçâmedes. O recinto de baile era tão belo e tão elegante que lhe arrancou expressões de admiração:

– Deus meu! Que bonito que isto é, Bernardino!

E era, de facto. Nas paredes laterais havia laços dourados nos quais se entrelaçavam grinaldas de hera, e a pintura do tecto abobadado, em ouro e verde, reproduzia a decoração das paredes. A orquestra erguia-se em anfiteatro quase até ao tecto e estava, tal como as portas, decorada de damasco de seda bordado de flores. A sala fora guarnecida de muitos assentos de madeira dourada cobertos de cetim branco que os sumptuosos espelhos nas paredes reflectiam em todas as direcções, e no tecto havia grandes medalhões onde os Cupidos pareciam observar com olhar cúmplice o que por baixo deles se passava. Naquele ambiente luminoso Benedita vogava num sonho e valsou sem parar. Ele quase não dançou – os seus dotes não chegavam a tanto –, mas satisfez-se com a felicidade que via nos olhos dela, rodopiando ao som da música.

Às vezes Bernardino inquietava-se com o alto nível de despesa que aquele mês e meio em Lisboa representava. A voz do bom senso dizia-lhe que não podia continuar a viver naquele luxo asiático, como se fosse um príncipe de avultadas rendas, e que iria pagar caro tantas extravagâncias. Mas uma outra voz, mais branda e mais próxima do seu coração, ia-lhe segredando que tudo aquilo era uma vez sem exemplo e que pela mulher da sua vida nada era de mais. E Benedita parecia tão feliz... É certo que uma vez a vira muito perturbada e surpreendentemente interessada em perceber o que era o cofre dos defuntos e ausentes. E também era verdade que na última semana a surpreendera por duas vezes a chorar, mas não se inquietou demasiado com isso. Estava certo de que essas lágrimas eram aflorações esporádicas, réstias de uma mágoa antiga que iria desaparecer. O mais importante era que na maior parte dos dias ela andara entusiasmada e

risonha a descobrir as lojas e as ruas de Lisboa.

Já passava das onze horas quando Bernardino regressou ao hotel, em passo acelerado. A apresentação de cumprimentos de despedida a Luz Soriano fora mais demorada do que previra e ele tinha pressa de reencontrar o olhar brilhante e o encantador sorriso da sua Benedita. Saudou o porteiro e galgou os degraus da escada dois a dois, no gozo antecipado de a ir abraçar. Mas quando abriu a porta do quarto e, em vez dela, viu a carta sobre a mesa-de-cabeceira pressentiu um problema. O pressentimento agudizou-se quando percebeu que era uma carta de Benedita. Desdobrou a folha de papel com os dedos apressados e leu nervosamente:

Meu querido Bernardino,

Peço-te que me perdoes mas não posso voltar contigo para Moçâmedes. Sei que te faço sofrer muito. Acredita que também eu sofro, mas não vejo outra solução para o dilema em que me encontro. Eu respeito-te muito, querido, tenho uma grande ternura por ti, mas não te posso dar o amor que tu mereces.

Podia ter esperado o teu regresso para te dizer tudo isto, seria o mais correcto, mas faltou-me a coragem e achei que escrevendo esta carta poupava um sofrimento desnecessário a ambos.

Não te preocupes comigo, eu fico bem. Já não sou a criança indefesa que tu conhecestes. Nestes três meses muita coisa mudou, em grande parte devido à tua ajuda. Agradeço-te do fundo do meu coração tudo o que fizeste por mim e peço-te uma vez mais que me perdoes.

Eternamente,

Benedita

Quando terminou a leitura Bernardino sentou-se na cama como se tivesse sido fulminado por um raio. Ficou assim durante alguns minutos, perdido no espanto daquele brusco fim, a mão desalentada a segurar a folha de papel e o peito incapaz de absorver o buraco que subitamente se tinha aberto na sua vida. Tinha a cabeça anestesiada e gaguejava sons desconexos, como se a língua estivesse entorpecida e o pensamento tivesse ficado preso nos gelos árticos. Tudo aquilo lhe parecia impossível e irreal e a única coisa que conseguia sentir era já a saudade dela, o desgosto de nunca mais se deitar ao seu lado, de nunca mais se deixar amolecer no seu calor e nas suas festas.

Depois veio uma onda de interrogações e de despeito, e cresceu-lhe um brusco sentimento de ódio. Como pudera ela ter premeditado tudo aquilo? Haveria outro homem? Quem? Onde? Subitamente viu-a a despir-se e a suspirar de amor nos braços de um amante e sentiu uma dor intensa a torcer-lhe o coração. Amaldiçoou-a, desejou vê-la pobre, a

pedir esmola. Chamou-lhe víbora, puta. Apeteceu-lhe correr Lisboa à procura dela apenas para lhe gritar na cara a sua raiva e o seu desdém, quis abaná-la, insultá-la, bater-lhe...

Num acesso de raiva saiu de novo do hotel para se vingar dela e para fugir de si próprio e das perguntas que o martirizavam. Andou como um sonâmbulo em direcção ao Bairro Alto. Na Rua das Taipas contratou a primeira mulher que se desencostou da esquina para lhe oferecer os seus serviços. Subiu atrás dela por uma escada íngreme onde pairava um cheiro a pó e a fritos. No quarto exíguo despiu-se sem uma palavra e deitou-se, crispado, à espera da sua vítima. Mas com aquela mulher escanzelada e tristonha entre os braços, a raiva esvaiu-se e ele sentiu-se ridículo e falso. Afastou a mulher de cima de si, vestiu a roupa, deixou o dinheiro sobre a cadeira desconjuntada e saiu sem dizer uma palavra.

Peter entregou a bengala e o chapéu ao porteiro da Associação Mercantil Lisbonense e subiu apressadamente as escadas que levavam ao primeiro andar. Seguiu em direcção à luz e à voz que vinham de uma sala, no fim do corredor, e, quando entrou, Pinto Basto fez-lhe sinal para que se sentasse a seu lado na mesa da presidência, enquanto continuava a dirigir-se à audiência:

– Foi há dez anos que, com a ajuda do Sr. Sternberg aqui presente – informou, fazendo um gesto em direcção a Peter –, tentei pela primeira vez formar uma empresa para Moçâmedes. Mais tarde, como alguns dos presentes bem sabem, voltei a tentar através da Liga Promotora dos Interesses Materiais do País. Nenhuma destas tentativas pôde ir por diante por falta de autorização e de apoio dos governos de Sua Majestade. Estou convencido de que, agora, há finalmente condições para retomar o plano e por isso ponho à vossa consideração a constituição de uma sociedade com os capitais necessários para adquirir terrenos em Moçâmedes e para lá cultivar a cana, o café, o algodão...

Pinto Basto entusiasmava-se, tecia cenários e antecipava sucessos. A sua frente, sentados em solenes cadeiras de espaldar alto, uns quinze homens escutavam-no com um interesse apenas moderado. O mais atento era um velho de olhar agudo e manta sobre as pernas. Um outro velho seguia a exposição com uma corneta acústica e com a cara ligeiramente de lado, os olhos franzidos e a boca semiaberta, na expressão esforçada e desamparada dos surdos. Mas os restantes distraíam-se. Um cavalheiro gordo parecia dormir, outro, absorto, escrevia a lápis num pequeno caderninho. Na fila de trás, dois homens fumavam charuto e os seus olhos divagavam seguindo o fumo azulado

que ondulava preguiçosamente pela sala. Junto à parede do fundo, sobre uma mesa quadrada, um relógio de sala ia rodando imperceptivelmente os seus ponteiros – eram nove e meia da noite – e atrás do orador, numa mesinha, várias bebidas espirituosas e uma salva de prata com cálices e copos aguardavam o hipotético momento das decisões e das celebrações.

Quando o orador acabou de falar, um dos fumadores de charuto ajeitou a gravata lilás e interveio:

– Moçâmedes é longe... Porque não viramos antes os nossos olhos para as ilhas de Cabo Verde, que nos estão mais à porta, por assim dizer?

Pinto Basto discordou, abanando a cabeça:

– Não se diga que é longe... Depois que se aplicou o vapor aos navios, desapareceram as distâncias. Hoje em dia qualquer pessoa se transporta num sopro de Lisboa a Angola. Além disso, meu caro Sr. Sá Nogueira, Moçâmedes é mais fértil do que as ilhas de Cabo Verde.

O homem gordo que parecia dormir tomar-se de calores e veio refutar essa ideia:

– Fértil? Lamento desapontar o meu ilustre amigo Pinto Basto, mas Moçâmedes nunca dará o que dela esperamos. Isto lembra-me uma história de Catarina II. Quando os filósofos lhe diziam que o globo ia mudando de temperatura ela respondia que folgava em saber que daí por cem anos os campos de S. Petersburgo iriam dar laranjas. Eu estou como Catarina II, Sr. Pinto Basto: deleita-me a ideia a respeito de Moçâmedes. Talvez dê qualquer coisa daqui a muito tempo, mas que nós vamos lá em breve carregar trinta ou quarenta navios de café ou de açúcar, isso duvido eu.

Ouviram-se alguns «apoiados» Pinto Basto procurava defender a sua proposta, mas os cépticos erguiam sempre novos obstáculos aos seus avanços. Mesmo que a praça de Lisboa se interessasse pela ideia e que arranjasse os capitais, argumentavam, aonde se iria buscar a gente honesta e capaz para dirigir a empresa? Quem quererá ir para África tratar de hortas? Quem se predisporia a apanhar uma febre que em poucos dias o levasse desta para melhor?

Foi então que Peter pediu a palavra e, sob o olhar aliviado e reconhecido de Pinto Basto, percorreu longamente sobre as potencialidades do local:

– Ilustres senhores: já vai para doze anos que ando por Moçâmedes e conheço o terreno. Posso garantir-vos que não é verdade, como já ouvi por várias vezes afirmar, que aquelas terras só sirvam para mandar para

cá papagaios e macacos. Não é verdade... Em Moçâmedes podem cultivar-se em grande todos os géneros coloniais que satisfaçam o consumo de Portugal e que possam ser exportados em boas quantidades para os outros mercados da Europa. Há ali terras abençoadas onde o mato sem cultura produz algodão e as árvores espontaneamente se cobrem de urzela.

O alemão falava pausadamente mas com ânimo e a audiência foi-se deixando prender nas suas palavras. Falou do reino vegetal, do reino animal, do subsolo, dos africanos. Contou histórias locais, episódios de caçadas, fez rir e terminou com um apelo ao interesse mercantil:

– Há até a possibilidade de desenvolver muitíssimo o comércio de certos géneros, desde que haja tacto comercial. Nada de mandar maus tecidos, pois não é fácil enganar os pretos. Eles sabem examinar as peças, ver-lhes o fio e rejeitá-las. E nada de querer enriquecer logo às primeiras remessas. Se houver paciência para esperar e para perder alguma coisa no primeiro ano, pode deitar-se a mão a negócios que agora escapam aos Portugueses, como a farinha de trigo, por exemplo, que tem estado na mão dos Americanos. É por tudo isto que estou firmemente convencido de que uma sociedade bem organizada pode extrair grandes lucros de um investimento em Moçâmedes.

Fez-se um breve silêncio, que Sá Nogueira quebrou:

– Muito bem, Sr. Sternberg. E onde arranjam gente para dirigir as coisas lá em África? Moçâmedes é uma terra de degredados e calaceiros. Toda a gente o sabe!

De entre a assistência alguém alvitrou o seu nome.

– Talvez o Sr. Sternberg pudesse dirigir o empreendimento...

Logo se elevaram vozes a apoiar a sugestão e Peter deixou que a ideia ganhasse ímpeto e se firmasse entre todos, antes de a contornar:

– Agradeço a grande confiança que depositam em mim. Infelizmente os meus afazeres de caçador não me permitem fazer o acompanhamento próximo e assíduo que uma exploração agrícola exige. Mas conheço a pessoa indicada... O seu nome é Benedita Sepúlveda.

Ao ouvirem aquele nome os presentes entreolharam-se e um rumor de espantos e objecções rolou na sala.

– Não é vulgar ver uma mulher nessas funções, Sr. Sternberg – estranhou o homem gordo.

Alguns outros expressaram igual estranheza mas Peter rebateu o argumento:

– Em Angola isso não é raro, meus senhores. Há exemplos bem

conhecidos: D. Ana Joaquina dos Santos Silva, D. Ana Oberthaly e outras.

O senhor idoso com a manta nos joelhos, que até então se mantivera calado, ocorreu em seu auxílio:

– Às vezes é vantajoso ser mulher.

Peter concordou com a cabeça e acrescentou, com convicção:

– Exactamente! A pessoa de que vos falo é uma mulher excepcional. É jovem e entusiasta e já tem três ou quatro anos de residência em Moçâmedes e no Bumbo, que fica no interior. Para além disso, soube cultivar boas relações com as tribos pretas, e esse é um factor muito importante, eu diria até decisivo, para o sucesso de uma empresa como esta.

– Talvez seja assim, Sr. Sternberg – concedeu o homem gordo, ainda céptico. – Mas que pode dizer-nos acerca da sua honradez?

O alemão empertigou-se e retorquiu prontamente, com secura:

– Não a aconselharia se não fosse acima de toda a suspeita, como calcula. Tenho tanta confiança nesta pessoa que já lhe cedi metade da minha quota e vou fazer dela minha procuradora. Por feliz coincidência, esta senhora encontra-se em Lisboa neste momento e estará certamente disponível para um encontro com os responsáveis pela sociedade, se assim o entenderem.

A audiência pareceu satisfeita com as explicações dadas e Peter respirou fundo, saboreando a sua vitória: a partida estava ganha, a sociedade iria por diante e o nome de Benedita não fora rejeitado. E então pensou nas ironias da vida. Quem haveria de dizer que o amor por uma mulher, o desejo de a ter por perto, o iria levar a fazer uma acérrima defesa da colonização de Moçâmedes, essa inimiga mortal do que tinha sido até então o seu paraíso selvagem e solitário?

A discussão generalizou-se e perdeu a formalidade quando quase todos se levantaram para conferenciar em pequenos grupos. O álcool começava a escorrer para os cálices e brindou-se. Trocavam-se ideias, faziam-se contas, projectavam-se prazos e lucros, e mesmo os mais cépticos aceitavam participar com pequenas quantias. Aprovou-se o capital social de 400 contos e sugeriu-se uma direcção, encabeçada por Pinto Basto. Peter fingia acompanhar todo aquele fervilhar de iniciativas mas a sua atenção já não estava ali. As pessoas à sua frente falavam, ele anuía com a cabeça, ou sorria simulando concordância, mas não queria verdadeiramente ouvi-las. Focava-se nelas por um momento apenas, e logo o pensamento e a energia fluíam para Benedita.

Quinze minutos depois deixou a Associação e subiu para uma sege de praça.

– Para o Hotel Progresso – ordenou.

O cavalo começou a trotar pelas ruas de Lisboa e Peter fechou os olhos para sentir melhor o ar morno da noite e a voz e o corpo de Benedita que lhe chegavam em estranhas ondas de desejo. Pareciam não ter fim aquelas semanas de magia. Na vertigem de abraços, risos e beijos as horas fugiam num ápice e nunca chegavam para o saciar.

A vontade de a ter vinha-lhe nas alturas e locais mais improváveis e era tão intensa que ele raramente conseguia resistir à premência de correr ao hotel para poder sentir o corpo dela encostado ao seu, e para lhe tocar as nádegas oferecidas e as coxas rijas sob o *robe de chambre*. Com Benedita os momentos de desejo e de paixão eram sempre escaldantes. Às vezes vinham num repente, numa sofreguidão de beijos e afagos, mesmo de pé ou sentados – como aconteceria naquele instante se ele a tivesse ali, junto a si na carruagem. Outras vezes ela demorava-o num lento restolhar de jogos preparatórios, fazia-o tombar de costas sobre a cama e acariciava-o em gestos suaves, com a boca ávida a brincar com a sua e a língua a percorrer-lhe devagar e gulosamente os lábios. E quando, por fim, com os olhos doces a requebrarem-se entre suspiros e ais, as pernas de Benedita se afastavam, autoritárias e convidativas, ele, fervendo em sensualidade, deixava-se prender dentro dela como se aquele corpo que se lhe oferecia fosse dono e senhor do seu.

Depois do amor ficavam geralmente meigos e cansados, nos braços um do outro. Ela poisava a cabeça no seu peito para que ele lhe fizesse festas no cabelo e, assim enlaçados, abriam-se em confidências e iam avançando afoitamente numa descoberta recíproca que parecia não ter fim e que não parava de o encantar. Falavam do passado, do que sentiam um pelo outro, da sorte que os juntara, dos medos, das aspirações, dos corpos. Ele falava-lhe de amor e fervia de desejos. Às vezes, quando lhe apetecia, ela segredava-lhe palavras doces e ideias atrevidas, e fazia-o renascer das cinzas – nada havia mais excitante do que a imaginação e Benedita sabia usá-la. Ou então ficavam num silêncio calmo a ouvir os sons da rua, lá fora. À noite, na escuridão do quarto, ele percorria-lhe a beleza do corpo nu, à luz ténue e oscilante de uma vela. E, segura de si, ela deixava-se admirar e acariciar, com deleite e um leve sorriso de triunfo.

Peter gostava daquela mulher de uma maneira que nunca antes

conhecera e que o surpreendia. Um homem podia andar uma vida inteira desconstruído do seu afecto, ou inseguro quanto ao que sentia, mas quando o verdadeiro amor se cruzava no seu caminho era impossível não o reconhecer e não lhe obedecer. Benedita – não tinha qualquer dúvida a esse respeito – era um verdadeiro amor, simples e cristalino, uma força que lhe vinha das entranhas, e talvez fosse por isso que amá-la era ao mesmo tempo a maior delícia e o maior perigo que alguma vez correria na sua vida.

Mas não queria pensar em perigos – não naquele momento. A sege parou à porta do hotel e ele saltou agilmente para o chão. Pagou ao cocheiro e, depois de saudar o porteiro do Progresso, galgou os degraus da escada dois a dois, no gozo antecipado de a ir abraçar. E quando ela lhe abriu a porta do quarto e lhe ofereceu os lábios, com os olhos semi-cerrados e uma expressão acolhedora e cúmplice, ele tomou-lhe a cara entre as duas mãos e cobriu-a de beijos famintos, indiferente às vagas reclamações dela. Depois fê-la rodar sobre si própria e abraçou-a pelas costas. Benedita inclinou a cabeça para o lado direito para oferecer o pescoço aos ímpetus do amante, e Peter beijou-o com deleite, cada vez mais incendiado com os gemidos dela e com a forte pressão que aquelas ancas fartas, femininas, faziam contra si. A sua mão direita subiu, devagar, por entre as coxas dela e pressionou-lhe o púbis em movimentos rítmicos, enquanto a mão esquerda lhe espalmava e apertava o peito até a magoar. E, quando ela protestava de dor e prazer, tomou-a pela mão e levou-a para a cama.

Benedita regressou a pé do cais das colunas, ainda abalada pelas emoções da partida. Percebia com cada vez mais nitidez que a vida era cheia de encontros e despedidas, que tão depressa alegravam como magoavam o coração, e que pouco se podia fazer contra esse rumo das coisas. Aquele mês e meio com Peter tinha sido tão intenso e simultaneamente tão breve... Junto a ele os dias tinham ganho outra cor, outro encanto, mas o tempo acelerara-se e esvaíra-se demasiado depressa. Agora que ele regressava a Angola e que ela teria de ficar mais duas ou três semanas em Lisboa para formalizar a constituição da sociedade e ultimar os preparativos do grande empreendimento, os dias iriam ser verdadeiras eternidades. Ainda o navio não saíra o Tejo rumo a Luanda e já ela estava pesada de saudades. O coração era um monstro insaciável.

Um monstro que a levava de novo até Moçâmedes, ainda que agora, surpreendentemente, esse regresso lhe parecesse natural. O simples facto

de Peter existir na sua vida mudara-lhe a perspectiva das coisas e ela deu consigo a pensar que era uma pessoa de extremos. Sabia que a cidade era o seu mundo, o seu palco, e achava que viveria mal sem a trepidação e o movimento constantes das suas ruas e praças, dos seus teatros e bailes. Mas, ao mesmo tempo que tinha essa pulsão pela vida citadina, tinha igualmente uma atracção enorme pelo deserto, por tudo o que era bravio, pelo afastamento, como se precisasse desses espaços sem gente para lavar a alma e poder recomeçar tudo de novo.

Caminhou junto ao rio e depois subiu, devagar, a íngreme Rua do Alecrim, pensando na vida e no amor. Peter era omnipresente no seu pensamento, com tudo o que isso implicava de bom e de mau. O seu sangue fervia sempre que se lembrava do seu corpo, dos seus gestos, das suas palavras, do seu sorriso. Nunca sentira por nenhum homem o que agora sentia por ele. Peter era a alegria e a dor, e junto a ele sentia-se vulnerável, mais vulnerável do que quando estava à mercê das brutalidades de José Leite. Nunca amara o marido – a palavra feria como um punhal – e felizmente tinha conseguido atirá-lo para um alçapão escuro da sua memória de onde apenas saía para a fazer estremecer em pesadelos. E também nunca amara Bernardino – aceitara-o na sua cama apenas por uma questão de sobrevivência. Mas se não o amava, também não conseguia lembrá-lo sem remorsos. Bernardino recebera-a de braços abertos quando ela mais precisara e curara-lhe as feridas. Fora o amor devotado e tranquilo que lhe abria as portas para o novo mundo onde agora vivia, e ela abandonara-o para viver a sua paixão. Eram tristes os desencontros dos afectos. O mundo seria um lugar bem mais harmonioso se houvesse total reciprocidade de sentimentos e se o amor fosse isento de sofrimento.

O bulício da rua despertou-a dos seus pensamentos. Junto do Loreto, sobre uma peanha, um homem anunciava qualquer coisa e já tinha reunido um magote de gente à sua volta. Benedita não gostava de ficar parada nas ruas – podia dar ideias a atrevidos mas qualquer coisa a prendeu ali e deixou-se estar por momentos a ouvir o vendedor, que exibia, bem agarrada na sua mão magra, uma lata redonda cor de chumbo.

– Este pó que aqui vêm não é feito por mim, não! É fabricado pela reputada empresa Du Barry, na Praça Vendôme, e veio directamente de Paris para aliviar os vossos males. Cura sem médicos nem despesas os humores, a acidez, os vômitos, a tosse, as desorganizações do peito, da bexiga e do sangue – prometia. – Já mais de sessenta mil curas, meus

senhores, entre as quais a de Sua Santidade o Papa e a do duque de Pluskow.

Benedita sorriu, divertida, enquanto o homem prosseguia a sua arenga:

– É um delicioso alimento achocolatado para almoço e ceia. Fortifica os nervos e o estômago sem causar peso nem dor de cabeça. Um quilo deste remédio milagroso por apenas mil e trezentos réis. Podem comprar aqui mesmo ou na Farmácia Barrai, na Rua do Ouro.

Um transeunte gordo entregou o dinheiro e recebeu a correspondente lata. Benedita sabia que conhecia aquela cara de qualquer lado mas de início o nome não lhe ocorreu. Só quando o homem começou a afastar-se com o vagar dos obesos ela percebeu que se tratava de Joaquim Baptista Moreira. Reprimiu o grito de raiva que lhe subia na garganta, resistiu ao impulso de o interpelar ali, em plena rua, e seguiu-o até casa, mantendo-se a uma distância razoável e parando de tempos a tempos para fingir que olhava para alguma loja. À medida que ia andando, de olhos postos na figura do cônsul, a sua mente ia fervilhando de ideias loucas e engendrando planos ousados.

Não foi difícil seduzi-lo – os homens eram uns tolos. Um jogo de aproximações e de esquivas sabiamente doseado, um leque que mexia prometendo proximidades, umas roupas que davam às suas formas um relevo mais mostrado e mais oferecido, uma insistência de olhares, e o homem acabou por chegar à fala. Andaram pelas ruas e jardins, percorreram o Passeio Público, e ela, abrindo-se em confissões, disse ser brasileira do Rio de Janeiro, sozinha em Lisboa. Uma tarde permitiu que ele a acompanhasse ao hotel – um outro hotel – e que lhe pressionasse a mão com familiaridade. E quando, ao fim de uns dias de encontros cortesies, ele lhe falou em lindas gravuras brasileiras que tinha num cofre, no andar onde vivia, ela, fingindo ingenuidade curiosa, confessou que adoraria vê-las mas recuava perante um encontro a sós na residência de um homem. Não lhe parecia próprio. Foi só após mais dois dias de muita insistência que, ultrapassada a vergonha, aceitou um convite para tomar um chá, no decorrer do qual seriam mostradas as gravuras.

Na tarde aprazada, cuidou da toilette. Pôs um vestido azul-celeste de meia manga, com decote generoso e rendas pretas. Arranjou o cabelo de uma forma provocadora e usou um novo perfume, mais enleante. Depois, meteu tudo o que precisava numa avantajada bolsa de *moiré*, pegou na capa, fechou cuidadosamente a porta do quatinho que

alugara naquele hotel barato e, depois de pagar a conta, saiu para a rua.

Andou até casa dele em passo rápido e com o espírito vazio. Não encontrou ninguém à porta do prédio, e deu graças a Deus por isso. Tinha-lhe confessado o acanhamento, a vergonha de ser vista, e ele prontificara -se a velar para que a sua entrada não tivesse testemunhas nem obstáculos. A meio da escada hesitou: seria capaz de fazer aquilo? Pensou recuar... ainda não era demasiado tarde para isso. Mas, depois, impeliu-se para a frente e galgou os últimos degraus, repetindo baixinho para si própria uma expressão que ouvira muitas vezes dizer ao pai:

– Ânimo, ânimo! Não se pescam trutas a barbas enxutas.

Era no pai que pensava quando bateu à porta. Pouco depois ouviu passos a crescer no interior, fazendo gemer o soalho, as dobradiças guincharam num queixume de falta de óleo e Joaquim Baptista Moreira surgiu por trás da porta, rotundo nas suas calças pretas de casimira e com a cara toda aberta em sorrisos. A mão direita, apoiada na cintura, repuxava a sobrecasaca de bom corte um pouco para trás, revelando o colete de veludo cinzento com floreados azuis e dando-lhe um perfil de vilão de opereta.

Afastou-se para ela passar e tirou-lhe atenciosamente a capa dos ombros, pondo-a sobre uma cadeira que havia à entrada. Benedita percebeu de imediato que, ao contrário do prometido, a cozinheira não estava. «Uma súbita indisposição, coitada», explicou ele. A Adélia ficara internada no hospital, deixando-o em cuidado porque já se lhe afeiçoara.

– Terei de ser eu a servir o nosso chá. Já tenho tudo pronto... é só trazer.

Mas ela interveio, simpática e solícita.

– Não, não, eu trato disso. É trabalho de mulher. Agora quem manda sou eu. O meu querido Joaquim vai ficar muito bem sentado porque quando eu voltar quero poder admirá-lo e saborear a sua companhia.

Benedita passou pelo quarto, vendo de relance o cofre que ocupava um dos cantos, e entrou na cozinha enquanto Baptista Moreira ficou na salinha, a sorrir, embevecido. Pela sua imaginação lúbrica passavam incessantes ideias, vinham-lhe baforadas de luxúria. Imaginava o corpo dela nu, abandonado às suas orgíacas vontades. Sentia-se um Tibério, um Nero, um homem poderoso cheio de volúpias e perversões. Com jeito talvez conseguisse convencê-la a ter o seu membro na boca. Ou talvez nem fosse preciso convencê-la e acabasse por ser ela a tomar a iniciativa, desde que ele conduzisse bem as coisas. Mulheres como ela eram ousadas e experientes, e sabiam muito bem o que dava calores a

um homem.

Na pequena cozinha Benedita preparou o tabuleiro com o bule e as chávenas. Num gesto decidido abriu a bolsa e tirou um vidrinho de seis faces cheio de um líquido levemente acastanhado, que despejou furtivamente numa das chávenas. De seguida regressou à salinha, apoiando o tabuleiro numa pequena mesa, para servir o chá.

– Quantos cubinhos quer? – perguntou, já com o açucareiro na mão.

Enquanto enchia a primeira chávena reparou que sobre a escrivaninha estava uma carta parcialmente escrita, que leu de relance:

Senhora, à soberana presença de V.M.F. vem Joaquim Baptista

Moreira implorar a protecção que seu maternal coração nunca recusa a seus súbditos e com a qual somente poderá atenuar as consequências da acintosa perseguição...

Aquele bandido, pensou, ainda tinha o descaramento de apelar para a rainha! Escondeu a raiva que sentia e deu-lhe a chávena com um gesto doce, um sorriso matreiro e a cabeça levemente de lado.

– Agora descanse, meu querido, e beba o seu chá. É uma doce antecipação do que vai seguir-se – prometeu. – Tenho em mente fazer-lhe festas inesquecíveis que não vou agora nomear por pudor.

Surpreendia-se a si própria pela forma como aquelas frases de aventureira sabida lhe ocorriam tão facilmente, vindas não sabia de onde e formadas não sabia como. Que inesperada facilidade com que desempenhava aquele papel e que gosto ele lhe dava... Que estranho e sublime poder tinha ali na sua mão, e que estúpida fora por não o ter usado antes.

Ajoelhou-se aos pés dele e começou a descalçar-lhe os sapatos, enquanto prosseguia o seu monólogo:

– Eu adoro a entrega absoluta, a entrega a alguém que pode fazer de mim o que muito bem quiser. Isso solta-me completamente.

Joaquim Baptista Moreira mantinha os olhos semicerrados e um sorriso beatífico nos lábios, como se tivesse sido transportado para um éter de prazer. Ia bebendo o chá em pequenos golinhos, muito seguidos e muito rápidos, para se despachar. Num esforço supremo, inclinou a cabeça para trás e esvaziou a chávena de um só trago.

Ela sorriu, como se o felicitasse pela proeza.

– Ai, meu querido! Que bem! Não posso vê-lo assim tão despachado, que me derreto toda. Só me apetece agarrá-lo, abraçá-lo e dar-lhe mil beijos de todas as maneiras que conhece e de outras que talvez não conheça.

Fez um sorriso carregado de malícia e depois ordenou, erguendo-se e puxando-o pela mão:

– Venha, vamos para o quarto.

Joaquim seguiu-a, no passo desajeitado de quem se sentia ridículo de meias e sentou-se na cama exactamente na posição em que ela o colocou. Nunca tivera grande habilidade para mulheres e não era um homem de comando. Agradeceu interiormente quando ela assumiu o controlo e começou a despi-lo. Já tirara a sobrecasaca e as calças quando sentiu a dor de estômago e um profundo arrepio que lhe pôs bagas de suor a escorrer pela testa. Teria bebido o chá demasiado quente e demasiado depressa? A sua disposição mudou, de repente, e foi já em voz alterada que se queixou:

– Não me sinto bem...

Ela parou de lhe despir o colete e afastou-se, observando a sua palidez. Depois disse num tom pausado e já com outro timbre:

– É natural, meu querido. Sabe como eu me chamo? – Esperou um pouco e logo prosseguiu: – Sou Benedita Sepúlveda, filha do Dr. José Sepúlveda. O nome diz-lhe alguma coisa?

Moreira pareceu surpreendido com aquela revelação, mas negou com a cabeça e respirou aliviado. A dor passava.

– O meu pai era um médico português que vivia no Recife – continuou ela.

– Sim? – disse ele querendo ser irónico. – Talvez conheça... não sei. Quase tudo me tem esquecido. Estas coisas que ficam de um dia para o outro dormem connosco e acordam desmemoriadas, se é que não continuam a dormir.

Fez um esgar porque a dor regressava mais forte, como uma punhalada.

– Pois, meu querido, vou refrescar-te a memória – disse ela com uma dureza fria na voz. – Os meus pais foram assassinados em 1848 e tu ficaste com a minha herança. Cem contos de réis, segundo consta. E agora sentes-te mal porque tens remorsos e porque eu deitei um pouco de veneno no chá para acertarmos as nossas contas...

Ele levantou-se, lívido, e tentou correr para ela, para a agarrar. Mas Benedita, que já estava à porta do quarto com o braço direito bem erguido e um frasquinho esverdeado na mão, gritou-lhe:

– Pára! Tenho aqui o antídoto e parto este vidro no chão se dás mais um passo. Morres em poucos minutos e nem queiras saber o sofrimento que vais ter.

Moreira estacou de imediato. Depois, implorou, chorou, prometeu compensá-la. Sentia-se cada vez pior, dobrava-se para a frente com a mão comprimindo a barriga. Mas a dor não passava e as tonturas acentuavam-se.

– Vamos fazer contas – disse ela, ainda da porta do quarto. – Abre o cofre e põe tudo o que lá tens aqui dentro – ordenou, atirando a bolsa para cima da cama.

Ele obedeceu com as mãos trémulas e a baba a escorrer-lhe pelo queixo. Choramingava, mas ela não se condoía e ordenava, com voz dura:

– Rápido! Não tens muito tempo... Isso mesmo... Apanha essas notas que deixaste cair e segue-me.

Começou a recuar para a salinha, sempre com o antídoto na mão, e ele foi gemendo e cambaleando atrás dela, suplicando por socorro:

– O vidro..., dá-me o vidro, que eu vou morrer. Ai, Jesus, que vou morrer!

Ela ignorou a lamúria.

– Deixa ficar a bolsa no tabuleiro do chá e assina este documento – disse, pondo uma folha na escrivaninha.

Moreira assinou num ápice, sem ler, amarfanhando levemente o papel com as mãos ansiosas, enquanto Benedita recuperava a sua bolsa.

– Recua para o quarto – mandou ela, soprando a tinta para que secasse. – Ficas lá até eu sair. Deixo-te o antídoto na cadeira da entrada.

Correu para a porta, pegou na capa, deixou o vidro sobre o assento da cadeira e sumiu-se escadas abaixo tão depressa quanto pôde.

Percorreu a rua em passo acelerado e por sorte apanhou logo uma sege que a levou rapidamente dali. Quando chegou ao Hotel Progresso abriu a bolsa e conferiu o recheio. Para além de dinheiro e de papéis de crédito público, havia acções do Banco Mercantil Portuense e de várias companhias: Lezírias, Lisbonense, Iluminação a Gás. Quanto valeriam? Depois teria de ver tudo aquilo muito bem visto com Pinto Basto.

Ainda tinha o pulso acelerado. Enfrentara uma grande prova mas saíra-se maravilhosamente bem. Pela primeira vez desde há muito tempo estava orgulhosa de si. Respirou fundo, despiu-se, deitou-se sobre a cama e leu, deliciada, a declaração que Moreira assinara com mão trémula e em que lhe fazia a doação daqueles bens.

Dois dias depois, abrindo A Revolução de Setembro, deparou-se com o seguinte anúncio:

O abaixo assinado, ex-cônsul de Portugal em Pernambuco, tendo de se

retirar para o Brasil e não podendo despedir-se pessoalmente dos seus amigos, o faz por este meio, significando-lhes ao mesmo tempo as suas saudades e os seus mais sinceros reconhecimentos pelo bom acolhimento que de todos recebeu.

Lisboa, 15 de Maio de 1854, Joaquim Baptista Moreira.

Atirou o jornal pelo ar e riu às gargalhadas. Abriu a janela e sorveu o ar fresco da manhã às golfadas. Apeteceu-lhe beber um bom champanhe e brindar a África e a Kpengla. Fora muito útil aquele veneno que a caçadora lhe dera para usar em casos extremos.

¹ Marinha de guerra francesa.

² Medida de comprimento equivalente a 68 cms.

Sonhos e pesadelos

Começou a correr uma brisa fresca e Benedita enrolou-se melhor no xaile e desceu ao camarote, que dormia na luz mortiça de uma só lamparina. Acendeu todas as outras e a claridade anémica e amarelada foi rompendo aquele espaço sombrio, revelando, à esquerda, o sofá, as bambinelas e os reposteiros de seda, nos quais gastara bom dinheiro. Uma despesa sumptuária, diziam-lhe, para meia dúzia de semanas no mar. Mas ela decidira fazê-la, ainda assim. Se tinha a disponibilidade e os meios ao seu alcance, para quê viajar em más condições? Não bastara já o que tinha passado na travessia de Pernambuco e nos primeiros tempos no Bumbo? Enquanto pudesse, atenuaria o mais possível as inclemências e os desconfortos das demoradas viagens marítimas.

Num canto, junto ao beliche, havia um cavalete. Retirou o lençol branco que o cobria, pondo à vista um quadro de boas dimensões e tonalidades quentes. Em Lisboa, lembrara-se de comprar materiais de pintura e tinha feito bem. Regularmente levava tudo isso para um nicho recatado do convés e pintava cenas da vida a bordo, preenchendo desse modo os ócios do interminável tempo de viagem. Mas o seu primeiro quadro fora aquele retrato de Peter que agora tinha ali, sob os seus olhos. Era o Peter das primeiras memórias, tal como o recordava junto ao embondeiro, sorrindo com ar confiante e o punho esquerdo apoiado na cintura. Ainda teria de refazer alguns detalhes pois a expressão não estava suficientemente meiga e o sorriso do seu Peter era doce, quase como o de um rapazinho. Mas isso de momento era secundário. Aquela tela valia como um substituto dele, um retrato sentimental que a acompanhava e aconchegava na solidão da viagem. Gostava de entrar no camarote e de o ter ali junto a si, a vê-la adormecer e a sorrir-lhe mal abria os olhos.

Contemplou o quadro durante algum tempo como se quisesse sorvê-lo e fundir-se com ele. Depois despiu-se, dobrando a roupa

cuidadosamente, apagou as lamparinas e deitou-se com Peter nos olhos e no pensamento. Adormeceu depressa, embalada pela ondulação larga e pelo ranger manso das madeiras.

Na manhã seguinte acordou cedo, a tempo de ver Moçâmedes aparecer no horizonte e aproximar-se a pouco e pouco do navio. Vista do mar a povoação continuava a ser feia, mas polvilhara-se de algumas casas de pedra e de árvores de fruto que vinham dar ao lugar um vago ar de oásis. A igreja, cuja construção estivera parada durante anos, parecia quase concluída e a fortaleza fora refeita. Provavelmente teria mais canhões e mais soldados, quem sabe uma nova caserna, ainda que ela dali não pudesse atestá-lo. Só dava para ver que toda a frente virada para o mar estava agora muito arranjada, em pedra e cantaria.

Então, ao contemplar aquela terra amarelenta, foi tomada por sentimentos contraditórios e não soube o que sentir. Quando comparava aquele conjunto de casebres implantados na areia com as ruas apinhadas, ruidosas e coloridas de Lisboa sentia um nó no peito e vontade de fugir. Que desconsolo! Para além disso, presas àquelas casas e àquelas gentes vinham tristes memórias, ansiedades e constrangimentos. Mais cedo ou mais tarde voltaria a encontrar o marido, que quisera matá-la e a quem estava ainda legalmente ligada. Como reagiriam ambos quando se vissem? Sentia um misto de raiva e de apreensão quando pensava nele. E a cínica Isaura? Voltaria a vê-la? Deus a livrasse disso... Adiante também iria infalivelmente cruzar-se com Bernardino e teria de olhar para dentro de si mesma e do seu remorso. Momentos penosos que gostaria de poder evitar.

Mas Moçâmedes significava igualmente o muito ansiado reencontro com Peter, que certamente a esperava de braços abertos e sorriso acolhedor – o mesmo sorriso que ela quisera fixar na tela. Para além disso, aquele regresso representava o maior desafio da sua vida. Voltava àquela terra ao serviço de uma importante sociedade e com a incumbência e o desejo de construir a melhor propriedade da região. O desafio era enorme. De início recusara-o terminantemente e tremia só de pensar nele. As mãos suavam-lhe e punha-se-lhe um nó no estômago que lhe estragava os dias. Mas a pouco e pouco Peter convencera-a a atirar-se para a frente, a sua ambição fizera o resto e agora ali estava perante aquele areal e com a missão de o cultivar e transformar. Seria a presença de Peter a seu lado que lhe dava força e capacidades que nunca imaginara possuir? Seria a promessa feita a si mesma de nunca mais virar costas a uma oportunidade? Não sabia. A única coisa de que tinha

a certeza é que se sentia outra. Já não era a rapariga tímida e enjeitada que ali tinha aportado cinco anos antes. Algures naqueles últimos meses tinha passado várias fronteiras dentro de si e Lisboa tinha sido o seu Rubicão, como Bernardino gostava de dizer. Dera-lhe audácia, ligações e dinheiro. E o dinheiro – apercebia-se disso com cada vez mais nitidez – mudava radicalmente a forma como tudo e todos se dispunham perante os seus olhos.

O brigue fundeou e Benedita desembarcou rapidamente. Havia poucos passageiros, uma dúzia, se tanto: artesãos, caixeiros e duas ou três mulheres de vida escandalosa, o que era um sinal do crescimento de Moçâmedes.

Já na praia decepcionou-se imensamente por não ver Peter. Convencera-se de que ele estaria ali a esperá-la. De pouco valia dizer a si mesma que essa expectativa não fazia qualquer sentido, pois Peter não poderia adivinhar a data e hora da chegada do navio. Mas a decepção subsistia, azedava-lhe o espírito e só amainou quando foi abordada por um preto pequeno e magro:

– Sr.^a Benedita, bom dia – disse o homem com um rasgado sorriso. – O Sr. Peter foi caçar no sertão mas tem casa pronta para a senhora. Eu fico cá para tratar da senhora.

Benedita reconheceu-o. Era o homem que costumava levar-lhe as cartas de Peter quando estava na aldeia do Bumbo e se encontravam junto ao embondeiro.

– Como te chamas? – perguntou.

– Coitadinho Amigo.

Ela sorriu com aquele estranho nome que a reintroduzia nas peculiaridades da África.

– Quando volta o Sr. Peter?

– Para o outro mês. Tem carta para a senhora – disse, entregando-lhe um papel dobrado e lacrado.

Ela guardou a carta na saia e disfarçou muito a custo a nova frustração. Um mês? Que amargas surpresas, que enormes desilusões! Sabia que Peter tinha uma caçada importante, mas não contava com uma ausência tão prolongada logo naquele momento em que tanto precisava dele para se reinstalar naquela malfadada terra e, sobretudo, para lhe saltar ao pescoço e para o moer de beijos. Disfarçando o melhor que podia as contrariedades, virou-se para o negro e deu-lhe as suas instruções:

– Muito bem, Coitadinho Amigo. Mostra-me então a casa. Depois

preciso que volte aqui para tratar das minhas bagagens. Arranja um escravo ou dois, se for preciso, para levar tudo até lá.

Enquanto se dirigiam para a casa de Peter, Benedita foi explicando ao negro como fazer com as coisas que trouxera de Lisboa. Era uma grande bagagem, com artigos para o seu bem-estar e conforto. Havia castiçais, salvas, um serviço de mesa e paliteiros em prata, havia cálices de cristal, sofás, mobílias várias, uma enorme tina para tomar banho, um grande guarda-roupa e vários outros luxos que era preciso manejar com cuidado e que – estava certa disso – fariam pasmar aquela gente de Moçâmedes. E a par desses artigos pessoais vinham igualmente coisas para a futura fazenda: um tanque que levava até 600 almudes e vários instrumentos agrícolas que Pinto Basto se encarregara de expedir no mesmo navio. Tinha feito um seguro da carga, mas não queria que nada daquilo se perdesse. Por isso recomendou a Coitadinho Amigo que fosse vigilante e diligente. Ela iria, depois, supervisionar o trabalho de descarga.

Seguiram ao longo da Rua da Praia, bordejando o mar, e viraram à esquerda para a Travessa do Manjerição, uma das travessas que cruzavam as três ruas paralelas à suave curvatura da baía. O desenho de Moçâmedes era simples de memorizar. Passaram a Rua dos Pescadores, onde o cheiro a peixe lhe veio recordar as suas primeiras impressões daquela terra, e chegaram por fim à Rua do Alferes, a última das paralelas ao mar, onde a casa de Peter se situava. Era uma construção em madeira já antiga, a precisar de pintura mas suficientemente grande para acolher várias pessoas.

Coitadinho Amigo regressou de imediato à praia e ela ficou com as duas escravas pretas que punham alguma ordem na vida do seu Peter. Enquanto as mulheres lhe arranjavam o almoço e água para se lavar, Benedita percorreu aquele típico espaço de homem solteiro: três quartos pequenos e simples, cada um deles com uma cama, uma cómoda, um espelho e uma bacia para a higiene diária. Uma sala de estar ampla, carregada de troféus de caça. A um canto, numa armação de madeira, várias espingardas velavam, limpas e aprumadas. Uma porta larga dava passagem para uma pequena sala de jantar. O aparador era de boa qualidade mas a loiça não resistia a um exame mais atento: estava lascada e a precisar de reforma. Faltava em tudo aquilo um toque feminino e ela percebeu que nunca devia ter havido uma mulher estável naquele espaço, apenas as escravas, que não tinham autonomia nem iniciativa para lhe alterarem a decoração. Disse a si própria que consigo

seria diferente e aquela casa iria levar uma volta, para melhor, enquanto ela ali estivesse. E, quando ele voltasse da caçada cansado e ansioso por um conforto doméstico, iria agradecer-lhe, espantado e enternecido, os benefícios que ela ali introduzira.

Na extremidade da casa, antes de chegar à cozinha e à divisão das escravas, havia uma muito aceitável biblioteca, recheada de livros. Benedita aproximou-se das prateleiras, surpreendida com aquela riqueza bibliográfica, e tirou um exemplar ao acaso. Era uma narrativa de viagens de um tal Mungo Park em África. Folheou-o sem o ler. Mas aquele passar das páginas sob a ponta dos dedos dava-lhe uma espécie de inebriamento. Era quase como se sentisse o espírito de Peter, como se o tocasse, e ficou extasiada por entrar assim, sem ser vista, na intimidade dele.

Depois de um banho retemperador e do almoço regressou à praia. Coitadinho Amigo desembrulhava-se bem da tarefa que lhe dera. Tinha arranjado uma carroça, que carregara de caixotes e malas, e ia verificando o estado dos objectos que os marinheiros descarregavam. Vendo que o negro era competente, deixou tudo por sua conta e afastou-se da praia, seguindo ao longo da baía. Vinha uma leve brisa do mar que lhe trazia a memória vaga da primeira vez que ali arribara. De tempos a tempos passavam por si pessoas conhecidas, que a cumprimentavam. O major Garcia, que ainda por ali andava, pareceu-lhe mais magro do que nunca. O major bateu os tacões, fez uma pronunciada vénia e deixou-se ficar um pouco para falar e satisfazer a curiosidade. Ela achou que devia retribuir a simpatia.

– Moçâmedes está bem bonita, senhor major! – mentiu.

– Pois está, minha senhora! – entusiasmou-se ele. – E muito se deve ao nosso novo governador.

Ela admirou-se.

– Sim? Quem é?

– O capitão Fernando da Costa Leal. Chegou há pouco, mas já deu andamento a muita coisa que estava parada.

Benedita olhou em redor.

– De facto... – reconheceu – a povoação parece outra.

– Povoação não, minha senhora... Vila! Desde Março que temos vila... – historiou o homem. E em Novembro vamos eleger a primeira câmara municipal – informou, muito ufano. – É o progresso, minha senhora.

Nas semanas seguintes Benedita pensou várias vezes naquela frase.

Seria o vento do progresso que lhe escancarava as portas e a impulsionava para sucessivos êxitos? Ou seria a sua argúcia? Talvez ambas as coisas. Pretendia as melhores terras na margem esquerda do Bero e estava a obtê-las muito rapidamente pois propunha aos agricultores pobres um negócio demasiado tentador para ser recusado: pagava-lhes a terra e, simultaneamente, oferecia-lhes sociedade em estabelecimentos de comércio a abrir proximamente na vila. Ela, que ainda em Lisboa adquirira 20% da sociedade de Pinto Basto, para juntar à quota que Peter lhe dera, entraria com a maior parte do capital, eles dariam o remanescente e o trabalho. Bastava acenar com essas condições convidativas para que aquela gente desiludida com a ingrata vida da enxada e desejosa de regressar às lides atrás do balcão agarrasse o negócio com ambas as mãos.

Surgiram assim, num curto espaço de tempo e à medida que as terras mudavam de dono, vários planos para abrir lojas no centro de Moçâmedes: uma casa de moda onde as senhoras poderiam encontrar uma oferta moderna e variada, desde chapéus de seda até brincos e miudezas; uma droguaria que a par das conveniências do dia-a-dia teria também um bom sortimento de secos e molhados e venderia pacotinhos de cigarros e tabaco a rolo; um estabelecimento de salgar e embarricar carne, que forneceria os navios baleeiros que vinham abastecer-se em Moçâmedes.

Quando contemplava aquilo que já realizara em pouco mais de três semanas de permanência na vila, Benedita não podia deixar de se sentir satisfeita consigo mesma. Descobria em si uma queda inesperada para a negociação. Era bem certo que Peter e Pinto Basto lhe tinham ensinado muita coisa, em Lisboa, mas o jeito era seu, era surpreendentemente novo e era entusiasmante. Parecia que não havia milagre que o seu dinheiro e a sua argumentação não conseguissem realizar e já acumulara uma boa extensão de terra fértil pois havia enorme receptividade às suas propostas.

A excepção a essa regra era Justino Feltro, um homem que vivia do cultivo da mandioca e da batata. A propriedade de Feltro era grande mas pouco produtiva. Tinha, no entanto, uma posição verdadeiramente estratégica, situando-se como um enclave nas terras que Benedita recentemente adquirira e dificultando a livre comunicação entre elas. Tornava-se, portanto, imprescindível comprá-la e ela fizera uma boa proposta de aquisição, que Feltro recusara liminarmente. Tentara uma segunda vez, mas o homem mantinha a recusa com uma persistência de

transmontano obstinado. Nunca fora pessoa de comércio – dizia – e nunca aceitara que lhe ditassem o que deveria fazer. Tinha, aliás, um lema que repetia constantemente, viesse a propósito ou não:

– Para cá do Marão, mandam os que cá estão.

Nessa manhã Benedita ia tentar uma última conversa com o lavrador. Coitadinho Amigo conduziu-a na carroça até às terras de Feltro e ajudou-a a descer do banco. O homem cavava nas proximidades e podia ouvir-se o som abafado e húmido da sua enxada a entrar na terra, entremeado, de tempos a tempos, pelo tinir seco do metal a bater nalguma pedra. Parou de trabalhar quando a viu aproximar-se e endireitou-se, tanto quanto a coluna torta lho permitia. Justino Feltro era um homem magro e amarrecado, com nariz pontiagudo e postura de cegonha. As calças, muito subidas, puxadas pelos suspensórios, já não tinham botões e eram fechadas à frente por um simples alfinete, arrepanhando ainda mais aquele bocado de pano amarrotado e descolorido.

– Bom dia, Sr. Justino – saudou Benedita. – Trago-lhe aqui uma nova proposta. Podemos sentar-nos um bocadinho para conversar?

Um pouco contrafeito, Feltro conduziu-a até sua casa. Era um barracão de madeira, construído à pressa e sem quaisquer confortos. Na sala, uma divisão pequena e escura preenchida por uma mesa em mau estado e várias cadeiras desirmanadas, uma rapariga muito nova e bonita, de cabelo preto, espremia a mama para a boca ávida do bebé que tinha ao colo. Atrás dela uma criança enfezada, com seis ou sete anos, talvez, grudava-se-lhe às costas, como se temesse afastar-se da sua protecção. Olharam, ambas, a recém-chegada com olhos muito abertos e sofridos que diziam mais do que mil palavras. Eram a mulher e os filhos de Feltro e estavam tão incrivelmente encardidos e enfarruscados que Benedita calculou, com repugnância, que não deviam ver água há várias semanas.

Apesar daquela patente miséria Justino não queria vender a terra. Sentado à mesa da sala de jantar, em frente de Benedita, continuava teimosamente a recusar-se, abanando a cabeça. Ela insistia, subindo o valor da oferta em dinheiro e acenando-lhe com uma mercearia na vila.

– Uma casa com um sortimento bom, Sr. Justino. Dos melhores... Podia até ter bolos finos ou bolachinha de gengibre e leite; ou queijos alentejanos em lata – sugeria, elevando um pouco a voz para que a mulher dele ouvisse e se tentasse. – Enfim... tudo o que o Sr. Justino quisesse. Um estabelecimento destes em Moçâmedes pode dar bom

dinheiro – prometia.

Trazia já um contrato redigido, que Justino não podia avaliar pois não sabia ler. Gostava de ter aprendido mas nunca tivera paciência nem vagar. Conhecia os sinais da terra, os seus segredos e manhas, e dava-se por satisfeito. Então Benedita leu-lhe o articulado do contrato e deu-lho para ele pôr a cruz. Porém, o homem olhou-a com desconfiança e continuou a abanar a cabeça.

– Tudo isso é muito bonito mas já disse que não vendo, e daqui não saio. Para cá do Marão mandam os que cá estão!

Benedita não insistiu mais. Levantou-se do banco, despediu-se de Feltro e da mulher e dirigiu-se para a carroça onde Coitadinho Amigo a aguardava. Sentia mais irritação do que propriamente desalento pois ainda não se dava por vencida. Conhecendo a teimosia do lavrador tinha antecipado aquele insucesso, estudara o assunto a fundo e preparara um plano alternativo, com recurso a meios mais persuasivos. Iria pedir uma audiência ao governador Leal e ver o que se poderia fazer por essa via. Não lhe agradavam esses métodos, mas não via outra solução. Enquanto andava em direcção à carroça tranquilizava a consciência dizendo a si própria que fizera tudo quanto era humanamente possível para levar as coisas a bem, e que, no fundo, a posse daquela terra era uma questão de sobrevivência.

Coitadinho Amigo ajudou-a a subir para o banco da carroça e ela ordenou-lhe:

– Leva-me à fortaleza.

Quando a mula começou a trotar, os trovões soaram ao longe e Benedita, olhando para cima e para trás de si, viu grandes massas de nuvens negras que corriam no céu umas contra as outras como se fossem empurradas por ventos desconhecidos e prenunciassem desgraças. E então, por um momento, pensou na família Feltro – que iria ser dela? – mas afastou rapidamente essa inquietação do pensamento. Talvez viesse lá chuva, que tão precisada era.

Enquanto a carroça rolava em direcção a Moçâmedes foi-se preparando mentalmente para o encontro com o governador Leal. Nunca o tinha visto mas ouvira coisas a seu respeito. Umas boas, outras más. Sabia que era um homem novo, bem-parecido e enérgico, muito empenhado no progresso do distrito. Mas dizia-se que era taciturno e amargo. O seu mau génio era famoso e temido, tal como eram temidos os seus abusos de força. Diziam-se, até, coisas inquietantes a esse respeito. Um dia em que comprava pastéis na Confeitaria Esperança,

Benedita ouvira o velho Costa contar, em voz baixa, uma história grave ao pasteleiro:

– Já sabe que o nosso governador forçou uma mulher que lhe foi com pretensões?

– Não me diga... Quem? Quando?

Costa dissera qualquer coisa que ela não captara e depois prosseguira a confidência, bichanando:

– Consta que a mandou entrar para o seu gabinete e que foi lá que se serviu dela.

– Ai o bandido! – indignara-se o homem.

– É verdade... – garantira Costa, abrindo muito os olhos e confirmando com a cabeça. – Desde que a notícia começou a correr mais nenhuma mulher se atreveu a entrar para o gabinete dele... e diz-se que o homem, por vingança, também não dá andamento aos requerimentos delas.

Benedita não acreditou naquela história. O velho Costa era um mexeriqueiro, uma lambisgoia vestida de homem – era assim que Bernardino se lhe referia – e o mais provável é que tudo aquilo fosse falso. De qualquer forma, o rumor corria e, agora que se preparava para se encontrar com o capitão Leal, sentia alguma inquietação e receio, e ao mesmo tempo a leve excitação do desafio. Algo vagamente parecido com o que sentira quando se encaminhara para casa do cônsul Moreira. Mas, tal como nessa ocasião – mais do que nessa ocasião confiava em si própria e na sua habilidade para enfrentar os homens e os apertos das circunstâncias.

A carroça parou à porta da fortaleza e Benedita explicou ao sargento da guarda o que ali a levava. O homem não percebeu. Havia um ruído martelado dos pedreiros que calçavam o chão da fortaleza e ladrilhavam a casa da guarda, e ela teve de gritar para se fazer entender:

– Desejo ser recebida pelo senhor governador.

O sargento fez um sorriso surpreendido, que logo passou a entendido e levemente trocista. Ainda sorrindo com malícia rabiscou um papel, que entregou a um soldado.

– Levas este bilhete ao gabinete do nosso capitão Leal e voltas cá com a resposta.

O soldado partiu e Benedita ficou de pé a um canto da casa da guarda, abanando-se e resguardando-se com o leque. Alguns militares encostados às paredes lançavam-lhe olhares curiosos e lúbricos que ela tentou estoicamente ignorar, fixando a sua atenção nos trovões que se

aproximavam. Esteve assim longos minutos, num tempo que parecia paralisado, até que por fim o soldado regressou, pedindo-lhe que o seguisse. Atravessaram o terreiro da parada, onde tremulava a bandeira nacional, subiram uma escada íngreme e depois o militar guiou-a ao longo de um corredor, parando junto de uma porta que se encontrava apenas encostada. Disse-lhe que aguardasse, indicando um canapé.

Benedita sentou-se. Através da porta encostada chegavam-lhe os sons de duas vozes, uma humilde, subserviente, e uma outra irada, que se lhe sobrepunha:

– Não me interessa pela vila? Eu? – perguntava a voz irada. – Mas o que é que esta gente quer? Queriam que em meia dúzia de semanas eu já tivesse feito um cais e um trapiche? Hã?... Ou talvez quisessem iluminação a gás, não? Ora, tenha piedade, Sr. Costa, e juizinho, sim, que a minha paciência tem limites!

Pouco depois a porta escancarou-se para expelir o velho Costa, esbaforido. Quando viu Benedita sentada no canapé, fez um ligeiro cumprimento e galgou rapidamente o corredor, desaparecendo, corcovado, pelas escadas abaixo. O governador assomou à porta do gabinete e, após uma pequena hesitação, fez sinal a Benedita para que entrasse, afastando-se para lhe dar passagem. Ela entrou numa divisão relativamente grande e mal preenchida por uma secretária, umas estantes de madeira escura e dois cadeirões. Atrás da secretária, uma tapeçaria cobria a parede de ferozes leões e improváveis caçadores árabes de mosquetes e turbantes brancos.

O capitão Leal era um homem bem proporcionado mas ligeiramente mais baixo do que ela, o que lhe agradou. Gostava da sensação de domínio físico que advinha de ser mais alta e de olhar os outros de cima. Era um dos homens mais bonitos que alguma vez vira. A pêra preta bem aparada, a testa resoluta, o olhar duro, distante, algo melancólico, combinavam-se perfeitamente para lhe dar uma aura de herói trágico. Vestia um dólman azul-escuro, imaculadamente limpo e sem um único vinco, onde refulgiam botões dourados e três condecorações. Ainda que estivesse num verdadeiro ermo, numa distante colónia, o capitão apresentava-se como se fosse participar num desfile militar, o que indiciava a rigorosa disciplina do seu aprumo.

Depois de se ter sentado e apresentado, Benedita respirou fundo e viu os olhos apreciativos do capitão seguirem o movimento do seu busto, tentando adivinhá-lo. Ela achou que no fim de contas talvez houvesse algum fundamento nos rumores que corriam a respeito dele, o

que não impediu que, imperceptivelmente, se tivesse posto um pouco de lado para que a curva dos seus seios fosse mais desenhada e evidente. Depois, disse ao que ia:

– Eu não queria incomodá-lo, senhor governador, sei que o seu tempo é precioso, mas venho expor um assunto que, sendo meu, também é de interesse para a colônia.

– Escuto-a com toda a atenção.

Benedita fez um sorriso cortês e agradecido, e explicou-se:

– Eu e os meus sócios lisboetas dispomos de capitais e de vontade para fazer uma grande fazenda. Tenho, como V. Ex.^a provavelmente já sabe, adquirido terra e pago bom preço por ela. Mas a minha fazenda está ameaçada pela obstinação de um lavrador que se recusa a vender, o que me impede de unir as partes já compradas.

Leal arqueou as sobancelhas, numa expressão de impotência, e falou com o distanciamento de um juiz imparcial:

– Minha senhora, eu não posso interferir nos assuntos privados de compra e venda de terrenos.

– Bem sei, senhor governador, nem eu me atrevia a vir aqui sugeri-lo – disse Benedita, com uma expressão cândida. – O que eu peço é apenas que se siga o que está estipulado. Estive a consultar a lei e ela diz que a área dos terrenos concedidos deve variar conforme as posses dos pretendentes, de forma que nenhum obtenha área maior do que a que pode aproveitar, segundo os meios que tiver à sua disposição.

– Assim é, de facto.

Benedita prosseguiu, abanando o leque e virando levemente a cara para melhor se refrescar. E, ao fazê-lo, oferecia ao governador o seu melhor perfil e uma figuração insinuante.

– Quem conhece Moçâmedes sabe que a agricultura podia ter dado muito mais frutos se as concessões de terra se tivessem efectuado de acordo com a lei. Mas foram concedidos mil ou mil e quinhentos hectares de terras cultiváveis a homens que não deviam ter recebido mais de cinquenta.

Lá fora o céu escurecia e os trovões estavam mais próximos. Aparentemente indiferente a isso, Benedita continuava a falar e Leal sentia um calor estranho ao ouvi-la. A forma como ela movia as mãos e o leque, a graça com que abria os olhos para sublinhar certas expressões, a inteligência e propriedade com que se expressava, eram cativantes e surpreendentes. À sua frente tinha uma senhora, com conhecimentos e maneiras muito acima do que era usual encontrar naquelas terras

perdidas, e ele sentiu-se fortemente tentado a ajudá-la.

– Que vantagem haverá em ter fazendas enormes mas incultas? – perguntou ela, retoricamente, terminando o raciocínio. – Não será possível corrigir esses erros, à luz da lei?

– Que quer V. Ex.^a dizer?

Benedita desencostou-se do cadeirão e inclinou-se ligeiramente para a frente. Ao fazê-lo, o decote arredondou-se um pouco mais, deixando ver a curvatura dos seios, e Leal achou que naquela posição a explicação dela era ainda mais convincente.

– Se entendi bem, a lei marca um prazo para que a terra seja aproveitada, sob pena de expropriação – continuou Benedita. – No caso de Justino Feltro esse prazo passou há muito. É nesse sentido que eu gostava de pedir a intervenção de V. Ex.^a, para que se desocupasse esta terra e lhe fosse concedida outra, mais conforme com as suas posses, noutro local.

Nesse momento uma luz intensa iluminou a sala e um estampido enorme sacudiu a fortaleza. O capitão ergueu-se de um salto e precipitou-se para a janela. Um raio tinha caído no pau da bandeira, que ardia como uma tocha, e um outro atingira a caserna, abrindo-lhe um buraco no telhado. O ar estava carregado de electricidade e outros raios caíam no mar, numa orgia de luz e som, de clarões e explosões, como se o céu tivesse entrado numa batalha sem quartel contra a terra.

Benedita também se acercou da janela para espreitar e o capitão chegou-se para o lado para lhe dar espaço. Todavia, a proximidade dela, tão junto a si, perturbava-o. O corpo daquela mulher enleava-o no seu perfume de alfazema e ele quase podia sentir-lhe o calor e o arredondado das nádegas a escassos centímetros da sua coxa. Fez um esforço de contenção e retirou-se de novo para a secretária. Sabia o que o povo contava a seu respeito e não queria alimentar mais boatos. Ficou a vê-la debruçada na janela, com a perna esquerda esticada para trás, bem no ar, como se fosse uma elegante bailarina. Depois inclinou-se mais para a frente para perguntar qualquer coisa a alguém que passava, em baixo. As suas ancas moldaram-se no tecido de algodão da saia, convidativas, e ele sentiu o desejo a crescer dentro de si.

Bateram à porta. Era o major Garcia, comandante da fortaleza, que vinha em pessoa inteirar-se da saúde do governador.

– Aqui não houve azar, major – esclareceu Leal – Há danos?

– Grandes danos nas paredes e portas da caserna – reportou o outro, enquanto pesquisava, pelo canto do olho, o paradeiro de Benedita.

– Feridos?

– Julgo que não. Há dois soldados assombrados que perderam os sentidos, mas parece-me que já estão bem. Vão ser conduzidos ao hospital, por medida de precaução.

Despediram-se com a saudação militar da praxe e o governador fechou a porta. Quando se virou deparou-se com Benedita, que se desinteressara do exterior e o olhava fixamente. A figura dela recortava-se na luz da janela e era uma estampa mitológica, com o cabelo ligeiramente solto pelo vento e o contorno do corpo a perceber-se, sob o vestido de algodão, quando os frequentes relâmpagos a punham em contraluz. Pareceu a Leal uma majestosa deusa no meio da tempestade, uma esplêndida encarnação de Palas Atena, nascida da cabeça de Zeus, o deus dos trovões, já plenamente armada de sabedoria, estratégia e habilidade para influenciar as decisões dos homens.

Após um breve momento de surpresa e perturbação, Leal recuperou a compostura e, alisando o dólman, esclareceu:

– Nada de grave, felizmente.

– Antes assim – disse ela com um sorriso doce.

Ele fixou-a nos olhos durante uns instantes e depois declarou:

– Vou ver o que posso fazer por V. Ex.^a.

– Fico-lhe muito grata.

O capitão Leal beijou-lhe a mão e depois tocou a campainha para chamar o ordenança, que entrou quase de imediato.

– Acompanha esta senhora até à porta de armas.

Abriu os olhos para a penumbra do quarto e pensou imediatamente em Benedita. Riscou um fósforo para ver as horas e exasperou-se: três da manhã! Acordara novamente àquela hora, como vinha sendo costume desde que voltara de Lisboa. Em boa verdade, nas primeiras noites de viagem Bernardino não tinha sequer conseguido dormir. Limitara-se a ficar deitado no beliche a escutar os estalidos da madeira e a ver as aranhas a passear no travejamento do navio, enquanto ele se debatia, em baixo, num intenso sofrimento e numa teia de sentimentos contraditórios, amaldiçoando Benedita e amando-a ao mesmo tempo.

Depois, após algumas noites de insónia absoluta, conseguiu adormecer, vencido pela exaustão, mas o seu sono tornou-se invariavelmente agitado e curto. Acordava às duas ou três da manhã e já não pregava olho. Ficava no escuro a pensar nela e na sua impotência para lhe escapar. Por muito que quisesse odiá-la, por muito que a sua mente acumulasse exaustivamente acusações e provas contra a

insensibilidade e deslealdade dela, o coração recusava-se a obedecer-lhe e rejeitava o frio veredicto. O seu estúpido coração não se resguardava, não se protegia, e gritava lá de dentro do peito que a amava e que haveria de a amar sempre. Tudo o mais eram maus passos, erros, incompreensões.

E talvez o coração tivesse razão porque, apesar do que se passara em Lisboa, quem poderia garantir que as coisas não voltassem atrás? Que aconteceria se ela lhe aparecesse um dia qualquer, sorridente, no terreiro da fazenda? Talvez tudo pudesse ainda recompor-se. A vida tinha muitos caminhos, uns traziam, outros levavam. Por que razão não haveria isso de ser possível? E ele recebê-la-ia de braços abertos e reconhecidos porque, se deixasse a raiva de lado e se quisesse ser verdadeiro consigo próprio, tinha de lhe agradecer a alegria, o enamoramento, o prazer que ela lhe havia dado naqueles últimos meses, porque tudo isso fora sentido e intenso, tudo fora autêntico e vivo. E ter uma coisa dessas na vida, ainda que por pouco tempo, era um privilégio.

O horror era ter de lidar com a perda brusca desse privilégio. Benedita entrara tão fundo e tão avassaladoramente em si que agora a sua ausência era uma indizível tortura. Os dias arrastavam-se exasperantemente devagar, numa tristeza de bradar aos céus, sem apetites nem gosto pela vida. Bernardino andava olheirento, sofrido, perdia peso a olhos vistos e Guilhermina inquietava-se. A preta sabia perfeitamente o que se passava mas fingia não perceber e nunca lhe falava no estranho desaparecimento de Benedita.

– Sente-se doente, Sr. Bernardino? Quer que faça uns ovos?

– Não, Guilhermina. Não é nada, obrigado... Preocupações, é só isso.

Levantou-se da cama e foi até à janela do quarto para tentar sacudir Benedita do seu pensamento. Olhou para o terreiro da fazenda, que naquela noite sem nuvens repousava manso e silencioso das canseiras do dia. Observou o vulto do carro de bois com os varais cravados no chão, intuiu o movimento do portão que ia e vinha num chiar pesaroso, impulsionado pelo vento. Fixou os olhos lá fora, no sítio onde estava o curral – que no negro da noite já não conseguia distinguir –, e obrigou-se a pensar na sua fazenda, nas suas certezas e promessas, nos seus problemas. Sempre que se sentia insuportavelmente massacrado com a memória de Benedita pensava na fazenda e percorria-a mentalmente, casa a casa, pessoa a pessoa. Era uma fuga, uma espécie de exorcismo dos seus demónios feito à base de uma mnemónica que o deixava exausto e que raramente resultava. Ainda assim, era a única arma ao seu

alcançe para escapar à lancinante obsessão com Benedita, e por isso lançou mão dela.

Pensou na amoreira. O terreno destinado à cultura já se estendia por toda a margem do rio, com muitas árvores de fruto de permeio. Gostava especialmente da amoreira que, como paga da boa recepção que tivera nos Cavaleiros, o capitão Comminges lhe enviara de França, e que ele plantara nas margens do Bero. Mas também gostava das bananeiras que delimitavam, no traço verde-escuro das suas folhas, a estreita alameda entre a casa e o engenho.

A sua gente multiplicara-se e ele tinha agora mais de setenta escravos e libertos capazes de produzir quase tudo o que era essencial à vida. A sua casa continuava a abrir-se aos visitantes anónimos ou ilustres que o procuravam para ver como estava organizada a melhor fazenda da região. Mas ele já não vibrava com essas visitas. Uns dias antes estivera ali a almoçar Jacques Nicolau de Salis, físico-mor da província de Angola, cavaleiro das Ordens de Cristo, de Nossa Senhora de Vila-Viçosa e do Leão Neerlandês. Fora um almoço penoso que não conseguira arrancá-lo à tristeza habitual.

Suspirou e voltou à sua mnemónica.

Reviu a produção da mandioca, que dera 800 cazunguéis de farinha, e a da batata-doce, da qual tirara umas 400 sacas – o que era muitíssimo bom para os tempos que corriam. Passou em revista as hortaliças, que cresciam em profusão, tal como o milho e o feijão. Entrou na safra açucareira e nas muitas preocupações que lhe dava. Alguma coisa ia ganhando a moer a sua cana e a de outros fazendeiros, mas não tanto quanto esperara. O engenho começara a funcionar no ano anterior, numa altura em que a cana já passara o seu estado óptimo de maturação e, apertada pelo sol, fermentara quase logo, perdendo-se a primeira safra praticamente toda.

A segunda rendera 100 sacas de bom açúcar e 16 pipas de aguardente, mas este ano ainda não sabia o que o destino lhe guardava. Podia ser desastroso caso as chuvas decidissem carregar para norte ou se as obras de encanamento, que ainda não testara, tivessem ficado mal feitas. Mas para quê pensar nisso? Tudo haveria de correr bem, com a ajuda de Deus. Esperança e perseverança continuavam a ser as suas velhas máximas.

E havia o algodão. As máquinas para descaroçar que Luz Soriano lhe enviara de Lisboa tinham chegado na semana anterior. Uma vinha perfeita, a outra inútil porque lhe faltavam as duas rodas motrizes. Iria

reclamar por escrito e esperava ser atendido. Não apenas quanto à falta das rodas mas também no que dizia respeito ao custo do frete para Angola. Cobrar 330 mil réis pelas máquinas parecia-lhe aceitável, mas 118 mil réis por um frete que custaria quando muito 30 mil era um verdadeiro roubo.

Se fosse rico talvez não levantasse a questão do frete. Mas estava bastante endividado. Na viagem a Lisboa não se refreara em nada para que Benedita – o seu pobre cérebro voltava a ela – tivesse os melhores alojamentos, os melhores vestidos, os melhores espectáculos. E, como paga de tanta generosidade e de tantos sacrifícios, Benedita abandonara-o com um simples bilhete de despedida. Aquela ingratidão cravava-se-lhe no peito como um ferro em brasa. E, no entanto, tudo lhe desculpava num movimento contínuo de reprovações e de perdões que a mantinha sempre presente no seu espírito.

Assim que acordava era em Benedita que pensava, e o pensamento persistia ao longo do dia de uma forma tão presente e tão pungente, de uma forma tão obsessiva, que nunca conseguia estar plenamente onde estava. Outras vezes via-a nos sítios mais insólitos, nas situações mais inesperadas, como se estivesse alucinado. Ainda na passada semana, na baía de Moçâmedes, dera por si a olhar para uma menina de oito ou nove anos, muito morena e viva, uma criança esguia, daquelas que estão sempre em movimento, e imaginou que Benedita, em pequena, fosse exactamente assim.

À noite, quando havia vagar, costumava ficar reverentemente a admirar as coisas que ela tinha tocado, como se fossem relíquias. Após o jantar arrastava-se até à sala para contemplar o piano mudo e uma angústia fina subia-lhe invariavelmente pelo peito. Guilhermina falava consigo e não a ouvia, perdido algures no breu das suas dolorosas recordações. E essa escuridão que se pusera na sua vida nunca mais levantava talvez porque ele não procurasse realmente rompê-la, como se através da dor e da tristeza ainda obtivesse uma relação com ela. Quando voltou de Lisboa procurou de novo uma mulher branca que lhe fizesse esquecer Benedita. Voltou a tentar a sua sorte com Deolinda, a mulher pequena que cortejara alguns tempos antes. Deolinda era viúva, não se lhe conhecia homem certo e desta vez a corte foi até à cama. Mas não durou porque ele se desagradou quase de imediato. Estranhou aquele corpo roliço, aquela boca que lhe beijava a cara e os lábios como as avós beijam os netos, em beijinhos pequeninos e babados, e que depois se colava à sua orelha, repetindo uma ladainha em tom

monocórdico:

– Dá-me a tua pila, querido! Mete-me a tua pila! Quero sentir-te.

No meio da aversão que aquele contacto lhe causava, a ténue vontade por Deolinda foi-se e ele não mais a procurou. Preferiu fechar-se na recordação de Benedita, na sua dor e no socorro dos prestáveis braços da preta Guilhermina.

O vento quente que soprava do interior levantava a poeira do caminho, toldando o horizonte. Ainda assim já se percebiam, ao longe, os contornos de Moçâmedes recortada na luz do poente e Peter acelerou o passo, na ânsia de chegar mais rapidamente. Trazia dentro de si uma urgência de Benedita que o queimava como fogo e lhe fazia girar a cabeça de saudade e expectativa.

Chegou a casa um quarto de hora depois. Transpôs a porta de entrada, despejou literalmente o cantil, a mochila e as armas na antessala, e cruzando-se com uma das escravas perguntou-lhe onde estava a senhora.

– Na casa dos livros, senhor – disse-lhe a preta.

Percorreu rapidamente o corredor, dirigindo-se à biblioteca. Benedita esticava-se, em bicos de pés, procurando qualquer coisa numa estante alta. Vestia uma blusa e uma saia de algodão brancas e andava descalça, como uma indígena. Virou-se ao ouvir os passos dele (ou teria sido a sua voz?) e a cara iluminou-se-lhe num sorriso entusiasmado. Pousou o livro que tinha acabado de tirar e abriu os braços para o acolher.

– Ai que saudades, meu querido!

– Que saudades, meu amor – ecoou ele, abraçando-a com força, emocionado.

Ela ralhou, com doçura:

– A falta que me fizeste, querido...

– Já cá me tens, Benedita!

– Espero que me queiras como eu te quero – segredou-lhe ela, com a boca encostada ao seu ouvido.

Ele não respondeu. Beijou-a muito lentamente, ajustando-se à boca dela, sentindo-lhe a suavidade dos lábios e o aveludado da língua a mexer-se contra a sua, enleando-a numa dança suave. Sem interromper o beijo encostou-a devagarinho a uma das paredes de madeira da biblioteca, junto à janela, e pressionou-lhe o corpo com o seu. As coxas de Benedita afastaram-se para aceitar as carícias dele. Tocá-la ali era tocar a sua intimidade, o seu segredo, e ele foi tomado por uma paixão frenética, que não podia esperar.

– Peter, aqui não! – segredou-lhe ela. – No quarto...

– Aqui, amor, aqui – disse ele, categórico, empurrando a porta da biblioteca com a ponta do pé. Depois, num gesto brusco, correu os cortinados, mergulhando a divisão numa penumbra esverdeada.

A vontade de Peter era demasiado premente para ser refreada e ela deixou-se arrastar para o sofá e depois deixou-se ir, como um dique que rompia. Colou de novo a boca à dele, lambendo-lhe os lábios e os pêlos ásperos da barba por fazer, e inclinou a cabeça para trás, extasiada, levemente assustada, quando ele encontrou surpreendentemente depressa o caminho. Durante uns minutos abraçaram-se numa entrega arrebatada, acrobática, à procura do melhor ajustamento dos corpos. Benedita gritou quando o clímax chegou, como um rio tumultuoso.

Ficaram por instantes abraçados um ao outro, como animais ofegantes após uma luta sem tréguas. De seguida ele pegou-lhe na mão e levou-a para o quarto. Correu as cortinas, deitou-a sobre a cama, despiu-se e alongou-se ao seu lado. Falou longamente enquanto a acariciava e a beijava. Olhava de perto para os grandes olhos dela e extasiava-se com o brilho e encantamento que via neles. Tocava naquele corpo com a mesma naturalidade com que tocava no seu. Era como se o conhecesse desde sempre, como se fosse a sua parte feminina.

De repente pôs um dedo no ar e uma luz na expressão, como se tivesse subitamente encontrado uma ideia perdida.

– Espera, eu já volto.

Embrulhou-se num lençol e saiu apressadamente do quarto. Regressou logo após com um molho de cartas, uma pele de leopardo e um elogio:

– E para ti, Benedita. Em África só as mulheres extraordinárias podem usar uma pele destas.

Ela levantou-se agradecida, envaidecida, enrolou a pele em seu redor e contemplou-se, ao espelho, rodando de um lado para o outro. Enquanto se admirava ele despiu-lhe a camisa e a saia e de seguida colocou-lhe a pele como as pretas usavam.

– Fica-te bem – disse.

Ela concordou. Com aqueles tons alaranjados e negros sobre o peito ou à volta dos quadris adquiria um ar selvagem, guerreiro, que estava de acordo com a sua nova essência.

– Também tenho um presente para ti.

E pegando no jarro de água encheu uma bacia, ajoelhou-se ao seu lado e começou a lavar-lhe o corpo nu com uma toalha molhada.

– Estou muito malcheiroso? – ironizou ele.

– Estás com cheiro da selva. Eu gosto... Mas gosto ainda mais de te lavar.

Ele sorriu docemente e entregou-se àquela cerimónia de amor e retribuição. Sentia-se um deus a ser adorado num templo misterioso e secreto, e gostou da sensação. Benedita estava agora atrás de si e passava-lhe a toalha com energia pelas pernas, pelas nádegas, pelas costas, enquanto com a outra mão lhe ia massajando os músculos cansados. De tempos a tempos espremia a toalha para uma outra bacia e recomeçava a lavagem com água limpa. A cerimónia demorou longos minutos. Ele observava a movimentação dela ao espelho e sentia outra vaga de desejo a crescer dentro de si.

Fizeram novamente amor e permaneceram abraçados, em silêncio, enquanto lá fora anoitecia. Benedita escondera a cabeça no pescoço de Peter, parecia adormecida, e ele respirava devagar para não lhe perturbar o sossego. Estiveram assim uma infinidade, dois vultos no crepúsculo, até que ela se soltou do aconchego e disse baixinho:

– Já volto.

Trouxe-lhe o jantar num tabuleiro, acendeu uma vela e ele comeu ociosamente, acabando por adormecer, exausto, com um copo de vinho na mão. Ela retirou-o devagarinho, soprou a chama da vela e saiu do quarto sem fazer barulho.

Na manhã seguinte Peter acordou quando Benedita abriu as cortinas. Não se lembrava de a ter tido ao seu lado, mas o calor dela ainda estava na cama. O sol entrou em jorros pela janela e só então, naquela claridade crua, ele reparou que o seu quarto estava diferente. A cómoda era outra, mais escura e maior, e, nas paredes, cinco ou seis pequenos quadros salpicavam a monotonia branca de alegres manchas de cor.

– Mudaste o quarto? – estranhou.

– Até que enfim! – alegrou-se ela, batendo palmas. – Julguei que nunca mais reparavas.

Sem responder directamente à pergunta, Benedita pegou na mão de Peter, embrulhou-o no lençol e arrastou-o para fora do quarto.

– Anda, vem ver uma coisa.

Percorreu o corredor, onde duas mesinhas com vasos e flores tinham vindo silenciosamente ocupar um espaço dantes vazio. A sala estava completamente diferente, com os sofás amarelados que ela trouxera no navio, cortinas mais coloridas, mesinhas novas e um armeiro em condições, com portas de vidro, para substituir a armação desconjuntada

que até então lhe aguentara as espingardas.

– Que tal? – perguntou, orgulhosa.

– Gosto – mentiu ele.

Ele olhava para tudo aquilo com um sorriso amolecido que escondia o impacto da surpresa desagradável e da inquietação. Não gostava de ver a sua casa virada do avesso. Não que a decoração tivesse ficado pior do que estava, pelo contrário. Mas sentia aquilo como um abuso e uma intromissão na sua esfera, algo que, muito lá ao fundo, punha em causa a sua independência. Benedita chegara e revolvera a sua casa, subvertera o seu espaço. Em poucos dias já lhe dizia o que devia fazer, como devia ter a sala, o quarto e o corredor e tudo o mais. Calou a estranha incomodidade que isso lhe causava, para não arranjar atritos por tão pouca coisa, mas conhecia-se e sabia que as sementes do desconforto iriam ficar a germinar dentro de si.

Os dez dias seguintes foram um idílio constantemente entrecortado de afazeres. Ele ajudou-a de bom grado, não tanto por uma pequena parte daquela fazenda também lhe pertencer mas porque, ajudando-a, podia gozar mais longamente do prazer da sua companhia. Andou com ela pelas terras, decidindo os cultivos; calcorreou a propriedade de ponta a ponta, definindo o que devia ser construído – e onde; organizou as tarefas com o capataz; auxiliou na compra de escravos. Fazia tudo aquilo por ela, pois não era aquele o seu mundo. E fazia-o com um sorriso, mesmo quando, de tempos a tempos, lhe voltavam as incomodidades pelas alterações na sua casa ou quando tinha de saltar da cama quase ao raiar do sol, quando ela se levantava.

– Ajuda-me, mandrião, em vez de passares a manhã toda a dormir. Tenho de ir à vila ver o andamento das casas que abrimos. Nesta altura não posso parar.

Um dia em que houve uma aberta nos afazeres, Peter ensinou-a a caçar. Foram até ao interior com Coitadinho Amigo e dois escravos, na carroça, e regressaram ao fim do dia com duas pacaças e alguns sustos para contar. E Benedita vinha radiante e excitada com o risco e sucesso da caçada. Nessa tarde jantaram com os olhos presos um no outro, falando sem parar das fantásticas peripécias do dia. Benedita contou a Peter os seus pensamentos secretos e as suas fantasias, e ao fazê-lo aumentava o intimismo. Depois, finda a refeição, quando ele saiu para o alpendre para fumar, ela ficou à janela a observá-lo, enternecida. Via-lhe o vulto a deslizar, silencioso, e a ponta do seu charuto em brasa a cortar a noite. Do lado de dentro do vidro sentia-o a flutuar numa qualquer

ideia longínqua e apeteceu-lhe sair ao seu encontro para lhe fazer festas meigas e dar beijos no cabelo. Impelida pela curiosidade ou por uma ternura protectora – não sabia ao certo – foi ter com ele ao alpendre.

Quando a viu aproximar-se Peter sorveu devagar o fumo do charuto e disse-lhe que teria de ir a Benguela. Ela parou surpreendida.

– A Benguela? Porquê?

– Por causa do marfim. De tempos a tempos, tenho de lá ir verificar o marfim porque às vezes introduzem chumbo no interior das presas para lhes aumentarem o peso. Mas não demoro muito. Uma ou duas semanas e estou de volta para os teus braços.

Ela não respondeu para não deixar sair de rompante o desapontamento e a irritação que sentia. Por que raio só lhe dizia isso agora?

– Fica comigo, Peter. Abandona a caça – pediu.

– Não posso, Benedita.

– Não podes porquê?

– Tenho gente que depende de mim. O Libango depende de mim.

– Esse Libango já caçava antes de tu apareceres e há-de continuar a caçar quando tu não estiveres.

Ele apagou o charuto na sola da bota, demoradamente, meticulosamente, como se estivesse a ganhar tempo.

– Não é fácil – disse por fim, passando-lhe o braço em redor dos ombros.

Mas Benedita desprendeu-se e afastou-se um pouco. Quando falou, havia um tom de acusação na sua voz:

– Se te vais embora é porque não gostas de mim.

– Não sejas injusta – reclamou ele. – Sabes que isso é mentira... Estás a ser egoísta.

Ela fez um esforço para encontrar um caminho alternativo.

– Não pode o tal Libango vir cá a Moçâmedes?

– Talvez, mas faz mais sentido exportar o marfim de Benguela. Poupa-se uma viagem. E, depois, estamos organizados assim. Sabes que isto de meter novidades na cabeça dos Angolanos tem a sua arte... – disse, sorrindo. – O melhor é deixar que as coisas corram sem atropelos e ao ritmo habitual.

Então Benedita irritou-se, insurgiu-se:

– Não há direito, Peter. Ainda há pouco tempo chegaste e já estás novamente de partida. Então e eu?

– Vem comigo a Benguela, Benedita.

– Não posso abandonar a fazenda durante tanto tempo, Peter. Sabes isso perfeitamente.

Ficaram um bocado em silêncio, entrincheirados nas suas posições e circunstâncias. Depois ele estendeu de novo os braços e ela deixou-se abraçar.

– Dá-me um beijo – pediu Peter.

Ela inclinou condescendentemente a cabeça para se deixar beijar no pescoço e depois sorriu, dorida e resignada. Abraçou-se a ele, passando-lhe o braço pela cintura, e deixou-se guiar até à baía. O mar sussurrava docemente, numa calma majestosa, e a lua estendia uma luz muito branca sobre aquela superfície escura, permitindo ver ao longe. Ao contemplar a frieza daquela imensidão sem fim Benedita sentiu-se inquieta e perdida.

Na manhã seguinte Peter saiu cedo. O veleiro partia logo às 9.

– Quando te volto a ver? – perguntou Benedita, pendurando-se-lhe ao pescoço e antecipando as saudades que iria sentir.

Ele hesitou e tornou-se vago:

– Não sei ao certo, o Libango não costuma ser pontual... daqui por uma ou duas semanas, calculo.

Ela preferiu não comentar e escondeu a frustração atrás de um sorriso.

– Mais um beijo, meu amor. Não sei se vou aguentar a tua falta...

*

Pascoal Pluma apalpou o ombro esquerdo, que regularmente lhe doía. Quando estava mais inquieto ou nos dias húmidos – e no mar todos os dias eram inquietos e húmidos – a dor era mais constante e localizada. Já lá iam mais de quatro anos desde que fora espancado no terreiro dos Cavaleiros e aquela moinha ainda o incomodava.

Tinha o pensamento ocupado a amaldiçoar José Leite quando num impulso doido a baleia perfurou a superfície das águas como um foguete apontado ao céu e mergulhou adiante, com fragor. Reapareceu à superfície logo de seguida, junto do bote, não o virando por muito pouco, e Pascoal sentiu o estômago colado às costas de puro medo. A grande cauda negra, escorrendo água como uma cascata, não estaria a mais de 20 ou 30 passos de si. Ficou momentaneamente paralisado pela surpresa e o pavor mas os outros pescadores, mais calejados, reagiram depressa. Seis ou sete remadas vigorosas e o arpoador, na proa, puxando o braço direito bem atrás, projectou o corpo para diante num

movimento brusco e lançou o arpão mesmo para o meio daquele dorso cinzento-escuro, bojudo e liso.

Depois seguiu-se a luta habitual, a perseguição, a corda de cânhamo molhada e esticada até não poder mais, os gritos do timoneiro, os outros arpões e o sangue a jorrar em grandes golfadas rubras de vida no azul escuro e mortiço do mar. Uma hora depois a baleia morta fora içada e presa aos costados do navio e começava a ser desmanchada. Descalço sobre o corpo acetinado do bicho, Pascoal, armado com um pau comprido com uma lâmina na ponta, ia abrindo lanhos extensos naquela pele dura para chegar à gordura que estava por baixo. Cortava grandes rectângulos da pele e banha da baleia com mais de um palmo de espessura, que um sistema de roldanas e cordas com um gancho na ponta ia levando para bordo, onde outros marinheiros de cutelo em punho os dividiam em várias partes.

– Puxa – gritava Pascoal para dentro do navio, assim que cravava o gancho num naco da pele previamente cortado.

Quando o gancho descia de novo, repetia a operação e enviava um novo pedaço de baleia para o convés.

Andara uns tempos embarcado num baleeiro onde esses pedaços eram rapidamente reduzidos a bocados mais pequenos, através de uma engenhosa máquina movida à manivela. Era um baleeiro grande e moderno que tinha uma tripulação de trinta homens e até dispunha de uma *whaling gun*, as grandes carabinas que lançavam o arpão a boa distância. Só queriam a pele e a gordura nesse baleeiro. Quando tudo isso estava recolhido abandonava-se a restante carcaça do animal à voracidade dos tubarões. Mas o navio tivera de regressar aos Estados Unidos e para mal dos seus pecados ele fora forçado a passar para o *Fearless*, onde agora se encontrava. Naquele velho e apodrecido baleeiro tripulado por dezoito marinheiros, tudo era escasso e tudo se aproveitava nas baleias: a pele, a gordura, alguma carne e até mesmo os ossos, que eram usados como combustível para as fornalhas que aqueciam as caldeiras de ferro, onde a gordura derretia.

Pascoal estava farto daquele trabalho nojento, do cheiro a sangue e vísceras que subia do cadáver da baleia e ficava a dançar em seu redor ao ritmo da ondulação. Andava naquele baleeiro havia quatro meses e já tinha a sua dose. Estava cansado da impetuosidade dos ventos, da clausura do navio e da medonha solidão daquele oceano triste e escuro. Apetecia-lhe desistir e regressar à sua antiga vida, a comprar e vender peixe seco ao longo da costa de Angola. Mas, sempre que essa vontade

de renúncia o acometia, esquecia todos os seus desgostos e repugnâncias, todas as suas dores, cerrava os dentes e pensava nela. Como estaria Eva? Teria frio, estaria doente? Pensaria nele? Já tinha acumulado bom dinheiro e bastar-lhe-iam mais uns meses de trabalho árduo naquele açougue flutuante para a poder resgatar.

Com medo dos roubos a bordo optara por só receber no fim das viagens. Enquanto os outros marinheiros corriam às tabernas e ao bordel de Santa Helena, ele ficava castamente a bordo, e só deixava o navio quando aportavam a Moçâmedes. Nessas ocasiões, com o dinheiro fresco no bolso, viajava para a Fazenda dos Cavaleiros e entregava quase todo o seu pecúlio a Bernardino, em quem depositava uma confiança cega. Quando lhe explicara as razões que o forçavam a deixar o seu serviço para ir para a pesca da baleia, e lhe falara de Eva e das exigências do Rolão, o antigo professor prontificara-se a ajudá-lo em tudo o que fosse preciso, Pascoal sentira-se comovido e grato com a atitude daquele homem que já por diversas vezes viera em seu auxílio sem nada pedir em troca, como um bom pai. E agradecera-lhe, com lágrimas nos olhos:

– Muito obrigado, senhor professor. Mas eu só preciso que guarde o meu dinheiro. Faz-me isso?

E assim se fizera.

*

Ao ver os escaleres que vinham da faina, Eva afastou-se para o lado norte da enseada, como era seu costume. Não gostava de estar ali quando os barcos arribavam à praia, não queria ter gente ao pé de si quando ia até à beira-mar olhar o horizonte, saudosa, na esperança de ver aproximar-se uma vela vinda de Moçâmedes. Todos os dias fazia o mesmo trajecto e a mesma espera, de olhar fixo na lonjura, ansiando a volta de Pascoal. Rezava diariamente para que nada de mal lhe acontecesse e para que Deus Nosso Senhor o trouxesse depressa e de saúde. O mar, que dava o pão, podia ser um monstro tenebroso. Ela lembrava-se bem da terrível viagem de Olhão até ali, quarenta pessoas almareadas, doentes, cansadas, dentro de um caíque e jogadas à sua sorte na imensidão do mar. Pessoas em pânico quando a tempestade quase os afundara e esgotadas de cansaço nos dias de calmaria em que não conseguiam mover-se senão à custa dos remos. O mar era um monstro cruel e traiçoeiro.

– Eva... Eva... – gritou uma criança, lá longe, por trás de si. – A tua mãe está a chamar.

Eva acenou-lhe com a mão, confirmando que tinha ouvido. A designação de mãe aplicada àquela mulher irritava-a. Maria da Cruz não era sua mãe, apenas a segunda mulher do seu pai. Quantas vezes iria ser preciso repeti-lo?

Lançou mais um olhar ao ingrato azul do mar e regressou pelo mesmo caminho que percorrera, contornando a enseada. Não tinha pressa e o passeio sabia-lhe bem. Gostava da luz a resvalar na água e da carícia suave daquele bafo de Fevereiro. Os barcos que haviam regressado há pouco já tinham crianças lá dentro, de baldes nas mãos, a vaziar a água que se acumulara no fundo. Mais acima, vários homens sentados na areia remendavam as redes.

– Eva, alcança-me essa agulha grande que está além, junto ao pau – pediu um deles, de mão esticada, quando ela passou.

A rapariga dobrou-se para apanhar a agulha, deu dois dedos de conversa aos pescadores e depois seguiu em direcção a casa. Sabia que todos gostavam de si e no entanto sentia-se ali a mais, uma estranha, como se já não fizesse parte daquele mundo. As coisas tinham mudado muito desde que o pai morrera. Caíra ao chão num Domingo de Páscoa a seguir ao almoço. Pusera-se muito roxo, quase negro, e deixara de respirar. Eva lembrava-se todos os dias do pai, sentia-lhe muito a falta. Nunca se entendera com a madrastra, mulher seca e autoritária, que não lhe tinha uma pinga de amor. E, agora que deixara de haver o contrapeso do pai a conter-lhe os ímpetos, parecia que lhe tinha verdadeiro ódio e que a perseguia. Sobretudo, desde que a importância lhe subira à cabeça.

Ali na povoação, na ausência de autoridades oficiais, os pescadores costumavam acatar o parecer do velho Rolão, que era homem estimado, ponderado e arguto. Quando ele morreu, passaram a acatar o da sua viúva, não apenas por ser quem era mas também porque dera provas de coragem e sangue-frio numa altura de grande aperto. Tudo acontecera na tarde em que um navio de guerra inglês entrou em Porto Alexandre, fundeando na enseada. O seu comandante, com a arrogância dos poderosos e considerando-se em mares livres, resolvera proceder a um exercício de tiro, indiferente aos pobres pescadores que por ali andavam a fazer pela vida.

Quando as peças de bombordo abriram fogo, a pequena povoação estremeceu de surpresa com o fumo, o estrondo e o inesperado do acontecimento. E logo a surpresa deu lugar a medo, quando se percebeu que a segurança dos pescadores estava em causa, pois algumas balas

caíam bem perto deles, levantando grandes cachões de água e afugentando o peixe. Na praia, muitas mulheres e crianças choravam e gritavam, de braços no ar, outras estavam de joelhos em terra, pedindo clemência. Foi então que Maria da Cruz, coberta de luto pela recentíssima viuvez, fez o impensável. Içou uma velha bandeira portuguesa no tosco pau que tinha erguido em frente de sua casa e mandou que dois homens saltassem para um bote e a levassem rapidamente a bordo do navio de guerra. Apesar de ser uma pobre algarvia analfabeta, que não sabia outra língua a não ser o português, subiu ao convés e confrontou o comandante inglês. Fez-se entender por gestos e pela indignação com que falava, de modo que o exercício de tiro findou de imediato e o navio levantou ferro na manhã seguinte.

A partir desse dia a sua autoridade, que já era grande, cresceu ainda mais. Todos a respeitavam como se respeita uma rainha e começaram a chamar-lhe A Regedora. Nessa qualidade, Maria da Cruz passou a superintender nos assuntos da colônia, actuando como juíza e resolvendo várias questões surgidas entre os pescadores. Mas, como acontecia com algumas rainhas, A Regedora ia por vezes além dos seus poderes e competências e achava-se no direito de interferir na vida dos seus súbditos, em especial na da sua enteada.

Por isso Eva sabia muito bem o que a esperava em casa...

Subiu lentamente os três degraus de madeira, raspando a areia dos pés contra a barriga das pernas, e atravessou uma espécie de antessala – a casa fora ampliada para se adequar ao novo estatuto da madrastra. Seguiu o som das vozes que vinham da divisão do fundo e, quando entrou, deparou-se com Maria da Cruz sentada na cadeira de baloiço que tinha mandado vir de Luanda. A seu lado duas mulheres cosiam, com os olhos fixos nos panos que tinham sobre o colo. Eram as suas tias Cristiana e Genciana, que constituíam uma espécie de conselheiras da madrastra para assuntos de família.

– Onde andavas, Eva, que me fartei de chamar por ti? – quis saber A Regedora.

– Estava na enseada, senhora.

Maria da Cruz balançou-se energicamente, escoando, no balanço, a exasperação que sentia.

– Outra vez junto ao mar... Andas triste, filha?

– Para estar contente precisava de uma coisa...

A madrastra fingiu não perceber o significado da frase e, parando bruscamente o balanço da cadeira, comunicou:

– Esteve aqui o Manuel Eugénio e marcámos o dia do casamento.

Eva abespinhou-se e cerrou os punhos.

– Eu não quero casar com o Manuel Eugénio.

– É um homem rico – interveio a tia Genciana, parando de coser.

– E era a vontade do té pai, Eva – acudiu a outra tia, numa voz melosa, persuasiva, sem levantar os olhos do pano.

Mas Eva teimou:

– Eu não quero casar com ele. Vou-me casar com o Pascoal quando ele voltar.

Maria da Cruz irritou-se:

– E tu a dares-lhe... Esse homem já não volta. Morreu em qualquer lado ou embeijou-se por outra.

Eva tremeu de preocupação e de raiva. Odiava a madrastra e sabia que ela lhe dizia aquilo de propósito para lhe fazer mal e a ver sofrer.

Uma tia interveio:

– Eva, a tua mãe tem razão. Passaram quase três anos, mulher – frisou bem. – Qualquer dia és velha e ninguém te quer...

Eva queria dizer alto e bom som que aquela pessoa não era sua mãe, mas calou-se. Maria da Cruz já retomava a palavra:

– Está decidido. Casas aqui no dia trinta. O Manuel Eugénio traz o padre de Benguela. Vai ser uma festa como Porto Alexandre nunca viu.

Eva argumentou, chorou, implorou, mas sem resultado. A madrastra tolerou-lhe as suplicas até um ponto e depois cortou-as cerce:

– Cala-te! Chega de choros. Cá em casa não há disso... Fazes a vontade do teu pai e a minha.

E Eva calou-se. O pai não a trataria assim, seria sensível às suas lágrimas e aos seus pedidos. Reprimiu os soluços, secou os olhos e ficou com o sabor de uma tristeza infinita a apertar-lhe o peito e a amargar-lhe na boca. Apeteceu-lhe morrer, desaparecer da face da Terra e da vida desgraçada que levava. Nessa tarde pouco jantou e deitou-se cedo. À noite, quando achou que todos dormiam, levantou-se da cama com muito cuidado para não fazer barulho. Abriu a arca que continha toda a sua fortuna e tirou algumas roupas, um medalhão com cabelo de Pascoal, outro com uma imagem do pai, e colocou tudo dentro de um lençol, que atou como uma trouxa.

Deixou o quarto pé ante pé, com a trouxa na mão, e cruzou a divisão maior em direcção à antessala. Olhou para a parede onde havia um crucifixo e rezou baixinho. Depois pôs os olhos na ponta da mesa onde o pai costumava sentar-se e pediu-lhe mentalmente a bênção, como se ele

ainda ali estivesse.

Saiu de casa. Um rumor de brisa rolava no silêncio da noite e veio afagar-lhe o rosto. À esquerda de Eva, as casas e barracões de madeira pareciam pintados de azul-claro e só então ela reparou que havia lua cheia, o que era bom porque lhe permitiria ver o caminho. Iria para norte, ao longo da costa, tentando chegar à Fazenda dos Cavaleiros, de que Pascoal tanto lhe falara. Achou que se seguisse junto ao mar e tivesse sorte conseguiria evitar as feras. Se não..., que fosse o que Deus quisesse. Não ficaria em Porto Alexandre para se casar com um homem de que não gostava.

Eva desceu a duna em direcção ao mar e, ao passar junto a um caíque, um cão ladrrou. Ela afastou-se, receosa de que os latidos do animal acordassem alguém. Já tinha andado uns oito ou nove passos quando ouviu uma voz empastelada atrás de si:

– Quem és tu?

Voltou-se num repente, assustada, e viu um homem a descer desajeitadamente do caíque. Empunhava uma garrafa na mão esquerda e ela percebeu com horror que era o Castanhola, o bêbado da povoação, que fora pedir à aguardente umas horas de torpor e acabara a dormir no barco, com o cão.

– Queres? – perguntou ele, oferecendo-lhe a garrafa.

Eva declinou com a cabeça, mas o Castanhola insistiu, elevando a voz de forma a sobrepô-la ao ladrar do cão:

– Queres? Bebe, bebe!

– Chiiiiiu – fez Eva, baixinho, pondo o indicador em frente do nariz.

– Chiu, poquê?... Chiu, poquê? – gritou ele, desafiante, com os olhos semicerrados, o corpo ligeiramente arqueado para trás e o sorriso oco do álcool nos beiços.

O cão continuava a ladrar. Eva viu pelo canto do olho que já havia luz em duas casas e tentou correr, mas o bêbado agarrou-lhe uma ponta da saia e derrubou-a, caindo de seguida ao lado dela e fazendo-a largar a trouxa.

– A mim ninguém me manda calar, ouviste?

A rapariga procurou desesperadamente soltar-se, esperneando, mas o Castanhola, tenaz, mantinha-a agarrada e gritava, pegajoso e ternurento:

– Tens de beber, Evinha, tens de beber...

– Deslague-me – disse ela, escoiceando e batendo-lhe com as mãos.

O cão saltou do caíque e veio rosnar ameaçadoramente ao pé daquele estranho par que se debatia na areia. E foi ao procurar afastar-

se do cão e do bêbado que Eva viu, à lívida luz da lua, dois pescadores que chegavam a correr e, atrás deles, de lanterna na mão, A Regedora, que viera em pessoa ver o que era aquele tumulto.

O Quissombo Grande – feiticheiro e principal conselheiro do soba cego do Bumbo – falava e gesticulava como era costume. A sua boca sem dentes contorcia-se em esgares e os olhos sorriam-se em simulacros de simpatia. José Leite não gostava daqueles cerimoniais inúteis que só serviam para perder tempo. Por isso não prestou muita atenção ao que ele dizia. O seu olhar estava fixo no preto alto que esperava calado, atrás do Quissombo.

– Sim, sim, adiante... – disse, para abreviar a lengalenga do feiticheiro –, também eu te desejo muita felicidade e vida longa, Quissombo Grande, mas vamos ao que interessa. Quem é este homem? – perguntou, esticando o queixo para o indicar.

O Quissombo pareceu surpreendido e frustrado por lhe cortarem a palavra mas logo se recompôs e explicou:

– Capitão Leite, este homem grande que aqui vês é o soba de Capangombe.

– E o que é que ele quer? Ele que fale, que eu quero ouvir-lhe a voz.

O soba do Capangombe explicou-se, então, em voz grave e pausada, apontando de vez em quando para trás de si e para o chão que pisava. O Quissombo traduziu:

– Diz que anda pela terra, sem descanso. Diz que é por causa dos roubos que os do Nano lhe fazem. São malvados, capitão Leite..., levam-lhe a gente e o gado. Vê que nós aqui no Bumbo, desde que os brancos cá vivem, não somos atacados e vem com o seu povo pedir a protecção do pano azul e branco – disse, apontando para a bandeira portuguesa que flutuava ao vento sobre o armazém.

José Leite coçou o queixo como se ponderasse maduramente uma importante decisão e passado algum tempo falou:

– Muito bem. Sua Majestade o Rei D. Fernando recebe o soba de Capangombe sob a sua paternal protecção – garantiu, repetindo a fórmula estabelecida que ouvira ao governador Sérgio de Sousa e que já usara por diversas vezes nos últimos tempos. – Eu vou indicar-lhes o local onde devem estabelecer-se para construírem as suas cubatas e fazerem as suas plantações para que se sustentem. Vou dar-lhes sementes e enxadas. Explica-lhe isso, anda!

O Quissombo falou e o soba escutou atentamente. No final sorriu e acenou afirmativamente com a cabeça. Então, José Leite acrescentou:

– Explica-lhe também que de hoje em diante ele tem de cumprir tudo o que lhe seja ordenado pelas autoridades do Governo de Sua Majestade, o rei de Portugal.

A autoridade de Sua Majestade naquele local era o próprio José Leite. Era-o informalmente desde que lá se estabelecera e construíra a sua fazenda e passara a sê-lo oficialmente, quando, três anos depois, fora nomeado capitão de 2.ª linha e governador do Forte de S. Sérgio do Bumbo, forte esse que ainda não existia mas que ele se obrigava a fazer à sua custa, e que se Deus quisesse haveria de construir um dia, quando tivesse tempo e necessidade.

Como capitão e governador do inexistente forte ganhava um ordenado mensal de 34 mil réis – que vinham a calhar – e, o que era muito mais importante, reforçava o seu poder sobre os indígenas da localidade, o que lhe permitia tirar deles todo o lucro imaginável, por meio da intimidação. Uma vez participara ao governador que a sua fazenda estava em perigo e ele enviara-lhe soldados e munições, que tinham assustado aquela pretalhada. Sabendo disso, José Leite fazia incutir no ânimo do gentio que quando precisasse de soldados o governador logo lhes mandaria. Assim os obrigava a plantarem a terra que lhes indicava, ficando a sua fazenda com grandes quantidades de terreno arroteado sem que ele gastasse um só real.

E mais do que isso: com o posto de capitão e governador do futuro forte viera-lhe a faculdade de agarrar todo o indígena para o serviço de carregadores, isto é para transportar pessoas ou mercadorias que iam e vinham entre o sertão e Moçâmedes. Carregadores não só para si mas também para os outros, pois ali tudo tinha de passar pela sua mão. Os negociantes pediam-lhe gente para transportar as cargas, José Leite exigia-a aos sobas e quando a reunia entregava-a aos negociantes, recebendo deles três mil réis por cabeça.

Com o tempo e a experiência, percebeu que aquele era um grande negócio, melhor do que o açúcar, a aguardente ou a mandioca.

Havia leis novas e velhas que estipulavam que ninguém pudesse servir-se de gente livre sem lhe pagar, mas ninguém as cumpria. Angola era muito grande, não tinha rios navegáveis nem animais de carga, e o comércio exigia que as mercadorias fossem transportadas a enormes distâncias às costas do gentio. Os negros odiavam esse serviço que os distraía das suas ocupações e lhes trazia muitos incômodos e penoso trabalho. Por isso procuravam evadir-se e às vezes era preciso amarrá-los e carregá-los de correntes.

Diziam os filantropistas que o preto livre sofria tratamento pior do que se fosse escravo. Mas que podia fazer-se? José Leite ouvira dizer que havia em Lisboa um tal visconde de Sá da Bandeira que queria o fim do serviço de carregadores e a liberdade dos pretos para aumentar a agricultura. Ria-se disso. Suporia o tal visconde que o preto nessa condição fosse um homem industrioso com muito amor ao trabalho? Pobre ingênuo. Se o sistema dos carregadores acabasse só se veriam pretos deitados de barriga para o ar, porque eram as pretas quem ali trabalhava na agricultura. Os homens haviam de continuar numa vida errante, de ócio e de embriaguez.

Ora, ele não pactuava com esse estado de coisas. Queria civilizar o preto pelo trabalho e pelo castigo, enriquecendo de caminho, pois o branco vinha para África para fazer os seus interesses, como era natural. Por conseguinte, prometia jornais aos carregadores mas nunca cumpria. Empregara pedreiros na construção da sua casa e de outros edifícios sem pagamento nem sustento e, quando eles lhe pediam de comer, dizia-lhes que já tinha pago bom dinheiro ao soba para poder usá-los. Se insistiam nas reclamações, mandava-os espancar. Perdera a conta ao número de surras que dera a pretos recalcitrantes ou fújes.

Ainda recentemente dera duzentos açoites a dois carregadores que tinham fugido e abandonado no caminho as pipas de aguardente que lhes mandara levar ao soba dos Gambos. Ele próprio trouxera duas escadas, que encostou, muito inclinadas, a uma parede. Os pretos, postos de pé, foram amarrados de pés e mãos às escadas, de modo a que não pudessem mexer-se. Os algozes arrumaram-lhes com toda a força sucessivas chicotadas, enquanto José Leite as contava em voz alta para não se enganar com os gritos das vítimas.

– Dez... Onze... Doze...

Ao cabo de uma dúzia de açoites já o sangue escorria pelas escadas. Quando um dos carrascos se cansou, Leite pegou no chicote e bateu tanto num dos pretos que o desgraçado acabou por morrer. Pois, paciência, paz à sua alma, se é que a tinha. E nem tudo se perdia, o castigo serviria de exemplo aos outros, fossem eles pretos ou brancos porque quando tocava a castigar não olhava à cor da pele. No princípio do mês tinha mandado prender um feirante branco, um tal Luciano Moura, que se recusou a obedecer-lhe. Ordenou-lhe que cortasse uma sebe, e aquele animal atreveu-se a responder-lhe:

– Corte-a vossemecê!

Pois levou logo uma paulada no lombo e recolheu a pontapé àquilo

que ele gostava de chamar o seu calabouço: uma casota exígua, feita de pedra e tijolo, com uma pequena janela gradeada, que tinha sempre um ou mais ocupantes e onde se corrigiam até os mais rebeldes.

Nos dias seguintes foi passando pela casota para ver se o preso já caíra em si. Ainda ontem lá estivera, mas não havia progressos.

– Tire-me daqui ou eu faço queixa de vossemecê – gritara Luciano Moura lá do escuro.

– Cala-te, senão vou aí dentro e parto-te os dentes todos! Sais quando eu entender.

O homem calara-se e ficara a remoer a sua raiva, encolhido a um canto.

Leite sabia que aquela gente só ia à pancada e tinha a sorte de ter encontrado em Isaura uma mulher à sua altura. Aquilo, sim, era uma mulher de trabalho e de forças, que não tinha as lamechices de Benedita. Às vezes lembrava-se da antiga mulher. Soube que acabara por ter sorte e que escapara às feras. Ao que lhe diziam, fora para Lisboa com aquele palerma do Bernardino e por lá ficara. Passasse muito bem que não fazia ali falta nenhuma, pois nem para a cama servia. Isaura não era assim. Era boa de comer, ia dar-lhe um filho – estava grávida de quatro meses – e tinha pêlo na venta. Tal como ele, sabia que só havia um modo de fazer alguma coisa dos pretos: era malhá-los continuamente. Lembrava-se bem da forma como a sua Isaura lidara com a cozinheira Catarina que, por descuido, tinha deixado queimar a carne. Como castigo, fê-la subir para um carro de bois e mandou que a despissem e açoitassem, ferindo-lhe a carne dos assentos com sessenta açoites aplicados pelo preto Sebastião ou pelo ferreiro João, que lhe batia sempre que o Sebastião se cansava. E obrigou as outras escravas a assistir, para que aprendessem. Às vezes a mulher era tão inclemente que ele tinha de a moderar.

José Leite despertou das suas recordações e viu os dois pretos ainda parados à sua frente, expectantes. Então, chamou o capataz e ordenou-lhe que tratasse do soba de Capangombe:

– Levas o soba e dás lhe aquelas terras que ficam junto à serra, depois do rio.

Enquanto os pretos seguiam atrás do capataz, ele foi dar uma volta pela propriedade, vigiando os trabalhos e observando as plantações. A sua fazenda não parava de crescer e de prosperar, porque o palerma do Bernardino tinha sido hábil a escolher o local. As terras eram muito férteis, regadas por chuvas regulares e por um rio perene que por ali

corria. A vegetação era prodigiosa e o milho dava duas e três vezes por ano. O engenho custara muitos trabalhos, mas lá se montara e tinha começado a moer havia dois meses. Era o engenho menos completo dos que existiam no distrito mas talvez viesse a ser o mais produtivo pois, ao contrário dos outros, era movido a água e no pouco tempo de funcionamento que levava já produzira muita pipa de aguardente. A qualidade da bebida não era grande – 16 ou 17 graus mas os gentios do interior não se queixavam e compravam-na toda.

Há cinco anos nada havia ali, excepto os pretos. E agora os pretos tinham-se retirado para o interior ou confinado às terras que ele lhes destinava, e tudo aquilo era seu. Os únicos brancos que por lá havia eram os que trabalhavam na sua propriedade ou os feirantes que iam comerciar ao interior. Às vezes José Leite admirava-se por não se estabelecer ali mais gente, daquela que não achava bons terrenos no litoral. Algumas dessas pessoas já ali tinham ido e tinham ficado encantadas com o lugar e com a sua vegetação luxuriante, mas temiam-se do isolamento. Diziam que não queriam aventurar-se a morar num deserto, expostas às febres, às correrias dos negros ou a sucumbir às mãos dos próprios escravos.

Ele não tinha medo nenhum disso. Tratava os pretos e até os brancos como se fossem coisa sua. No Bumbo era como um vice-rei do Brasil: Deus estava no Céu e o rei lá longe. Ali era senhor do barão e cutelo e o seu lema era simples: quero, posso e mando. E o que queria agarrava e usava, fosse homem, mulher ou criança. A sua última captura tinham sido duas pretinhas mucubais. Eram as duas muito novas, com os cabelos arranjados em tranças finas e colares que lhes caíam entre as maminhas pequenas e duras. Eram ambas bonitas, com lábios carnudos e olhar lânguido, e ele achara-lhes graça. Comera as duas, depois dera-lhes uma saca de feijão e mandara-as embora.

Sorriu ao pensar nelas e encaminhou-se para o calabouço para ver se o Luciano Moura já caíra em si e se arrependera, mas para sua surpresa viu a porta aberta. Alguém libertara o preso e ele sumira-se. O Diabo que o levasse! De certeza que não voltaria a vê-lo.

Desgraças

A tempestade veio de madrugada, fazendo oscilar violentamente as redes onde os marinheiros dormiam. Pascoal Pluma acordou com o forte balanço e com os gritos alarmados dos colegas, que já subiam a escada da escotilha, aos baldões, lutando contra a água que entrava por ali em cascatas, rumo ao porão. Correu atrás deles com um aperto no coração. Já passara por várias tempestades mas, pelos balanços do baleeiro, aquela devia ser gigantesca.

Quando assomou ao convés sentiu que tinha chocado com uma força que quase o impedia de avançar. A chuva batia-lhe violentamente na cara e a ventania repuxava-lhe o corpo e o cabelo bem para trás. À sua frente o marinheiro cubano gritava, apavorado:

– *Madre mia, el tifón, el tifón!*

Por entre os sibilos do vento Pascoal conseguiu perceber que o capitão lhe ordenava que fechasse as escotilhas e tentou fazê-lo depressa, tateando no escuro. As tempestades no mar eram uma coisa aterradora, mas de noite eram-no ainda mais porque a abóboda do céu, negra e pesada, descia como uma venda sobre os olhos de um condenado. E era exactamente como um condenado que ele se sentia ali naquele convés, agarrado a um cabo, lutando para não ser arremessado borda fora, às apalpadelas, enquanto o mar sacudia o navio empinando-lhe a proa, para logo a seguir a mergulhar em abismos.

Já raiava o dia quando uma onda enorme fez adornar o baleeiro a ponto de assentar a amurada de sotavento toda na água. Nessa posição aflitiva uma nova onda, fortíssima, atirou com o barco para bombordo, fazendo-o engolir mar por toda a parte e Pascoal sentiu que chegara a sua última hora. Milagrosamente o vento, que saltara ao sudoeste, impeliu o pano para estibordo e o barco endireitou-se. Levantaram-se gritos de alívio e de alegria por todo o convés e Pascoal, caindo de joelhos e pondo os olhos no céu, agradeceu a ajuda divina:

– Deus seja louvado!

Os marinheiros ainda não se tinham refeito daquela enorme provação quando ouviram dois tiros de peça e viram, ao longe, um navio em dificuldade. Ao aproximarem-se suficientemente verificaram tratar-se de um brigue de guerra inglês com ambos os mastros partidos e que pedia auxílio com bandeiras e sinais de luzes.

O capitão do *Fearless* chegou-se o mais que pôde, mas era praticamente impossível manobrar o navio naquelas condições. Ainda assim, mandou descer um escaler para ajudar a recolher a tripulação do brigue e pediu voluntários. Pascoal sentiu o medo a tolher-lhe os movimentos mas, num impulso, atirou-se para a frente e entrou no escaler juntamente com o cubano e dois outros marinheiros.

Remavam com muita dificuldade por causa da grande ondulação. Vistas de baixo, ao nível do mar, as ondas pareciam montanhas aterradoras prontas a esmagá-los. A marinhagem do brigue também já conseguira pôr três escaleres no mar, cheios de gente, mas o quarto, ao arriar, caiu de proa, cuspidos os marinheiros que o ocupavam. Um deles desapareceu quase logo. Pascoal viu os outros nadarem aflitivamente em direcção às bóias que lhes tinham atirado do navio, mas por muito que se esforçassem os infelizes não conseguiam agarrá-las. Abriam a boca mas o som não se ouvia, tragado pelo estampido do mar e pelo uivo do vento. Em breve eram apenas pontos cada vez mais distantes e mais difíceis de identificar na névoa de espuma que se erguia por todo o lado, e acabaram por desaparecer na cava das ondas.

Com um enorme aperto no estômago mas sem tempo para pensar, Pascoal continuava a remar à cadência dos companheiros, esquecido da dor no ombro. Cruzaram-se com os escaleres ingleses que seguiam em direcção ao baleeiro e que levavam tanta gente quanta fora possível transportar. Num deles iam duas passageiras, lívidas de medo. Por entre o rugido do mar conseguiam distinguir-se o apito do contramestre inglês e os gritos da tripulação, mas foi só junto ao brigue que Pascoal percebeu o desespero da situação. O navio tinha um rombo no costado e várias fendas por onde a água – calculou – devia entrar a jorros. Quando, com enorme dificuldade, conseguiram acostar, recolheram a bordo um tenente e vários marinheiros. Mas um brigue daqueles tinha mais de duzentos homens de guarnição e todos sabiam que não haveria tempo nem forças para os salvar a todos. E, mesmo que houvesse, seria impossível receber a maior parte deles a bordo do pequeno baleeiro.

Os três escaleres ingleses ainda voltaram para buscar gente, mas no

regresso dois deles, já muito cheios de água, despedaçaram-se contra os costados do baleeiro e só se salvaram oito náufragos.

A tempestade não havia meio de amainar. Sobravam dois escaleres, mas Pascoal e os companheiros estavam exaustos e os outros homens do baleeiro, apavorados, recusaram-se a ir ao mar. Os ingleses ainda fizeram nova viagem e trouxeram mais alguns oficiais e marinheiros. Do brigue continuavam a pedir ajuda com sinais de luzes. A água crescia de forma espantosa e as bombas de esgoto tinham deixado de funcionar. Infelizmente, com a força do mar, os navios iam-se afastando inelutavelmente um do outro, o que tornava impossível continuar o salvamento, mesmo que houvesse ânimo para isso.

Então, da amurada do baleeiro, Pascoal percebeu, com um aperto na garganta, que o capitão do brigue mandara formar no convés e dera ordens para que a banda tocasse. E foi assim, com a tuba, os clarins e as caixas a encherem o ar de sons heróicos e triunfais, no meio da terrível tempestade, que o mar os tragou. Eram nove horas da manhã quando o *Spitfire* se afundou com cerca de cento e cinquenta tripulantes.

No baleeiro fizera-se um silêncio sepulcral, cortado apenas pelos choros e gritos desesperados das duas senhoras. Pascoal via a sua aflição sem poder valer-lhes e lembrou-se da sua Eva. Estava há muito tempo longe dela, o que era uma crueldade para ambos, e naquele momento decidiu que já tivera a sua conta de mar. Se se salvasse daquela viagem, não voltaria a embarcar. Ainda não perfazia os três contos que o pai dela lhe estipulara, mas pouco faltava e de certeza que Bernardino lhe emprestaria a diferença.

Há muito que Benedita sabia que tinha de procurar Bernardino, mas arranjava sempre forma de ir adiando o inevitável reencontro. Nessa manhã, porém, acordou com uma firme determinação de resolver aquele impasse de uma vez por todas e decidiu-se a avançar. Arranjou-se com cuidado, vestiu-se em tons claros para melhor realçar a sua cabeleira preta e ordenou a Coitadinho Amigo que lhe preparasse a carroça e que a levasse à Fazenda dos Cavaleiros.

À saída de Moçâmedes, avistou Justino Feltro e a família. Iam regressar ao Brasil e Justino – que não tivera outro remédio senão vender-lhe a terra – guiava um carro de bois carregado com os seus haveres. A jovem mulher precocemente envelhecida sentava-se ao seu lado, com o bebé ao colo. A rapariguinha encardida e parada encaixava-se entre os dois adultos, sem ponta de energia ou da curiosidade típica das crianças. Todos tinham um olhar vazio, perdido algures dentro deles

mesmos, e Benedita condeu-se daquela família que, sentada no banco da carroça, parecia ainda mais dobrada do que o costume, quebrada ao peso dos seus sonhos destruídos. Quando as carroças passaram uma pela outra sentiu que a olhavam com um misto de cansaço e de muda reprovação, e isso incomodou-a. Censuravam-lhe o quê? Pagara um preço justo pela terra e mantivera a oferta da mercearia – que Justino, num assomo de estúpido orgulho, recusara. Vendo bem, nada tinha a censurar-se. E, ainda assim, algo dentro dela lhe dizia que poderia ter feito mais qualquer coisa por aquela gente. Lembrou-se do tempo em que ela mesma quisera voltar ao Brasil, com a vida esfrangalhada, e como Bernardino lhe acudira. Que teria sido de si sem esse auxílio? Que teria sido de si se em vez da viagem a Lisboa apoiada em Bernardino tivesse rumado sozinha e desvalida ao Recife?

Ora, ter-se-ia desembrulhado! A sorte e o azar desempenhavam um papel central na vida de toda a gente, mas era preciso não desperdiçar as boas oportunidades quando surgiam no horizonte. E, se bem que não soubesse dizer exactamente como, algures pelo sinuoso caminho da sua existência ela tinha aprendido a aproveitá-las todas, o que não era, manifestamente, o caso de Justino Feltro. Por isso, se havia algo a censurar naquele triste episódio era a estúpida teimosia daquele transmontano.

Chegou à Fazenda dos Cavaleiros e avistou Bernardino junto ao canavial. Àquela distância pareceu-lhe menos expansivo e um pouco mais pequeno ou mais curvado do que costumava ser. Inspeccionava a cana, mas os seus movimentos eram lentos, indiferentes, sem chama, como se executasse uma tarefa puramente maquinal. Assim que percebeu a aproximação da carroça ficou parado, surpreendido e expectante, como se intuisse que aquela era uma visita incomum vinda de um outro tempo para o desinquietar.

Aproximou-se devagar, limpando as mãos sujas de terra a um lenço que tirou do bolso das calças. Parou, emocionado, quando percebeu quem o procurava. Benedita já descera da carroça e caminhava em sua direcção ao longo de uma espécie de alameda de pequenos arbustos. Levantou-se um ventinho e ela pôs instintivamente a mão na copa do chapéu de palha para evitar que voasse, e Bernardino sentiu uma comoção ao ver aquela figura adorada que se destacava do verde seco da vegetação. A saia repuxada pelo vento moldava-lhe as coxas e tornava-a ainda mais elegante e desejável. Uma insensata alegria sobressaltou-o muito contra sua vontade. Naquele instante a armadura

de dureza e frieza que tentara construir durante meses derreteu-se completamente e ele ficou ali exposto, vulnerável, com o coração a bater precipitadamente e pronto a voltar a ser seu, se ela assim o quisesse.

Benedita parou a três ou quatro passos dele, sorrindo. Ficaram a olhar-se mutuamente, em silêncio. Depois Bernardino quebrou a distância:

– Há quanto tempo, Benedita...

Ela concordou com a cabeça e depois penitenciou-se:

– Desculpa, Bernardino, mas eu não podia fazer outra coisa.

Ele não disse nada. Fez um vago gesto desanimado e indulgente com a mão, e ficou parado a olhar para ela. As vezes não se reconhecia naquela apatia mole, naquela rendição incondicional, que o tomava quando se tratava de Benedita. A presença dela exercia sobre si uma acção dissolvente, tirava-lhe a ira e a força, e ele tornava-se débil e quase inerte como um Sansão derrotado. O amor acobardava-o. Onde andaria o velho Bernardino corajoso e frontal que noutros tempos teria cortado aquele mal pela raiz? Teria morrido?

Ao fim de algum tempo, perguntou:

– És feliz com ele?

Ela confirmou com a cabeça e retribuiu a pergunta:

– E tu? És feliz aqui?

– Não penso nisso – respondeu, encolhendo os ombros. – Temos de aceitar o que nos acontece. Enfim... não interessa.

Ia a afastar-se mas Benedita reteve-o e falou-lhe com os sentimentos à flor da pele:

– Ouve, Bernardino. Eu sei que não fui correcta contigo e que tu estás muito magoado. Mas tenta compreender. Eu julguei que te amava mas quando se é pobre e fraco as coisas confundem-se. Gostamos das pessoas que são boas para nós e julgamos que isso é amor... e às vezes não é. Tu foste muito bom para mim e nunca esquecerei o que te devo.

Ele olhou-a, tocado com aquela sinceridade, e com uma típica condescendência paternal apressou-se a absolvê-la. O amor limitava-o, acanhava-o, era decididamente a sua fraqueza. Em vez de ter gritado, de ter reclamado, em vez de ter sido severo e de ter perguntado com que direito ela lhe fizera uma coisa daquelas, a sua voz entoou todos os indultos do mundo:

– Não te preocupes, Benedita, estás desculpada. E obrigado por teres vindo – disse ele, tentando apressar a conversa, que começava a pesar-lhe.

Mas ela reteve-o um pouco mais.

– Ouve, espera... Eu agora tenho terras junto às tuas e quero boa vizinhança, Bernardino. Além disso, quero saber se posso mandar moer a minha cana aqui nos Cavaleiros?

Ele sentiu qualquer coisa a partir dentro de si. Devia ser a ingênua esperança de que ela o tivesse procurado movida apenas pelo sentimento e pelo remorso ou – doce ilusão – pelo amor. Que estúpido era! No fim de contas, aquele era um mero encontro de negócios entre gente do mesmo ramo. Ainda assim esboçou um gesto desalentado e confirmou com a cabeça:

– Podes.

– Obrigada.

E com um sorriso aliviado Benedita despediu-se dele e dirigiu-se para a carroça.

José Leite tinha sido chamado a Moçâmedes para responder em processo verbal sumário, feito em conselho de guerra. Não lhe diziam por que razão o processavam, mas com um passado carregado de abusos e violências tomou-se de apreensões. Seria Benedita que finalmente agia contra ele, por tentativa de homicídio? Não devia ser. Já passara muito tempo e Leite, na altura em que vivia com ela, ainda não era capitão de 2.^a linha. Seria algum dos comerciantes que ele lesara e que o acusava de cambolação? Nos últimos tempos fizera-a constantemente, mandando homens seus aos caminhos esperar os carregadores pretos que traziam mercadorias e comprando-as ali mesmo, à força e a preços irrisórios, para negociar ele próprio, com bom lucro. Seria algum soba que o viera acusar de peculato ou multas arbitrárias? Talvez fosse! Quando havia disputas entre os pretos ele administrava a justiça, cobrando honorários e ficando com parte das indenizações para si. Sempre lhe haviam dito que era esse um uso estabelecido no sertão e ele nunca se fizera rogado.

Viajou até Moçâmedes inquieto e atormentado, passando constantemente em revista os atropelos dos últimos anos. Quem seria o queixoso? De que se queixaria?

O dia da audiência nasceu quentíssimo e ele fardou-se com sacrifício. Não estava habituado a usar farda, muito menos com tal calor. Entrou no gabinete do governador, na fortaleza, onde o processo ia decorrer. À sua frente, por trás de uma grande secretária, sentava-se o colectivo de três juízes: o governador Leal, o major Garcia e um oficial da Armada que ele nunca vira. O governador indicou-lhe uma cadeira, situada bem no meio da divisão, e ele sentou-se. Um suor frio empapava-lhe a camisa

e a apreensão apertava-lhe as entranhas. Temia tudo e todos e tinha a boca seca. Os dois ou três minutos em que os juízes, sentados à secretária, remexeram os papéis e trocaram frases sussurradas entre si pareceram-lhe uma insuportável eternidade. Foi só quando se viu confrontado com a acusação de abuso de poder por ter espancado o comerciante Luciano Moura, e por tê-lo mantido em cárcere privado durante cinco dias, que José Leite começou a situar o seu pesadelo e percebeu que tinha sido o próprio Moura que o metera naquele aperto.

Negou tudo, claro, e como por felicidade não havia testemunhas das pauladas que lhe dera foi-se esgueirando entre as perguntas. Mas o oficial da Armada era incisivo e não largava a questão do cárcere privado.

– Nega que prendeu este tal Moura?

Leite voltou a negar. Moura ia perder aquela partida nem que ele tivesse de renegar a própria mãe. Mas no jogo de perguntas e respostas, argumentos e refutações, já se escoara mais de uma hora e ele começava a sentir-se cansado. Não que o processo lhe estivesse a correr mal – pelo contrário –, mas o suplício parecia não ter fim. Olhou para o governador Leal, que, na circunstância, actuava como presidente do colectivo de juízes, e percebeu que ele se preparava para iniciar a leitura de uma outra acusação. O que seria desta vez?

O governador leu em voz pausada:

– O capitão de 2.ª linha e governador do Bumbo, José Leite de Albuquerque, é acusado do crime de homicídio do preto Agostinho, que terá mandado castigar com duzentos açoites, por lhe ter desobedecido. A morte deste preto está confirmada por seis testemunhas já ouvidas nesta sala. Que tem o réu a dizer em sua defesa?

Perante tal acusação José Leite não teve outro remédio senão reconhecer o facto, o que o oficial da Armada logo sublinhou, fuzilando de dedo em riste:

– O réu confessa, com uma sem-cerimónia digna de outros tempos, que mandou matar um homem.

José Leite gaguejou, hesitou, tentou explicar-se mas as palavras certas não lhe ocorriam. Por isso, limitou-se a repetir uma espécie de fórmula encantatória:

– Eu tenho de castigar os pretos desobedientes.

O oficial da Armada quis saber tudo. Quando tinha sido e porquê, e Leite lá explicou que fora por ter abandonado na estrada as barricadas de aguardente que lhe mandara entregar – o que não comoveu os seus

juízes.

– Queremos civilizar o preto, não matá-lo – advertiu o governador Leal. – Pensou nisso quando mandou chicotear o homem?

– Sim, sim, claro que sim – garantiu Leite, desconfortável e já sem posição na cadeira. – Eu gosto daquela gente como irmãos... Era só um correctivo.

As perguntas prosseguiram durante um quarto de hora mais. Depois mandaram-no sair para que o colectivo deliberasse. Andou nervosamente no corredor. Um sargento gordo passou por si com um calhamaço debaixo do braço e, batendo à porta, entrou no gabinete. Saiu pouco tempo depois já sem o calhamaço. José Leite continuou a percorrer o corredor, fumando para enganar o nervoso. Ao passar junto ao gabinete ouviu, amortecida, a voz do governador Leal e foi então que percebeu que, por descuido, o sargento deixara a porta encostada. Através dela transpirava, abafada, a conversa que decorria no interior e ele ficou por ali, tentando ouvir o que se dizia. Agora era o major Garcia quem falava:

– Não concordo! O preto é indolente. É um cego que anda às apalpadelas e que a cada passo cai no precipício. Precisa de ser corrigido.

– De acordo – reconheceu o oficial da Armada –, mas com humanidade e brandura, e eu estou convencido que este José Leite matou o homem à pancada. As ideias filantrópicas não toleram tal coisa.

O major Garcia interveio de novo, numa voz convicta:

– As ideias filantrópicas? Ora, ora... Angola paralisa-se de repente formos semear entre os pretos as ideias da moda. Este tribunal sabe que o réu está por ordens antigas autorizado a castigar os seus subordinados quando desobedientes e rebeldes. É perigoso tirar poder às nossas autoridades no interior.

– Sim, é preciso ir com cautela – concordou o governador Leal. – Mas o que queremos aqui avaliar é se esse poder foi bem ou mal exercido, e se houve crime.

O oficial da Armada voltou a falar:

– Eu estou convencido que houve crime. Não conheço o Bumbo mas já viajei pelo interior. Estive em Cassange, em Cambambe, no Pungo Andongo, onde vivem vários portugueses mas não existe uma administração civil e militar. Estas povoações estão entregues as mais das vezes a uma autoridade que no fundo é um paxá, um tirano. Lá no interior, enconchados na lonjura e no seu posto militar, esses homens

fazem o que querem e lhes apetece. E não pode ser... O preto selvagem não é bom, mas não são as violências dos nossos taberneiros de sertão que podem fazê-lo melhor. Não podemos permitir que se matem homens à chibatada. E eu, repito, estou convencido que foi isso que este Leite fez.

À escuta no corredor, José Leite ouvia tudo, enchia-se de uma cólera surda e ia rosnando entre dentes:

– Filho de puta!

A sua vontade era entrar por ali dentro e abanar aquele bandido. Mas já o major Garcia tomava de novo a palavra:

– Eu podia fazer um longo discurso muito filosófico a esse respeito. Mas a manhã vai longa e não está para ramalhetes. Nós estamos a esquecer uma coisa: não foi só o preto Agostinho a ser castigado. Foi também o preto Julião. Ambos com duzentos açoites. Ora, o preto Agostinho morreu e o outro preto igualmente castigado viveu e restabeleceu-se, sem que tivesse perigo ou lesão. Isto significa que, tendo ambos sido sujeitos ao mesmo castigo, não pode de modo algum imputar-se ao dito castigo a morte do Agostinho, pois o outro preto não morreu. A morte do Agostinho foi sem dúvida devida a falta de bom tratamento ou a outras causas.

Fez-se um silêncio. No corredor, José Leite abençoou o major Garcia, velho amigo dos bons e maus momentos. Mas, ouvindo passos que vinham da escada, afastou-se dali. Era um soldado que chegava num andar pachorrento, trazendo um jarro de barro na mão. Água fresca, talvez. Bateu à porta e entrou no gabinete, enquanto ao fundo do corredor José Leite observava e, inquieto, fumava outro cigarro. Quando o soldado se retirou voltou a tentar ouvir a conversa, mas desta vez a porta estava fechada. Afastou-se e esperou nervosamente que o chamassem. Passaram-se dez minutos que lhe pareceram uma eternidade. Por fim mandaram-no entrar. E foi de pé e em sentido que ouviu o governador Leal ler de forma pausada e grave a sentença, aprovada por maioria:

– Não ficou provado que o capitão de 2,ª linha, José Leite de Albuquerque, tenha prendido o queixoso Luciano Moura, mas, mesmo que o tivesse feito, não haveria nisso violação da lei, pois para evitar maiores inconvenientes podem os governadores dos distritos reter por algumas horas os prevaricadores, para sua correcção. Também não se provou que tenha havido da parte do réu ânimo directo nem indirecto de matar o preto Agostinho. Por isso, e em vista do Título 35, do 5.º

Livro de Ordenações, que estipula que «se a morte for por algum caso sem malícia ou vontade de matar, será punido ou relevado segundo sua culpa ou inocência, que no caso tiver», absolve-se o réu por falta de culpa, advertindo-o no entanto para que de futuro se haja em tais castigos com toda a prudência e moderação.

José Leite respirou de alívio. Pelos vistos os argumentos daquele abençoado major Garcia tinham convencido o governador. O palerma da Armada que ficasse com as suas teorias, que ali em Moçâmedes não riscavam coisa nenhuma. Foi-lhe dada autorização para se retirar e ele não perdeu tempo. Saudou os juízes, fez meia-volta e saiu do gabinete. Atravessou a pequena parada em passo rápido e dirigiu-se para a porta de armas. Quando chegou lá fora encheu o peito de ar e sorriu. Aquela penosa manhã não tinha sido em vão. Reforçava-lhe, e muito, a sensação de impunidade. Oh, como ele gostava daquela terra!

Pensava em Peter quando um som de passos a estalarem na madeira lhe veio interromper as ideias. Um homem gordo, de meia-idade e pele afogueada galgara em passo rápido os degraus que levavam ao alpendre e aproximou-se dela, fremente de entusiasmo.

– Senhora. A prensa já chegou!

– Vou já ver, Michael – disse Benedita, levantando-se da cadeira e seguindo-o.

Percorreram apressadamente meia alameda, atravessaram o terreiro pequeno que lhe ficava adjacente, à esquerda, contornaram o barracão que servia de armazém e celeiro, e dirigiram-se para um carro de bois de onde os escravos acabavam de descarregar e desencaixotar, com esforço e mil cuidados, uma imponente prensa para encercar fardos de algodão com cintas metálicas. Era mais rápido do que amarrá-los com um cordel e, tudo somado, ficava mais barato.

– Com isto fazemos fardos de oito arrobas num instante – garantiu Michael, apontando a prensa. – Se continuarmos por este caminho, senhora, em breve estamos a produzir cinco mil arrobas de algodão por ano.

– Deus o oiça, Michael. Era bem bom!

Benedita observou a máquina, contornou-a, tocou com a mão no metal frio e azulado, quis saber como funcionava. Quando se sentiu satisfeita com as sucessivas explicações que o capataz lhe deu, autorizou os escravos a prosseguirem o trabalho e eles transportaram a prensa para a fábrica, ao som da chilreada das crianças que se amontoavam em redor, excitadas, empurrando-se umas às outras para melhor verem

aquela novidade. Ela sorriu e voltou para casa. Já a caminho ainda atirou para trás:

– Quando começarem a enfadar, avise-me, Michael, que eu quero vê-la a trabalhar.

O homem assentiu com a cabeça e levou a mão ao chapéu, num rápido cumprimento.

Fora Pinto Basto quem lhe arranjava aquele capataz americano, que já trabalhara no Brasil e em Cuba. Ainda em Lisboa o sócio insistira nessa contratação, que, ao que lhe dissera, estava já praticamente acertada com o cônsul português em Nova Iorque. Ela aceitara aquela imposição um pouco contrariada porque não gostava de contratar pessoas sem as conhecer. Mas, a posteriori, tinha de reconhecer que Pinto Basto decidira bem. Michael transferira-se para Moçâmedes com mulher, filhos, duas caixas de sementes e três máquinas de descaroçar algodão e, assim que chegou, Benedita percebeu imediatamente que ele sabia a fundo do assunto. Era o homem certo para o que pretendiam.

– Num terreno como este temos de plantar algodão, senhora. O algodão pinga logo no primeiro ano... Os outros géneros só no terceiro ou quarto começam a dar algum lucro.

E tinha razão. Os algodoeiros pegaram de estaca na sua terra, até porque Michael sabia exactamente o que devia plantar em cada sítio. A primeira coisa que fez foi mandar delimitar um terreno, que todos pensaram destinar-se a uma horta, como era usual naquelas paragens. Em vez disso, fez nele um jardim de aclimação em que as culturas mais adequadas às várias espécies de algodoeiros se pudessem previamente ensaiar. Usou diversas variedades locais mas também as sementes que trouxera da Luisiana que, apesar de menos resistentes, davam um algodão muito mais fino, preferido nos mercados europeus.

Michael cuidava da sementeira com desvelos de pai. Ensinava aos escravos o melhor processo de plantio, de poda e de monda. Fosse qual fosse a variedade em causa, na sua mão o algodoeiro florescia e frutificava com uma facilidade surpreendente. E ao cabo de alguns meses a Fazenda Triunfo – fora esse o nome que Benedita lhe dera, numa antecipação de sucesso – atapetou-se de campos e campos daqueles arbustos baixos. A sua produção algodoeira suplantou em muito a de todos os outros plantadores, que continuavam a praticar métodos de cultivo menos cuidadosos e a usar sementes pouco adequadas ou de qualidade sofrível.

No que ao algodão dizia respeito Benedita dava carta-branca ao seu

capataz, ainda que por vezes duvidasse dos seus métodos pouco convencionais e muito diferentes do que os outros plantadores usavam. Michael trouxera para Moçamedes as três máquinas americanas para descaroçar algodão que Pinto Basto lhe encomendara, e colocou-as numa casa que destinou para fábrica. Eram máquinas rudimentares, piores do que as que Bernardino conseguira através do Ministério da Marinha, mas o americano sabia o que fazia.

– Num país como este, senhora, as máquinas devem ser simples e fáceis de consertar. De contrário, arriscamo-nos a ficar com lindas engenhocas que não trabalham.

E tinha de novo razão, pois as máquinas de Bernardino estavam frequentemente avariadas e paradas, tendo o descaroçamento de ser feito lentamente à mão. Ao invés, na Fazenda Triunfo as máquinas quando avariavam eram rapidamente reparadas e o trabalho corria com uma regularidade de relógio. Nas três pequenas máquinas empregavam seis pretos e um feitor branco que começavam a laborar às seis da manhã e acabavam às seis da tarde, tendo uma hora para descanso ao almoço. Michael dizia que era assim que faziam na Luisiana e o resultado era excelente. Os três carros de bois da fazenda andavam regularmente carregados, levando algodão ao embarque para Lisboa. Com a sua produção em pleno e com o algodão em caroço que comprava aos pretos, a pequena fábrica dava, por mês, três mil arrobas de algodão em pluma, limpo e ensacado, que rendiam à sociedade qualquer coisa como 180 mil réis. Agora, com a prensa que permitia fazer tudo mais depressa, talvez chegassem às cinco mil arrobas por mês e a 300 mil réis, o que era bem melhor do que Benedita e os seus sócios se tinham atrevido a sonhar.

Nem tudo eram sucessos, claro. Experimentou o café, por teimosia, indo contra a opinião de Michael. Mas os terrenos eram impróprios por serem planos e descobertos, e em vez de cafezeiros pujantes e verdes, de fartas folhas, obteve apenas plantas amarelas e raquíticas. Desistiu. Tentou criar vacas. Mas, nas imediações, a única pastagem digna desse nome era o leito do Bero, de uma a duas milhas de comprimento e cem passos na sua maior largura, e estava quase toda tomada pela manada de vacas de Bernardino de Figueiredo, e ela não queria fazer nada que fosse contra os interesses dele. Acabou por vender as vacas, com prejuízo.

Mas o algodão compensava esses passos em falso e não era, aliás, a única riqueza da Fazenda Triunfo. Havia também mandioca, batata,

milho e alguma cana-de-açúcar, não muita porque a experiência tinha mostrado que talvez não fosse o cultivo mais indicado para o local. Assim sendo, Benedita não se abalançou a construir um engenho. Sempre que necessitava mandava moer a sua cana à fazenda de Bernardino, como ficara combinado. Em contrapartida, tinha um moderno engenho em ferro para a fabricação da farinha-de-pau e um moinho de vento que moía em média um cazunguel de grão por hora. E, não podendo ser criadora de gado, reconvertera o negócio da carne. Graças à intermediação do governador Leal, arranjou um contrato para fornecer bois à ilha de Santa Helena. Eram animais que ela comprava no sertão, e depois revendia, por bom preço, aos ingleses.

Tudo aquilo era um milagre, pensou, enquanto atravessava o terreiro, de regresso a casa. A sorte que tanto lhe tinha faltado nos anos anteriores estava agora incondicionalmente do seu lado para lhe facilitar o caminho. Lembrava-se da dificuldade da sua vida, da penosa luta para construir a Fazenda dos Cavaleiros e, sobretudo, a do Bumbo, e comparava esse duro esforço com a agilidade que o seu dinheiro e as relações certas tinham permitido criar. Era bem verdade que comprara terras já arroteadas e produtivas, ou a caminho de o serem. O resultado seria muito menos exuberante se tivesse de começar tudo desde o princípio. Mesmo assim, a rapidez com que toda aquela prosperidade tinha surgido pasmava-a.

Estava ali ainda não fizera um ano. A sociedade que formara com Pinto Basto e outros accionistas já tinha mais de seis mil hectares de bom terreno e duzentos escravos e libertos que viviam em boas condições e harmonia, em grande parte devido aos conselhos de Coitadinho Amigo. Se Michael era o seu guia no que à agricultura dizia respeito, o negro tinha sido o seu apoio no modo de relacionamento com os escravos. Benedita gostava daquele homem calmo, entendia-se bem com ele e dava graças a Deus por ter insistido tanto com Peter para lho deixar. Nunca mais se esqueceria do que o preto dissera no dia em que lhe comunicaram que iria ficar com ela ali na fazenda. Estavam na sala, ao fim da tarde, e Coitadinho Amigo andava lá fora, vigiando o trabalho de um pedreiro. Peter chamou-o e perguntou-lhe:

– Diz-me cá: queres ficar em casa da Sr.a Benedita?

Coitadinho Amigo ficou por momentos em silêncio enquanto Peter acendia um charuto, e depois falou:

– O escravo não tem vontade... Posso ficar se o meu senhor manda.

Peter fez um gesto de enfado.

– Já te disse que não és meu escravo. Mas tu és tão teimoso... Enfim, não interessa. Qual é a tua vontade? Queres ficar com a senhora ou ir comigo?

– Não sei, senhor, não vou saber... Se o Sr. Peter manda, eu fico; se não manda, eu vou com ele.

Benedita ria-se daquela conversa circular e resolveu intervir:

– Não tens vontade, Coitadinho Amigo? Não tens família? Não queres voltar para a tua terra?

O preto abanou a cabeça, num movimento esmorecido e vagaroso. Explicou que a mulher e o filho tinham sido vendidos a negreiros e levados para o outro lado do mar, e que lá tinham morrido.

– Como sabes que morreram? – estranhou Benedita.

Coitadinho Amigo fez uma pausa, como se pensasse, e depois disse, encolhendo os ombros:

– Sei... Depois da Grande Água é a terra dos mortos. Os velhos diziam que os brancos vinham buscar os pretos para os comerem. Falavam em grandes caldeirões naqueles barcos que os levavam pela Grande Água. Contavam que os brancos faziam vinho tinto do sangue dos pretos e que dos ossos queimados tiravam a pólvora que faz disparar as espingardas. Eu acreditei muito nisso, senhora. Chorei muito. O Deus Criador dos brancos devia estar zangado com a gente preta para a castigar assim. Depois ouvi dizer que os brancos não comiam os pretos, só os levavam para trabalhar nas terras.

Benedita enterneceu-se com aquela explicação e tentou tranquilizá-lo:

– Sim, Coitadinho Amigo, é isso mesmo. Eu vim do outro lado da água, do Brasil, e há muitos pretos vivos por lá, a cultivar os campos. É para isso que os brancos os querem.

Ele assentiu com a cabeça.

– Sei, senhora... Ao princípio não quis acreditar. Era tão estúpido... Se os brancos queriam os pretos para cultivar as terras, para que é que os levavam para o outro lado da Grande Água? Não havia terras aqui? Depois vim para Benguela, vivi com os brancos e percebi que quase todos pensam muitas coisas estúpidas. Não é a senhora, nem o Sr. Peter... – apressou-se a esclarecer. – Os outros brancos.

– Sim, eu sei – concordou Benedita, com um sorriso. – Mas continua, continua.

– Percebi que as histórias que contavam na minha aldeia não eram verdade. Os velhos nunca contam a verdade. Uma vez contam uma

coisa, no outro dia contam diferente. Os velhos são assim, mentem muito mas não fazem por mal... É porque são velhos e as suas cabeças fazem confusão. Mas também percebi que muitos pretos não resistem à Grande Água e os que resistem nunca voltam. A minha família morreu.

Proferiu a última frase em voz triste e resignada, como se aceitasse uma sentença sem apelo, e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

– É o fumo do charuto, senhora – justificou-se.

Benedita comoveu-se. Ergueu-se da cadeira onde se sentava, aproximou-se dele com um sorriso dorido e os olhos enternecidos, e pegou-lhe na mão.

– Pois... também a mim me faz chorar. Bem, ficas comigo porque eu preciso de ti aqui na fazenda. Passas a ser da minha família.

Coitadinho Amigo pôs desajeitadamente a mão sobre a dela e esboçou um sorriso.

– Se o Sr. Peter autorizar...

– Autorizo – disse Peter.

Coitadinho Amigo sorriu.

– A cama aqui é melhor que o chão duro para o caçador dormir. E eu gosto da Sr.a Benedita.

Peter confirmou com a cabeça e ergueu-se para dar as suas ordens:

– Sim, já percebi. Ficas por cá, ajudas a senhora e garantes que nada de mal lhe acontece.

– Por favor, Peter, eu não sou uma criança – reclamou Benedita, um pouco incomodada com o excesso de protecção.

Coitadinho Amigo ficara e tinha sido de uma utilidade extrema naquele último ano. Benedita sempre tivera cuidados e princípios de humanidade no tratamento dos escravos e das populações locais. Influenciada pelo que vira na fazenda de Bernardino, não queria que os seus trabalhadores pretos fossem maltratados, ou que as suas vidas fossem postas em risco de ânimo leve. Ela própria percorria os campos e as casas, falando com a sua gente e inspeccionando as condições de trabalho, corrigindo-as quando era caso disso. Estava firmemente convencida de que os trabalhadores bem tratados produziram mais e melhor do que se fossem brutalizados, e já avançara imenso nas condições que proporcionava à sua gente. Mas Coitadinho Amigo via as coisas pela perspectiva do africano e levava-a a dar ainda mais alguns passos em frente. Fora ele que a convencera, contra a vontade de Michael, a permitir que os escravos casassem e que vivessem à sua maneira, em cubatas agrupadas em pequenas povoações, ou sanzalas.

Convencera-a, também, a dar-lhes pequenas porções de terreno onde pudessem cultivar milho, feijão, mandioca, e a conceder-lhes o domingo e metade da quinta-feira para esse fim. Com esses métodos – dizia – evitava-se que andassem descontentes e que escapassem para o gentio.

O método resultava. Enquanto as fazendas em redor se debatiam com constantes fugas e falta de mão-de-obra, na sua fazenda eram raros os escravos fujões. Sempre que Benedita precisava de carregadores para carreto dos seus produtos para o interior, delegava o assunto em Coitadinho Amigo. Ele tinha o cuidado de proporcionar o peso das cargas às diferente idades e envergaduras, para não sobrecarregar os homens excessivamente. Por este motivo, e porque os recompensava justamente pelo seu trabalho, havia sempre carregadores à disposição. Tal como havia operários para construir de novo ou refazer muitos dos edifícios que já existiam nas terras adquiridas. Ao contrário do que acontecia noutras fazendas, ali nunca tinham falta de bons pedreiros.

Um dos primeiros cuidados de Benedita tinha sido o de mandar fazer uma casinha na parte extrema do terreiro, para lá do curral, junto ao caminho que levava às terras do interior. Era uma pequena construção térrea destinada a ser uma espécie de porto de abrigo para Kpengla sempre que a caçadora andasse por aquelas partes. Peter tentara dissuadi-la da obra.

– É trabalho escusado, Benedita. Kpengla não te vai aparecer. E se aparecer não te vai agradecer o que fazes por ela. Quando menos o esperares, vira-te as costas, como fez comigo.

Benedita não tentou argumentar. Não estranhava que Peter fizesse essas previsões pois ele desconhecia inteiramente o elo inquebrável que existia entre as duas. Mas ela não só tinha uma dívida de gratidão a pagar como sabia no mais fundo de si que Kpengla haveria de reentrar na sua vida. Devia preparar-se para a acolher pois ela passaria por ali algumas vezes. Tinha a certeza disso.

Por isso prosseguiu a obra e a casa rapidamente se ergueu, um pouco isolada do resto dos edifícios, como uma espécie de sentinela solitária, sempre alerta e sempre preparada para receber o seu eventual e transitório hóspede. Benedita encarregara Coitadinho Amigo de ter sempre a casa fornecida com alguma comida fresca e água, bem como com roupas. E com o passar do tempo verificou que tudo aquilo era usado. Às vezes Kpengla aproximava-se dela e falavam. Outras vezes passavam-se longas temporadas sem que a caçadora aparecesse, ou então Benedita via-a apenas ao longe, acenando-lhe como era seu

hábito, antes de se esfumar na imensidão do sertão.

A casa de Kpengla fora a primeira a ser completada. Depois fizera um grande celeiro, um novo curral para recolher as reses vindas do interior, em trânsito para o matadouro ou para os navios ingleses, e remodelara e ampliara a casa que tinha escolhido para sua habitação, pondo-lhe um segundo piso, à maneira do sobrado que tivera no Recife. As obras ainda prosseguiam, mas estava convencida de que dentro de três ou quatro meses teria a casa completa e poderia dedicar-se a decorá-la devidamente.

Quando olhava para a sua fazenda, sentia um grande orgulho no que já realizara num tão curto intervalo de tempo. Tinha ali empregadas dezenas de contos em braços, edifícios e fabricos. E tudo aquilo ainda estava no começo, como um filho recém-nascido que tinha diante de si um caminho cheio de esperanças e de promessas. Estava a construir a maior e mais importante propriedade da região, havia de arranjar uma casa como Moçâmedes nunca vira – uma casa onde desse gosto viver –, e iria fazer dos seus pretos uma gente civilizada e bem apessoada.

A sua única frustração, a sua única e enorme tristeza, é que Peter estivesse tão ausente e partilhasse tão pouco aquela nova vida consigo. Apesar de ser sócio da empresa, o alemão delegava quase tudo nela. Por um lado, essa delegação de competências agradava-lhe pelo que revelava da confiança que ele tinha em si. Por outro lado, entristecia-a pois confundia-se com desinteresse. Peter faltava-lhe. Precisava dele e não o tinha. Preenchia a sua ausência com trabalho, com as visitas que fazia a Bernardino, ou que ele lhe fazia, e com a frequente atenção que o governador Leal lhe dispensava, mas nada disso apagava a frustração de não ter Peter ali. A vida ao lado dele não era o que tinha ingenuamente imaginado e desejado – a bem dizer não era, sequer, uma vida a seu lado. Ele vinha de tempos a tempos, passava ali duas ou três abençoadas semanas e partia de novo, para os braços da caça, o seu verdadeiro amor. E ela tinha cada vez mais dificuldade em perdoar-lhe essa horrível traição.

Olhando pelo seu óculo de Marinha, Peter observou o leão e a leoa perfeitamente escondidos atrás de tufo de grandes ervas amarelecidas pela estiagem. Mais à sua frente, já desfocados pela refração das ondas de calor que emanavam da terra, um grupo de zebus caminhava em fila disciplinada até à lagoa.

A distância dos herbívoros para os leões era tão grande que dissuadia qualquer ataque, mesmo que fosse essa a apetência e necessidade dos

carnívoros. Talvez por isso nem o leão nem a leoa se tenham movido. Passado um instante de observação, voltaram aos seus jogos de acasalamento. Peter estava ali há uma hora e já vira aquela cena repetir-se umas cinco ou seis vezes. Era sempre a leoa que a desencadeava e estimulava: erguia-se e circundava o macho para que ele pudesse sentir-lhe o cheiro. Depois batia-lhe com a cauda no focinho e afastava-se. Ele seguia-a, obedientemente, e acasalavam durante alguns segundos. No clímax o leão por vezes rugia e arreganhava os dentes poderosos como se fosse dominador e senhor da situação. Que grande ilusão!

Ao observar aquela cena à distância Peter pensou em Benedita, no seu poder de sedução e no efeito que esse poder tinha em si. Às vezes pensava tanto nela que sentia a cabeça esvaída, a sua concentração perdia-se e as caçadas ressentiam-se. Na última semana tinha abatido apenas duas pacaças e corraera um grave perigo, daqueles que não costumava correr, sobretudo com os búfalos velhos e escorraçados das manadas, que eram mais perigosos do que leões. Ele vira aquele búfalo isolado, parado, de olhos em brasa, com a trunfa escura a escorrer pelo focinho abaixo, de mistura com a baba, e em vez de se afastar, como seria aconselhável, decidira disparar precipitadamente e falhara o tiro. Num segundo disparo conseguira abater o animal a cinco passos de si, se tanto. A morte passara muito perto porque o seu espírito não estava focado onde devia, estava fixado nela. Benedita tornara-se uma obsessão que açambarcava a sua vida.

Ao contrário de outros brancos, Peter nunca procurara aproveitar-se do calor fácil e sem malícia oferecido pelas negras. Todavia, a manutenção de boas relações com os chefes indígenas obrigava-o muitas vezes a ter de aceitar essa parte da hospitalidade local. Ainda se lembrava perfeitamente da surpresa que tivera logo nos seus primeiros dias em África, quando o soba do Giraúl o levou a uma cabana e lhe disse que, como seu convidado, todas as mulheres estavam à sua disposição. E, percebendo a sua ignorância e inocência, entrara em detalhes sobre o que verdadeiramente significava estar à disposição.

Assim, de cortesia em cortesia, de diplomacia em diplomacia, Peter fora criando uma rede de esposas locais que o ajudavam a enfrentar as noites nas aldeias que visitava. Estava agradecido a essas mulheres pelo conforto que traziam à sua vida errante, um auxílio tão quente e tão regular que o ajudara a esquecer Kpengla. Mas, agora que Benedita entrara na sua vida, esse sentimento mudara e o consolo daquelas companhias de ocasião parecia-lhe uma coisa animal, carente de ternura

e de paixão, que lhe gratificava o corpo sem lhe satisfazer o espírito. A barreira da língua e a disparidade de interesses tornava difícil a comunicação e quando se desprendia dos braços das amantes negras sentia-se tomado por uma insuficiência e um vazio difíceis de preencher.

Duas semanas antes tinha estado no Hai e dormira com Golu, a irmã mais nova do soba. A sua relação com Golu durava havia já quatro anos, desde que fora pela primeira vez àquele sobado. Ela viera visitá-lo à cubata e a conversa entre ambos começara por ser cortês, quase cerimoniosa. Mas depois, ao cabo de uns momentos, ela pedira-lhe que lhe mostrasse os braços cobertos pela camisa e que descalçasse as botas para poder ver e tocar os seus pés. Ele fizera-lhe a vontade. No dia seguinte Golu trouxera-lhe um presente, declarara-lhe o seu amor de uma forma que o deixara embaraçado e pedira-lhe que dormisse com ela. E assim se tornara uma espécie de marido intermitente de Golu, e ela convertera-se na sua esposa africana preferida.

Contudo, das últimas vezes que apertara a bela preta nos seus braços era em Benedita que pensava. Quando as mãos de Golu lhe percorriam o corpo, o que ele sentia era o desejo de que fossem as mãos de Benedita a tocá-lo, afagando-o como ela costumava fazer quando o guiava para dentro de si. O desejo que sentia por Benedita era tão avassalador, tão hegemónico, que dera consigo a ensinar à preta os gestos dela, a mostrar-lhe a forma rítmica como devia acariciá-lo, para que aquele simulacro de amor se assemelhasse vagamente a um verdadeiro amor, profundo e total.

Desejava Benedita como nunca desejara ninguém, com todos os tumultos da alma e todos os ardores do corpo, mas não estava certo de querer aquela tentação e aquela voracidade em permanência na sua vida. Dia após dia perguntava a si próprio se aquele amor tão avassalador seria compatível com o seu equilíbrio e o seu anseio de liberdade. E não sabia responder. Desde que Benedita entrara na sua vida voltara a ser o homem indeciso, hesitante, que fora em Altona. A clareza de objectivos que ganhara com a vinda para África perdera nitidez. Por estúpido que parecesse, Benedita era uma enorme ameaça à sua liberdade. Ninguém aceitava os outros como eles verdadeiramente eram, com as suas escolhas e as suas preferências, e quanto mais os amassem mais tentariam moldá-los aos seus desejos. Benedita dizia que aceitava a sua vida de caçador mas no fundo odiava-a e estava à espera que o tempo jogasse a seu favor, adensando os laços entre ambos, prendendo-o a ela, ligando-o à fazenda. E perante esse doce perigo, esse

doce enleio, aquele amor que ele lhe tinha era uma gigantesca vulnerabilidade. Às vezes sentia medo dos seus próprios sentimentos e quase que agradecia à caça o facto de existir e de lhe permitir pôr um freio à sua tentação diária. Sem a caça estaria demasiado perto dela e não suportaria o custo de tanta proximidade.

Fechou o óculo, ergueu-se e regressou ao acampamento, que já se revolia no tumulto habitual dos fins de tarde. Deu as suas instruções para o dia seguinte. Iriam ficar por ali algum tempo mais porque ele queria conhecer bem as potencialidades daquela região a sudoeste dos Gambos, onde nunca estivera.

Deitou-se cedo mas dormiu mal, um sono agitado, cortado por pesadelos. Sonhou que estava com Benedita e que iam comprar uma casa. Iam andando pela Rua do Alecrim, em Lisboa, sob um sol radioso, até que viram um homem à janela que os chamou e lhes disse: «Senhores, vejam esta casa aqui.» O homem envergava um dólman azul semelhante ao dos oficiais do Exército. Entraram e subiram por uma escada tortuosa, no cimo da qual havia uma porta de madeira escura que se abriu para os deixar entrar. A casa era enorme, rasgada por grandes janelas que permitiam uma linda vista sobre a cidade, mas com uma luz coada e estranha. O chão estava todo atapetado de verde-claro, os tectos eram em madeira trabalhada e havia grandes espelhos nas paredes. Fazia lembrar a casa dos seus pais em Altona, mas era mais bonita e acolhedora. Percorreram os corredores e Benedita começou de imediato a fazer planos e a alterar a disposição dos móveis. Ria-se muito com o homem que os acompanhava na visita. Peter não o via mas sabia que ele estava lá e Benedita falava-lhe com grande jovialidade, permitindo-lhe até ditos brejeiros e algumas proximidades exageradas. Estava feliz. Ele, ao invés, angustiava-se. Perdera a noção de onde estava e já não sabia situar a porta da rua. Sentia-se a atabafar. Afastou-se dela e correu pelos corredores em busca da saída. Nisto o céu embrulhou-se, começaram a cair grossos pingos nos vidros das janelas. Gotejava água do tecto e os tapetes escureciam, ensopados. Depois já não eram só goteiras, era o tecto inteiro a verter água às golfadas enquanto ele corria desesperado em busca da porta.

Acordou gelado e aterrado.

O dia tinha raiado havia pouco e o sol lançava uma luz crua, intensa e rasante sobre a terra, extraíndo grandes sombras dos pequenos arbustos. José Leite seguia o trilho poeirento e estaria talvez a três ou quatro horas de marcha do Bumbo quando viu ao longe alguém que

parecia acenar-lhe freneticamente. Esporeou a mula e, quando se aproximou o suficiente, reconheceu o mulato João, o seu ferreiro. Vinha descalço, de roupas esgaçadas e com uma catana na mão.

– Que fazes aqui? – gritou-lhe, intrigado.

– Ai, senhor, grande desgraça, grande desgraça – choramingou.

– Fala, homem. O que aconteceu?

– Água, por favor – implorou o mulato.

José Leite desceu da montada e estendeu-lhe um cantil, que João bebeu sofregamente. Depois, limpando o queixo molhado com as costas da mão, disse:

– Revolta...

– Quê? – berrou José Leite, incrédulo.

Mas o mulato confirmou com a cabeça, pesaroso. Depois explicou:

– Os nossos escravos e os pretos do Bumbo. Foi na noite, senhor. Eram muitos. Arrombaram portas... «mata, mata».

Fez uma pausa e suspirou, desalentado.

– Este João tinha ido à latrina – contou, apontando para si próprio. – Quando ouviu a gritaria e viu o que se passava, arrancou as tábuas e escapou pela parte de trás da casinha. Este João escondeu-se no canavial, senhor, e então...

A voz faltou-lhe e começou a abanar a cabeça, engolindo em seco. Chorou outra vez. José Leite abanou-o, irritado com tanta lamúria, e o ferreiro lá controlou o choro e prosseguiu, entre soluços e com os olhos afogados em lágrimas:

– Trouxeram eles para o terreiro, senhor, o Juvenal, o Crispim e o caixeiro Borges. Picaram-nos com azagaias e eles gritavam tanto... Ai, Jesus! Ai, Senhor!

Chorou mais.

– E aqueles diabos a cantar e a dançar à volta deles... Depois cortaram-lhes a pescoceira e espetaram as cabeças em paus, junto ao curral. Tanto sangue, senhor, tanto sangue...

– A Isaura? – perguntou José Leite, alarmado.

O homem ficou por momentos calado, abanando a cabeça. Depois, falou a custo:

– Serviram-se da Sr.^a Isaura e depois mataram ela. Os nossos pretos bons foram... Jesus, Maria! Ai – soltou um longo lamento. – O Catão está serrado vivo, senhor... Serrado vivo! Deus me acuda! O Sebastião foi dado às mulheres... cortaram-lhe o pau, senhor! Depois, fizeram-no em bocados. Tantas pancadas! Os outros foram postos no tronco.

José Leite ouvia em silêncio, de punhos cerrados e branco como a cal da parede. Percebeu que tinham aproveitado a sua ida a Moçâmedes para responder em conselho de guerra para se revoltarem. O mulato prosseguiu:

– Roubaram as espingardas. Deram tiros para o ar. Foram no armazém procurar aguardente... levaram tudo. As mulheres andavam com os archotes na mão a pôr fogo em toda a parte. Queimaram a casa grande, senhor, e o engenho. Este João não podia fazer nada, senhor – desculpou-se, pondo uma mão no peito. – Fugiu mesmo a tempo, porque logo de seguida os malvados lançaram fogo ao canavial.

José Leite começou a andar de um lado para o outro, como um animal enjaulado. Sentia uma raiva a subir-lhe das entranhas e uma vontade incontrollável de os matar a todos. De repente pegou nas rédeas da mula e saltou para o selim.

– Eu vou lá.

– Não vá, senhor... eles querem apanhá-lo.

Mas Leite já se pusera em marcha, espumando e gritando insultos ao vento. Estava demasiado encolerizado para pensar fosse o que fosse. Apenas queria matar pretos. Algum tempo depois distinguiu no horizonte a coluna de fumo do incêndio da sua fazenda e isso apressou-o mais. Ainda não tinha andado meia légua quando, ao passar um pequeno cume, deu quase de frente com um grupo numeroso de pretos que vinha subindo a encosta contrária e caminhava em sua direcção. Vinham armados de catanas, zagaiais e algumas espingardas.

Leite agiu depressa. Reconheceu um dos seus escravos e abateu-o. Os outros desataram numa gritaria, brandindo as armas ameaçadoramente. Alguns abriram fogo e ele só teve tempo de virar o animal e desaparecer colina abaixo, com as balas a zunir à sua volta. Já na base do pequeno monte olhou para trás e viu a multidão enfurecida que o perseguia. Incitou o animal, dando graças a Deus por ter viajado na mula, que corria mais do que um boi-cavalo, e nessa altura sentiu uma dor intensa a morder-lhe o braço esquerdo. Fora atingido e o sangue começou a empapar a camisa. Apertou o braço com a mão direita, segurando as rédeas entre os dentes cerrados, e galopou até ter estabelecido uma boa distância entre si e os perseguidores. Nessa altura pôs a mula a passo e observou a ferida. Uma bala varara-lhe o braço. Quisesse Deus que não lhe tivesse partido o osso.

Caiu então em si e sentiu um grande desespero. Não era a ferida – queria lá saber da ferida! Era a fazenda, a morte da mulher, a destruição

de tudo o que construía e ameahara. Amaldiçoou a hora em que fora a Moçâmedes responder ao processo, amaldiçoou Luciano Moura que o arrancara das suas terras e jurou a si mesmo que havia de o matar.

Rasgou a camisa para estancar a hemorragia e decidiu passar pela lagoa da Pedra Grande para lavar a ferida e, consoante as circunstâncias, pernoitar ou não num abrigo que havia lá perto. Se bem os conhecia, os pretos já deviam ter desistido de o perseguir e, mesmo que assim não fosse, não se arriscariam a andar pela noite dentro. Pôs a mula a trote. Adiante afugentou algumas aves de rapina que debicavam os restos de um cadáver. Pelas roupas percebeu que era o que restava do ferreiro João. Quando chegou à lagoa respirou de alívio, porque encontrou lá o pequeno destacamento militar que às vezes guardava aquele importante ponto de água. Contou ao cabo que comandava aquele punhado de homens o que se tinha passado e recomendou-lhe toda a atenção:

– Olhos alerta durante esta noite porque vinha um bando de pretos atrás de mim.

O braço doía-lhe horivelmente e não melhorou grande coisa com a lavagem na água da lagoa. Aliás, foi piorando com o passar do tempo. Quando, dois dias depois, chegou a Moçâmedes, o braço inchara imenso, a dor era uma verdadeira tenaz que lhe subia até ao ombro, e já ardia em febre. Teve apenas forças para narrar os acontecimentos ao governador Leal e pedir que o levassem ao hospital; de seguida caiu no chão.

Acordou numa cama de ferro, num quarto muito branco – caiado de novo, pensou – e totalmente vazio, à excepção de um grande crucifixo colocado na parede fronteira, de onde um Cristo o olhava com expressão resignada e misericordiosa. A dor no braço trouxe-lhe à memória os últimos dias e a razão por que estava ali. E a voz arrastada do Dr. Vilela, embrulhada no hálito a vinho que nunca o largava, desvaneceu qualquer dúvida que ainda pudesse ter.

– Como se sente, amigo José Leite?

– Mal... Veja-me este braço, doutor.

O médico recuou dois ou três passos, cambaleando um pouco (bêbado incorrigível...), e diagnosticou:

– Já vi, enquanto o meu amigo dormia. Temos de esperar um pouco mais...

Esperaram dois dias porque, no dizer do facultativo, era o que a Ciência aconselhava naqueles casos. José Leite esteve a maior parte desse tempo a vogar em ópio enquanto Vilela foi lazer uma caçada.

Voltou risonho e orgulhoso com as duas zebras que matara, mas logo perdeu o sorriso ao observar o braço do seu paciente.

– Diabo... isto complica-se! Só há um remédio, meu amigo. Temos de lhe amputar o braço acima do cotovelo. E sem demora – decidi.

José Leite sentiu um arrepio de horror e um esticão de raiva a percorrer-lhe o corpo. Saltou da cama num inesperado impulso, como se as nuvens do ópio se tivessem dissipado por encanto. Os gritos e os insultos chegaram-lhe, em torrente, à boca:

– Não tocas no meu braço, cabrão. Tu não és médico... és carnicheiro.

Vilela recuou assustado, ao mesmo tempo que punha um ar digno, vexado, e a mão bem aberta sobre o peito.

– Eu estudei em Coimbra...

Mas José Leite ia lançado e descontrolado. Agarrou o médico pelo pescoço com a mão direita e tê-lo-ia morto ali mesmo se os ajudantes pretos não tivessem reagido prontamente, manietando-o. A muito custo, uma vez que ele se debatia, retiraram-no do quarto, atravessaram um quintal e conduziram-no a uma casita onde havia uma mesa e um armário cheio de objectos cirúrgicos. Vilela varreu a mesa com as mãos e, de seguida, foi buscar uma pequena bancada onde colocou instrumentos, ligaduras e uma grande bacia de latão.

– Prendam-no bem – disse, enquanto ia espalhando serradura no chão.

Após intensa luta, os pretos conseguiram deitar José Leite na mesa, amarraram-no com rudeza e depois, soerguendo-lhe a cabeça, ensoparam-lhe as entranhas em aguardente. Mesmo alcoolizado e drogado sentiu Vilela aplicar-lhe um torniquete e começar a cortar-lhe a carne. Aterrado, viu as mãos e a camisa do médico cobrirem-se de sangue – o seu sangue. Quis urrar de dor, quis implorar que não lhe decepassem o braço, que parassem aquele suplício, mas tinham-lhe entalado um cilindro de madeira entre os dentes, para ele morder, e só conseguia rosnar, gemer e babar-se. Ainda ouviu o zumbido áspero do osso a ser serrado mas depois perdeu os sentidos.

O marinheiro cubano exultava, contando a féria acumulada:

– *Venga la plata! Venga el dinero!*

Os outros riam daquela exuberância caribenha, mas Pascoal Pluma impacientava-se. Era o último da fila e nunca mais chegava a sua vez de receber e zarpar. Após minutos que lhe pareceram longas horas lá veio o momento de meter ao bolso a paga por aqueles meses de árduo trabalho e de se despedir do capitão do *Fearless*. Já no convés, lançou um

derradeiro olhar ao velho baleeiro babado de óleo de baleia e carcomido pela podridão, e entrou no escaler, instalando-se à proa. O barquinho afastou-se do *Fearless* num deslizar sonolento porque os dois escravos remavam devagar, em movimentos mansos. Pascoal incitou-os:

– Mais rápido, que tenho pressa.

Quando se aproximaram da praia foi o primeiro a saltar em terra, com o coração a bater de ansiedade. Aquela chegada a Moçâmedes não era igual às anteriores. Antes desembarcava ali com o peso da sua cruz a esmagar-lhe os ombros. Agora vinha de alma leve, resgatada, porque a longa provação tinha finalmente chegado ao fim. Demorara mais, muito mais, do que previra, mas conseguira acumular quase todo o dinheiro que lhe fora exigido, e estava ali para receber o prémio pelo qual se sacrificara tão duramente.

Subiu em direcção às casas, cruzando-se com homens que carregavam redes às costas para um novo dia de labuta. A visão desses pescadores recordou-lhe Porto Alexandre, apressou-o ainda mais e foi numa verdadeira ânsia que correu à Fazenda dos Cavaleiros. O caminho pareceu-lhe anormalmente longo e demorado, ainda que o boi-cavalo fosse a trote. Por fim a fazenda apareceu no horizonte. Crescera, parecia maior, mais composta e colorida, desde a última vez que a vira – ou então eram os seus olhos que já a olhavam a outra luz.

Deixou o boi no curral e foi procurar o seu antigo professor, encontrando-o à saída do engenho. Por instantes, Bernardino pareceu surpreendido – ou desolado – com a presença dele, mas logo esboçou um sorriso e uma saudação.

– Rapaz, gosto de te ver – disse.

Pascoal percebeu que não havia verdadeira alegria na sua expressão e inquietou-se.

– Que cara é essa, senhor professor? Aconteceu-lhe alguma desgraça?

Bernardino não respondeu directamente. Pôs um braço em roda dos ombros do recém-chegado, num gesto paternal, e guiou-o em direcção à casa. Aquele braço queria ser acolhedor e tranquilizador mas a alegria de Pascoal desaparecera como um sopro para dar lugar a uma preocupação difusa.

Passaram pela sala, onde os móveis se moviam num afã de arrumações. Guilhermina, a preta de Bernardino, reteve-os porque queria que experimentassem uma otomana amarela e uma cadeira de baloiço americana, com as costas gradeadas, que acabara de chegar e já era o seu orgulho.

– Usam-se muito, agora. E são só oito réis... Gosta, Pascoal?

O rapaz mexeu a cabeça afirmativamente, sem reparar na cadeira. Bernardino interveio:

– Agora o Pascoal não tem tempo nem cabeça para isso, Guilhermina, temos coisas a tratar – explicou, virando-se de seguida para o rapaz. – Anda, vem daí, que eu dou-te o teu dinheiro e falamos um pouco.

Pascoal seguiu-o até ao escritório, intrigado e preocupado. O seu semblante estava cada vez mais carregado de maus pressentimentos. Teria acontecido alguma coisa a Eva? Esse era o seu único cuidado. Sentou-se numa cadeira desconjuntada enquanto Bernardino remexia debaixo de uns papéis poeirentos, acabando por descobrir uma pequena chave. Com ela abriu um cofre, de onde tirou uma bolsa de pano azul.

– Aqui tens o teu dinheirinho!

– Obrigado, senhor professor... mas diga-me o que se passa, por favor – pediu Pascoal, desejoso de pôr fim à ansiedade que o consumia. – Aconteceu alguma desgraça?

Bernardino hesitou. A verdade parou-lhe na garganta, vendo aquele homem à sua frente a tremer de inquietação. Embatucou. Tentou desviar o assunto, ou protelá-lo, mas perante a insistência de Pascoal decidiu-se a falar:

– Bem, não queria ser eu a dizer-to mas parece que não há outro remédio... A tua Eva casou. Obrigaram-na a casar.

O rapaz ficou petrificado e lívido, como se tivesse visto a morte à frente dos olhos. Bernardino fez um ligeiro compasso de espera e prosseguiu:

– Informei-me. O pai dela morreu. O tempo foi passando e, como tu não vinhas, a madrastra (sabes?... Aquela mulher que manda em Porto Alexandre...) quis que ela casasse com um tal Manuel Eugénio, um homem das pescarias aqui de Moçâmedes... tu deves saber quem é...

Pascoal confirmou com a cabeça, aturdido, num abatimento de ânimo que dava dó ver. Apesar disso Bernardino prosseguiu. Começara aquele assunto, levá-lo-ia até ao fim.

– A tua Eva tentou fugir mas foi apanhada e a família forçou-a a casar. Vivem em Moçâmedes, junto à praia, e até me admira como não a encontres no teu caminho.

O rapaz nada disse. Os olhos turvaram-se-lhe de lágrimas. A dor daquela surpresa espetara-se-lhe na alma como um espinho tão bicudo e tão cruel, tão injusto e tão irremediável, que ele não sabia o que dizer.

Ficou assim num silêncio sofrido, destroçado, durante dois ou três minutos, como se estivesse adormecido ou ausente. De súbito ergueu-se, num impulso. Sentia a raiva a borbulhar, fervente, dentro de si e procurava desesperadamente uma maneira de a escoar.

– Ah, não! Não me conformo. Não me conformo! Isto não fica assim.

– Calma, Pascoal – aconselhou Bernardino. – Não faças nenhuma loucura.

Aquele Dezembro estava quente e José Joaquim Costa deteve-se na esquina da confeitaria para se abanar com o seu chapéu de palha. Marcelino do Vigário, o carpinteiro coxo, passou por ele no seu costumado andar bamboeante e saudou-o com a efusão e a familiaridade de um conhecimento antigo:

– Bom dia, velho Costa. Como vão esses ossos?

Ele não respondeu. Detestava que lhe chamassem assim, mais a mais agora que já não era um qualquer. Um dia ainda teria de pôr o coxo no seu devido lugar. Não saberia aquele carpinteiro desgraçado que ele acabava de ser eleito para a primeira Câmara Municipal de Moçâmedes?

Costa endireitou-se um pouco mais, recolocou o chapéu na cabeça e suspirou num misto de exasperação e de desdém pelo coxo. Depois, pôs esses sentimentos de lado e fixou-se no feito e honraria que tinha conseguido alcançar. No biénio de 1855-1857 seria ele o presidente da autarquia e esse lugar fazia-lhe inchar o peito de orgulho. Tanto mais quanto fora alcançado à custa da derrota do odiado Bernardino de Figueiredo, que nem um mísero lugar de vereador conseguira. Bernardino ainda tentara impugnar as eleições, reputando-as de pouco sérias, mas sem sucesso. Ó que saboroso triunfo, aquele! Fizera bem a sua campanha eleitoral, e fizera ainda melhor a lenta promoção do seu nome e a demolição do prestígio do adversário. Soubera plantar ao longo dos anos e agora colhia o doce fruto da sua acção persistente.

Mas não aceitava a designação de «velho Costa». Era um desrespeito. Já não estavam em Pernambuco. Além disso, velhos eram os trapos e ele sentia-se na força da idade. O casamento com Francisca Alexandrina tinha vindo dar ânimo aos seus dias, trouxera-lhe ímpetos carnavais que julgava definitivamente perdidos. A mulher, uma morena de boca carnuda, grandes olhos pretos, luminosos, e sobrancelhas espessas tinha artes matreiras. Enroscava-se no seu corpo como uma serpente, dizia-lhe coisas doces, deslizava por baixo dele e descobria-lhe num qualquer recanto perdido uma força que ele ignorava possuir. E então, na cama, antes de adormecer, ele galopava sobre ela, dobrado sobre o seu dorso

muito alvo, agarrado às suas tranças lustrosas, e sentia-se poderoso – e jovem!

Meteu por uma das travessas, em direcção à praia. A vida não lhe corria mal. A Fazenda da Boavista, na qual pusera bom dinheiro, ia a caminho de se tornar bonita e produtiva. No princípio do ano tinha concluído o seu engenho. Era o terceiro que se construía no distrito de Moçâmedes e era, também, o maior e mais moderno de todos, o que muito o orgulhava. Os bois que o moviam rodavam numa plataforma que ficava num nível superior ao mecanismo, de modo a deixar livres e desembaraçados os escravos que trabalhavam junto a ele. Melhores condições, menos acidentes – era o que ele sempre dizia.

A localização do engenho nas imediações da vila, próximo de quase todas as propriedades, era excelente e não admirava que fosse ali que a maior parte dos plantadores de cana acorressem a moê-la. Só Benedita Sepúlveda continuava a recorrer ao engenho de Bernardino, o que até se compreendia. Dizia-se que o homem continuava embeijado por ela e talvez lhe moesse a cana a bom preço ou de graça para reganhar os seus favores. Mas mesmo assim Costa não tencionava desanimar. Queria o monopólio. Moveria as suas influências, valer-se-ia da sua nova posição e com tempo e paciência, como era seu costume, ainda havia de desviar as canas da Benedita para o seu engenho. Sempre gostaria de ver a cara de Bernardino quando ele lhe subtraísse a antiga apaixonada, deixando-o cada vez mais sozinho.

E como estaria a cara dele agora, no rescaldo das eleições perdidas? A verdade é que não via o rival desde essa altura. Parecia mentira que num sítio tão pequeno raramente se cruzassem, e no entanto era isso mesmo que sucedia, como se a Providência se encarregasse profilaticamente de os remover das rotas respectivas. Era sábia, a Providência.

Quando chegou à Rua da Praia avistou um soldado que vinha da fortaleza, descendo a ladeira em passada larga e expedita. Dirigia-se claramente a ele e trazia um papel na mão. Algum convite para uma cerimónia oficial, pensou. O primeiro de muitos na sua nova qualidade de presidente da Câmara. Escovaria bem a gaforina, usaria a sua melhor casaca...

– Bom dia, Sr. Costa. Mandaram-me dar-lhe isto – comunicou o soldado, entregando-lhe o papel.

Costa agradeceu, com um largo sorriso. Mas o sorriso foi morrendo na sua boca aberta, parada de surpresa, à medida que ia lendo o texto

em que Bernardino de Figueiredo o intimava a comparecer no dia seguinte no tribunal a fim de ser ouvido em auto.

Encheu-se de preocupações. Às vezes esquecia-se de que Bernardino desempenhava, desde que fora a Lisboa, as funções de juiz ordinário e que não tinha qualquer pejo em usar e abusar do seu poder, com a complacência do governador Leal. Já por duas vezes tinha condenado gente a penas de prisão por delitos menores, por coisas de nada, minudências. O taberneiro Juvenal apanhara duas semanas de calabouço por diluir a aguardente com água e o merceeiro Clemente outras duas por ter levado temporariamente a canoa a um pescador. Ambos haviam recorrido para o tribunal de Luanda, que revertera essas condenações, com censuras para o juiz, mas o certo é que os recorrentes não se tinham livrado de muitos dias de choça e Bernardino permanecia no cargo como um Hércules justiceiro, exagerado e cego, que tudo queria limpar e corrigir.

Costa passou o dia em sombrias conjecturas e nessa noite não correspondeu às carícias e chamamentos de Francisca Alexandrina.

– Deixa-me, Xica. Hoje não.

Dormiu mal e acordou pior. Arrastou o dia da audiência num nervoso miúdo e, à hora aprazada, compareceu perante o juiz. O improvisado tribunal funcionava na escola, ao fim da tarde, quando ela se esvaziava da algazarra dos alunos. Ao que constava, fora Bernardino quem escolhera aquele local. Aparentemente, o antigo professor sentia-se ali no seu território, com o globo terrestre à sua esquerda, o quadro de ardósia por trás e a balança da justiça com os pratos a oscilar simbolicamente à sua frente.

Costa sentou-se no lugar que lhe indicaram, como um estudante cábula à espera da repreensão e do castigo. À sua direita, o escrivão, um homem pequenino e gordo como uma almôndega, aguardava, displicentemente, o momento de começar. Os dois soldados destacados ao serviço do tribunal – o braço armado que apoiava a justiça – estavam de pé, esfíngicos e adormecidos, ao fundo da sala. Sentado à secretária de mestre-escola, Bernardino permanecia fechado num mutismo soturno e ameaçador. Por fim pegou numa folha de papel e leu-a, acusando:

– É o Sr. José Joaquim Costa acusado de utilizar no seu engenho lenha das matas das margens do rio Bero. Essas madeiras pertencem à vila de Moçâmedes. De acordo com as testemunhas já ouvidas neste tribunal, o Sr. Costa já foi por várias vezes advertido para parar com essa utilização, mas não o fez. Que tem o réu a dizer em sua defesa?

Costa engoliu em seco. A mão esquerda do escrivão apoiava-se como um sapo sobre o papel, enquanto a outra, dobrada e contraída, escrevia esforçadamente. De tempos a tempos o homem deitava a ponta da língua de fora e arredondava os olhos, como se aquele ritual lhe aligeirasse a difícil tarefa de escreva. Lá fora o dia ia empalidecendo tristemente na folhagem das árvores e levantara-se um ventinho que fazia ranger as tábuas da velha escola, dando um ar sinistro, lúgubre, àquele momento. Costa continuava sem saber o que dizer, tal a surpresa. Por fim reagiu:

– Essa acusação é uma vergonha. É um pretexto para me incriminar.

Bernardino deu um murro na mesa e desafiou, colérico:

– O senhor atreve-se a insultar-me? Atrave-se a desrespeitar o tribunal?

Costa hesitou e acanhou-se. As raivas de Bernardino podiam ser surpreendentes e telúricas. Ainda se lembrava daquela vez no Conselho Colonial em que ele quisera bater-lhe, mesmo em frente do governador. Desde essa data ganhara-lhe um medo salutar. Por isso, recuou para terrenos mais seguros.

– Não, não... Não é isso...

– Ai, não? Então o que é? Debaixo dessa capa de hipócrita moral, V. S.^a tem tanto de intrigante como de covarde. Um destes dias ainda lhe quebro a cara com um chicote. Tenha cuidado, Sr. Costa... Não escrevas isto, hein – disse, num aparte, virando-se para o escrivão. – E, agora, responda ao que lhe perguntei: usa ou não usa as madeiras?

– Enfim... quero dizer... uso – reconheceu Costa, desalentado. – Mas alguém se queixou? Será V. Ex.^a que anda à procura de motivos de discórdia para me fazer mal?

Bernardino não respondeu. Dirigindo-se ao escrivão, ditou a sua sentença rápida e dura:

– Inquirido, o acusado confirmou o crime de abuso. Vai condenado em dez dias de prisão correccional na Fortaleza de S. Fernando. A pena é para cumprir de imediato.

O escrivão redigiu com um sorriso bovino, acéfalo, nos beiços. Os dois soldados que aguardavam ao fundo da sala aproximaram-se para conduzirem o condenado ao calabouço. Costa ouviu, incrédulo e indignado, aquele veredicto que num repente se abatia sobre si como um absurdo cataclismo. Uma dezena de dias na prisão... Não queria crer. Uma vergonha, uma afronta, precisamente na altura em que fora escolhido como presidente da Câmara. O vexame era incomensurável.

Bernardino fazia de propósito para o amesquinhar e arranjava as coisas com habilidade. Uma dezena de dias... Tempo de mais e de menos, pois não lhe dava oportunidade útil de apelar para Luanda e anular a sentença. Teria de cumprir a pena e queixar-se depois.

– Ainda posso passar por casa? – indagou, implorante.

– Não será necessário – esclareceu Bernardino –, eu mando avisar em casa de V. S.a.

O dia punha-se. Costa saiu do improvisado tribunal enquadrado pelos dois soldados e subiu, encurvado e abatido, a encosta que levava à fortaleza. Depois, quando a porta da cela se fechou atrás de si, encostou-se a uma parede fria e chorou baixinho. Nessa noite não dormiu, ruminando a raiva, encolhido na enxerga. Contou cada hora daquele tempo passado na prisão – os dez dias mais longos da sua vida – e, por entre as névoas do rancor, congeminou ao detalhe a sua vingança. Bernardino não se ficaria a rir, isso não. Iria aprender uma lição que nunca mais haveria de esquecer.

Ajuste de contas

Acordou com o mugido aflitivo e a agitação dos bois. Ao abrir os olhos estranhou a tonalidade alaranjada que entrava pela janela do quarto, mas não percebeu de imediato o que se passava. Foi só quando se levantou e olhou lá para fora que Bernardino entendeu o desastre. O incêndio consumia vorazmente a casa de purgar e já alastrava ao corpo principal do engenho. Abriu de imediato a janela e gritou a plenos pulmões, sobrepondo a voz ao sopro e ao crepitar das chamas:

– Fogo! Fogo!

Precipitou-se para a cama, abanou Guilhermina, ainda enfronhada no seu sono pesado, apanhou as calças que descansavam sobre a cadeira, enfiando-as num ápice, e correu descalço para a porta, sempre a gritar:

– Fogo! Fogo! Fogo!

Chegou ao terreiro a tempo de ver os vultos dos escravos que saíam dos seus dormitórios em movimentos incertos e assustados. As chamas elevavam-se aos céus espalhando em seu redor uma aura vermelha e havia um intenso cheiro a queimado no ar. O ruído surdo do fogo troava como as ondas no meio de uma tempestade e misturava-se com os gritos de espanto e de alarme, num enorme alarido. Vicente, que aparecera do outro lado do terreiro, gesticulava e dava ordens que Bernardino teve dificuldade em ouvir:

– Baldes, rápido... Duas filas! Duas filas!

Alguns escravos correram para a arrecadação; os outros fizeram apressadamente duas filas paralelas, ligando o poço mais próximo à zona do incêndio. Uma fila trazia os baldes com água, passando-os numa ânsia de mão em mão o mais rapidamente possível, a outra levava-os de volta, já vazios, até ao poço. Os que estavam mais perto das labaredas tinham de se revezar frequentemente, tal o calor que delas irradiava.

Homens, mulheres e crianças lutaram durante duas horas contra as chamas. Às vezes caíam no chão, de pura exaustão, mas regressavam

assim que se restabeleciam para continuarem a afrontar a fornalha. Já amanhecia quando o fogo finalmente se cansou e se extinguiu, deixando em seu lugar uma estranha lacuna. Onde antes estivera o vigor das chamas, ruidosas e pujantes, arredondando-se em volta das casas e devorando as tábuas e os travejamentos, sobrava agora um fumozinho azulado, inocente e silencioso, que se dissipava no ar como uma névoa etérea.

Ao olhar as paredes enegrecidas e o amontoado de escombros fumegantes, Bernardino ajoelhou-se no pó do chão, demasiado extenuado e desalentado para falar. Ficou assim largos minutos, abanando a cabeça, incrédulo e vencido. A custo lá arranjou coragem para acompanhar Vicente numa volta de rescaldo pela zona atingida e não conseguiu conter as lágrimas. O incêndio tinha reduzido a cinzas boa parte do engenho e também a casa de destilação e laboratório de açúcar. Queimara igualmente muitas madeiras, as duas máquinas de descaroçar e a grande porção de algodão em caroço que tinham colhido nos últimos dias.

Aquela perda em cima das muitas dívidas que contraíra nos últimos anos sentenciava praticamente o fim do seu sonho africano. Foi com a morte na alma que o reconheceu:

– Estou arruinado, Vicente.

– Temos a mandioca, Sr. Figueiredo. Salvou-se o laboratório de fazer farinha – disse o capataz, para o animar.

Mas Bernardino estava inconsolável.

– Valha-me Deus, valha-me Deus! Como é que uma coisa destas aconteceu?

Ninguém sabia dizer. Tinham tido todo o cuidado a fechar a fornalha e as caldeiras, e os mecanismos estavam parados há muitas horas. O alambique também. Aquele incêndio era incompreensível. Guilhermina benzia-se e falava em mau-olhado. Vicente desconfiava que andara ali mão criminosa.

Os vizinhos, que começavam a chegar, vinham com a perplexidade e a consternação estampadas nos rostos. Todos traziam palavras de conforto e uma total disponibilidade para ajudar. Ofereciam-na às mãos largas, com a habitual generosidade dos pobres,

– Tira-se umas horas à jorna e põe-se o engenho como novo!

– Com todos a ajudar isto é um instante, Sr. Figueiredo.

Bernardino agradecia, sensibilizado, e prometia que lhes pediria ajuda assim que precisasse. Mas sabia que eram pessoas que pouco mais

teriam para dar do que os seus braços e, naquele aperto, ele precisava de bem mais do que isso.

O velho Costa também apareceu. Vinha em visita oficial inteirar-se do trágico acontecimento e assim que desceu, cautelosamente, do seu boi-cavalo pôs as duas mãos no peito, compungido, e fez uma das suas vénias teatrais.

– Eu venho a sua casa na qualidade de presidente da Câmara, Sr. Figueiredo. O que lá vai lá vai... – proclamou. – Soube da sua desgraça e aqui estou com o coração apertado a pôr a Câmara Municipal ao dispor de V. S.^a no que lhe puder ser útil. A Câmara não é só posturas e editais... Também serve para auxiliar os munícipes em dificuldade. Mais a mais quando se trata de uma pessoa como o Sr. Bernardino Figueiredo, o primeiro colono de Moçâmedes e um homem estimado por todos.

Bernardino começou a sentir repugnância por aquela conversa que lhe soava a falso da primeira à última sílaba. Além disso, nunca se rebaixaria a pedir o que quer que fosse àquele tratante.

– Muito obrigado, Sr. Costa, mas estou convencido de que não vai ser preciso. Cá nos arranjaremos com os nossos meios.

O outro ainda insistiu:

– Se V. S.^a quiser eu posso organizar uma recolha de donativos a seu favor.

Mas Bernardino recusou essa via. Ao fazê-lo, sabia que a única pessoa que podia ajudá-lo era Benedita. Estava seguro de que poderia contar com ela, ainda que lhe custasse ter de lhe pedir, não fosse ela pensar que lhe exigia o pagamento de antigos favores. Mas aquela mulher abraçara-o, segredara-lhe frases de amor, e Bernardino não podia acreditar que ela não guardasse no fundo da sua alma alguma ternura por si. Curiosamente, Benedita era a única proprietária da vizinhança que ainda não dera um sinal de vida. Tentou não empreender nisso – alguma razão haveria, de certeza. Iria à Fazenda Triunfo no dia seguinte e pediria o seu auxílio.

Mas não foi preciso esperar pelo dia seguinte. Benedita estava em Moçâmedes quando soube do incêndio e, tomada por um espírito benevolente, por um grande voluntarismo, correu num impulso à Fazenda dos Cavaleiros. Tinha uma vontade genuína de ajudar e suspeitava que no seu mal-avisado orgulho Bernardino nunca a procuraria para lhe pedir ajuda. O que, atendendo à forma como se tinham separado em Lisboa, era muito compreensível. Abandonara-o de um momento para o outro, sem pré-aviso, era justo que o socorresse

agora, num momento de aflição.

Por isso correu aos Cavaleiros. Guilhermina conduziu-a até ao escritório onde Bernardino se encontrava, sentado à escrivaninha com a cabeça apoiada sobre a mão esquerda enquanto a outra mão ia remexendo, desalentada, alguns papéis. Levantou-se quando a viu entrar. Benedita precipitou-se para a frente, de mãos abertas estendidas para ele. Sentia o desejo de bem-fazer e de remir um pecado que há muito a compungia, e estava determinada a fazê-lo aceitar a sua oferta de auxílio. Quando falou, havia na sua voz um insistente desejo de redenção:

– Ai, Bernardino, que grande desastre! Como é que isto aconteceu? Quero que saibas que podes contar comigo para tudo. Diz-me quanto precisas, que eu dou-te o dinheiro.

Ele comoveu-se. Agarrou-lhe ambas as mãos com as suas e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

– Obrigado, Benedita. É muito generoso da tua parte mas não posso aceitar uma oferta...

Ela deixou-se ficar de pé, conservou as mãos nas dele e insistiu:

– Mas porquê... porque não? Odeias-me assim tanto?

Bernardino olhou-a embaraçado e desamparado. Como poderia odiá-la? Amava-a e amá-la-ia sempre. Era o seu orgulho e a sua enorme mágoa que o impediam de aceitar de braços abertos aquela dádiva. No meio da sua perturbação conseguiu apenas balbuciar umas palavras:

– Não. Não é isso...

– Ah, já percebi – disse ela. – Então, nesse caso, um empréstimo. Faz isso por mim, anda! É uma pequena compensação pelo muito que te devo. Empréstimo-te o dinheiro e tu pagas quando puderes.

Ele hesitou e depois acabou por sorrir. Beijou-lhe as mãos, reconhecido, e disse:

– Está bem. Agradeço-te isso do fundo do coração.

– Não tens de agradecer... De quanto precisas?

Bernardino remexeu os papéis, torceu o nariz e desabafou:

– Estive a ver estas contas antigas... nunca menos de três contos de réis.

Benedita sentiu um baque. Ocorreu-lhe, de repente, que aquele talvez não fosse um bom momento para emprestar tamanha quantia. No meio da precipitação e da vontade de ajudar esquecera-se de fazer contas. Aproximava-se o dia de pagamentos inadiáveis, o primeiro dos quais aos transportadores do gado para Santa Helena. Queria também

comprar uma casa em Moçâmedes para alargar a drogaria e prometera a si própria que iria arranjar novas cadeiras e tapetes para a sala.

– Bernardino... Eu não posso dispor de tanto dinheiro assim de repente e de uma só vez. Sabes, isto é uma sociedade e eu devo prestar contas aos outros sócios. Olha, para já empresto-te um conto de réis e cedo-te os meus artesãos e operários para te ajudarem a reconstruir o engenho. Logo que possa, empresto-te o resto do dinheiro.

O sorriso de Bernardino esmoreceu-lhe na face. Por momentos sentiu-se ridículo, defraudado nas suas esperanças e induzido em erro. Ficou sem saber o que dizer. Por fim respondeu laconicamente, com um misto de desilusão e de resignação:

– Está bem.

– Entretanto, tudo o que precisas podes fazer na minha fazenda – assegurou ela, com o olhar humedecido de generosidade.

Ele nada disse, limitando-se a assentir com a cabeça. Havia alturas em que lhe apetecia desistir de tudo e voltar ao Brasil. Mas eram ideias lunáticas e derrotistas. Sabia perfeitamente que não havia retorno na sua estrada. Fora demasiado longe, demasiado fundo, e empenhara tudo para agora voltar para trás. Fosse por desespero de causa, fosse por convicção, o facto é que mesmo no meio dos desgostos e da destruição se mantinha fiel à sua velha máxima: haveria de triunfar quem perseverasse até ao fim.

O alferes pediu licença para entrar e, assim que foi autorizado a fazê-lo, afastou o pano que servia como uma espécie de anteparo e, já dentro da tenda, informou ao que ia:

– Senhor governador, está lá fora uma embaixada dos Gambos que pede para ser recebida.

Dada a informação, aguardou imóvel e em silêncio. O governador Leal estava sentado a uma mesinha, em mangas de camisa, e observava qualquer coisa numa rudimentar carta militar. Esteve assim um ou dois minutos, traçando riscos, indiferente à presença do subordinado a poucos passos de si. Lá de fora chegava o bulício de um pequeno exército em campanha e o alferes impacientava-se. Preferia mil vezes estar em movimento e ao ar livre a estar parado naquela tenda onde, de mistura com o cheiro dos espaços pouco arejados – o cheiro acre das casernas, pensou se respirava o pesadíssimo ar das hierarquias. Por fim, o governador dignou-se responder-lhe, sem levantar os olhos da mesa:

– Já recebo os pretos, Barroso.

O alferes aprumou-se numa rápida continência, fez meia-volta volver

e ia a sair quando o governador o interpelou:

– Como estamos de munições, Barroso?

O militar voltou atrás e aproximou-se da mesinha. Era um homem baixo, largo, com as pernas arqueadas pela artrite – o que lhe dava um andar gingão – e uma permanente cara de caso. Torceu ainda mais a sua expressão incerta e encolheu os ombros, com resignação.

– Não estamos folgados, não... Cinco ou seis balas para cada homem.

– Pouco... É preciso poupar.

– Sim... mas é sempre tão difícil... Nesta parte aqui – disse o alferes, indicando-a com um dedo espetado na carta militar demos com o rasto de dois leões e estou em crer que não atacaram o arraial porque de noite as sentinelas dão tiros de meia em meia hora.

– É possível, sim – admitiu Leal.

O alferes filosofou:

– Em África gasta-se sempre munição, senhor governador. Não há outro remédio...

– Pois... Bom, Barroso, reúna lá a embaixada, que eu já a recebo ali fora.

O alferes saiu e o governador debruçou-se de novo sobre a carta, fazendo contas ao tempo e às distâncias. Depois pôs o lápis de lado, endireitou as costas, massacradas por mais uma noite mal dormida na cama de lona, baixou as mangas da camisa e levantou-se para vestir o dólman. Não lhe era difícil adivinhar ao que vinha a embaixada dos Cambos. Leal já andava há mais de quinze dias a pacificar a região e ainda tinha certamente para outros tantos e para várias embaixadas e cerimoniais de submissão. A revolta na fazenda do Bumbo fora um rastilho que sublevara o interior contra a presença portuguesa. De repente, tudo tremera e perigara. Na Huíla, tinham atacado o forte e chacinado alguns residentes; nos Gambos, o soba, que nunca gostara de ter portugueses nas suas terras, expulsara os feirantes e o pequeno destacamento militar que lá os protegia. No Humbe tinham morto dois sertanejos e lançado fogo às suas propriedades.

Quando as primeiras notícias dessas violências chegaram a Moçâmedes houve logo quem tentasse disfarçar a gravidade do assunto e aconselhasse diplomacia e moderação apenas para não ter de gastar dinheiro. O velho Costa e todos os vereadores da Câmara Municipal, por exemplo, achavam que tinham sido episódios infelizes, certamente lamentáveis, mas esporádicos, e que qualquer retaliação poderia assanhar ainda mais os pretos.

Mas Bernardino de Figueiredo, que Leal decidira ouvir a título particular, fora de opinião contrária.

– Isto são graves insultos, senhor governador! Isto é de antropófagos! Toca as raias da barbaridade! – dissera o pioneiro, indignado. – Peço a sua maior atenção a este respeito, porque isto verte sangue se não dermos providências imediatamente.

Leal tinha gostado de o ouvir. Bernardino tirara-lhe as palavras da boca. O major Garcia e os restantes oficiais pensavam de igual modo. O nome português fora ferozmente desacatado e aqueles insultos não podiam passar impunes. Por isso, decidira avançar. Em tempos idos tinha sido um Cid Campeador, capaz de promover a guerra apenas para ter o ensejo de provar o seu valor, e nem se teria dado ao trabalho de pedir conselhos. Depois, o passar dos anos tornara-o mais ponderado e fizera-o sentir a importância de se respaldar na opinião dos outros, mas não lhe levava o gosto pelo combate e quase agradecia aos pretos terem-lhe dado a oportunidade de se desenferrujar no manejo das armas. Mobilizara meia companhia, armara-a com peças de artilharia e em poucos dias estava pronto para marchar. O único e magno problema é que não tinha dinheiro para desencadear uma expedição daquela envergadura. Precisava de mantimentos para as tropas e de panos e outros bens para comprar rações em pleno sertão e para oferecer aos sobas, quando fosse preciso apaziguá-los e reforçar os laços de aliança. Chamara, então, os negociantes de Moçâmedes para lhes expor as circunstâncias da força. Pedira-lhes que lhe emprestassem a quantia de 900 mil réis em fazendas e géneros para a receberem em dinheiro pelos preços estipulados no prazo de três meses e, depois de alguma relutância, os ditos negociantes acabaram por aceitar.

A expedição partira. Como os carregadores não eram seguros, Leal requisitara vários bois, utilizando o mesmo método de pagamento a crédito. Quatro desses animais tinham levado as peças de artilharia e os restantes a tropa, à razão de três soldados escarranchados no dorso de cada alimária. Armaram-se também dois carros, que transportaram o trem de campanha e as fazendas.

E até àquele momento a sua expedição punitiva corria bem e depressa. Chegara a fazer marchas nocturnas, quando o terreno o permitia e a lua lhes iluminava os passos. Fizera tenção de estar em cima dos pretos com a velocidade do relâmpago e a inclemência de um Gengis Khan, para que eles sentissem a prontidão das armas portuguesas, e puxara constantemente por homens e animais. Mas o

resultado fora excelente. Os do Bumbo tinham-se apressado a mostrar sujeição. Perto da Hui la tinha havido resistência e a coluna fora cercada por uma multidão de africanos. Mas Leal pusera a artilharia a falar e fora remédio santo. Como voltara a sê-lo no Humbe e no Jau, com os pretos apavorados com o troar dos canhões.

Ainda assim perdera dez homens, entre os quais o tenente Sousa que, na ânsia de dar o exemplo aos seus soldados, caíra num precipício na serra da Cheia. A subida da Cheia tinha sido um imenso calvário. Lugares havia em que tinha sido preciso subir como os macacos, usando os pés e as mãos, por caminhos de pedra solta talhados quase a pique e bordados de precipícios.

Igual calvário tinha sido aquela aproximação aos Gambos, onde agora se encontravam. Só quem conhecesse os bosques e penedias em volta do morro Tongo-Tongo poderia fazer ideia do trabalho que tinha havido para passar por ali com os carros e os animais. Tinham demorado três dias a transpor uma distância que se andava em meia dúzia de horas. Mas tinham acabado por passar e já ali estavam no ponto nevrálgico daquela campanha.

Leal acabou de apertar o dólman e pensou no tenente Sousa, que fora enterrado com um dólman igual ao seu. Morrera para ali, naquele ermo, no meio do sertão, longe de tudo o que amava. E ele tivera de arrojear um camarada de armas a uma vala anónima e fria naquela terra de ímpios, sem sequer um caixão que lhe amparasse os ossos, ou uma oração de sacerdote que lhe acarinhasse a alma. Sousa partira deste mundo no maior vigor dos seus trabalhos úteis e partira pobre pois nunca tinha curvado a cabeça ao ouro nem ao patronato. Lastimosa história a sua e triste desengano dos que pretendiam servir o seu país como cidadãos honrados. Às vezes Leal perguntava a si próprio se valeria a pena a vida militar naqueles confins esquecidos dos homens e de Deus, e quanto mais pensava em Sousa menos sabia responder.

Deu um longo suspiro, mirou-se no pequeno espelho que tinha numa cómoda improvisada para conferir a sua apresentação e saiu da tenda. Assim que habituou os olhos à luminosidade da manhã viu o calé¹ do soba dos Gambos à frente de uma pequena comitiva. O homem vestia uma farda encarnada agaloada a ouro e cingia à cintura um pano de lã verde-escuro. Com ele vinha um outro preto vestido a rigor, com um tambor a tiracolo, um jovem archeiro e mais uma meia dúzia de negros armados de zagaias que compunham uma espécie de escolta. O jovem archeiro preto armou o arco com uma flecha e cravou-a no chão, para

assim simbolizar a seriedade e importância daquela embaixada. Nesse preciso momento, o calé curvou-se para trás até tocar com a cabeça e as mãos na terra, depois levantou-se, levou as mãos ao peito e seguidamente bateu palmas por três vezes, pedindo para ser escutado. Ao ver tamanha pompa, Leal percebeu pela sua experiência africana que se tratava de uma embaixada apaziguadora, que o honrava com um protocolo levado à risca. Sentou-se pausadamente na cadeira de espaldar que lhe haviam posto à porta da tenda e ordenou:

– Fala!

O calé falou e depois o intérprete – um branco sebento e mal-encarado que Leal nunca tinha visto – traduziu:

– Diz que chegou notícia ao seu soba Caqituca Nambalo Quiquima que o grande governador de Moçâmedes tinha subido a serra e se dirigia aos Gambos com guerra contra eles. Para evitar os estragos que a guerra vai causar, o seu soba está pronto a receber todos os soldados e feirantes que expulsou e a deixar que façam uma fortaleza para segurança dos brancos e suas fazendas.

Leal ouviu em silêncio, com a expressão impenetrável e dura de um conquistador. Depois falou devagar e sem desmanchar a sua rigidez corporal, quase esfíngica:

– Diz ao calé que Sua Majestade Fidelíssima, o rei de Portugal, está muito descontente com o soba. Não gostou que ele se tornasse surdo às suas queixas e cada vez mais rebelde, a ponto de ultimamente pôr em risco a vida e fazendas dos súbditos de Sua Majestade, e obrigando-me a ter de sair da sede do meu governo para vir pessoalmente castigá-lo.

O branco traduziu e o calé foi-o escutando com uma expressão cada vez mais compungida e abatida. No final pôs-se de joelhos e com ambas as mãos erguidas aos céus falou, deu gritos e bateu com a fronte no chão, enquanto o intérprete ia explicando:

– O soba sabe que o rei de Portugal é um rei justo que castiga os maus e favorece os bons. Mas o soba foi mal aconselhado pelos seus macotas. Foram esses macotas que, com insinuações e mentiras, o convenceram a expulsar os portugueses de suas terras. O soba está arrependido e já castigou os macotas.

O calé fez um sinal e o homem que estava a seu lado bateu uma pancada lúgubre no seu tambor e depois, abrindo um grande cesto que tinha atrás de si, dele tirou, exibindo-as, duas cabeças humanas já em decomposição.

Leal não moveu um só músculo nem demonstrou interesse pela

exibição. Após um ligeiro compasso de espera prosseguiu a sua admoestação:

– Diz-lhe que os povos dos Gambos mereciam provar o ferro e o fogo dos Portugueses. Mas, atendendo às determinações do meu rei, que manda tratar os homens pretos com brandura, vou suspender a marcha e a preparação do combate. Mas diz-lhe que o soba tem de cumprir com os tratados e tem de me pagar as perdas e as despesas que eu já fiz com esta guerra. Custa muito fazer com que os canhões subam a serra da Cheia, e perdi dez soldados que eram meus amigos. Espera... diz-lhe mais... Diz-lhe que ele tem de pagar o dízimo para construir a fortaleza e sustentar uma força de tropa nos Gambos que aqui vou deixar para garantir a vida e fazendas dos brancos e também para o defender de qualquer agressão de outros pretos.

O intérprete reproduziu e o calé a tudo disse que sim, pedindo depois licença para se retirar. Leal autorizou-o com um gesto vagamente magnânimo e, quando a embaixada partiu, chamou o alferes Barroso e ordenou-lhe que comesse quanto antes a construção da fortaleza ali nos Gambos.

– Tenho em ideia um forte quadrado de cinquenta metros de face, com quatro baluartes, um quartel para o destacamento, uma casa para o oficial, outra para a guarda e um paiol. Em quanto tempo acha que construímos isso?

Barroso olhou em redor, com uma careta de incerteza.

– Difícil dizer, senhor governador. Depende do sítio que escolhermos. Pode ser preciso abater essas matas de espinheiros que há por aí... – disse, fazendo um gesto vago. – Talvez um mês.

– Quero isso feito em metade do tempo, Barroso – exigiu Leal. – Leve os soldados de que precisar e requisite pretos ao soba. Aperte com ele. Meta-lhe facas a peito!

O alferes perfilou-se.

– Muito bem.

– Mas não quero coisa atamancada, Barroso. Veja-me lá bem isso... Quero as muralhas em estacaria travada, com varas de boa madeira e barreadas e rebocadas por dentro e por fora... E quero também um fosso à volta do forte.

Virou costas ao alferes e regressou à tenda, sentando-se à mesa para escrever a carta que ia expedir para o governador-geral em Luanda. Sentia uma forte irritação por ter de ficar ali encravado mais duas ou três semanas para confirmar que o soba cumpria o acordado e até que se

terminasse a fortaleza. Mas ao mesmo tempo tinha a intensa satisfação pelo cumprimento da missão e orgulhava-se de ter triunfado em toda a linha. E foi isso mesmo que pôs na carta, dando conta dos resultados políticos da expedição e concluindo com uma tirada patriótica:

Assim foram castigados estes bárbaros e ficaram desafrontadas nossas armas do revés que haviam sofrido.

Depois assinou com a fórmula costumeira e voltou a pensar em Benedita. Às vezes pensava que fora por ela que avançara para ali, o que parecia um paradoxo pois nunca quisera afastar-se da sua vista e custava-lhe estar longe dos seus encantos. Mas, vendo bem, Benedita incentivara-o a partir, não apenas de uma forma directa – pois fora ela a pessoa que mais generosamente financiara a expedição – mas também de uma forma indirecta já que por qualquer razão subterrânea ele sentira uma necessidade compulsiva de brilhar aos seus olhos. Como não ver que parte daquela velocíssima campanha tinha sido feita na esperança de vir a colher na expressão dela um agradecimento e um lampejo de admiração?

Leal sentira isso com grande intensidade durante a última conversa que tinham tido, na casa da fazenda, após o jantar. Ela estava esplendorosa e tocara piano divinamente. Enquanto os dedos lhe corriam pelas teclas ele admirara-lhe o porte, o pescoço alvo que sobressaía elegantemente dos ombros, e adivinhara-lhe o relevo das formas por baixo do vestido azul. De repente, após terminar uma valsa de Chopin, Benedita virara-se no banco e confrontara-o com um lamento:

– Se esta guerra no sertão continua, com o comércio paralisado, é a ruína para o estabelecimento de salga de carne e lá vai o negócio com os Ingleses.

Leal ficara um pouco surpreendido.

– Não poderia, em alternativa, comprar gado em Benguela?

– Sim, mas para quando, e a que preço? Isto é um grande transtorno, senhor governador.

Ele sentira-se novamente tentado a acudir-lhe, a remover as dificuldades do seu caminho.

– A tropa está pronta a partir e estou confiante que pacifico rapidamente o interior, minha senhora.

E com um sorriso Benedita virara-se para o teclado, para retomar a música.

– Deus o oiça, senhor governador. Se o conseguisse eu ficar-lhe-ia

eternamente grata. Mais um favor a juntar aos muitos que já lhe devo, como grande amigo que tem sido.

Quando queria, Benedita sabia espicaçar um homem e levá-lo a ultrapassar todos os limites. Nessa noite, durante o jantar, e depois, enquanto conversavam na sala, Leal sentiu nela, nos seus olhares lânguidos e nos seus gestos suaves, todo um mundo de promessas veladas e saiu da fazenda disposto a fazer os impossíveis para lhe aliviar as preocupações.

As saudades de Benedita eram insuportáveis e ainda mais insuportável era aquele impasse em que ele estava relativamente a ela. Voltou a pegar na pena. Já lhe tinha escrito uma carta, do Bumbo, dando notícias da campanha. Iria escrever-lhe outra, dizendo que a pacificação completa estava praticamente conseguida. Aproveitaria o ensejo para falar ao de leve no seu amor desatendido.

Apesar de o clarinete desafinar um pouco nas passagens mais agudas, aquele excerto do concertino não estava nada mal e Benedita sentiu um orgulho quase maternal na sua pequena banda.

Ali estava sob os seus olhos uma das bizarras – ou sandices, como os invejosos diziam – que distinguiam a sua fazenda de todas as outras. Sempre que havia convidados e que o tempo o permitia, jantava-se no alpendre ao som de boa música. E não era só nessas ocasiões que a banda actuava. Quando se inaugurava um edifício, ou quando se celebrava uma boa colheita, aquela dúzia e meia de escravos pretos, muito compostos nos seus uniformes cinzentos, alinhava no terreiro com o maestro à frente e derramava belas melodias pelos campos e tardes de África.

Aquela banda fora uma das suas melhores ideias. Tudo se arranjava em escassos meses. Através de Pinto Basto mandara vir de Lisboa os instrumentos, assim como as partituras de músicas modernas. E, para converter tudo isso em sons mágicos, contratou Manuel Pedro, que era há muitos anos mestre de música do batalhão de linha de Luanda. A troco de um bom ordenado, o mestre lá veio até ao Sul com o seu eterno sorriso, a mulher e a barriga proeminente a sobrar das calças, para ensinar música aos seus escravos. Manuel Pedro vinha naturalmente viciado em marchas militares mas com paciência e muitas horas de atenção Benedita conseguiu variar-lhe o repertório.

Nessa noite a sua banda iria tocar apenas música alemã em honra de Peter, que a olhava, deliciado, do outro lado da mesa, enquanto bebia a

sua taça de champanhe – tinha-se aberto uma garrafa para festejar a sua chegada.

– Que música doce, Benedita. O que é? – perguntou ele, estendendo a mão sobre o tampo da mesa para tocar a dela.

– Gostas? É Weber. E depois hão-de tocar o Coro dos Caçadores. Sem as vozes, claro. Essa parte só quando os meus pretos souberem falar alemão...

E riu, com um riso espontâneo e satisfeito de alguém que sabia que à sua escala estava a escrever ali, em África, uma página de virtuosa e ilustrada filantropia. A banda correspondia ao seu amor pela música, ao seu gosto pelo refinamento mas, também, à convicção de que tinha a obrigação civilizada e cristã de elevar e educar os seus negros. Peter achava que os africanos eram pessoas exactamente como as outras e que deviam ser deixadas aos seus próprios ritmos e rumos, mas ela não concordava com isso. Estava plenamente convencida de que o modo de vida ocidental era superior aos hábitos gentílicos e, assim sendo, procurava impô-lo aos seus escravos, ainda que por vezes – reconhecia-o – fosse preciso forçá-los um bocadinho. Claro que associada à sua benevolência vinha sempre algum calculismo e uma pontinha de interesse material. Pensando maduramente sobre o assunto, chegara à conclusão de que a banda poderia tornar os seus escravos mais felizes e, por conseguinte, mais aptos para o trabalho. Os pretos amavam a música por índole e era ela que mais os animava, tanto nas festas como nas cerimónias fúnebres, que acompanhavam ao som de zabumbas, marimbas e de outros estrambóticos instrumentos. Na convicção de que a música seria o bom veículo para aumentar o bem-estar e a produção da fazenda, Benedita incluiu-a no horário dos seus escravos tocadores, que diariamente interrompiam o trabalho nas suas respectivas oficinas para treinarem sob os ouvidos vigilantes do maestro. E o resultado era surpreendente, tanto na qualidade musical que já se conseguira como no labor, que rendia mais.

Atrás da pequena banda o sol punha-se descendo lentamente sobre a terra e amortecendo as cores. O ocre do chão salpicava-se de grandes sombras, os verdes variados fundiam-se num tom uniforme e baço, o branco dos algodoeiros alongava-se num lençol cinzento sobre a planície. O pomar que ladeava a casa grande afundava-se num manso crepúsculo, mas ainda se distinguiam algumas árvores, tão violentamente em flor que tinham os ramos caídos do peso. E a banda tocava agora Beethoven, como se quisesse fazer um hino à fertilidade.

Benedita desviou o olhar das árvores e suspirou interiormente de mágoa por não ser capaz de florir assim. Deus, que tanto lhe dera, privava-a de um filho, a maior alegria de todas.

A criada preta serviu a sopa de legumes e ela sorriu. Para quê lamentar a sua sorte? Tinha muito com que se congratular. Espraia-se em seu redor uma fazenda que era uma verdadeira beleza. A sua casa estava magnificamente mobilada com móveis comprados em Lisboa ou feitos ali pelos seus próprios escravos, ensinados e dirigidos por dois mestres europeus, a quem pagava bons salários. Fora outra ótima ideia a criação de uma grande marcenaria pois em Angola havia falta constante de móveis e compravam-se a bom preço. E para além da casa podiam admirar-se os armazéns, as abegoarias, os eirados para estender, secar e preparar os frutos, as oficinas, a pequena adega, sempre abastecida com os melhores vinhos, os currais, as hortas, os campos. E acima de tudo tinha Peter ali bem à sua frente e iria tê-lo plenamente, vorazmente, até que os seus insuportáveis afazeres de caçador viessem roubá-lo de novo dos seus braços.

– É bom estar em casa e ter louça em vez daqueles pratos de metal escuros e com sarro que estragam qualquer apetite – disse ele.

– É bom ter-te em casa. Por mim tinha-te cá sempre.

Benedita observou-o ao pôr do sol. Os cabelos pretos levemente encaracolados ganhavam um tom encarniado no poente e ele semicerrava os olhos para os proteger da luz rasante, enquanto comia a sopa. Ela achou-o lindo.

Peter sorriu e apertou-lhe mais fortemente a mão. Falou da última caçada e ela ouviu-o reverentemente, como se fosse uma criança maravilhada a escutar um mágico contador de histórias. Às vezes Benedita pensava que não sabia conversar. As conversas de circunstância arrastavam-se e chegavam a um ponto em que já não sabia o que dizer nem do que falar com as outras pessoas. Todas as conversas – exceptuando algumas que tivera com Bernardino – lhe pareciam desenxabidas e sem graça. Mas com Peter isso nunca acontecia, com ele havia sempre palavras para dizer e assuntos para olhar, pensar e analisar. Havia sempre terreno para desbravar e sensações para sentir. Ele estimulava-a em tudo o que fazia e dizia.

Dos seus gestos e da sua voz emanava uma força que a fascinava por ser tão inesperada, tão absoluta, tão fora da norma. Uma força que às vezes a deixava completamente embriagada e zozna. Peter era o único homem que lhe dava vontade de amar com o corpo em brasa. Com os

outros dois homens que conhecera o amor nunca a motivara nem interessara. Era uma coisa exterior a ela, uma obrigação conjugal. Mas com Peter tudo era um encantamento, uma excitação dos sentidos, um divertimento pagão, generoso e irrestrito. Tudo era fonte de prazer e de dádiva. Adorava que ele a despisse lentamente, porque ele gostava de o fazer e esse gosto fazia-lhe luzir os olhos. Gostava que ele se deliciasse com o seu corpo de todas as maneiras concebíveis. Gostava de o deitar de costas e de o cavalgar sobre os quadris pois sabia que assim ele tinha o duplo prazer de a amar e de a admirar.

A criada trouxe a perna de borrego assada com batata-doce e o caril de galinha, e eles falaram longamente da colónia, das pessoas, dos jogos de poder. Uma conversa tão densa, tão fascinante, cheia de comparações com outras situações que ele vivera ou conhecia, que foi só quando a criada voltou com as conservas inglesas e os doces, e acendeu os archotes, que se deram conta de que a noite se pusera e já mal se distinguia, sobre o espaldar da cadeira de baloiço, o corte de tecido que ele lhe trouxera de Benguela.

Após a sobremesa Peter ergueu-se, beijou a mão a Benedita e convidou-a para dançar. A banda tocava uma última valsa e eles rodopiaram devagar, no alpendre, à luz trémula dos archotes. Ele elogiou-lhe a beleza e disse-lhe, baixinho, coisas ternas.

– És tão bonita... como eu te adoro, meu amor!

Ela sorria, desvanecida. Lembrou-se da primeira vez que o vira, à distância, iluminado pelos archotes, após ter morto os leões, como se fosse um bravo Aquiles ou outro belo herói da Antiguidade. Estava ali nos braços do amor da sua vida, nos braços daquele homem forte e íntegro, capaz de enfrentar ventos e marés, ao mesmo tempo que era doce e quente, seguro e controlado. E, no entanto, aquilo não lhe bastava. Dava graças a Deus por aqueles momentos mágicos mas revoltava-se com a sua escassez. Tinha uma vontade de o ter que era mais do que uma vontade, era uma fome, uma ânsia, uma urgência, uma exigência e uma súplica. Queria casar-se com ele e doía-lhe que esse tema nunca tivesse sido abordado. E, no meio de todo aquele amor, ela sentia uma grande desilusão e tinha-lhe, até, uma pontinha de raiva por isso.

José Leite recordava pouca coisa dos dias que se seguiram à operação. Esse período estava quase todo envolto numa névoa de febre e de delírios, numa agonia de dores intensas e permanentes dobradas à força de láudano e que só agora, já lá iam três semanas, começavam a

esbater-se, levando a febre com elas.

Para lá da dor, lembrava-se vagamente de Isaura, que constantemente lhe aparecia, ensanguentada, povoando os seus pesadelos horrendos; do velho Costa e do major Garcia, que tinham ido vê-lo ao hospital; de um preto que lhe trazia a comida e que de tempos a tempos lhe mudava as ligaduras; e do Dr. Vilela, que se fora despedir, tendo-lhe apresentado o novo médico, cujo nome não fixara.

Era justamente esse novo médico que agora se debruçava sobre a sua cama, inquirindo:

– Então, como se sente hoje?

José Leite observou-o e depois perguntou, em voz sumida:

– Como é o seu nome, doutor?

O outro endireitou-se. Era um homem pequeno e magro. A testa curta, as maçãs do rosto salientes e os olhos encovados e baços davam-lhe um leve ar de símio triste. Mas a postura não condizia. Na forma como se endireitou havia a altivez de alguém que se considerava acima da condição comum. Assumindo uma pose um pouco teatral enquanto cofiava os grandes bigodes alourados e repuxados para os lados, o médico apresentou-se:

– João Cabral Lapa e Faro, cirurgião da Armada Real. Vim substituir o Dr. Vilela, que voltou para o Reino.

– Dr. Lapa... Quero sair daqui – pediu o acamado.

O médico sorriu com sobrançeria condescendente e deu-lhe umas palmadinhas amigáveis no braço.

– Calma, Sr. José Leite, lá iremos, lá iremos. Cada coisa a seu tempo. E agora é tempo de tomar um banho. Tenho umas ideias diferentes das do meu colega Vilela, sabe?

Ajudou-o a erguer-se da cama e amparou-lhe os passos ainda hesitantes e incertos a caminho do quintal, onde mandara colocar o meio barril que iria servir como tina. O banho de água morna retemperou as forças a José Leite e, como o médico queria que ele andasse, nessa tarde deu um primeiro passeio no Hospital de S. Fernando. Estava diferente do que ele tinha conhecido quatro ou cinco anos antes. Tinha sido reparado e melhorado mas, ainda assim, não havia muito para ver. Para além do pequeno edifício onde estava o seu quarto – um dos quatro que ali havia – e uma enfermaria, havia um outro edifício, com a farmácia, a arrecadação de roupas e a enfermaria dos pretos e, no quintal que separava os dois edifícios, a cozinha e a casita onde ele fora operado. Evitou a casita e já não teve forças para

ver a cozinha. O longo tempo de imobilidade debilitara-o e ele cansava-se depressa.

Nos dias seguintes José Leite repetiu os passeios pelo hospital e quando se sentiu mais forte alongou os passos até à vila. Ia receoso. Sem o braço esquerdo desequilibrava-se um pouco a andar mas não era isso que mais o assustava. Como tantas vezes acontecia com os homens que brutalizavam os outros, sentia-se insuportavelmente vulnerável, terrivelmente ameaçado, agora que o azar o tinha diminuído fisicamente. Todos lhe pareciam inimigos potenciais, carregados de rancores e desejos de vingança, prontos a tirar partido da sua debilidade.

Foi com crescente alívio que viu que as pessoas conhecidas se cruzavam consigo e o cumprimentavam com afeição e genuíno interesse, querendo saber como ia, se tinha dores ou como ficara a fazenda lá no Bumbo. Captava alguns olhares curiosos, alguma pena e comiseração pelo seu estado, mas, fora isso, tratavam-no como nos velhos tempos. E, no entanto, aqueles já não eram os velhos tempos – longe disso – e ao senti-lo vinha-lhe uma apreensão dorida. Que iria ser, agora, a sua vida?

Enquanto percorria a Rua dos Pescadores José Leite ia pensando no seu futuro. Sabia que o governador tinha acabado de regressar e que pacificara o interior. Poderia, portanto, voltar à sua fazenda e ao seu engenho. Mas não lhe custava absolutamente nada imaginar o grau de destruição que iria encontrar. Aonde iria buscar o capital e a vontade para começar tudo aquilo de novo? Chegado àquela viragem da vida, a sua única fortuna era um terreno no interior que ninguém queria e uma conta calada de hospital a 600 réis diários que não poderia pagar. O pouco dinheiro que possuía era o que levava consigo na altura do ataque, mais algum que há poucos dias o velho Costa fizera questão de lhe emprestar. As roupas que vestia, e que lhe estavam quase boas, eram do Dr. Vilela, que gentilmente lhas cedera. A situação era tão negra que, se fosse noutros tempos, assentaria praça para ao menos ter o que comer e um sítio onde dormir. Agora, até isso lhe estava vedado pois nenhum exército no mundo iria aceitar um aleijado nas suas fileiras.

O desânimo apoderou-se dele. Sentiu a garganta seca e entrou na velha taberna que existia a meio da rua. Havia um barulho de conversas e o crepitar de qualquer coisa a fritar. Depois de habituar os olhos ao ambiente escuro, acercou-se do balcão onde o patrão Juvenal, um velho conhecido, enchia um prato de peixe frito.

– Bons olhos o vejam, Sr. José Leite. Há quanto tempo... É servido?

– Obrigado. Bom proveito – recusou, com uma expressão seca. – Quero uma cerveja...

O homem pôs o prato de lado e dobrou-se para tirar de baixo do balcão uma garrafa, que abriu e depois vazou, deitando o líquido dourado e espumoso num copo alto.

– Pois, há quanto tempo não o via, Sr. Leite... Quem eu vou vendo é, enfim..., a sua senhora.

– Quem? – estranhou José Leite.

O homem hesitou sem saber se devia avançar. Depois decidiu-se:

– A D. Benedita, que era ao princípio a sua senhora... Vem muito aqui à vila desde que tem aquela grande fazenda e vários comércios por aí – disse, abarcando as invisíveis redondezas num gesto arredondado.

José Leite ficou hirto como se lhe tivessem falado no demónio. Aquela conversa surpreendia-o e desagradava-lhe. O nome de Benedita trazia-lhe estranhas evocações e escuros pressentimentos. Balbuciou três ou quatro coisas, pagou a cerveja, pegou no copo e afastou-se do balcão. A um canto da barraca um homem magro jogava às damas com um sargento gordo e corado, picado das bexigas. Não conhecia nenhum dos dois – deviam ser novos por ali –, mas decidiu ficar um pouco a espreitar o jogo e a ouvir a conversa. Já tinha saudades de ouvir uma boa conversa sobre um assunto que não lhe dissesse respeito, só para aliviar a cabeça. Poisou o copo na mesa ao lado e sentou-se no banco tosco, no preciso momento em que o homem magro exclamou, triunfante:

– Dama!

O sargento atirou os braços ao alto e para trás, num gesto de irritação desesperada, e reclamou:

– Sorte madrasta! Só me apetece atirar com o tabuleiro de pantanas. Tu és pior que a Benedita, sempre a mamar... sempre a encher-se... comes tudo à tua volta.

José Leite bebeu rapidamente a cerveja, disse adeus ao taberneiro e saiu para a rua. Ia absorto. Lá no Bumbo, longe de tudo e de todos, não se tinha apercebido de que Benedita, entretanto regressada, se havia tornado tão abastada e importante. Quem havia de o dizer? Aquela mosca-morta...

A imagem da antiga mulher, agora famosa e enriquecida, não parava de lhe ferver na cabeça. E, então, enquanto caminhava devagar de regresso ao Hospital de S. Fernando, uma ideia começou a ganhar forma no seu cérebro ainda entorpecido pela tragédia e pelo ópio. Para todos

os efeitos Benedita era a sua legítima mulher. Repudiara-a, tentara matá-la e nunca mais pensara nela como mulher, mas esses factos não invalidavam a realidade. Aos olhos da lei Benedita era sua, e as suas propriedades também. Quem o impedia de aparecer lá onde ela vivia e reivindicar o que era seu de direito?

Nessa noite custou-lhe a adormecer, a magicar nas voltas da vida e na melhor forma de deitar mão a tudo ou pelo menos a boa parte do que Benedita possuía. Os dias seguintes reforçaram-lhe a intenção e o plano, e trouxeram mais informações acerca da antiga mulher. Até o novo médico falava nela com admiração, enquanto observava o doente do quarto ao lado.

– Benedita Sepúlveda... O nome diz-lhe alguma coisa?

– Sim, claro – respondeu o homem. – Deve ser a pessoa mais importante de Moçâmedes. E bem bonita, por sinal.

– Bonita e inteligente, com ideias iluminadas.

– Sim, sim, sem dúvida – considerou o doente. – E tem aquela fazenda muito bem montada. Um primor!

O médico confirmou:

– Tem lá uma botica com farmacêutico e tudo, que mete esta aqui do hospital num chinelo! A língua, por favor... diga aahhnnn! Isso...

O homem fez o que lhe pediam e o médico continuou:

– Eu dou lá consultas uma vez por semana.

Sentado na cama, José Leite não perdia uma vírgula daquela conversa. Ao escutá-la a sua vida animava-se de novo. Nessa tarde tomou uma decisão e planeou tudo com extremo cuidado. Era tempo de confrontar Benedita com as suas exigências. No dia seguinte vestiu a casaca que o Dr. Vilela lhe dera e saiu logo a seguir ao almoço. Trepou a custo para cima do boi-cavalo que pedira emprestado ao velho Costa, carregou a espingarda – era improvável que encontrasse alguma fera no caminho mas nunca se sabia –, enfiou-a no estojo, junto ao selim, e pôs-se em marcha para a Fazenda Triunfo.

Era, de facto, uma propriedade muito bem tratada. Em vez da rega manual, morosa e pouco produtiva, havia muitas cegonhas mecânicas que extraíam a água dos poços e a conduziam por meio de extensas caleiras e regadeiras às terras de cultivo. Atravessou uma espécie de alameda. Sobre a sua esquerda estendiam-se planuras alvas de algodão e verdes de mandioca a perder de vista. Enquanto ia passando, José Leite viu do lado oposto oficinas de ferreiros e carpinteiros, alinhadas na melhor ordem, e, depois delas, grandes capoeiras com aves. Conduziu o

boi nessa direcção, atravessou um pomar com as árvores do país e depois um enorme jardim com vistosas ruas orladas de bananeiras, palmeiras e até parreiras. Uma dessas ruas prolongava-se até à habitação principal, um deslumbrante edifício com várias janelas distribuídas por dois andares, que se deixava ver, ao fundo, entre a folhagem. Uma outra rua conduzia a um grande terreiro que ficava contíguo à casa, e foi para aí que ele dirigiu a montada.

Ao chegar viu outros bois que ruminavam sob um pequeno telheiro, junto ao bebedouro. Havia também um cavalo – o único cavalo de Moçâmedes, ao que supunha e calculou que o governador ali estivesse. Pensou desistir e voltar para trás, mas depois disse a si próprio que era demasiado tarde para isso. No fundo, até talvez fosse melhor assim. Estava no seu direito de marido legítimo e quem melhor do que o governador para o confirmar?

Desmontou e amarrou o boi a um varal, junto aos outros, sob o telheiro. Olhou em redor. À sua direita, a uns cinquenta passos, surgiam as traseiras da casa, da qual vinha um tinir sumido de vidros e talheres. Benedita devia estar a almoçar, pensou. Do lado esquerdo havia uma grande construção em madeira – talvez um celeiro – onde alguns negros trabalhavam. Para lá dela divisavam-se mais construções e habitações e, em frente, ao fundo do terreiro, uma casinha térrea, isolada, espetada no chão como um marco limítrofe da fazenda, separando-a das terras selvagens e desertas do interior.

Um negro saiu do celeiro e atravessou o terreiro em sua direcção. Quando chegou suficientemente perto José Leite disse-lhe, com rudeza:

– Vai dizer à senhora que o marido está aqui para a ver. Ela que venha porque senão vou eu lá onde ela está com o governador e depois é o diabo...

O preto não respondeu. Virou costas e foi até à casa grande, regressando alguns minutos depois acompanhado por Benedita. Ela vinha na frente e, ao vê-la avançar em passo decidido, com uma camisa branca que lhe moldava o peito, José Leite pensou que via outra mulher, desejável, segura de si, audaz, muito diferente da Benedita que ele conhecera e com quem se casara.

Quando ela se acercou dele, virou-se ligeiramente para trás e disse, por cima do ombro:

– Deixa-nos, Coitadinho Amigo.

O negro hesitou, contrariado.

– Senhora, o Sr. Peter...

– Eu sei... Mas faz o que te digo – ordenou Benedita.

Quando o preto se afastou, com evidente relutância, em direcção ao celeiro, ela contornou o curral, seguida por José Leite, e parou num lugar que já não era visível a partir da casa grande. Então, quando teve a certeza de que estavam ao abrigo de olhares indiscretos, virou-se para ele com o corpo retesado e os punhos cerrados e fulminou-o com um olhar glacial e uma voz carregada de rancor:

– Como tens cara para me aparecer à frente depois de tudo o que fizeste? Que queres tu daqui?

– Quero o que é meu... Estás esquecida que és minha mulher?

Benedita deu um passo atrás como se tivesse sido confrontada com um empestado ou um intocável.

– Estás louco? Nem sonhes uma coisa dessas... Não sou tua mulher. Já fui, mas estou livre disso graças a Deus.

José Leite fez um sorriso trocista.

– Estúpida! Podes vestir-te de outra maneira mas és sempre a mesma estúpida... Pela lei és minha mulher, sim. E eu quero parte desta fazenda, ou ser devidamente compensado para me ir embora.

Benedita olhou-o incrédula e revoltada. Pela sua cabeça passaram ideias loucas e absurdas e num segundo viu os anos de violência e de abusos a que aquele homem a sujeitara. E, agora, como se não bastasse tudo o que havia feito, ainda tinha a suprema crueldade de a vir amarrar a um casamento passado e morto. Sentiu raiva e repulsa por aquela criatura que ali estava, agora um mero destroço humano mas com a mesma perversão de sempre, e perguntou a si própria como fora possível ter tolerado aquela pele junto à sua.

– Afasta-te do meu caminho, sai da minha casa – disse, devagar. – Sai a bem, senão mando-te escorraçar como o cão que...

Não terminou a frase porque José Leite a calou com uma violenta estalada na cara. Ela abriu os olhos de espanto, mas, passado esse primeiro momento de indignação e surpresa, atirou-se a ele rosnando ameaças, pontapeando-o e batendo-lhe raivosamente com os punhos no peito. Um murro desferido no queixo inundou-lhe a boca de sangue e projectou-a contra o muro do curral. Foi então que, por entre os braços que pusera em volta da cabeça para se proteger de novas pancadas, viu aparecer o vulto de Kpengla, saída não sabia de onde, por trás de José Leite. A preta deu um salto prodigioso e caiu como uma fera sobre ele, derrubando-o e golpeando-lhe a cara com as mãos e os cotovelos.

Após uma hesitação momentânea, Benedita correu em direcção à

casa para pedir ajuda. Contornou o curral e ao cruzar o telheiro, passando ao lado do boi de José Leite, viu a coronha da espingarda a sobressair junto ao selim. Num impulso, arrancou-a do estojo, armou o cão e correu de novo em direcção ao curral. Assim que o contornou deu com José Leite que, tendo-se libertado de Kpengla, corria num passo desequilibrado em sua direcção. E nesse instante, louca de raiva, sem pensar duas vezes, pôs a espingarda à cara e desfechou-lha no peito. Com o impacto da bala o homem foi atirado para trás, caindo de costas no chão.

Ela ficou imóvel, com a boca aberta a deixar sair a respiração ofegante e a ouvir o bater desenfreado do seu coração, que se sobrepunha ao mugir assustado dos bois. E assim ficou até Kpengla chegar ao pé de si e lhe tirar suavemente a espingarda da mão.

Ouviam-se já vozes e passos de gente que corria no terreiro. O primeiro a aparecer foi Coitadinho Amigo que, sem perceber imediatamente o que se passava, se interpôs entre a sua senhora e Kpengla. Logo depois surgiram outros pretos que formaram um semicírculo pasmado e silencioso em redor do homem caído. O governador, empunhando uma pistola, abriu caminho entre eles. Lia-se no seu olhar um misto de perplexidade e de inquietação e a primeira coisa que fez foi inteirar-se do estado de saúde de Benedita:

– Está bem?

Ela confirmou com a cabeça.

O Dr. Lapa e Faro, que entretanto chegara, ajoelhou-se ao lado de José Leite. O homem ainda vivia e o médico rasgou-lhe a camisa para observar a ferida, mas logo abanou a cabeça, desanimado. A boca do ferido mexia-se como se estivesse a dizer algo, mas as palavras eram inaudíveis. Lapa e Faro pôs a orelha junto aos seus lábios mas José Leite apagou-se nesse instante. O médico fechou-lhe piedosamente os olhos vítreos e muito abertos, e levantou-se devagar.

– Está morto – disse.

Houve um murmúrio consternado e a maior parte das pessoas benzeu-se. Kpengla tinha-se encostado à parede do curral e permanecia imóvel, com as pernas afastadas e empunhando a espingarda firmemente com as duas mãos.

– Não tentes fugir e entrega a arma – ordenou-lhe o governador, apontando-lhe a pistola.

Kpengla olhou-o com desdém e atirou a espingarda para o chão.

– Porque é que o mataste? – perguntou-lhe o médico.

A preta não respondeu. Foi nesse momento que, saindo do torpor em que se encontrava, Benedita se apercebeu de que a amazona ia ser incriminada por aquela morte. Quis falar para contar toda a verdade, para se acusar, mas o olhar da preta, fixo no seu, ordenou-lhe que não o fizesse. E, ao perceber o alcance daquele gesto, os olhos de Benedita inundaram-se de lágrimas, a confissão morreu-lhe na garganta e ela deixou-se ficar em silêncio enquanto a sua salvadora era amarrada e conduzida ao terreiro.

– Que lhe vão fazer? – quis saber Benedita.

– Vai presa para a fortaleza – respondeu o governador. – Que se passou aqui?

– Não sei – mentiu ela.

As lágrimas já lhe caíam pela cara abaixo e, pondo as duas mãos nos ouvidos como se se recusasse a escutar o que se passava à sua volta, correu em direcção à casa grande. Não lhe saía da lembrança o momento em que, muitos anos antes, no Recife, ficara paralisada debaixo da sua cama, sem coragem para ajudar a mãe, atacada pela turba que lhe invadira a casa.

Primeiro sobressaltou-se e pôs a mão na boca para não gritar e não chorar. Mas logo os seus olhos se abriram numa emoção transbordante e as lágrimas saltaram, rebeldes. Eva chorava de alegria e de aflição, e não conseguia parar de tremer.

– Ai, meu amor, que te julguei morto... Ai que grande desgraça a nossa!

Pascoal apertou-a fortemente nos braços e beijou-lhe o cabelo, as mãos, as lágrimas. O sol tinha-se posto, a praia estava deserta e ia desaparecendo sob uma penumbra espessa que apagava as cores e deixava apenas ver o contorno escuro dos barcos puxados para a areia. Atrás deles acendiam-se luzes nas casas, ouviam-se, ao longe, vozes agudas de mulheres que chamavam os filhos para cear e Moçâmedes ia mergulhando a pouco e pouco no sossego da noite.

Eva desprendeceu-se suavemente do apertado abraço de Pascoal e tentou conter-lhe o entusiasmo:

– Espera... tenho de te contar. Há coisas que tu não sabes...

– Chiu – fez ele, pondo um dedo indicador em frente do nariz. – Eu sei tudo.

Ela redobrou de choros e olhou-o, desolada.

– Eu já trago aqui o filho dele – confessou, pondo a mão na barriga.

Pascoal imobilizou-se como se uma pedra tivesse tombado

bruscamente no seu coração. Por momentos pareceu sucumbido, mas tinha-se preparado para aquilo e logo se recompôs.

– É o teu filho. Eu aceito o teu filho.

Ela apertou-lhe muito as mãos e suplicou-lhe:

– Desculpa-me, desculpa-me.

– Não tiveste culpa – insistiu ele, continuando a beijá-la. – O professor Bernardino contou-me o que se passou. A culpa foi minha, que demorei muito mais do que pensava.

Abraçou-a de novo. Depois olhou-a muito fixamente nos grandes olhos claros que sobressaíam na escuridão e perguntou-lhe:

– Ainda gostas de mim, Eva?

Ela assentiu energicamente com a cabeça, garantindo, entre risos e soluços:

– Ai, tanto, tanto!

– Então foge comigo.

Eva parou de rir e de soluçar e uma onda de tristeza varreu-lhe a expressão.

– Não podemos. Eu casei, Pascoal.

Ao longe, do lado das casas, uma voz de homem chamou o seu nome e ela sobressaltou-se.

– Tenho de ir...

– Volta amanhã. Promete-me...

Ela afastou-se em passo rápido, sem olhar para trás, e Pascoal ficou na escuridão sentindo-se bruscamente incompleto e só. Não suportava aquela distância, agora que a tinha tão perto. Suportava ainda menos a ideia de que o outro dormisse com ela, que a estreitasse nos braços e que se aquecesse no seu calor. Assim que a manhã nasceu e que os pescadores abalaram para a faina quotidiana, acercou-se da casa dela e abordou-a mal a viu sair a porta.

Eva alarmou-se e disse baixinho:

– Ai, não venhas aqui, Pascoal, pela tua rica saúde. Podem ver-nos... Logo volto à praia.

E voltou nessa noite e na outra. E ele voltou a beijá-la, a abraçá-la e a implorar que partisse consigo. Ela recusava, com grande sofrimento:

– Sou casada, Pascoal.

– Foste obrigada, Eva – insurgiu-se ele. – Foge comigo. Eu juntei dinheiro na pesca da baleia. Vamos para Luanda e de lá partimos para Moçambique ou para outro sítio qualquer. Ninguém mais nos vê.

Ela hesitava, dilacerada pelo conflito interior. Os olhos dilatavam-se,

muito aflitos, como se buscassem auxílio. Bateu com o punho cerrado contra o coração e abriu muito a boca como se tivesse falta de ar e a voz tivesse ficado aperreada no peito. E de repente disse, num impulso:

– Sim, vou. Seja o que Deus quiser.

Beijou-o com paixão, procurando a língua dele com a sua e colando o seu corpo ao dele. Pascoal deitou-a suavemente na areia mole e ainda quente do sol da tarde e cobriu-a com o seu corpo. Sentiu que ela afastava as pernas para o receber e, pondo-se um pouco de lado, subiu-lhe a saia com a mão direita e afagou-lhe o interior das coxas. Quando sentiu que Eva estava preparada, penetrou-a com uma urgência e uma voracidade quase violentas e deixou que ela o levasse no seu suave calor e o possuísse dessa forma. Distinguia mal as suas feições mas sentia o respirar acelerado da boca dela a roçar-lhe a orelha. Eva pousara ambas as mãos nas nádegas dele e puxava-o bem para dentro de si. Reteve-o lá quando o clímax chegou. Depois, soltou-o suavemente mas ele deixou-se ficar abraçado a ela, ofegante, repetindo-lhe ao ouvido uma fórmula encantatória de amor e gratidão:

– Minha querida, minha querida, minha querida...

Eva fez-lhe festas no cabelo, como se consolasse uma criança travessa, e depois disse-lhe, baixinho:

– Tenho de ir, Pascoal, senão ele dá pela minha falta.

– Fica mais um pouco.

– Não posso... ele anda desconfiado.

Pascoal resignou-se e ajudou-a a levantar-se. Depois perguntou-lhe:

– A que horas partem para a faina?

– Às sete, já com luz do dia.

– Espero-te aqui antes de o sol raiar.

Eva apertou-lhe as mãos, confirmando; depois, deu-lhe um beijo rápido e afastou-se, lesta, em direcção a casa. Pelo caminho foi sacudindo a areia das roupas e do cabelo. Pouco depois entrava a porta de casa.

– Onde andavas? – perguntou-lhe o marido. – Fartei-me de procurar por ti.

– Demorei-me a ver o mar...

– Outra vez? Que tem o mar?

Ela não respondeu e ele olhou-a um pouco de lado mas nada disse. Nessa noite, quando o marido saiu para a taberna, Eva preparou rapidamente uma trouxa: algumas roupas, pão, toucinho, fruta e um cantil de água. Enquanto o fazia lembrou-se da sua tentativa de fuga,

um ano antes, em Porto Alexandre e pediu a Deus que lhe desse melhor sorte, desta vez.

Deitou-se na cama e fingiu dormir. O marido chegou pouco depois. Não vinha bêbado, como às vezes sucedia, e não a importunou, adormecendo rapidamente. Eva ficou na escuridão, ouvindo o seu ressonar e a marcha do relógio de pé que tinham na sala. Tinha medo de se deixar dormir e de faltar ao encontro com Pascoal. Alturas houve em que o calor da cama quase a arrastou para o sono e em que foi um verdadeiro suplício manter-se desperta. Para se aguentar à tona passou a sua vida em revista, lembrou-se do pai, da sua infância em Olhão, da Regedora, da gente de Porto Alexandre. Pouco depois das badaladas das seis, ergueu-se sem fazer ruído, tirou a trouxa de baixo da cama e saiu de casa, pé ante pé.

Caminhou apressada até à praia, onde, com o dia a nascer, já se percebia o vulto isolado e imóvel de Pascoal, que a aguardava. Trazia um saco com os seus haveres e um outro com mantimentos. Beijaram-se sofregamente e depois estugaram o passo, quase correndo em direcção aos barcos. Pascoal escolheu um barquito pequeno e com a ajuda de Eva empurrou-o para a água. Desceu o patilhão, içou a pequena vela latina e sentou-se à ré para manobrar o leme. Sabia uns rudimentos de navegação que aprendera durante os tempos em que andara na lancha a comprar peixe seco e que seriam – assim o esperava – suficientes para levar o barco ao longo da costa até Benguela ou Luanda.

O dia nascia esplendoroso mas, para desespero dos fugitivos, o vento caiu e o bote quase parou. A corrente começou a empurrá-lo de volta para a baía e Pascoal teve de remar para se fazer de novo ao largo. Ao cabo de um quarto de hora de esforços intensos o vento regressou, a vela enfunou-se e ele arrumou os remos, voltando ao leme. Fez rota à ponta do Giraúl, na extremidade norte da baía, e deixou-se ir na viração. A proa do bote saltitava alegremente na ondulação curta e ele, suspirando de alívio e de cansaço, olhou para trás. A praia de Moçâmedes ainda estava adormecida, com os barcos parados à espera da faina.

Eva não olhou para trás. Nada a prendia ali. Deixou-se ir, contemplativa, com um sorriso nos lábios e de olhos fixos no longínquo horizonte. De tempos a tempos, inclinava o corpo levemente para a esquerda e mergulhava a mão muito branca na frescura da água, ficando a observar, fascinada, o sulco de espuma que ela ia abrindo naquele azul profundo. Parecia-lhe que aquele mar tinha condicionado toda a sua

vida; talvez agora tivesse chegado o tempo de traçar o seu próprio rumo.

Navegaram todo o dia, tendo a terra árida não muito longe, à direita. Falavam pouco, como se ambos tivessem a consciência de que as suas vidas estavam em suspenso e fosse sensato reter a respiração e poupar as palavras para não perturbar o frágil equilíbrio dos acontecimentos. Ao fim da tarde Eva sentiu frio e veio encostar-se a Pascoal, aninhando-se no fundo do barco e deitando a cabeça nas pernas dele. E foi ao mudar de posição para que ela se ajeitasse melhor que Pascoal viu uma vela à distância. Parecia vir na rota deles, como se os seguisse, e isso preocupou-o. Teria alguém dado pela falta do bote, em Moçâmedes?

De tempos a tempos olhava para trás. O barco aproximava-se a olhos vistos e vinha, sem sombra de dúvidas, no seu encalço.

– Eva, somos seguidos – avisou.

Ela ergueu-se de repente e, ao ver o casco e a vela do barco que se distinguiam já com nitidez, lançou um grito de horror:

– Pascoal... É o meu marido.

– Tens a certeza? – perguntou ele, alarmado.

– Sim, sim, é ele.

Pascoal percebeu que não teria hipótese de escapar no mar face a um marinheiro experiente e fez rota para terra. Via-se uma pequena praia apertada entre as falésias e talvez conseguissem lá chegar com suficiente avanço para escapar ao perseguidor. Esconder-se-iam no mato o melhor que pudessem, esperando que a noite se condoesse da sua triste sorte e os abrigasse no seu manto escuro.

Mas, quando o bote tocou a areia, o outro barco estava quase em cima deles. Eva e Pascoal apenas tiveram tempo de pegar nos sacos e de correr pela praia fora em direcção às árvores que bordejavam a falésia. Atrás, o homem gritava insultos e ameaças:

– Ai que te mato, puta. Ai que te mato!

Estavam quase a atingir a massa protectora das árvores quando, por precipitação ou por falta de forças, Eva torceu um pé caindo desamparada no chão.

Vendo-a caída e prestes a ser alcançada, Pascoal voltou atrás e interpôs-se entre ela e o marido. Os dois olharam-se, por fim, ofegantes. O homem tinha a face distorcida pelo ódio e o olhar fixo e vazio dos animais. Trazia um remo, que brandia como se fosse um varapau, e uma faca na outra mão. Pascoal sacou da navalha e enfrentou-o, ao mesmo tempo que gritava:

– Foge, Eva, foge.

Ainda não tivera tempo para organizar convenientemente a botica, mas teria de o fazer com urgência porque não se entendia naquele amontoado de frascos e caixas que o colega Vilela lhe deixara como generosa herança.

Desviou-se para a esquerda e tropeçou num caixote com frascos azulados.

– Que barafunda! – queixou-se, desesperado, virando-se de braços abertos para o enfermeiro.

– Não percebe, doutor – disse o preto, encolhendo timidamente os ombros.

– É uma confusão, Tibúrcio... Isto é uma confusão... – explicou Lapa e Faro.

O enfermeiro sorriu e escabeceou, em sinal de ter entendido. Mas era evidente que não tinha entendido nada. Tibúrcio não sabia ler e nem sequer fora moralizado pela religião. Não poderia ser ele a pôr ordem naquele caos de grandes vidros sujos, com dísticos ainda mais sujos colocados em estantes semicirculares. Não se distinguia naquele amontoado qualquer indício de ordem ou classificação de medicamentos: aqui havia ácido carbónico e magnésia, arrumados junto ao ópio; ali, ácido sulfúrico com as ligaduras e a raiz de ipecacuanha. Aquela botica requeria a intervenção de alguém minimamente versado em farmacopeias, que teria obviamente de ser o próprio Lapa e Faro, se acaso ele dispusesse de tempo para isso.

E tempo era coisa que nessa altura o médico não tinha. Aliás, sabia por experiência que naquela época do ano nunca havia mãos a medir. Já estava há quinze dias a braços com uma verdadeira epidemia de conjuntivites e de catarros pulmonares, que felizmente cediam a remédios simples. Ainda assim tinha a enfermaria dos pretos sempre cheia porque os nativos constipavam-se mais do que os brancos. Ninguém sabia porquê. Talvez fosse pela circunstância de andarem quase nus e de terem o hábito de se aquecerem demasiadamente ao fogo. Talvez...

Fosse pelo que fosse, agora não era tempo de ordenar aquele caos de alto a baixo e teria de se contentar com uma pequena arrumação. Por isso, apontou a grande imagem de santo feita de madeira que havia no centro da botica, em lugar incómodo, que tinham de contornar afanosamente sempre que queriam chegar às prateleiras, e ordenou:

– Olha, podemos começar por tirar isto daqui para fora. Está a atravancar o caminho.

– Não pode, doutor – advertiu o enfermeiro, abrindo muito os olhos assustados.

– E porque não?

O preto tentou explicar de muitas maneiras mais ou menos confusas e complicadas até que finalmente Lapa e Faro percebeu que o seu enfermeiro e boa parte da população de Moçâmedes supunham que era a estátua do santo que concedia a todos os medicamentos as suas propriedades curativas.

Não insistiu. Não era o momento de se irritar nem de lhe explicar alguns princípios elementares de química. Não havia tempo para isso pois tinha a tarde toda ocupada com visitas e ainda lhe faltava escrever o relatório que queria fazer seguir naquele mesmo dia sem falta para Luanda. Lapa e Faro era um homem meticoloso e cioso do cumprimento do dever. Nunca se deixaria amolecer como aqueles que iam para Angola e se africanizavam ao calor dos trópicos.

Correu ao seu pequeno gabinete e sentou-se à velha escrivaninha para redigir o relatório. O físico-mor da província tinha-lhe remetido o vírus vacínico recolhido entre lâminas de vidro, e ele inoculava-o em crianças brancas e pretas, mas sem resultado. Explicou o desaire em poucas linhas e avançou, como de costume, a sua teoria:

Suponho que a causa do fracasso seja a alteração da vacina, pois sendo ela conservada em lâminas de vidro, onde não fica hermeticamente fechada, não é de fiar depois de ter passado por uma longa viagem e por temperaturas altas.

Selou o relatório, que iria seguir de imediato no navio que largava para Luanda com o correio, e saiu para o quintal. Pôs na cabeça o elegante e levíssimo chapéu que comprara no Rio de Janeiro – muito melhor do que os que vinham de Lisboa, cujo verniz da tira se desfazia com o calor e se pegava à testa – e montou o boi-cavalo que o escravo lhe trouxera, guiando-o a passo para norte. Não gostava nada daquele meio de transporte. Achava-o incómodo e pouco adequado à sua condição. Nas horas vagas entretivera-se a projectar um carro com a forma bizarra de um andor. Planeava tudo ao pormenor: seria puxado por um boi e conduzido por um moleque vestido de vermelho. Mandara construir o carro nas oficinas de Moçâmedes. Ainda nessa manhã passara por lá a ver o andamento dos trabalhos e estava quase pronto. De futuro, seria nesse veículo que faria o seu giro de visitas clínicas e daria nas vistas pela certa.

Passou primeiro pela fazenda do presidente da Câmara, José

Joaquim Costa – o velho Costa, como ali lhe chamavam para ver a sua mulher, Francisca Alexandrina.

Costa viu-o chegar da vila e foi esperá-lo ao portão da fazenda. Como sempre acontecia, quis mostrar-lhe deferência e, ao mesmo tempo, quis exhibir os últimos melhoramentos da sua propriedade. Por isso, levou Lapa e Faro até uma courela onde fazia experiências com a plantação de vinha.

– Daqui vai sair bom palhete – assegurou o proprietário. – É o que me promete o capataz porque eu disse pouco percebo. Falo muito de vinho, senhor doutor, mas saiba V. Ex.^a que não o bebo.

Andaram entre as vinhas observando as uvas, enquanto Costa discorria sobre as qualidades do vinho, os principais consumidores, os preços, as vantagens de o cultivar ali em África. Lapa e Faro seguia o anfitrião e ia fazendo comentários elogiosos e rogando aos Céus que a visita guiada terminasse depressa. Mas ela eternizava-se e já durava há mais de vinte minutos.

De repente, como se tivesse acordado de um sono pesado, o médico bateu uma palmada na testa e exclamou:

– Ai que se faz tarde. É melhor ir ver a nossa doente.

– Sim, sim... Claro – disse o Costa, como que sobressaltado.

Correram a casa. Francisca Alexandrina tivera o azar de ser a excepção que confirma a regra e adoecera com um catarro pulmonar complicado. Quando o médico a viu pela primeira vez sofria ela de forte ortopneia, que a obrigava a estar sentada para conseguir respirar, tinha tosse e um som maciço em todo o pulmão esquerdo. Lapa e Faro tirara-lhe 16 onças de sangue e prescrevera uma infusão de sementes de linho com 2 onças de sulfato de magnésia, como costumava fazer nessas circunstâncias. Melhorara de imediato e ele passara-a a um regime de limonada de tamarindos. O que fora demasiado optimista. No dia seguinte, o velho Costa chamara-o de urgência porque a sua rica mulher se apagava. E, de facto, tinha a língua muito saburrosa, pulso frequente, alguns vômitos, respiração difícil, pele árida. Lapa e Faro alarmara-se.

– É preciso esfregar-lhe o espinhaço e o corpo todo com panos ásperos e quentes e óleos aromáticos.

Assim se fizera e, ao fim de um tempo de preces e de angústias, Francisca arrebitara. Depois, salvara-se à base do sulfato de quinino associado ao extracto gomoso de ópio e devido à imediata aplicação de clisteres, para evacuar a matéria mórbida. Terapêutica violenta, que resultara bem. Francisca agora convalescia. Em breve poderia levantar-

se e regressar à sua vida normal.

Lapa e Faro despediu-se da paciente desejando-lhe boas melhoras e saiu do quarto. Costa acompanhou-o como uma sombra.

– Aceite, senhor doutor, o meu eterno reconhecimento – disse, fazendo uma pronunciada mesura.

– Oh, Sr. Costa, não é caso disso.

Mas o outro insistiu:

– É, é! Sem o seu socorro a minha mulher teria morrido. É a V. Ex.^a que ela deve o ser levantada da cova duas vezes.

– Não fiz mais do que a minha obrigação.

O velho Costa fez nova mesura.

– Dava-me V. Ex.^a muito gosto se jantasse comigo nesta humilde casa.

– Agradeço mas não posso ficar. Ainda tenho de passar na Fazenda Triunfo.

E com um cumprimento polido Lapa e Faro montou o boi-cavalo e foi seguindo o seu caminho. Enquanto balançava o corpo no embalo do passo ronceiro do animal, perguntava a si próprio por que razão com tanta falta de tempo se dispunha, ainda assim, a percorrer uma boa distância para ir à Fazenda Triunfo. Não era certamente pelo dinheiro. Costumava cobrar 15 duros espanhóis por cada visita ao domicílio, mas no caso da fazenda de Benedita fora estranhamente generoso, levando apenas metade dos honorários habituais. A quantia era ridícula, quase simbólica, e não justificava o trabalho, muito menos a deslocação. E no entanto ele nunca faltava às consultas na fazenda dela. A verdadeira razão que o levava até lá – para quê negá-lo? – era a própria Benedita. Ainda que disfarçasse as coisas sob a capa da medicina, percorria aquela distância para poder vê-la, mesmo que por pouco tempo, para poder cortejá-la durante uns minutos e para se tornar presença regular e consentida junto a ela.

Não sabia muito de Benedita, mas aquela mulher exercia um poderoso fascínio sobre ele desde a primeira vez que a vira. Era surpreendente encontrar uma pessoa como ela naquele sítio improvável. Sabia que enviuvara nas circunstâncias trágicas que ele pudera, aliás, presenciar. Dizia-se que não tinha homem, ou que tinha homens de mais, consoante as versões. Falavam-lhe num caçador alemão, que ele nunca tivera a oportunidade de conhecer. Dizia-se que dava esperanças ao governador, o qual não lhe largava a porta, e que não repudiara totalmente Bernardino de Figueiredo, um antigo apaixonado com quem

chegara a viver. Não havia dúvida de que era muito assediada e talvez não tivesse tempo nem disponibilidade para lhe prestar atenção, mas Lapa e Faro não era homem de desistir. De momento não estaria aparentemente muito bem posicionado, mas o tempo estava do seu lado e havia de rir melhor quem risse por último. Lapa e Faro confiava que a sua origem social e o seu reputado bom gosto acabariam por produzir efeito nela, mesmo naquele meio completamente esdrúxulo. Com insistência e paciência havia de conseguir conquistá-la.

Desde domingo que Libango e o seu ajudante percorriam a costa a sul de Benguela atrás de um leão mal ferido. Os caçadores viam as marcas que o bicho deixava no terreno, apanhavam-lhe o rasto pelos ramos partidos e pela erva pisada, mas o facto é que o leão escapava-se sempre mais para diante e um novo dia passava sem que o tivessem ao alcance das espingardas.

Libango seguia pela areia e o seu ajudante acompanhava-o à esquerda, mais acima, sobre a pequena falésia. Começava a fazer-se tarde para prosseguir aquela perseguição e Libango fez sinal ao outro para que descesse. Acampariam na praia, protegidos pela falésia, e apanhariam o leão no dia seguinte ou então desistiriam. Não podiam prolongar aquela perseguição muito mais tempo porque o alemão já devia estar à espera deles na cidade, por causa do marfim.

– Traz lenha, Catão – ordenou Libango ao companheiro.

O mulato recolheu madeira e gravetos em quantidade suficiente para alimentar um fogo que durasse a noite toda e Libango fez uma pequena cova na areia dentro da qual acendeu a fogueira. Depois sentou-se com as costas apoiadas numa rocha a contemplar as chamas que dançavam no ar contra o pôr do sol. Libango acreditava no sol. A seiva das plantas, a morrinha dos animais, a desordem dos ares, a fúria do oceano, os abalos da terra, tudo, tudo, vinha do sol.

Muito ao longe passava uma vela que já mal se via na luminosidade coada. O espírito da noite tomava conta do dia, pensou, e protegia o leão.

Foi então que viu qualquer coisa na água que não conseguiu identificar. Parecia um tronco ou um brilho a tremeluzir à superfície alaranjada pela luz do poente. Ergueu-se, intrigado, e com um archote numa mão e a espingarda na outra aproximou-se do mar. As ondas rebentavam de mansinho e vinham morrer junto aos seus pés descalços. Cravou o archote na areia e pondo a mão em pala sobre os olhos para os proteger da luz tentou perceber que coisa seria aquela que flutuava

docemente na ondulação. E foi num requebro de uma onda maior que verificou que a coisa que vira rebrilhar era um corpo humano.

Surpreendido e assustado virou-se para trás e chamou:

– Catão! Ajuda aqui!

Enquanto o ajudante não chegava entrou decididamente na água e chegou depressa ao corpo. Era uma rapariga branca, muito branca. Libango tinha sempre dificuldade em dizer a idade dos brancos, mas percebeu que se tratava de uma mulher nova. Estava inteiramente nua, tinha os pulsos roxos e uma pedra relativamente pequena amarrada aos pés.

Arrastou-a para a praia com a ajuda de Catão, que entretanto chegara, e ficaram ambos à luz do archote a olhar um para o outro, perplexos, e para aquele estranho cadáver de pele anilada e de cabelos escorridos que os contemplava com os olhos muito azuis, espantados e quietos.

De repente o mulato gritou, apontando, alarmado, para o mar:

– Tem outro ali!

E havia de facto um outro corpo a emergir das águas, um pouco mais para a esquerda. O próprio Catão avançou mar adentro, num repente, e puxou-o até à beira-mar. Era um homem branco também nu, castrado, com várias facadas no peito e com uma pedra amarrada à cintura.

– Isto é coisa de marido enganado – concluiu Catão.

Libango assentiu com a cabeça. Não era preciso saber muito e ler os livros dos brancos para perceber o que ali se passara. Não havia qualquer mistério na desgraçada morte daqueles infelizes. As coisas falavam por si.

Mantendo-se sempre alerta por causa do leão, arrastaram os dois cadáveres pela praia acima até junto da falésia e do fogo, que ardia com uma chama muito branca, incandescente, tal e qual a luz de um farol na noite fechada que já se pusera. Depois sentaram-se pensativos e silenciosos, enquanto mastigavam algumas raízes misturadas com farinha de mandioca.

– Que vais fazer, Libango? – perguntou Catão.

O outro nada disse, como se ainda andasse à procura de uma resposta.

– Vais dizer em Benguela? – insistiu o mulato.

Libango abanou a cabeça, negativamente.

– Para quê? Os brancos ainda nos arranjam complicação... Ainda vão dizer que fomos nós que matámos eles.

– Não contas ao Sr. Peter?

– Não! Contamos só à terra... Fica melhor assim.

Dizendo isto, levantou-se e de archote na mão procurou uma zona de terreno mole. Quando a descobriu, ajoelhou-se e começou a escavar o chão com a grande faca de mato. Catão veio ajudá-lo e ao cabo de algum tempo, trabalhando arduamente com as facas e com as mãos, abriram uma cova suficientemente profunda para deitarem os dois corpos um sobre o outro. O homem, maior, em baixo, e ela, lívida e frágil, sobre ele, como se descansasse sobre o seu peito. Libango contemplou-os assim sobrepostos no fundo da cova e sentiu que a sua mão tinha não só o poder de matar mas também o de acarinhar, e por momentos isso aproximou-o da onnipotência de Shé, o espírito invencível.

– Agora a terra sabe – disse, seguro de si. – Agora vai juntar o homem e a mulher.

Depois taparam a cova o melhor que puderam, calcaram-na com os pés, andando em redor como se fizessem uma dança ritual. No final, Libango pegou em dois paus, desbastou-os com a faca e fez uma cruz rudimentar, que cravou facilmente na sepultura.

– Os brancos gostam deste sinal – garantiu.

¹ Uma espécie de ministro.

Convulsão

O advogado era um homem invulgarmente alto. Vinha sentado ao lado de Coitadinho Amigo, que o fora esperar à saída do barco, e mantinha o tronco direito apesar dos solavancos da carroça, como se, em qualquer circunstância, estivesse obrigado a personificar a seriedade e dignidade da sua profissão. E foi de uma forma cerimoniosa e digna, com uma pronunciada vénia, que se apresentou a Benedita assim que chegou à Fazenda Triunfo:

– Emídio Granate, ao dispor de V. Ex.^a.

Ela mandou-o entrar de imediato para a sala da casa grande e pô-lo rapidamente ao corrente da situação. Acolhia o advogado com verdadeiro alívio pois nos últimos dias reudara fortemente que ele não conseguisse chegar a tempo. Aquele homem fora-lhe recomendado por Peter, que o considerava o melhor causídico de Luanda, e nas rápidas indagações que fez junto de outras pessoas constatou que ele tinha, de facto, essa boa reputação. Também se dizia que era careiro, mas Benedita não se importava com isso: queria a pessoa mais capacitada para assegurar a Kpengla a melhor defesa possível e pagaria o que fosse preciso.

Infelizmente, o processo judicial fora invulgarmente apressado, como se houvesse urgência em despachar o assunto – ou em condenar a ré –, e tudo se precipitara. Por muito bom que fosse, o Dr. Granate não iria ter tempo para se inteirar de todos os detalhes do caso pois o julgamento começaria no dia seguinte, primeira sexta-feira do mês. Para além disso, iria ter pela frente o juiz Mendes Afonso, que viera expressamente de Benguela para apreciar a matéria.

Mendes Afonso exercia o seu magistério há cerca de duas décadas a descontento de quase todos e era conhecido em toda a província pelas piores razões. A sua incompetência e a sua prepotência eram proverbiais e dizia-se que raramente absolvía um réu.

– Mendes Afonso? Que pouca sorte a nossa! – exclamou Granate quando soube o que o esperava. – Nesta terra a lei é o juiz, minha senhora. O bestunto do Sr. Mendes Afonso é que é a lei viva.

Ela inquietou-se.

– E isso é assim tão mau, Dr. Granate?

– Muito mau, minha senhora, muito mau... – considerou, abanando a cabeça. – O nosso juiz é um ignorante. Para ele a antiga lei do processo está revogada, a moderna ainda não é aplicável e, portanto, nesse intervalo, faz o que lhe passa pela cachimónia. Mas, enfim, eu farei os possíveis para defender condignamente a sua preta.

Após o almoço percorreu a fazenda interrogando os escravos. Falou também com o Dr. Lapa e Faro, que viera fazer a sua volta médica. Olhava todos com os olhos muito abertos, esbugalhados, com uma esclerótica muito branca e inquisitiva, e fazia-lhes perguntas acutilantes. Ao cabo de ouvir os diversos testemunhos, Emídio Granate percebeu que tinha entre mãos um caso aparentemente linear e decididamente condenado ao fracasso. Não obstante, com a aplicação que o caracterizava, fechou-se na biblioteca da casa a preparar a defesa e lá esteve, emparedado, até perto da meia-noite.

O julgamento começou às dez da manhã do dia seguinte, na escola que fazia, como sempre, as vezes de tribunal. A pequena sala estava apinhada de gente. Ao fundo, dezenas de homens de pé encostavam-se uns aos outros numa massa indistinta que se comprimia contra a parede e bloqueava a porta de entrada. Uma pequena frisa lateral tinha sido reservada para as mulheres. Do lado oposto, junto às três janelas que devoravam gulosamente o sol, alguns soldados armados mantinham a ordem pública e respaldavam a autoridade do tribunal. A meio da sala havia uma fila de cadeiras reservadas às pessoas de notoriedade. Era aí que Benedita e Peter se sentavam, bem como o governador, o médico, o velho Costa e, na outra ponta, o pensativo Bernardino. Adiante, lado a lado, tinham sido colocadas duas pequenas mesas cobertas de pano azul, onde ancoravam a defesa e a acusação – a cargo do major Garcia. Kpengla permanecia muito quieta, quase ausente, ao lado do Dr. Granate, e Benedita, sentada logo atrás, controlava a custo o desejo de a tocar para lhe transmitir o seu apoio incondicional. Três ou quatro passos mais à frente estava o escrivão gordo e, logo a seguir a ele, solene e erma, a secretária reservada ao juiz. O meritíssimo atrasava-se.

Fazia um calor de rachar, o ar estacionava, pesava, ainda que as janelas estivessem escancaradas para o fresco da manhã. As pessoas

impacientavam -se, falavam ininterruptamente. Os mais exaltados continuavam a querer fazer justiça por suas mãos, outros aconselhavam calma. Por fim uma voz nasalada e gritada sobrepôs-se ao burburinho para anunciar:

– O meritíssimo juiz Alcides Mendes Afonso, da comarca de Benguela!

As pessoas sentadas nas cadeiras ergueram-se. Benedita olhou para trás e viu uma triste figura romper facilmente a multidão compacta. O juiz tinha um apetite voraz – dizia-se que para não perder tempo comia um jantar inteiro no prato da sopa – e no entanto era um indivíduo esquelético, a tal ponto magro que nos seus tempos de Coimbra os colegas garantiam que ele nada sabia de leis porque andava sempre a estudar para galgo. Apesar da toga Mendes Afonso parecia um fio de azeite, um fiapo de fumo negro, uma linha que vinda de nenhures cruzava o espaço até ao seu lugar. Trazia debaixo do braço dois gordos códices e uma resma de papéis que logo espalhou sem ordem aparente sobre o tampo da secretária.

Abriu a audiência dando a palavra à acusação. O major Garcia lembrou os factos e pediu castigo exemplar. De seguida falou Granate. Sublinhou as violências de José Leite, narrou o levantamento dos pretos do interior e a destruição da sua fazenda no Bumbo. Apresentou a sua constituinte como um anjo vingador. A multidão agitou-se e clamou em altos berros por justiça e o juiz ameaçou fazer evacuar a sala.

Ouviram-se testemunhas, todas unânimes na descrição de Kpengla de arma na mão, com José Leite moribundo a seus pés. A própria ré confessou o crime:

– Matei o branco por todo o mal que ele fez.

E nada mais se lhe arrancou.

Mendes Afonso bufava de calor e palitava os dentes, desinteressado. Peter seguia angustiado o evoluir da audiência. Lembrava-se do julgamento de Kpengla, alcoolizada, destrocada, em Abomé, e ocorreu-lhe que a vida das pessoas parecia ser um estranho repetir dos mesmos dramas e processos. Gostaria de poder agora pagar, como então fizera, para lhe salvar a vida. Por incrível que parecesse, ainda havia qualquer coisa em si que o mantinha ligado àquela mulher. E sofria com a sua iminente condenação pois não tinha a mínima dúvida de que seria condenada. Nenhum tribunal em Angola absolveria uma preta que tinha assassinado um branco.

Sentada ao lado de Peter Benedita agitava-se, contorcia-se, num

nervoso crescente. Tudo aquilo lhe parecia um pesadelo no qual ela se deixara ir, amolecida e impotente, adoptando um papel passivo quando, com mais frieza e presença de espírito, teria sido possível assumir que fora ela quem matara José Leite e que o fizera em legítima defesa. Se as coisas fossem bem explicadas e conduzidas quem ousaria condená-la? Mas em vez disso calara-se, paralisada por um incompreensível pavor, e deixara que se criasse todo aquele mal-entendido. O facto de Kpengla ter assumido esse mal-entendido de livre vontade e por iniciativa própria, e de parecer, até, contente com isso, em nada diminuía o seu sentimento de culpa. Sentia-se um Pedro renegando Cristo, ou pior ainda, um odioso e indesculpável Judas entregando um inocente aos carrascos.

De súbito, incapaz de suportar por mais tempo o peso da culpa que lhe esmagava o peito, Benedita ergueu-se e gritou a plenos pulmões a sua confissão:

– Fui eu! Ela é inocente! Eu é que o matei!

Num ápice todos os olhares se concentraram nela. Granate e o major Garcia viraram-se para trás, incrédulos. O governador sorriu com admiração perante aquela evidente prova de altruísmo. Um pouco perdido, Lapa e Faro abriu a boca de assombro. Bernardino assentiu com a cabeça e, como se soubesse perfeitamente o que ia na alma dela, absolveu-lhe as faltas. Peter olhou-a nos olhos e percebeu que ela falava a mais pura das verdades. Atrás da fila de cadeiras, as pessoas entreolhavam-se sem saber o que pensar e havia um rumor de espanto que rolava pela sala, pedregoso, como o surdo rosnar de uma fera enjaulada, aumentando a cada momento até que o juiz Mendes Afonso, saindo do seu torpor, cortou a surpresa pela raiz:

– É muito nobre o gesto de V. Ex.^a, não há dúvida, mas não servirá para iludir este tribunal. Aqui não estamos na tragédia grega, minha rica senhora, e os factos são claros: a preta Kpengla quis vingar os seus irmãos de raça, tão maltratados pelo assassinado, e, quando o viu face a face, não lhe perdoou.

Benedita permanecia de pé e insistiu, num tom de desafio:

– Isso é mentira. Fui eu que o matei!

Kpengla tinha permanecido muda e queda, como se o assunto não lhe dissesse respeito. A seu lado Granate continuava virado para trás e olhava Benedita petrificado, sem saber se devia ou não explorar aquele filão. Muitas coisas não batiam certo naquela história. Leite tinha sido abatido com a sua própria arma, alguns escravos referiam que a senhora Benedita tinha sangue num lábio e a própria Benedita parecia incapaz

de explicar o que se tinha passado, como se aqueles acontecimentos tivessem sido cobertos por um espesso manto de amnésia. Havia dúvidas importantes e o seu faro de bom advogado, o seu zelo de homem consciencioso, impeliavam-no a deslindá-las. Mas Mendes Afonso não deixou que as dúvidas germinassem no seu espírito e, ainda que isso fosse contrário a toda a lógica, decretou a expulsão dela:

– Queira fazer o favor de sair – disse, com o magro braço esticado em direcção à porta. – Está a perturbar a audiência. Se persiste, irá condenada por desrespeito ao tribunal.

Benedita quis ripostar mas já Peter a tinha erguido da cadeira e a levava à força para fora da sala, rompendo pela multidão, que se encolhia numa atitude respeitosa, deixando-a passar. Ela torcia-se para trás tentando gritar o seu desespero, mas Peter impedia-a, tapava-lhe a boca, e Benedita não conseguiu mais do que balbuciar umas palavras soltas.

Já no terreiro virou-se contra o alemão, gritou-lhe e tentou escapar-lhe.

– Deixa-me! Como te atreves?

Mas ele ignorou aquelas palavras agrestes, descontroladas, aqueles gestos agressivos e continuou a puxá-la por um braço, afastando-a da escola. Enquanto a arrastava ordenou a Coitadinho Amigo que fosse buscar a carroça e, quando o preto se afastou, abraçou-a e tentou apaziguá-la:

– Calma, Benedita, calma... Eu sei, eu sei... Calma! Agora não podes fazer mais nada.

Ela chorou de desespero e de arrependimento, em grandes soluços, agarrada a ele. Peter abraçava-a com força e em silêncio, incapaz de encontrar as palavras certas para lhe dizer naquele momento. Enquanto a estreitava nos braços, o seu espírito corria também em direcção a Kpengla e à sua fantástica auto-imolação. Não podia deixar de pensar na enorme coragem e abnegação daquela preta. Só não entendia plenamente por que razão decidira sacrificar-se por uma mulher que não lhe era nada.

Estiveram assim um bocado, abraçados um ao outro. Depois, o choro convulsivo de Benedita estancou e ela soltou-se dos braços dele. Começou a andar nervosamente de um lado para o outro, ansiando que o julgamento terminasse. Não esperava boa coisa daquele juiz, mas iria levar o caso às instâncias superiores e tudo se arranjaría. Demoraria mais tempo, custaria mais dinheiro, mas tudo acabaria em bem.

O vento virou e chegaram-lhe pelas janelas fragmentos do que se ia passando na sala de audiências. Seriam já as alegações finais? Era o major Garcia quem falava:

– Seis anos de existência da colônia e não há memória de um crime destes. A pobre vítima era um homem estimado por todos, um dos primeiros heróis da nossa epopeia...

A voz deixou momentaneamente de se ouvir para reaparecer pouco depois:

– Num povo pequeno e cordato como o nosso este crime é um labéu, ao qual, não sendo devidamente castigado, um povo terá necessariamente de sucumbir, afectado por graves moléstias morais. Peço, portanto...

A exigência de Garcia perdeu-se num ruído de fundo e Benedita não conseguiu ouvi-la. Depois falou Granate. Mas fosse porque estava mais longe da janela, fosse porque falava em voz mais esmorecida, não conseguia perceber-se quase nada do que dizia. Na ignorância do que se passava, ela pedia a Deus que o seu advogado estivesse a ser convincente e que conseguisse temperar a inclemência do juiz. Pedia a Deus que salvasse a sua amiga e que, ao fazê-lo, lhe tirasse aquele enorme peso da consciência. Granate falava agora mais alto, mas as pessoas agitavam-se e Benedita apenas captou o final da sua alegação:

– Tendo o crime muitas circunstâncias atenuantes para além do atraso de civilização da ré, oriunda de povos de costumes bárbaros, a defesa pede a clemência do tribunal e que lhe seja infligida a pena de dois anos de prisão numa fortaleza de guerra, para seu castigo e emenda e exemplo dos mais.

Levantou-se um ruído na sala que a impediu de continuar a ouvir o que se passava. Percebia que o juiz falava, mas não entendia ou não queria entender as suas palavras. Pouco depois as pessoas começaram a sair e via-se a satisfação na cara de todos. Alguns olhavam-na com comiseração e simpatia e faziam discretos cumprimentos com a cabeça.

Bernardino lançou-lhe um olhar compassivo mas não se acercou dela, talvez para evitar cruzar-se com Peter. Kpengla saiu depois, escoltada por soldados. Um bando de crianças corria ao seu lado, insultando-a, mas ela prosseguia como se nada fosse.

O advogado foi o último a abandonar a escola e aproximou-se dela em passo lento:

– Então, Dr. Granate? – perguntou Benedita, ansiosa.

– Execução na forca... depois de amanhã – respondeu ele, pesaroso.

– Não, não... nós vamos apelar para a relação.

O advogado fez um mortífero gesto de impotência.

– Não podemos.

Ela insistiu, agitada:

– Apela-se para Lisboa, se for preciso.

– Também não podemos, minha senhora. Por infeliz coincidência, neste momento isso é impossível. Dantes o poder moderador do rei podia comutar as penas que os tribunais impunham. Por infelicidade, temos, neste momento, uma lei de exceção.

E explicou a Peter e Benedita que, no ano anterior, quatro brancos haviam sido assassinados por escravos em Angola e essas violências tinham ecoado exageradamente na metrópole, criando alarme.

– Não eram os quatro assassinatos, minha senhora. Eram os quatro mil que podiam ter lugar depois... Era a lava ardente prestes a desprender-se do formidável vulcão que assustava os legisladores em Lisboa.

Em consequência, as Cortes tinham aprovado uma lei destinada a permitir o pronto julgamento e o castigo imediato dos delinquentes. Que era uma lei feroz, uma lei desumana – disse. Assim, no caso de violências de pretos sobre brancos, os tribunais de Angola passavam a poder julgar em primeira e última instância, e os governadores passavam a ter o poder para fazer executar imediatamente as sentenças dos tribunais.

– Temo que nada se possa fazer pela sua preta, minha senhora.

A execução foi ao fim do dia. Pusera-se uma trovoadá seca sobre a vila, escurecendo o céu, e de tempos a tempos ribombava um trovão, mas não chovia. Os carpinteiros tinham montado uma forca no terreno em frente da porta de armas da fortaleza. Era uma construção rudimentar formada por dois barrotes cravados verticalmente no chão e que se uniam, no topo, por intermédio de uma viga horizontal, em madeira. Entre os barrotes tinham construído um estrado elevado uns seis ou sete palmos acima do chão, para que o enforcamento pudesse ser visto por qualquer pessoa de qualquer ponto das imediações.

Toda a população de Moçamedes acorrera para presenciar a execução. Havia no ar a tensão que antecede as grandes tragédias, misturada com a excitação das coisas inéditas. A colónia existia há seis anos e nunca vira um crime daqueles, nem, claro está, a aplicação de uma pena de morte. Por essa razão as pessoas comprimiam-se em redor do cadafalso para não perderem o mínimo detalhe do acontecimento. As

crianças tinham vindo, também, e partilhavam a curiosidade mórbida dos adultos, olhando tudo aquilo com uns olhos muito abertos, de pasmo e temor. Algumas tremiam e roíam as unhas na esperança de esconder a ansiedade.

Um rufar de tambor anunciou a iminente chegada da condenada e passado pouco tempo Kpengla emergiu do interior da fortaleza. Vinha muito direita e de cabeça erguida, num passo decidido, caminhando ao longo das muralhas sombrias e severas. Tinha as mãos atadas atrás das costas mas o seu olhar, orgulhoso e triunfante, brilhava na tarde escura e contrastava com a expressão indiferente e abúlica dos três soldados que a escoltavam.

Ao vê-la percorrer, ativa, segura de si, o apertado corredor que dava acesso ao cadafalso, passando entre as pessoas que se aglomeravam de um lado e de outro, contidas pelos militares que delimitavam o espaço, Benedita comoveu-se outra vez e apertou fortemente a mão de Peter, que permanecia calado a seu lado. Naquele premir da mão dele estava um pedido de ajuda e também a irritação consigo própria e com a sua estúpida emotividade. Já tinha sido assim nessa manhã e no dia anterior. Obtivera uma autorização especial do governador Leal para visitar Kpengla – e para, mais tarde, a enterrar na sua fazenda –, e estivera algum tempo com ela, na cela, para a acompanhar nos seus últimos momentos de vida. Mas não conseguira resistir à emoção e chorara perdidamente. Por paradoxo, fora a preta que a consolara e lhe tranquilizara o espírito:

– Não chores – dissera-lhe, então, fazendo-lhe uma festa no cabelo. – As amazonas não têm medo de morrer.

Kpengla viu Benedita e Peter na primeira linha e sorriu a ambos, inclinando levemente a cabeça. Depois, com o mesmo estoicismo que Peter tivera ocasião de ver nos condenados em Abomé, subiu os cinco ou seis degraus que levavam ao patíbulo e virou-se, impávida e serena, para a multidão. O carrasco ajudou-a a subir para um banco e colocou-lhe o nó corrediço ao pescoço. Depois passou a corda sobre a viga superior e amarrou firmemente a outra ponta à grossa escápula de um dos barrotes laterais.

O tambor cessou de rufar e um sargento leu o acórdão da sentença. Depois virou-se para a condenada e perguntou-lhe se queria dizer alguma coisa. A preta abanou a cabeça, negativamente. De seguida, fixou o olhar em Benedita e sorriu outra vez. Foi nessa altura que o carrasco lhe tirou bruscamente o banco de baixo dos pés e ela ficou

suspensa no ar, com a cabeça puxada para cima e para trás, contorcendo o corpo e agitando as pernas numa dança aflitiva. Em redor, as pessoas retinham a respiração, de boca aberta e olhos virados para o alto, contemplando aquela luta inglória com a morte. Alguns homens apontavam e riam.

Então Peter saltou bruscamente para a frente com a agilidade de um leopardo e subiu ao cadafalso. Os dois soldados que montavam guarda à escada ficaram demasiado surpreendidos para reagir e o carrasco recuou, assustado. Em três ou quatro segundos o alemão estava junto de Kpengla e, abraçando-a pela cintura, deu-lhe um forte esticão para baixo. Ouviu-se o estalo da coluna a partir e, após um breve estertor final, a preta ficou imóvel.

Caiu um profundo silêncio sobre a multidão. Algumas pessoas benziam-se, estarrecidas. A trovoadá parara e o único som que se ouvia era o ranger da madeira a arquear com o peso da enforcada. O alemão endireitou-se, respirou fundo e tocou o corpo de Kpengla uma última vez para parar o seu tétrico balançar na ponta da corda. Depois desceu do estrado. Em seu redor as pessoas abriam alas para o deixar passar, olhando-o com admiração e temor. Sem dizer uma palavra, ele passou por entre a multidão e tomando Benedita pelo braço virou costas ao cadafalso e afastou-se em direcção à vila.

A 16 de Setembro de 1855, no dia em que o Senhor D. Pedro V completou a maioridade legal para assumir as rédeas da governação, o governador Leal e a Câmara Municipal de Moçâmedes começaram a organizar as festas pela sua elevação ao Trono. E fizeram-no com tanta prontidão e empenho que, um mês depois, a vila estava completamente preparada para as demonstrações de regozijo público e só aguardava que chegasse de Lisboa a confirmação de que o novo rei de Portugal já havia sido aclamado.

Olhando para a povoação do alto da muralha da fortaleza, o governador sorriu, orgulhoso do trabalho realizado. Apenas lamentava que o palácio governamental ainda não estivesse concluído – bem longe disso. Dos projectados três corpos e vinte divisões para concentrar o sonolento pessoal das repartições públicas sob o olhar vigilante dos governadores, ainda só se levantara o corpo central, uma edificação de linhas claras e elegantes que fazia lembrar uma casa apalaçada do Norte de Portugal. Era um edifício que perpetuaria o seu nome, uma obra ambiciosa para aquele tempo e lugar, mas que infelizmente fora preciso parar por falta de meios. Assim, com a construção suspensa, os operários

afadigavam-se agora nos acabamentos do que fora construído, polindo os três arcos de ordem dórica que davam um tom clássico e imperial ao vestíbulo e instalando lustres e cortinados. Alguns carpinteiros aparelhavam os travejamentos dos tectos enquanto outros afinavam a linda escada em madeira de São Tomé, de três cores diferentes. Quatro escravas, de pá e vassoura na mão, arrastavam vagarosamente os pés e os dias enquanto iam limpando as duas divisões no piso superior, onde iria decorrer o baile.

Mas havia mais obras em Moçâmedes. Por iniciativa da Câmara tinha-se edificado um barracão que doravante passaria a funcionar como teatro municipal. A ideia do teatro fora acolhida de braços abertos pois numa terra onde os divertimentos eram quase nulos todos ansiavam por qualquer coisa que preenchesse e enriquecesse a desolada pobreza dos tempos mortos. Formara-se quase de imediato um grupo de entusiasmados actores, chefiado pelo dono da Confeitaria Esperança, e ao fim das tardes uma parte desse grupo tinha vindo a ensaiar um drama histórico passado no tempo de D. Afonso III, enquanto os restantes actores, sob a direcção do velho Costa, treinavam a comédia *A Velhice Namorada Sempre Leva Surriada*, na qual o próprio Costa contracenava com a sua mulher, já completamente restabelecida dos males que a tinham afligido.

A vontade do velho Costa era levar à cena um espectáculo que enaltecesse o seu nome e que tivesse tanto aparato quanto pudesse fazer-se naquele lugar.

– Vai ser uma récita como nunca se viu – prometia ele a quem queria ouvi-lo.

Com base nessa promessa angariou vários donativos, o maior dos quais vindo de Benedita Sepúlveda. Mas Benedita não se limitou a dar dinheiro, pois ela mesma se envolveu de alma e coração na preparação dos festejos. Após a morte de Kpengla, tinha caído num grande abatimento e tristeza, alheando-se dos assuntos da fazenda, como se tivesse perdido todo o interesse neles. Peter partira para nova caçada e naquele contexto de tristeza ela sentia duramente a sua ausência. Lidava cada vez pior com aquela distância a que ele de tempos a tempos se punha e com a solidão que daí provinha. O projecto da festa em honra de D. Pedro V veio, por isso, em boa hora para lhe preencher os vazios do espírito e as dores da alma e ela agarrou-o com ambas as mãos.

E superou-se. Quis participar no drama – desempenhando o papel da rainha D. Brites – e, num gesto de munificência digno de um cônsul

romano, ofereceu ao povo o embelezamento da vila. Para isso convenceu o governador a criar uma comissão, de que ambos faziam parte, a par de Bernardino de Figueiredo, e que se destinava a projectar e promover as obras. E, sob a supervisão empenhada dessa comissão, um grupo de escravos e de operários tinha construído fora de portas, na planura que ficava a sul de Moçâmedes, um espaço alusivo à coroação do monarca. Era um grande quadrado com 50 passos de lado. A meio de cada lado tinha um arco representando as municipalidades da província: Luanda, Massangano, Benguela e Moçâmedes. Entre os arcos, formando uma cruz, tinham-se disposto 20 colunas ligadas por festões cobertos de verdura e cercadas por uma bela balaustrada que à noite se iluminaria. No centro do quadrado, na área de intercepção das linhas de colunas, levantara-se um castelinho de madeira pintado de azul e branco sobre cujas ameias se colocara uma coroa de rei. Dependurados das colunas podiam ler-se sonetos e quadras alusivas ao feliz acontecimento. Bandeiras nacionais flutuavam sobre as empenas dos arcos. Grandes fachos de fogo sobressaíam das cornijas de cada uma das colunas, e perto de mil luzes envoltas em papéis de diversas cores completavam a fantástica obra.

Na vila erguiam-se mais arcos iluminados de forma semelhante e outras iluminações coloridas cobriam a muralha da fortaleza, o quartel e os estabelecimentos públicos. Havia, até, luzes preparadas para decorar os navios que estivessem na baía por altura dos festejos.

Assim, no afa dos preparativos, Benedita apaziguava a sua alma sofredora e Moçâmedes ia fervilhando de excitação, na antecipação dos festejos. A banda militar, sob a direcção de Manuel Pedro, ensaiava, na fortaleza, várias músicas adequadas à ocasião. As mulheres escovavam os fatos dos maridos e tiravam da profundidade canforada das velhas arcas os seus vestidos mais bonitos e os adornos dos dias fastos. Na taberna antecipava-se a festa por entre copos de vinho e partidas de damas ou de cartas. As ruas e casas particulares alindavam-se para a folia que estava para vir e toda a gente parecia comungar de um mesmo entusiasmo e de um espírito optimista e benevolente.

Havia dois ou três maledicentes, claro, o mais notório dos quais era o velho Costa. Fosse pela sua índole retorcida, fosse por rechar que no meio de tanta luz e fausto o seu teatro ficasse ensombrado e o seu nome esquecido, Costa a tudo punha defeitos e quando os outros se espriavam em elogios à beleza da vila ele recalcitrava. Ainda nessa tarde contrariara os entusiasmos de Lapa e Faro:

– Sim, a vila está bonita... – começara por condescender. – Mas há aqui algum exagero, não lhe parece, senhor doutor?

– Eu acho que está muito bem assim... – arriscara o médico.

Mas Costa queria mais ponderação.

– É de mais... É de mais, senhor doutor. A nossa Benedita Sepúlveda e a sua comissão fizeram disto um exagero, um aparato, sem necessidade nenhuma. Dinheiro a mais quando há por aí tanta gente com fome.

E perante tamanha maledicência e inveja o outro dera-se por vencido e mudara de assunto:

– Como vai a saúde da esposa?

Benedita sabia que lhe censuravam os gastos sumptuários, mas não se importava com isso. Aliás, fora ainda mais longe na sua sumptuosidade e mandara vir de Luanda um balão aerostático para se elevar sobre a vila e levar, na ascensão, os curiosos que quisessem empreendê-la. Para além disso criara um fundo a ser gerido por Bernardino e Leal para que se preparassem actividades, jogos e concursos que preenchessem dois ou três dias de festas públicas.

A notícia da subida ao trono de D. Pedro V chegou num sábado, às 9 da manhã, na corveta Relâmpago. Logo depois a banda militar começou a correr a vila tocando o *Hino Real* e chamando todos aos festejos, enquanto se lançavam ao ar girândolas de foguetes e os navios surtos na baía embandeiravam em grande gala para se associarem à celebração.

Às onze horas houve um solene *Te Deum* ao qual assistiram todas as autoridades civis e militares. Durante uma hora, a pequena Igreja de Santo Adrião, cheia como um ovo, rezou ao Todo-Poderoso pela prosperidade do novo reinado. Terminada a missa, as pessoas dirigiram-se em cortejo para a effígie do rei, levantada nas imediações do palácio. Subindo ao primeiro andar do edifício e aparecendo a uma das suas janelas, o governador saudou oficialmente o novo monarca:

– Africanos e europeus, esta é uma hora de regozijo! – proclamou, inclinando-se para a frente com ambas as mãos apoiadas no peitoril – O Senhor D. Pedro V é rei de Portugal e nós aqui, debaixo deste clima abrasador, elevamos ao Céu as nossas preces pela prosperidade do seu reinado. Que seja um reinado cheio de lisonjeiras esperanças, e que Sua Majestade estenda seu braço forte e protector sobre esta rica província, pérola da Coroa portuguesa.

Os vereadores da Câmara, alinhados por baixo da janela do primeiro andar, romperam em vivas ao rei, no que foram secundados pela

população reunida no terreiro fronteiro e pela tropa que se achava em parada, e que depois passou em continência frente àquele rudimento de palácio. Mais ao longe, os pretos que se tinham reunido em grande número, atraídos pelo trovejar dos foguetes e da música, celebravam a seu modo, com danças e saltos ao som dos instrumentos gentílicos.

À tarde, depois da sesta, o grosso da população convergiu para o teatro. A sala, apinhada de gente, trepidava de excitação e curiosidade. As mulheres tinham uma entrada particular e como habitualmente ficavam à larga no sector que lhes era reservado. Os homens apinhavam-se no espaço remanescente. Alguns tinham trazido farnel e garrafas de vinho e iam comendo e bebendo, outros falavam ou discutiam por razões mais ou menos fúteis. Os mais gordos suavam sob o ar abafado e limpavam as caras molhadas com lenços enxovalhados. Quem levava cadeiras de casa agrupara-se junto ao palco. Os restantes espectadores permaneciam de pé, acumulando-se numa massa compacta que se agitava e reclamava do atraso.

Os protestos e assobios já cruzavam a sala quando Costa subiu ao palco. Parando em frente das cortinas fechadas e esfregando as mãos como um jesuíta, tomou a palavra:

– Patrícios, inauguramos hoje este Teatro D. Pedro V. A sua existência nesta vila de Moçâmedes é uma homenagem a Sua Majestade o Rei e uma prova do avanço da nossa colónia. Quem não sabe que o teatro é uma escola que educa e adoça os costumes e civiliza a índole de um povo?

Fez uma pausa, olhando para a multidão como se esperasse resposta. Mas logo continuou:

– O amor por este género de recreio estava amortecido entre nós, que tantas récitas fizemos e vimos em Pernambuco. Mas agora, graças à ajuda de alguns cidadãos e ao inesgotável esforço da Câmara Municipal, a que tenho a subida honra de presidir, já existe uma sala onde o bom povo de Moçâmedes se pode educar e divertir.

Tossiu uma tosse cavernosa. Atrás dele as cortinas agitaram-se num nervoso mal contido. Ouvia-se o sussurrar dos actores que se preparavam para entrar em cena e que aguardavam impacientes, tal como o público. Costa puxou um lenço do bolso, limpou a transpiração da testa e da cara, e ia a prosseguir o seu discurso quando do fundo da sala se ergueram vozes e estridentes assobios, protestando com a demora:

– Chega! Vai-te embora, Costa!

Surpreendido, chocado, o presidente da Câmara fez três ou quatro vénias penitentes e depois, alçando os braços ao ar, apressou-se:

– Aqui vos deixo, então, o drama *O Valido d'El-Rei*.

Desceu cautelosamente os quatro degraus que davam acesso ao palco e reocupou o seu lugar na primeira fila. Já se escurecia a sala, correndo as cortinas das janelas, e os protestos, vaias e palmas iam-se esbatendo a pouco e pouco até se converterem num silêncio expectante. O pano abriu, por fim, deixando ver Benedita num verdejante jardim, rodeada por duas aias que tangiam o que deveriam ser alaúdes mas não eram senão modestos cavaquinhos. A rainha contemplava o horizonte com olhar pensativo quando um homem chegou, apressado. Era D. Paio Alves, o valido d'el-rei. Trazia notícias da guerra com Castela, que muito inquietava o coração da sua rainha.

Enquanto D. Paio falava, uma das aias leu disfarçadamente uma cábula. Não havia ponto e por isso, de quando em vez, os actores tiravam um papelinho do bolso para avivar a memória. Ao início Benedita também o fez. Depois, com a peça a avançar, ganhou confiança, soltou-se e permitiu-se, até, relancear a vista pela sala. O governador Leal, na primeira fila de cadeiras, seguia atentamente cada movimento seu, bebendo as suas palavras e os seus gestos. À sua direita estava o maior Garcia e outro oficial, depois, Bernardino, Lapa e Faro e mais quatro ou cinco homens. Atrás, mais duas linhas de cadeiras e depois a massa compacta dos que viam de pé. A maior parte deles seguia a representação numa imobilidade de faquir. Do lado das mulheres havia um sossego idêntico e as expressões eram de puro encantamento. Algumas pasmavam, de boca aberta e olhar maravilhado, fazendo um esforço para seguir o enredo. Outras, que tinham assistido aos ensaios, moviam os lábios, dizendo baixinho as deixas e antecipando certas frases do diálogo. Tirando as crianças de tenra idade, que se entediavam e agitavam, subindo e descendo do colo das mães, toda a sala se aquietara e tinha o olhar grato e ávido colado em si. E, ao sentir-se observada e admirada com tamanha intensidade e devoção, Benedita foi tomada por um exaltante calor interior e superou-se.

Na conclusão da peça veio uma verdadeira apoteose, com homens e mulheres a aplaudir de pé, de braços no ar e a gritar vivas. Viam-se lágrimas em muitos olhos. Quando os actores vieram agradecer à boca de cena, pediu-se bis e enquanto se curvava, de mãos dadas ao valido e ao rei, Benedita pensou em Peter. Como gostaria de o ver ali na primeira fila, e de o ter ao seu lado a viver consigo aqueles momentos de

felicidade e triunfo. Quanto não daria para o ter ali a vê-la. Mas Peter nunca estava. Corria atrás das suas miragens, pelo sertão, e deixava-a só consigo mesma vezes de mais. Havia uma parte importante da sua vida que lhe passava ao lado e que ele não vivia com ela.

Na plateia o governador Leal viu-a receber um ramo de flores e sentiu um sopro de ciúme a percorrê-lo de alto a baixo. Quem poderia oferecer-lhe aquilo? Por momentos pareceu-lhe que, ao recebê-lo, ela tinha corado e sorrido a alguém que estava na primeira fila à sua direita. Bernardino? Lapa e Faro? Ainda pensou em interrogar o pretinho que trouxera o ramo de flores, mas o malvado já se esgueirara por entre as cadeiras e desaparecera no meio da multidão. A dúvida perturbou-o e sentiu-se inseguro e ultrapassado pelos acontecimentos. Porque não se lembrara ele de lhe enviar flores?

O pensamento ficou a martelar-lhe a alma e já não conseguiu apreciar devidamente a comédia que se seguia ao *Valido d'El-Rei*. Em seu redor a sala torcia-se de gargalhadas, mas ele não via nada assim tão hilariante naquele palco. Quando o espectáculo terminou, correu à fortaleza para jantar e aprontar-se para o baile, que começava às nove da noite. Finda a refeição, envergou o seu melhor dólman, montou o seu cavalo e trotou em direcção ao palácio, circundando a vila.

A noite pusera-se e já tinham acendido as luzes coloridas que polvilhavam as casas e as ruas. Na baía as luzes dos navios lançavam brilhantes riscas de cor sobre a escuridão do mar e ficavam a oscilar no suave balanço da ondulação. Tudo aquilo era belo e apaziguador e, no entanto, ele continuava preso a negras conjecturas sobre o admirador que oferecera flores a Benedita. Aquele mistério irritava-o, mas maior irritação ainda era a que sentia consigo próprio. Deixara-se ultrapassar, deixara-se adormecer, caíra numa estranha passividade que era indigna de si. Andava há tempo de mais a fazer a corte a Benedita sem que nada daí resultasse e era altura de pôr fim àquela indecisão.

Ainda pensava nisso quando chegou ao palácio. Entregou o cavalo a um escravo, que o recolheu debaixo de um telheiro, e entrou no edifício. Subiu apressadamente as escadas e, olhando em volta, gostou do que viu. O major Garcia e a comissão de senhoras tinham feito um bom trabalho. O salão no primeiro andar estava enfeitado com grinaldas de flores coloridas e os lustres de velas davam-lhe um brilho encantatório. Numa das salas laterais a banda ensaiava o som. No piso térreo improvisara-se uma cozinha e os escravos alinhavam chávenas, terrinas e travessas para a ceia. Leal verificou tudo, levantando as tampas e

cheirando os alimentos como se estivesse no quartel a inspeccionar o rancho. Pareceu-lhe tudo bem apresentado e em quantidade suficiente para reconfortar umas cem pessoas. Ainda que o baile fosse aberto a todos, sabia de antemão que muitos não iriam comparecer. Apesar do seu aspecto rudimentar, o palácio tinha um porte que intimidava e por essa razão – ou porque a personalidade do governador fosse antipática – a gente mais humilde tinha preferido a festa organizada pelos pescadores na praia, onde os costumes eram mais soltos e a indumentária menos exigente e cerimoniosa.

Ao pensar nisso, Leal sorriu desdenhosamente. Era interessante como até mesmo numa população pequena como aquela já se começara a criar uma divisão espontânea entre os que mais tinham e todos os outros. Operara-se naturalmente uma selecção social e o seu palácio recolhia apenas a fina flor da colónia, se assim poderia chamar àqueles campónios e boçais que já começavam a entrar-lhe pela porta.

O velho Costa foi o primeiro a chegar. Trazia uma casaca preta e um chapéu alto e uma bengala, que lhe davam um ar ainda mais pomposo e estudado do que era costume. Outros vinham de casacas coloridas e demasiado grossas para o calor da noite. Os poucos oficiais e funcionários públicos vestiam fardas.

Leal aprumara-se no cimo da escada para receber os convidados. Poderia tê-los recebido no átrio, mas achou que no alto da escadaria vincava melhor a sua superioridade hierárquica. Cumprimentava homens e mulheres com uma ligeira vénia e dirigia-lhes breves palavras de boas-vindas. Considerava que isso era o bastante. A repetição tornava os seus gestos automáticos e frios e só deixou transparecer algum calor quando viu Bernardino – a quem apertou efusivamente a mão – e sobretudo quando Benedita chegou. Surgia-lhe de cabeça descoberta, com o cabelo apanhado atrás e num bonito vestido de rendas cor-de-pêssego que lhe acentuava a cintura delgada e lhe descobria o colo, que tremia deliciosamente enquanto ela subia a escada. Ao vê-la o governador susteve a respiração, esquecendo-se momentaneamente dos cumprimentos e deixando passar por si, sem qualquer saudação, dois hesitantes recém-chegados.

Benedita parou à sua frente. Ele inclinou-se e beijou-lhe a mão branca e perfumada, que esperava ter o prazer de poder apertar durante boa parte da noite. Ia pedir-lhe que lhe reservasse várias danças quando, surgida do nada, uma mulher volumosa, apertada num vestido amarelo cheio de folhos, se postou à sua frente, tentando atrair-lhe a atenção

para a filha esquelética que a acompanhava.

– A Cesaltina é uma moça como não há outra, senhor governador – disse a mãe. – Borda e cozinha como ninguém. Tem muitos pretendentes mas é-me muito afeiçoada, não se quer separar de mim... Quem a levar nem sabe o tesouro que leva.

– Sim, com certeza – atalhou Leal, enfadado.

– E para cuidar de doentes? – insistiu a mulher. – A senhora do Sr. Costa quando esteve doente não queria mais ninguém lá em casa...

O governador já deixara de ouvir o arrazoado da mulher, esperando ansioso por uma brecha que lhe permitisse escapar. Ia a fazê-lo quando ela, num enorme desplante, o agarrou pela manga.

– A minha Cesaltina está além – disse, apontando a filha que, embaraçada, se afastara e ficara a olhá-la com olhos baços de míope. – Quer V. Ex.^a conhecê-la?

– Com muito gosto, mas noutra ocasião. Agora estou a receber as pessoas – respondeu Leal libertando-se da mão dela com rudeza e quase correndo para Benedita.

Contudo, aquela pequena digressão pelas qualidades da Cesaltina fora-lhe fatal. Benedita já falava com Lapa e Faro e tomava muitas notas no seu *carpet*. O médico sorria e confirmava, entusiasmado, com a cabeça. Ela sorria também, o que irritou Leal. Que graça poderia ela achar àquele pedante jumento?

Benedita continuou a sorrir quando o governador se aproximou, após Lapa e Faro se ter afastado.

– Obrigado por ter vindo – disse ele. – A sua presença é uma bênção para os meus olhos.

Ela fez uma pequena mesura, agradecida, e ele prosseguiu:

– Venho pedir-lhe que me dê a honra de ser o meu par durante o baile.

– Oh, que pena! – exclamou Benedita esboçando um beicinho de tristeza que a tornava irresistível. – Já prometi várias danças ao Dr. Faro e também aos meus sócios e a outras pessoas. Prometi até dançar com o nosso presidente da Câmara, calcule... Não tive outro remédio – confidenciou em voz baixa. – Mas reservei-lhe a primeira, senhor governador, na esperança que me convidasse para abrimos o baile. E tive sorte...

Leal sentiu-se empalidecer de raiva mas conseguiu esboçar um gesto de anuência e de agradecimento.

– Muito obrigado – disse.

Afastou-se um pouco para receber mais convidados e disfarçar a fúria que o acometia. Odiava aquele Lapa e Faro, sempre a meter-se por onde não devia. Era óbvio que fora ele que lhe oferecera o ramo de flores.

Pouco depois a orquestra fez ouvir os primeiros acordes e o baile começou. Leal conduziu Benedita numa valsa inaugural. Ela sorria, sabendo-se admirada por todos os homens e invejada por todas as mulheres. Ele, rígido, ainda ia açaimando o seu mal-estar em sorrisos formais e tensos.

Finda a valsa, o governador separou-se de Benedita com uma vénia agradecida e, carregado de ressentimento, foi falar com alguns homens dispersos pelas salas. De tempos a tempos, dançava com alguma mulher, para esconder a frustração, mas nos intervalos não conseguia fingir que não a via a vogar nos braços dos outros. E sentia as entranhas revolverem-se num ciúme ácido e agreste. Doía-lhe o coração quando via o Lapa e Faro enlaçar a cintura fina de Benedita e imaginava com volúpia o calor que ela emanava enquanto rodopiava. E aquele médico imbecil ali estava a rir-se de si e a gozar um prazer imenso e o lugar que lhe usurpara.

Benedita dançou quase sem interrupção, distribuindo em seu redor uma alegria contagiante. Às vezes lembrava-se de Kpengla e a sua alegria toldava-se. Mas a música e as mil solicitações depressa a arrancavam desses pensamentos sombrios. Depois pensava em Peter e na deliciosa surpresa daquele ramo de flores silvestres. Onde diabo as teria ele colhido? Aquele homem continuava a surpreendê-la e a encantá-la. Fazia o que queria do seu pobre coração, que continuava a acreditar, indiferente às frustrações.

No bilhetezinho que acompanhava o ramo de flores, escrito com lápis de bico rombo, Peter prometia chegar antes de anoitecer, e todavia a noite já se cerrara e já dançavam há duas horas e ele ainda não dera sinal de si. Às vezes Benedita fechava os olhos e via-o a entrar na sala, a vir ter consigo e a falar-lhe ao ouvido, fazendo-lhe uma carinhosa festa nas costas. Tinha pena de que ele não a visse aperaltada para o baile, que não fosse ele a viver com ela as sedas, os decotes, os brilhos. Era a ele que gostaria de deslumbrar e de dar prazer nessas ocasiões, e não podia porque ele nunca estava...

Numa volta da valsa, levada por Lapa e Faro, viu a expressão parada com que o governador os olhava. Um pouco afastado Bernardino olhava-a igualmente. Trazia um completíssimo uniforme azul-ferrete da Companhia de Voluntários, com dragonas e barretina de penacho

encarnado, e ela tinha a certeza de que ele se vestira assim para a impressionar. Sabia que era disputada por aqueles dois homens e pelo que a conduzia na valsa, e sentia-se renascer, resplandecente, no meio daquele salão, reflectida nos olhos dos admiradores. Se todos os dias fossem assim talvez pudesse prescindir de Peter. Como seria bom poder esquecê-lo, deixar de sentir aquela ferida dentro do peito de cada vez que ele se ausentava! No fundo de si sabia que nunca se libertaria daquela paixão que a consumia, que a fazia amá-lo e odiá-lo, recriminá-lo e desculpá-lo, mas era bom sonhar que conseguiria viver tranquila dispensando aquele tumulto interior, gerindo com habilidade e inteligência as paixões que ela própria suscitava.

Pouco depois das onze horas principiou o fogo-de-artifício e as pessoas acorreram às janelas ou, lá fora, ao terreiro, para verem melhor. Ao som de grandes estampidos, as luzes rutilantes espalharam-se pela escuridão do céu. Ali era uma poalha de esferas azuladas. Mais acima, um repuxo de fitas verdes que crepitavam com um estranho assobio. No próprio terreiro tinha-se armado uma grande estrela com uma coroa real, à qual se pôs o fogo. No acto de arder a estrela irradiou uma luz amarela tão forte e viva que iluminou subitamente todo o largo, reflectindo o espanto nos semblantes das pessoas.

Foi nessa altura que Peter apareceu. Vinha com um chapéu castanho de grandes abas. Assim que o viu, Benedita correu para ele, esquecida das mágoas e das razões de queixa, esquecida também de que estava em público. Atirou-lhe os braços ao pescoço e beijou-o apaixonadamente na boca.

À meia-noite serviram-se bolinhos e chocolate quente no átrio do palácio e depois disso dançaram-se as últimas contradanças com trinta pares. Peter pulou de alegria, como se estivesse a dançar numa tribo gentílica. E ao vê-lo saltar e rodopiar à sua frente, batendo palmas e sapateando com ritmo, ela achou-o o homem mais garboso e galante do universo e teve orgulho em ser sua e que todos vissem que o era.

O dia seguinte amanheceu radioso mas a tarde pôs-se enevoad e húmida. De vez em quando caía uma chuva miudinha que ia encharcando os ossos e amolecendo o chão, mas nada que impedisse a continuação dos festejos.

A manhã fora ocupada com fogo-de-artifício e em tal quantidade que até parecia que em Moçâmedes os foguetes nunca se esgotavam. Devia-se aquele luxo ao Sr. John Osmond, que viera da Cidade do Cabo com os seus imponentes bigodes britânicos e a sua proficiência pirotécnica, a

custas de Benedita, naturalmente. Findo o fogo fora a vez da ascensão do balão aerostático. Enquanto quatro ou cinco corajosos, como Benedita e Bernardino, passeavam nos ares e se extasiavam com as vistas, os outros, mais cautelosos, entretinham-se em terra a ver as danças populares que corriam de rua em rua ao som das braguesas e concertinas, dos ferrinhos e tambores, numa disputa de viras, corridinhos e chulas.

A tarde foi reservada aos muito aguardados jogos de força e destreza. Havia um pouco de tudo. Junto à praia jogava-se ao pau. Na ponta do Noronha, junto à fortaleza, praticava-se tiro ao alvo. Na vila, numa mesa em frente da taberna, fazia-se braço-de-ferro e o taberneiro ainda não encontrara quem o vencesse. Noutras mesas jogava-se às damas e havia também quem se dedicasse ao jogo da malha, às corridas de sacos e ao arremesso de pesos. No terreiro da escola os bois marravam uns com os outros, à moda das terras do Barroso. E havia, claro, as famosas cavalhadas, onde o próprio governador participava na sua montada. Tinham-se mandado vir outros cavalos de Benguela para competirem com ele porque as cavalhadas disputavam-se dois a dois. Os cavaleiros partiam do terreiro do palácio, galopavam até à vila e voltavam. Frente ao palácio, no topo de um poste, tinham-se colocado várias argolinhas e ganhava a corrida quem conseguisse desprender primeiro uma dessas argolinhas para a oferecer a alguma pessoa de respeito ou de sua particular estima e afeição. Quem perdesse era eliminado e assim sucessivamente até que se chegasse ao confronto final entre os dois melhores cavaleiros.

Ninguém estranhou que o governador fosse um deles pois Fernando Leal era um cavaleiro exímio. Superou sem grande dificuldade todos os rivais que lhe tinham aparecido pela frente – incluindo Peter von Sternberg – e chegou à final pronto a vencê-la. Mas, para surpresa de todos os que assistiam às provas, e que não se cansavam de incitar e vitoriar os concorrentes, o seu opositor iria ser o médico Lapa e Faro, que com muita dificuldade passara todas as provas e acabava de eliminar o último opositor que lhe tinha cabido em sorte.

E, como sempre, dirigiu o seu cavalo até ao local onde Benedita se encontrava e, erguendo-se nos estribos, entregou-lhe mais uma argolinha. Ela agarrou-a e juntou-a às outras que já recebera do médico e do governador Leal. Mas, enquanto agradecia com um doce sorriso e uma ligeira inclinação de cabeça, comentou para que todos ouvissem:

– Senhor doutor, vão pensar que sou a única mulher nesta colónia...

Lapa e Faro nada disse e virando o cavalo foi emparelhá-lo com o de Leal, junto ao poste. O terreiro estava cheio de gente. As pessoas de posição agrupavam-se numa espécie de palanque. Outras espalhavam-se pela orla do terreiro ou distribuíam-se ao longo da descida para a vila. O palácio tinha sido posto à disposição dos que quisessem usá-lo e os que gostavam de ver o espectáculo do alto e de longe debruçavam-se nas janelas do primeiro andar.

Houve um pequeno intervalo para que os cavalos descansassem e a expectativa se adensasse. Quando o major Garcia deu o sinal de partida, deixando cair o lenço que segurava na mão, os dois cavaleiros esporearam as montadas mas Leal fê-lo com tantã força que o seu cavalo se empinou, quase o atirando ao chão. Quando conseguiu acalmá-lo e, finalmente, partir, já Lapa e Faro ganhara algum avanço e encetava a descida para Moçâmedes. Mas nada estava perdido. O cavalo do governador corria como uma seta, com as crinas ao vento e o arfar sincopado ao ritmo do bafo que lhe saía das ventas para a humidade do ar. Na Rua da Praia alcançou o outro cavalo e estava a passá-lo por fora ao contornar a estaca cravada no chão, para voltar para trás. Contudo, Lapa e Faro ia demasiado depressa para curvar e o governador Leal teve de alargar a trajectória para evitar o choque entre os dois. Por infelicidade, o seu cavalo entrou numa parte encharcada e as mãos escorregaram-lhe na lama, fazendo-o cair e arrastando consigo o cavaleiro.

Leal recompôs-se depressa e após ter acalmado o animal saltou de novo para a sela. Mas Lapa e Faro já passara e galopava agora a toda a brida em direcção ao palácio. De tempos a tempos olhava para trás para medir a distância a que vinha o seu adversário. Mal entrou no terreiro sentiu que a vitória não lhe escaparia. Puxando as rédeas com vigor, imobilizou a montada junto ao poste e levantou-se nos estribos, de braço esticado e pingalim na mão direita, esforçando-se por chegar ao topo do mastro. As pessoas em redor incitavam-no, aplaudiam-no e vibravam nervosamente com os seus esforços, vendo que o outro cavaleiro já entrava como uma bala no terreiro. Com calma cirúrgica, o médico conseguiu tirar uma nova argolinha no exacto momento em que o governador chegava junto ao poste, com as calças e o dólman enlameados e o orgulho em pedaços. Fora vencido e ridicularizado perante a população e perante ela.

Um aplauso unânime trovejou nos ares. Lapa e Faro ganhara contra todas as previsões e o seu sorriso não podia ser mais eloquente. Sentia

uma alegria e um orgulho em si mesmo que transbordavam da forma entusiástica com que agitava os braços no ar. Desmontou e deu uma volta triunfal pelo terreiro como um toureiro numa praça de touros. Depois, dirigiu-se para o palanque, com o seu prezado troféu firmemente agarrado na mão. Mas, lembrando-se do que Benedita lhe dissera, hesitou quanto ao destino a dar àquela argola. Estava tão fixado naquela mulher que não lhe ocorreu a possibilidade de a oferecer a uma outra. Nenhum nome lhe lembrava, até porque não queria sugerir interesses que na verdade não existiam. Por isso limitou-se a balbuciar, enquanto olhava em redor, desorientado:

– Que hei-de fazer a esta argola?

Leal, que chegara entretanto ao seu lado, não se conteve e disparou, furioso:

– Guarde-a na algibeira, se quiser.

Lapa e Faro virou-se como se tivesse sido atingido por uma bofetada.

– Que quer V. Ex.^a dizer?

Leal olhou-o com raiva e desdém. Os seus olhos tinham o gume cortante de uma lâmina e as palavras controladas, polidas, saíam-lhe a custo por entre os dentes cerrados, traíndo a vontade de fazer sangue:

– Cuidei que me tinha explicado mas vejo que não o consegui.

O médico ficou sem saber o que dizer. Não era homem de combate nem de reacções rápidas. Sentia a agressividade do outro pronta a rebentar, e isso encheu-o de medo e roubou-lhe toda a alegria da ocasião.

– V. Ex.^a não tem o direito de me falar assim – disse, magoado e acanhado.

– Não tenho? – perguntou Leal. – Não tenho?

E, enquanto lho perguntava, espetava-lhe um dedo no peito e empurrava-o para trás. Lapa e Faro fizera-o cair, enchera-o de lama, humilhara-o, roubara-lhe a vitória. Aquele mesmo homem que lhe disputava as atenções de Benedita estava agora ali sorridente, como que a mofar da sua desdita. De repente os vários agravos concentravam-se todos numa ira única e avassaladora. Apeteceu-lhe humilhar aquela criatura em público, fazê-la rojar-se no pó.

O médico percebeu o que ia na alma do opositor e empalideceu. Via que estava a deixar-se vexar em frente de todos, mas também percebia que o governador o queria forçar a um duelo. A coragem nunca fora o seu forte, e sabia, dentro de si, que não teria o ânimo necessário para se bater. Por isso, encolheu-se ainda mais e tentou contemporizar.

– Se é por causa da queda de V. Ex.^a há pouco, eu tenho muita pena... Não fiz de propósito. São coisas que acontecem.

Mas o governador não estava disposto a mostrar clemência. Percebendo o acanhamento do seu oponente, cresceu para ele e apertou-o ainda mais violentamente.

– V. Ex.^a parece um ovo. Não tem ponta por onde se pegue.

Lapa e Faro olhou-o em silêncio, surpreso, encurralado, apavorado. E Leal prosseguiu as provocações e os insultos em voz alta:

– Até tenho remorsos por atacar quem nem se defende. V. Ex.^a desarma, tal a cordura e o génio inofensivo.

O outro recuava, muito pálido, olhando pelo canto do olho, implorantemente, para as pessoas que assistiam à discussão, no palanque.

– Isto vai tocando a meta do ridículo – foi tudo quanto conseguiu dizer, num tom lamentoso.

Fizera-se um silêncio sepulcral e o afrontamento dos dois homens era audível ou, pelo menos, perceptível em todo o terreiro. As pessoas seguiam perplexas a atitude do governador e ninguém percebia de onde provinha tamanha cólera. Benedita achava o comportamento de Leal verdadeiramente odioso, digno de um brutamontes que adorava o poder, mas não entendia a sua verdadeira natureza nem a sua linguagem. Percebeu que, naquele momento, o governador precisava do sabor cru do confronto e do doce perfume do medo dos outros para se sentir poderoso e vingado.

La a intervir quando Peter se antecipou e saltou para o meio dos dois contendores.

– A corrida acabou, senhor governador, agora é tempo de confraternizar.

Bernardino apareceu também, tal como o major Garcia e outros homens, como se aquele impulso de Peter os tivesse desinibido a todos. Mas Leal ficou indiferente à gente que o rodeava e persistiu na sua:

– Eu fui insultado e exijo uma satisfação – disse.

– Insultado? Insultado fui eu – reclamou Lapa e Faro, sentindo-se subitamente muito mais afoito.

– Cale-se! Exijo uma satisfação.

– O Dr. Lapa e Faro já se explicou, senhor governador – disse Bernardino, contemporizador.

– Não estou satisfeito.

Peter falou de novo e desta vez com acidez:

– O senhor governador podia dar-se por satisfeito se costumasse satisfazer-se.

Leal virou-se então para o alemão e confrontou-o, irritado:

– Que tem V. Ex.^a a ver com este assunto, não me diz?

– Tudo! Estou incomodado com o que vejo! Se V. Ex.^a não sabe perder, se o seu organismo se irrita com os usos da civilidade, então deve abandonar o lugar que ocupa.

Nessa altura estalaram no ar os foguetes que marcavam o encerramento da festa e as pessoas desviaram a sua atenção para o céu e para a praia, de onde estavam a ser lançados, Sem o saber John Osmond viera pôr água numa fervura prestes a transbordar. Mas o fogo-de-artifício que a todos distraíra não tinha dissolvido a animosidade de Leal. O governador não se desviava da sua senda. Não permitiria que o alemão lhe falasse naquele tom e tê-lo-ia esbofeteado e desafiado para um duelo se Benedita, descida do palanque, não tivesse vindo apaziguá-lo. Com grande paciência, persuasão e sedução, fez-lhe ver que era uma pena que as festas em honra de Sua Majestade acabassem em confronto, pediu-lhe que se acalmasse e que perdoasse ao Dr. Lapa e Faro, que não tivera intenção de o ofender. Muito instado Leal acabou por aceder.

Os foguetes continuavam a riscar os céus quando ele se despediu dela e de Bernardino. Dirigiu-se para o seu cavalo e, tirando com um gesto brusco as rédeas da mão do escravo que lho guardava, subiu para a sela. Já em cima do cavalo lançou um olhar ameaçador a Peter. Depois afastou-se num galope curto, irado e desdenhoso.

*

A caçada não correrá bem. À falta de melhor, Peter tinha-se arriscado a levar carregadores mucubais, o que fora um erro – e, nos últimos tempos, ele fazia cada vez mais erros. Os mucubais roubaram-lhe fazendas e desertaram em tão grande número que tinha sido necessário concluir a expedição muito mais cedo do que previra.

Ultimamente os seus regressos a Moçâmedes faziam-se sempre à luz de uma estranha mistura de saudade e de apreensão. Os últimos meses de convivência com Benedita não tinham sido isentos de agruras e conflitos. De certa forma, tinham sido doces períodos de felicidade e plenitude entrecortados por discussões e zangas. Esse padrão de altos e baixos instalara-se firmemente nas suas vidas porque assentava numa insatisfação de fundo que ela verbalizava repetidamente e que ele não podia – ou não queria – alterar. Benedita desejava-o em permanência

junto a si e ele temia essa proximidade que se assemelhava a uma clausura. Os reencontros eram tórridos, o quotidiano era absorvente – por vezes, demasiado absorvente ou, até, esgotante –, mas as despedidas eram pungentes e quase sempre pintadas em tons recriminatórios. Quando o momento de partir chegava Benedita agarrava-se invariavelmente a ele, onde quer que estivessem, apertava-o, enlaçava-lhe a cintura para melhor o reter, e lamentava amargamente a sua sorte. Fora assim da última vez, no alpendre.

– Não partas já... Eu preciso de ti, amor... Nem sabes a tristeza que sinto quando tu partes... – acrescentara ela.

Peter ficara calado e fizera-lhe umas festas lentas e suaves no cabelo. Depois, arriscara um consolo e uma justificação:

– Eu volto em breve, Benedita. Já sabes que sou um bocado selvagem, e que preciso de ser livre.

Ainda não tinha acabado aquela frase e já o corpo dela se retesava contra o seu.

– A tua sagrada liberdade é que conta, não é? O resto não te interessa.

– Não é isso...

– É isso, sim! Vais e vens a teu gosto e eu estou sempre aqui, à tua espera.

Ele sentira um grande cansaço. Benedita nunca compreenderia a sua forma de amar nem a sua necessidade de alternar a proximidade com a distância. É certo que durante as longas ausências no mato sentia a falta dela, às vezes desejava-a tanto que o peito lhe ardia por dentro, mas quando ela lhe ordenava – ou confinava – a vida, quando ela o pressionava a ficar, ele sentia-se sufocar e ansiava pelos espaços selvagens onde se sentia viver plenamente. Esse ir e vir era o seu prazer.

– Eu sou um caçador, Benedita... Passo tempo fora, como qualquer caçador. Mas volto logo que posso.

Ela apertara-o mais fortemente e escondera a cara no pescoço dele, como se quisesse aninhar-se.

– Nunca me chega, querido, nunca! Fico presa a ti, fico carente de ti. Quanto mais tempo passa mais preciso de estar contigo e mais me custa não te ter.

Benedita chorara, então, e ele consolara-a com beijos, festas e palavras doces:

– Pronto, amor... não chores... Que se passa?

Ela não respondera. Para quê? Era sempre igual... Abanara a cabeça,

desvalorizando as lágrimas, e tentara sorrir. Peter era o amor da sua vida e ela ficava sentida com as forças do universo por não lhe poder chegar completamente. Por fim dissera umas palavras entre soluços:

– Custa-me ter-te tão pouco...

– Eu não demoro, Benedita. Passa num instante... E tu sabes que te amo – garantira ele, como se isso constituísse um lenitivo.

– Mas amas mais a tua caça... Esse é que é o teu verdadeiro amor. Eu sou um complemento.

– Não digas isso...

– Digo... É verdade.

Ele fez um gesto de enfado.

– Sabes, Benedita, eu agradeço à vida o que ela me dá. Mas tu, pelo contrário, reclamas, queres sempre mais.

Ela irritara-se, soltara-lhe a cintura e empurrara-o, afastando-se dele.

– Olha, Peter, o que eu quero nunca muda. Eu quero-te a ti, mas tu nunca estás. Também agradeço o que a vida me dá, mas não é por isso que deixo de reclamar com o que me faz sofrer – afirmara, abrindo muito os olhos. – Esta situação faz-me sofrer. O que é que queres que eu faça? Que minta? Que disfarce e sofra sozinha? Que não te incomode com as minhas mágoas?

Por momentos ficaram anelantes e crispados, olhando um para o outro, desafiando-se mutuamente. Por fim ele encolhera os ombros e falara:

– Pedes-me o que não tenho para te dar. Tenho-te um grande amor, mas não tenho essa disponibilidade total que tu queres... Para isso, eu tinha de destroçar a minha vida tal como ela existe e não sou capaz de o fazer.

Dera-lhe um beijo algo crispado e fugidio, enterrara o chapéu na cabeça e, montando o boi-cavalo, afastara-se. Separavam-se em tensão, como amantes magoados e interrompidos. Que terrível hábito aquele que se instituíra nos últimos tempos e que o fazia partir para o mato com a raiva a roer-lhe o ânimo e com um espinho no coração. Mas, como sempre acontecia, retemperava as forças no escoar dos dias e nos refúgios da savana, e regressava para recomeçar de novo, com o desejo dos primeiros dias. As separações tinham a vantagem de tornar a relação sempre nova e surpreendente, e no caminho de regresso ele entreteve-se a antecipar o reencontro. Queria que Benedita, corada de emoção, se atirasse ao seu pescoço e o arrastasse com pressa para o quarto, onde as suas carícias podiam encontrar livre expressão. Queria que tudo o que

estava perro e retraído entre eles se soltasse e que comesçassem de novo a falar e a rir com vontade. Queria que as horas se passassem naquele misto de excitação e doce torpor em que se deixavam ir, fundidos nos braços um do outro sem darem pela passagem do tempo.

Ainda pensou em passar pela vila mas depois mudou de ideias e dirigiu-se directamente para a Fazenda Triunfo. Conservava a sua casa em Moçâmedes mas ia lá pouco. Por um misterioso paradoxo, não se sentia perfeitamente à vontade em sua casa desde que Benedita partilhava aquele espaço e lhe alterara a decoração e a disposição das coisas. Quando não estava no mato passava a maior parte do tempo em casa dela, onde tinha parte da sua roupa e dos seus objectos pessoais. Não sabia se preferira fazer assim de *motu proprio* ou porque ela o tivesse sugerido.

Quando chegou ao telheiro viu um cavalo escuro amarrado junto ao bebedouro e essa visão fê-lo azedar instantaneamente. Aquele era o cavalo do governador Leal. Tentando dominar a contrariedade, entrou sem ser visto nem fazer barulho, como um caçador experiente que se aproxima furtivamente da sua presa. A risada cristalina de Benedita ressoava pela casa e, seguindo o som, Peter dirigiu-se para a sala de jantar, que se abria, iluminada, ao fundo do corredor. A cadeira onde ela se sentava estava de costas para si e, ao seu lado direito, sentava-se o governador. Cofiava a pêra num gesto sedutor, levemente inclinado para ela, e dizia-lhe coisas que a faziam rir. E tudo aquilo pareceu a Peter aterrorizantemente íntimo.

Sabia que o governador visitava a casa – Benedita falara-lhe nisso. Mas saber e ver eram coisas muito diferentes e encontrar aquele homem ali, sentado à mesa com ela, no lugar que costumava ser o seu, constituía um profundo abalo. E ao vê-la a ela com aquele vestido lilás tão sugestivo e carregado de doces memórias não pôde deixar de pensar que Benedita se tinha arranjado de forma muito atraente para o efeito, o que lhe provocou um abalo ainda maior.

Apeteceu-lhe correr Leal a murro e a pontapé mas conteve-se no limite da agressividade. Não estava em sua casa. No entanto, o golpe era duro e a dor que sentiu foi imensa. Não gostava daquele homem e não gostava que ele rondasse Benedita, fazendo-lhe a corte. Gostava ainda menos que ela se deleitasse com essa corte e que lhe desse esperança. Bastava-lhe ouvir a forma como falavam, a entoação e os risos, para perceber que assim era. Já tinha ouvido aquela forma de falar, demasiado próxima, quase cúmplice, no dia das cavalhadas. Na altura

sentira uma incomodidade qualquer, que dissolvera com umas brincadeiras sobre a questão. Mas depois, com o passar dos dias, a incomodidade não se desvanecera e, sobretudo, não se desvanecera a incomodidade de não terem falado francamente sobre o assunto.

Entrou na sala. Leal, que gesticulava, ficou de braço suspenso no ar e com a surpresa espelhada na expressão ao perceber o desagrado e a ameaça nos olhos do recém-chegado. Seguindo o olhar espantado do governador, Benedita virou-se de repente e, vendo Peter, levantou-se de um salto e atirou-se ao seu pescoço esquecendo o recato e as convenções.

– Vieste cedo, que bom! Tínhamos começado agora mesmo.

Peter, contudo, permaneceu rígido, distante, como se não fosse o mesmo. Disse duas ou três palavras com secura e não correspondeu àquelas efusões. Embaraçada perante o convidado, Benedita refreou-se e chamou a escrava:

– Põe mais um prato na mesa, o senhor chegou.

– Prossigam, por favor – pediu Peter. – Não esperem por minha causa. Eu ainda vou subir para me refrescar... janto depois.

Saiu da sala remoendo o seu ciúme e só regressou passados quinze ou vinte minutos. Benedita e o governador já terminavam o jantar quando ele se sentou no lugar que ela lhe destinara, à sua esquerda e frente a Leal. O ambiente à mesa, dantes distendido e jovial, tornara-se pesado e havia uma tensão palpável entre os dois homens.

Benedita queria saber como tinha sido a caçada mas Peter respondia-lhe apenas por monossílabos, e todas as coxas tentativas do governador para entabular conversa foram infrutíferas. Instalou-se um silêncio perturbador, cortante, apenas interrompido pelo tinir desalentado de copos e talheres. Benedita reparou que Peter bebia mais do que era costume e ficou inquieta. Mal acabou de comer a sobremesa o governador alegou afazeres urgentes e, recusando de forma polida o café e os queijos que lhe ofereciam, retirou-se apressadamente. Benedita regressou à sala depois de o acompanhar à porta e sentou-se frente a Peter, que terminava o estufado de vaca em religioso silêncio. Apesar de permanecer calmo, ela percebia que havia ali um gigantesco ressentimento e sabia perfeitamente porquê. Ainda assim, avançou naquele terreno explosivo porque o silêncio continuado era insuportável.

– Que se passa, Peter? O que é que te incomoda?

Ele nada disse e reencheu o copo de vinho.

– Não achas que já bebeste o suficiente? – perguntou-lhe ela num

tom maternal.

Ele olhou-a de frente e retorquiu com voz metálica e trémula de irritação:

– E tu? Já namoraste o suficiente? Desculpa ter chegado em má altura...

– Que queres dizer?

– Sabes muito bem, não te faças desentendida. O que significa isto? Entro em casa e vejo o governador todo derretido à mesa contigo.

Ela percebeu a dimensão do ciúme dele e isso divertiu-a e enterneceu-a. Quando falou, fê-lo a sorrir e com condescendência:

– Meu querido, tu sabes que de tempos a tempos convido o governador e às vezes até o presidente da Câmara e outras pessoas porque tenho de manter boas relações com todos. Além disso, devo muitos favores ao governador Leal, que me tem ajudado muitíssimo.

– Mas tens de o receber aqui em casa, na minha ausência? Não percebes o que se passa? Não vês a forma como ele te olha?

Benedita teve vontade de dizer que recebia em sua casa quem muito bem entendesse, mas preferiu seguir uma via mais apaziguadora.

– Sabes, ele é muito esperto... Arranja sempre forma de aparecer perto da hora das refeições com um assunto qualquer importante, ou com qualquer favor que acaba de fazer à nossa sociedade, e eu não tenho coragem para não o convidar. E, depois, não faz mal que ele me olhe. Não tem a mínima importância. Mais ninguém consegue chegar perto de mim senão tu... e tu sabes.

Peter sentiu uma enorme irritação. Os elogios à esperteza do rival feriam-no como facas. Mas, num segundo momento, percebeu que não eram verdadeiros elogios mas apenas uma desculpa que Benedita usava para disfarçar a sua própria vaidade. Em lugar de assumir que aceitava aquele assédio de Leal porque assim o queria, e porque isso lhe dava prazer, dizia que o governador era habilidoso e que a obrigara a ceder onde não queria. Era Leal que era admirável e espertíssimo e ela, simples mortal, cedera, como qualquer mortal cederia.

O alemão levantou-se e pôs-se a andar de um lado para o outro, com o copo na mão, como uma fera enjaulada. O seu espírito e as suas emoções agitavam-se em busca de uma aberta por onde pudessem soltar-se.

– Desculpa mas eu não aceito isto – explodiu. – Tu não aguentas a vida que eu tenho e eu não aguento a que tu tens, com pretendentes sempre a rondar-te a porta, a farejar na minha ausência.

Ela inquietou-se.

– Amor, isto não tem importância. Estás a esgravatar sem necessidade. .. Às vezes parece que queres à viva força arranjar pretextos para uma zanga. Estamos bem e tu precisas de estragar tudo.

Ele estacou e virou-se para ela, desafiante.

– Ai eu é que estrago tudo?

– És, sim, és tu. Quero ter um pouco do teu amor e não tenho, ou tenho para a semana, ou para quando puder ser. Em lugar disso temos zangas e discussões. É assim há muitos meses, com uns fantásticos mas escassos oásis pelo meio!

– Ora, deixa-te disso! As minhas limitações são grandes, mas são as que sempre foram.

– Não achas que já era tempo de mudarem?

– Não – atirou-lhe ele, de rajada.

Ela baqueou como se tivesse chocado com uma parede.

– Olha, esta tua resposta é de uma brutalidade e de uma clareza totais. Foi quase como se me tivesses pregado uma bofetada. Sabes, meu querido, por mais que te ame, há uma coisa que tens de perceber. Eu não aceito ser castigada por uma falta qualquer que não cometi. Não aceito castigos, ponto final. Já bastou uma vez.

– Eu não te castigo coisa nenhuma. Mas não quero isto. Não quero que recebas este homem.

Benedita ficou a olhá-lo em silêncio, como se pensasse e procurasse conciliar, mas quando falou foi de uma frieza cortante:

– Não penses que decido o que quer que seja da minha vida em função do que acho que tu queres. Sou demasiado orgulhosa e egoísta para isso. Se eu decidir receber o governador é porque me apetece e me sinto confortável com isso. Não és tu que gostas de dizer que és livre? Eu também sou.

Peter não respondeu de imediato. Sentia-se a vibrar por dentro, numa exaltação de cólera e desespero. Por fim ergueu o queixo e disse com secura:

– Muito bem. Acho que não tenho mais a fazer aqui.

– Tenho pena, mas compreendo...

Mas logo acrescentou:

– Tenho pena... Que estupidez! Que enorme desgosto tu me provocas com esta tua maneira de ser que se ofende por coisas de nada. Adeus, não quero ver-te mais. Sinto-me muito ferida sem necessidade.

Peter pousou o copo na mesa e disse com uma voz glacial:

– Eu não sou um cão para ser escorraçado da tua vista. Amanhã mando buscar as minhas coisas. E vou pedir ao Pinto Basto que venda a minha quota na sociedade.

Depois, rodou sobre os calcanhares, atravessou o corredor e, batendo com a porta, desapareceu na escuridão.

A festa da subida ao trono de D. Pedro V fora memorável pois a comissão formada por Benedita, Bernardino e o governador Leal não tinha poupado esforços nem despesas para celebrar o acontecimento e agradar à população. Ainda assim, apesar do muito que se fizera e gastara, acabara por sobrar algum dinheiro e tornava-se necessário decidir o que fazer com ele e com os vários enfeites que durante dias tinham embelezado a vila. Por isso, tinha-se acordado aquele encontro a meio da manhã no palácio do Governo. A hora talvez fosse um bocado tardia porque Bernardino costumava falar muito e as reuniões com ele alongavam-se, mas Benedita esperava que desta vez as coisas corressem mais depressa pois ainda tinha de passar na confeitaria e durante a tarde esperavam-na vários afazeres na fazenda.

Subiu a escada do palácio e dirigiu-se para o gabinete do governador. Era a divisão mais pequena, com janelas para o terreiro onde a banda ensaiara durante o baile. O outro quarto do primeiro andar ainda estava desocupado e aguardava que os escravos fizessem a mudança das mobílias.

Leal estava sentado à secretária e levantou-se para a receber. Trazia uma expressão de leve interrogação ou apreensão, talvez relacionada com os acontecimentos da noite anterior, que logo se distendeu num sorriso para corresponder ao sorriso dela.

– Bom dia, senhor governador. Estamos só os dois? – perguntou Benedita, olhando em redor e estranhando a ausência de Bernardino.

– O Sr. Figueiredo deve estar a chegar – informou ele. – Esperamos um pouco?

– Pois sim.

Benedita sentou-se na poltrona e ficou a abanar-se – ou a velar-se – com o leque. Trazia um vestido claro que lhe moldava o corpo e Leal lembrou-se da primeira vez que a vira, na fortaleza. Desejava-a desde esse dia e andava como um incapaz a cortejá-la há mais de um ano sem lhe conseguir tocar. Era obra – obra dela, para ser mais exacto.

Quis retomar a conversa onde a deixara para recuperar o intimismo perdido com o aparecimento de Peter.

– Eu espero que o jantar de ontem não tenha causado transtorno –

disse.

– Nenhum, senhor governador, que ideia! Tenho muito prazer em recebê-lo em minha casa.

Falaram do jantar e de outras coisas. Por qualquer razão o diálogo derivou para o Dr. Lapa e Faro. Benedita sabia que aquele assunto não agradava a Leal. Havia ali um evidente ciúme mas ela decidiu prolongar a conversa e espicaçar o sentimento, não apenas por vaidade, mas também por uma estranha necessidade de punir, como se quisesse que Leal sentisse o mesmo que, por sua causa, Peter havia sentido na noite anterior.

– Não gosta muito do nosso médico, pois não, senhor governador?

Leal sentiu-se apanhado em falso, visto à transparência, e ficou sem saber o que dizer. De início pensou em negar o óbvio mas logo depois acabou por reconhecer que de facto não morria de amores pelo personagem.

– Não gosto da forma como ele se aproxima de si.

– O nosso médico? Acha? – duvidou ela com uma risada, simulando surpresa. – Nunca reparei nisso. Mas mesmo que fosse verdade o Dr. Lapa e Faro não teria sorte nenhuma.

Deambulou pelo tema – gostava de falar de si. Disse que o Dr. Lapa e Faro era uma pessoa sem força e sem graça, como poderia ela interessar-se por um homem assim? A verdade, porém, é que lhe ia deixando pistas, pequenos alentos para que ele não desanimasse logo e persistisse no afã de a conquistar. E, ao falar muito indirectamente sobre isso, ia espicaçando o ciúme do governador.

– É certo que às vezes o Dr. Lapa e Faro consegue superar-se... – considerou, pensativa.

E, então, Benedita mostrava-se surpreendida e agradada com um inesperado arrojo, um humor, uma afirmação masculina. Seria possível que, no fim de contas, o Dr. Lapa e Faro pudesse vir a surpreendê-la? Seria imaginável que graças ao seu mérito e esforço conseguisse vir a interessá-la?

Pensava alto e confessava tudo aquilo ao governador, enquanto se abanava com o leque. Era como se estivesse de fora a assistir ao esforço do médico para a seduzir. E deixava que pairasse a incerteza sobre o resultado final desse esforço, como se as coisas não dependessem em última instância da sua própria vontade. Nesse momento Benedita elevava-se acima da sua vida e era apenas uma espectadora de si mesma. Lá em baixo corria uma lebre e vários galgos disparados no seu

encalço, cegos de desejo e de força animal. Nem todos poderiam chegar à lebre mas quem se superasse seria devidamente recompensado.

Leal ouvia-a em silêncio. Os elogios ao rival desagradavam-lhe. Saber que ele a assediava, perceber, por aquela nesga que vinha das confissões dela, o que eram as iniciativas e as manhas do médico incomodava-o e, ao mesmo tempo, desafiava-o, estimulava-o. Mas tentava não pensar em nada disso e focar-se apenas naquele corpo apetecível que estava sentado à sua frente.

Bateram à porta. Era um rapaz com um bilhete para o governador. Quando o rapaz saiu, Leal desdobrou o papel e leu.

– Que pena! – exclamou. – É o Sr. Bernardino Figueiredo a dizer que torceu um pé e não pode vir. Pede que façamos a reunião de toda a maneira. Ele apoiará tudo o que decidirmos.

E então decidiu aproveitar aquele momento a sós com ela e avançar. Levantou-se de novo e fechou a porta, «para não serem incomodados», justificou. Benedita já se erguera também e aproximava-se da secretária para darem início à reunião. Ao passar por ela para regressar ao seu lugar, Leal pegou-lhe na mão.

– Benedita... – disse, tratando-a pela primeira vez pelo nome próprio e forçando a barreira da intimidade. – Eu vivo numa tortura longe de si.

Ela sorriu um sorriso inquieto e tentou soltar a mão.

– Por favor, senhor governador...

– Por favor, Benedita – insurgiu-se ele, com veemência. – Isto já dura há tempo de mais.

Ela assustou-se. Gostava de ser desejada e de provocar o desafio mas não suportava proximidades bruscas daquela natureza. O governador vinha regularmente prestar-lhe as suas homenagens e fazer-lhe a corte. A pretexto de tratar de assuntos que diziam respeito às terras, alongava as visitas com conversas tão variadas e enleantes que às vezes ficava para almoçar ou jantar. Apesar de saber que ela vivia com Peter von Sternberg, Leal não se coibia de lhe fazer avanços quando a ausência do caçador lhe deixava o terreno livre e a ocasião se proporcionava. Uma vez tocara-lhe na mão, que ela retirara, devagar, com uma admoestação.

– Por favor, senhor governador, não me embarace.

Leal obedecera mas não se deixara abater pelo desaire. Tentara mais tarde, de outro modo, um olhar, um galanteio, uma confissão. Escrevera-lhe duas cartas – a que ela não respondeu – aflorando os seus sentimentos amorosos, e ultimamente tinha-a convidado para passeios no interior ou ao longo da costa para fruírem a beleza das paisagens.

Benedita ia conseguindo iludir esses convites, pretextando afazeres, dores de cabeça, incómodos vários e deixando entender que deviam ser cautelosos. Numa terra pequena tudo se sabia e ela não queria que coisas perfeitamente inocentes chegassem distorcidas aos ouvidos de Peter.

Na verdade isso não a preocupava por aí além. Os costumes em África eram outros e aquele assédio de Leal poderia até ser vantajoso se contribuísse para acicatar os brios do alemão, levando-o a aproximar-se de si. Mas não queria o governador demasiado perto, ainda que não quisesse afastá-lo radicalmente. Para além de a cobrir de atenções, Leal tinha sido uma preciosa ajuda para fazer da sua fazenda aquilo que ela actualmente era e ainda lhe podia ser muito útil, adiante. Por isso, Benedita mantinha-o por perto. Nunca concedia o que ele lhe pedia, mas deixava sempre uma promessa a pairar no ar, uma pontinha de esperança a sugerir que num futuro não muito longínquo ele poderia eventualmente vir a contar para si. Eram sucessivos biombos atrás dos quais se ia escondendo e revelando, deixando sempre uma fresta aberta, que o induzia a prosseguir. Aprendera depressa que os homens eram facilmente levados nessa senda de aproximações e esquivas, de certezas e adiamentos, e usava-a com uma habilidade insuperável.

Mas se até então tinha gerido fantasticamente a distância a que o queria a cada momento, agora as rédeas do jogo pareciam escapar-lhe subitamente das mãos. De repente veio-lhe à cabeça tudo o que se dizia a respeito de Leal e percebeu que dentro daquele homem atencioso e educado que por vezes jantava em sua casa podia existir uma fera.

Leal tentou beijá-la. Ela desviou a cara mas o governador agarrou-lhe a cabeça com ambas as mãos e esmagou-lhe violentamente os lábios contra os seus. Empurrando-o com os cotovelos, Benedita desviou-se e tentou dirigir-se para a porta, mas ele agarrou-a, apertou-a de novo contra si.

– Espera, minha querida, não vás... eu não aguento mais.

– Deixe-me, ou eu grito!

Mas Leal estava fora de si. Quando ela procurou fugir virou-a de costas, empurrou-a com rudeza na direcção da secretária, fazendo-a debruçar-se sobre a mesma. Ela tentou erguer-se por duas vezes e escapar, e por duas vezes ele a derrubou de novo. Não queria magoá-la mas não tinha outro remédio.

– Querida... querida, desculpa...

Como Benedita se debatia furiosamente, puxou-lhe as mãos para trás

das costas, imobilizou-a, e depois, com a outra mão, levantou-lhe a saia, baixou-lhe as calças e entrou nela, a fundo. A voz dele soou alterada, com um timbre metálico:

– É assim que queres... À bruta?

Benedita sentiu a dor, a revolta e o enorme vexame. Gemia e gritava sílabas entrecortadas na confusão da luta. Tentou morder a mão que a amordaçava, mas era uma mão dura, bestial, que quase a impedia de respirar, e acabou por se resignar, deixando de oferecer resistência.

E Leal sentiu enorme prazer com isso. As mulheres queriam e não queriam ao mesmo tempo e ele gostava de andar na fronteira entre ambas as coisas, e de sentir quando elas se deixavam passar para o lado de lá e se abandonavam ao seu critério. Gostava de ouvir aquela respiração ofegante, animal, que ela fazia enquanto ele a forçava e lhe tapava a boca.

Queria montar aquela cadela presunçosa, mordê-la com força, dobrá-la à sua vontade e depois queria ir comer-lhe à mão e lambê-la, como se fosse o seu cão.

Quando tudo terminou o governador afastou-se com um misto de satisfação, de repulsa e de temor. Rejubilava e arrependia-se, ao mesmo tempo. Não sabia onde ficar nem como se mover. Benedita endireitou-se devagar e evitou olhá-lo. Ele disse várias coisas que, por entre a confusão de sentimentos que a atravessavam, ela não ouviu ou não conseguiu entender. Compôs o cabelo, alisou a roupa e saiu do gabinete lentamente, sem uma palavra.

A viagem

O governador Leal estava à janela do palácio governamental, de olhar perdido na baía, contemplando não sabia exactamente o quê. Nas últimas semanas aquele tornara-se o seu poiso preferido e a sua principal actividade era perscrutar o vazio.

Não suportava o remorso que lhe roía a alma como um cancro. Não fora a primeira vez que forçara uma mulher, mas, ao contrário de todas as outras que tivera à força, ele gostava de Benedita e doía-lhe terrivelmente o desprezo a que ela o votava. Desde o momento em que ela o afastou da sua presença, recusando-se a vê-lo ou, até, a responder às suas cartas de arrependimento e de amor, ele perdeu o norte e deixou de ser quem era. Bebia continuamente e desleixou as tarefas da governação. Detestava aquela terra e aquelas gentes. Para quê preocupar-se com elas? Desleixou também a sua apresentação. A figura de aspecto irrepreensível que Moçâmedes se habituara a ver em dólmans imaculadamente escovados e sem um vinco deu lugar a um homem sujo, com a barba por fazer e a roupa em desalinho, encardida, manchada de nódoas. Às vezes mal se reconhecia quando se olhava ao espelho. Aliás, evitava ver-se ao espelho. Da última vez que entrevira a cara ensaboada daquele semidesconhecido fitando-o com olhos baços e lâmina de barbear na mão, tivera a fortíssima tentação de lhe cortar a garganta.

Uma mulher chamou o seu nome, do interior do palácio, e ele virou-se lentamente e respondeu com voz desalentada:

– Já vou.

Afastou-se da janela.

José Joaquim Costa, o presidente da Câmara, que entrava no terreiro fronteiro ao palácio nesse preciso momento, respirou de alívio pois tentava reduzir ao mínimo os contactos com Leal. As relações entre ambos nunca haviam sido fáceis mas ultimamente tinham piorado muito, ao ponto de se tornarem impraticáveis. O governador andava

irascível e, quanto menos o visse, melhor. Por isso o velho Costa aproximou-se das paredes do palácio para beneficiar da sua sombra mas andou tão apressadamente quanto as suas pernas lhe permitiam para não se demorar por aquelas inóspitas paragens. Já se esgueirava rente à porta quando, do alto, ouviu uma voz gritar para a sentinela:

– Soldado, tira o chapéu a esse homem.

Costa olhou para cima e viu o governador, que reaparecera a uma das janelas do primeiro andar, lá a protestar mas já a sentinela, invulgarmente lesta, executava a ordem e o velho teve apenas tempo de se encolher quando a ponta acerada da baioneta lhe fez rolar o chapéu no pó do chão. Abriu os braços, indignado, preparando-se para reclamar, mas o governador atalhou caminho, com brutalidade, espetando o dedo indicador em sua direcção.

– Cale-se! É presidente da Câmara e não sabe que deve respeitar este palácio? Não sabe que deve descobrir-se quando passa aqui? Que isto não se repita, ouviu! Senão em vez do chapéu é a sua cabeça.

Costa não respondeu. Apanhou o chapéu do chão, limpou-lhe a sujidade e, olhando em redor, percebeu, com horror, que a cena havia sido testemunhada por umas seis ou sete pessoas, que o olhavam boquiabertas. Em breve aquela história correria por Moçâmedes e ele seria alvo da chacota de todos.

Afastou-se do palácio. Enquanto descia em direcção à vila ia maldizendo a sua sorte e o patife do governador. Sentia-se profundamente humilhado e jurou a si próprio que as coisas não ficariam assim. Odiava o capitão Leal e tinha cada vez mais razões para isso, como, aliás, quase todos os habitantes de Moçâmedes.

A verdade é que aquele governador nunca fora estimado pela população. O melhor que se poderia dizer dele é que tinha sido, desde o início, um homem que provocara sentimentos confusos e contraditórios. As mulheres – incluindo a sua Francisca Alexandrina, que ele bem percebia – apaixonavam-se pela sua beleza sombria, suspiravam quando se sentiam olhadas pelos seus olhos melancólicos de príncipe misterioso, mas temiam os seus comportamentos bruscos e o desbragamento dos seus apetites carnavais. Os homens consideravam-no enérgico e inteligente, corajoso e empreendedor, mas não engraçavam com os seus modos secos e com aquele cenho permanentemente carregado com que encarava tudo e todos.

Mas se o autoritarismo e a dureza do governador não eram novos, nos últimos tempos Leal tornara-se uma pessoa verdadeiramente

intratável, rancorosa, imprevisível, capaz de todos os abusos e de todas as violências. Não havia praticamente dia em que não ocorresse uma nova prepotência sua. Ainda recentemente lançara uma taxa sobre os pescadores, impondo que dessem uma parte do pescado para ser vendido pelo Governo, no mercado, sob pena de apreensão dos barcos. Os protestos foram enormes mas Leal manteve a sua decisão contra ventos e marés. No mesmo dia prendeu um cidadão por dívidas e pôs-lhe um letreiro infamante à porta de casa: «Gil Caetano foi preso por não pagar a quem deve.» Antes disso, no Carnaval, tinha proibido o baile de máscaras no teatro, sem que ninguém percebesse porquê.

Com estas e outras aberrações ia engrossando a longa lista dos seus arbítrios sobre a população civil, apesar dos protestos da Câmara. E as suas violências sobre os militares eram equivalentes, se não mesmo piores. A guarnição da fortaleza não tinha um arrátel de sabão para lavar a sua roupa, nem pinga de azeite para as luzes do quartel. A carestia era enorme e o governador, com a anuência medrosa do major Garcia, tinha começado a descontar nos prés dos soldados e a roubar-lhes no pão. E não era apenas isso que lhes roubava. Na semana anterior tinha sido o enterro do jovem alferes a quem o governador subtraíra a mulher. E, enquanto ela vivia amancebada no palácio, o pobre desgraçado ia definhando e acabou por falecer de uma inchação que em três dias de penoso sofrer o arrancou ao mundo dos vivos. Leal oprimia os seus homens com serviços violentos e castigos rigorosos. Prendeu um cabo por assobiar um hino e mandou chibatar um soldado por ter feito um ferimento com uma navalha de barba num sargento. O castigo foi tão cruel que o homem acabou por morrer no hospital, para desespero de Lapa e Faro, que tudo tentou para o salvar.

Costa estava presente quando o médico se queixou, indignado, ao major Garcia.

– Isto horroriza, senhor major. Matar um homem à chibatada...

Garcia gaguejara, fizera gestos e sons de impotência e tentara desculpar Leal, atenuando a acusação.

– Não esqueça, senhor doutor, que estas tropas têm de ser disciplinadas. Isto não são soldados espartanos, doutor... Isto são esquimós, são hotentotes... homens que só entendem a lei do chicote.

Mas o médico não se deixara convencer.

– Disciplina é uma coisa e isto é outra. Os soldados estão debaixo da chibata de um louco, senhor major. Deus nos valha!

Costa assistira calado àquele diálogo, não quisera revelar a sua

opinião na presença do major Garcia, porque as paredes tinham ouvidos, mas sabia que Lapa e Faro tinha toda a razão. Estavam entregues a um perigoso desregulado que governava do alto da sua torre de marfim, ofendendo e punindo quem se cruzasse no seu caminho. Moçâmedes tinha de se ver livre daquele homem e ele tinha de vingar a sua honra ofendida.

O pretexto para a vingança chegou dias depois, quando Leal mandou deter três colonos vindos da Huíla, acusando-os de levarem uma vida ociosa e obrigando-os a assentar praça na companhia de linha. Essa nova arbitrariedade irritou o povo de Moçâmedes e cinquenta e tal cidadãos, instigados pelo velho Costa, dirigiram-se à Câmara para que esta os coadjuvasse a exigir a soltura dos presos.

– Certamente, meus amigos – anuiu o próprio Costa, previamente concertado com os vereadores. – Vamos mostrar ao senhor governador que não pode fazer tudo o que lhe dá na real gana.

O grupo liderado por Costa dirigiu-se para o palácio governamental. Era um grupo indignado, ruidoso e ameaçador. Havia gente armada com paus e que prometia usar a força e partir tudo. Pediram para ser recebidos, mas o governador fê-los esperar debaixo de um sol abrasador e depois, em lugar de os receber, apareceu ele próprio à porta do palácio, enfrentando a gente que o esperava, no terreiro. Vinha em mangas de camisa, com os suspensórios caídos, a barba por fazer.

– Que me querem? – perguntou, com ar de desafio.

– Liberte os colonos – gritou se do meio do grupo. – Os homens não fizeram nada.

O velho Costa tentou pôr água na fervura. Virou-se para trás e de braços no ar gesticulou energicamente para aquietar as hostes. Depois, falou, dirigindo-se ao governador:

– Informámo-nos, senhor governador. Os homens não são vadios. São três tecelões que já tinham contratado os seus serviços com a fábrica de tecidos que estão montando à saída da vila.

Mas o governador abanou a cabeça em desacordo.

– Não me parece. Interroguei-os e verifiquei que não exercem qualquer mister. São descontentes e preguiçosos que abandonaram a Huíla para levarem vida de calaceiros aqui na vila, e isso eu não permito.

– São todos casados, senhor governador... – alegou o velho Costa. – Não são vadios.

Leal prosseguiu como se não tivesse ouvido:

– Não admito vadios aqui na vila.

Os vereadores insistiam, a gente vociferava. A indignação estava ao rubro apesar dos esforços apaziguadores de Costa, que temia perder o controlo da fúria popular e que as coisas fossem demasiado longe. Mas o governador obstinava-se e afrontou a multidão:

– Silêncio! – gritou. – Chega de conversa.

Quando alguns homens avançaram, ameaçadores, Leal arrancou a arma da mão da sentinela e apontou-a ao peito do velho Costa, bramando:

– Nem mais um passo ou o Costa morre já aqui.

O velho pôs as mãos no ar, assustado, e atrás dele as pessoas pararam, surpreendidas e hesitantes, medindo o pulso à situação. O ruído da contestação deu lugar a um silêncio fundo como aquele que precedia os trovões.

– Vamos, destrocem! – ordenou o governador. – Vão para vossas casas! Este assunto está encerrado.

Houve um momento durante o qual as pessoas estiveram indecisas, mas depois começaram a afastar-se. Costa acompanhou-os, recuando devagar, sob a mira da arma. Atrás de si a turba continuava num estado de grande exaltação, gritando reclamações e ameaças numa balbúrdia de gestos e vozes:

– Não perdes pela demora...

– A gente arranca-te a pele, bandido.

À saída do terreiro Costa decidiu falar-lhes:

– Calma, calma. Nada de violências desnecessárias. Não desanimem, isto não fica assim mas vamos fazer as coisas de outra maneira.

E com promessas e conselhos apaziguou os ânimos. Assim que chegou à vila escreveu para o governador-geral, em Luanda, em nome do povo, pedindo a substituição urgente do governador Leal. Acusava-o de não proteger a agricultura como lhe competia, de ser prepotente e de tratar os brancos como se fossem pretos. Numa decisão posterior, determinou que o governador entregasse imediatamente o Governo a um conselho composto por sete membros. Como era de esperar, Leal não acatou tal determinação e avisou Costa de que o responsabilizaria por qualquer prejuízo que de tal acto pudesse resultar. Mas não ficou por aí e, após um processo sumarássimo que ele próprio dirigiu, suspendeu a Câmara Municipal por dezoito meses.

A guerra estava declarada e desencadeada, com consequências imprevisíveis. Não havia ninguém em Moçâmedes que não se

inquietasse com o rumo dos acontecimentos. Bernardino, sentindo que estava a desmoronar-se o seu mais sólido apoio na colónia – um apoio que tanto trabalho e despesa lhe dera a erguer –, tentou dissuadir Leal da senda de confronto obstinado em que se encontrava:

– Solte os homens, senhor governador – pediu-lhe, encarecidamente.
– Faça-o pelo bem da colónia.

– Não posso, Sr. Figueiredo – resmungou Leal.

– Mas porquê, senhor governador?

Leal fez um gesto de impaciência e explicou, com maus modos, aquilo que lhe parecia mais do que óbvio:

– É preciso dar o exemplo. Se houver mais gente lá na Huíla com vontade de desertar para as amenidades de Moçâmedes, hão-de pensar duas vezes quando souberem que eu os ponho a ferros e os mando assentar praça. Além disso, tenho falta de soldados.

Bernardino arrepiou-se:

– Falta de soldados? Isto é gente casada e com trinta e tal anos, senhor governador! Por este andar temos um exército como o de Artaxerxes, com mulheres, filhos e bagagens.

Mas de nada valia argumentar. Leal já não era o homem inteligente que ele conhecera. Agora não passava de um destroço, embotado pelo álcool e obcecado com a ideia de autoridade. Perdera a razoabilidade e caminhava para o desastre. Prouvesse a Deus que não arrastasse toda a colónia na sua imensa loucura.

O dia escaldava como era habitual àquela hora e teria sido mais sensato ter ficado em casa, abrigado no aconchego fresco das paredes. Quando ia a Benguela Peter ficava sempre em casa do médico local, e muito tinha a agradecer-lhe por isso e por uma amizade que nascera nos tempos da expedição de Ribeiro dos Santos, já lá ia década e meia. Mas às vezes aquela hospitalidade pesava-lhe toneladas. Com o passar dos anos, o médico ficara quase surdo, a conversa tornava-se difícil e o assunto esgotava-se facilmente. Quando isso acontecia, Peter sentia-se aperreado naquela casa tão generosamente aberta para si e tinha imperiosa necessidade de sair.

Talvez tivesse sido a asfixia do excesso de hospitalidade que o empurrou em direcção à baía. Já lá estava há uns quinze minutos a apanhar a brisa marinha e a observar os barcos, numa ociosidade aborrecida, quando alguém chamou o seu nome:

– Sr. Sternberg?

Virou-se, encarou o homem grande que fizera a pergunta e assentiu

com a cabeça.

– O meu nome é António Ferreira e este aqui é o meu parceiro, Eusébio Agatão – disse o homem grande, indicando o seu companheiro.

– O senhor é famoso nestas regiões, Sr. Sternberg.

– Muito obrigado... Em que lhe posso ser útil?

Ferreira teve uma hesitação, como se procurasse as palavras certas, e depois explicou-se:

– Queremos atravessar a África de Benguela a Quelimane, Sr. Sternberg, e fazíamos muita questão que uma pessoa com a sua experiência pudesse juntar-se à nossa expedição.

Peter hesitou. O seu espírito ousado sorria àquela nova aventura, ainda que não lhe desconhecesse os riscos. Quis saber mais.

– E quais são os objectivos da vossa expedição?

– Puramente científicos... Geográficos e científicos – precisou melhor o Ferreira. – Aliás, vai connosco um botânico alemão que trabalha há muitos anos em Angola. O Dr. Welwitsch... Conhece?

Peter confirmou com a cabeça mas apesar disso Ferreira prosseguiu a caracterização:

– É um homem que tem tido a pachorra de percorrer este país por umas poucas de vezes, demorando-se nisto meses, de mochila às costas, a dormir no chão, só para ver se descobre alguma planta nova. Parece impossível o que este homem faz. É um sábio naturalista.

– Um cérebro enciclopédico – reforçou o outro.

Andaram ao longo da baía. Peter pediu mais informações, ouviu explicações, projectos, intenções. O assunto interessava-lhe cada vez mais. Como sucedera antes, em Altona, sentiu que a sua vida estava entupida, bloqueada, e decidiu atirar-se para a frente. E com tanta mais força quanto, no momento presente, todos esses sentimentos escapistas estavam multiplicados por um enorme desgosto de amor.

– Bom, Sr. Ferreira, pode contar comigo.

E, agora, três semanas passadas, ali estava ele a ver toda aquela gente a agrupar-se no terreiro que havia nas traseiras de Lemos & Ca., o melhor armazém de secos e molhados de Benguela, pois era de lá que iam levar o rancho para o mato.

Olhando para a longa fila que ia carregando os volumes e apetrechos, Peter sentiu-se novamente no limiar do desafio e da aventura, e sorriu de satisfação. Nos últimos tempos era raro sorrir. Refugiara-se nas lonjuras de Benguela para lamber as feridas e desoprimir o coração, mas sem grandes resultados práticos. Não via

Benedita havia mais de um mês e no entanto ela estava mais presente do que nunca, transformando a sua existência numa permanente agonia. Por maiores voltas que desse, a vida permanecia fosca e esvaziada sem ela. Muitas eram as vezes em que se arrependia amargamente do que lhe dissera e pensava voltar atrás. Outras vezes sentia uma pulsão enorme para fugir, e fora essa pulsão que o levava até àquela caravana na esperança de que ela o transportasse para bem longe dali, até ao fim do mundo.

Era uma caravana enorme com mais de cento e cinquenta carregadores que, para além da comida, levavam géneros para uso, para oferecer e para comerciar. Os tecidos eram em profusão: 600 peças de bom algodão, outras 100 de riscado de pior qualidade e 120 côvados de flanelas vermelhas e azuis, de que os pretos muito gostavam. Havia 200 kg de contas de vidro, dúzia e meia de guarda-chuvas para presentear os chefes africanos, barricas de pólvora, caixas de armas e de sal, e muitas outras coisas. Era presumível que durante a viagem a comida viesse a ser o maior problema e muitos daqueles produtos e mercadorias serviam de moeda no sertão e seriam quase de certeza para trocar por alimentos. E havia muitas malas de couro. Uma levava espelhos, bacias, caixas para escovas e outros objectos de higiene; outra tinha apetrechos de cozinha; outra um serviço de mesa; a castanho-escura tinha munições, fuzil e pederneiras; outra, ainda, levava uma bem fornecida botica porque iam atravessar zonas reconhecidamente insalubres.

Partiram. Levavam cabras, porcos, burros de carga e capoeiras com galináceos, para alimentação. Havia também três bois, para montar na primeira fase da viagem. Mas os bichos podiam ser uma fonte de problemas por causa das forragens e a intenção era abatê-los mais à frente, para lhes consumir a carne. Ferreira comprara um cão pequeno, que o seguia por toda a parte, e o chefe dos carregadores tinha um papagaio constantemente empoleirado no seu ombro direito, o que lhe dava um insólito ar de pirata africano.

Os carregadores mais novos e mais fortes transportavam volumes de 30 kg à cabeça, que tenderiam depois a tornar-se mais leves à medida que a viagem avançasse. Os mais velhos e experientes levavam os barómetros, relógios, sextantes, aparelhos de mercúrio, compassos e outros instrumentos, arrumados em caixas de 20 kg, no máximo.

As mulheres africanas iam no meio da fila. Seis delas eram prostitutas. Quatro tinham sido trazidas por Ferreira e Agatão para lhes adoçarem a viagem; as outras duas pertenciam ao chefe dos

carregadores, que tencionava obter bons lucros com a venda dos seus serviços. As restantes mulheres viajavam com os seus maridos carregadores e algumas traziam filhos pequenos. Ao contrário de outros europeus, Peter gostava de incluir mulheres nas suas caravanas, não só porque elas alimentavam e cuidavam dos maridos mas também porque ajudavam a perceber o terreno que pisavam. Em África como em qualquer outro sítio as mulheres eram curiosas, tinham grande espírito de observação e eram óptimas para recolher rumores e informação.

Àquela hora da manhã ainda não estava demasiado calor e o povo de Benguela veio às ruas acenar e encorajar os exploradores. Apesar de ser um veterano de muitas partidas Peter sentiu uma exaltação da alma. Os seus colegas iam à frente da coluna, eufóricos, inebriados por aquele momento de fama e embalados na doce ignorância do que os esperava. Ele, que conhecia o terreno e as suas enormes dificuldades, tinha a consciência de que estava a fazer uma coisa heróica. Pouco tempo antes, David Livingstone tinha atravessado a África, chegando a Luanda. Demorara um ano e meio a fazê-lo e estivera várias vezes às portas da morte. O que os dois portugueses se propunham fazer era o trajecto inverso, partindo de Benguela, e Peter não ignorava que os meses ou anos que tinha pela frente seriam o maior desafio que alguma vez enfrentara. Talvez nessa missão que se auto-impunha acabasse por esquecer Benedita. Ou talvez morresse. Havia alturas em que se sentia tomado por uma espécie de fatalismo e em que isso pouco lhe importava.

*

Tudo começou uma meia hora depois do toque de alvorada. A porta do paiol foi arrombada usando as camas de ferro da caserna como aríetes e os insurrectos utilizaram o mesmo método para rebentarem também as portas da arrecadação do armamento. Em poucos minutos o major Garcia e os restantes oficiais foram confinados aos seus alojamentos, e os sargentos ficaram detidos na casa da guarda. Depois, de armas na mão, os sublevados confluíram para a parada e tomaram conta da fortaleza, clamando contra o governador Fernando Leal. Alguns exigiam a sua presença, outros a sua cabeça.

– Venha o governador, venha o governador!

– Morte ao Leal!

Com o vento a favor aqueles gritos desconstruídos ouviam-se na vila e a notícia da sublevação espalhou-se depressa, alarmando os

moradores. Ninguém ignorava que a situação era explosiva. A fortaleza servia de aquartelamento a mais de cem praças de Caçadores 3, um contingente formado na sua grande maioria por condenados que, descontrolados e em revolta, podiam virar Moçâmedes do avesso. Não se sabia ao certo como o motim começara mas dizia-se que era liderado por Diogo Alves, o Pé de Dança, um criminoso deportado para África e reconhecidamente perigoso.

E o perigo cedo se manifestou. Por um estranho entrelaçar de boatos, tão habitual nas situações de revolta, firmara-se entre os revoltosos a convicção de que os colonos se preparavam para os atacar com os seus escravos. Foi quanto bastou para que o Pé de Dança mandasse virar as peças de artilharia para a vila.

A detonação soou no preciso momento em que a delegação da Câmara Municipal chegava ao centro de Moçâmedes. O velho Costa estremeceu de alto a baixo e um dos vereadores, ganhando uma agilidade inesperada, atirou-se para o chão tapando a cabeça com as mãos. Os outros encolheram-se ao ouvir o silvo da bala a rasgar o ar sobre Moçâmedes, indo perder-se algures nas terras ermas. O segundo tiro caiu a uns 40 ou 50 passos da fachada do palácio governamental, destruindo o poste que se usara nas cavalcadas e abrindo uma cratera no terreno.

Esses dois disparos foram o suficiente para lançar o pânico na vila. Muitas pessoas saíram das casas e correram para norte, ao longo da orla costeira, tentando ficar fora do alcance dos canhões. Ninguém pensava em oferecer resistência, até porque todo o armamento de guerra estava em poder dos revoltosos e, por azar, não havia nenhum navio da Armada na baía que pudesse contrabalançar o poder de fogo da fortaleza.

Naquele difícil aperto a Câmara Municipal atabalhoava-se. O vereador que se atirara ao chão já se levantara e sacudia o pó das roupas, olhando atarantado para o desnorte dos restantes. O velho Costa andava de um lado para o outro, de mãos na cabeça e olhar esgazeado.

– Valha-me Deus, valha-me Deus! – exclamava.

Os olhos iluminaram-se-lhe de uma súbita esperança quando viu descer da fortaleza um soldado com uma tosca bandeira branca. O homem aproximou-se em passo rápido e quase triunfal. Trazia uma mensagem para o presidente da Câmara, que a agarrou com a mão trémula e a leu alto aos seus vereadores e à gente que os rodeava:

– Isto foi apenas um aviso. Damos uma hora para nos entregarem o

governador. Se nos atacarem, destruímos Moçâmedes.

Costa dobrou o papel com gestos lentos e desanimados. O soldado já se afastava subindo em direcção à fortaleza e deixando atrás de si uma paralisia medrosa e angustiada.

– E agora? E agora? – perguntava o velho Costa, pálido e aflito, virando-se para os vereadores.

Mas daí não lhe vinha qualquer resposta. Nenhum deles era homem experimentado em coisas de guerra e foi o médico, entretanto chegado, que indicou o melhor caminho a seguir:

– Entregamos-lhes o governador, claro!

– Vamos buscá-lo – gritou alguém, com veemência e alívio na voz.

E, como se fossem accionadas por uma mesma mola, as vinte ou trinta pessoas que se encontravam na rua puseram-se em marcha em direcção ao palácio.

Entravam em passo enérgico na Rua do Alferes quando se depararam com Benedita que, tendo sabido da rebelião na fortaleza, viera com Coitadinho Amigo na carroça e estava alarmada com os tiros de canhão.

– Que se passa, Sr. Costa? – perguntou.

O velho explicou tudo em poucas palavras: a revolta na fortaleza, as exigências dos revoltosos, a decisão de ir buscar o governador ao palácio. Depois entregou-lhe o papel. Ela ainda não acabara de o ler e já declarava, entre o alarme e a indignação:

– Não podem entregar-lhes o governador. Eles matam-no. E depois em que posição fica a Câmara e nós todos quando a notícia se souber em Luanda?

Costa encolheu os ombros de desalento.

– Não temos outro remédio, minha senhora. Se não o fizermos eles arrasam a vila.

Benedita ainda hesitou, como se quisesse ponderar várias hipóteses, mas logo se decidiu, num impulso:

– Talvez não. Eu vou lá. Não façam nada até eu voltar.

E, antes que alguém retorquisse, ordenou a Coitadinho Amigo que a levasse à fortaleza. Enquanto a mula se esmifrava no seu galope perro pela ladeira acima, ela pensava no que diria quando confrontasse a turba ameaçadora dos revoltosos. Por estranho que parecesse, não tinha medo nem estava inquieta. Sentia-se intocável, acima da refrega, como se fosse portadora de um estranho mandato e como se a defesa da vila lhe tivesse insuflado uma dose invulgar de segurança, coragem e sensação de imunidade. Chegada junto da porta de armas apeou-se e

quando, de dentro, lhe perguntaram ao que ia respondeu com voz clara e decidida:

– Quero falar com o chefe da revolta.

Ao fim de escassos minutos abriram-lhe a porta e ela entrou na fortaleza, deixando Coitadinho Amigo para trás. E então uma coisa surpreendente aconteceu: confundidos pela audácia daquela mulher, os amotinados receberam-na com todo o respeito e apresentaram-lhe armas. Ela caminhou, majestosa, até ao centro da parada, como se estivesse habituada a tais honras. Sentia-se num palco de teatro a representar um dos papéis que conhecia bem e deixou-se ir, improvisou, falou-lhes ao sentimento:

– Venho aqui sozinha e desarmada porque sei que nenhum de vós é má pessoa. Percebo a vossa revolta, que é justa, mas venho pedir-vos que pensem melhor. Eu sei que querem o governador...

– Queremos partir-lhe os ossos todos – disse alguém do meio da formatura.

Outras vozes ecoaram vontades semelhantes e a parada ressoou de gritos, juras e ameaças. Ela fez sinal para que se aquietassem e, assim que o ruído amainou, prosseguiu:

– Percebo a raiva que lhe têm. Todos sabemos as violências que tem feito. Mas a boa maneira de o castigar é expulsá-lo daqui em desonra. Esse será o grande castigo para o governador Leal e poupará a nossa querida Moçâmedes. A vila nenhum mal vos fez. Já pensaram nas mulheres e crianças que vivem lá em baixo e que estão apavoradas com estes tiros e estas ameaças? Podiam ser as vossas mulheres e os vossos filhos, já pensaram nisso? Pensem nas vossas mulheres e nos vossos filhos – acrescentou, fazendo uma pequena pausa.

Alguns dos soldados comoveram-se. Outros mexeram-se, sem jeito. Ela observou o efeito que as suas palavras iam tendo naquela audiência e prosseguiu:

– Suspendam os tiros e a vingança. Nós vamos expulsar o governador Leal de Moçâmedes. Vamos expulsá-lo imediatamente. Prometam-me, em troca, que depois de ele partir depõem as armas e entregam o poder ao major Garcia. Estou convencida que não haverá represálias, e dou-vos a minha palavra de honra que, se quiserem castigar-vos, eu falarei a vosso favor e em vossa defesa. Irei até Lisboa se for preciso.

Os soldados entreolharam-se. Pé de Dança e os seus próximos conferenciaram durante um ou dois minutos num dos cantos da parada. Ela percebia pelos gestos que não havia unanimidade. Pé de Dança

parecia mais moderado, os outros mais irados e inflexíveis. Por fim, a posição moderada acabou por prevalecer e os sublevados acederam ao que ela lhes pedia.

De regresso à vila Benedita esclareceu o presidente da Câmara acerca do acordo a que chegara com os insurrectos. Os homens tinham feito um círculo em redor da carroça e bebiam as suas palavras com avidez, num silêncio reverente e religioso. Via-se admiração em muitas caras e foram vários os que a felicitaram pela coragem. Mais aliviado, o velho Costa começou a tomar medidas. Para fazer face à situação de verdadeira emergência pública, criou logo ali, em plena rua, um Governo provisório – a que ele mesmo presidia – e cuja primeira decisão foi a de obrigar o governador Leal a sair imediatamente para Luanda no brigue mercante Maria, surto no porto e expressamente fretado para esse fim.

Mas alguém lembrou que a execução da medida não iria ser fácil. Na ausência dos poderes instituídos, a população que ficara na vila, liderada pelo taberneiro, agitava-se sem cessar e queria fazer justiça pelas próprias mãos. Com a guarnição militar sublevada e entrincheirada na fortaleza não havia forças que pudessem escoltar o governador até ao navio e garantir a sua segurança.

Costa alarmou-se.

– Diabo, não me lembrava dessa...

E, depois, voltou-se para os vereadores em busca de ajuda:

– Temos um problema grave! Como é que levamos o governador ao barco no meio desta contestação? Receio que lhe ponham as mãos e que lhe suceda qualquer coisa.

Lapa e Faro logo decretou:

– Se acontecer é muito bem feito. É o que ele merece.

Mas Costa arrepiou-se, chamou-o à razão:

– Não diga isso, senhor doutor, pela sua saúde. E se acontece alguma coisa que nos embarace a todos? Oiço que já há gente a rondar o palácio e a rogar-lhe pelo sangue, e isso não pode ser.

Então Benedita, que ouvira aquele diálogo, tomou uma nova decisão:

– Eu vou buscá-lo. Ninguém se atreverá a fazer-me nada.

– Eu vou com V. Ex.^a – afirmou Lapa e Faro.

– Não, senhor doutor, agradeço o seu cuidado mas é melhor eu ir sozinha.

Coitadinho Amigo sacudiu as rédeas, a mula avançou e as pessoas afastaram-se precipitadamente para dar passagem à carroça. O animal puxou-a num trote esforçado e em meia dúzia de minutos Benedita

chegava ao palácio, que tinha as portas encerradas para se defender das gentes que já andavam ameaçadoramente nas imediações. Assim que a mula se deteve Benedita pôs-se de pé no banco da carroça e dirigiu-se às pessoas que estavam no terreiro:

– Desçam para Moçâmedes, por favor. Eu venho buscar o governador, que vai para Luanda.

Houve resistência, obstinação, discussões, ameaças, mas a pouco e pouco os recalcitrantes acabaram por ceder e quando se afastaram, relutantes, ela desceu da carroça e bateu à porta. A mulher do alferes morto, que vivia com Leal e que presenciara tudo pela janela, veio abrir. Benedita cumprimentou-a e ordenou-lhe:

– Prepare-lhe uma mala, por favor. Ele vai partir.

Subiu rapidamente as escadas e viu que o governador já a esperava no cimo. Tinha o cabelo desgrenhado, uma estranha palidez e os olhos semi-cerrados, como se tivesse acabado de se levantar. Fez uma mesura, tentou esboçar um sorriso e disse com voz entaramelada pelo vinho:

– Não preciso de fugir.

– Não vai fugir. Vai apenas acompanhar-me até à praia. Não se quer arranjar? Eu espero lá em baixo no átrio.

Leal obedeceu como um autómato. Queria apresentar-se bem, agora que ela estava de novo ao seu lado. Pareceu-lhe que Benedita ainda tinha alguma consideração por ele, de outro modo como explicar a sua presença ali? Passou água pela cara, escovou o cabelo, foi buscar o seu melhor dólman, alisou-o com as mãos e vestiu-o à pressa, para não a fazer esperar. Cerca de cinco minutos depois já descia as escadas num passo inseguro e cambaleante.

Entraram em Moçâmedes. Leal ia em silêncio, sentado no banco da frente entre Benedita e Coitadinho Amigo. De vez em quando olhava para ela mas o olhar não era retribuído. Benedita não desviava os olhos do caminho. Ele sentiu um misto de tristeza e de resignação mas disse a si próprio que o facto não tinha grande importância. Já era um bom começo ser novamente aceite a seu lado.

Assim que viam a carroça aproximar-se as poucas mulheres que estavam na rua refugiavam-se em casa, como se vissem o demónio, e ficavam a espreitar da janela. Moçâmedes retirava-se à passagem do odiado Leal. Em contrapartida, na baía estava uma multidão que não arredava pé. Via-se em todos uma expressão de fúria contida. Havia homens parados, de caras fechadas e em silêncio. Outros cuspiam para o chão. Algumas mulheres corriam ao lado da carroça ameaçando e

insultando o governador. Houve alguém que deu um estrondoso murro nos taipais da carroça, quando ela passou. Mas ninguém se atreveu a ir mais longe, por respeito a Benedita.

Quando chegaram à praia a carroça parou para largar os passageiros. Coitadinho Amigo ia ajudar Leal a descer mas este fez um gesto sobranceiro, dispensando a ajuda, e, ao fazê-lo, vacilou e quase caiu na areia.

– Não me quer dar o seu braço? – perguntou-lhe Benedita.

Ele fez um sorriso reconhecido mas quase imbecil, ainda toldado pelos vapores do álcool, e seguiu ao lado dela até ao escaler. Via-se como um D. Miguel a partir para o exílio, mas um D. Miguel sem mágoa. Pelo contrário, sentia-se quase feliz, honrado por tê-la junto a si e por ter sido, talvez, perdoado. Essa ideia encheu-lhe a alma de uma cálida redenção.

Quando os marinheiros lhe carregaram a mala e o auxiliaram a entrar no pequeno bote, Leal lançou um olhar pastoso e enlevado a Benedita, que desviou os olhos. Tinha feito o seu papel em defesa da vila, agora queria aquele homem definitivamente longe de si. Virou costas ao escaler e dirigiu-se para a carroça. Coitadinho Amigo ajudou-a a subir para o banco e pôs o veículo em movimento. Passando junto a um grupo de pescadores, Benedita ouviu um deles dizer:

– É a nossa Regedora.

Sentiu-se inchar de orgulho. Não sabia quem era a Regedora mas percebeu que se tratava de um elogio e ela sabia que o merecera pois fizera algo extraordinário. Não conseguiu perceber mais do que os pescadores diziam porque a praia inteira explodiu numa vaia gigantesca. A população apupava o governador e expelia-o como quem cospe um corpo estranho. A caminho do brigue, Leal era um homem ainda inconsciente da sua derrota e continuava a afivelar um sorriso incerto.

Na última noite tinha fugido outro carregador, levando consigo duas espingardas e uma caixa de munições. Era o trigésimo negro a desertar. À medida que a loucura de Eusébio Agatão se acentuava e que os pés se queixavam da caminhada sem fim, os homens iam escapando como podiam daquela maldita caravana. Num certo sentido, o primeiro a escapar tinha sido o naturalista alemão que, incompatibilizado com os portugueses, decidira abandonar o projecto, ficando logo em Quilengues.

Já lá iam dez meses desde que tinham partido de Benguela e, pelas informações que conseguira recolher, Peter calculava que estivessem a

meio do caminho, se tanto. Progrediam mais devagar do que tinham previsto. Cada jornada tinha 12 horas de sol, mas numa caravana mal organizada como aquela perdiam-se muitas dessas horas a montar e desmontar o acampamento, e em disputas ociosas a respeito de quem devia levar o quê. Todas as manhãs Eusébio Agatão se desdobrava em gritarias e pancadas porque havia sempre carregadores que se esquivavam ao serviço. E todas as manhãs Peter intervinha para pôr alguma ordem na caravana e apaziguar o seu colega:

– Não perca as estribeiras com eles, Eusébio. Calma, homem, calma... Conserve o sangue-frio!

Mas Agatão era irascível e os atritos acumulavam-se, tal como as demoras, num ciclo vicioso aparentemente inquebrável. Mesmo nas raras vezes em que tudo corria bem e arrancavam logo após a alvorada, nunca conseguiam percorrer a distância fixada para esse dia porque havia sempre inúmeros contratempos. Em África, tudo eram obstáculos de monta pois não existiam caminhos, e mesmo os pequenos rios eram perigosos e demorados a atravessar. Os hábitos dos povos africanos eram outra das razões que lhes entorpeciam constantemente o passo. Todos os chefes locais queriam explorar os exploradores e havia sempre longas discussões sobre o montante a pagar na travessia de cada território. Tudo isso exigia visitas diplomáticas, para troca de presentes, e os pretos não estavam acostumados a pressas. Incapaz de suportar a lentidão do ritmo africano, Agatão preferia adoptar um comportamento espalhafatoso e agressivo. Entrava nas aldeias disparando a espingarda e soprando uma corneta, convencido de que assim apressaria as cerimónias. Pelo contrário, geralmente atrasava-as e a caravana era recebida com desconfiança e hostilidade.

Um dia em que chegavam a uma pequena aldeia ao som de tiros, um feiticeiro acercou-se dele. Trazia saquinhos com vários pós, ossos de cabra, bocados de pele de lagarto, pedaços de madeira. Atirou tudo ao chão, observou o resultado e depois, olhando fixamente para os olhos de Eusébio Agatão, estigmatizou-o:

– Tu não és boa pessoa! Há uma coisa má e misteriosa a teu respeito e não queremos nada teu.

E por muito que Peter tivesse tentado compor as coisas tinha sido impossível obter comida naquela aldeia.

Mas Agatão não aprendia com a experiência e as suas atitudes intempestivas continuavam a semear inimigos pelo caminho. Certa manhã, um jovem de uma aldeia próxima veio ao acampamento. Tendo

visto brancos pela primeira vez na vida apenas no dia anterior, tentou parecer-se com eles para ser afável. Arranjou uma barba postiça, feita com ráfia, veio até à tenda de Agatão e sentou-se. Todos os carregadores se puseram à volta dele e não paravam de rir, mas nada disso o fazia perder a compostura. Só a perdeu quando Agatão saiu da tenda e o espancou violentamente. Nessa tarde o acampamento foi atacado pelos negros e na troca de tiros perderam -se cinco carregadores e uma mulher.

Incidentes como estes repetiam-se com cada vez mais frequência à medida que o tempo passava e que a caravana ia mergulhando mais profundamente no interior. Os mosquitos, as dificuldades e as constantes privações enfraqueciam o corpo e podiam provocar um estado nervoso próximo da loucura. E Eusébio Agatão estava claramente na fronteira da loucura. Reclamava porque estava farto de galinha cozida e de farinha de mandioca; ou porque o sal era amargo; ou, então, porque não tinha roupas; ou por outra razão qualquer. Os seus gestos tornaram-se extravagantes e muitos dos seus actos eram precipitados. Às vezes enchia-se de medos e acelerava a marcha como se estivesse a ser perseguido por algum fantasma.

Assim, sob a direcção de um louco, aquela viagem tornara-se um terrível pesadelo e Peter arrependia-se amargamente de a ter iniciado. Fora – reconhecia-o agora – outro dos seus cada vez mais frequentes erros de avaliação. Detestava Agatão e há muito se teria separado dele e voltado para trás não fora o estado de saúde de António Ferreira, que poucas vezes estivera em condições de contrabalançar os abusos e desequilíbrios do seu colega. O calvário de Ferreira começara após um mês de viagem, logo depois de terem passado por Quilengues. Torturado com horríveis dores de dentes, pedira a Agatão que lhe arrancasse três molares. Infelizmente, o maxilar infectara. Gastaram todo o láudano da botica mas as dores não desapareciam e Ferreira prosseguiu a viagem, meio entontecido e num sofrimento que quase o endoidecia. Comia pouco e o seu estado de fraqueza acentuava-se. Caía quase todos os dias do único boi que ainda restava e tinha as nádegas cheias de escaras por ir constantemente montado.

Agatão já por várias vezes alvittrara que se abandonasse o infeliz Ferreira para não se atrasarem mais, mas Peter recusara-se terminantemente a fazê-lo. Sabia, no entanto, que na sua ausência seria certamente isso que aconteceria. Assim, por um agudo sentido de humanidade e de fidelidade a um homem que mal conhecia, Peter

adiava o seu regresso e continuava a internar-se no coração da África e a afastar-se do amor tão limpidamente forte que deixara em Moçâmedes.

O rumo da sua vida parecia mais e mais absurdo, ainda que paradoxalmente o seu espírito estivesse cada vez mais claro e que soubesse exactamente o que queria fazer. Partira para aquela viagem à procura de um refúgio e de qualquer coisa que o fizesse esquecer Benedita. Caminhara em vão. Ela estava em toda a parte para onde se virava, e desde que se afastara dela nada fazia sentido, desde logo aquela situação em que se encontrava, fugindo dos seus sentimentos em direcção à contracosta. Porque, vendo bem, era isso que no fundo estava a fazer. Algures pelo caminho a mágoa e o rancor que sentira por Benedita tinham-se evaporado à medida que ele ia completando a sua peregrinação interior, e agora via-se a si mesmo com muito mais nitidez. Ao longo daqueles anos em África sempre suspeitara – ou sempre soubera – que andava em busca de qualquer coisa que não sabia explicar nem definir. Às vezes perguntava a si próprio se o seu objectivo não seria a própria acção de procurar. Mas quando encontrou Benedita a dúvida desvaneceu-se e, no abalo do enamoramento, ele teve a certeza de que tinha encontrado o que buscava. E, no entanto, o facto de ter encontrado a mulher que amava assustara-o tremendamente e fizera-o sentir-se exposto e inseguro. Teve necessidade de introduzir moratórias e de estabelecer distâncias naquele amor – teve medo de se entregar.

Uma vez, no Bumbo, o velho soba cego dissera-lhe:

– Tu és como a cobra. Largas a camisa no caminho e desapareces no capim.

Na altura não percebera a frase mas agora percebia-a perfeitamente. E percebia também que o tempo da fuga – o seu tempo de cobra – tinha terminado. Por qualquer razão misteriosa, o sentimento de insegurança passara.

Durante anos a caça fora tudo para si. A caça era sinónimo de liberdade, de incertezas e de perigos e ele gostava de se sentir sozinho no meio de vastas regiões ainda inexploradas, longe dos interesses e das coisas da vida civilizada, contando apenas consigo e com a sua espingarda. Agora estava cansado da caça e do sertão. Tudo aquilo deixara de fazer sentido para si, deixara de ser um prazer e um alívio e tornara-se uma prisão. Por isso estava firmemente decidido a voltar atrás e a reencontrar Benedita. Quisesse Deus que ela tivesse esperado por si e que estivesse disposta a recebê-lo. Explicar-lhe-ia tudo – explicar-se-ia. Pedir-lhe-ia desculpa pelas suas ausências, declarar-lhe-ia

de novo o seu amor, suplicar-lhe-ia que o aceitasse de volta. Poria a espingarda de parte e assentaria ao seu lado, na fazenda.

Era isso que queria fazer e que já teria feito se fosse capaz de virar as costas àquilo tudo e de correr ao encontro dela. Mas, para mal dos seus pecados, não sabia pôr fim àquela viagem. Por isso continuava ali amarrado a uma rígida noção de dever e de cavalheirismo que o impedia de abandonar aquele quase desconhecido à sua sorte. Levaria Antônio Ferreira até um médico – até Quelimane, se fosse preciso –, para ficar de bem com a sua exigente consciência.

Bernardino acordou a meio da noite com suores e terríveis arrepios de frio. Angustiou-se. Estaria com um ataque de febres intermitentes? Até então a sua fazenda havia sido poupada às vagas de doença que afligiam outros locais, mas naquele mês de Janeiro os dias invulgarmente quentes sucediam-se uns aos outros, sem uma brisa que viesse arrefecer a atmosfera, e ele lera, ainda em Pernambuco, que o calor excessivo podia causar inflamações do encéfalo e das suas membranas. Quisesse Deus que a sua maleita fosse coisa leve e passageira.

Infelizmente não era. Na manhã seguinte estava pior e o Dr. Lapa e Faro foi chamado, confirmando o preocupante diagnóstico. Bernardino sofreu, então, os efeitos perniciosos do quinino, o horror da lanceta e o calvário das ventosas e dos clisteres. Durante dias permaneceu deitado sobre uma esteira, delirando e tremendo de frio, sem ter grande consciência do que se passava em seu redor. Escapou, a custo.

Quando emergiu do seu longo torpor a primeira pessoa que viu foi a cozinheira preta. Estava à cabeceira da cama, como se velasse por ele, e tinha uma tigela fumegante na mão. Estranhou aquela insólita presença.

– A Guilhermina? – indagou com voz débil.

A cozinheira deu-lhe a triste notícia, enquanto o fazia beber o caldo de legumes:

– Guilhermina foi no repouso eterno, senhor.

– Como? Quando? – quis saber, sobressaltado.

A cozinheira explicou o melhor que pôde. Bernardino assentiu com a cabeça e sentiu-se incrivelmente triste e só. A companheira daqueles últimos anos sucumbira a uma febre idêntica à sua, que não cedera a nenhum dos socorros da vida civilizada. Partia assim de repente, de um dia para o outro, sem que ele se tivesse preparado minimamente para isso. Perdido na névoa febril do seu delírio não a vira partir nem a confortara nos seus derradeiros momentos. Guilhermina ainda não

arrefecera na mortalha e já lhe fazia uma falta imensa. Fora-se ligando àquela mulher à medida que o seu coração se ia resignando à perda de Benedita. Fora Guilhermina que lhe amparara o ânimo derrotado e que lho reerguera. Não encontraria outra mulher mais dedicada do que ela.

Os dias seguintes custaram a passar. As forças voltaram relativamente depressa mas a alma estava fortemente abalada. Guilhermina fora enterrada no pequeno cemitério por trás do curral e todas as manhãs ele ia até lá em busca de um aconchego à sua saudade. Sem ter dado por isso, afeiçoara-se àquela preta simples e discreta e agora mortificava-se por nunca lhe ter prestado a devida atenção.

Logo que lhe foi possível, correu a Moçâmedes a fim de arranjar uma lápide condigna para pôr na campa. Um nome numa pedra era o mínimo que agora podia fazer por ela, a garantia de que a sua memória não se perderia na espuma do tempo. E foi durante a sua permanência na vila que ouviu dizer que o Nano vinha descendo em direcção à costa e pilhando pelo caminho.

Ficou inquieto. Os povos do Nano habitavam a região que se estendia do Bailundo a Caconda e quase todos os anos faziam incursões de pilhagem de grande dimensão, destinadas a roubar gados e colheitas. Os colonos tinham-se habituado a assistir a essas correrias anuais de longe porque os atacantes não costumavam tocar os pontos onde existiam autoridades portuguesas. Mas as informações que desta vez chegavam a Moçâmedes eram insólitas e mais preocupantes. Falava-se de um contingente imenso de dezenas de milhar de negros e sabia-se que, ao invés do que era costume, a Huíla havia sido atacada e tinham sido mortos sete brancos.

A apreensão era naturalmente grande em Moçâmedes e já se tinha enviado uma mensagem a Luanda, pedindo o apoio urgente de um navio de guerra. Enquanto se aguardava a chegada de reforços, o major Garcia tratava da defesa da colónia mas, com os poucos meios de que dispunha, só pôde destacar uma secção de seis praças para ajudarem a proteger a Fazenda dos Cavaleiros, o ponto mais exposto e afastado da colónia de Moçâmedes. Os homens chegaram com uma peça de artilharia e foram ocupar o fortim da margem esquerda, um pequeno posto avançado, de construção frágil, erguido nas imediações da fazenda e destinado a defender o caminho para Moçâmedes. Esse pequeno contingente militar e o pessoal da sua fazenda eram tudo quanto Bernardino podia opor ao avanço da horda bárbara.

Nesse mesmo dia ao fim da tarde começaram a chegar mucubais que

fugiam do Nano e que vinham com as suas famílias e os seus animais até à fazenda dos brancos em busca de protecção. Bernardino não gostava particularmente daqueles pastores errantes, que já por diversas vezes lhe tinham roubado gados. Todavia, naquele transe aflitivo, decidiu acolhê-los. Poderiam ajudar na defesa e era bom que houvesse entre os pretos a ideia de que a bandeira portuguesa constituía um abrigo para as contingências da violenta vida a que estavam sujeitos no sertão.

Enquanto os pastores se acomodavam com os seus rebanhos na parte sul dos Cavaleiros, entre o engenho e o curral, os escravos continuavam a fortificar os pontos mais desprotegidos da fazenda. Tinha-se deitado mão de tudo o que pudesse servir de muro de protecção. Os carros de bois virados sobre um dos lados constituíam uma boa barreira, tal como os pesados tonéis de aguardente e as sacas cheias com areia do Bero, mas era impossível barricar tudo e ficavam alguns espaços abertos, por onde os negros podiam facilmente penetrar no interior da propriedade.

Bernardino fez deslocar a sua manada para a fazenda de Benedita, onde – assim o esperava – ficaria mais segura, pois tinha consciência da debilidade da sua posição defensiva. Apesar disso não queria descrenças nem desfalecimentos e, nesse fim de tarde, com o sol a apagar-se no horizonte, pôs-se em cima de um dos tonéis que serviam de barreira e fez uma prelecção aos combatentes, para os encorajar:

– Amigos! A salvação das nossas famílias e das nossas vidas depende, abaixo de Deus, da nossa coragem e da nossa firmeza. Nunca o esqueçam. Que ninguém desonre as nossas fileiras.

A pequena força ouviu-o em silêncio reverente e ele, sentindo a gravidade do momento em que um punhado de homens enfrentava a arremetida bárbara do sertão, empolgava-se e ia buscar à história exemplar da pátria as imagens e os incentivos.

– Temos de estar de atalaia e com os morrões acesos sobre o ouvido dos canhões. Era assim que faziam os nossos valentes antepassados que defenderam Diu e Malaca. Tenham confiança! O espírito desses heróis vai estar connosco. Será a nossa salvação.

Quando terminou o seu discurso os homens entreolharam-se mais animados. Depois voltaram aos seus postos e dormiram sobre as armas. Nessa noite o inimigo não apareceu. Mas na manhã seguinte um dos batedores enviados para sondar o terreno regressou com a informação de que o grosso do contingente do Nano estava a poucas léguas de distância. E ao outro dia começou a ouvir-se, ao longe, o ruído dos passos daquela enorme mole humana a aproximar-se da fazenda. Era

como o rosar surdo da terra antes de um terremoto, que depois se converteu num ruído cada vez mais intenso e aterrador. Na fazenda as pessoas agitavam-se, com a tensão e a inquietação bem espelhadas nos rostos. Por fim a gente do Nano apareceu do lado oposto do rio, junto da zona dos arbustos.

Os guerreiros da vanguarda atravessaram o leito seco do Bero e ficaram ali parados durante alguns minutos, em silêncio, como se descansassem ou estudassem o inimigo. A certa altura começou a ouvir-se um ruído semelhante à chuva intensa a martelar o chão. Eram eles que batiam com as zagaia na parte interior dos escudos para intimidarem o inimigo. De tempos a tempos soltavam gritos e cânticos, oscilavam o corpo para a frente e para trás, como se estivessem numa dança ritual, e iam-se aproximando mais e mais da fazenda.

Bernardino sentia um aperto no estômago e a boca tão seca que quase lhe faltava a voz. Apesar disso, quando achou que os atacantes já estavam suficientemente perto, mandou abrir fogo sobre eles. Para sua grande surpresa os negros retiraram, deixando dezenas de homens no chão. Os soldados e os colonos exultaram, atirando as barretinas e os chapéus ao ar e dando gritos de alegria. Mas Bernardino, percebendo que aquele fora um mero estratagema para contar as espingardas dos sediados, conteve os excessos de optimismo.

– Atenção, homens, muita atenção! Eles vão voltar!

E efectivamente voltaram, e desta vez em força, como um enxame de gafanhotos surgido de toda a parte e que tomou o fortim e penetrou facilmente no perímetro da fazenda. Bernardino corria as trincheiras improvisadas para animar os defensores, mas, apesar da excitação do momento e do denodo com que se batia, sabia que era apenas uma questão de tempo até serem vencidos. E se esse tempo se alongava era tão-só porque os atacantes, em lugar de prosseguirem o seu ímpeto inicial, se entretinham a saquear e destruir algumas casas e a aprisionar as pessoas. As mulheres e crianças que, não obstante a ordem que tiveram para se retirarem, se haviam deixado ficar nessas casas foram as primeiras a cair nas suas mãos.

O centro da fazenda convertera-se num palco de horror, com corpos espalhados por todo o lado. O cheiro a pólvora e a sangue impregnava o ar, entrelaçando-se com as queixas e os gritos dos feridos e moribundos. Por fim, os três ou quatro defensores que ainda ofereciam resistência depuseram as armas e foram capturados. Bernardino era um deles. Foi conduzido de mãos na nuca e lança encostada às costas até ao

acampamento do Nano, que ficava quase a uma légua, do lado oposto do rio.

Chegou já a noite descia sobre a planura. Empurraram-no rudemente para dentro de uma cerca onde já estavam vários prisioneiros negros. Alguns estavam feridos e os seus lamentos trespassavam-lhe os ouvidos, mas não havia qualquer meio para lhes dar alívio e ele procurou abstrair-se daquele ambiente dantesco e deitou-se no chão, exausto e angustiado. No meio do combate não percebera exactamente a extensão da devastação na sua fazenda mas receava que fosse grande. Não sabia também por que razão o mantinham vivo mas temia o pior. Apesar de ter o espírito tomado de tantas preocupações foi vencido pelo cansaço e a breve trecho adormeceu.

No dia seguinte acordou estremunhado quando um preto muito magro o sacudiu para lhe distribuir uma papa esbranquiçada feita à base de mandioca. O sol já brilhava, radioso, mas dentro da cerca reinava um pesado silêncio. Os prisioneiros feridos tinham morrido ou desistido de se queixar. Terminou a sua refeição sem apetite. Passado um bocado vieram buscá-lo e levaram-no até uma grande tenda situada no centro do acampamento. Bernardino supôs que fosse a tenda do rei do Nano e não se enganou.

O rei era um homem muito baixo, com uma barriga proeminente. Sentava-se numa cadeira de espaldar e tinha o corpo e os cabelos untados de sebo, o que o tornava muito lúcido. Falava através de um intérprete e Bernardino, tentando esconder o medo que o invadia, deitou mão da sua experiência do sertão para não parecer intimidado.

– Senhor rei – advertiu. – Tenho de voltar à minha casa senão os outros brancos vão notar a minha falta e zangam-se muito.

O rei riu e ignorou a ameaça velada.

– Já viste rei mais poderoso do que eu, branco? – perguntou, inchado de orgulho. – Só o espírito do céu é um bocadinho maior do que eu.

Bernardino não percebia o que se passava, por que razão havia sido atacado e por que motivo estava ali. Lembrou-se do Padre António Vieira e de todos os heróicos missionários que tinham percorrido as terras brutas e pagãs, e o seu exemplo deu-lhe força. O seu instinto dizia-lhe que aquela conversa era um bom sinal e que talvez quisessem mantê-lo vivo. E como era bom fisionomista e já tinha percebido que o rei queria lisonja achou melhor fazer-lhe a vontade.

– Já vi muitos reis deste mundo. Mesmo juntos nunca te igualarão. Tu és senhor da chuva e do vento.

O rei ficou agradado com o que ouviu.

– Senhor branco, quero dar-te de beber.

Voltando-se para trás ordenou qualquer coisa a alguém. Passado pouco tempo trouxeram uma garrafa de vinho português e um caixote para o colono se sentar. Então, o rei pôs o gargalo à boca, bebeu à saúde de Bernardino e depois entregou-lhe a garrafa para que retribuísse o brinde. Bernardino deu um gole apenas, o que provocou a desilusão e o descontentamento do rei.

– Senhor branco, tu bebeste pouco. Achas que o meu vinho não é bom?

Bernardino desculpou-se:

– Senhor rei, não me atrevo a beber mais porque já sinto a cabeça à roda.

O rei riu alvarmente, batendo com as mãos nas coxas e na barriga.

– Senhor branco, não é o vinho que te faz andar a cabeça à roda, é a minha cara que alegra toda a gente que a olha.

O colono riu também por puro mimetismo e superou-se na diplomacia e na lisonja:

– Senhor rei, isso é verdade pois apesar de já me ter acontecido beber grandes quantidades de aguardente nas tabernas dos brancos nunca me tinha sentido tão alegre como neste dia em que pude ver a tua cara.

O rei pareceu contente com a resposta.

– Senhor branco, gosto de ti e vou soltar-te. Não te esqueças de contar tudo o que se passou e tudo o que viste aos outros senhores brancos. Diz-lhes que agora vou regressar a casa, mas na estação seca eu virei até aqui para apanhar as colheitas e os gados que me pertencem, pois sou o senhor de toda a terra. Diz-lhes que não vale a pena oferecerem resistência pois nós somos como o gafanhoto que tudo devora pelo caminho.

Bernardino foi solto pouco tempo depois, já os pretos levantavam o acampamento. Por razões incompreensíveis as gentes do Nano davam a sua incursão por finda e voltavam para trás, levando consigo todos os negros que tinham conseguido capturar. De uma assentada, Bernardino perdia todos os seus escravos.

Correu à Fazenda dos Cavaleiros com a ansiedade de quem antevê um desastre, e quando chegou sentiu um baque no coração. Os pretos tinham destruído as plantações e largado fogo ao engenho, que tanto lhe custara a reconstruir. As arrecadações e oficinas também tinham sido

abrasadas pelas chamas e o interior da sua casa fora completamente pilhado. O piano em que Benedita tocara tantas noites desaparecera.

Bernardino sentiu que a sua vida fora completamente trucidada por um apocalipse. Sentou-se no chão e chorou amargamente a sua sorte. Não era justo o que lhe acontecia. Num espaço de dias tinha perdido tudo aquilo que conquistara e erguera durante anos de planeamento e duro trabalho. Tinha perdido Guilhermina e Vicente – morto durante o combate –, tinha perdido a fazenda e, sobretudo, tinha perdido o ânimo para prosseguir. Desta vez era demasiada destruição para recomeçar tudo de novo. A África – via-o agora com uma limpidez cristalina – era um mundo incompreensível e cruel, onde nada se firmava e nada podia ser dado como adquirido. E entre soluços deu por si a odiar aquela terra bruta e inclemente, e a arrepender-se da loucura que o tinha levado a abandonar Pernambuco para correr atrás de sonhos ingênuos. Como fora possível ter acreditado que lhe bastaria perseverar até ao fim para triunfar?

Já andavam há vários dias sob chuva e num terreno pantanoso, às vezes com água pelo joelho, quando Agatão endoideceu de vez. Ria descontroladamente, dava ordens incompreensíveis e nessa noite gritou durante horas antes de adormecer. Na manhã seguinte recusou-se a partir, preferindo ficar nos braços da sua puta favorita. E, como se toda aquela loucura já não bastasse, dois dias depois foi vítima de um fortíssimo ataque de febres que o converteu num autêntico espectro. Lívido, deitado na padiola, Eusébio Agatão vogava num delírio de arrepios de frio e transpirações profusas do qual emergia de tempos a tempos para gemer ou gritar.

Peter teve de assumir por inteiro o comando da caravana, que estava por essa altura francamente desanimada. As deserções, a doença e os ataques de povos hostis tinham reduzido os efectivos a cerca de metade. Mas as dificuldades não ficavam por aí. Os bens de comércio haviam sido mal calculados ou mal geridos e os panos de algodão já não abundavam. Os mantimentos também começavam a escassear e dependia-se cada vez mais da caça pois os animais domésticos já tinham sido consumidos: O último a ser abatido fora o boi que António Ferreira costumava montar e desde então o pobre português passara a ser transportado numa padiola idêntica à de Agatão.

A sua vida estava por um fio e, quando saíram dos pântanos e entraram numa terra de matos luxuriantes e capim alto, Ferreira morreu. Foi enterrado num cruzamento de caminhos, mesmo ao lado da

picada, pois em África era esse o local onde os grandes caçadores e viajantes deviam ficar para todo o sempre. Peter proferiu umas palavras breves mas sentidas quando o corpo do malogrado português desceu à terra. Lamentava sinceramente a morte daquele homem grande ao qual se ligara por um estranho elo de responsabilidade e solidariedade, mas lamentava igualmente que esse elo o tivesse arrastado muito para lá do que ele queria, até aos confins do continente. E mais lamentava que por amarga ironia das coisas o elo se reproduzisse, como um interminável castigo. Agora que se libertara do seu dever humanitário relativamente a António Ferreira prendera-se a um dever idêntico relativamente a Eusébio Agatão e receava que o seu altruísmo moralista, surdo aos seus verdadeiros desejos e sentimentos, o mantivesse indefinidamente preso àquela caravana.

Mas o acaso veio em seu auxílio. Nessa mesma noite, sob o efeito alucinante da febre e sem que ninguém se apercebesse disso, Agatão fugiu para o mato e foi comido vivo pelas hienas. Peter foi dos primeiros a acordar com os gritos lancinantes do português e ainda correu em seu socorro com um archote na mão e a espingarda na outra, mas já nada havia a fazer.

Aquelas duas mortes consecutivas tiveram um efeito devastador no estado de espírito dos homens. Começou a correr entre eles que aquelas terras estavam amaldiçoadas e um dos carregadores fez constar que um espírito o visitara durante o sono, avisando-o de que deviam voltar imediatamente para Benguela, ou todos morreriam.

Foi o chefe dos carregadores que, com semblante carregado e o seu eterno papagaio no ombro, pôs Peter ao corrente do que se passava.

– Senhor, os homens não querem ir mais. Querem voltar para trás.

– Não pode ser. Agora já estamos perto – disse Peter, convicto de que estariam talvez a três ou quatro meses da costa oriental. – Temos é de acelerar a marcha para chegarmos depressa a Quelimane. Prepara os homens para sairmos daqui a uma hora.

Mas os carregadores estavam irredutíveis. O alarme e o pavor eram gerais e propagavam-se como um incêndio em capim seco. Todos, sem excepção, viam as terras para oriente como um terreno interdito e mortal. Peter sabia que com algumas ameaças e chibatadas poderia forçá-los a prosseguirem o caminho. Mas também sabia que desertariam à primeira oportunidade que tivessem. Então, tomado pela premência de concluir a viagem o mais rapidamente possível para voltar para Benedita, tomou a decisão de partir sozinho em direcção à costa leste.

Sabia que viajando isolado ficava inteiramente à mercê do chefe de cada aldeia onde entrasse, impedido de partir quando quisesse, a menos que esse chefe o autorizasse. Naquelas regiões, e justamente por essa razão, não eram aconselháveis colunas com menos de quarenta homens bem armados. As vozes da experiência e da sensatez insurgiam-se dentro de si contra a loucura que se preparava para fazer e lembravam-lhe o longo e penoso episódio do Daomé, durante o qual ficara meses sujeito aos arbítrios de Guêzu. Mas as vozes da urgência e do desejo falavam mais alto e Peter decidiu atirar-se para a frente, ávido por recuperar o tempo perdido e confiante na sua resistência, experiência e capacidade de persuasão.

Correu à tenda. Enquanto o ar se enchia dos sons confusos de gente a levantar o acampamento e a preparar-se para partir, ele escreveu febrilmente a Benedita: três páginas apaixonadas e muito sentidas, que lhe brotaram num jorro quente. Pedia-lhe que esperasse por si. Ele chegaria em breve para a estreitar nos braços e compensá-la de todos os desencontros passados. Depois, escreveu uma outra carta, mais curta, ao governador de Benguela:

No interior de África, 26 de Fevereiro de 1857
Latitude 17° 30' e longitude 25°, aproximadamente
Senhor,

As inúmeras dificuldades que marcaram esta viagem e a trágica perda dos Srs. António Ferreira e Eusébio Agatão fazem com que seja impossível prosseguir-la. Os carregadores recusam-se terminantemente a continuar e regressam a Benguela. Eu tomo a liberdade de mandar por eles estas linhas, esperando que elas cheguem às mãos de V. Ex.^a ou de qualquer outro representante de Sua Majestade Fidelíssima na província de Angola.

Proseguirei sozinho a viagem de exploração e espero conseguir abrir ainda mais esta estrada de relações com o interior, que, no futuro, poderá vir a ser muito útil ao desenvolvimento da civilização e do comércio.

Rogo a V. Ex.^a que queira ter a bondade de encaminhar a carta inclusa, endereçada à Sr.^a D. Benedita Sepúlveda, proprietária da Fazenda Triunfo, em Moçâmedes. Se for mandada por vias oficiais estou certo de que chegará depressa à sua destinatária.

Como último favor, ainda pedirei a V. Ex.^a que, no caso de esta carta chegar a salvo, o portador receba alguma pequena gratificação pelo seu trabalho, que reembolsarei assim que terminar a viagem.

Sou de V. Ex.^a, com o maior respeito – Peter von Sternberg

Depôs as duas cartas nas mãos do chefe dos carregadores para que as entregasse ao governador assim que chegasse a Benguela. Se tudo corresse bem ele próprio chegaria muito antes dessas missivas, mas em

África nada era certo e mais valia prever todas as eventualidades. De seguida encheu uma mochila com mantimentos e alguns bens de comércio. Escolheu duas boas espingardas com munições suficientes, uma bússola, um mapa, encheu dois cantis com água e atravessou o pequeno rio na jangada que tinham estado a improvisar. Voltou-se para trás. Na outra margem os carregadores africanos tinham parado os preparativos de partida e, virados para ele, perfilados, cantavam canções de despedida. Nas suas vozes tristes, emocionadas, soava a convicção de que não mais veriam aquele estranho caçador branco.

Peter fez um breve aceno de agradecimento e depois afastou-se em passo rápido e sem voltar a olhar para trás. A meio do dia atingiu o sopé de uma montanha, que trepou esforçadamente. O calor do sol caía sobre ele com o seu peso de chumbo, mas foi sempre avançando até chegar ao topo. Queria fugir daquele pesadelo e voltar para casa o mais depressa possível, e o desejo de reencontrar Benedita dava-lhe asas que muito precisas iam ser pois o caminho não era fácil. À sua frente tinha um planalto coberto, até onde a vista alcançava, de arbustos pequenos e árvores baixas e tão próximas umas das outras, numa rede tão cerrada, que custava a avançar. Pelo meio havia espinhos que lhe rasgavam as roupas e a carne e por vezes foi preciso desbastar o mato à catanada.

Demorou oito dias a atravessar aquele planalto e durante esse tempo não viu uma única peça de caça ou qualquer sinal de cultivo. Sobreviveu à custa dos mantimentos que levava, de alguns favos de mel e de um racionamento rigoroso da água dos cantis. Quando saiu daquela estranha floresta sentiu-se como um cavaleiro medieval que passara uma grande provação para expiar as suas faltas e merecer o amor da sua amada, e esse sentimento encheu-lhe a alma de quentes esperanças. Como estaria Benedita agora? Lembrar-se-ia de si? Sofreria por sua causa? A imagem do governador Leal surgiu na sua cabeça, intrometeu-se na sua fantasia e ele sentiu um ódio surdo e uma dolorosa inquietação.

Apressou-se. Deixando a floresta para trás, começou a descer o planalto em direcção à grande povoação que se avistava, no vale, e onde esperava obter comida e preciosas informações. Quando já se encontrava perto da paliçada que a protegia, alguns habitantes vieram a correr rodeá-lo com gritos de júbilo e de admiração. Tocavam-lhe na cara e pareciam intrigados, como se nunca tivessem visto um branco. Peter deixava-se tocar. Andava há tempo suficiente por aquelas lonjuras para saber que estava perante gente pacífica. No passado, nos primeiros

meses de estadia no sertão, tivera dificuldade em distinguir os negros uns dos outros e em perceber a sua índole. Com o tempo e a convivência, aprendera a situar as fisionomias e a distinguir os amigos dos inimigos. Arranjara, até, uma espécie de tipologia que estabelecia paralelos com as aparências europeias e lhe facilitava a memorização. Havia os severos como os juízes, os risonhos como os libertinos, os elegantes como os dandies britânicos. E entre as mulheres descobria as modestas, as frias, as exaltadas, as intriguistas.

Foi a um dandy que Peter se dirigiu:

– Leva-me ao teu chefe.

Ainda que não entendesse a língua, o dandy percebeu os sinais e conduziu-o por um caminho sinuoso, entre paliçadas, até uma grande clareira, no centro da qual se erguia uma cabana circular. Fez-lhe sinal para que aguardasse e entrou na cabana, da qual saiu poucos minutos depois, seguido por um séquito de duas dezenas de mulheres. Logo após vinha um homem jovem e gordo, e as mulheres ajudaram-no a sentar-se num banco baixo, com três palmos de altura, ou pouco mais. Do seu cachimbo soltava-se um cheiro adocicado e Peter percebeu que o homem fumava liamba. Uma das mulheres enchia-lhe o cachimbo constantemente com mais erva, que ele aspirava com deleite. Tinha um ar ausente, como se aquele cachimbo lhe ocupasse não apenas a boca mas também a totalidade do pensamento.

Peter tirou então o chapéu e fez uma reverência, curvando-se acentuadamente e batendo os calcanhares.

– Eu te saúdo, grande rei, e peço-te que aceites esta aguardente – disse, ao mesmo tempo que remexia na mochila em busca da garrafa.

Mas o chefe atirou-se para o chão, apavorado, em altos gritos, e as mulheres formaram de imediato um círculo protector em seu redor. Perplexo com aquela insólita reacção, Peter tentou explicar-se mas ninguém entendia a sua língua. Agarraram-no, tiraram-lhe as espingardas e a mochila, conduziram-no ao longo da paliçada e empurraram-no para dentro de uma cabana, onde ficou só, amaldiçoando a sua sorte. Percebia que estava preso por qualquer crime de lesa-majestade que não entendia, e antevia grandes dificuldades para sair daquela situação.

Ao fim de três dias de detenção que lhe pareceram uma torturante eternidade, conduziram-no novamente à presença do chefe. Desta vez não tinha o cachimbo e havia alguém que percebia português e que lhe explicou que ali nunca tinham visto maneiras como as suas. Eram

maneiras tão estranhas que o chefe pensara que, ao dobrar-se, ele estava a tomar balanço para melhor lhe saltar em cima.

Peter conseguiu esboçar um sorriso e, encarando o rei, falou para o tradutor:

– Diz-lhe que eu não tenho más intenções e que esta é a forma de cumprimentar na terra dos brancos.

– Já disse, mas o chefe Seletu nunca viu gente como tu. Já ouviu falar no grande pai branco que vive com os Macololos, mas nunca o viu. O chefe ainda está desconfiado e pede que não te aproximes dele.

Peter supôs que o grande pai branco fosse David Livingstone e sentiu-se aliviado e vagamente acompanhado no seu isolamento. Mas não se moveu para não causar uma nova avalanche de pavores naquele chefe assustadiço. O negro continuava escondido atrás da sua vintena de mulheres. Assim observava a metade superior daquele branco e de tempos a tempos dava ordem às mulheres para que se afastassem a fim de poder ver a metade inferior. Aquela observação cautelosa durou cerca de meia hora e Peter prestou-se a ela com um sorriso forçado, num esforço desesperado para esconder a sua terrível impaciência. Há um ano teria achado tudo aquilo muito instrutivo e divertido. Aprendera a ajustar-se ao tempo de África e à demora que ele exigia. Sabia que, como europeu, vestido e calçado era obrigado a deixar-se observar onde quer que estivesse. Mas agora que todo o seu pensamento estava focado no regresso a Moçâmedes custava-lhe terrivelmente a conter a ansiedade e a urgência de partir.

O chefe mandou buscar comida. Queria certificar-se de que o branco era capaz de se alimentar como todas as outras pessoas e, vendo-o comer, ganhou confiança e aproximou-se, misturado com as mulheres.

– Ele diz que o teu corpo é estranho e quer ver-te nu, senhor – informou o intérprete.

Peter hesitou. Aquele insólito pedido incomodava-o. Não lhe apetecia ficar ali, desprotegido, à vista de todos, observado e apreciado como se fosse um animal ou um escravo. De repente, e naquele contexto, sentiu um certo acanhamento relativamente à brancura da sua pele. Pareceu-lhe feia, anómala, diferente, e uma potencial fraqueza. Procurou escapar àquela exigência ou, então, atenuá-la. Recusou despir-se em frente das mulheres. O chefe estranhou. Não percebia o motivo pelo qual o branco não queria ser visto pelas mulheres e, na discussão das razões recíprocas, esgotaram-se mais duas horas porque o negro quis ouvir a opinião de velhos conselheiros. Consentiu, depois disso, em prescindir

das mulheres e mandou que se retirassem. O alemão despiu-se, então, no centro da clareira e o chefe, vindo a medo até junto dele, tocou-lhe os braços e as pernas e exprimiu a sua surpresa em frases que o intérprete traduziu:

– Tu és verdadeiramente um homem, mas muito feio... E tão branco como o demónio.

Peter riu e, mais aliviado, o chefe Seletu dispôs-se a dar todas as informações que ele lhe pedia. Estavam perto de um grande rio que corria para muito longe. O alemão calculou que fosse o Zambeze e essa notícia alegrou-o pois apesar de saber que o rio não era inteiramente navegável podia, ainda assim, acelerar muitíssimo o seu acesso à costa. Explicou ao chefe qual o seu desejo e a sua meta e o negro muito generosamente pôs uma dezena de guerreiros à sua disposição, bem como várias presas de elefante que serviriam para vender durante o caminho e custear a viagem. À despedida, Seletu deu-lhe o cachimbo de liamba a fumar, posto o que juraram amizade eterna.

Peter partiu pleno de entusiasmo à frente da coluna e ao fim de duas horas de marcha encontrou finalmente o Zambeze. O rio emergia lá longe, a noroeste, despenhando-se numa enorme cascata muito branca, de espuma, força e ruído. Depois corria furiosamente entre gargantas de rocha escura até se espriar na planície, bem à frente dos seus olhos. Uma parte das águas alongava-se preguiçosamente em busca do caminho para a foz; outra parte vinha adormecer ali, junto a si, naquela lagoa ou enseada.

O calor era intenso, o ar estava abafado e aperreado pelo céu cinzento num prenúncio de trovoadas, e Peter sentiu uma súbita e incontável vontade de se molhar, como se aquele rio fosse um Ganges sagrado e purificador. Enquanto os pretos preparavam a grande canoa que tinham trazido, descalçou rapidamente as botas e mergulhou ainda vestido nas águas. Quando emergiu viu que os pretos o chamavam da margem em alta gritaria. Assim que saiu do rio agarraram-no numa grande aflição e gritaram com ele, com os olhos muito abertos, como se estivessem a ralhar-lhe. Deram-lhe as botas para que as calçasse e surpreendentemente indicaram-lhe o caminho de volta à aldeia.

O alemão olhou-os, incrédulo. Insurgiu-se, apontou a direcção contrária, gritou e lutou em puro desespero, procurou fugir. Mas foi tudo em vão. Os guerreiros cercaram-no e entre gritos e empurrões não lhe deixaram outra escolha senão a obediência.

Caminhou até à aldeia com a morte na alma. Aquele novo mal-

entendido fazia voltar tudo ao ponto de partida e implicaria novos e exasperantes atrasos. Ouviu a povoação antes de a ver. Preparava-se uma festa e havia um som de batuques à distância. Aprendera a gostar daquele som desde a sua primeira noite em Ambaca, muitos anos antes, e habituara-se a reconhecer nele o sinal da hospitalidade e ingenuidade da África. Agora, porém, o som chegava-lhe de uma outra forma e era opressivo e odioso. Alguma coisa de errado se passava consigo porque já não entendia os africanos nem era aparentemente compreendido por eles. Seria possível que a sintonia em que assentara a sua existência em África se tivesse perdido?

Assim que chegou à povoação foi rodeado por uma multidão ruidosa e curiosa e novamente levado à presença do chefe. Seletu reemergiu da cabana, rodeado pelas suas mulheres. Um dos guerreiros negros narrou-lhe os acontecimentos com gestos largos e mímica vivaz e o chefe escutou em silêncio. Por fim fez-se ouvir através do tradutor:

– O chefe Seletu pergunta se estás farto da vida?

Peter surpreendeu-se com a pergunta e hesitou na resposta.

– Diz ao chefe que não percebo.

A explicação veio logo de seguida:

– O rio onde mergulhaste tem muitos jacarés. Os guerreiros dizem que até é perigoso meter a mão na água.

Peter encolheu os ombros, tentando desvalorizar o assunto.

– Não sabia.

– Os guerreiros dizem que queres matar-te. Dizem que vais tentar encontrar a morte de outras maneiras. Não querem ir contigo.

– Os guerreiros estão enganados, não quero morrer... Mas eu posso ir sozinho, não preciso de companhia. Cheguei aqui sozinho e posso partir do mesmo modo.

– Mas se tu morreres vão dizer que a culpa é nossa, que fomos nós que te matámos.

Peter ficou apreensivo. Não estava a gostar do rumo das coisas. A vocação hospitaleira e protectora da África, que dantes tanto o encantara, ameaçava-o agora. Sabia como as aparências eram importantes para os africanos, percebeu o dilema de Seletu e tentou desarmá-lo ou contorná-lo.

– Não, Seletu, ninguém dirá uma coisa dessas. Além disso eu não quero morrer. Quero apenas viajar.

O chefe ficou pensativo e depois decretou:

– Seletu vai pensar. Logo à noite é a grande lua e a festa de Adja.

Seletu quer ouvir o que o grande espírito tem a dizer sobre tudo isto.

De seguida virou costas e regressou à sua cabana. Peter foi de novo conduzido ao longo da paliçada até ao local onde já estivera preso e caiu num enorme desespero. Sentiu também raiva de si próprio. Aquela sucessão de erros e de enganos não era desculpável num homem com tantos anos de experiência de África. Tudo aquilo lhe parecia irreal, incompreensível, como se as suas capacidades e aptidões estivessem a esvair-se e como se os eixos da sua vida lhe tivessem escapado da mão e andassem soltos, rodando ao sabor da sorte e das circunstâncias.

Tentou lutar contra o horrível medo que começava a invadi-lo. Era preciso não desesperar e manter a fé. Haveria de reganhar a confiança de Seletu, mostrar-lhe-ia que não enlouquecera. E, se isso falhasse, fugiria. Já conhecia o caminho até ao rio e só havia que esperar a oportunidade certa para escapar. Ou talvez David Livingstone – se fosse ele o grande pai branco – passasse por ali e o ajudasse a desfazer aquela horrível confusão. Pediria ao intérprete que informasse Livingstone de que havia um outro branco em dificuldades naquela povoação. Se tivesse oportunidade, escrever-lhe-ia uma carta. As ideias cruzavam-se rapidamente no seu cérebro em busca de uma saída para a situação asfixiante em que se encontrava. Seria possível que tivesse andado de fuga em fuga, a preservar tão ciosamente a sua independência e liberdade de movimentos, para se deixar encurralar assim, como um estúpido, num obscuro canto do interior da África?

De repente viu perante os seus olhos uma praça de Ajudá e a figura triste de Félix de Sousa. Olhava-o com uma expressão desanimada, consultando o relógio de bolso, e ele não conseguiu evitar um longo arrepio de pavor.

Quando a noite caiu trouxeram-lhe milho e leite. Lá fora o batuque prosseguia e algumas mulheres cantavam à desgarrada. Parecia haver uma alegria esfuziante, mas ele comeu num silêncio desolado, como se aquela fosse a última refeição de um condenado. Um pouco depois, o intérprete e duas mulheres entraram na cabana. Uma delas trazia na mão uma tigela e dois pauzinhos.

– Tens de despir a camisa. Vão-te preparar para veres Adja – informou o homem.

Peter obedeceu e deixou que lhe pintassem o peito e as costas com riscos de tinta encarnada. Quando terminaram de lhe decorar o tronco, as mulheres retiraram-se e o intérprete levou-o até à cabana do feiticeiro, que ficava num pequeno outeiro, já fora da paliçada. Estava

uma noite de lua cheia e via-se, junto à cabana, um grande número de negros de crânios rapados e corpos cobertos de tatuagens brancas, sentados em círculos concêntricos de roda de uma grande fogueira. Passavam de mão em mão cachimbos, cujo fumo inalavam com expressões beatíficas. Peter percebeu, pelo cheiro adocicado e desagradável, que fumavam liamba. Alguns espirravam e davam gritinhos agudos e desconexos. Outros tossiam. Outros, ainda, uivavam e faziam discursos exaltados. Os que já estavam completamente drogados cantavam, com os braços erguidos, mãos abertas e dedos afastados, como se pedissem clemência aos Céus. Balançavam-se para trás e para a frente, e os seus olhos fixos e vidrados vagueavam algures na lonjura.

Ao olhar aquela multidão ondulante envolta numa nuvem amarelo-acinzentada, Peter pensou no Inferno. Surpreendentemente, isso não o incomodou. O intérprete conduziu-o até à fila da frente e os negros comprimiram-se mais, abrindo espaço para que ambos se sentassem. O alemão encaixou-se naquela mole humana como se sempre tivesse sido aquele o seu lugar. Logo de seguida o cachimbo chegou-lhe às mãos e fumou, e voltou a fumar, e mais e mais, sempre que a circulação do cachimbo o trazia até si. De início, o fumo provocou-lhe uma forte náusea. Depois, a náusea passou e ele sentiu-se a vogar arrastado pelo som de gritos, tambores, guizos e rocas.

Fixou o olhar no feiticeiro, um homem pequeno que se sentava de pernas cruzadas à porta da cabana. Ao seu lado viam-se cabras, galinhas e um monte de oferendas destinadas ao espírito. A certa altura da noite – Peter já perdera a noção do tempo –, o feiticeiro ergueu-se e em gestos inclementes e certos imolou uma cabra. Recolheu o sangue do animal numa bacia e seguidamente aspergiu com ele a cobertura da cubata. E ao ver aquela cerimónia Peter sentiu um entusiasmo selvagem, um inebriamento de sangue e violência, de que gostou. Disse coisas em alemão e cantou músicas heróicas, marciais, da sua juventude.

Enquanto cantava reparou numa mulher deitada na terra, junto à cabana. Mexeu-se quando o feiticeiro passou por ela e, depois, ergueu-se de repente como se tivesse sido atingida por um raio e gritou a plenos pulmões:

– Áminse é bá!

Deitou-se de novo de barriga para o ar, abriu as pernas flectidas como se fosse parir um filho, começou a contorcer-se e a gritar:

– Áminse é bá! Áminse é bá!¹

Os pretos em redor da fogueira ecoavam o seu grito:

– Ébá! Ébá!²

Peter gritou também. Sentia-se a fazer parte daquela liturgia, ainda que desconhecesse completamente o significado do que gritava.

Então Adja chegou. A terra tremeu. O alemão ouviu um ruído semelhante ao de um ganso selvagem a passar sobre a sua cabeça e, ainda que não o visse, percebeu que o espírito entrara na cabana. Os negros, sentados em redor da fogueira, puseram a cara no chão e saudaram a chegada de Adja batendo palmas suavemente.

Disseram-se palavras. O espírito tinha uma voz grave que vinha do interior da cabana e dirigia-se ao feiticeiro. O pequeno homem levantou-se e pôs muito respeitosamente uma garrafa de aguardente à porta da cubata. De lá veio, muito ao fundo, o glu-glu do líquido a correr pelo gargalo e depois a garrafa foi devolvida, vazia, acompanhada de uma recomendação de Adja. Seguidamente houve muitas outras recomendações.

Peter seguia tudo num misto de sono e de espanto. A dado passo o intérprete que estava a seu lado tocou-lhe no braço e disse-lhe:

– Adja falou de ti. Quer que fiques aqui com os homens pretos até que o grande pai branco decida o que fazer contigo.

Peter assentiu com a cabeça, como se concordasse. Naquele momento, tanto se lhe dava.

¹ Vem até nós! Vem até nós!

² Vem! Vem!

Epílogo

Benedita acordou cedo mas deixou-se ficar na cama a fruir o prazer do seu calor e do toque acetinado dos lençóis. Como habitualmente, pensou nele e na falta que o seu corpo lhe fazia, ali junto ao seu. Depois, ouvindo ruídos lá fora, levantou-se e abriu a janela de par em par para deixar entrar o dia. A fazenda despertava para uma nova jornada de trabalho e um grupo de escravas já se encaminhava para os algodoeiros. Levavam grandes cestos à cabeça, daqueles que carregavam uma arroba de casulos, e cantarolavam modas alegres. Era a rotina da apanha do algodão que chegava com a regularidade das estações, instalando-se no quotidiano da fazenda assim que os campos começavam a florir e a embranquecer.

Alguns escravos cruzavam o terreiro num andar sonolento, trazendo cestas de mandioca para ralar. Outros cortavam a batata-doce em fatias, para secar ao sol. O novo capataz devia andar a cirandar pelas arrecadações, inspeccionando, inquirindo e impondo a disciplina aos escravos, porque se ouvia ressoar a sua voz irada, sobrepondo-se a um entrecocar atrapalhado de utensílios agrícolas.

Ao longe uma manada de vacas atravessava o rio a vau, com os pastores agarrados à cauda dos animais. Era a manada que tinha comprado a Bernardino quando ele partira. Custava-lhe tanto a sua ausência... Queria-o ali, ainda que fosse só para o saber ao alcance da sua mão. Faltava-lhe o seu conselho, o seu entusiasmo, a sua boa alma sempre pronta a perdoar e a acudir aos necessitados, quando o mais necessitado de todos era ele próprio.

Bernardino investira todos os seus capitais naquela terra, dedicara-se de alma e coração à sua colónia e vira todo o seu labor e empenho redundarem em pó e derrota. O engenho açucareiro ainda se reerguera do incêndio, mas o ataque dos pretos à Fazenda dos Cavaleiros reduzira tudo a escombros. Salvava-se apenas a manada.

Ela aceitara-a para amortização das dívidas e oferecera-lhe um lugar de capataz, que ele, agradecendo muito, declinara. E, olhando-a muito fixamente nos olhos, explicara-se, comovido, de coração aberto:

– O meu maior desejo é aceitar a tua oferta. Mas não devo, Benedita. Sabes porquê? Se eu aceitasse ser teu capataz não era para ter de comer ou de vestir. No fundo, no fundo, era para poder estar perto de ti... É estúpido mas é o que no fundo eu quero. E isso é um suplício inútil, minha querida. Tu não me amas, Benedita, e parece que só agora é que eu realmente vejo e aceito isso. Não, não digas nada, deixa-me falar – pediu, antecipando-se às justificações dela. – Às vezes o amor torna as pessoas cobardes e eu acho que ultimamente tenho sido muito covarde. Tenho-me encolhido, tenho-me resignado, tenho-me acomodado, na esperança nem sei bem do quê... Na esperança de que tudo se recomponha. É tempo de acabar com esta minha covardia. Está tudo compreendido, tudo aceite, com muita pena mas sem raivas nem ressentimentos. Eu devo afastar-me, minha Benedita. Quero voltar a ser o Bernardino que sempre fui.

De vez em quando Bernardino escrevia-lhe para dar notícias. Trabalhara a bordo para pagar o transporte marítimo e já em Lisboa arranajara um lugar de professor graças aos bons ofícios de Luz Soriano. Dizia que não ganhava muito mas o bastante para se manter à superfície. E, por um milagre qualquer, começava a refazer os seus sonhos africanos. Verificando que o ataque dos pretos tinha provocado grande indignação na metrópole, e que o assunto ia chegar às Cortes, estava a desenvolver esforços, com a ajuda de Soriano, para tentar colher os frutos da comoção pública. Talvez um dia ainda obtivesse os fundos de que precisava e regressasse a Moçâmedes.

As cartas de Bernardino traziam infalivelmente referências aos teatros, às *toilettes* das senhoras, à beleza das ruas, e por momentos, com essas cartas nas suas mãos sedentas de novidades, ela imaginava-se no Passeio Público ou a entrar, luminosa, no S. Carlos. Prometera a si própria que voltaria em breve à mãe-pátria, quando a fazenda lho permitisse, e haveria de ficar um ano a gozar os luxos e confortos de Lisboa, a alegria das suas cores, o bulício das suas praças, como a abastada proprietária colonial que já era.

Foi também por intermédio das cartas de Bernardino que soube do ex-governador Fernando Leal. Casara-se com uma mulher mais velha do que ele e vivia para os lados do Arco do Cego. Saíra do Exército, empregando-se numa das casas comerciais lisboetas que negociavam com Luanda. Ao que constava continuava a beber e arrastava atrás de si uma infelicidade perene e o fracasso da sua opaca existência. Por estranho que parecesse, Benedita não lhe guardava raiva. Era verdade

que o tinha odiado intensamente nos primeiros meses que se seguiram à violação. Odiara-o tanto como tinha odiado José Leite, mas depois esse sentimento esbatera-se, fora substituído por um misto de compreensão e desdém, e ela acabara por aceitar aqueles acontecimentos como fazendo parte dos riscos assumidos quando se aproximara daquele homem. Num certo sentido, fora o elevadíssimo custo dos muitos favores que ele lhe fizera e da enleante e continuada sedução a que ela o sujeitara.

O rio estava lindo. A superfície quieta reflectia o escasso arvoredo das margens com o sossego, a harmonia, o bucolismo, de uma gravura antiga. Era raríssimo ver o Bero assim, cheio e plácido, e ela sorriu, feliz. Nunca pensara vir a apreciar aquelas paisagens e aquela vida campestre como efectivamente apreciava, ainda que não soubesse dizer ao certo se gostava das coisas em si ou do poder que lhe permitia tê-las.

Fechou a janela e entrou na tina onde uma escrava tinha acabado de despejar vários jarros de água quente. Sentou-se, dobrada, com os joelhos de fora, puxados ao queixo, e deixou-se amolecer durante uns minutos naquele doce calor uterino enquanto ia pensando nas ironias da vida. Ali estava o rio com que Bernardino sonhara e pelo qual esperara, ano após ano. A água chegara finalmente, e em quantidade, mas o pai dos colonos já ali não estava para a aproveitar. Que amarga ironia, aquela! Mas ainda mais irónico era que a sorte, tão madrasta para Bernardino, tivesse sido tão generosa consigo, que fizera muito menos para a merecer. Arriscara, é certo, e tomara iniciativas, mas tudo isso teria sido irrelevante se não fosse a ajuda dos outros. Felizmente, por um estranho mistério, havia sempre alguém que a protegia, que a ajudava e que lhe removia as dificuldades do caminho. E o seu património não parava de crescer e de florescer.

A Fazenda Triunfo continuava a prosperar e confirmava-se como a mais importante propriedade da região. E o futuro parecia auspicioso.

Michael dizia-lhe que a situação nos Estados Unidos caminhava a passos largos para a guerra civil e, se isso acontecesse, com o algodão americano a faltar nos mercados era muito provável que surgissem grandes oportunidades de tirar bons lucros da sua produção algodoeira.

Como se isso não bastasse, Benedita tinha herdado a fazenda do Bumbo, pois à face da lei era a viúva de José Leite. Reconstruíra o engenho e as habitações, entregara a gestão da propriedade a Michael, que para lá se deslocara com a família, e no último ano já tinha conseguido extrair do Bumbo 250 arrobas de açúcar e 15 pipas de aguardente.

Tornara-se, também, sócia de João de Almeida na Fazenda de São João do Sul, onde produziam algodão, cana, batata-doce e ensaiavam a cultura do tabaco da Virgínia. João de Almeida era um homem alto e magro, com grandes orelhas que sobressaíam alegremente da sua cabeça pequena, dando-lhe um ar de morcego assustado. Não era bonito mas estava apaixonado por si e cobria-a de atenções, o que muito lhe agradava. Para além disso, a cabeça do sócio estava cheia de ideias inovadoras, e não havia nada mais estimulante do que um homem com ideias. Almeida construíra um subterrâneo para conservação de géneros alimentícios no frio e produzia uma borracha branca com a consistência da cera, a que dera o nome de almeidina, em homenagem a si próprio. Exportava a tal almeidina através de uma firma de Liverpool associada de Pinto Basto, que a adquiria a 30 libras esterlinas a tonelada e a vendia em forma de bolas por essa Europa fora. Um bom negócio para todos os envolvidos.

Mas os seus lucros não provinham apenas da almeidina e da agricultura. Havia 17 casas comerciais em Moçâmedes e ela tinha sociedade em 10 delas, a mais recente das quais era a funilaria, onde se faziam vasilhas, latas e qualquer obra em folha de Flandres com esmero e prontidão. Era mais um avanço do século do progresso e que prenunciava vários outros.

Benedita saiu do banho, limpou-se calmamente e entreteve-se a imaginar melhoramentos. Haveria de chegar o tempo em que as ruas seriam calcetadas e iluminadas com candeeiros a gás. Já os via bem espaçados, alternando com as árvores e com os seus vidros levemente amarelos para espalharem um halo quente sobre as noites da vila. E tempo viria em que haveria uma ponte-cais na praia, assente em estacaria para que os passageiros embarcassem e desembarcassem como devia ser. E também um jardim público que brilhasse airosamente na praça principal, repleto de belas plantas e de arbustos. O jardim talvez tivesse bancos e gradeamentos pintados como os que ela vira no Passeio Público, em Lisboa. Talvez tivesse um lago e um coreto onde, aos domingos, a banda de Caçadores 3 tocasse peças de música. E, mesmo que ao princípio houvesse pouca gente a assistir, ela estava certa de que a repetição dos concertos haveria de incutir algum bom gosto nas cabeças mais boçais.

Quando tudo isso acontecesse Moçâmedes seria um lugar encantador, com um toque de *coquetterie* como não existia em nenhuma terra de África. E talvez esses tempos já não viessem longe. Após dez

anos de colonização, a vila mudara e crescera a olhos vistos, expandindo-se para os terrenos circundantes e enchendo-se de casas de pedra e tijolo. Eram casas caiadas e pintadas de anil e vermelhão, que lançavam alegres manchas de cor sobre a baça aridez daquele solo arenoso. Entre todas as casas sobressaía a que Lapa e Faro construíra na Rua das Hortas. Fiel ao seu gosto pela exibição e por tudo o que fosse espampanante, o médico erigira um edifício exótico, de traça algarvia, com a fachada a fazer lembrar as frontarias dos templos de Babilónia – o que, como Lapa e Faro dizia, se adequava perfeitamente àquele deserto. A casa tinha dois jardins, um à frente e outro na parte de trás, nos quais já se plantavam flores, arbustos, e se projectavam viveiros, quiosques e laguinhos repletos de peixes.

Benedita vestiu uma saia azul e uma blusa branca, sentou-se no toucador e penteou os cabelos. Gostou de observar o seu ar decidido reflectido no espelho. Moçâmedes estava muito diferente do lugarejo ermo que a acolhera em 1849 e ela fora uma parte activa naquela mudança. Por essa razão ganhara o merecido respeito das pessoas. Ao pensar nisso ocorreu-lhe uma frase que Bernardino lhe dissera na viagem inaugural de Pernambuco até ali. Algures no meio do Atlântico, contemplando o mar e falando de história e mitologia, o professor considerara que aquela viagem fazia parte da gesta heróica de um povo. Na altura ela não percebera ou não quisera perceber o significado da frase. Agora, sabia perfeitamente o que ele quisera dizer e sentia-se uma parte – e parte principal – de uma epopeia.

E, no entanto, tudo aquilo – o prestígio, o dinheiro, o orgulho – era incompleto e insuficiente sem Peter ao pé de si. Nos últimos tempos pensava com frequência que a vida era um desencontro, uma procura frustrada do que se amava. Mesmo quando se tinha sucesso – como era o seu caso faltava geralmente o que de facto interessava. E às vezes essa conclusão batia uma pancada dura no seu coração e vinha-lhe uma grande tristeza, que procurava arrumar atrás de uma pragmática: a vida era assim mesmo e todos tinham de se ajustar ao que era possível, extraindo disso tudo o que pudessem.

Olhou de novo para a carta de Peter que ficara em cima da cómoda de jacarandá e que estivera a reler na noite anterior. Havia já dois anos que ele partira, deixando-lhe um vazio na alma que aquela carta apaixonada, escrita com um lápis de bico rombo algures perto do Zambeze, não podia obviamente preencher. Às vezes chorava convulsivamente sem saber exactamente porquê e deambulava pela

casa, numa sinfonia de suspiros. Não havia dia em que não lhe viesse uma lassidão e uma saudade que lhe caíam com força no coração e que só não lhe tolhiam os movimentos porque ela se forçava a estar sempre ocupada para que o desânimo e a descrença nunca a tolhessem irremediavelmente. Enquanto se mexia, não tinha vagar para sofrer. Ainda assim, e por estranho que parecesse, Peter nunca lhe saía da cabeça mas aprendera a mantê-lo vivo através de objectos que podiam ser vistos e tocados, como se fossem totens do seu amor.

Reconstruíra a casa dele na vila para evitar que se degradasse e caísse em ruínas. Tal como fizera com a casinha de Kpengla, mantinha tudo a postos para o receber quando ele voltasse a Moçâmedes. Uma escrava encarregava-se das limpezas e de velar para que houvesse roupa lavada e até alguns mantimentos para acudir às primeiras necessidades. De tempos a tempos Benedita ia até lá, percorria os quartos e a biblioteca, folheava os livros, pegava nas espingardas e afagava-lhes amorosamente os canos e as coronhas, para sentir melhor a presença dele. Às vezes fazia-o com tanta intensidade, com tanta entrega e devoção, que quase conseguia tocá-lo. Quando isso sucedia, saía daquela casa feliz, enlevada, com a alma preenchida e a certeza absoluta de que ele iria voltar. Peter poderia cruzar a África de costa a costa e demorar mais algum tempo do que o previsto mas regressaria para si como sempre fizera. E ela esperaria por ele como se habituara a fazer, como se ele tivesse partido para uma caçada mais longa do que o habitual. Faria e desfaria a tapeçaria as vezes que fossem precisas, como uma Penélope à espera do seu Ulisses. Quando ele chegasse, choraria muitas daquelas lágrimas bem-vindas que aliviam e passam depressa. E ralar-lhe-ia um pouco, também, perguntando-lhe com que direito a deixara sozinha durante tanto tempo. Depois, sem esperar pela resposta, abriria os braços para ele e beijá-lo-ia com paixão e com ternura. Nessa noite jantariam no alpendre, ao som da banda, e ela deliciar-se-ia com o sol a pôr tons avermelhados no cabelo dele.

Suspirou, saiu do quarto e fechou a porta atrás de si. O ruído seco da madeira a encostar no batente ficou a pairar no silêncio da casa enquanto ela se dirigia para a escada. Uma escrava que subia apressadamente, galgando os degraus dois a dois, parou assim que a viu descer.

– Senhora, o presidente Costa está em baixo. Pergunta p’ra senhora.

– Eu trato disso.

O velho Costa visitava-a com frequência pois não se atrevia a tomar

nenhuma decisão importante na Câmara sem primeiro a consultar. E ela, que não gostava do homem, gostava da sua subordinação e recebia-o com sorrisos protectores e modos condescendentes. Às vezes até o convidava para jantar, sempre com a mulher pois não queria alimentar mexericos nem conflitos com Francisca Alexandrina, de quem, aliás, se tornara amiga.

– Bom dia, Sr. Costa – cumprimentou, quando o viu na salinha. – Siga-me, por favor.

Dirigiram-se para o escritório. Costa seguiu-a, encurvado e com uma pasta de papéis nervosamente prensada debaixo do braço, como se fosse um secretário que ia a despacho. Resolveram o assunto que ali o levava em pouco mais de cinco minutos e o presidente da Câmara retirou-se numa profusão de vénias e de agradecimentos. Benedita acompanhou-o até à porta e ficou a vê-lo subir esforçadamente para cima do boi-cavalo e afastar-se, chocalhando no lombo do bicho. Depois, correu à cozinha, onde tomou o pequeno almoço à pressa, sem tempo para saborear devidamente o chá e as bolachinhas com manteiga e doce. Coitadinho Amigo já a esperava com a carroça à porta de casa, mas ela ainda queria falar com o capataz antes de sair para a vila, onde tinha muitíssimo que fazer.

Encontrou o homem na abegoaria, ainda de roda das alfaias agrícolas. Passaram pelo celeiro e, de seguida, pela fábrica de descaroçamento de algodão, onde os escravos já trabalhavam com afinco. Benedita observou durante uns momentos o decorrer dos trabalhos, deu as suas ordens e regressou a casa, atravessando o terreiro em passo rápido. Ao dobrar a esquina do edifício quase chocou com Lapa e Faro, que parecia ter-se emboscado ali para lhe sair ao caminho. O médico desfez-se em desculpas, abriu um grande sorriso e ela sorriu também, sabendo perfeitamente que aquele encontro não tinha sido accidental. Lapa e Faro gostava de a surpreender e de a apanhar desprevenida. Ainda ontem ali estivera, sem aviso prévio, para lhe oferecer um vidro de água de colónia Farina. Um luxo. Aliás, nunca aparecia de mãos a abanar e desta vez trazia-lhe um ramo de lindas flores amarelas com um perfume intenso que mesmo assim não apagava o cheiro a clorofórmio que emanava dele. Lapa e Faro era um apaixonado de taxidermia. Mandara construir um pequeno laboratório numa das alas da sua casa e era aí que passava parte do seu tempo livre a embalsamar animais. Um entretenimento soturno e sombrio que Benedita detestava. Essa era uma das coisas de que não gostava nele,

mas que costumava empurrar para os subterrâneos do seu cérebro para não criar mais atritos.

Lapa e Faro cortejava-a havia dois anos. A pouco e pouco ela deixara-o avançar, ganhar intimidades e, até, aceder uma vez por outra à sua cama. Mas recusava terminantemente a ideia de viverem juntos e de se casarem pois não queria envolver-se muito a fundo. De tempos a tempos, quando o sentia demasiado próximo da sua alma, Benedita distanciava-se, tornava-se esquivada. Mas deixava sempre uma porta aberta, uma fresta, que o induzia a continuar o esforço e a procurá-la de novo. E Lapa e Faro voltava sempre, usando todos os truques e artimanhas para a caçar definitivamente. Benedita assistia àquele esforço com um misto de ansiedade e de prazer.

A caçada estava de momento no auge.

– Venho convidá-la para um passeio, Benedita. Quer?

Ela abanou a cabeça, desconsolada, sem emitir um som.

– Não diga que não... – insistiu ele.

– Ia com todo o prazer, João, mas tenho de ir à vila.

– Então nesse caso eu levo-a. Venha no meu carro. Não admito uma recusa.

Benedita sorriu sem saber o que dizer. Tinha uma orgulhosa aversão a ordens e imposições e o permanente desejo, a doce lassitude, de ser comandada. Aí estava outra difícil tensão que borbulhava constantemente na sua relação com o médico. Aperreada nessa contradição, abriu os braços e disse, mansamente:

– Se insiste...

Fez um sinal a Coitadinho Amigo, dispensando os seus serviços, aceitou que Lapa e Faro a ajudasse a subir para aquele carro extravagante, com forma de andor, e recostou-se no banco quando o moleque cocheiro vestido de vermelho pôs o boi a andar.

– Olhe para esta estrada, Benedita – ordenou o médico. – Agora feche os olhos e diga-me o que vê...

Ela obedeceu.

– Não vejo nada... – disse, rindo.

– Então vou dizer-lhe aquilo que eu vejo... Vejo esta estrada plana e direita que leva à vila cercada por duas alas de arvoredo. Olho para este deserto, Benedita, e imagino-o coberto de árvores. Vou voltar a insistir com a Câmara Municipal para que me arranjem sementes de árvores próprias para estas terras. Talvez choupos ou salgueiros, que crescem depressa e enraízam bem. Que lhe parece?

– Talvez... É bem lembrado.

O médico prosseguiu a sua deambulação imaginária por uma natureza copiosa e verdejante, e ela alheou-se daquelas curiosidades arborícolas. Aquele era o tipo de conversa que não a interessava muito e a que costumava chamar, depreciativamente, o monólogo dos vegetais. Lapa e Faro era um homem atencioso, carinhoso, mas com interesses circunscritos aos seus saberes médicos e botânicos. Muitas vezes parecia-lhe insípido, aborrecido e desinteressante e, ainda que não fizesse de propósito, desprezava-o interiormente. Não podia deixar de comparar aquela tagarelice sensaborona com o brilhantismo de Peter ou, até, de Bernardino e, quando a olhava a essa luz, a estrela de Lapa e Faro empalidecia inevitavelmente.

Dez minutos depois entravam em Moçâmedes. Os homens que passavam pelo carro, nas ruas, descobriam-se para os cumprimentarem. Lapa e Faro gostava de passear com Benedita a seu lado, de mão na mão, para que todos o invejassem. Encheu o peito de ar e ficou com um aspecto tão importante e tão radiante por ser visto com a indiscutível rainha da colónia que Benedita sorriu. E sentiu-se bem. Não se importava de desempenhar aquele papel e de o satisfazer assim, ao mesmo tempo que ia gratificando a sua vaidade feminina.

Às vezes perguntava a si própria por que razão não largava o médico e punha fim àquela ambivalência. Uma voz dentro de si dizia-lhe insistentemente que era isso que devia fazer, uma vez que não o amava. Sabia que, por mais que tentasse, nunca iria conseguir criar uma intimidade real com ele. Nada que se aproximasse, sequer, da sinceridade e partilha que tinha com Peter. Mas, sempre que se sentia tentada a desistir daquele namoro, parava e pensava melhor. E logo concluía que iria sentir a falta de companhia e de um calor que estava sempre ali, disponível, generoso e sem falhas. E, assim, continuava a dar a mão a Lapa e Faro e a esforçar-se teimosamente por amá-lo, dizendo a si própria que era uma questão de sobrevivência.

FIM